Padres Népticos

FILOCALIA

VOLUME III

MÁXIMO O CONFESSOR
A
TEÓFANO O CLÍMACO

Tradução do grego
Jacques TOURAILLE
Abbaye de BELLEFONTAINE
Sob supervisão do
Pe. Boris BOBRINSKOY

Tradução
Luis KEHL

M M X

A todos os mestres,
para retribuir e para transmitir.

AMARRA TEU BARQUINHO
NO NAVIO DE TEUS PAIS.

MÁXIMO O CONFESSOR

CENTÚRIAS SOBRE O AMOR

CENTÚRIAS SOBRE A TEOLOGIA E A ECONOMIA DA ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS

BREVE INTERPRETAÇÃO DA ORAÇÃO DO “PAI NOSSO”

Máximo o Confessor

Nosso santo Padre Máximo o Confessor, viveu sob o reinado de Constantino Pogonates, ao redor do ano 670. Ele foi o primeiro contendor da heresia dos monotelitas. Inicialmente elevado à corte imperial e honrado com a dignidade de primeiro secretário, ele logo deixou seus encargos deste mundo e partiu para os combates da ascese. Tendo se aproximado da fonte da sabedoria, continuamente irrigada pelas águas límpidas das divinas Escrituras, ele deixou escoar de si rios de ensinamentos e escritos que se espalharam até os confins da terra. Também nós, com os presentes capítulos, repassamos neste livro a água doce que ressuscita os mortos e a oferecemos aos que se acham tomados da bela sede da sabedoria, a fim de que bebam em abundância e não estejam mais sedentos. Pois o conhecimento e o trabalho do santo amor deificante são aqui tratados com toda a sabedoria. A glória infalível da mais alta teologia é aqui confirmada e o mistério da economia do Verbo é explicado piedosamente. A contemplação ativa das virtudes divinas é revelada na luz da ciência. A liga abominável dos vícios e das paixões contrárias encontra-se aqui estigmatizada. Em uma palavra, nestes textos brilha o ordenamento dos comportamentos e encontram-se conservados como tesouros um grande número de temas auxiliares por meio dos quais, libertados de toda malícia e chegados ao estado da virtude, podemos nos tornar cidadãos dos céus e descobrir a glória divina. E ainda acrescentamos aos capítulos o comentário de são Máximo ao "Pai Nosso", que é de longe o mais eminente e promete ser de grande valia para quem o ler.

Photius diz de Máximo: "Sua frase é tensa como uma corda, seus períodos ultrapassam prazerosamente as medidas, seus pensamentos se revestem de esplendor, e ele não tenta empregar as palavras em seu sentido próprio... No entanto, se ele chega a alguém cuja inteligência se compraz em desenvolver as elevações e as contemplações, nada há de mais trabalhado e mais estudados do que elas."

*

A vida de são Máximo o Confessor (580-662) aparenta-se, num certo sentido, à de são Paulo. Aquilo que são Paulo significou para os apóstolos, são Máximo foi para os monges. Ele poderia ter sido o contrário de um monge: nascido de uma família nobre de Constantinopla, muito instruído, ele foi de início um dos mais altos funcionários do Império Bizantino e sem dúvida o próprio secretário do imperador Heráclito. Mas, com pouco mais de trinta anos, em 614, ele ingressou no mosteiro, primeiro em Crisópolis, na outra margem do Bósforo, depois em Císico. Depois de 626, a invasão persa e a conquista árabe fizeram dele um errante. Na África ele passou algum tempo tranquilo. Mas o errante havia demasiado estudado os Padres e a Escritura, ele cultivava profundas amizades ortodoxas, em particular com Sofrônio, o patriarca de Jerusalém, e conservava de sua frequentação com o poder um agudo senso de responsabilidade de homem engajado na história. Mais do que qualquer um, ele não poderia permanecer indiferente à sorte da cristandade. Ele acabou por se opor radicalmente ao compromisso doutrinal buscado pelo poder instalado em Constantinopla para impedir as comunidades do Oriente adeptas do monofisismo de tender para o Islam.

Ao defender o dogma da Calcedônia (duas naturezas, portanto duas energias e duas vontades em Cristo em uma só pessoa plenamente divina e plenamente humana), Máximo confirmava em nome de Cristo o direito do homem à liberdade de Deus. Mas, como Cristo e como Paulo, ele se deixou envolver na armadilha de um processo político. Levado à força para Constantinopla em 653, diversas vezes condenado, diversas vezes exilado,

intratável, ele morreu em seu último exílio, no Cáucaso, com a idade de 82 anos, tendo a língua e a mão direita cortadas. Mas, assim como Cristo e Paulo não transigiram com os mandamentos e os impedimentos da lei judaica, também Máximo não se compôs, nem para contê-los, com as consequências e os transbordamentos do monofisismo. Entre o Oriente e o Ocidente ele manteve a estrita verdade do Evangelho. Seu testemunho não deixa de ser atual.

Pela amplitude dos escritos atribuídos ao seu nome na antologia, como pela sua conduta de vida, a intransigência de seu engajamento e seu gênio de recapitulação e de síntese, são Máximo o Confessor é certamente o testemunho que melhor concorda com a intenção profunda dos editores da Filocalia grega: transmitir ao mundo e confiar à história a silenciosa profecia dos monges e seu amor pela beleza divina. Os trechos escolhidos (quatro centúrias sobre a caridade, sete centúrias sobre a teologia e um comentário à oração dominical) são antes de tudo filocálicos. Em nenhum momento eles colocam em causa outra coisa do que a nossa relação fundamental com o mistério e a revelação do Deus vivo.

As quatro centúrias sobre a caridade são sem dúvida uma das primeiras obras de Máximo, compostas na calma do mosteiro de Císico antes de 626. Máximo condensou aí aquilo que sete séculos de vida cristã atestaram de mais central: a preeminência absoluta do amor. A colocação é clara e límpida, como um cristal. Reflexões e sentenças balizam as vias morais que permitem alcançar o amor divino que “ama a todos os homens por igual”. Mas elas também denunciam os impasses nos quais toda vida perde seu sentido e seu objetivo. A concisão do pensamento, o rigor das fórmulas, a precisão do traço, a pertinência dos conselhos, fazem desta coletânea como que uma épura do Evangelho. A criação é boa. Nada é naturalmente mau. O mal está sempre no mau uso da criação; “Renunciar aos pensamentos passionais, conclui Máximo, torna monge o homem interior”.

As sete centúrias sobre a teologia são a reunião de duas obras diferentes. A primeira (compreendendo as duas primeiras centúrias, sobre a teologia e a encarnação do Filho de Deus) é uma obra de Máximo escrita sem dúvida no início de seu exílio africano, entre 630 e 634. As outras (os capítulos diversos da terceira à sétima centúrias, sobre a teologia, a economia, a virtude e o vício) são uma compilação, geralmente datada do século XI, na qual se sucedem extratos de obras do próprio são Máximo (as *Cartas*, as *Questões a Thalassius*, as *Ambígua*), comentários do compilador e algumas passagens de textos de Denis o Areopagita. Com toda evidência, esta compilação convém perfeitamente às afinidades da antologia filocálica devido aos textos que atestam e confortam a teologia vivida. “Não conhecer o Verbo na carne, diz Máximo, senão para progredir para a glória”. A energia divina que criou o mundo trabalha e se cumpre em nós no sexto, no sétimo e no oitavo dia. O homem coroa a criação no sexto dia porque lhe é dado passar deste ao sétimo, da criação à hesíquia, e do sétimo ao oitavo, da hesíquia à deificação. Assim tudo é dado. Mas tudo deve ser recebido, assumido, cumprido. Máximo afirma: “Cada qual é o intendente de sua própria graça”.

A interpretação do “Pai Nosso” foi sem dúvida escrita também por volta de 630. Trata-se de um obra forte e densa – a um tempo meditação e exortação – que faz passar e brilhar ao redor das palavras da oração dominical o sopro da vida e a luz do conhecimento: uma humilde e magistral lição de teologia.

Para Máximo, como para toda a tradição filocálica, o dever maior do cristão é a ascese do intelecto, o qual deve suplantar os sentidos, não para empurrar adiante o conhecimento do mundo, como fazemos hoje, mas para conhecer a Deus no começo e no fim do mundo, uma vez que a vida espiritual não tem outro objetivo do que fazer passar os sentido ao intelecto e este ao coração, para então oferecer o coração a Deus. Assim o corpo do homem é a alma viva que faz retornar a Deus toda a criação. Integrando de uma só vez Orígenes, Evagro, Denis e os Capadócios, na mesma hora em

que se mostra humanamente impossível estabelecer sobre o mundo um império cristão unificado, Máximo assume esta tradição dos monges, sua experiência e seu vocabulário, mas a expõe aos ventos da história como à incandescência do Juízo final. O testemunho cristão é assim, mais uma vez, como que fundido no cadinho do Evangelho e da atualidade. O monaquismo é também um anúncio humano da boa nova. A contemplação não exclui o testemunho histórico: para Máximo, ela o exige. Nele o homem do mundo encontrou suas raízes no monge, e o monge encontrou suas raízes no confessor da fé e no mártir: a própria estatura e o exemplo do testemunho fiel e verdadeiro.

DE NOSSO PAI ENTRE OS SANTOS MÁXIMO O CONFESSOR CENTÚRIAS SOBRE O AMOR[1]

PRÓLOGO

A Elpídio, Padre.

Além do tratado sobre a vida ascética. Eis aqui igualmente a obra sobre o amor que eu envio à sua beatitude, Padre Elpídio, em quatro centúrias de capítulos, assim como há quatro evangelhos. Talvez nada aí seja digno de sua atenção; ao menos, nada aí está abaixo daquilo que nos foi possível fazer. Porém, que sua santidade o saiba: estes não são frutos de minha reflexão. Eu percorri os escritos dos santos Padres, escolhi aquilo que concentra o intelecto sobre o tema do amor, e resumi em frases curtas o essencial de longos discursos, a fim de que eles possam ser abarcados de um só relance por serem fáceis de memorizar. Envio, portanto, estas centúrias à sua santidade, pedindo-lhe que as leia com benevolência, não buscando nelas senão aquilo que pode ser útil, não vendo o quanto eu me exprimo mal, e que ore por minha mediocridade tão desprovida de utilidade espiritual.

Eu lhe peço ainda que não pense que eu escrevi essas coisas para importuná-lo. Pois eu fiz o que me foi ordenado. Digo isto porque hoje em dia são muitos os que importunam os outros com discursos, mas que são poucos os que instruem ou que se deixam instruir pelas obras. É melhor, assim, nos darmos ao trabalho de nos aplicar a cada uma dos capítulos;

[1] Nas quatro primeiras Centúrias a palavra *ágape* se refere ao sentido original do termo e está traduzida como “amor”.

pois nem todos esses capítulos são fáceis de serem captados por todos. A maior parte precisa ser longamente examinada, mesmo se sua expressão parecer muito simples. Talvez um deles se mostre útil à alma. Mas, pela graça de Deus, ele não se mostrará jamais senão àquele que o ler sem nenhuma curiosidade, com temor e amor a Deus. Quanto aos que lerem esta obra ou qualquer outra, não para seu benefício espiritual, mas para buscar palavras com o objetivo de acusar o autor ou de se fazer passar por ele, por presunção, por mais sábio que seja, a este nada de útil surgirá em parte alguma.

PRIMEIRA CENTÚRIA DE CAPÍTULOS SOBRE O AMOR

1. O amor é uma disposição boa da alma, segundo a qual nada do que existe lhe é preferível ao conhecimento de Deus. E é impossível a alguém apaixonado pelas coisas terrestres alcançar este amor.

2. O amor nasce da impassibilidade; a impassibilidade, da esperança em Deus; a esperança, da paciência e da longanimidade; estas, da temperança em tudo; a temperança, do temor a Deus; e o temor, da fé em Deus.

3. Quem crê no Senhor teme o castigo. Quem teme o castigo se protege das paixões. Quem se protege das paixões suporta as aflições. Quem suporta as aflições terá a esperança de Deus. A esperança em Deus separa o intelecto de todo pendor terrestre. E aquele cujo intelecto estiver assim separado terá o amor de Deus.

4. Quem ama a Deus prefere seu conhecimento a tudo o que ele criou, e persevera nele sem cessar, com todo o seu desejo.

5. Se todos os seres foram criados por Deus e para Deus e se Deus é maior do que tudo o que ele criou, quem abandona a Deus e se liga ao que é menor mostra que, a Deus, prefere suas criaturas.

6. Quem tem seu intelecto fixado no amor a Deus despreza todo o visível, incluindo seu próprio corpo, como se este lhe fosse estranho.

7. Se a alma é mais alta do que o corpo, e se Deus que criou o mundo é incomparavelmente mais alto do que ele, quem prefere o corpo à alma e a Deus o mundo que ele criou em nada difere dos idólatras.

8. Quem afastou o seu intelecto do amor e da assiduidade que devemos a Deus para ligá-lo a qualquer coisa de sensível, prefere o corpo à alma e aos Deus Criador suas criaturas.

9. Se a vida do intelecto está na iluminação do conhecimento, e se esta iluminação nasce do amor a Deus, é certo dizer que nada é maior do que o amor divino.

10. Quando, pelo desejo ardente do amor, o intelecto emigra para Deus, ele deixa de sentir os seres. Inteiramente iluminado pela luz infinita de Deus, ele se torna insensível a tudo o que Deus criou, assim como o olho já não vê as estrelas quando o sol se levanta.

11. Todas as virtudes auxiliam o intelecto a alcançar o desejo ardente de Deus, mas acima de todas está a prece pura. Por esta prece, elevando-se a Deus como sobre asas, o intelecto se separa de todos os seres.

12. Quando o intelecto é arrebatado para o amor pelo conhecimento de Deus e, separado dos seres, sente a infinitude divina, então, tocado pelo temor como o divino Isaías, ele toma consciência de sua própria baixeza e é levado a pronunciar as palavras do profeta: "Infeliz de mim! Estou perdido; pois sou um homem de lábios impuros. Estou no meio de um povo de lábios impuros. E vi com meus olhos o Rei, Senhor dos Exércitos"[2].

13. Quem ama a Deus não pode deixar de amar aos homens como a si mesmo, mesmo que tenha que suportar as paixões daqueles que ainda não foram purificados. E quando estes se corrigem, ele se regozija com uma alegria transbordante e indizível.

14. Impura é a alma [passional] cheia de maus pensamentos, de concupiscência e de ódio.

15. Quem percebe em seu coração um traço de ódio contra um homem, qualquer que seja, é inteiramente estranho ao amor a Deus. Pois o amor a Deus não suporta o ódio ao homem.

16. "Quem me ama, diz o Senhor, observará meus mandamentos[3]. Ora, este é o meu mandamento: que vocês se amem uns aos outros[4]". Assim, quem não ama seu próximo não segue o mandamento. E quem não observa o mandamento não é capaz de amar o Senhor.

17. Feliz o homem capaz de amar a todos os homens igualmente.

18. Feliz o homem que não se liga a nada do que é corruptível ou passageiro.

19. Feliz o intelecto que ultrapassou todos os seres e não cessa de extrair suas delícias da beleza de Deus.

20. Quem cuida da carne para satisfazer sua concupiscência[5], e que, pelas coisas que passam, para ela quer o seu próximo, adora a criatura em lugar do Criador[6].

21. Quem guarda seu corpo fora dos prazeres e das doenças faz dele um companheiro a serviço do que está mais alto.

22. Quem foge de todas as concupiscências mundanas[7] coloca a si mesmo acima de toda a matéria [de toda a tristeza] do mundo.

23. Quem ama a Deus ama também totalmente a seu próximo. Este homem não guardará para si o que possui, mas o dispensa como Deus, dando a

---

[2] *Isaías* 6:5

[3] *João* 14: 15.23.
[4] *João* 15: 12.
[5] Cf. *Romanos* 13: 4
[6] Cf. *Romanos* 1: 25.
[7] Cf. *Tito* 2: 12.

cada um aquilo de que ele necessita.

24. Quem dá esmola imitando a Deus ignora a diferença entre o malandro e o bom, o justo e o injusto[8], uma vez que ambos sofrem em seus corpos. Ele dá a todos igualmente, conforme as suas necessidades, mesmo que prefira, em sua boa vontade, o homem virtuoso ao homem depravado.

25. Assim como Deus, que é por natureza bom e impassível, ama todos os seres e todas as suas obras igualmente, mas glorifica o homem virtuoso porque este está unido a ele pelo conhecimento [pela vontade], e, em sua bondade, tem piedade do homem depravado e o traz de volta instruindo-o no século, também aquele que, por seu próprio movimento, é bom e impassível, ama a todos os homens igualmente. Ele ama o homem virtuoso por sua natureza e sua boa vontade. E ama o homem depravado por sua natureza e pela compaixão, sentindo piedade por ele como por um louco que caminha nas trevas.

26. Não apenas dividir o que se possui revela a arte de amar, mas, mais ainda, transmitir a palavra e servir aos outros em seus corpos.

27. Aquele que realmente renunciou às coisas do mundo e que serve a seu próximo por amor, sem nenhuma hipocrisia, rapidamente se liberta de todas as paixões e começa a ter parte no amor e no conhecimento de Deus.

28. Quem possui em si mesmo o amor divino não tem nenhuma dificuldade em seguir ao Senhor seu Deus, como disse o divino Jeremias[9], mas suporta nobremente todo sofrimento, toda injúria, toda violência, sem querer nenhum mal a pessoa alguma.

29. Quando você for ultrajado por alguém ou for desprezado em qualquer coisa, proteja-se dos pensamentos de cólera, para que não aconteça deles o separarem do amor pela tristeza e o levem para o país da cólera.

30. Quando você for ultrajado ou desonrado, saiba que isto é de grande auxílio, pois a desonra afasta de você a vanglória.

31. Assim como a lembrança do fogo não aquece o corpo, a fé sem amor não opera na alma a iluminação do conhecimento.

32. Assim como a luz do sol atrai o olho saudável, também o conhecimento de Deus atrai para si, naturalmente, pelo amor, o intelecto puro.

33. O intelecto é puro quando está separado da ignorância e iluminado pela luz de Deus.

34. A alma é pura quando se liberta das paixões e não cessa de se regozijar no amor a Deus.

35. A paixão vergonhosa é um movimento da alma contra a natureza.

36. A impassibilidade é um estado apaziguado da alma, no qual é difícil a esta voltar-se para o mal.

37. Aquele que colheu os frutos do amor com seus esforços não os deixa mais, ainda que sofra mil males. Veja o caso de Etiene[10], o discípulo de Cristo, com seus companheiros, e do próprio Cristo, rezando por seus assassinos e pedindo a Deus que os perdoasse porque "não sabiam o que faziam[11]".

38. Ter paciência e fazer o bem[12] são sinais do amor, e quem se irrita e faz

[8] Cf. *Mateus* 5: 45.
[9] Cf. *Jeremias* 17: 16.
[10] Cf. *Atos* 7: 60.
[11] Cf. *Lucas* 23: 24.
[12] Cf. I *Coríntios* 14: 4.

o mal mostra assim ser estranho ao amor. E quem é estranho ao amor é estranho a Deus, pois Deus é amor[13].

39. Não diga que você é o templo do Senhor, disse o divino Jeremias[14]. Não diga: "A simples fé em nosso Senhor Jesus Cristo pode me salvar". Pois isto é impossível se, com suas obras, você não acrescentar à fé o amor. Crer simplesmente, os demônios também creem e tremem[15].

40. A obra do amor é o bem feito de bom coração ao próximo, a longanimidade, a paciência, o uso das coisas segundo a razão correta.

41. Quem ama a Deus não aflige ninguém e não se aflige contra ninguém por causa das coisas que acontecem. Ele não inspira nem conhece senão uma tristeza, a tristeza salutar que o bem-aventurado Paulo conheceu e que ele inspirou aos Coríntios[16].

42. Quem ama a Deus leva sobre a terra uma vida angélica, jejuando e velando, cantando e orando, e pensando sempre no bem dos homens,

43. Quando desejamos uma coisa lutamos para adquiri-la. Ora, de tudo o que há de bom e desejável, o melhor e mais desejável é, sem comparação, o divino. De quanto ardor devemos dar provas para obter isto que, por natureza, é bom e desejável!

44. Não manche sua carne com atos infames, não suje sua alma com maus pensamentos, e a paz de Deus virá sobre você, trazendo o amor.

45. Trate duramente a carne nos jejuns e nas vigílias, consagre-se à oração e à salmodia sem descanso, e a santificação da castidade virá a você, trazendo consigo o amor.

46. Aquele que foi considerado digno do conhecimento divino e que adquiriu no mor sua iluminação, jamais será levado pelo espírito da vanglória. Mas a vanglória carrega facilmente quem ainda não foi considerado digno do conhecimento de Deus. Assim, se este homem se volta para Deus em tudo o que este lhe pede que faça, ser-lhe-á facilitado, graças a Deis, evitar a vanglória, por ele tudo fez por Deus.

47. Quem ainda não alcançou o conhecimento divino que opera o amor, orgulha-se daquilo que faz conforme a Deus. Mas quem foi julgado digno de atingir este conhecimento diz com todo seu coração as palavras do patriarca Abraão, quando lhe foi dado ver a aparição divina: "Eu sou terra e cinzas[17]".

48. Quem teme a Deus tem por companhia constante a humildade. E pelos pensamentos que esta lhe inspira, ele chega ao amor divino e à ação de graças. Ela lhe lembra como ele vivia antes conforme o mundo, as perdas de todo tipo, as tentações que ele conheceu desde a juventude, como o Senhor o libertou de tudo isso[18] e o fez passar da vida passional à existência conforme a Deus. Então, com temor, ele receberá o amor e, cheio de profunda humildade, não cessará de render graças ao benfeitor e guia de nossas vidas.

49. Não manche seu intelecto acolhendo pensamentos de concupiscência e de cólera, para não cair da oração pura no espírito da acídia.

50. Assim que começa a acolher em si os pensamentos maus ou imundos, o intelecto perde a liberdade que antes possuía de se confiar a Deus.

---

[13] Cf. I *João* 4: 8.
[14] Cf. *Jeremias* 7: 4.
[15] Cf. *Tiago* 2: 19.
[16] Cf. II *Coríntios* 7: 8-11.
[17] Cf. *Gênesis* 18: 27.
[18] Cf. II *Timóteo* 3: 11.

51. Quando um movimento de cólera o perturba, o insensato dominado pela paixão se apressa inconsideradamente em fugir dos irmãos; e quando é queimado pela concupiscência, muda de opinião e retorna correndo para eles. Nos dois casos, o sábio faz o contrário: quando em cólera, evita afligir-se contra os irmãos, e, quando assaltado pela concupiscência, se proíbe qualquer impulso ou relação irracional.

52. Não abandone o mosteiro no momento das tentações, mas suporte nobremente a onda dos pensamentos, em especial os de tristeza e acídia. Assim, providencialmente testado pelas aflições, você afirmará ainda mais sua esperança em Deus[19]. Mas se você deixar o mosteiro não passará pelas provações, ficando preguiçoso e escorregadio.

53. Se você não quiser decair do amor de Deus, não deixe seu irmão ir dormir aflito por sua causa, e não durma afligido contra ele. Reconcilie-se com seu irmão e, com a consciência pura, ofereça ao Cristo, numa prece fervorosa, o dom do amor[20].

54. Se todos os carismas do Espírito são inúteis para quem os possui, se este não tiver o amor, conforme o divino Apóstolo[21], quanto fervor devemos ter em adquirir o amor!

55. Se o amor não causa mal ao próximo[22], aquele que inveja seu irmão, que se entristece com seu renome, que suja com ironias a consideração que ele recebe ou lhe estende uma armadilha maldosamente, como não será este estranho ao amor e sujeito ao Julgamento eterno?

56. Se o amor é o cumprimento da lei[23], aquele que investe contra seu irmão, que faz intrigas contra ele, que lhe deseja o mal, que se regozija quando ele cai, será um transgressor da lei e digno do castigo eterno.

57. Se quem calunia e julga seu irmão calunia e julga a lei[24], e se a lei de Cristo é o amor, como não perderá o caluniador o amor de Cristo e não se colocará sob os golpes do castigo eterno?

58. Não dê ouvidos ao que diz a língua do caluniador, e que sua língua não fale ao ouvido de quem gosta de dizer maldades. Não sinta prazer em falar contra seu próximo nem em escutar o que se diz contra ele, a fim de não perder o amor divino e não se tornar estranho à vida eterna.

59. Não sofra se ultrajarem seu pai nem encoraje quem o desonra, para que o Senhor não despeje sua cólera sobre as suas obras e não o destrua, retirando-o do mundo dos vivos[25].

60. Feche seus ouvidos à boca de quem calunia, a fim de não cometer com ele um duplo pecado, acostumando-se com uma paixão perigosa e não impedindo o caluniador de falar a torto e a direito contra seu próximo.

61. “E eu lhes digo, ordenou o Senhor: amem os seus inimigos, façam o bem a quem os odeia, rezem por aqueles que tentam destruí-los[26]”. Porque terá ele dado esta ordem? Para nos livrar da aversão, da tristeza, da cólera, do ressentimento, e para nos tornar dignos do amor perfeito, este bem que é impossível possuir se não amarmos a todos os homens igualmente, à imitação de Deus que ama a todos os homens igualmente e que quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade[27].

62. “Eu, porém, lhes digo: não se vinguem de quem fez o mal a vocês. Pelo

[19] Cf. II *Coríntios* 1: 7.
[20] Cf. *Mateus* 5: 23-24.
[21] Cf. I *Coríntios* 13:3.
[22] Cf. *Romanos* 13: 10.
[23] Cf. *Romanos* 13: 10.
[24] Cf. *Tiago* 4: 11.
[25] Cf. *Deuteronômio* 6: 15.
[26] *Mateus* 5: 44.
[27] *Cf. I Timóteo 2: 4.*

contrário: se alguém lhe dá um tapa na face direita, ofereça também a esquerda! Se alguém faz um processo para tomar de você a túnica, deixe também o manto! Se alguém obriga você a andar um quilômetro, caminhe dois quilômetros com ele![28]" Porque? Para que nos guardemos sem cólera, sem perturbação, sem tristeza, para instruir o outro com sua recusa ao mal, e para conduzi-los, a ambos, como um bom Pai [em sua bondade] sob o jugo do amor.

63. Guardamos em nós imagens passionais das coisas que nos afetaram. Assim, quem dominar as imagens passionais desdenhará com certeza as coisas das quais elas provêm. Pois o combate contra as lembranças é mais duro do que o combate contra as coisas, assim como pecar em pensamento é mais fácil do que pecar em ato.

64. Dentre as paixões, algumas são corporais e outras são psíquicas. As paixões corporais têm sua origem no corpo. As paixões psíquicas têm sua origem nas coisas exteriores. O amor e a temperança eliminam tanto umas como outras. O amor elimina as paixões psíquicas, e a temperança elimina as paixões corporais.

65. Dentre as paixões, algumas pertencem à porção ardente da alma, enquanto outras pertencem à porção concupiscente. Ambas são suscitadas pelos sentidos, mas apenas quando a alma se encontra afastada do amor e da temperança.

66. É mais difícil combater as paixões da parte ardente do que da parte concupiscente. É por isso que o Senhor deu contra o ardor um remédio mais forte: o mandamento do amor.

67. Todas as demais paixões estão ligadas, seja somente à parte ardente ou à parte concupiscente da alma, seja ainda à parte racional, como o esquecimento e a ignorância. Mas a acídia, que age sobre todas as potências da alma, ao mesmo tempo suscita quase todas as paixões. Por isso ela é a mais grave de todas. É o que quis dizer o Senhor, quando deu o remédio contra ela: "Com sua paciência vocês salvarão suas almas[29]".

68. Jamais ofenda algum de seus irmãos, e menos ainda de maneira irracional. Se ele não suportar a aflição ele poderá ir embora, e você jamais conseguirá evitar a reprovação de sua consciência que sempre, no momento da oração, trará tristeza a você e privará seu intelecto da confiança divina.

69. Não ligue para as suspeitas nem para os homens que o querem escandalizar com certas coisas. Pois aqueles que, de um modo ou de outro, se escandalizam com as coisas que lhes acontecem, quer as tenham desejado, quer não, ignoram o caminho da paz que, através do amor, conduz ao conhecimento de Deus aqueles que estão tomados pelo amor.

70. Quem ainda é afetado pelo caráter dos homens ainda não possui o amor perfeito; por exemplo, alguém que ama a um e detesta a outro, ou que às vezes ama, às vezes detesta a mesma pessoa pelas mesmas razões.

71. O amor perfeito não retalha a natureza única e mesma dos homens por terem eles caracteres diferentes, mas, visando sempre esta natureza, ama a todos os homens igualmente. Ele ama os virtuosos como amigos, e os depravados como inimigos, fazendo-lhes o bem, suportando-os com paciência, suportando o que vem deles, jamais levando em consideração a malícia[30], chegando mesmo a sofrer por eles se se apresentar a ocasião. Assim ele os tornará amigos, se isto for possível. Senão, ele não abandonará sua determinação: ele mostrará sempre seus frutos a todos os homens igualmente. Nosso Senhor e Deus Jesus Cristo, mostrando o amor

---

[28] *Mateus 5: 39-41.*

[29] *Lucas 21: 19*.

[30] Cf. I *Coríntios* 13: 5.

que nos dedica, sofreu pela humanidade inteira[31] e deu a esperança da ressurreição a todos igualmente, mesmo que cada um, por suas obras, atraia sobre si a glória ou o castigo.

72. Quem não desdenha a glória como a desonra, a riqueza como a indigência, o prazer como a dor, ainda não adquiriu o amor perfeito. Pois o amor perfeito não só despreza tudo isso, como ainda a vida que passa e a morte.

73. Escute aqueles a quem foi dado o amor perfeito. Ouça o que eles dizem: "Quem nos separará do amor de Cristo? A aflição? A angústia? A perseguição? A fome? O desnudamento? O perigo? A espada? Segundo o que está escrito, por sua causa somos levados à morte todos os dias, como bezerros ao sacrifício. Mas em todas essas provações, somos mais do que vencedores por aquele que nos amou. Pois eu estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potências, nem o presente, nem o futuro, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá nos separar do amor de Deus que está em Jesus Cristo nosso Senhor[32]".

74. E sobre o amor ao próximo, ouça o que eles dizem: "Digo a verdade em Cristo, não minto, e disso me dá testemunho a minha consciência pelo Espírito Santo: tenho uma grande dor e um contínuo sofrimento no coração. Sim, eu gostaria de ser amaldiçoado e separado de Cristo em favor dos meus irmãos de raça e sangue. Eles são israelitas...[33]" e assim por diante. Assim como Moisés[34] e os demais santos.

75. Quem não desdenha a glória e o prazer, bem como o amor ao dinheiro que os faz crescer e que eles engendram, não será capaz de suprimir as razões do ardor. E se ele não suprimir essas coisas, ele não será capaz de atingir o amor perfeito.

76. A humildade e o sofrimento libertam o homem de todos os pecados. A primeira suprime as paixões da alma; o segundo, as do corpo. É isto que azia o bem-aventurado Davi, quando orava a Deus dizendo: "Veja minha miséria e minhas penas, e retire de mim todos os pecados[35]".

77. Por meio dos mandamentos, o Senhor concede a impassibilidade aos que os praticam. E, com seus divinos ensinamentos, ele outorga a iluminação do conhecimento.

78. Tudo o que o Senhor ensina versa, ou sobre Deus, ou a respeito dos seres visíveis e invisíveis, ou sobre a providência e o juízo que operam neles.

79. A compaixão cura a parte ardente da alma. O jejum consome o desejo. Quanto à oração, ela purifica o intelecto e o prepara à contemplação dos seres. Foi também para as potências da alma que o Senhor nos deu os mandamentos.

80. "Aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração[36]", etc. A mansidão protege contra as perturbações do ardor. E a humildade liberta o intelecto do orgulho e da vanglória.

81. O temor a Deus é duplo. De um lado, ele nasce em nós da ameaça do castigo, e nesta ordem engendra a temperança, a esperança em Deus e a impassibilidade, de onde provém o amor. De outro lado, ele está ligado a este amor: ele traz sempre para a alma a piedade, a fim de que, por meio da liberdade do amor, jamais cheguemos a desdenhar de Deus.

---

[31] Cf. *Romanos* 5: 8.
[32] *Romanos* 8: 35-39.
[33] *Romanos* 9: 1-4.
[34] Cf. *Êxodo* 32: 32.
[35] *Salmo* 24 (25): 18.
[36] *Mateus* 11: 29.

82. O amor perfeito elimina a primeira forma de temor[37], porque a alma que possui amor não tem mais medo do castigo. Mas a segunda forma de temor permanece sempre, porque está ligada ao amor, como foi dito. À primeira forma de amor aplicam-se as palavras: "Por temor ao Senhor os homens se afastam do mal[38]", e também: "O temor ao Senhor é o começo da sabedoria[39]". À segunda forma: "Nada falta aos que o temem[40]".

83. "Mortifiquem seus membros que estão sobre a terra, a prostituição, a impureza, a paixão, a má concupiscência, a cupidez[41]", etc. O Apóstolo chama de "terra" o cuidado com a carne. Ele chama de "prostituição" o ato do pecado. De "impureza", o consentimento. De "paixão", os pensamentos passionais, e de "má concupiscência" a simples aceitação do pensamento do desejo. E chamou de "cupidez" a matéria que engendra e faz crescer a paixão. São todos estes vícios que o Apostolo ordenou mortificarmos, porque eles são os membros do cuidado com a carne.

84. Primeiro a memória traz ao intelecto um simples pensamento. Se este pensamento persiste, surge a paixão. Se a paixão não é descartada, ela inclina o intelecto ao consentimento. E quando o consentimento se faz presente, chegamos ao ato do pecado. O sábio Apóstolo, escrevendo aos cristãos de todas as nações, lhes ordena que acabem primeiro com o resultado do pecado, para depois, remontando passo a passo e ordenadamente, chegar até a sua causa. E a causa é a cupidez que, como foi dito, engendra e alimenta a paixão. Ela aqui pode significar a gula, que é a mãe e a nutriz da prostituição. Pois a cupidez é má não apenas quando ligada ao dinheiro, mas também quando está relacionada com a alimentação. Da mesma forma, a temperança se aplica não apenas à alimentação, mas também ao dinheiro.

85. Assim como um pardal preso pela pata tomba por terra, retido pelo laço, se tentar voar, também o intelecto que ainda não atingiu a impassibilidade cai por terra, retido pelas paixões, se tentar voar na direção do conhecimento das coisas do céu.

86. Quando o intelecto está totalmente livre das paixões, então, sem se voltar, ele se encaminha para a contemplação dos seres, sobre o caminho que conduz ao conhecimento da Santa Trindade.

87. Uma vez purificado, o intelecto, percebendo o sentido das coisas, é levado por elas à contemplação espiritual. Mas se, por negligência, ele se torna impuro, ele cria para si muitas representações de outras coisas em sua simplicidade e, ao receber aquilo que provém dos homens, volta-se para pensamentos de infâmia ou de malícia.

88. Quando, no momento da oração, jamais um pensamento do mundo vem para perturbar o intelecto, saiba que você não está longe das fronteiras da impassibilidade.

89. Quando a alma começa a sentir-se em boa saúde, então as imagens que surgem nos sonhos lhe aparecem simples e sem nenhuma perturbação.

90. Assim como a beleza do visível atrai o olho sensível, o conhecimento do invisível atrai para si o intelecto puro. Entendo como "invisíveis" os seres incorpóreos.

91. É muito bom não ser afetado pelas coisas, mas é melhor ainda permanecer impassível diante das suas imagens. Pois a guerra que os demônios nos fazem através dos pensamentos é mais árdua do que a que eles nos fazem por meio das coisas.

---

[37] *Cf. I João 4: 18.*
[38] *Provérbios 15: 27.*
[39] *Salmo 110 (111): 10.*
[40] *Salmo 33 (34): 10.*
[41] *Colossenses 3: 5.*

92. Quem conquistou as virtudes e está cumulado pelas riquezas do conhecimento, vendo as coisas, daí em diante, na sua natureza, age e fala sempre conforme a razão, sem jamais se perder. Com efeito, é pelo uso racional ou irracional das coisas que fazemos que nos tornamos virtuosos os depravados.

93. Quer o corpo vigie, quer durma, se surgem no coração pensamentos simples sobre as coisas, este é um sinal de extrema impassibilidade.

94. Pela prática dos mandamentos o intelecto se despoja das paixões. Pela contemplação espiritual do visível, ele se despoja dos pensamentos passionais das coisas. Pelo conhecimento do invisível ele se despoja da contemplação do visível. Enfim, ele se despoja do conhecimento do invisível pelo conhecimento da Santíssima Trindade.

95. Assim como o sol, ao se levantar e iluminar o mundo, revela a si mesmo e revela as coisas que ele ilumine, também o sol de justiça[42], quando se ergue sobre o intelecto puro, revela a si mesmo e revela as razões de tudo o que, por meio dele, sempre foi e sempre será.

96. Não conhecemos a Deus por sua essência, mas pela grandeza de sua obra e pela sua providência nos seres. É por estas coisas que, como num espelho, compreendemos sua bondade, sabedoria e poder infinitos[43].

97. O intelecto puro se encontra, ou bem nos pensamentos simples das coisas humanas, ou bem na contemplação natural do visível, ou bem na contemplação do invisível, ou bem na luz da Santíssima Trindade.

98. O intelecto que alcançou a contemplação das coisas visíveis ou bem sonda suas razões naturais, ou busca seus significados, ou busca sua causa.

[42] *Malaquias* 3: 20.
[43] Cf. *Romanos* 1: 20 e I *Coríntios* 13: 12.

99. Ao se aplicar à contemplação das coisas visíveis, o intelecto busca suas razões naturais, a causa de sua origem, suas conseqüências e a ação que sobre elas exerce a Providência e o Julgamento.

100. Mas, chegando a Deus e abrasado por seu desejo, o intelecto busca primeiro as razões de sua essência, por não encontrar consolo em nada que se pareça consigo. Ora, isto é impossível, e também inacessível a toda natureza criada. Ele então consola-se com aquilo que o cerca, ou seja, com a eternidade, o infinito, o ilimitado, a bondade, a sabedoria, o poder que criou, governa e julga os seres. Somente isto – a infinitude e esta impossibilidade de conhecer – é compreensível para ele, como bem o disseram os teólogos Gregório[44] e Denis[45].

[44] Gregório de Nazianze, *Discurso* XXXVIII, 7; XLV, 3.
[45] Denis o Areopagita, *Teologia Mística* I, 3.

SEGUNDA CENTÚRIA DE CAPÍTULOS SOBRE O AMOR

1. Quem ama verdadeiramente a Deus ora sem que absolutamente nada o distraia. E também quem ora sem se distrair ama a Deus verdadeiramente. Mas aquele cujo intelecto ainda está ligado a qualquer coisa de terrestre não consegue orar sem se distrair.

2. O intelecto que se debruça sobre uma coisa sensível com certeza sente por esta coisa uma paixão, como a concupiscência, a tristeza, a cólera ou o ressentimento. E se ele não desdenhar esta coisa, ele não conseguirá se livrar desta paixão.

3. As paixões que subjugam o intelecto se ligam às coisas materiais e, separando-o de Deus, o levam a que se ocupe destas coisas. Mas se o amor a Deus for mais forte, ele cortará os laços levando-o não apenas a desprezar as coisas sensíveis, mas a própria vida, esta vida passageira.

4. A obra dos mandamentos é tornar simples os pensamentos sobre as coisas. A obra da leitura e da contemplação é levar o intelecto para fora de toda matéria e de toda forma. É assim que chegamos a orar sem distrações.

5. Para libertar perfeitamente o intelecto das paixões, a ponto de que ele possa orar sem se distrair, a via ativa não é suficiente, se não for seguida por muitas contemplações espirituais. De fato, a via ativa não liberta o intelecto senão da intemperança e da aversão. Mas as contemplações espirituais o separam totalmente do esquecimento e da ignorância. Assim ele poderá orar como se deve.

6. Existem dois estados elevados da prece pura: um é dado aos ativos, outro aos contemplativos. Um nasce do temor a Deus e da boa esperança. O outro nasce do *eros* divino e de uma purificação extrema. O primeiro pode ser reconhecido pelos seguintes sinais: quando o intelecto se recolhe para longe de todos os pensamentos do mundo, como se o próprio Deus lhe estivesse próximo – e, de fato, ele está – ele ora sem de deixar distrair nem perturbar. O segundo por ser reconhecido assim: no próprio impulso da oração o intelecto é arrebatado pela luz infinita de Deus, perde toda sensação de si mesmo e já não percebe mais nenhum outro ser, senão Aquele único que, por intermédio do amor, opera nele uma tal iluminação. Então, levado até as razões de Deus, ele recebe imagens suas puras e claras.

7. Nós nos ligamos totalmente àquilo que amamos e, para disto não sermos privados, desdenhamos tudo o que se lhe opõe. Quem ama a Deus dedica-se à prece pura e rejeita por si só toda paixão que o impeça de orar.

8. Quem rejeitou o egoísmo, a complacência para consigo mesmo, a mãe das paixões, com a ajuda de Deus se desembaraça facilmente das outras paixões, como a cólera, a tristeza, o ressentimento, etc. Mas quem é tomado pela primeira paixão é ferido pela segunda, mesmo que não queira. O egoismo é a paixão que temos pelo corpo.

9. É por estas cinco razões que os homens amam uns aos outros, de modo louvável ou de modo condenável: ou por amor a Deus, como o homem virtuoso ama a todos os homens e como aquele que ainda não é virtuoso ama o homem virtuoso; ou por natureza, como os pais amam aos filhos e reciprocamente; ou por vanglória, como aquele que é glorificado ama aquele que o glorifica; ou por amor ao dinheiro, como aquele que recebe ama o que é rico; ou por amor ao prazer, como aquele que cuida do seu ventre e das coisas do baixo ventre. A primeira razão é louvável, a segunda é medíocre; as demais são marcadas pela paixão.

10. Se você detesta alguns homens, se por outros você não sente nem amor nem aversão, se a alguns você ama moderadamente enquanto a outros ama fortemente, saiba por estas desigualdades que você ainda está longe do amor perfeito, que se propõe a amar a todos os homens igualmente.

11. “Afaste-se do mal e faça o bem[46]”. Quer dizer: combata os inimigos para reduzir as paixões. Depois vele e seja nobre, para que elas não cresçam. Então combata novamente, para adquirir as virtudes, Depois vele e seja sóbrio, para mantê-las. Isto é o que podemos chamar de trabalhar e guardar[47].

12. Aqueles a quem Deus permitiu nos testar, ou bem aquecem o desejo na alma, ou bem perturbam seu ardor, ou entenebrecem a razão, o enchem de dores o corpo, ou roubam o que ele possui.

13. Ou bem os demônios nos tentam por si mesmos, ou bem armam contra nós aqueles que não temem ao Senhor. Eles nos tentam por si mesmos quando permanecemos sós e longe dos homens, como o Senhor no deserto[48]. E eles nos tentam por intermédio dos homens quando vivemos em seu meio, como o Senhor foi testado pelos fariseus[49]. Mas nós, com os olhos postos em nosso modelo, devemos rejeitá-los de um lado e de outro.

14. Quando o intelecto começa a progredir no amor a Deus, então o demônio da blasfêmia começa a tentá-lo e lhe sugere pensamentos que nenhum homem saberia produzir, e que somente o diabo é capaz de suscitar com sua arte maléfica. Ele faz isto por invejar o amado de Deus e para que este, caindo em desespero por causa desses pensamentos, não mais ouse voar em sua direção com suas orações habituais. Mas o maldito falha em seu objetivo, pois ele nos oprime inicialmente, mas, depois de termos sido combatidos e de lutarmos por nós mesmos, nos tornamos mais experientes e mais verdadeiros no amor a Deus. “Que sua espada lhe trespasse o coração e que seu arco se quebre[50]”.

[46] *Salmo* 33 (34): 15.
[47] Cf. *Gênesis* 2: 15.
[48] Cf. *Mateus* 4: 1-10.
[49] Cf. *Mateus* 16: 1, etc.
[50] *Salmo* 36 (37): 15.

15. Quando se aplica ao visível, o intelecto percebe naturalmente as coisas por intermédio dos sentidos. Nem o intelecto, nem a percepção natural, nem as coisas, nem os sentidos são um mal. Estas coisas são obras de Deus. Então, o que é o mal? É claro que o mal é a paixão que está ligada ao pensamento natural. Mas o uso dos pensamentos não pode ficar ligado às paixões, se o intelecto estiver vigilante.

16. A paixão é um movimento da alma contra a natureza, por amor irracional ou por aversão irrefletida em relação a uma coisa sensível ou por causa dela. Pelo amor irracional pelas comidas, pelas mulheres, pelo dinheiro, pela glória passageira ou por qualquer outra coisa sensível, ou por causa dela. E pela aversão irrefletida, como eu disse, por uma das coisas que mencionei, ou por outras coisas, ou por causa delas.

17. A malícia consiste num julgamento errôneo dos pensamentos, que se segue ao abuso das coisas. É assim que acontece com relação às mulheres. O julgamento justo, a regra, é unir-se a ela para procriar e ter filhos. Quem não vê senão o prazer se engana, seu juízo é falso: ele considera como um bem aquilo que não é um bem e, unindo-se à mulher, abusa dela. O mesmo acontece com todas as outras coisas e todos os outros pensamentos.

18. Quando, expulsando-o para longe da castidade, os demônios rodeiam o intelecto com pensamentos de prostituição, diga chorando ao Mestre: “Eles me afastaram, eles me cercaram[51]. Minha alegria, liberte-me daqueles que me cercaram[52]”, e você será salvo.

19. Pesado é o demônio da prostituição. Ele ataca duramente os que combatem a paixão, sobretudo quando, por negligência, eles deixam de ter uma alimentação simples e encontram com mulheres. Pela doçura do

[51] *Salmo* 16 (17): 11.
[52] *Salmo* 31 (32): 7.

prazer ele engana secretamente o intelecto, e depois, quando este repousa, investe sobre ele com lembranças e, inflamando o corpo, suscita nele toda espécie de formas. Então lhe pede que consinta no pecado. Se você não quiser que tais formas se grudem em você, tome sobre si o jejum, o sofrimento, as vigílias, a bela hesíquia e a prece contínua.

20. Aqueles que não cessam de perseguir nossa alma o fazem por meio dos pensamentos passionais, a fim de atirá-la no pecado pela reflexão ou pela ação. Caso encontrem um intelecto resolvido a não os acolher, eles ficam confusos e se retiram[53]. E se o encontram absorvido na contemplação espiritual, eles fogem e depressa são tomados da maior confusão[54].

21. Aquele que unta seu intelecto para os combates sagrados e que dele expulsa os pensamentos passionais faz o papel do diácono. O que o ilumina com o conhecimento dos seres e destrói o falso conhecimento faz o papel do padre. E o que o leva à perfeição pela santa mirra do conhecimento e da adoração da Santíssima Trindade [do conhecimento da adorável e santa Trindade] faz o papel do bispo.

22. Os demônios perdem a força quando em nós decrescem as paixões sob o efeito dos mandamentos. E eles perecem quando as paixões desaparecem até o fim pela impassibilidade. Pois então eles não mais encontram o porquê de estarem na alma e a combaterem. É isto que significa: "Eles perderam a força e morreram diante de sua face[55]".

23. Dentre os homens, alguns refreiam as paixões por um medo puramente humano. Outros, por vaidade. Outros, por temperança. Outros, enfim, são libertos das paixões pelos julgamentos de Deus[56].

[53] Cf. *Isaías* 41: 11.
[54] *Salmo* 6: 11.
[55] *Salmo* 9: 4.
[56] Os "julgamentos de Deus" são as provas e os castigos por meio dos quais Deus corrige os homens durante suas vidas terrestres, antes do Juízo final.

24. As palavras do Senhor seguem sempre um destes quatro caminhos: os mandamentos, os ensinamentos, as ameaças e as promessas. É para seguir por estes caminhos que suportamos todos os tormentos da vida dura: os jejuns, as vigílias, dormir no chão, as penas e as fatigas suportadas no serviço aos outros, as injúrias, os ultrajes, as torturas, a morte e outras provações semelhantes. Com efeito, foi dito: "Pelas palavras de sua boca eu percorri caminhos rudes[57]".

25. A recompensa da temperança é a impassibilidade, e a recompensa da fé é o conhecimento. Ora, a impassibilidade engendra o discernimento, e o conhecimento engendra o amor a Deus.

26. O intelecto que caminha direito sobre a via da ação progride para a prudência, e o que marcha sobre o caminho da contemplação progride para o conhecimento. É próprio da prudência levar o que combate ao discernimento da virtude e do vício. É próprio do conhecimento conduzir quem dele partilha às razões dos seres incorpóreos e dos seres corpóreos. Mas o intelecto recebe a graça da teologia quando, ultrapassando nas asas do amor tudo o que foi dito e alcançando a contemplação, penetra pelo Espírito a razão que revela a Deus, na medida em que isto é possível a uma inteligência humana.

27. Se você pretende alcançar a teologia, o conhecimento de Deus, não busque as razões do próprio Deus. Uma inteligência humana é incapaz de encontrá-las, tanto quanto a de qualquer outra criatura de Deus. Apenas considere os atributos que o rodeiam, como a eternidade, a infinitude, o ilimitado, a bondade, a sabedoria, o poder que criou, governa e julga os seres. Pois dentre os homens será um grande teólogo aquele que descobrir, por pouco que seja, a razão destes atributos.

28. Poderoso será o homem que unir o conhecimento à ação. Por meio de

[57] *Salmo* 16 (17): 4.

desta última, ele apaziguará o ardor e consumirá o desejo. Pelo outro ele dará asas ao intelecto e emigrará para Deus.

29. Quando o Senhor disse: "Meu Pai e eu somos um[58]", ele se referiu à identidade da essência. Mas quando ele disse: "Eu estou no Pai e o Pai está em mim[59]", ele revelou que as Pessoas são inseparáveis. Os triteístas[60] que separam o Filho e o Pai mergulham assim num impasse cercado de abismos. Pois, ou bem eles afirmam que o Filho é eterno com o Pai, mas separando um do outro, e então são obrigados a afirmar que o Filho não nasceu do Pai e a declarar que existem três Deuses e três princípios; ou bem eles afirmam que o Filho nasceu do Pai, mas o separam, e então são obrigados a afirmar que o Filho não é eterno com o Pai e que o Mestre dos tempos está submetido ao tempo. É preciso, assim, com o grande Gregório[61], manter um Deus único e confessar as três Pessoas, cada qual com aquilo que lhe é próprio. Pois, segundo o mesmo Gregório, Deus é dividido, mas indivisivelmente, e as três Pessoas são uma, mas permanecem separadas. A divisão e a união são assim paradoxais. Com efeito, o que haveria de paradoxal, se o Filho e o Pai fossem unidos e separados como um homem e outro homem, sem mais?

30. Aquele que é perfeito no amor e que chegou ao cume da impassibilidade ignora a diferença entre si mesmo e o outro, ou entre aquilo que lhe é próprio e o que lhe é estranho, ou entre o crente e o descrente, entre o escravo e o homem livre, entre homem e mulher. Ao contrário, elevado acima da tirania das paixões e não vendo senão uma única natureza nos homens, ele os considera a todos igualmente e tem por todos o mesmo sentimento. Pois então não existe mais para ele "nem grego nem judeu, nem homem nem mulher, nem escravo nem homem livre, mas apenas Cristo que é tudo em todos[62]".

31. Os demônios extraem os meios de suscitar em nós pensamentos passionais das paixões que repousam no fundo da alma. Depois, combatendo a inteligência com estes pensamentos, eles a forçam a consentir no pecado. Vencido o intelecto, eles o conduzem de pecado em pecado. Conseguindo isto[63], enfim, com o intelecto cativo daí por diante, eles o levam ao ato. Depois de terem devastado a alma com pensamentos, eles se retiram, deixando ao intelecto apenas o ídolo do pecado, do qual o Senhor disse: "Quando vocês virem a abominação da desolação erguida no lugar santo, quem ler compreenda![64]" O lugar santo e o templo de Deus são o intelecto do homem aonde, após devastarem a alma com pensamentos passionais, os demônios erguem o ídolo do pecado. Quem leu os escritos de Josefo[65] sabe o quanto isto já aconteceu na história. Mas alguns dizem que isto acontecerá novamente quando vier o Anticristo.

32. Existem três forças que nos levam ao bem: as sementes naturais, os santos poderes e a boa vontade. As sementes naturais, quando fazemos aos outros o que queremos que nos façam[66], ou quando sentimos compaixão à vista de um homem na miséria ou passando necessidades. Os santos poderes, quando, levados a fazer uma boa ação, encontramos um bom auxílio e a fazemos bem. A boa vontade quando, discernindo entre o bem e o mal, escolhemos o bem.

33. Existem também três forças que nos levam ao mal: as paixões, os demônios e a má vontade. As paixões, quando desejamos algo de forma irracional, como comer em demasia e sem necessidade, ou desfrutar de um mulher que sequer é a esposa recusando gerar filhos ou quando, da mesma

[58] *João* 10: 30.
[59] *João* 14: 11.
[60] Heresia que surgiu entre os cristãos e que pregava existirem três Pessoas em Deus, considerando por conseguinte três essências, três substâncias, três deuses.
[61] Gregório de Nazianze, *Discurso* XIII, 4; XXV, 17; XXVIII, 1; XXXI, 14; XXXIX, 12.
[62] Cf. *Gálatas* 3: 28; *Colossenses* 3: 11.
[63] Cf. *Tiago* 1: 15.
[64] *Mateus* 25: 15.
[65] Flavius Josefus, *Guerras dos Judeus* VI, IV, 3-5; VII, I, 3.
[66] Cf. *Lucas* 6: 31.

forma, nos irritamos ou nos afligimos, por exemplo, contra um homem que nos ultrajou ou que nos lesou. Os demônios, quando aproveitam o momento e nos atacam na hora em que estamos negligentes, suscitando de repente contra nós, com grande violência, estas paixões e outras semelhantes. Enfim, a má vontade, quando, sabendo onde está o bem, escolhemos o mal.

34. As recompensas das penas da virtude são a impassibilidade e o conhecimento. Estes permitem entrar no Reino dos céus, assim como as paixões e a ignorância conduzem ao castigo eterno. Assim, aquele que busca as penas pela glória dos homens e não para seu próprio bem, ouvirá a Escritura dizer-lhe: "Vocês pedem e não recebem, porque não sabem pedir[67]".

35. Muitas coisas que os homens fazem são naturalmente boas. Mas elas podem também não ser boas por causa de sua motivação. Assim, o jejum, as vigílias, a prece, a salmodia, a esmola e a hospitalidade são por natureza boas obras, mas, quando feitas por vaidade, deixam de ser boas.

36. Em tudo o que fazemos, Deus procura o objetivo: se agimos em função dele, ou por outra razão.

37. Quando você ouvir a Escritura dizer: "Você dará a cada um conforme suas obras[68]", entenda que Deus recompensa as boas obras, não as que são feitas contra o justo objetivo, mesmo que pareçam boas, mas apenas as que evidentemente conduzem ao justo objetivo. Pois o julgamento de Deus não visa o que acontece, mas o objetivo daquilo que acontece.

38. O demônio do orgulho segue dois caminhos em sua malícia. Ou bem ele persuade o monge a atribuir as boas obras a si mesmo, e não a Deus que dispensa os bens e concorre para seu cumprimento, ou bem, se não pode persuadi-lo, ele o incita a desprezar os irmãos monges que ainda são imperfeitos. Mas quem se deixa levar a tais coisas ignora que é o diabo que o está persuadindo a recusar a ajuda de Deus. Pois, se ele despreza os que não conseguiram levar as obras até o fim, ele pressupõe que evidentemente alcançou o bem por suas próprias forças, o que é impossível, porque o Senhor disse: "Sem mim, vocês nada podem[69]". Mesmo que a obra seja dirigida para o bem, nossa fraqueza é incapaz de chegar ao fim sem Aquele que dispensa os bens.

39. Quem conheceu a fraqueza da natureza humana pode adquirir a experiência do poder de Deus. Com este poder, ele conseguiu concluir diversas boas obras e se esforça por cumprir muitas outras, mas jamais despreza outro homem. Pois ele sabe: assim como Deus o ajudou e o libertou de tantas paixões e dificuldades, ele também pode, quando quiser, ajudar todos os demais, em especial os que combatem por ele, mesmo que, por julgamentos que são só seus, ele não nos liberte de todas as paixões de uma só vez, mas, como um bom médico que ama o homem, ele cure por meio de remédios que convêm a cada um dos que se esforçam.

40. Quando as paixões deixam de estar ativas, chega o orgulho, ou devido às causas das quais nos livramos, ou devido aos demônios que se retiraram enganadoramente.

41. Quase todos os pecados vêm pelo prazer e se vão com o sofrimento e a aflição, pelo arrependimento voluntário, ou ainda pelo desencaminhamento suscitado pelo desejo da providência. "Pois se nós julgamos a nós mesmos, não seremos julgados. Mas, julgados pelo Senhor, somos castigados para não sermos condenados com o mundo[70]".

---

[67] *Tiago* 4: 3.
[68] *Salmo* 61 (62), 13.
[69] *João* 15: 15.
[70] I *Coríntios* 11: 31-32.

42. Quando uma provação chega a você de improviso, não acuse aquele por meio de quem ela o alcançou, mas pergunte-se porque ela lhe foi dada, e aí você encontrará um benefício. Pois, seja por esta provação, seja por outra, é preciso beber o absinto dos julgamentos de Deus.

43. Malvado como você é, não recuse o sofrimento, a fim de que, humilhado por ele, você possa vomitar seu orgulho.

44. Dentre as provas, algumas trazem prazeres ao homem, outras trazem aflições, outras sofrimentos corporais. Pois, conforme as causas das paixões, que estão na alma, o médico das almas aplica o remédio segundo seu julgamento.

45. A irrupção das provações traz a alguns a remissão dos pecados já cometidos. Em outros, dissipa os pecados que estão para ser cometidos. Em outros ainda, impede pecados que poderiam surgir no futuro. Sem falar nas provações que vêm para nos sondar, como as de Jó.

46. O homem sensato, considerando que os julgamentos de Deus o curam, suporta com reconhecimento as infelicidades que trazidas por estes julgamentos, pois se lembra de que estas infelicidades não têm outras causas do que seus próprios pecados. Mas o insensato, que ignora a sábia providência de Deus, imagina que ou Deus ou os homens são a origem dos seus males, quando peca e é castigado.

47. Existem remédios que detêm as paixões em seu movimento e não lhes permitem prosseguir e crescer. Existem outros que as enfraquecem e reduzem. Assim, o jejum, as penas e as vigílias impedem a concupiscência de crescer. Mas a anacorese, a contemplação, a prece, o ardente desejo de Deus a enfraquecem e extinguem. O mesmo acontece com o ardor: a paciência, a ausência de ressentimento, a mansidão o detêm; e o amor, a compaixão, a bondade e a bem-aventurança o reduzem.

48. Naquele cujo intelecto está continuamente voltado para Deus, mesmo a concupiscência aumenta o desejo ardente de Deus, e o ardor se volta inteiramente para o amor divino. Por ter conhecido a iluminação divina por longo tempo, ele se tornou inteiro luminoso. E, encerrando em si mesmo a parte de seu ser submetida às paixões, ele a dirigiu para o desejo de Deus, ardente, insaciável, como foi dito, e para o amor sem fim, fazendo-a passar do terrestre ao divino.

49. Quem não se indispõe com o homem que o ofendeu, que não se irrita e não tem ressentimento contra ele, nem por isso chegou ao ponto de amá-lo. Mas mesmo que não o ame ainda, consegue não devolver o mal com o mal, conforme o mandamento[71]. Mas ainda não é capaz de devolver o bem pelo mal. Pois ser capaz de fazer o bem a quem nos maltratou[72] não é dado senão ao perfeito amor espiritual.

50. Quem não ama a alguém, nem por isso o odeia. Também quem não odeia uma pessoa não está necessariamente em condições de amá-la. Pode-se permanecer a meio caminho, sem amar nem odiar. Pois só os cinco modos citados no nono capítulo desta centúria podem suscitar o estado de amor: o modo louvável, o medíocre e os demais, condenáveis.

51. Quando você perceber que seu intelecto se compraz em ocupar-se das coisas da matéria e sente prazer em pensar sempre nessas coisas, saiba que você as ama mais do que a Deus. Pois aonde está seu tesouro, disse o Senhor, ali estará também seu coração[73].

52. O intelecto que se liga a Deus e passa com ele todo seu tempo em prece e no amor torna-se sábio, bom, forte, benevolente, compassivo, paciente, em uma palavra, traz em si quase todas as propriedades de Deus. Mas se ele se afasta de Deus, ou bem ele se torna como um animal que não ama

---

[71] Cf. *Romanos* 12: 17.
[72] Cf. *Mateus* 5: 44.
[73] Cf. *Mateus* 6: 21.

senão seu prazer, ou bem se torna como uma fera que, por causa das coisas da matéria, ataca os homens.

53. A Escritura chama de mundo as coisas da matéria; e os mundanos são aqueles cujo intelecto se ocupa destas coisas. É para eles que, para faze-los voltarem a si, a Escritura diz: "Não amem o mundo, nem o que está no mundo. A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, a ostentação da vida, não são de Deus, mas do mundo[74]", etc.

54. É monge aquele que afastou seu intelecto das coisas da matéria e que, pela temperança, pelo amor, a salmodia e a prece, permanece ligado a Deus.

55. O monge ativo é, no sentido espiritual, um adestrador de animais, pois as obras morais têm como figura os animais. É por isso que Jacó dizia: "Seus filhos são homens que adestrarão animais[75]". Mas o monge gnóstico é um pastor de ovelhas, pois os pensamentos têm como figura as ovelhas. O intelecto as leva a pastar nas montanhas das contemplações. Assim, "todo pastor de ovelhas é uma abominação aos olhos dos Egípcios[76]", como o é aos olhos das potências adversas.

56. Quando o corpo é levado pelos sentidos para suas próprias concupiscências e seus próprios prazeres, o intelecto enganado segue as imaginações e os impulsos do corpo e consente neles. Mas o intelecto virtuoso permanece temperante e resiste às imaginações e aos impulsos passionais. São contrário, ele se esforça por tornar melhores tais movimentos.

57. Dentre as virtudes, algumas são do corpo, outras são da alma. As virtudes do corpo são o jejum, as vigílias, o dormir sobre o chão, o servir aos outros, o trabalho das mãos para não ser um fardo para ninguém ou para partilhar[77], etc. As virtudes da alma são o amor, a paciência, a mansidão, a temperança[78], a oração, etc. Assim, se por qualquer necessidade ou qualquer estado do corpo, como uma doença ou outra coisa, nos acontecer de não podermos trabalhar as virtudes corporais de que falamos, temos o perdão do Senhor, que conhece a causa disto. Mas se não trabalhamos as virtudes da alma não temos nenhuma justificação, pois elas não estão submetidas à necessidade.

58. A quem o possui, o amor a Deus permite desprezar todos os prazeres passageiros, toda pena e toda tristeza. Convença-se disto pelo exemplo dos santos, que sofreram de tudo por Cristo.

59. Proteja-se da mãe dos vícios, a complacência para consigo mesmo, o egoísmo, que é o afeto irracional que sentimos pelo corpo. Pois é disto, evidentemente, que nascem os três primeiros pensamentos tolos, passionais, fundamentais, que são a gula, a cupidez e a vanglória, que aparentemente têm sua origem nas exigências do corpo. É deles que provêm toda a série dos vícios. É preciso portanto, necessariamente, se proteger da complacência para consigo mesmo e combatê-la com muita sobriedade e vigilância Pois quando ela desaparece, todos os pensamentos que dela vieram desaparecem com ela.

60. A paixão do egoísmo sugere ao monge que tenha piedade de seu corpo e que o alimente além da conta, aparentemente para mantê-lo e dirigi-lo, mas na verdade para atraí-lo pouco a pouco e atirá-lo no abismo do amor ao prazer. Quanto ao homem do mundo, ela lhe propõe cuidar deste corpo desde cedo, para satisfazer sua concupiscência[79].

61. Diz-se que o mais elevado estado da prece é o seguinte: no momento

[74] I *João* 2: 15-16.
[75] *Gênesis* 46: 34.
[76] *Gênesis* 46: 34.
[77] Cf. I *Tessalonicenses* 2: 9; *Efésios* 4: 28.
[78] Cf. *Gálatas* 5: 22.
[79] Cf. *Romanos* 13: 14.

da oração o intelecto se encontra fora da carne e do mundo, de toda matéria e de toda forma. Quem mantém este estado sem falhar, em verdade ora continuamente[80].

62. Assim como o corpo ao morrer se separa totalmente das coisas do mundo, também a alma que se aplica em permanecer neste estado elevado de oração, e que morre, se separa de todos os pensamentos do mundo. Pois se ela não morrer esta morte, ela não conseguirá se encontrar e viver com Deus.

63. Que ninguém o engane, monge, convencendo-o de que é possível ser salvo ao mesmo tempo em que se permanece servil ao prazer e à vanglória.

64. Do mesmo modo como o corpo pela pelas coisas e que as virtudes o ensinam a se tornar casto, também o intelecto peca pelos pensamentos passionais e as virtudes da alma o ensinam a se tornar casto, vendo as coisas com toda pureza e impassibilidade.

65. Assim como as noites se sucedem aos dias e os invernos aos verões, também as aflições e as dores se seguem à vanglória e ao prazer, tanto no século presente como no futuro.

66. Não é possível que aquele que pecou escape ao Juízo final se, aqui em baixo, ele não se impuser penas e não seja oprimido pela infelicidade.

67. Diz-se que existem cinco razões pelas quais Deus permite que sejamos combatidos pelos demônios. A primeira é para que, à custa de sermos atacados e de contra-atacarmos, alcancemos o discernimento entre a virtude e o vício. A segunda é para que, depois de havermos adquirido as virtudes pelo combate e as penas, a guardemos firmemente e sem falhas. A terceira é para que, progredindo na virtude, não nos tornemos orgulhosos, mas nos mantenhamos humildes. A quarta é para que, testados pelo mal, sintamos por ele uma aversão total[81]. Enfim e acima de tudo, para que, tornados impassíveis, não esqueçamos nossa própria fraqueza nem o poder d'Aquele que nos socorreu.

68. Assim como o intelecto de um homem faminto imagina pão e o de um homem sedento imagina água, o intelecto do guloso imagina todo tipo de alimentos, o intelecto daquele que ama o prazer imagina formas femininas, o intelecto do vaidoso imagina glórias vindas dos homens, o intelecto do rancoroso imagina vinganças contra quem o ofendeu, o intelecto do invejoso imagina como fazer o mal àquele a quem inveja, e assim com todas as demais paixões. Pois o intelecto perturbado pelas paixões acolhe os pensamentos passionais, quer o corpo esteja acordado, quer durma.

69. Quando cresce a concupiscência, o intelecto imagina em sonhos a matéria dos prazeres. Quando cresce o ardor, o intelecto vê o que suscita o temor. Secundados por nossa própria inteligência, os demônios impuros fazem aumentar naturalmente as paixões excitando-as. Mas os santos anjos as reduzem, levando-nos à prática das virtudes.

70. O desejo da alma, quando excitado com frequência, suscita um estado – o amor pelo prazer – que a alma tem dificuldade em transformar. E o ardor, quando continuamente perturbado, torna a inteligência medrosa e preguiçosa. A ascese contínua do jejum, das vigílias e da oração cura o desejo. A bondade, a benevolência, o amor e a piedade curam o ardor.

71. Ou bem os demônios nos combatem pelas coisas, ou bem nos combatem pelos pensamentos passionais que estão nas coisas. Por meio das coisas, eles combatem aqueles que vivem no meio delas. Pelos pensamentos, eles combatem os que vivem separados delas.

---

[80] Cf. I *Tessalonicenses* 5: 17.

[81] Cf. *Salmo* 138 (139): 22.

72. Assim como é mais fácil pecar em pensamento do que pecar em ato, também o combate contra os pensamentos é mais difícil do que o combate contra as coisas.

73. As coisas existem fora do intelecto, mas seus pensamentos existem dentro. Está, portanto, no intelecto usarmos bem ou mal as duas coisas. Pois o mau uso das coisas segue o mau uso dos pensamentos.

74. O intelecto recebe os pensamentos passionais por três caminhos: pela sensação, pela compleição do corpo, pela memória. Pela sensação quando as coisas pelas quais nos apaixonamos a atingem, levando o intelecto a ter pensamentos passionais. Pela compleição do corpo quando este, alterado por regimes desregrados, pela ação dos demônios ou por alguma enfermidade, empurra por sua vez o intelecto para os pensamentos passionais ou para os caminhos da prostituição. Enfim pela memória, quando esta faz ressurgir as lembranças de coisas que nos atormentaram, conduzindo igualmente o intelecto aos pensamentos passionais.

75. Dentre as coisas que Deus nos deu para nos servirem, algumas se encontram na alma, outras no corpo, outras ao redor do corpo. Assim, na alma estão as potências, no corpo os sentidos e os demais membros, e ao redor do corpo os alimentos, as posses, o dinheiro, etc. O bom ou o mau uso dessas coisas e de suas modalidades mostrará se somos virtuosos ou falsos.

76. Dentre as modalidades das coisas, algumas dizem respeito ao que existe dentro da alma, outras ao que está no corpo, outras ao que rodeia o corpo. Assim, na alma estão o conhecimento e a ignorância, o esquecimento e a lembrança, o amor e o ódio, a tristeza e a alegria, etc. No corpo estão o prazer e a dor, o uso e a privação dos sentidos, a saúde e a doença, a vida e a morte, e outras modalidades semelhantes. Ao redor do corpo estão a fecundidade e a esterilidade, a riqueza e a pobreza, a glória e o desprezo, etc. Dentre essas modalidades, algumas são consideradas como bens, outras como males. Mas nenhuma delas é má, propriamente falando. É pelo uso que delas fazemos que elas se revelam boas ou más.

77. O conhecimento é naturalmente bom, assim como a saúde. Entretanto seus contrários, mais do que eles, foram úteis para muitos. Pois, nos homens falsos, o conhecimento não conduz ao bem, embora ele seja naturalmente bom, como eu disse. E também, em tais homens, a saúde, a riqueza, a alegria não conduzem ao bem. Elas não lhes trazem nenhum benefício. Serão úteis a eles seus contrários? Se assim for, eles não lhes serão um mal, propriamente falando, ainda que o pareçam.

78. Não faça mau uso dos pensamentos, para não ser constrangido a fazer também mau uso das coisas. Pois se não pecarmos primeiro em pensamento, jamais chegaremos a pecar em ato.

79. A imagem do terrestre são os vícios fundamentais, como a demência, a preguiça, o deboche, a injustiça. A imagem do celeste são as virtudes fundamentais, como a sabedoria, a coragem, a castidade, a justiça. E, assim como carregamos a imagem do terrestre, carregaremos também a imagem do celeste[82].

80. Se você quiser encontrar o caminho que conduz à vida[83], procure-o sobre a via, esta via que diz: “Eu sou a via, a porta, a verdade e a vi[84]a”, e você o encontrará. Mas procure com todas as suas forças, trabalhe, pois são poucos os que encontram o caminho[85]. Procure, para não ficar de fora destes poucos, para não ser contado com a maioria.

81. A alma se afasta dos pecados por cinco caminhos: por medo dos homens, por medo do Juízo, pela retribuição futura, pelo amor a Deus ou,

---

[82] Cf. I *Coríntios* 15: 49.
[83] Cf. *Mateus* 7: 14.
[84] *João* 10: 7-9 e 14: 6.
[85] Cf. *Mateus* 7: 14.

finalmente, pela consciência, quando ela bate.

82. Alguns dizem que o mal não existiria nos seres se alguma outra potência não nos atraísse para ele. Ora, esta potência não é outra coisa do que nossa negligência em exercer a atividade natural do intelecto. É por isso que aqueles que se dedicam a exercer esta atividade só fazem o bem, sempre, e nunca o mal. Assim, se você quiser se desvencilhar da negligência por meio da atividade natural do intelecto, expulse a malícia, que é o uso errôneo dos pensamentos, à qual se segue o mau uso das coisas.

83. Está na natureza da parte racional que existe em nós submeter-se ao Verbo de Deus e dominar a parte irracional que também existe em nós. Que esta ordem seja guardada por todos, e o mal desaparecerá dos seres, bem como aquilo que nos atrai para ele.

84. Dentre os pensamentos, alguns são simples, outros são compostos. Os pensamentos simples são os pensamentos impassíveis; os pensamentos compostos são os pensamentos passionais, porque eles são feitos de paixão e de reflexão. Sendo assim, é possível vermos muitos pensamentos simples se seguirem a pensamentos compostos, quando estes tendem para o lado da reflexão. Tomemos o ouro: um pensamento relativo ao ouro pode surgir na memória de qualquer pessoa, mas, se alguém pensar então no roubo, terá cometido um pensamento em seu intelecto. À lembrança do ouro sucederam-se as lembranças da bolsa, do cofre no quarto, etc. A lembrança do ouro veio composta, pois nela havia paixão. Mas as lembranças da bolsa e do cofre eram simples, porque o intelecto não tinha paixão por estas coisas. O mesmo acontece com todos os demais pensamentos, quer se trate da vanglória, da mulher ou de outras causas de paixão. Os pensamentos que se seguem a um pensamento passional não são todos passionais, como vimos. Podemos assim conhecer quais são os pensamentos passionais e quais são os outros.

85. Alguns dizem que, durante o sono, os demônios tocam as partes genitais do corpo e o empurram à paixão da prostituição; depois, por seu próprio movimento, a paixão suscita no intelecto, por meio da memória, a forma da mulher. Outros dizem que os demônios aparecem ao intelecto sob a forma de mulher, tocando as partes genitais do corpo, provocando o desejo e que é daí que vêm as imaginações. Outros ainda dizem que a paixão que domina o demônio quando ele se aproxima excita nossa própria paixão e que assim a alma se liga aos pensamentos, suscitando formas neles pela memória. O mesmo acontece com todas as outras imaginações passionais: uns dizem que elas surgem de um modo, outros que elas surgem de outro. Porém, qualquer que seja o modo dos quais falamos, os demônios não têm poder de suscitar uma paixão, qualquer que seja ela, se na alma existirem o amor e a temperança, quer o corpo durma, quer esteja acordado.

86. Dentre os mandamentos da Lei, alguns devem ser guardados tanto espiritual quanto corporalmente, outros apenas espiritualmente. Assim, “não cometer adultério”, “não matar”, “não roubar”, e outros semelhantes[86], devem ser guardados tanto corporal como espiritualmente; e, espiritualmente, eles devem sê-lo três vezes mais. Mas circuncidar[87], observar o sábado[88], imolar o cordeiro, comer os ázimos e as ervas amargas[89], e outros mandamentos semelhantes, só devem ser guardados espiritualmente.

87. Existem nos monges três estados fundamentais da ética. O primeiro consiste em não pecar em ato. O segundo, em não deixar permanecer na alma pensamentos passionais. O terceiro, em observar impassivelmente em pensamento a forma das mulheres e a imagem daqueles que nos ofenderam.

---

[86] Cf. *Êxodo* 20: 13 e ss.
[87] Cf. *Levítico* 12: 3.
[88] Cf. *Êxodo* 31: 13.
[89] Cf. *Êxodo* 12: 8 e 23: 15.

88. O pobre é aquele que renunciou a tudo o que era seu, que não possui sobre a terra absolutamente nada além de seu corpo, e que, depois de haver destruído até a relação que nos une ao corpo, confiou a Deus e aos homens piedosos o cuidado de o dirigir.

89. Dentre os ricos, alguns possuem sem paixão: privados de seus bens, eles não se afligem, como quem aceita com alegria perder o que é seu[90]. Outros possuem com paixão: ameaçados de serem despojados, eles se tornam tristes, como o rico do Evangelho que foi embora entristecido[91]. Privados de seus bens, eles se afligem até a morte. É a provação que revela o estado impassível e o estado passional.

90. Os demônios combatem os que alcançam as alturas da oração, para impedi-los de perceber em toda pureza as coisas sensíveis. Eles combatem os gnósticos para que neles permaneçam pensamentos passionais. Eles atacam os ativos para persuadi-los a pecar em atos. Os miseráveis os combatem de todas as maneiras, para separar de Deus os homens.

91. Aqueles que, levados pela providência divina, dedicam-se à piedade nesta vida, são submetidos a três provas: ao dom das doçuras, como a saúde, a beleza, a fecundidade, a fortuna, a glória, etc.; à irrupção de desgraças, com a perda dos filhos, da fortuna e da glória; ao que faz sofrer o corpo, como as enfermidades, os suplícios, etc. Aos primeiros, o Senhor diz: "Se alguém não renuncia a tudo o que possui, este não pode ser meu discípulo[92]". Aos outros, ele diz: "Por sua paciência vocês serão salvos[93]".

92. É dito que as seguintes quatro causas alteram a compleição do corpo e fornecem ao intelecto, por intermédio dele, pensamentos passionais ou impassíveis: os anjos, os demônios, o ar que respiramos e os alimentos que ingerimos. Diz-se que os anjos transformam pela palavra, que os demônios transformam pelo toque, que o ar transforma por suas variações, e que o alimento transforma pela qualidade, a quantidade ou a raridade do que comemos. Sem falar das alterações que, pela memória, a audição e a visão, modificam a compleição do corpo se a alma for primeiro afetada pelas aflições ou alegrias que lhe acontecem. Quando é assim afetada, a alma transforma a compleição do corpo. Mas quando a própria compleição do corpo é transformada pelo que mencionamos, então é ela que leva os pensamentos ao intelecto.

93. A morte é propriamente a separação de Deus[94], e o aguilhão da morte é o pecado. Ao recebê-la, Adão foi simultaneamente exilado para longe da Árvore da Vida, longe do Paraíso e longe de Deus[95]. A morte do corpo segue-se necessariamente a esta separação. Quanto à vida, ela é propriamente Aquele que disse: "Eu sou a vida[96]". Foi ele quem, penetrando na morte, devolveu a vida ao homem que estava morto.

94. Quem escreve livros escreve, seja para alimentar sua própria memória, seja para servir aos outros, seja pelos dois motivos, ou ainda para prejudicar alguém, por ostentação ou por necessidade.

95. Os verdes campos são a virtude ativa; e a água do repouso[97] é o conhecimento dos seres criados.

96. A sombra da morte é a vida humana. Assim, se alguém está com Deus e Deus com ele, ele pode dizer claramente: "Enquanto eu caminhava sob a sombra da morte eu não temia o mal, porque você estava comigo[98]".

---

[90] Cf. *Hebreus* 10: 34.
[91] Cf. *Mateus* 19: 22.
[92] *Lucas* 14: 33.
[93] *Lucas* 21: 19.
[94] Cf. I *Coríntios* 15: 56.
[95] Cf. *Gênesis*, 3.
[96] *João* 11: 25.
[97] Cf. *Salmo* 22 (23): 2.
[98] *Salmo* 22 (23): 4.

97. Um intelecto puro vê as coisas corretamente. A palavra experiente as exprime com clareza. Um ouvido refinado as escuta. Mas o homem desprovido destes três dons maltrata quem lhe fala.

98. Está com Deus quem conhece a Santíssima Trindade, sua criação e sua providência, e que conserva na impassibilidade a parte da alma submetida às paixões.

99. Diz-se que o bastão representa o Julgamento de Deus, e que o cajado significa a Providência. Quem conheceu um e outro pode dizer: "Seu bastão e seu cajado são o que me consola[99]".

100. Quando o intelecto se despojou das paixões e acha-se iluminado pela contemplação dos seres, ele pode alcançar a Deus e orar com se deve.

[99] *Salmo* 22 (23): 4.

TERCEIRA CENTÚRIA DE CAPÍTULOS SOBRE O AMOR

1. O uso racional dos pensamentos e das coisas engendra a castidade [o amor] e o conhecimento. Seu uso irracional engendra o deboche, o ódio e a ignorância.

2. "Você preparou uma mesa para mim[100]", etc. A mesa significa aqui a virtude ativa. Com efeito, é ela que nos foi preparada por Cristo em face daqueles que nos afligem. O óleo que unta o intelecto significa a contemplação das criaturas. A taça divina significa o conhecimento de Deus. Sua piedade significa seu Verbo, que é igualmente Deus. Pois, por sua encarnação, este nos acompanha todos os dias, até que tenha alcançado todos os que serão salvos, como Paulo[101]. A casa significa o Reino, onde serão restabelecidos todos os santos. E a duração dos dias significa a vida eterna.

3. Os vícios nos vêm por um mau uso das potências da alma, tanto do desejo quanto da razão. O mau uso da potência racional é a ignorância e a demência; o mau uso da potência ardente e ardorosa é o ódio e o deboche. Mas o uso natural dessas potências é o conhecimento e a sabedoria, o amor e a castidade. Assim sendo, nada do que foi criado e feito por Deus é mau.

4. Não é o alimento que é mau, mas a gula; não é a procriação dos filhos, mas a prostituição; nem a riqueza, mas a avareza; nem a glória, mas a vaidade. Sendo assim, nada do que existe é mau. Mau é somente o mau uso, que surge quando o intelecto negligencia sua cultura natural.

[100] *Salmo* 22 (23): 5.
[101] Cf. *Filipenses* 3: 12.

5. Nos demônios, como diz o bem-aventurado Denis[102], o mal é o ardor desprovido de razão, o desejo desprovido de inteligência, a imaginação exagerada. A irracionalidade, a desinteligência e o exagero são, por definição, uma privação da razão, da inteligência e da atenção. Ora, a privação é secundária, ela vem depois da possessão. Houve um tempo em que os demônios eram providos de razão, inteligência e sábia atenção. Sendo assim, tampouco os demônios são maus por natureza, mas se tornaram maus pelo mau uso das potências naturais.

6. Dentre as paixões, algumas engendram o deboche, outras engendram o ódio, outras engendram o deboche e o ódio.

7. Falar e comer demais leva ao deboche. A avareza e a vaidade conduzem ao ódio ao próximo. A mãe desses vícios é a complacência para consigo mesmo, o egoísmo, que leva ao deboche e ao ódio.

8. O egoísmo é a afeição passional e irracional que alguém sente por seu próprio corpo. Ao egoísmo se opõem o amor e a temperança. É claro que quem tem o egoísmo tem também todas as paixões.

9. "Ninguém, diz o Apóstolo, jamais odiou sua própria carne[103]". Mas é claro que ele próprio tratou rudemente e sujeitou sua carne[104], não lhe concedendo mais do que alimento e vestes[105], e apenas na medida necessária à vida. É assim que se ama a carne fora de qualquer paixão, que a nutrimos como servidores do divino, que a confortamos apenas com as coisas que satisfazem às suas necessidades.

10. A quem amamos, nos dedicamos a servi-lo em tudo. Portanto, se amamos a Deus, nos dedicaremos em tudo a fazer o que lhe agrada[106]. Mas se amamos a carne, nos dedicaremos a fazer o que lhe é agradável.

11. A Deus agrada o amor, a castidade, a contemplação, a oração. À carne agradam a gulodice, o deboche e tudo o que os faz crescer. É por isso que aqueles que vivem para a carne não podem agradar a Deus[107]. Mas os que estão com Cristo crucificaram a carne com as paixões e a concupiscência[108].

12. Se o intelecto se volta para Deus, ele domina o corpo e não lhe concede nada além do necessário para viver. Mas se ele se volta para a carne, ele fica submetido às paixões, sempre cuidando dela para satisfazer-lhe a concupiscência[109].

13. Se você quiser se tornar mestre dos pensamentos, vigie as paixões: você expulsará facilmente do intelecto os pensamentos passionais. Assim, para combater a prostituição, vele, jejue, trabalhe, viva na solidão; para combater a cólera e a tristeza, despreze a glória, a desonra e as coisas materiais; para combater o ressentimento, reze por que lhe ofendeu, e você será libertado.

14. Não se compare com os mais fracos dos homens, mas dedique-se sempre aos mandamentos do amor. Comparando-se com os mais fracos, você será engolido pelo abismo da presunção; dedicando-se ao mandamento, você progredirá até o cume da humildade.

15. Se você guarda sempre o mandamento do amor, você nunca será para outros homens uma fonte de amargura por afligi-lo. Caso contrário, é claro que, preferindo as coisas que passam e disputando sua posse, você estará

[102] Denis o Areopagita, *Nomes Divinos* IV, 23.
[103] *Efésios* 5: 29.
[104] Cf. I *Coríntios* 9: 7.
[105] Cf. I *Timóteo* 6: 8.
[106] Cf. I *João* 3: 22.
[107] Cf. *Romanos* 8: 8.
[108] Cf. *Gálatas* 5: 24.
[109] Cf. *Romanos* 13: 14.

combatendo seu irmão.

16. A maior parte dos homens não busca o ouro pela necessidade, mas para servir ao seu prazer.

17. Existem três causas para o amor ao dinheiro: o gosto pelo prazer, a vaidade e a falta de fé. Mas a mais grave é a falta de fé.

18. Quem tem gosto nos prazeres ama o dinheiro para com ele viver no meio das delícias. O vaidoso o ama para adquirir para si a glória. Quem não tem fé o ama para escondê-lo e guardá-lo, por temer a fome, a velhice, a doença ou o exílio. Ele confia mais no dinheiro do que em Deus que criou o mundo todo e vela até pelos últimos e os menores seres vivos.

19. Quatro tipos de homens dão importância ao dinheiro: os três de que falamos, e o ecônomo, o administrador que gere uma comunidade. Mas apenas este, evidentemente, distribui o dinheiro como se deve, a fim de poder dar sempre a cada um na medida daquilo que ele precisa.

20. Todos os pensamentos passionais ou bem excitam o desejo da alma ou bem perturbam seu ardor e sua razão. Então o intelecto se torna cego, incapaz de assumir a contemplação espiritual e os voos da oração. É por isso que o monge, em especial aquele que vive na hesíquia, deve estar rigorosamente atento aos pensamentos, conhecê-los e suprimir suas causas. Eis como ele pode conhecê-los: por exemplo, a lembrança passional das mulheres excita o desejo na alma; a causa desta lembrança é a intemperança no comer e no beber, assim como as conversas frequentes e sem motivo com as próprias mulheres. Ora, esta lembrança pode ser apagada com a fome, a sede, as vigílias e a anacorese. Quanto ao ardor, ele é perturbado pela lembrança passional das aflições: a causa desta lembrança é o gosto pelo prazer, a vaidade, o amor pelas coisas materiais, pois o passional se aflige por estar privado destas coisas, ou por não conseguir obtê-las. Mas se elas são desdenhadas e consideradas como nada, sua lembrança é apagada pelo amor a Deus.

21. Deus conhece a si mesmo. Ele também conhece aquilo que ele criou. Da mesma forma, as Santas Potências conhecem a Deus, e também conhecem aquilo que Deus criou. Mas elas não conhecem a Deus nem aquilo que ele criou da mesma maneira como Deus se conhece e conhece suas criaturas.

22. Deus conhece a si mesmo por sua essência bem-aventurada. E ele conhece suas criaturas por sua sabedoria, por meio da qual e na qual tudo ele faz. Mas as Santas Potências conhecem a Deus por participação, e ele próprio está acima de toda participação. E é pela percepção daquilo que elas contemplam nas criaturas que elas as conhecem.

23. As criaturas são exteriores ao intelecto. Este só percebe interiormente aquilo que ele contempla. Mas o mesmo não acontece com Deus, eterno, infinito, ilimitado, que concede às criaturas estarem bem e serem sempre.

24. A natureza dotada de razão e de inteligência participa do Deus santo por seu próprio ser, por sua aptidão em estar bem – vale dizer, por sua aptidão para a bondade e a sabedoria, e pela graça de sempre ser. É assim que ela conhece a Deus. Mas ela conhece aquilo que Deus criou, com eu disse, pela percepção da sabedoria e de sua arte, que ela contempla nas criaturas e que se encontra em estado puro no intelecto, fora de toda matéria.

25. Ao conceder ao ser a natureza dotada de razão e de inteligência, Deus, em sua extrema bondade, lhe comunicou quatro das qualidades divinas por meio das quais ele abraça, protege e salva suas criaturas: o ser, o ser sempre, a bondade e a sabedoria. Ele concedeu as duas primeiras à natureza em sua essência. E concedeu as duas outras – a bondade e a sabedoria – à aptidão de conhecer, a fim de que a criatura chegue por participação àquilo que ele é por essência; é por isso que se diz que a

criatura é feita à imagem e semelhança de Deus. À imagem, por ser a própria imagem d'Aquele que é, e por ser sempre a própria imagem d'Aquele que é sempre. E à semelhança, por ser boa, da mesma bondade d'Aquele que é bom, e sábia, da mesma sabedoria d'Aquele que é sábio. Ela é pela graça aquilo que Deus é por natureza. Assim, toda natureza dotada de razão é à imagem de Deus; mas à sua semelhança, somente os bons e os sábios.

26. A natureza dotada de razão e inteligência se divide em duas: a natureza angélica e a natureza humana. A natureza angélica se divide em duas tendências gerais e em dois grupos – os santos e os malditos – ou seja, em potências santas e em demônios impuros. A natureza humana se divide também em duas tendências, em homens piedosos e ímpios.

27. Deus, que é a própria existência, a própria bondade, a própria sabedoria, e que, a bem dizer, está muito acima de todas estas qualidades, não possui absolutamente nada em si que lhe seja contrário. Mas as criaturas, que não existem senão pela participação e pela graça, mesmo aquelas dotadas de razão e intelecto e são aptas à bondade e à sabedoria, têm em si seus contrários: com a existência, a inexistência; com a aptidão para a bondade e a sabedoria, a malícia e a ignorância. Ora, existir sempre, ou não existir, está nas mãos do Criador. Mas participar ou não de sua bondade e de sua sabedoria, depende da vontade dos seres racionais.

28. Ao afirmar que a essência das coisas existe com Deus por toda a eternidade e que ela não recebe dele senão suas próprias qualidades, os Gregos dizem que não existe nada contrário à essência e que só existem contrários nas qualidades. Nós dizemos que apenas a essência divina não tem contrário, pois ela é eterna e infinita, e concede a eternidade aos outros; mas que a essência dos seres possui seu contrário, que é o nada; que Aquele que é plenamente tem o poder de fazer com que esta essência seja para sempre, ou que não seja; e que ele não volta atrás naquilo que ele concedeu. É por isso que a essência das coisas é para sempre, e será, por ser mantida pelo poder que domina o universo, ainda que ela possua seu contrário, como foi dito, pois ela foi trazida do nada ao ser, e é da vontade de Deus que ela possua o ser ou o nada.

29. Assim como o mal é a privação do bem e a ignorância é a privação do conhecimento, também o nada é a privação do ser, não do Ser em si, pois este não possui contrário, mas para o ser por participação. Ora, a privação do bem e do conhecimento depende da resolução das criaturas. Mas a privação do ser depende da vontade do Criador que, em sua bondade, quer sempre que os seres sejam, e que recebam sempre suas benesses.

30. Dentre as criaturas, algumas são dotadas de razão e intelecto e recebem seus contrários, como a virtude e o vício, o conhecimento e a ignorância, enquanto outras são os diversos corpos compostos por contrários, como a terra, o ar, o fogo e a água. Os primeiros são inteiramente incorpóreos e imateriais, mesmo que alguns estejam unidos a um corpo. Os demais não são constituídos senão por matéria e forma.

31. Todos os corpos são, por natureza, imóveis. Eles se movem por meio da alma: uns por uma alma dotada de razão, outros por uma alma privada de razão, outros por uma alma insensível.

32. Dentre as potências da alma, uma está voltada para a alimentação e o crescimento, outra à imaginação e à impulsão, outra à razão e à inteligência. As plantas só participam da primeira potência; os animais irracionais acrescentam a esta a segunda. Enfim, os homens acrescentam a terceira às duas primeiras. Ora, as duas primeiras potências são corruptíveis; mas a terceira se revela incorruptível e imortal.

33. As santas potências transmitem a iluminação umas às outras. Elas a transmitem à natureza humana, seja pela virtude, seja pelo conhecimento que há nelas. Elas transmitem a virtude à imitação de Deus, a virtude com a qual fazem o bem a si mesmas e entre si, e às potências que estão abaixo

delas, trabalhando para torná-las semelhantes a Deus. E transmitem o conhecimento, ou sobre Deus, por meio de uma visão mais elevada (pois foi dito: "Tu és o Altíssimo por toda a eternidade, Senhor[110]"); ou sobre os incorporais, por uma visão mais profunda; ou sobre os corpos, por uma visão mais precisa; ou sobre a providência, por uma visão mais penetrante; ou sobre o Juízo, por uma visão mais clara.

34. A impureza do intelecto está, em primeiro lugar, em possuir um falso conhecimento; em segundo lugar, em ignorar um dos universais (falo do intelecto humano, pois o intelecto dos anjos não ignora coisa alguma, ainda que parcialmente); em terceiro, em ter pensamentos passionais; e, em quarto, em consentir no pecado.

35. A impureza da alma está em não agir conforme a natureza. Pois é assim que nascem no intelecto os pensamentos passionais. A alma age segundo a natureza quando, solicitadas pelas coisas e por seus pensamentos, as potências que a levam à paixão – o ardor e o desejo – permanecem impassíveis.

36. A impureza do corpo é o pecado em ato.

37. Aquele que não sente nenhuma paixão pelas coisas do mundo ama a hesíquia. Quem não ama nada do que é humano ama a todos os homens. Aquele a quem ninguém escandaliza por suas faltas e seus pensamentos suspeitos, tem o conhecimento de Deus e do divino.

38. É uma grande coisa não sentir paixão pelas coisas; mas é ainda maior permanecer impassível diante dos seus pensamentos.

39. Amor e temperança mantêm o intelecto impassível diante das coisas e de seus pensamentos.

40. O intelecto daquele que é amado por Deus combate, não as coisas, nem seus pensamentos, mas as paixões que estão ligadas aos pensamentos. Assim, ele combate não as mulheres, nem os ofensores, nem suas imagens, mas as paixões ligadas às imagens.

41. Todo o combate do monge contra os demônios consiste em separar as paixões dos pensamentos, pois, sem isto, é impossível de as coisas com impassibilidade.

42. Não confundir a coisa, o pensamento e a paixão. Assim, a coisa pode ser uma mulher, um homem, o ouro, etc. O pensamento é a simples lembrança destas coisas. A paixão é o afeto irracional ou a aversão irrefletida por alguma destas coisas. Assim, é contra as paixões que luta o monge.

43. O pensamento passional é composto de paixão e pensamento. Separemos o pensamento da paixão, e o que resta é um pensamento simples. Se o quisermos, podemos separá-los por meio do amor espiritual e da temperança.

44. As virtudes separam o intelecto das paixões. As contemplações espirituais o separam dos simples pensamentos. Enfim, a oração pura o conduz para junto de Deus.

45. As virtudes passam pelo conhecimento das criaturas. O conhecimento passa por aquele que conhece. E o que conhece passa por Aquele que é conhecido no "desconhecimento" e que conhece além de todo conhecimento.

46. Na superabundância de sua plenitude, Deu não deu existência às

---

[110] *Salmo* 91 (92): 9.

criaturas porque tivesse necessidade de alguma coisa[111], mas para que as criaturas fossem felizes por participar de sua semelhança, e para que ele próprio se regozijasse com suas obras[112], vendo-as, cumuladas de alegria, bebendo do inesgotável.

47. Existem no mundo muitos pobres de espírito, mas não como deveria, ser. Existem muitos aflitos, mas porque não têm mais dinheiro ou porque perderam seus filhos. Existem muitos mansos, mas para se dedicarem às paixões impuras. Existem muitos famintos e sedentos, mas para tomar o que é dos outros e se beneficiar injustamente. Existem muitos complacentes, mas para satisfazer o corpo e as coisas do corpo. Existem muitos corações puros, mas por vaidade. Existem Pacíficos, mas porque submetem a alma à carne. Existem muitos perseguidos, mas porque se entregam à desordem. Muitos, enfim, são ultrajados, mas por pecados infames. Bem-aventurados são apenas os que tudo isto fazem e aguentam por Cristo. Por quê? Porque o Reino dos céus é deles, porque eles verão a Deus[113], etc. Não é porque eles fazem e aguentam tudo isto que eles são bem-aventurados – pois aqueles de que falamos também o fazem e aguentam – mas porque eles o fazem e aguentam por Cristo.

48. Em tudo o que fazemos, como já foi dito mais de uma vez, Deus procura nosso objetivo: se agimos por ele, ou por alguma outra finalidade. Assim, se quisermos fazer o bem, não tenhamos como objetivo agradar aos homens, mas nos encaminharmos para Deus. Desta maneira, com os olhos sempre voltados para ele, façamos tudo por ele para que, suportando as penas, não percamos a recompensa.

49. No momento da oração, rejeite do intelecto até mesmo os simples pensamentos das coisas humanas e mais tudo o que você viu das criaturas, a fim de não perder Aquele que é incomparavelmente mais elevado do que todos os seres, imaginando coisas mais baixas.

50. Se amarmos verdadeiramente a Deus, por este mesmo amor rejeitaremos as paixões. Ora, amar a Deus significa preferi-lo ao mundo, é preferir a alma à carne, desprezando as coisas mundanas e consagrando-se sempre a Deus pela temperança, pelo amor, pela oração, pela salmodia e por tudo o que se lhes segue.

51. Se, nos consagrando longamente a Deus, vigiarmos a parte passional da alma, não cederemos aos ataques dos pensamentos. Ao contrário, contemplando-os com mais precisão e suprimindo suas causas, nos tornaremos mais clarividentes, até que se cumpram em nós as palavras: “Meu olho viu os inimigos e meu ouvido escutou os que tramavam o mal e se levantavam contra mim[114]”.

52. Quando você perceber que seu intelecto permanece na piedade e na justiça mesmo quando está voltado para as coisas do mundo, saiba que também seu corpo permanecerá sem pecado. Mas quando você ver seu intelecto ocupado em pensar nos pecados, saiba que seu corpo não tardará a cair neles.

53. Assim como o mundo do corpo são as coisas, o mundo do intelecto são os pensamentos. E assim como o corpo se prostitui com o corpo da mulher, o intelecto se prostitui com o pensamento da mulher, imaginando seu corpo. Pois ele vê a imagem de seu próprio corpo unido em pensamento à imagem da mulher, do mesmo modo como ele repele em pensamento a imagem de alguém que o ofendeu. O mesmo acontece com os outros pecados. Pois aquilo que o corpo faz em ato no mundo das coisas, o intelecto faz no mundo dos pensamentos.

54. Não há porque se assustar, espantar ou perturbar, porque Deus Pai não

[111] Cf. *Atos* 17: 25.
[112] Cf. *Salmo* 103 (104): 31.
[113] Cf. *Mateus* 5: 3-12.
[114] *Salmo* 91 (92): 12.

julga ninguém e por ter ele entregue todo julgamento ao Filho. Diz o Filho: "Não julguem, para que não sejam julgados[115]. Não condenem, para não serem condenados[116]". Também o Apóstolo: "Não julguem antes do tempo, até que venha o Senhor[117]" e "Com o julgamento com que você julga a outros, você condenará a si próprio[118]". Mas os homens, sem se preocupar em chorar seus próprios pecados, tiraram do Filho o julgamento. E eles mesmos, como se fossem sem pecado, passaram a julgar e condenar uns aos outros. Diante disto, o céu se perturbou e a terra tremeu. Mas eles permaneceram insensíveis e não se envergonham de nada.

55. Aquele que se ocupa dos pecados dos outros e que julga seu irmão com base numa simples suspeita, ainda nem começou a se arrepender. Ele não tenta conhecer seus próprios pecados, que na verdade são mais pesados do que uma grande massa de chumbo. Ele também não entendeu de onde vem ao homem seu coração duro, que ama a vaidade e busca a mentira[119]. É por isso que, como um louco em meio às trevas[120], sem se preocupar com seus próprios pecados, ele imagina os dos outros, reais ou supostos.

56. O egoísmo, como já foi dito muitas vezes, está na origem de todos os pensamentos passionais, pois é dele que nascem os três vícios capitais da concupiscência: a gula, a avareza e a vanglória. Da gula nasce a prostituição, da avareza a cupidez, da vanglória o orgulho. Todos os demais vícios – a cólera, a tristeza, o ressentimento, a inveja, a maledicência, etc – seguem-se a um destes três. Desta forma estas paixões ligam o intelecto às coisas materiais, atiram-no por terra, cobrem-no com uma pesada pedra, ainda que ele próprio seja mais leve e vivo do que o fogo.

[115] *Mateus* 7: 11.
[116] *Lucas* 6: 37.
[117] I *Coríntios* 4: 5.
[118] *Romanos* 2: 1.
[119] *Salmo* 4: 3.
[120] Cf. *Salmo* 81 (82): 5.

57. A origem de todas as paixões é o egoísmo. O egoísmo é o afeto irracional pelo corpo. Aquele que o destrói, destrói ao mesmo tempo todas as paixões que dele provêm.

58. Assim como os pais sentem afeto pelos corpos que engendraram, também o intelecto está naturalmente ligado às suas próprias razões. E assim como os pais apaixonados acham que seus filhos são os melhores e mais dotados, também o intelecto tolo acha suas próprias razões as mais sensatas do mundo, ainda que elas sejam as piores de todas. Mas não é assim que o sábio considera suas razões. Quando ele está convencido de que elas são verdadeiras e boas, é aí que ele duvida de seu próprio julgamento. Ele submete suas razões e seus julgamentos aos de outros sábios, por medo de correr ou de ter corrido em vão[121]. É deles que ele receberá a confirmação.

59. Quando você conseguir vencer algumas das paixões mais infamantes, como a gula, a prostituição, a cólera ou a cupidez, logo surgirá em você o pensamento da vanglória. E, se você conseguir vencer esta última, surgirá em seguida o pensamento do orgulho.

60. Todas as paixões infames, quando se apoderam da alma, dela expulsam o pensamento da vanglória. Mas quando elas são vencidas, desencadeia-se na alma este pensamento.

61. Quer seja destruída, quer permaneça, a vanglória engendra o orgulho. Se ela é destruída, suscita a presunção; se permanece, suscita a jactância.

62. A ação oculta destrói a vanglória, e atribuir a Deus tudo o que se faz de bom destrói o orgulho.

[121] Cf. *Gálatas* 2: 2.

63. Quem se tornou digno de receber o conhecimento de Deus e que realmente desfrutou deste prazer, desdenhará todos os prazeres engendrados pela concupiscência.

64. Quem cobiça as coisas terrestres cobiça ou as comidas, ou os prazeres do baixo ventre, ou a glória humana, ou o dinheiro, ou qualquer outra coisa provocada por estas paixões. E se o intelecto não encontra nada de melhor para onde dirigir seu desejo, ele não será capaz de desprezar estas coisas. Mas o conhecimento de Deus e do divino é incomparavelmente melhor.

65. Os que desprezam os prazeres o fazem por temor, ou graças à esperança, ou graças ao conhecimento, ou por amor a Deus.

66. O conhecimento desapaixonado das coisas divinas não leva de modo algum o intelecto a desprezar as coisas materiais, mas antes se assemelha a um simples pensamento de uma coisa sensível. É por isso que podemos encontrar tantos homens que, mesmo tendo um grande conhecimento, chafurdam na lama como porcos. Tendo sido inicialmente um pouco purificados por sua aplicação e tendo alcançado o conhecimento, eles se deixaram vencer e se tornaram como Saul, que foi considerado digno da realeza[122], mas governou de modo indigno e foi privado de seu cargo pela cólera terrível de Deus.

67. Assim como o simples pensamento das coisas humanas não obriga o intelecto a desprezar as coisas de Deus, também o simples conhecimento das coisas de Deus não leva absolutamente o intelecto a desdenhar as coisas humanas. Pois em nosso estado atual não vemos a verdade senão pelas sombras e as imagens, e é por isso que temos necessidade da bem-aventurada afeição do santo amor que liga o intelecto àquilo que a contemplação espiritual vê, e que o conduz a preferir o imaterial ao material, e ao sensível o inteligível e o divino.

[122] Cf. I *Samuel* 15: 10-11.

68. Quem afastou as paixões e simplificou os pensamentos, nem por isso os voltou para o divino. Talvez ele já não seja afetado pelas coisas humanas, mas ele ainda não é afetado pelas coisas divinas. É o que acontece àqueles que são apenas ativos, mas ainda não foram considerados dignos do conhecimento. Eles se abstêm das paixões por medo do castigo, ou pela esperança do Reino.

69. É pela fé que caminhamos, não pela visão. E é através de espelhos e enigmas que possuímos a virtude[123]. Assim, precisamos nos dedicar muito ao divino, a fim de que, meditando sobre ele e permanecendo constantemente com ele, alcancemos um estado de contemplação do qual seja difícil que nos separemos.

70. Se, logo após de termos afastado um pouco as causas das paixões, nós nos dedicamos às contemplações espirituais, porém sem lhes consagrarmos todo nosso tempo e sem as tornarmos nossa própria obra, logo retornaremos às paixões da carne, sem termos colhido outro fruto do que um simples conhecimento mesclado de presunção. Este conhecimento acabará por entenebrecer pouco a pouco, e o intelecto outra vez se voltará inteiramente às coisas materiais.

71. Uma paixão de amor condenável faz com que o intelecto se ocupe de coisas materiais. Uma paixão de amor digna de louvores o liga às coisas divinas. Pois o intelecto costuma se estender sobre as coisas às quais ele se prende. E é para estas coisas sobre as quais ele se debruça que ele volta seu desejo e seu amor: seja para as coisas inteligíveis que lhe são próprias, seja para as coisas e as paixões da carne.

72. Deusa criou o mundo visível e o mundo invisível. Vale dizer que ele próprio fez tanto a alma como o corpo. Ora, se o mundo visível é bom,

[123] Cf. I *Coríntios* 13: 12 e II *Coríntios* 5: 7.

como será o invisível? E se o invisível é mais elevado do que o visível, quão mais alto que os dois será Deus, que os criou? Assim, se o Criador de todos os bens é mais alto do que todas as criaturas, porque razão o intelecto, deixando de lado o que é mais elevado do que tudo, se ocupa com o que há de mais inferior a tudo, ou seja, das paixões da carne? Está claro que, por viver entre as paixões desde o nascimento, por estar acostumado com elas, ele ainda não conhece por uma perfeita experiência aquilo que é maior e mais alto do que tudo. Mas se, por uma longa ascese consistente em temperança nos prazeres e em meditação do divino, o retirarmos pouco a pouco deste estado, ele se debruçará progressivamente sobre as coisas de Deus e conhecerá sua própria dignidade. E, no final, ele dirigirá todo seu desejo para Deus.

73. Aquele que fala dos pecados do seu irmão desapaixonadamente, pode fazê-lo por duas razões: ou para corrigi-lo, ou para ser útil a outra pessoa. Fora destas razões, se ele falar disto ao irmão ou a qualquer outro, ele o insultará ou o ultrajará, e não deixará de ser abandonado por Deus. Ele cairá na mesma falta ou em outra qualquer e, denunciado e insultado pelos outros, será confundido.

74. Pessoas que cometem, o mesmo pecado em ato não têm a mesma razão para tal, mas razões diversas. Assim, uma coisa é pecar por hábito, outra pecar de surpresa. Aquele que é surpreendido por uma falta não pensava nela antes do pecado e nela não pensará após o pecado, mas ficará aflito com o que aconteceu. Quem peca por hábito é o contrário. Antes, ele não cessava de pecar em pensamento, e depois do ato ele permanece no mesmo estado.

75. Quem busca as virtudes por vanglória, é claro que será também pela vanglória que buscará o conhecimento. E é evidente que tal pessoa não fará nem dirá nada para a edificação, mas em tudo perseguirá a glória que espera dos que o virem ou escutarem. Enfim ele é desnudado em sua paixão quando alguns condenam seus atos ou suas palavras. Ele então fica triste, não porque não os tenha edificado – pois não era este seu objetivo – mas porque foi desprezado.

76. Esta é a prova da paixão da avareza: receber com alegria e partilhar com tristeza. Um homem assim não será capaz de prover as necessidades dos outros.

77. Suportamos pacientemente o sofrimento pelas seguintes razões: por amor a Deus, pela esperança da recompensa, pelo temor do castigo, por medo dos homens, por natureza, por prazer, por um benefício, por vanglória ou por necessidade.

78. Uma coisa é estar desembaraçado dos pensamentos, outra é estar liberto das paixões. Muitas vezes nos desembaraçamos dos pensamentos porque não estão neles as coisas às quais nos levam as paixões. Mas estas permanecem ocultas na alma e se mostram desde que reapareçam as coisas. É preciso, assim guardar o intelecto diante das coisas e saber por quais ele está apaixonado.

79. Um amigo verdadeiro é aquele que, no momento da provação, suporta junto com seu próximo, como se fossem suas – sem perturbação nem aflição – as aflições, constrangimentos e infortúnios trazidos pelas circunstâncias.

80. Não desdenhe a consciência que o aconselha sempre o melhor. Pois ela lhe transmite o julgamento de Deus e dos anjos, ela o livra das sujeiras escondidas no coração, e, no momento do êxodo, ela lhe permite apresentar-se livre diante de Deus.

81. Se você quiser ser instruído e comedido e não estar escravizado da paixão nem da presunção procure sempre nos seres o que está oculto ao seu conhecimento. Ao descobrir o grande número e a enorme diversidade de coisas que lhe escapam, você ficará espantado com sua ignorância e se

tornará menos arrogante. Conhecendo a si mesmo, você compreenderá então muitas coisas grandes e maravilhosas. Acreditar que se sabe impede, com efeito, de progredir no conhecimento.

82. Quem quiser ser verdadeiramente salvo não deve se opor aos remédios do médico, tais como as aflições e as tristezas que os acontecimentos tantas vezes carregam. Quem se opõe não sabe o que se estes remédios encerram, nem o que acontecerá àquele que deles tirar proveito.

83. A vanglória e a avareza engendram uma à outra. Os vaidosos enriquecem e os ricos são vaidosos. Mas estes são homens do mundo. Mas o monge, se não possui nada, pode se tornar ainda mais vaidoso; e se tem dinheiro o esconde, com vergonha de possuir algo que não corresponde ao seu estado.

84. Esta é a vanglória do monge: extrair vaidade da virtude e de suas consequências. E este é seu orgulho: glorificar-se de suas ações corretas, desprezar os outros, atribuir estas ações a si mesmo e não a Deus. Quanto ao homem do mundo, estes são seu orgulho e sua vanglória: extrair vaidade e glorificar-se da beleza, da riqueza, do poder e da sabedoria.

85. As virtudes dos homens do mundo são os defeitos dos monges, e as virtudes dos monges são os defeitos dos homens do mundo. Assim é que as virtudes dos homens do mundo são a riqueza, a glória, o poder, as delícias, a felicidade em ter filhos e tudo o mais. Se o monge chegar neste ponto, está perdido. As virtudes do monge são a despossessão, a obscuridade, a impotência, a temperança, a vida dura e tudo o que se segue. Se aquele que ama o mundo chega a este ponto contra sua vontade, vê isto como uma grande queda, e corre o risco de se suicidar. Alguns o fizeram.

86. Os alimentos estão fundamentados em duas razões: alimentar e servir de remédio. Portanto, quem os toma fora destas duas razões, por abusarem daquilo que Deus nos deu para nos servirmos e só buscarem desfrutar disto, está condenado. Em todas as coisas, o pecado é o abuso.

87. A humildade consiste numa prece contínua entre penas e lágrimas. Por não cessar de pedir o socorro de Deus, ela impede a pessoa de confiar tolamente em seu próprio poder e seu próprio saber, e também de se considerar acima dos outros. Estas coisas são as duras enfermidades da paixão do orgulho.

88. Uma coisa é combater o simples pensamento, para que ele não suscite a paixão, e outra é combater o pensamento passional, para que não surja o consentimento. Porém, um e outro combate visam evitar que o pensamento se torne inveterado.

89. A tristeza está ligada ao ressentimento. Quando o intelecto vê com tristeza o rosto de um irmão em seu espelho, é claro que aí existe ressentimento contra ele. Os caminhos dos que guardam rancor conduzem à morte[124], pois todo homem que guarda rancor é injusto.

90. Se você se ressente de alguém, reze por ele e você impedirá a paixão de ir adiante. Com a oração, você subtrairá a tristeza da lembrança do mal que ele lhe fez. Alcançando o amor e a bem-aventurança, você apagará completamente a paixão de sua alma. E se outro tiver ressentimento contra você, faça o bem a ele, seja humilde, viva em paz com ele, e você se livrará da paixão.

91. É difícil apaziguar a tristeza de alguém que o inveja, pois ele considera como sua infelicidade aquilo que ele inveja em você. E só será possível apaziguar esta tristeza escondendo aquilo que ele inveja em você. Mas se aquilo que ele inveja é útil para outros, ao mesmo tempo em que o aflige, que partido tomar? É preciso ser útil à maioria, mas sem negligenciar aquele homem, na medida do possível, nem se deixar levar pela malícia de

---

[124] Cf. *Provérbios* 12: 28.

sua paixão, pois não é a paixão, mas o homem que está sob sua influência, que você deve defender. É preciso, assim, humildemente, que você considere este homem como mais do que você, e preferi-lo a você em todo tempo e lugar. Quanto à sua própria inveja, você pode apaziguá-la se você se regozija com a pessoa que você inveja quando ela se regozija, e afligir-se com ela quando ela se aflige. Assim você cumprirá as palavras do Apóstolo: "Alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram[125]".

92. Nosso intelecto oscila entre duas forças, cada qual com sua ação própria. Uma suscita a virtude, outra o vício. Vale dizer que o intelecto é presa simultânea de um anjo e de um demônio. Mas ele tem o poder de seguir ou de combater a quem ele quiser.

93. As santas potências nos conduzem ao bem. As sementes naturais e a boa vontade nos auxiliam. Mas as paixões e a má vontade suscitam os ataques dos demônios.

94. Quando Deus se manifesta, ele ensina ao intelecto a inteligência pura; também as santas potências o arrastam para o bem, e mesmo a natureza das coisas, quando ele a contempla.

95. É preciso que o intelecto a quem foi dado o conhecimento guarde longe de toda paixão os pensamentos das coisas, longe de todo erro aquilo que ele vê na contemplação, e longe de toda perturbação o estado de oração. Mas ele não consegue manter tudo isto longe dos levantes da carne se estiver enfumaçado pelas intrigas dos demônios.

96. O que nos entristece não é a mesma coisa que nos irrita, pois o que provoca a tristeza é mais forte do que o que provoca a irritação. Assim uma coisa se quebrou, outra se perdeu, alguém morreu: nós ficamos tristes. Mas em outras ocasiões ficamos tristes e irritados, porque nos falta a filosofia.

97. Quando o intelecto recebe os pensamentos das coisas, ele toma naturalmente a forma de cada um destes pensamentos. Quando ele as contempla espiritualmente, ele se transfigura de diversas maneiras conforme aquilo que vê. Mas quando ele está em Deus, ele perde toda forma e toda figura, pois, contemplando o único, ele se torna único e inteiramente luminoso.

98. Perfeita é a alma cujo poder de paixão está inteiramente voltado para Deus.

99. Perfeito é o intelecto quando, para além de todo conhecimento, ele conhece o mais do que desconhecido numa ignorância que ultrapassa toda ignorância; quando ele contempla as razões universais de suas criaturas, e quando recebe de Deus o conhecimento que abarca a providência e o julgamento referentes às criaturas, na medida, é claro, em que isto é possível aos homens.

100. O tempo se divide em três. A fé se estende sobre os três períodos, a esperança sobre um só. A fé e a esperança têm limite. Mas o amor permanece pelos séculos infinitos, mais do que unido ao mais do que infinito que sempre cresce para além de todo crescimento. É por isso que a maior de todas as virtudes é o amor[126].

---

[125] *Romanos* 12: 15.

[126] Cf. I *Coríntios* 13: 13.

QUARTA CENTÚRIA DE CAPÍTULOS SOBRE O AMOR

1. Antes de tudo, quando considera a infinitude absoluta de Deus, este oceano inalcançável e tão desejado, o intelecto admira. Depois ele se espanta com o pensamento de ele tenha levado os seres do nada à existência. Mas assim como sua grandeza não tem limites[127], sua sabedoria é insondável[128].

2. De fato, como ele não se admiraria, ao contemplar este oceano de bondade, que ultrapassa a admiração? Como não se sentiria transportado, ao considerar como e de onde proveio o ser feito de razão e inteligência? E os quatro elementos de que são feitos os corpos, sem que nenhuma matéria tenha preexistido anteriormente à sua gênese? E o que é este poder que, tendo posto mãos à obra, os fez ser? É isto que os filhos dos Gregos não aceitam, eles que ignoram a bondade todo-poderosa, sua sabedoria e conhecimento ativos, que ultrapassam o intelecto.

3. Deus, que, de toda eternidade, é Criador, criou quando quis, pelo Verbo consubstancial e pelo Espírito, em sua infinita bondade. E não me pergunte por qual razão ele criou naquele momento, uma vez que ele é bom eternamente. Pois eu afirmo que a sabedoria insondável da essência divina escapa ao conhecimento humano.

4. Quando quis, Deus fez nascer e crescer os seres cujo conhecimento preexistia nele por toda eternidade. Pois é absurdo duvidar que o Deus poderoso seja capaz de dar nascimento a um ser quando quiser.

5. Procure a razão pela qual Deus criou. Pois você pode sabê-lo. Mas não procure como e porque ele criou num determinado momento, porque isto escapa à sua inteligência. Dentre as coisas de Deus, algumas são compreensíveis, outras são incompreensíveis aos homens. Uma contemplação sem freios pode levar ao abismo, já dizia um santo.

6. Alguns dizem que as criaturas existem com Deus de toda eternidade, o que é impossível. Pois como os seres que, em tudo, são finitos, poderiam existir de toda eternidade com Aquele que é totalmente infinito? Ou como seriam eles propriamente criaturas, se fossem eternos com o Criador? Ora, é isto que afirmam os Gregos, que dizem que Deus não é o Criador do ser, mas apenas das qualidades. Mas nós que conhecemos o Deus todo-poderoso, dizemos que ele é Criador, não somente das qualidades, mas dos seres que formou. Ora, se é assim, as criaturas não existem com Deus de toda a eternidade.

7. Em um sentido, é possível conhecer Deus e o divino, e noutro sentido, é impossível conhecê-los. É possível conhecer a Deus contemplando o que o cerca, mas é impossível conhecê-lo pelo que ele é em si mesmo.

8. Não procure na essência simples e infinita da Santíssima Trindade estados e qualidades próprias, a fim de não fazer dela um ser composto, como o são as criaturas: conceber a Deus desta maneira é absurdo e sacrílego.

9. Simples, única, sem qualidades, pacífica e calma é a essência infinita, todo-poderosa, criadora do universo. Mas todas as criaturas são compostas de essência e acidente, e têm sempre necessidade da divina Providência, pois não está livre das mudanças.

10. Toda natureza dotada de inteligência e sentidos, uma vez levada à existência, recebe de Deus a capacidade de perceber os seres. Dotada de intelecto, recebe intelecções; dotada de sentidos, recebe sensações.

---

[127] *Salmo* 144 (145): 1.
[128] Cf. *Isaías* 40: 28.

11. Deus é somente participado. Mas a criatura participa e transmite. Ela participa do ser e só transmite o ser bem; mas a natureza corporal transmite de uma maneira, e a natureza incorpórea de outra.

12. A natureza incorpórea transmite o ser bem quando ela fala, quando age, quando é contemplada. A natureza corpórea o transmite apenas quando é contemplada.

13. Que a natureza dotada de intelecto e razão exista para sempre ou não exista depende da vontade d'Aquele que criou todos os bens. Mas utilizar estes bens no bom sentido, ou desviá-los, depende da vontade das criaturas.

14. Não é no ser das criaturas que descobrimos o mal, mas em seus movimentos falsos e desprovidos de razão.

15. A alma é mesclada segundo a razão quando seu desejo é comandado pela temperança, quando seu ardor está ligado ao amor desviando-se da aversão, quando sua razão conduz a Deus pela oração e a contemplação espiritual.

16. Quem, no momento das provações, falta com a paciência às aflições que lhe chegam e se afasta do amor de seus irmãos espirituais, ainda não possui o amor perfeito nem o conhecimento profundo da providência divina.

17. O objetivo da Providência é de unificar pela fé direita e o amor espiritual aqueles que de muitas maneiras o mal despedaçou. Foi por isso que sofreu o Salvador: reunir na unidade[129] os filhos de Deus que estavam dispersos. Portanto, aquele que não aguenta o que o incomoda, que não suporta o que o aflige, que não assume suas penas, não caminha pela via do amor divino e falta com o objetivo da Providência.

18. Se o amor é paciente e benevolente[130], quem perde a coragem quando chegam as aflições, e por causa disso faz mal aos que o afligiram, cortando-os do amor que a eles deve, como não decairá da finalidade da Providência divina?

19. Vele sobre si mesmo. Tome cuidado para que o mal que o separa de seu irmão não esteja nele, mas em você. Apresse-se em se reconciliar com ele[131], a fim de não contrariar o mandamento do amor.

20. Não desdenhe o mandamento do amor. É por meio dele que você será filho de Deus. Mas se você o transgredir você se tornará filho da Geena.

21. As seguintes coisas afastam o amor entre amigos: invejar ou ser invejado, lesar ou ser lesado, ofender ou ser ofendido, suspeitar. Você, em alguma ocasião, não fez algo que o afastasse do amor do seu amigo?

22. Você já foi provado por causa do seu irmão, e a tristeza já o levou à aversão? Não se deixe vencer pela aversão, mas vença a aversão com o amor. Eis como você vencerá: orando sinceramente a Deus por ele, dando-lhe o direito de defesa, ou mesmo assistindo-o para justificá-lo, considerando ser você mesmo o responsável por sua provação, e suportando-a com paciência até que a nuvem tenha passado.

23. Paciente é aquele que aguarda o fim da provação e que recebe a glória da perseverança.

24. O homem paciente possui uma grande sabedoria[132]. Pois ele reporta à finalidade tudo o que lhe acontece, e suporta as aflições aguardando este

[129] Cf. *João* 11: 52.

[130] Cf. I *Coríntios* 13: 4.
[131] Cf. M*ateus* 5: 24.
[132] Cf. *Provérbios* 14: 29.

final. Ora, segundo o Apóstolo[133], o fim é a vida eterna. E a vida eterna é que o conheçamos, ao único e verdadeiro Deus, e ao que foi por ele enviado, Jesus Cristo[134].

25. Não consinta perder o amor espiritual, pois nenhuma outra via de salvação foi deixada aos homens.

26. Não julgue como falso e mentiroso o irmão que ontem você considerava como espiritual e virtuoso, pela aversão que a calúnia do maligno hoje lhe inspira contra ele. Com paciente amor, pensando no bem de ontem, expulse de sua alma a aversão de hoje.

27. Não fale mal hoje de quem ontem você louvava a bondade e glorificava a virtude, considerando-o falso e mentiroso porque o amor em você se transformou em aversão. Não condene seu irmão para justificar a raiva maldosa que existe em você. Continue a louvá-lo, ainda que a tristeza o oprima, e você retornará facilmente ao amor salutar.

28. Misturando inconscientemente a condenação às palavras quando você conversa com outros irmãos, não altere os elogios que habitualmente são feitos ao seu irmão, por causa de algo que ele lhe tenha feito sofrer e que ainda permanece em você. Mas, em suas conversas, louve-o com toda pureza, ore sinceramente por ele com por si mesmo, e logo você estará livre da perigosa aversão.

29. Não diga: "Não tenho raiva de meu irmão", se você rejeita sua lembrança. Escute o que disse Moisés: "Você não odiará seu irmão em pensamento. Você o repreenderá, e não cairá em estado de pecado por causa dele[135]".

[133] Cf. *Romanos* 6: 22.
[134] Cf. *João* 17: 3.
[135] *Levítico* 19: 17.

30. Se porventura um irmão, tentado, persiste em falar mal de você, não se deixe arrastar para fora do estado de amor quando o próprio demônio maligno o perturbar em pensamentos. Você não decairá do amor se, injuriado, você bendizer[136] e se, difamado, você for benevolente. Este é o caminho que permite amar a sabedoria, segundo Cristo. Quem não o segue não permanece nele.

31. Não considere como benevolentes as palavras que, em você, trazem a tristeza e suscitam a aversão por um irmão, mesmo que elas pareçam ser verdadeiras. Afaste-se delas como de serpentes mortais, a fim de evitar que os outros falem mal e libertar da malícia sua alma.

32. Não fira seu irmão com palavras em forma de enigmas a fim de que, recebendo dele a mesma coisa, você não afaste de ambos o estado de amor. Mas, com a liberdade do amor, vá até ele, repreenda-o, a fim de livrar a vocês dois da perturbação e da aflição, depois de suprimir as causas da tristeza.

33. Examine sua consciência com todo rigor, para saber se não é você o responsável pelo fato de que seu irmão não se reconciliou consigo. E não tente enganá-la, a ela que conhece seus segredos, que o acusa no momento do êxodo, e na qual você tropeça durante a prece.

34. Não se lembre, enquanto você está em paz, daquilo que seu irmão lhe disse na hora da aflição, que ele o ultrajou ou que ele falou de você a outro e que você ficou sabendo depois. Não se lembre, para não cair na funesta aversão contra seu irmão, se deixando levar por pensamentos de ressentimento.

35. Uma alma racional que nutre aversão contra um homem não pode estar em paz com Deus, que nos deu os mandamentos. "Pois, disse ele, se você

[136] Cf. I *Coríntios* 4: 12.

não perdoa as faltas aos homens, também o Pai celeste não perdoará as suas faltas[137]". Se este homem não quer ficar em paz com você, ao menos não sinta raiva dele, orando sinceramente por ele e não falando mal dele a ninguém.

36. A paz profunda dos santos anjos é comandada por estas duas disposições: amar a Deus e amar uns aos outros. O mesmo acontece aos santos desde a origem dos séculos. É exatamente disto que foi dito: "Nestes dois mandamentos estão pendurados toda a Lei e os Profetas[138]".

37. Não tenha complacência para consigo mesmo, nem aversão pelo seu irmão. Não ame a si mesmo, e você amará a Deus.

38. Se você decidiu viver entre irmãos espirituais, deixe suas vontades na porta. De outro modo você não poderá ficar em paz, nem com Deus, nem com os que vivem com você.

39. Aquele que conseguiu alcançar o amor perfeito e que regrou toda a sua vida sobre este amor, este diz "Senhor Jesus" no Espírito Santo[139]. [Caso contrário, é também o contrário que acontece.]

40. O amor a Deus gosta de dar asas ao intelecto para que este voe para Deus. O amor ao próximo predispõe a sempre desejar o bem para ele.

41. Quem é ainda tomado de vanglória ou que está preso a qualquer coisa de material, se aflige pelos bens corporais e os prefere aos homens, ou sente rancor por eles, ou tem raiva deles, ou ainda fica sujeito a pensamentos infames. Estes sentimentos são totalmente estranhos à alma que ama a Deus.

[137] *Mateus* 6: 14-15.
[138] *Mateus* 22: 40.
[139] Cf. I *Coríntios* 12: 3.

42. Quando você não diz nem faz nada de infame em seu pensamento, quando você não guarda rancor contra quem o lesou ou falou mal de você, e quando no momento da oração você conserva seu intelecto longe de toda matéria e de toda forma, saiba que você atingiu a medida da impassibilidade e do amor perfeito.

43. Não é pequeno o combate para se livrar da vanglória. Libertamo-nos dela por um exercício oculto das virtudes e por uma prece constante. O sinal da libertação e não guardar mais rancor por quem falou ou fala mal.

44. Se você quiser ser justo, dê a cada parte sua aquilo que lhe cabe, quero dizer, à alma e ao corpo. À parte racional da alma, dê leituras, contemplações espirituais e oração. À parte ardente, dê o amor espiritual que se opõe à aversão. À parte concupiscente, dê a castidade e a temperança. Enfim, à carne, dê alimentos e vestes, apenas na medida do necessário[140].

45. O intelecto age conforme a natureza quando mantém submissas as paixões, contempla as razões dos seres e se dirige a Deus.

46. Assim como a saúde e a doença se veem no corpo das pessoas, como a luz e as trevas se veem nos olhos, também a virtude e o vício se veem na alma, e o conhecimento e a ignorância se veem no intelecto.

47. O cristão encontra seu amor pela sabedoria nestas três causas: nos mandamentos, nos dogmas e na fé. Os mandamentos desligam o intelecto das paixões. Os dogmas o levam ao conhecimento dos seres. A fé o conduz à contemplação da Santíssima Trindade.

48. Dentre os que combatem, uns não fazem mais do que afastar os pensamentos passionais, outros afastam as próprias paixões. Afastamos os

[140] Cf. I *Timóteo* 6: 8.

pensamentos pela salmodia, a prece, a elevação ou qualquer outra atividade apropriada. Afastamos as paixões desprezando as coisas para as quais elas querem nos arrastar.

49. Existem coisas pelas quais nos apaixonamos. Apaixonamo-nos por mulheres, pelo dinheiro, pelos presentes, e outras coisas mais. Podemos esquecer as mulheres quando, depois da anacorese, cansamos o corpo adequadamente por meio da temperança. Esquecemos do dinheiro quando persuadimos o pensamento a se manter dentro daquilo que é apenas necessário. Esquecemos a glória quando amamos a obra oculta das virtudes, que só a Deus aparecem. O mesmo acontece com as outras coisas. Quem as esquece jamais sente aversão por ninguém.

50. Quem renunciou às coisas, às mulheres, ao dinheiro e a todo o resto, fez monge de seu homem exterior, mas ainda não tornou monge seu homem interior. Mas quem renunciou até aos pensamentos passionais sobre estas coisas fez monge seu homem interior, que é o intelecto. É fácil fazer monge ao homem exterior, desde que se queira. Mas não é pequeno o combate para se fazer monge ao homem interior.

51. Quem, nesta geração, libertou-se totalmente dos pensamentos passionais e foi considerado digno da prece sempre pura e imaterial, que é o signo do monge interior?

52. Numerosas paixões estão escondidas em nossas almas. Elas se revelam quando aparecem as coisas pelas quais nós tendemos.

53. Na ausência das coisas, podemos ser perturbados pelas paixões e atingir uma impassibilidade parcial. Mas se as coisas aparecem, logo as paixões arrastam o intelecto.

54. Não considere que você adquiriu a impassibilidade perfeita enquanto estiver ausente a coisa que apela sua paixão. Mas se ela aparecer, e nem ela, nem sua lembrança subsequente o distraírem, saiba que você atingiu as fronteiras da impassibilidade. Entretanto, evite toda e qualquer presunção. Pois se a impassibilidade durar, a virtude destruirá as paixões; mas se for negligenciada, ela as despertará.

55. Aquele que ama a Cristo imita-o de todas as maneiras, na medida em que lhe for possível. Assim, Cristo jamais deixou de fazer o bem a todos os homens. Diante da ingratidão e da blasfêmia, ele era paciente. Ferido, condenado à morte, ele a tudo suportou sem pensar mal de ninguém. Estas três atitudes são a obra de amor ao próximo; sem elas, quem diz que ama a Cristo, ou que encontrou seu Reino, se engana. Pois Cristo afirma: “Não é aquele que me diz: 'Senhor! Senhor!' que entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai[141]”. E também: “Quem me ama, que siga meus mandamentos[142]”, e assim por diante.

56. Os mandamentos do Salvador não tem outro objetivo do que o de libertar o intelecto da desordem e do ódio, conduzi-lo ao amor de Deus e ao próximo, de onde nasce o esplendor do santo conhecimento de suas obras.

57. Se você recebeu de Deus um conhecimento parcial, não negligencie o amor e a temperança. Pois, purificando a parte passional da alma, o amor e a temperança a preparam para o caminho do conhecimento.

58. O caminho do conhecimento é a impassibilidade e a humildade; sem elas, ninguém verá o Senhor.

59. O conhecimento infla e o amor edifica[143]. Una o amor ao conhecimento e você não terá orgulho, tornando-se um construtor espiritual, edificando a si mesmo e edificando os que se aproximarem de você.

---

[141] *Mateus* 7: 21.
[142] *João* 14: 15-23.
[143] Cf. I *Coríntios* 8: 1.

60. Uma vez que o amor não inveja, não se irite contra os invejosos, não exiba aquilo que invejam em você, não imagine já ter alcançado a meta[144] e confesse sem rubor ignorar o que não sabe. Assim o intelecto é separado do orgulho e preparado para progredir no conhecimento.

61. A presunção e a inveja, sobretudo no começo, seguem de certo modo naturalmente o conhecimento. A presunção o segue internamente. A inveja tanto interna quanto externamente; internamente, voltada para os que possuem o conhecimento; externamente, a partir dos que ignoram. Mas o amor reverte estas três coisas: reverte a presunção, por não inflá-la; reverte a inveja interior, porque ele não é invejoso; e reverte a inveja exterior, porque ele é paciente e bom[145]. Assim, é preciso àquele que tem o conhecimento agarrar-se igualmente ao amor, para proteger o intelecto de todo ferimento.

62. Quem recebeu o carisma do conhecimento mas sente azedume, ressentimento ou aversão contra alguém, se parece com alguém que feriu os olhos nos espinhos e cardos. Por isso, o conhecimento necessariamente precisa do amor.

63. Não passe todo o tempo ocupando-se da carne, mas ordene a ela uma ascese que corresponda às suas forças, e volte todo o seu intelecto para o interior. Pois, "o exercício do corpo é útil o seu tanto, mas a piedade é útil em tudo[146]", e assim por diante.

64. Quem se consagra sem descanso às coisas interiores é casto, paciente, bom e humilde. E não apenas isto: ele também contempla, é teólogo, e reza. É o que diz o Apóstolo: "Caminhem pelo Espírito[147]", etc.

[144] Cf. *Filipenses* 3: 13.
[145] Cf. I *Coríntios* 13: 4.
[146] I *Timóteo* 4: 8.
[147] *Gálatas* 5: 16.

65. Quem não sabe marchar sobre o caminho espiritual não toma conta dos pensamentos passionais, mas passa todo o tempo ocupando-se da carne. Ele se atira à gula, ao deboche, à tristeza, à cólera, ao ressentimento. Assim ele entenebrece a inteligência. Ou então, ele abusa da ascese e perturba a reflexão.

66. A Escritura não proíbe nada daquilo que Deus nos deu para nosso uso. Mas ela reprime o abuso e corrige a irracionalidade. Assim, ela não proíbe comer, nem fazer filhos, nem possuir bens e geri-los como se deve. Mas ela proíbe ser guloso, prostituir-se, etc.. Ela também não proíbe de pensar nestas coisas, pois elas foram feitas para isso; mas ela proíbe pensar nelas com paixão.

67. Dentre as ações que fazemos conforme a Deus, algumas fazemos para cumprir os mandamentos. Outras fazemos, não para obedecer a um mandamento, mas, por assim dizer, como uma oferenda voluntária. As primeiras, que respondem por algum mandamento, são por exemplo: amar a Deus e a o próximo, não cometer adultério, não matar, etc. Se os transgredirmos, seremos condenados. As segundas, que não respondem por nenhum mandamento, são por exemplo: a virgindade, o celibato, a pobreza, a anacorese, etc. [Estas ações são como dons.] Se, por fraqueza, não conseguimos cumprir corretamente algum dos mandamentos de Cristo, graças a estes dons atrairemos sobre nós a compaixão de nosso bom Mestre.

68. Aquele que honra o celibato ou a virgindade deve necessariamente manter cingidos os rins e acesa a lâmpada[148]. Os rins, cingidos pela temperança; e a lâmpada, acesa pela oração, a contemplação e o amor espiritual.

[148] Cf. *Lucas* 12: 32.

69. Alguns irmãos pensam que em nada participam dos carismas do Espírito Santo. Por causa de sua negligência em praticar os mandamentos, eles não sabem que quem mantém inalterada a fé em Cristo reúne em si todos os carismas divinos. Uma vez que, pela inércia, estamos afastados do amor ativo que devíamos dedicar-lhe, este amor que nos descortina os tesouros de Deus escondidos em nós, é claro que vamos achar que não temos parte nos carismas divinos.

70. Se Cristo permanecer em nossos corações pela fé[149], segundo o Apóstolo divino, e se os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão escondidos nele[150], então todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos em nossos corações. Mas eles só se revelam ao amor na medida da purificação de cada qual, purificação esta suscitada pelos mandamentos.

71. Este é o tesouro escondido no campo[151] do seu coração, e que você ainda não encontrou devido à sua preguiça. Pois, se você o tivesse encontrado, você teria vendido tudo o que possui para comprar este campo. Mas atualmente você abandonou o campo e procura ao redor dele, onde você não encontra mais do que espinhas e cardos.

72. É por isso que o Salvador disse: "Benditos os corações puros, pois eles verão a Deus[152]". Eles o verão, e verão os tesouros que estão nele quando, pelo amor e a temperança, forem purificados. E tanto mais o verão quanto mais purificados estiverem previamente.

73. É por isso que foi dito: "Vendam tudo o que têm, deem-no em esmola e então para vocês tudo será puro.[153]" Quem o fizer cessará de se ocupar das coisas do corpo, dedicar-se-á a purificá-lo da aversão e da desordem do intelecto, que o Senhor chama de coração. Pois são essas coisas que, manchando o intelecto, não permitem ver a Cristo residindo nele pela graça do santo batismo.

74. A Escritura chama as virtudes de "caminhos". Ora, o amor é a maior de todas as virtudes. É por isso que o Apóstolo dizia: "Eu lhes mostro agora o caminho por excelência[154]", um caminho que os separa das coisas materiais e os protege de preferir o temporal ao eterno.

75. O amor a Deus se opõe à concupiscência, pois ele leva a alma a se abster dos prazeres. E o amor ao próximo se opõe ao ardor, pois ele a faz desprezar a glória e o dinheiro. Estes são os dois dinares que o Salvador deu ao hoteleiro[155] para que ele cuide de você. Mas não seja ingrato, associando-se aos ladrões, pois do contrário você será de novo agredido e será deixado, já não meio-morto, mas verdadeiramente morto por inteiro.

76. Purifique seu intelecto da cólera, do ressentimento e dos pensamentos infames, e então você poderá encontrar em si mesmo a presença de Cristo.

77. Quem o iluminou com esta luz que o faz crer na Santíssima Trindade consubstancial e adorada? Ou quem lhe permitiu conhecer a economia da encarnação do Uno e da Santa Trindade? Quem lhe ensinou as razões dos incorporais, ou da gênese e do fim do mundo visível, ou da ressurreição dos mortos e da vida eterna, ou da glória do Reino dos céus e do terrível Juízo? Não foi a graça de Cristo que permanece em você, esta graça que é a garantia do Espírito Santo? O que existe de maior do que esta graça? O que existe de melhor do que esta sabedoria e este conhecimento? O que existe de mais alto do que estas promessas? Mas, se somos inertes e negligentes, se não nos purificamos das paixões que nos mancham e cegam

[149] Cf. *Efésios* 3: 17.
[150] Cf. *Colossenses* 2: 3.
[151] Cf. *Mateus* 13: 44.
[152] *Mateus* 5: 8.
[153] *Lucas* 11: 41 e 12: 33.
[154] I *Coríntios* 12: 31.
[155] Cf. *Lucas* 10: 35.

nosso intelecto, para nos tornarmos capazes de ver, mais claro do que o sol, as razões destas coisas, ao menos não as atribuamos a nós mesmos, não neguemos a presença da graça em nós.

78. Deus, que lhe prometeu os bens eternos[156] e que deu a seu coração a garantia do Espírito[157], ordenou a você velar sobre sua vida, a fim de que o homem interior, liberto das paixões, comece desde já a usufruir dos bens que virão.

79. Se você foi considerado digno das mais altas contemplações divinas, aplique-se de todo coração ao amor e à temperança, a fim de que, guardando sem perturbação aquilo que em você está submetido às paixões, você não seja privado da luz de sua alma.

80. Refreie o ardor de sua alma por meio do amor. Submeta seu desejo por meio da temperança. Dê asas à sua razão por meio da prece. Assim, a luz de seu intelecto não se extinguirá jamais.

81. Estes são os comportamentos que destroem o amor: o desprezo, a injustiça, a calúnia relativa à fé e à conduta, os golpes, os ferimentos, etc., quer estes comportamentos visem a pessoa em causa, quer um de seu próximos ou amigos. Aquele que destrói o amor com estes comportamentos, não conhece o objetivo dos mandamentos de Cristo.

82. Aplique-se o quanto puder em amar a todos os homens. Se você ainda consegue, ao menos não odeie a ninguém. Mas você também não conseguirá fazer isto se não desprezar as coisas do mundo.

83. Alguém blasfemou? Não o despreze, mas deteste a blasfêmia e o demônio que o levou a blasfemar. Mas se você detesta aquele que blasfemou, você odeia a um homem e assim você transgrediu um mandamento. Aquilo que este homem fez por palavras, você o faz em ação. Mas se você conservar o mandamento, você dará prova de amor. Ajude este homem o mais que puder, a fim de livrá-lo do mal.

84. Cristo não quer que você sinta contra um homem a menor aversão, o menor azedume, a menor cólera ou o menor ressentimento por qualquer coisa temporal, qualquer que seja. É isto o que proclamam os Evangelhos todo o tempo.

85. Muitos falam, poucos fazem. Mas ninguém deve alterar a palavra de Deus por sua própria negligência. Devemos confessar nossa fraqueza e não escondermos a verdade de Deus, a fim de não sermos acusados, ou de transgressão dos mandamentos, ou de má interpretação da palavra de Deus.

86. O amor e a temperança libertam a alma das paixões. A leitura e a contemplação separam o intelecto da ignorância, e o estado de prece o conduz diante do próprio Deus.

87. Quando os demônios nos veem desprezar as coisas do mundo para não odiarmos os homens por causa delas e assim decairmos do amor, então eles suscitam calúnias contra nós a fim de que, não suportando a tristeza, odiemos os caluniadores.

88. Não há pena maior para a alma do que a calúnia, quer sejamos caluniados na fé, quer na conduta. Ninguém consegue se livrar dela, senão aquele que, como Suzana[158], olha para Deus, o único que nos pode livrar, como a ela, das infelicidades, mostrar aos homens toda a verdade, como fez por ela, e consolar a alma por meio de esperança.

89. Quanto mais você rezar com toda a sua alma por aquele que o

[156] Cf. *Tito* 1: 2.
[157] Cf. II *Coríntios* 1: 22.
[158] Cf. *Daniel* 13.

caluniou, mais Deus mostrará a verdade aos que haviam se escandalizado.

90. Somente Deus é bom por natureza[159]. E somente aquele que imita a Deus é bom por resolução. Pois seu objetivo é unir aos maus Àquele que é bom por natureza, para que eles se tornem bons. É por isso que, ultrajado por eles, ele os abençoou; perseguido, ele suportou; difamado, ele intercedeu[160]; levado à morte, ele ainda orou por eles. Ele fez tudo para não decair do objetivo do amor, que é nosso próprio Deus[161].

91. Os mandamentos do Senhor nos ensinam a usar racionalmente as coisas que estão em nosso meio. O uso racional dessas coisas purifica o estado da alma. E o estado de pureza gera a impassibilidade, da qual nasce o amor perfeito.

92. Aquele que, submetido a uma tentação, não é capaz de fechar os olhos para falta real ou aparente de seu amigo, ainda não possui a impassibilidade. Pois as paixões enterradas na alma, profundamente perturbadas, cegam a reflexão e não permitem ver a luz da verdade, e discernir o melhor do pior, Este homem ainda não adquiriu o amor perfeito, o amor que extingue o temor do Juízo[162].

93. Nada vale mais do que um amigo fiel[163]. Pois ele considera que as agruras de seu amigo são suas, e suporta com ele sofrendo-as até a morte.

94. Muitos são os amigos no tempo da prosperidade[164]; mas quando chegam as provações, dificilmente encontramos um sequer.

95. É preciso amar a todos os homens com toda a alma, colocar apenas em Deus a esperança e honrá-lo com toda a força. Pois enquanto ele nos protege, os amigos nos cercam e os inimigos nada podem contra nós. Mas se ele nos abandona, os amigos se afastam de nós e os inimigos se atiram sobre nós.

96. Existem quatro formas principais de abandono. O que deriva da economia divina – foi o que aconteceu ao Senhor – a fim de que, pelo abandono aparente, os que foram abandonados sejam salvos. Aquele que conduz a uma prova – que aconteceu a Jó e a José – a fim de revelar em um uma coluna de coragem e no outro uma coluna de castidade. O que se refere à educação paterna – que aconteceu ao Apóstolo – a fim de que, humilhando-se, ele guardasse a superabundância da graça. Enfim, aquele pelo qual Deus se retira – o que aconteceu com os judeus – a fim de que, castigados, eles se inclinassem para o arrependimento. Todas estas formas de abandono são salutares e cheias de bondade de Deus e de seu amor pelo homem.

97. Os que observam rigorosamente os mandamentos e são realmente iniciados nos julgamentos divinos, não abandonam seus amigos quando Deus permite que eles sejam testados. Mas os que desprezam os mandamentos e não são iniciados nos julgamentos divinos, regozijam-se com seus amigos quando eles prosperam, mas o abandonam quando ele é testado e sofre, e muitas vezes se acertam com seus adversários.

98. Os amigos de Cristo amam verdadeiramente a todos os seres, mas não são amados por todos. Os amigos do mundo também não são amados por todos. Os amigos de Cristo perseveram até o fim em seu amor. Mas os amigos do mundo perseveram até que o mundo os leve a se voltarem uns contra os outros.

---

[159] Cf. *Mateus* 19: 17.
[160] Cf. I *Coríntios* 4: 12-13.
[161] Cf. I *João* 4: 8.
[162] Cf. I *João* 4: 18.
[163] *Eclesiastes* 6: 15.
[164] Cf. *Provérbios* 18: 4.

99. Um amigo fiel é uma sólida proteção[165]. Para o amigo que prospera ele é um bom conselheiro e uma ajuda fraternal. Para o amigo que sofre, ele é no mais alto grau uma verdadeira providência e um defensor compassivo.

100. Muitos falaram abundantemente do amor. Mas se você procurar o próprio amor, você só o encontrará nos discípulos de Cristo. Pois somente eles têm como mestre do amor o Amor verdadeiro, este amor do qual se disse: "Ainda que eu tenha o dom da profecia, ainda que eu conheça todos os mistérios e toda a ciência, se eu não possuir o amor, de nada me valerão essas coisas[166]". Assim, aquele que possui o amor possui a Deus mesmo, pois "Deus é amor[167]".

A ele a glória e o poder por todos os séculos. Amém.

[165] Cf. *Eclesiastes* 6: 14.
[166] Cf. I *Coríntios* 13: 2.
[167] I *João* 4: 8.

CENTÚRIAS SOBRE A TEOLOGIA E A ECONOMIA DA ENCARNAÇÃO DO VERBO DE DEUS

PRIMEIRA CENTÚRIA

1. Existe um único Deus, sem começo, incompreensível, que guarda em si absolutamente todo o poder de ser, e que exclui totalmente tudo o que se possa pensar em relação ao quando e ao começo de seu ser. Pois ele é inacessível a todos, e ele não se deu a conhecer a nenhum ser em uma aparência natural.

2. Deus não é em si mesmo aquilo que podemos saber dele. Ele não possui nem começo, nem meio, nem fim, nem absolutamente do que podemos contemplar naturalmente nestas condições. Pois ele não possui limites, ele é imóvel e infinito uma vez que está infinitamente além de toda essência[168], de toda potência[169] e de toda energia[170].

3. Toda essência que traz em si mesma seu próprio limite está naturalmente na origem dom movimento segundo sua potência. Ora, todo movimento natural que conduz à energia, concebido com a essência, mas concebido antes da energia, é um meio, pois está naturalmente dividido entre as duas (Essência e energia) para ser o meio. E toda energia naturalmente cumprida por sua própria razão é o fim do movimento da essência, movimento este que foi concebido antes dela.

[168] *Ousia*: designa o ser de Deus, incriado e inacessível.
[169] *Dynamis*: designa tanto o movimento que leva do incriado ao criado como uma faculdade da alma, capaz do movimento recíproco do criado para o incriado.
[170] *Energeia*: a mesma palavra designa a potência do criado no homem e a potência do Incriado: o Espírito Santo.

4. Deus não é essência, no sentido daquilo a que chamamos essência, absoluta ou relativamente, ainda que ele seja também o começo. Ele também não é potência, no sentido daquilo a que chamamos potência. Ele tampouco é energia, no sentido daquilo a que chamamos energia, absoluta ou relativamente, mesmo que ele também seja o fim do movimento da essência, movimento este conforme sua potência, antes da energia. Mas ele é o criador da essência e uma entidade mais elevada do que a essência. Ele é o criador da potência e uma fundação mais elevada do que a potência. E ele é a atividade sem fim de toda energia, atividade que, em uma palavra, é criadora de toda essência, de toda potência, de toda energia, assim como de todo começo, todo meio e todo fim.

5. O começo, o meio e o fim são os sinais distintivos daquilo que está repartido no tempo. Podemos dizer – verdadeiramente – que eles são os signos distintivos daquilo que o olhar abarca no século. Pois o tempo, que é a medida de todo movimento, é determinado pelo número. E o século[171], cujo atributo temporal é concebido com a existência, conhece a ruptura, pois ele recebeu do ser o seu começo. Ora, se o tempo e o século não são estranhos ao começo, quanto mais aquilo que está contido neles.

6. Deus é, propriamente falando, sempre um e único conforme a natureza. Ele contém em si tudo o que existe no sentido próprio, pois ele próprio é mais alto do que o sentido próprio. Sendo assim, nada daquilo do qual se diz ser possui absolutamente e em parte alguma um ser em sentido próprio. Portanto, é impossível considerar que aquilo que é diferente dele segundo a essência esteja com ele por toda eternidade: nem o século, nem o tempo, nem nada que esteja neles. Pois aquilo que é no sentido próprio e aquilo que não é no sentido próprio jamais se confundem.

7. Nenhum começo, nenhum meio e nenhum fim exclui totalmente o atributo da relação. Ora, Deus, que em tudo está num infinito infinitamente além de toda relação, certamente não é nem começo, nem meio, nem fim, nem absolutamente nada que possa ser considerado como atributo de relação.

8. Todos os seres são ditos inteligíveis. Eles possuem em si princípios que revelam os conhecimentos que temos deles. Ora, Deus não é chamado inteligível, mas pelos inteligíveis nós simplesmente cremos que ele é. É por isso que nenhum dos inteligíveis pode se comparar a ele por qualquer modo que seja.

9. Os conhecimentos dos seres têm suas próprias razões, ligadas conjuntamente a uma prova, por meio das quais eles se deixam definir naturalmente. Mas pelas razões que estão nos seres podemos apenas crer que Deus é, ele que deu aos que o veneram, mais fundamentais do que qualquer prova, a confissão e a fé de que ele é soberanamente. Pois a fé é o verdadeiro conhecimento; ela traz consigo as origens indemonstráveis. Com efeito, ela é o fundamento das coisas que ultrapassam o intelecto e a razão[172].

10. Deus, que faz por meio de sua energia sem dela participar, é começo, meio e fim dos seres. Ele é também todos os demais nomes pelos quais o chamamos. Ele é começo, por que é Criador; ele é meio, pois ele é Aquele que provê; e ele é fim, porque ele encerra. De fato, se diz que tudo é dele, por ele e para ele[173].

11. Não existe alma dotada de razão que, em sua essência, seja mais digna de honra do que outra alma dotada de razão. Pois Deus, tendo em sua bondade criado todas as almas à sua imagem, deu a elas o movimento que as conduz ao ser. Cada alma, conforme sua resolução, ou bem escolhe a

---

[171] *Aion*: indica uma fase do tempo compreendida entre um começo e um fim, e oferecida à eternidade.

[172] Cf. *Hebreus* 11: 1.

[173] Cf. *Romanos* 11: 36.

honra, ou bem, por suas obras, se dirige voluntariamente para a desonra.

12. Deus é o sol de justiça, como está escrito[174]. Ele faz brilhar os raios da bondade, simplesmente, para todos. Mas a alma, conforme sua resolução, é naturalmente, ou bem cera – se ama a Deus – ou bem argila, se ama a matéria. Portanto, da mesma forma como a argila, por sua natureza, resseca ao sol, e a cera ao sol naturalmente amolece, também toda alma que ama a matéria e o mundo, ao ser condenada por Deus e fazer por sua resolução uma imagem de argila, endurece e se precipita como o Faraó para a perdição[175]. Mas toda alma que ama a Deus amolece como a cera e, recebendo as imagens e as marcas das coisas divinas, torna-se no Espírito uma morada de Deus[176].

13. Aquele que, por pensamentos divinos, iluminou o intelecto, que, pelos hinos divinos, acostumou sua razão a venerar sem descanso o Criador, e que, por meio de imagens puras e sem mescla santificou os sentidos, este acrescentou à beleza natural da imagem o bem espiritual da semelhança.

14. Guardamos a alma de toda mancha por amor a Deus se nos esforçamos por pensar somente em Deus e em suas virtudes, se fazemos da razão o justo intérprete que as explica, e se ensinamos os sentidos a perceber com toda piedade o mundo visível e todas as coisas nele, para que elas transmitam à alma a grandeza das razões no coração das coisas.

15. Deus, que nos livrou da amarga escravidão à qual nos tinham submetido os demônios que nos tiranizavam, nos deu o jugo benfazejo da veneração divina: a humildade. Por meio dela todas as potências diabólicas são domadas, e tudo é bom e se conserva puro naqueles que a escolheram.

16. Quem crê conhece o temor. Quem crê é humilde. Quem é humilde é manso, pois recebeu o estado que detém os movimentos contra a natureza suscitados pelo ardor e pelo desejo. Quem é manso observa os mandamentos. Quem observa os mandamentos é purificado. Quem é purificado é iluminado. E quem é iluminado é considerado digno de habitar com o Esposo, o Verbo, no tesouro dos mistérios.

17. Assim como um cultivador que busca um terreno conveniente para transplantar árvores rústicas e se depara com um tesouro inesperado, também todo asceta humilde, simples, imberbe em sua alma isenta de qualquer pilosidade material, interrogado pelo Pai, como aconteceu com o bem-aventurado Jacó a respeito do modo como caçara – "Como você encontrou tão depressa, meu filho?" – responde: "O Senhor Deus fez vir a caça ao meu encontro[177]". Com efeito, quando Deus nos concede as sábias contemplações de sua própria sabedoria, sem que tenhamos que penar e quando menos o esperamos, consideremos termos encontrado subitamente um tesouro espiritual. Pois o asceta experiente é um cultivador espiritual que transplanta a percepção do sensível, como uma árvore rústica, para o campo do inteligível, e encontra aí um tesouro[178]: por intermédio da graça, a revelação da sabedoria que há nos seres.

18. O conhecimento das contemplações divinas que cai subitamente sobre um asceta sem que este esperasse, por humilde, destrói o pensamento daquele que, penosamente e com esforço, as procura para ostentá-las e não as encontra. Então surge no insensato o ciúme contra seu irmão, ideias de morte e amargura, porque ele não pode inchar de orgulho com os louvores.

19. Aqueles que buscam penosamente pelo conhecimento e não o encontram, fracassam, seja por incredulidade, seja porque, por sua incapacidade, invejam os que conhecem e se revoltam contra eles como outrora o povo contra Moisés. Destes, a Lei dirá justamente que alguns

[174] Cf. *Malaquias* 3: 20.
[175] Cf. *Êxodo* 7: 13, etc.
[176] Cf. *Efésios* 2: 22.

[177] *Gênesis* 27: 30.
[178] Cf. *Mateus* 13: 44.

transgrediram e subiram a montanha, e que o Amorreu que nela habitava saiu e os matou[179]. É preciso, com efeito, que aqueles que, por ostentação, contradizem a virtude, não apenas sejam desviados, porque falseiam a piedade, mas que sejam também mortos pela consciência.

20. Quem busca o conhecimento para ostentação e não o encontra, que não inveje seu próximo nem se aflija. Ao contrário, prepare-se, aderindo a alguma ascese que lhe esteja ao alcance, como foi ordenado. Apronte-se pela ação, colocando todos os seus cuidados primeiramente em seu corpo, para preparar a alma para o conhecimento.

21. Aqueles que se dirigem diretamente ao seres com piedade e sem conceber nenhum modo de ostentação, encontrarão, indo ao seu encontro, as contemplações luminosas dos seres, estas contemplações que lhes permitirão conhecer a si mesmos mais rigorosamente. É deles que diz a Lei: "Entrem e herdem as cidades grandes e ricas que vocês não construíram, casas cheias de riquezas que vocês não encheram, poços abertos que vocês não cavaram, vinhas e olivais que vocês não plantaram[180]". Pois quem não vive para si mas para Deus[181], locupleta-se com todos os carismas, estes carismas que não se dão a conhecer enquanto as paixões impõem sua perturbação.

22. A sensação pode se expressar de duas maneiras. Existe uma sensação passiva, ligada ao hábito: quando dormimos, ela não percebe nada do que está diante de nós e não serve para nada porque ela não está tensionada para a ação. E existe uma sensação ativa, ligada à energia, pela qual percebemos as coisas sensíveis. Da mesma maneira, o conhecimento é duplo. Um é conhecedor: ele nomeia por costume as razões dos seres, mas não serve para nada por não estar tensionado para a energia dos mandamentos. O outro é prático, ligado à energia: ela considera como verdadeira esta compreensão dos seres pela experiência.

23. Enquanto passa despercebido, o hipócrita se mantém calmo. Ele busca a glória fingindo-se justo. Mas quando é pego na mentira, profere palavras venenosas. Ele tenta assim encobrir sua própria feiura com injúrias dirigidas aos outros. A palavra de Deus o comparou à prole da víbora, por sua perfídia, e o condenou a produzir frutos dignos de arrependimento[182], ou seja, a transformar em modos aparentes a disposição oculta em seu coração.

24. Alguns dizem que é selvagem todo animal que vive nos ares, sobre a terra ou no mar e que é considerado impuro pela Lei[183], mesmo que por seu comportamento ele pareça domesticado. A palavra de Deus dá assim a todo homem um nome de animal, que corresponde à própria paixão de cada um.

25. Quem simula amizade para prejudicar seus vizinhos é como um lobo que esconde suas más intenções sob uma pele de cordeiro. Quando ele descobre neles uma conduta ou palavra pura, maquinada ou dita com simplicidade segundo Cristo, ele se apodera dela e a destrói. Espalhando difamações aos milhares, ele ataca as palavras e as condutas dos irmãos, como um espião da liberdade que eles têm em Cristo[184].

26. Quem, por malícia, finge silêncio, estende uma armadilha ao seu próximo[185]. Se fracassa, retira-se, acrescentando o sofrimento à sua própria paixão. Mas o que se cala para prestar um serviço faz crescer a amizade, e se vai alegremente porque recebeu a iluminação que liberta das trevas.

27. Quem, numa assembleia, interrompe bruscamente uma leitura, mostra que não superou a vanglória; é um doente. Tomado pela vaidade, coloca

[179] Cf. D*euteronômio* 1: 43-44.
[180] *Deuteronômio* 6: 10-11.
[181] Cf. II *Coríntios* 5: 15.
[182] Cf. *Mateus* 3: 7-8.
[183] Cf. *Levítico* 11: 1-43.
[184] Cf. *Gálatas* 2: 4.
[185] Cf. *Provérbios* 26: 24.

inúmeras proposições, como se fossem caminhos e atalhos, porque o que ele quer é quebrar o encadeamento do que está sendo dito.

28. O sábio ensina e é ensinado, ele quer aprender e ensinar apenas as coisas que são úteis. Quem só é sábio em aparência, quando interroga ou é interrogado, só coloca questões supérfluas.

29. Um homem que partilha da graça dos bens de Deus está obrigado a transmiti-los em abundância a outros. Pois foi dito: "Vocês receberam gratuitamente, deem gratuitamente[186]". Quem esconde um dom acusa o Senhor de ser avaro[187]. Economiza a carne para recusar a virtude. E quem vende a verdade aos inimigos será logo condenado por ter amado a vanglória, e se perderá, não suportando a vergonha[188].

30. Aqueles que temem o combate contra as paixões e têm medo das agressões dos inimigos, devem se calar, ou seja, não tentar refutar os inimigos para sustentar a virtude, mas, pela oração, remeter a Deus o cuidado de velar por eles. É destes que foi dito no Êxodo: "O Senhor combaterá por vocês; detenham-se[189]". E aqueles que, depois da desaparição de seus perseguidores, passam a buscar os modos de virtude a fim de aprender com gratidão, só têm uma coisa a fazer: manter aberto o ouvido do intelecto. É deles que foi dito: "Escute, Israel[190]". Enfim, ao que procura ardentemente o conhecimento para se purificar, a este convém a segurança que é dada pela piedade. A ele será dito: "Porque você me chama?[191]" Assim, a quem o silêncio foi imposto pelo temor, convém fugir para Deus. Aquele a quem foi prescrito escutar deve estar pronto a obedecer aos mandamentos. Enfim, aquele que possui o conhecimento deve suplicar incessantemente, para permanecer livre do mal e dar graças por ter parte no bem.

31. Uma alma jamais consegue tender para o conhecimento de Deus se o próprio Deus, descendo até ela, não a tocar e a levar consigo. Pois o intelecto humano não pode se elevar até perceber uma iluminação divina se o próprio Deus não o puxar para cima, na medida em que o intelecto humano consegue ser arrebatado, e não o iluminar com os esplendores divinos.

32. Aquele que imita os servidores do Senhor não recusa, por causa dos Fariseus, caminhar no sábado pelos campos de trigo e colher as espigas[192]. Ao contrário, tornado impassível a partir do conhecimento prático, ele colhe as razões das criaturas, nutrindo-se piedosamente da ciência divina dos seres.

33. Aquele que é simplesmente fiel e segue o Evangelho, é capaz, pela ação, de mover a montanha de sua malícia[193]. Ele afasta de si seu primitivo pendor para a errância das coisas submetidas à sensação. Aquele que pode ser discípulo e que recebe das mãos do Verbo migalhas do pão do conhecimento alimenta milhares de homens[194]: pela ação ele mostra o poder multiplicado do Verbo. Mas quem é capaz de se tornar apóstolo, cura as doenças e enfermidades e expulsa os demônios[195], isto é, põe em fuga a energia das paixões e cura os doentes, por intermédio da esperança, devolvendo ao estado de piedade os que dela estavam privados, e conforta pelas palavras do Juízo os que esmoreciam no desleixo. Pois, exortado a caminhar sobre serpentes e escorpiões[196], ele abole o começo e o fim do pecado.

---

[186] M*ateus* 10: 8.
[187] Cf. *Mateus* 25: 24.
[188] Cf. *Mateus* 27: 3-5.
[189] *Êxodo* 14: 14.
[190] *Deuteronômio* 6: 4.
[191] *Êxodo* 14: 15.
[192] Cf. *Mateus* 12: 1-2.
[193] Cf. *Mateus* 17: 20.
[194] Cf. *Mateus* 14: 19-20.
[195] Cf. *Mateus* 10: 1-8.
[196] Cf. *Lucas* 10: 19.

34. O apóstolo e o discípulo são fiéis em todos os casos. O discípulo nem sempre é apóstolo, mas é sempre fiel. Aquele que é apenas fiel não é nem discípulo nem apóstolo. Entretanto, por sua conduta e sua contemplação, ele pode chegar à ordem e à dignidade do segundo, e este pode alcançar a ordem e a dignidade do primeiro.

35. Aquilo que foi criado no tempo e conforme o tempo está submetido a um fim e colocará um termo ao seu crescimento segundo a natureza. Mas aquilo que é feito pela ciência de Deus conforme a virtude, uma vez chegado ao fim retorna ao crescimento. O fim das primeiras coisas é o começo de outras. Pois quem, pelas virtudes, segundo a ação, inverteu em si próprio o fundamento das coisas corruptíveis, abre o caminho para outras configurações mais divinas. Deus jamais cessa de fazer o bem, o qual não tem início. Da mesma forma, com efeito, como a qualidade da luz é iluminar, também é próprio de Deus fazer o bem. É por isso que na Lei, que expõe o curso das coisas tais como elas nascem e morrem segundo o tempo, o sábado é honrado com o repouso, mas no Evangelho, que ensina o estado das coisas inteligíveis, este mesmo sábado é iluminado pela bem-aventurança das boas obras, ainda que isto irritasse aqueles que não sabiam que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado, e que o Filho do homem é Senhor inclusive do sábado[197].

36. Existe na Lei dos Profetas um sábado[198], sábados[199] e sábados de sábados[200]. Do mesmo modo, há uma circuncisão e uma circuncisão da circuncisão[201], uma colheita[202] e uma colheita da colheita, conforme foi dito: "Quando vocês colherem sua colheita[203]". O primeiro termo significa a completude da filosofia prática, física e teológica. O segundo significa a libertação do devir e das razões do devir. O terceiro significa a obtenção e o pleno proveito das razões mais espirituais dos sentidos e do intelecto. Existem assim três termos para cada uma das coisas que mencionamos, para que aquele que possui o conhecimento saiba por que razão Moisés celebrou o sábado morrendo fora da terra santa[204], por que razão José circuncidou os filhos de Israel depois da passagem do Jordão[205] e por que razão aqueles que herdam a boa terra levam a Deus, em grande quantidade, a oferenda da dupla colheita[206].

37. O sábado é a impassibilidade da alma dotada de razão que, pelo conhecimento prático, apaga totalmente os estigmas do pecado.

38. Os sábados são a liberdade da alma dotada de razão, que, pela contemplação natural do espírito, está separada desta energia que, conforme a natureza, atua sobre os sentidos.

39. Os sábados dos sábados são a calma espiritual da alma dotada de razão, que despojou o intelecto de todas estas razões mais divinas que estão nos seres. No êxtase amoroso ela se revestiu somente de Deus, e pela teologia mística tornou o intelecto inteiramente imóvel diante de Deus.

40. A circuncisão é aquilo que, referente ao devir, afasta da alma o estado passional.

41. A circuncisão da circuncisão é a rejeição que, referente ao devir, elimina totalmente até os movimentos naturais da alma.

---

[197] Cf. *Marcos* 2: 27-28
[198] Cf. *Isaías* 66: 23.
[199] Cf. *Êxodo* 16: 23.
[200] *Levítico* 16: 31.
[201] Cf. *Gênesis* 17: 13.
[202] Cf. *Gênesis* 8: 22.
[203] *Levítico* 23: 10.
[204] Cf. *Deuteronômio* 24: 5.
[205] Cf. *Josué* 5: 3.
[206] Cf. *Levítico* 23: 10-11.

42. A colheita da alma dotada de razão é a arte de recolher e reconhecer as razões mais espirituais dos seres, segundo a virtude e segundo a natureza.

43. A colheita da colheita é – inacessível antes da contemplação mística das coisas inteligíveis – a compreensão de Deus que se organiza de forma incognoscível para o intelecto. É desta compreensão que testemunha, como convém, aquele que honra o Criador a partir das criaturas visíveis e invisíveis.

44. Existe ainda outra colheita ainda mais espiritual. É aquela que é chamada colheita de Deus. Existe também outra circuncisão mais secreta. E existe outro sábado mais oculto, no qual Deus, celebrando o sábado, repousa de suas obras. Tudo isso foi dito: "A colheita é grande, mas poucos são os trabalhadores[207]". E: "A circuncisão do coração no espírito[208]". E: "Deus bendisse o sétimo dia e o santificou. Pois ele repousou de todas as coisas que havia feito[209]."

45. A colheita de Deus está em todo lugar aonde repousam e permanecem aqueles que são dignos de estar nele no final dos séculos.

46. A circuncisão do coração no espírito é a eliminação total das energias naturais dos sentidos e do intelecto referente às coisas sensíveis e inteligíveis, pela chegada do Espírito que transfigura imediata e totalmente o corpo e a alma, em vista daquilo que é mais divino.

47. A celebração do sábado de Deus é a total finalização dos seres nele. Ele fará então com que a energia mais divina inefavelmente cumprida repouse da energia natural que ele desdobrou no seio das criaturas. Pois pode ser que Deus repouse da energia natural que se encontra em cada ser (esta energia pela qual cada ser se move naturalmente), no momento em que cada um, depois de haver recebido segundo sua medida a energia divina, determinar ele próprio em relação a Deus sua própria energia segundo a natureza.

48. Os monges zelosos devem procurar quais são as obras cuja gênese se pode pensar ter sido iniciada por Deus, e quais são aquelas que, ao contrário, ele não iniciou. Pois se ele repousou de todas as obras que ele começou por criar, está claro que ele não repousou daquelas que ele não começou. As obras de Deus que começaram a ser no tempo não são senão todos os seres que participam, tais como as diferentes espécies de seres. Pois nessas obras o não-ser é mais antigo do que o ser. Houve um tempo em que os seres participantes não existiam. E as obras de Deus que sem dúvida não começaram com o tempo são os seres "participados", dos quais, pela graça, os seres participantes têm participação: por exemplo, a bondade e tudo o que está contido no termo e simplesmente toda vida, imortalidade, simplicidade, imutabilidade, infinitude, e aquilo que é essencialmente contemplado em torno dele. Estas também são obras de Deus, e elas não começaram com o tempo. Pois aquilo que não existia não é mais antigo do que a virtude, nem do que as coisas que mencionamos, mesmo se aquilo que participa dessas coisas tenha começado a ser com o tempo. Pois as virtudes nunca começaram: o tempo não é mais antigo do que elas, uma vez que Deus e somente Deus engendra eternamente o ser.

49. Deus se ergue infinitamente ao infinito acima dos seres participantes e participados. Pois tudo o que significa razão de ser é obra de Deus, ainda que determinada coisa segundo a gênese tenha começado a ser com o tempo, e se determinada outra coisa segundo a graça esteja infundida nas criaturas, como uma potência inata que proclama fortemente que Deus está em todos.

50.Tudo o que é imortal e a própria imortalidade, tudo o que é vivo e a própria vida, tudo o que é santo e a própria santidade, tudo o que é virtuoso e a própria virtude, tudo o que é bom e a própria bondade, tudo o que é e a

---

[207] *Mateus* 9: 37.
[208] *Romanos* 2: 29.
[209] *Gênesis* 2: 3.

própria ipseidade, são evidentemente obras de Deus. Mas algumas começaram a ser com o tempo. Houve um tempo em que não existiam nem virtude, nem bondade, nem santidade, nem imortalidade. E é por participarem daquilo que não começou com o tempo que as coisas que começaram com o tempo são o que são e têm os nomes que têm. Pois Deus é o Criador de toda vida, de toda imortalidade, de toda santidade, de toda virtude. Ele se ergue acima da essência de tudo o que pensamos e nomeamos.

51. Segundo a Escritura, o sexto dia introduziu a finalização dos seres submetidos à natureza. No sétimo dia termina o movimento da temporalidade. E o oitavo dia significa o modo do estado mais elevado do que a natureza e o tempo.

52. Quem passa o sexto dia apenas conforme a Lei, fugindo da potência ativa das paixões que afligem a alma, atravessa sem temor o mar e se encaminha para o deserto[210]. Este celebra o sábado pela simples detenção das paixões. Mas quem atravessa o Jordão e se desembaraçou deste estado no qual nada se faz além de deter as paixões entra na herança das virtudes[211].

53. Quem passa o sexto dia como manda o Evangelho, depois de haver inicialmente destruído os primeiros movimentos do pecado, chega, por meio das virtudes, ao estado de impassibilidade desprovido de qualquer malícia. Em seu intelecto ele celebra o sábado que detém esta pura imaginação das paixões. Mas quem atravessou o Jordão penetra no país do conhecimento, aonde o intelecto, por tanto tempo secretamente edificado pela paz, se torna a morada de Deus no Espírito[212].

54. Quem cumpriu divinamente em si mesmo o sétimo dia pelas obras e os pensamentos necessários, e que, com Deus, executou com sucesso suas próprias obras, ultrapassou pela compreensão toda hipóstase daquilo que está submetido à natureza e ao tempo e penetrou na contemplação mística dos séculos e das coisas eternas: este celebra o sábado no "desconhecimento", em seu intelecto, pelo total abandono e a total superação dos seres. Mas quem foi considerado digno do oitavo dia ressuscitou dos mortos, vale dizer, de todo o sensível e de todo o inteligível, de todas as palavras e de todos os pensamentos que seguem a Deus. Este vive a vida bem-aventurada de Deus, a única que pode ser chamada de vida e que é vida verdadeiramente. Assim, pela deificação, ele próprio se torna Deus.

55. O sexto dia é o cumprimento total das energias naturais dos ativos que praticam a virtude. O sétimo dia é o término e o repouso dos pensamentos naturais dos contemplativos que recebem o conhecimento inefável. O oitavo dia é a mudança da ordem, que faz passar à deificação aqueles que dela são dignos. Mostrando sem dúvida estes sétimo e oitavo dias mais misticamente do que nunca, o Senhor chamou de dia e hora do cumprimento[213], uma vez que tal dia finaliza completamente os mistérios e as razões de todas as coisas. Não é possível às potências celestes e terrestres conhecer este dia antes de tê-los experimentado. Isto só é possível à Divindade bem-aventurada que fez estas coisas[214].

56. O sexto dia significa a razão de ser dos seres. O sétimo dia designa o modo do bem estar dos seres. O oitavo dia anuncia o mistério inefável do bem estar eterno dos seres.

57. Sabendo que o sexto dia é o símbolo da energia ativa, quitemos neste dia toda a dívida das obras da virtude, para que também de nós seja dito: "E Deus viu tudo o que havia feito, e viu que era muito bom[215]".

---

[210] *Êxodo* 15: 19-22.
[211] Cf. *Josué* 3.
[212] Cf. *Efésios* 2: 22.
[213] Cf. *Mateus* 13: 39 e 24: 36.
[214] Cf. *Mateus* 24: 36.
[215] *Gênesis* 1: 31.

58. Aquele que por intermédio do corpo coloca todo seu cuidado na diversidade bem ordenada das virtudes quita a dívida da bela obra louvada por Deus.

59. Quem finalizou completamente a preparação das obras da justiça alcança o repouso da contemplação gnóstica, pela qual, abraçando divinamente as razões dos seres, repousa do movimento do intelecto que envolve esta contemplação.

60. Quem participou do repouso do sétimo dia que Deus dispôs para nós participará igualmente de sua energia do oitavo dia na deificação que ele nos oferece, vale dizer, no repouso místico por meio do qual ele próprio deixou no túmulo o lençol posto e o sudário da cabeça[216]. Aqueles que os veem, como Pedro e João, creem que o Senhor ressuscitou.

61. O túmulo do Senhor é tanto este mundo quanto o coração de cada um dos fiéis. O lençol são as razões das coisas sensíveis e, com elas, os modos da virtude. O sudário é o conhecimento simples e invariável das coisas inteligíveis, e com ele, a teologia possível. É por intermédio dessas coisas que o Verbo dá a conhecer inicialmente, pois, sem elas, sua compreensão, que as ultrapassa, nos é totalmente inacessível.

62. Aqueles que sepultaram honrosamente o Senhor vê-lo-ão ressuscitar em glória, ele que permanece invisível para todos os que não o fizeram. Pois seus adversários já não o podem alcançar, uma vez que ele não tem mais o invólucro das coisas exteriores, pelo qual ele parecia estar entregue nas mãos dos que o perseguiam e pelo qual ele suportou sofrer para a salvação de todos.

63. Aquele que sepultou o Senhor honrosamente é venerado pelos que amam a Deus. Pois ele o livrou convenientemente da exposição e do opróbrio, ele não deixou aos infiéis sua crucificação sobre o lenho como um objeto de blasfêmia. Os que selaram o túmulo e lá colocaram soldados[217] fizeram com isto uma coisa odiosa. Eles caluniaram o Verbo ressuscitado, dizendo que ele havia sido roubado[218]. Assim como eles usaram com dinheiro o falso discípulo para que ele traísse (falo do modo ostensivo da virtude), também assim eles obrigaram os soldados para que caluniassem o Salvador ressuscitado. Quem possui o conhecimento sabem que o que eles disseram era aparente. Este não ignora como e de que maneira ele foi crucificado, sepultado e como ressuscitou no Senhor. Ele fez morrer os pensamentos passionais depositados no coração pelos demônios. Diante das tentações ele divide, como as vestimentas, os modos da beleza moral. E ele destrói, como os selos, as imagens dos pecados de presunção colocados sobre a alma[219].

64. Todo homem que ama o dinheiro e contraria a virtude por precaução, ao se ver procurando a matéria de sua cobiça, renega o modo pelo qual ele antes se acreditava discípulo de Cristo.

65. Quando vemos certos orgulhosos não suportar que os melhores sejam elogiados, e fazer intrigas para não pregar a verdade anunciada, afastando-a por meio de mil tentações e calúnias sacrílegas, penso que o Senhor está sendo novamente crucificado por eles, sepultado e guardado por soldados e selos. Mas o Verbo os desorienta e ressuscita. Ele brilha antes mesmo de ser combatido. Do mesmo modo ele foi morto entre sofrimentos para atingir a impassibilidade. Pois ele é mais forte do que todos, ele que é, e que é chamado, a verdade.

66. O mistério da encarnação do Verbo em um corpo traz em si o poder de todos os enigmas e de todas as imagens da Escritura, e a ciência das

[216] Cf. *João* 20: 6-7.

[217] Cf. *Mateus* 27: 66.
[218] Cf. *Mateus* 28: 13.
[219] Cf. *Mateus* 27: 35.

criaturas visíveis. Quem conheceu o mistério da cruz e do sepultamento, conheceu as razões das imagens e das criaturas. Mas quem foi iniciado na potência inefável da ressurreição conheceu o objetivo pelo qual, no início, Deus constituiu todas as coisas.

67. Todas as coisas visíveis necessitam da cruz: do estado daquilo que nelas desenvolve a relação sensível. E todas as coisas inteligíveis têm necessidade do sepultamento: da imobilidade total daquilo que nelas age pelo intelecto. De fato, quando a energia e o movimento naturais ao redor de tudo foram suspensos junto com a relação, o Verbo, único existente por si próprio, apareceu novamente, como ressuscitado dentre os mortos: ele próprio delimitou tudo o que vinha dele, uma vez que absolutamente ninguém está unido a ele por uma relação natural. Pois é pela graça, e não pela relação, que ele é a salvação dos que são salvos[220].

68. Os séculos, os tempos e os lugares pertencem às coisas que estão em relação com outra. Sem eles, não existe nada daquilo que se concebe com eles. Mas Deus não pertence à categoria das coisas que estão em relação com outra. Pois nele nada há que se conceba com ele. Portanto, se a herança dos que são dignos é o próprio Deus, quem é digno desta graça é mais alto do que os séculos, os tempos e os lugares. Seu lugar será o próprio Deus, conforme foi escrito: "Seja para mim um Deus que me protege, e um lugar fortificado para me salvar[221]".

69. O fim não tem absolutamente nada que se pareça com o meio. Pois ele não tem fim. Mas o meio é tudo o que existe entre o começo e o fim. Portanto, sem todos os séculos, todos os tempos e todos os lugares acompanham tudo o que se concebe com eles, eles estão depois de Deus, que está no começo mas que não tem começo. E como eles existem antes do fim, eles não diferem do meio. Deus é o fim para os salvos. E nada do que está no meio será contemplado entre os que serão salvos no fim último.

70. O mundo inteiro está limitado por suas próprias razões. Ele se chama o lugar e o século dos que habitam nele. Por natureza, ele tem como modos de contemplação as razões ligadas a ele e que são capazes de criar neles uma compreensão parcial da sabedoria de Deus que está acima de tudo. Na medida em que as razões se servem dos modos para permitir a compreensão, elas não podem estar fora do meio, e só permitem uma compreensão parcial. Mas desde que diante da aparição do perfeito o parcial é abolido, todos os espelhos e todos os enigmas passam: como a verdade se manifesta face a face, o salvo que atingiu a perfeição divina estará acima de todos os mundos, de todos os séculos, de todos os lugares, nos quais até então ele estivera em pé como uma criança.

71. Pilatos é a imagem da lei natural, e a multidão dos Judeus é a imagem da lei escrita. Portanto, aquele que, pela fé, não se eleva acima das duas leis, não pode receber a verdade que está acima da natureza e da razão. Mas de alguma maneira ele crucifica o Verbo, seja porque, como Judeu, ele considera que o Evangelho é um escândalo, seja porque, como Grego, ele considera que o Evangelho é uma tolice[222].

72. Quando você vê Herodes e Pilatos tomarem-se de amizade um pelo outro durante a prisão de Jesus[223], pense na conjunção do demônio da prostituição com o da vanglória, que se põem de acordo para destruir a razão da virtude e do conhecimento. O demônio da vanglória, imitando o conhecimento espiritual, envia para o demônio da prostituição. Este, simulando hipocritamente a pureza, envia ao demônio da vanglória. Diz-se que Herodes enviou Jesus a Pilatos depois de tê-lo vestido com vestes esplêndidas[224].

---

[220] Cf. *Efésios* 2: 5.
[221] *Salmo* 70 (71): 3.
[222] Cf. I *Coríntios* 1: 22-23.
[223] Cf. *Lucas* 23: 12.
[224] Cf. *Lucas* 23: 7-11.

73. É benéfico para o intelecto não consentir com a carne nem se ligar às paixões. Pois foi dito que não se colhem figos sobre cactos, ou seja, a virtude sobre as paixões; nem uvas em espinheiros[225], ou seja, o conhecimento que se regozija sobre a carne.

74. O asceta experimentado pela paciência nas tentações e que alcançou a perfeição aplicando-se às mais altas contemplações, torna-se digno da consolação divina. Pois o Senhor, disse Moisés, nos veio no Sinai, ou seja, nas tentações; ele nos apareceu em Seir, ou seja, nas penas corporais; e ele resplandeceu na montanha de Faran com as miríades de Cades[226], ou seja, na montanha da fé, com as miríades dos santos conhecimentos.

75. Herodes tem como razão o cuidado com a carne. Pilatos, os sentidos. César, as coisas sensíveis. Os judeus, os pensamentos psíquicos. Portanto, quando, por ignorância, a alma se abandona às coisas sensíveis, ela entrega o Verbo aos sentidos para fazê-lo morrer, pois então, com esta proclamação, ela faz prevalecer para si mesma o reino das coisas corruptíveis. Com efeito, os judeus disseram: "Não temos outro rei senão César[227]".

76. Herodes ocupa o lugar da energia das paixões. Pilatos, o lugar do estado falsificado por elas. César, o lugar da potência tenebrosa que domina o mundo. Os judeus, o lugar da alma. Assim, quando a alma se deixa levar pelas paixões, ela entrega a virtude nas mãos do estado de malícia, renega claramente o Reino de Deus e se dirige para a tirania corruptora do diabo.

77. Submeter as paixões não é o suficiente para que a alma atinja a alegria espiritual. Ela ainda precisa adquirir as virtudes cumprindo os mandamentos. Pois foi dito: "Não se regozijem porque os demônios estão submetidos a vocês – ou seja, a energia das paixões – mas porque seus nomes estão inscritos no céu[228]", transcritos pela graça da adoção através das virtudes, para o lugar onde reina a impassibilidade.

78. A riqueza das virtudes adquirida pela razão é absolutamente necessária àquele que possui o conhecimento. De fato, foi dito: aquele que possui uma bolsa – ou seja, o conhecimento espiritual – cuide dela. O mesmo deve fazer aquele que possui um embornal, ou seja, a abundância das virtudes que, generosamente, alimentam a alma. Mas aquele que não possui nem bolsa nem embornal, nem conhecimento nem virtude, venda seu manto e adquira uma espada[229]. Pois foi dito: que de todo seu coração ele entregue sua carne às penas da virtude e que, pela paz de Deus, ele conduza sabiamente o combate contra as paixões e os demônios. Vale dizer, que ele alcance este estado que, pela palavra de Deus, distingue o melhor do pior.

79. O Senhor se deu a conhecer quando fez trinta anos[230]. Com este número, ele ensina secretamente aos que têm o dom da clarividência os mistérios que lhe dizem respeito. Pois o número trinta, considerado e transposto misticamente, representa o Senhor como Criador e a Providência dos tempos, da natureza e dos seres inteligíveis que estão acima da natureza visível. Ele é o Senhor do tempo pelo sete, pois o tempo é setenário. Ele é o Senhor da natureza, pois a natureza é quíntupla, pois os sentidos estão divididos em cinco. E ele é o Senhor dos seres inteligíveis pelo oito, pois a gênese dos seres inteligíveis está acima do período medido pelo tempo. Ele é a Providência pelo dez, pela santa década dos mandamentos que faz os homens penetrarem no bem, e pela letra inicial[231]

---

[225] Cf. *Lucas* 6: 44.
[226] Cf. *Deuteronômio* 33:2.
[227] *João* 19: 15.
[228] *Lucas* 10: 20.
[229] Cf. *Lucas* 22: 36.
[230] Cf. *Lucas* 3: 23.
[231] Em grego o número 10 é indicado pela letra *iota*, que é também a inicial do nome de Jesus nesta língua.

que o Senhor deu misticamente a seu nome, quando se fez homem. Adicionando-se o cinco, o sete, o oito e o dez, totalizamos o número trinta. Assim, aquele que sabe seguir o Senhor como a seu mestre sobre o bom caminho, não ignorará a razão pela qual ele se mostrou com trinta anos de idade para pregar o Evangelho do Reino. A partir do momento em que ele criar com sua ação, de modo irrepreensível, o mundo das virtudes como uma natureza visível, sem alterar o período que, com um tempo, cumpriu-se em sua alma através dos contrários, quando ele tiver colhido infalivelmente o conhecimento por meio da contemplação, e que ele poderá levar providencialmente aos outros este estado, então também ele, como se fosse a idade de seu corpo, terá trinta anos em espírito, revelando, com seus próprios bens, a energia que ele transmite aos outros.

80. Quem se torna paralisado pelos prazeres do corpo não é capaz de se abrir para a virtude e não se volta facilmente ao conhecimento. Assim sendo, não há ninguém – ou seja, não existe pensamento sábio – capaz de atirá-lo à piscina quando as águas se agitam, ou seja, de conduzi-lo para a virtude que recebe o conhecimento e que cura toda enfermidade, se acaso o enfermo, retardado pela negligência, é sempre precedido por algum outro que o impede de alcançar a cura. É por isso que, passados trinta e oito anos, ele continua deitado doente[232]. Pois quem não contempla a criação visível para render glória a Deus, e que não eleva piedosamente seu pensamento para a natureza inteligível, permanece com justiça doente pelo número de anos que mencionamos. Com efeito, o número trinta, tomado naturalmente, simboliza a natureza sensível, assim como, considerado na prática, simboliza a virtude ativa. E o número oito, compreendido misticamente, designa a natureza inteligível dos incorpóreos, assim como, contemplado gnosticamente, designa a sapientíssima teologia. Aquele cuja natureza inteligível e cuja teologia não se voltam para Deus permanece paralisado, até que o Verbo venha lhe ensinar o caminho curto da cura, dizendo: "Levante-se, tome seu leito e caminhe[233]", encorajando-o assim a retirar do intelecto o amor ao prazer que o paralisa, a tomar seu corpo sobre as espáduas da virtude e a voltar para casa, ou seja, para o céu. Pois mais vale que o pior seja carregado sobre as espáduas da ação para atingir a virtude, do que o melhor seja carregado pelo pior para se encaminhar, através da preguiça, para o amor ao prazer.

81. Enquanto com toda pureza, pelo pensamento, não formos capazes de sair de nossa essência e da essência de tudo o que está aquém de Deus, não teremos adquirido o estado de imutabilidade dado pela virtude. Mas quando esta dignidade nos for concedida pelo amor, então conheceremos o poder da promessa divina. É preciso crer, de fato, que os que são dignos de se estabelecerem na imutabilidade acham-se no lugar onde o intelecto, depois de ser levado adiante, enraíza seu poder pelo amor. Pois quem não sai de si mesmo e de tudo o que pode ser pensado de uma maneira ou de outra, e que não está fundamentado no silêncio que ultrapassa o entendimento, não pode de modo algum libertar-se da constante mudança.

82. Todo pensamento significa de qualquer modo uma multitude, ou no mínimo uma dualidade. Com efeito, trata-se de uma relação que se mantém no meio entre dois extremos que ela reúne entre si: o que pensa e o que é pensado. E nem um nem outro possui naturalmente a simplicidade. Com efeito, o que pensa é um sujeito, que tem o poder de pensar inteiramente contido em si mesmo. O que é pensado também é sujeito, ou está contido num sujeito: ele tem o poder de ser pensado contido em si mesmo, ou antes, a essência de cujo poder ele era sujeito anteriormente. Pois nenhum ser é inteiramente por si mesmo uma essência ou um pensamento simples, a ponto de ser também uma mônada indivisível. Quanto a Deus, se dissermos que ele é uma essência, ele não terá naturalmente o poder de ser pensado compreendido em si mesmo, porque ele não é composto. Se dissermos que ele é pensamento, ele não possui naturalmente essência que

[232] Cf. *João* 5: 5-7.

[233] *João* 5: 8.

seja um sujeito capaz de receber o pensamento. Mas Deus por si mesmo é em essência pensamento, e inteiramente pensamento, e somente pensamento. E, segundo o pensamento, ele é em si mesmo essência, e inteiramente essência, e inteiramente acima da essência. É por isso que ele é uma mônada simples, sem divisão nem partes. Portanto, aquele que, de um modo ou de outro, tem em si algum pensamento, ainda não conseguir sair da dualidade. Mas quem se desembaraçou inteiramente de qualquer pensamento alcança, de certa maneira, a mônada: ele despojou-se eminentemente do poder de pensar.

83. No múltiplo existe alteridade, dissemelhança e diferença. Mas em Deus, que é propriamente um e único, não há senão identidade, simplicidade e semelhança. Assim, não é prudente se dedicar às contemplações que levam a Deus, antes de sair do múltiplo. É o que nos mostra Moisés, quando coloca fora do acampamento a tenda dos pensamentos[234] para se encontrar com Deus. É perigoso exprimir o inefável com palavras de discurso, pois um discurso é uma dualidade, e até mais. É mais eficaz contemplar aquilo que é, sem nada dizer, apenas com a alma, pois então estamos dentro da mônada indivisível, e não na multiplicidade. Com efeito, o Sumo Sacerdote, a quem estava prescrito penetrar uma vez ao ano no Santo dos Santos por detrás do véu[235], não ensina outra coisa: quem atravessou a antessala e os lugares santos, e que penetrou no Santo dos Santos, ou seja, quem ultrapassou a natureza do sensível e do inteligível, e que foi purificado de tudo o que é próprio do nascimento, deve se abrir às aparições que revelam Deus com o intelecto nu e despojado.

84. Quando fincou sua tenda fora do acampamento[236], ou seja, quando fundou seu julgamento e seu pensamento fora do visível, o grande Moisés começou a adorar a Deus e, nas trevas, no lugar onde o conhecimento se vê desprovido de toda forma e de toda matéria, cumpriu as celebrações mais sagradas.

85. A treva é um estado sem forma, sem matéria, sem corpo. Este estado traz em si o conhecimento exemplar dos seres. Quem nele penetra, como Moisés, compreende naturalmente o imortal dentro de um corpo mortal. Depois de se haver neste estado desenhado em si mesmo a beleza das virtudes divinas, como uma escritura que perpetua a imagem bem copiada da beleza original, ele desceu para oferecer-se em pessoa àqueles que desejavam imitar a virtude. E com isto ele mostrou a bem-aventurança e a benevolência da graça que ele recebeu em partilha.

86. Aqueles que, sem nenhuma falta, procuram o amor à sabedoria segundo Deus, encontram na ciência fornecida por esta sabedoria um ganho imenso: eles já não modificam mais seu julgamento conforme as coisas, mas, com firme certeza, empreendem resolutamente tudo o que está de acordo com a razão da virtude.

87. Recebemos a primeira incorruptibilidade da carne ao sermos batizados em Cristo pelo Espírito. E recebemos a última incorruptibilidade segundo Cristo mantendo sem mácula a primeira incorruptibilidade, pela oferenda das boas obras e pela morte voluntária. Segundo esta última, nenhum dos que a possuem devem temer a perda dos bens adquiridos.

88. Tendo desejado, por amor a nós, enviar do céu a todos os que estão sobre a terra a graça da virtude divina, Deus preparou simbolicamente a tenda sagrada e tudo o que está nela: esta tenda é a imagem, o símbolo e a imitação da sabedoria.

89. A graça do Novo Testamento está misteriosamente oculta no texto do Antigo. É por isso que o Apóstolo disse que a Lei é espiritual[237]. Portanto,

---

[234] *Êxodo* 33: 7.
[235] *Levítico* 16; *Hebreus* 9: 7.
[236] Cf. *Êxodo* 20: 21 e 33: 7.
[237] Cf. *Romanos* 7: 14.

a Lei passa e envelhece pela letra, condenada à inação. Mas ela rejuvenesce pelo Espírito, sempre ativa. Pois a graça jamais pode envelhecer.

90. A Lei simboliza a sombra do Evangelho. E o Evangelho é a imagem dos bens que virão. Pois a primeira impede a ação do mal; e o segundo suscita as ações do bem.

91. Dizemos que toda a Sagrada Escritura é dividida em carne e Espírito, como se ela fosse um homem espiritual. Quem diz que o texto da Escritura é carne, e que sua inteligência é Espírito, ou alma, não faltará com a verdade. E é sábio quem, depois de haver abandonado o corruptível, se dedica inteiramente ao incorruptível.

92. A Lei é a carne do homem espiritual simbolizado pela Sagrada Escritura. Os Profetas são os sentidos. E o Evangelho é a alma dotada de inteligência, que age pela carne da Lei e pelos sentidos dos Profetas, manifestando sua própria potência por suas energias.

93. A Lei simboliza a sombra[238], e os Profetas são a imagem dos bens divinos e espirituais trazidos pelo Evangelho. Mas é o Evangelho que nos mostra a própria verdade, presente nas coisas, anteriormente recoberta pela sombra da Lei e prefigurada pelos Profetas.

94. Quem cumpre a Lei com sua vida e sua conduta não faz mais do que impedir que o mal chegue a termo, sacrificando a Deus a energia das razões irracionais. A este basta dirigir-se assim para a salvação, por meio da infância espiritual que mele reside.

95. Aquele que, pelas palavras proféticas, é instruído a rejeitar a energia das paixões, afasta igualmente de si os assentimentos que se formam na alma. Assim, resolvido a abster-se do mal nas coisas menores, ou seja, na carne, não esquece de agir fortemente sobre o mal nas coisas maiores, vale dizer, na alma.

96. Aquele que realmente abraçou a vida evangélica afastou de si mesmo o começo e o fim do mal. Ele busca toda a virtude nas obras e nas palavras. Ele celebra o sacrifício do louvor e da confissão[239]. Ele se separou da perturbação causada pela energia das paixões. Ele se libertou do combate do intelecto contra elas. Ele não traz em si senão a esperança dos bens futuros, que alimenta a alma com um prazer do qual ela jamais se sacia.

97. Aos que se aplicam com o máximo fervor às divinas Escrituras, a palavra do Senhor aparece sob duas formas: uma, comum e pública, que todos podem ver, e da qual foi dito: "Nós o vimos, e ele não possuía nem aparência nem beleza[240]"; a outra, secreta e acessível a poucos, aos que já se tornaram como os santos apóstolos Pedro e João, diante de quem o Senhor se transfigurou numa glória mais forte do que os sentidos[241], na qual ele é belo diante dos filhos dos homens[242]. A primeira destas duas formas é adaptada aos noviços e a segunda corresponde aos que tornaram perfeitos no conhecimento, na medida em que isto é possível. Uma é a imagem da primeira vinda do Senhor. É a ela que se dever reportar oque diz o Evangelho: ela purifica os ativos por meio do sofrimento. A outra é uma prefiguração da segunda e gloriosa vinda. É nela que se compreende o Espírito: ela transfigura os gnósticos pela sabedoria, em vista da deificação. Pela transfiguração do Verbo neles, com o rosto descoberto, eles contemplam como num espelho a glória do Senhor[243].

98. Aquele que, por virtude, suporta firmemente as infelicidades, tem

[238] Cf. *Hebreus* 10: 1.

[239] Cf. *Salmo* 49 (50): 14
[240] *Isaías* 53: 2.
[241] Cf. *Mateus* 17: 2.
[242] Cf. *Salmo* 44 (45), 3.
[243] Cf. II *Coríntios* 3: 18.

operando em si a primeira vinda do Verbo, que o purifica de toda mancha. Mas o que, pela contemplação, transportou seu intelecto ao estado dos anjos, tem a potência da segunda vinda, que nele cumpre a impassibilidade e a incorruptibilidade.

99. Os sentidos acompanham o monge ativo que, com suas penas, conduz-se com sucesso às virtudes. Mas o desaparecimento dos sentidos acompanha o monge gnóstico que separou o intelecto da carne e do mundo para levá-lo a Deus. O primeiro, que, pela ação, se esforça por libertar a alma do laço que a prende naturalmente à carne, tem sua faculdade de conhecimento constantemente debruçada sobre as penas. O outro, que, pela contemplação, livrou-se das amarras que o prendiam, não é mais retido por nada. Ele já está purificado de toda paixão e domina naturalmente todas as que o querem capturar.

100. O maná que foi dado a Israel no deserto[244] é a palavra de Deus que sacia com todo prazer espiritual os que dela se alimentam. E a palavra se transforma em todos os alimentos segundo os diferentes desejos de cada um dos que a recebem, pois ela tem as qualidades de todos os alimentos espirituais. É por isso que, para os que nasceram pelo Espírito do alto e de uma semente incorruptível, ela é o leite da razão[245] em estado puro. Para os que são fracos, ela é uma erva[246] que conforta a potência moribunda da alma. Enfim, para os que, por hábito, têm os sentidos da alma treinados em discernir o bem e o mal, ela fornece um alimento sólido[247]. A palavra de Deus possui ainda outras potências infinitas, que não cabem aqui em baixo. Quando um homem morre e se torna digno de ser estabelecido[248] sobre muitas ou sobre todas as potências da palavra, ele a todas receberá, ou a muitas dentre elas, porque aqui em baixo em algumas coisas. Pois tudo aquilo que existe de mais elevado nos carismas dados aqui em baixo é pouco e modesto em comparação com os bens futuros.

---

[244] Cf. *Êxodo* 16: 14-15; *Sabedoria* 16: 20.
[245] Cf. I *Pedro* 2: 2.
[246] Cf. *Romanos* 14: 2.
[247] Cf. *Hebreus* 5: 14.
[248] Cf. *Mateus* 25: 21.

SEGUNDA CENTÚRIA

1. Existe um único Deus, pois só existe uma Divindade: sem começo, simples, mais elevado do que a essência, sem partes nem divisão. A Divindade é Unidade a Trindade. A mesma Divindade é inteiramente Unidade, e a mesma Divindade é inteiramente Trindade. A mesma Divindade é inteiramente Unidade por sua essência, e a mesma Divindade é inteiramente Trindade por suas hipóstases. Pois a Divindade é Pai, Filho e Espírito Santo. E a Divindade está no Pai, no Filho e no Espírito Santo. A mesma Divindade está inteiramente no Pai inteiro, e o Pai inteiro está inteiramente na mesma Divindade inteira. A mesma Divindade está inteiramente no Filho inteiro, e o Filho inteiro está inteiramente na mesma Divindade inteira. A mesma Divindade está inteiramente no Espírito Santo inteiro, e o Espírito Santo inteiro está inteiramente na mesma Divindade inteira. Pois a Divindade não está em parte no Pai, nem o Pai é Deus em parte. E a Divindade não está em parte no Filho, nem o Filho é Deus em parte. E a Divindade tampouco está em parte no Espírito Santo, nem o Espírito Santo é Deus em parte. A Divindade não é divisível, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são um Deus imperfeito. Mas a mesma Divindade perfeita está inteira perfeitamente no Pai perfeito, e a mesma Divindade perfeita está inteira perfeitamente no Filho perfeito, e a mesma Divindade perfeita está inteira perfeitamente no Espírito Santo perfeito. O Pai está inteiramente e perfeitamente no Filho inteiro e no Espírito inteiro. O Filho está inteiramente e perfeitamente no Pai inteiro e no Espírito inteiro. O Espírito está inteiramente e perfeitamente no Pai inteiro e no Filho inteiro. É por isso que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus. Pois existe uma única e mesma essência, uma única e mesma potência, uma única e mesma energia do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sendo que nenhum é, nem pode ser pensado, sem os outros.

2. Todo pensamento é próprio do que pensa e do que é pensado. Ora, Deus não pertence nem ao que pensa, nem ao que é pensado: ele está acima. Pois, por definição, o que pensa necessita da relação com o que é pensado, ou, através da relação, o que é pensado depende naturalmente do que pensa. Resta compreender que Deus nem pensa nem é pensado, mas está acima do que pensa e do que é pensado. Pensar e ser pensado é próprio das criaturas que vêm depois dele.

3. Todo pensamento, do mesmo modo como possui, como qualidade, seu lugar em uma essência, também possui seu movimento em torno de uma essência criada. Aquilo que é por si mesmo totalmente livre e simples não pode receber tal pensamento, pois este não é livre e simples. Ora, Deus, que em ambos é totalmente simples – essência independente do sujeito, e pensamento tendo de uma vez por todas um objeto – não pertence ao que é pensado, uma vez que ele está evidentemente acima da essência e do pensamento.

4. Assim como o lugar central, de onde partem as linhas retas, é considerado completamente indivisível, também aquele que foi considerado digno de estar em Deus verá todas as razões das criaturas preexistir nele segundo um conhecimento simples e indivisível.

5. Sendo o pensamento formado por aquilo que é pensado, um único pensamento é feito de numerosos pensamentos: ele é a imagem de todas as formas daquilo que é pensado. Quando, depois de haver atravessado a multitude de coisas sensíveis e inteligíveis que o compõem, ele se separa inteiramente de toda forma, então a razão que ultrapassa o entendimento se une a ele estreitamente, desviando-o daquilo que aliena a reflexão pelas formas. Aquele que experimentou isto descansa de suas obras, como Deus descansou das suas[249].

6. Quem alcançou a perfeição possível aos homens aqui em baixo, carrega,

---

[249] Cf. *Gênesis* 2: 2.

por Deus, os frutos do amor, da alegria, da paz, da paciência[250], e, visando o século futuro, também os frutos da incorruptibilidade, da eternidade[251] e de tudo o que lhes assemelha. Os primeiros frutos só chegam a quem obteve a perfeição da prática, e os segundos a quem saiu do criado pelo verdadeiro conhecimento.

7. Assim como a obra típica da desobediência é o pecado, a obra própria da obediência é a virtude. E assim como a transgressão dos mandamentos e a separação d'Aquele que ordenou são seguidas pela desobediência, também a obediência aos mandamentos e a união com Aquele que ordenou produzem a obediência. Vale dizer que quem observa um mandamento por obediência cumpre com toda a justiça e não se separa daquilo que o une por amor Àquele que ordenou.

8. Quem se concentra separando-se da transgressão, recusa em primeiro lugar as paixões, depois os pensamentos passionais, depois a natureza e as razões da natureza, depois os pensamentos e os conhecimentos dos pensamentos. Por fim, escapando da diversidade das razões da providência, chega por meio do "desconhecimento" a esta razão da unidade. Nesta razão, depois de haver contemplado sua simples imutabilidade, o intelecto se regozija, cheio de inexprimível alegria, porque recebeu a paz de Deus que ultrapassa toda inteligência[252], e que guarda continuamente de toda falta quem é considerado digno dela.

9. O temor da geena predispõe os noviços a fugir do mal. O desejo da recompensa dos bens dá aos que progridem o ardor em trabalhar as virtudes. Mas o mistério do amor eleva-se acima de todas as criaturas: ele torna o intelecto cego a tudo o que vem depois de Deus. Com efeito, o Senhor concede a sabedoria àqueles que se tornaram cegos para todas as coisas que vêm depois de Deus, mostrando-lhes o que é m ais divino.

[250] Cf. *Gálatas* 5: 22.
[251] Cf. *Romanos* 2: 7.
[252] Cf. *Filipenses* 4: 7.

10. A palavra de Deus, semelhante a um grão de cevada, parece bem pequena antes de ser cultivada. Mas quando é cultivada corretamente, ela se mostra tão grande que as razões nobres das criaturas sensíveis e inteligíveis repousam sobre ela. Pois ele abarca todas as razões de todos os seres, mas a ele próprio nenhum ser é capaz de conter. É por isso que quem tem a fé como um grão de cevada pode, pela palavra, mover uma montanha, como disse o Senhor[253], ou seja, expulsar o poder que o diabo tem sobre nós e mudar de fundamento.

11. O Senhor é um grão de cevada, semeado em espírito pela fé no coração dos que o recebem. Quem, graças às virtudes, o cultiva cuidadosamente, move a montanha dos cuidados terrestres. E depois de haver afastado de si mesmo o hábito do mal, tão difícil de dobrar, deixa repousar em si as palavras dos mandamentos e os modos de existência ou as potências divinas, como pássaros do céu.

12. Quando erguemos verticalmente o edifício dos bens, colocamos sobre o Senhor, como se fosse sobre uma fundação de fé, o ouro, a prata, as pedras preciosas[254]: vale dizer, uma teologia pura e inalterada, uma vida transparente e clara, pensamentos divinos e reflexões luminosas. Mas não colocamos nem madeira, nem ervas, nem sapé, ou seja, nem a idolatria, esta demência que cerca o sensível, nem a vida desprovida de razão, nem os pensamentos passionais privados do conhecimento da sabedoria, como espinhos.

13. Aquele que busca o conhecimento deve fazer repousar os fundamentos imóveis de sua alma junto ao Senhor, conforme disse Deus a Moisés: "Venha para perto de mim[255]". Mas é preciso saber que entre os que se mantêm próximos ao Senhor existe uma diferença, se acaso os que amam

[253] Cf. *Mateus* 17: 20.
[254] Cf. I *Coríntios* 3: 12.
[255] *Deuteronômio* 5: 31.

aprender não leiam superficialmente o seguinte: “Alguns dos que estão aqui não experimentarão a morte até que tenham visto o Reino de Deus vir em seu poder[256]”. Pois o Senhor não aparece sempre em sua glória àqueles que estão próximos a ele. Aos noviços, ele vem em auxílio sob a forma do servidor[257]. Aos que podem segui-lo quando ele sobe a alta montanha de sua transfiguração, ele aparece sob a forma de Deus[258], na qual ele existia antes que o mundo fosse[259]. Assim, é possível que o Senhor não pareça o mesmo, nem que apareça da mesma maneira a todos os que se acham próximos a ele. Mas a alguns ele aparece de um jeito, a outros de outro, na medida da fé de cada um.

14. Quando o Verbo de Deus se faz claro e luminoso em nós e sua face resplandece como o sol, suas vestimentas parecem também brilhantes[260]: vale dizer, as palavras da Santa Escritura dos Evangelhos, límpidas e claras, sem nada escondido. Mas Moisés e Elias estão igualmente presentes com ele: ou seja, as palavras espirituais da Lei e dos Profetas.

15. Assim como o Filho do homem vem com seus anjos na glória do Pai[261], conforme está escrito, também a cada progresso da virtude se transfigura o Verbo de Deus vindo com seus anjos na glória do Pai para os que são dignos. Pois as palavras mais espirituais que estão na Lei e nos Profetas, e que Moisés e Elias representam ao aparecer com o Senhor durante a transfiguração de Deus[262], perpetuam a analogia da glória que está nelas: elas revelam àqueles que delas são dignos a potência que, até então, se retirava.

[256] *Marcos* 9: 1.
[257] Cf. *Filipenses* 2: 7.
[258] Cf. *Mateus* 17: 1-2.
[259] Cf. *João* 17: 5.
[260] Cf. *Mateus* 17: 3.
[261] Cf. *Mateus* 16: 27.
[262] Cf. *Mateus* 17: 3.

16. Aquele que de algum modo foi iniciado na palavra relativa à unidade, também conheceu as palavras correspondentes relativas à providência e ao julgamento. É por isso que, segundo são Pedro, é bom que se ergam três tendas[263] para aqueles que o viram [durante a transfiguração], ou seja, três estados de salvação, a saber: o estado de virtude, o estado de conhecimento e o estado de teologia. O primeiro exige a coragem e a castidade na ação, cuja imagem é o bem-aventurado Elias. O segundo pede a justiça da contemplação natural, que o grande Moisés representa. E o terceiro pede a pura perfeição da sabedoria, que foi revelada pelo Senhor. E estes estados foram chamados de tendas, porque as partes que serão concedidas aos que delas forem dignos, no século futuro, serão outras, melhores e mais luminosas do que estas.

17. É dito que o monge ativo reside na carne. Pois, por meio das virtudes, ele afasta da alma a relação com a carne e se despoja dos enganos das coisas materiais. Mas também é dito que o monge gnóstico reside na própria virtude, pois ele ainda contempla a verdade em espelhos e enigmas[264]: ele ainda não viu como são as formas mais fundamentais dos bens, desfrutando do conhecimento face a face. Por não ver, de fato, senão a imagem dos bens, como que em vista do século futuro, todo santo caminha proclamando: “Eu sou um estrangeiro, um viajante, como todos os meus pais[265]”.

18. Quem ora não deve jamais deter a alta elevação que conduz a Deus. Pois assim como se deve subir seguindo a elevação de potência em potência[266] no progresso ativo das virtudes, para, a seguir, seguir a ascensão dos conhecimentos espirituais da contemplação de glória em glória[267], e finalmente seguir a passagem da palavra da Santa Escritura ao

[263] Cf. *Mateus* 17: 4.
[264] Cf. I *Coríntios* 13: 12.
[265] *Salmo* 38 (39): 13.
[266] Cf. *Salmo* 83 (84): 6-8.
[267] Cf. II *Coríntios* 3: 18.

Espírito, também os que alcançam o lugar das orações devem agir assim: elevar o intelecto para longe das coisas humanas e colocar sobre as coisas mais divinas o sentimento da alma, a fim de que o intelecto possa seguir a Jesus o Filho de Deus, que atravessou os céus[268], que está em toda parte, que a tudo percorre por nós em sua economia, para que nós mesmos, seguindo-o, atravessemos tudo o que está antes dele e cheguemos até perto dele, considerando-o não na dimensão menor de sua descida até nós em sua economia, mas na grandeza de sua natureza sem limite.

19. Devemos nos deter e buscar a Deus como nos foi ordenado. Pois, ainda que o busquemos por toda a nossa vida presente, não conseguiremos atingir o fundo da profundidade de Deus. Mesmo assim, se chegarmos a descobrir um pouco desta profundidade, poderemos contemplar o que é mais santo do que o santo e mais espiritual do que o espiritual. É o mostra a figura do Grão Sacerdote, quando vai do lugar santo, mais santo do que o vestíbulo, ao Santo dos Santos, mais santo do que o lugar santo[269].

20. Nenhuma sentença de Deus é dita em muitas palavras, nenhuma é falatório. Mas uma mesma sentença é feita de diferentes contemplações, das quais cada uma é uma parte da sentença. Assim, aquele que fala a verdade – na medida em que é possível falar a verdade sem nada omitir daquilo que está em causa – emite uma única e mesma sentença de Deus.

21. Em Cristo, verdadeiro Deus e Verbo do Pai, toda plenitude da Divindade reside realmente em um corpo[270]. Mas em nós, a plenitude da Divindade reside por graça, quando recolhemos em nós mesmos toda virtude e toda sabedoria, e na medida em que estas não estão de modo algum afastando-se da verdadeira imitação do modelo, tanto quanto isto é possível ao homem. A partir do momento em que o Verbo nos adota, é natural, com efeito, que em nós resida também a plenitude da Divindade, que é feita das contemplações espirituais.

22. Assim como nossa própria palavra, que, por natureza, provém de nosso intelecto, é um Anjo dos movimentos secretos deste intelecto, também o Verbo de Deus, que realmente conhece o Pai como a palavra conhece a inteligência que a engendrou (sendo que nenhum dos que foram engendrados podem ir ao Pai sem ele), revela o Pai que ele conheceu, pois ele é Verbo por natureza. É assim que ele é chamado de Anjo do grande Conselho[271].

23. O grande Conselho de Deus Pai é o mistério da economia, guardado pelo segredo do silêncio e desconhecido: este mistério que o Filho único, tornado Anjo do grande Conselho eterno de Deus Pai, revelou cumprindo-o pela encarnação. Quem conheceu a palavra do mistério torna-se Anjo do grande Conselho de Deus, elevado ao mais alto ponto através de tudo, de maneira incompreensível, pela obra da palavra, até atingir Aquele que está neste ponto e que desceu até ele.

24. Se o Verbo de Deus em sua economia desceu por nós até as regiões mais baixas da terra, e se ele subiu mais alto do que os céus[272], ele que é totalmente imóvel por natureza, cumprindo previamente o devir em si mesmo, em sua humanidade, segundo a economia, então que aquele que deseja o amor pelo conhecimento pense em se regozijar no mistério: qual é o fim prometido aos que amam ao Senhor.

25. Se Deus, Verbo de Deus Pai, tornou-se Filho do homem e homem para tornar deuses e filhos de Deus os homens, acreditemos que estaremos lá aonde agora está o próprio Cristo, cabeça do corpo inteiro[273], tornado para nós precursor de nossa natureza diante do Pai. Pois Deus estará na

[268] Cf. *Hebreus* 4: 14
[269] Cf. *Levítico* 16.
[270] Cf. *Colossenses* 2: 9.
[271] Cf. *Isaías* 9: 6.
[272] Cf. *Efésios* 4: 9-10.
[273] Cf. *Colossenses* 1: 18.

assembleia dos deuses[274], na assembleia dos que foram salvos. Ele estará no meio deles e distribuirá as recompensas da beatitude entre eles. Nenhum espaço o separará dos que são dignos.

26. Aquele que ainda está cheio dos desejos passionais da carne habita na terra dos Caldeus, pois adora e fabrica ídolos. Mas quando, depois de haver discernido um pouco das coisas, ele toma consciência dos modos convenientes da natureza, deixa a terra dos Caldeus e vai a Haram na Mesopotâmia[275], ou seja, alcança o estado intermediário entre a virtude e o vício, pois é isto que designa Haram. Enfim, se ele ultrapassa o conhecimento medíocre e comum do bem, conhecimento este dado pelos sentidos, ele se apressa em direção à boa terra, vale dizer, para o estado livre de todo vício e de toda ignorância, que o Deus que não mente mostra e promete dar em recompensa da virtude àqueles que o amam.

27. Se o Verbo de Deus foi crucificado por nós em virtude da fraqueza e se ele ressuscitou em virtude do poder de Deus, está aí, com toda evidência, aquilo que ele faz sempre por nós e prova tornando-se tudo para nos salvar a todos. É assim com toda justiça que o Apóstolo divino, diante dos fracos Coríntios, explicou que ele nada sabia, senão Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado[276]. Mas aos Efésios, que eram perfeitos, ele escreveu: "Deus nos ressuscitou junto e nos estabeleceu juntos nos lugares celestes de Cristo[277]". Deste modo ele afirmou que o Verbo de Deus chega a nós conforme o grau de conhecimento que corresponde a cada um. Assim é que ele foi crucificado por aqueles cuja vida ativa conduziu à piedade. Pelo temor a Deus ele reduziu ao silêncio suas atividades passionais. Mas ele ressuscitou e subiu aos céus por aqueles que foram inteiramente despojados do homem velho, corrompido pelas concupiscências do erro[278], pelo que se revestiram inteiramente do homem novo, criado pelo Espírito à imagem de Deus[279], e finalmente pelos que foram ao Pai da graça que reside neles, acima de toda autoridade, de todo poder, de toda potência, de toda dominação e de todo nome dado neste século ou no século futuro[280]. Pois tudo o que antes de Deus – as coisas, os nomes e as honras – será submetido àquele que nascerá em Deus pela graça.

28. Assim como antes de sua manifestação visível na carne o Verbo de Deus residiu em espírito dos Patriarcas e nos Profetas, prefigurando assim os mistérios de sua manifestação, também antes de se manifestar no meio de nós, ele não apenas assiste aos que são ainda crianças, nutrindo-os espiritualmente e fazendo-os crescer até o formato da perfeição de Deus, como ainda assiste aos perfeitos, apresentando-lhes secretamente, como em imagem, os sinais de sua manifestação futura.

29. Assim como as palavras da Lei e dos Profetas, que foram os precursores da manifestação de Cristo na carne, dirigiram as almas para Cristo[281], também o Verbo de Deus encarnado, quando foi glorificado, tornou-se ele mesmo o precursor de sua manifestação espiritual, instruindo as almas, por suas próprias palavras, para que recebam sua divina manifestação visível, que ele cumpre sempre que, pela virtude, faz passar da carne ao Espírito aqueles que são dignos. Isto ele fará igualmente no fim do século, revelando claramente a todos o que está oculto agora.

30. Na medida em que eu sou imperfeito e desordenado, que eu não obedeço a Deus pela prática dos mandamentos e não trago no coração a perfeição do conhecimento[282], também Cristo é visto em mim como imperfeito e desordenado em minha natureza. Eu o diminuo e o mutilo, uma vez que não partilho com ele de um mesmo crescimento segundo o

[274] Cf. *Salmo* 81 (82): 1.
[275] Cf. *Gênesis* 11: 28.31.
[276] Cf. I *Coríntios* 2: 2.
[277] *Efésios* 2: 6.
[278] Cf. *Efésios* 4: 22.
[279] Cf. *Efésios* 4: 24; *Colossenses* 3: 10.
[280] Cf. *Efésios* 1: 21.
[281] Cf. *Gálatas* 3: 24.
[282] Cf. I *Coríntios* 14: 20.

Espírito, por não ser senão parcialmente corpo e membros de Cristo[283].

31. O sol se levanta e o sol se deita, diz a Escritura[284]. O mesmo acontece com o Verbo: nós o consideramos seja em cima, seja embaixo, ou seja, conforme a dignidade, a razão ou a maneira daqueles que alcançam a virtude e giram ao redor do conhecimento divino. Mas feliz é aquele que, como Josué[285], mantém em si, sem que se deite, o sol de justiça, durante toda a medida do dia da vida presente, sem ser limitado pelo crepúsculo do vício e da ignorância, a fim de poder legitimamente expulsar os demônios malignos que se levantam contra ele.

32. Erguendo-se em nós pela ação e a contemplação, o Verbo de Deus nos atrai para si[286], sacrificando pela virtude nossos pensamentos e nossas palavras relativas à carne, à alma, à natureza dos seres, aos próprios membros do corpo e aos sentidos, e colocando o conhecimento sob seu jugo. Portanto, aquele que vê as coisas divinas, que suba fervorosamente em busca do Verbo, até chegar ao lugar onde ele está. Pois é para lá que ele atrai, como diz o Eclesiastes[287]. Ele atrai para seu lugar, é evidente, os que o seguem como o Sumo Sacerdote que se introduz no Santo dos Santos, aonde ele penetrou por nós, como precursor de nossa natureza[288].

33. Aquele que, em sua piedade, busca o amor à sabedoria e se prepara para combater as potências invisíveis, deve rezar para que permaneça nele o discernimento natural que traz uma luz à sua altura, e para que permaneça nele a graça iluminadora do Espírito. Pois o discernimento conduz, pela ação, a carne até a virtude. Mas a graça ilumina o intelecto permitindo-lhe preferir a tudo a vida com sabedoria, por meio da qual ele derruba as fortalezas do mal e tudo o que subleva contra o conhecimento de Deus[289]. E Josué o mostra, quando pede que o sol se detenha sobre Gabaon[290], ou seja, que permaneça nele, sem se deitar, a luz do conhecimento de Deus sobre a montanha da contemplação do intelecto; e quando ele pede que a lua se detenha sobre o vale de Aialon, ou seja, que o discernimento natural, tornado imutável pela virtude, se coloque sobre a fraqueza da carne.

34. Gabaon é a inteligência elevada. O vale de Aialon é a carne humilhada pela morte. O sol é o Verbo que ilumina o intelecto, fornecendo-lhe a potência das contemplações e livrando-o de toda ignorância. A lua é a lei natural que obriga a carne a se submeter legitimamente ao Espírito, a fim de receber o jugo dos mandamentos. Por ser mutável, a lua é um símbolo da natureza. Mas nos santos ela não muda mais, graças ao estado imutável da virtude.

35. Os que procuram o Senhor não devem fazê-lo fora de si mesmos, mas dentro de si mesmos, pela fé com que trabalham. Pois foi dito: "A palavra está perto de você, em sua boca e em seu coração[291]", ou seja, a palavra da fé, como o próprio Cristo: a palavra daquele a quem buscamos.

36. Ao considerarmos a grandeza da infinitude divina, não desesperemos do amor de Deus pelo homem pensando que, devido a esta grandeza, ele não chegará até nós. E quando refletirmos sobre a profundidade infinita da queda a que nos levou o pecado, não ponhamos em dúvida a ressurreição da virtude que está morta em nós. Pois ambas as coisas são possíveis a Deus: descer e iluminar nosso intelecto pelo conhecimento, para depois ressuscitar a virtude em nós e nos elevar junto consigo pelas obras da justiça. Pois foi dito: "Não diga em seu coração: quem subirá aos céus? Isto é: para fazer Cristo descer. Ou: quem descerá ao abismo? Isto é: para

[283] Cf. I *Coríntios* 12: 27.
[284] *Eclesiastes* 1: 5.
[285] *Josué* 10: 12-13.
[286] Cf. *João* 12: 32.
[287] Cf. *Eclesiastes* 1: 5.
[288] Cf. *Hebreus* 6: 20.
[289] Cf. II *Coríntios* 10: 4-5.
[290] Cf. *Josué* 10: 12.
[291] *Romanos* 10: 18.

fazer Cristo subir de entre os mortos[292]”. Segundo uma outra acepção, o abismo também pode ser tudo o que está antes de Deus, tudo aquilo em que, por sua providência, o Verbo de Deus se fez inteiro por nós, como a vida que veio residir no meio daqueles que estavam mortos. Pois tudo o que vive por uma participação na vida, está morto. Como céu, o Apóstolo entende o segredo natural de Deus, segundo o qual ele é incompreensível a todos. Mas se entendermos também que o céu é a palavra da teologia e que o abismo é o mistério da economia, em minha opinião não estaremos desprovidos de razão. Pois ambos são dificilmente acessíveis aos que buscam encontrá-los apoiando-se em demonstrações. Ao contrário, aquilo que sondamos aqui é totalmente inacessível sem a fé.

37. No monge ativo, o Verbo, alimentado pelos modos das virtudes, torna-se carne[293]. No contemplativo, refinado pelos pensamentos espirituais, ele se torna aquilo que no começo era Deus o Verbo junto ao Pai[294].

38. Aquele que, por exemplos e palavras sólidas, cumpre o ensinamento moral do Verbo na medida em que os que o escutam são capazes de receber, faz do Verbo carne. Mas aquele que, pelas altas contemplações, expõe a teologia mística, faz Verbo o Espírito.

39. Quem busca a Deus pela afirmação, a partir daquilo que se coloca, faz do Verbo carne: ele não conhecerá a Deus como Criador senão nas coisas visíveis e palpáveis, Mas quem procura a Deus pela negação, a partir daquilo que rejeita, torna o Verbo Espírito, tal como era Deus no começo: por não partir de algo conhecido, ele conhece como se deve Aquele que é mais do que desconhecido.

40. Quem aprendeu com os Patriarcas a cavar pela ação e a contemplação o poço das virtudes e do conhecimento[295] que estão em si, encontrará lá dentro a Cristo, a fonte da vida, à qual a Sabedoria nos ordena beber quando diz: “Beba a água dos seus vasos e da fonte dos seus poços[296]”. Se fizermos isto, encontraremos dentro de nos seus verdadeiros tesouros.

41. Aqueles que vivem apenas para os sentidos, como animais, fazem do Verbo carne fora de toda certeza. Para servir às suas paixões, eles abusam das criaturas de Deus e não consideram que a palavra de sabedoria foi manifestada a todos para que Deus seja conhecido e glorificado a partir de suas criaturas, e para que eles compreendam de onde, porque, no que e aonde vieram para se deixar conduzir pelo visível. Mas, atravessando este século nas trevas, eles tateiam com as duas mãos por causa da sua total ignorância de Deus.

42. Aqueles que se acomodam junto a uma única sentença da santa Escritura e que, pelo culto corporal da lei, entravam a dignidade da alma, fazem por si sós carne do Verbo, de maneira censurável, pensando agradar a Deus com o sacrifício de animais sem razão. Eles estão demasiadamente ocupados com seus corpos submetendo-os a purificações exteriores. Mas eles negligenciaram a beleza de suas almas marcadas pelo peso das paixões, estas almas pelas quais foi suscitada toda a potência do visível e pelas quais foram dadas todas as sentenças e todas as leis divinas.

43. O Senhor será causa da queda e da ressurreição de muitos em Israel, diz o santo Evangelho[297]. Consideremos então que ele será causa de queda para aqueles que, apenas em função dos seus sentidos, contemplam a criação visível e seguem não mais do que a letra da santa Escritura, porque em seu devaneio não conseguem caminhar em direção ao Espírito novo da graça; e ele será causa de ressurreição dos que, espiritualmente, contemplam as criaturas de Deus, escutam suas palavras e, pelos meios

[292] *Romanos* 10: 7.
[293] Cf. *João* 1: 14.
[294] Cf. *João* 1: 1-2.
[295] Cf. *Gênesis* 21: 30; 26: 18-19.
[296] *Provérbios* 5: 15.
[297] Cf. *Lucas* 2: 34.

convenientes, velam pela imagem divina da alma.

44. Que o Senhor seja causa da queda e da ressurreição de muitos em Israel significa, num sentido unicamente louvável: pela queda das paixões e dos pensamentos maus em cada um dos que creem, e pela ressurreição das virtudes e de todo pensamento agradável a Deus.

45. Quem acha que o Senhor é apenas o Criador dos seres que existem no devir e na corrupção não o conhece, vendo nele o jardineiro, como Maria Madalena. É por isso que, para seu bem, o Mestre evita o contato com tal homem. Ele lhe diz: "Não me toque", pois ele ainda não é capaz de segui-lo até o Pai[298]. Ele sabe que quem chega a ele presumindo-o menor do que ele é faz mal a si próprio.

46. Aqueles que chegaram da Galileia e que, por medo dos judeus, fecharam as portas e se reuniram no andar superior[299], colocaram-se, por medo dos espíritos do mal, ao abrigo nas alturas das contemplações divinas e fecharam seus sentidos como se fecham as portas, e receberam Deus o Verbo de Deus, que chegou a eles sem que eles saibam como, que lhes aparece fora da percepção dos sentidos, que lhes concede a impassibilidade pela paz, que pelo sopro partilha com eles o Espírito Santo, que lhes concede o poder de expulsar os maus espíritos e lhes mostra os símbolos de seus mistérios.

47. Para os que buscam conhecer na carne o Verbo de Deus, o Senhor não sobe para o Pai. Mas para aqueles que procuram pelas altas contemplações no Espírito, ele sobe para o Pai. Assim, não mantenhamos continuamente em baixo Aquele que, para nós, veio até aqui, em seu amor pelo homem, mas acompanhemo-lo até o alto, subindo com ele até o Pai, deixando a terra e as coisas da terra, a fim de que ele não diga, também a nós, aquilo que ele disse aos judeus que não se deixaram conduzir: "Aonde eu vou, vocês não podem ir[300]". Pois sem o Verbo, é impossível chegar ao Pai do Verbo.

48. A terra dos Caldeus é a vida passional, na qual são fabricados e adorados os ídolos do pecado. A Mesopotâmia – o país entre dois rios – é o modo que se mantém em meio aos dois contrários. A terra prometida é o estado cheio de todo o bem. Como é possível que, conforme o antigo Israel, alguém negligencie esta condição e seja novamente atraído pela escravidão das paixões, privado da liberdade que lhe foi concedida?

49. Devemos notar que nenhum dos santos desceu de vontade própria à Babilônia. Pois não é permitido – e não por causa de uma inteligência racional – que os que amam a Deus escolham o pior em detrimento do bem. Mas se alguns deles foram forçados a descer para junto do povo[301], consideramos que ao fazer isto, não fundamentalmente mas acidentalmente, por causa da salvação daqueles que precisam ser conduzidos, eles deixaram a razão mais elevada do conhecimento e seguiram o ensinamento relativo às paixões, segundo o qual o próprio Apóstolo considerava ser mais útil permanecer na carne, ou seja, no ensino ético dado aos discípulos, embora ele desejasse terminar com este ensino ético para estar junto a Deus[302], pela simples contemplação do intelecto, além do mundo.

50. Assim como o bem-aventurado Davi aliviava com sua harpa a Saul que estava atormentado pelos maus espíritos[303], também toda palavra espiritual, cheia da doçura que lhes dá a contemplação gnóstica, alivia o intelecto agredido, libertando-o a má consciência que o atormenta.

---

[298] Cf. *João* 20: 15-17.
[299] Cf. *João* 20: 19-20.
[300] *João* 8: 21.
[301] Cf. II *Reis* 25; II *Crônicas* 36.
[302] Cf. *Filipenses* 1: 23.
[303] Cf. I *Samuel* 16: 14-23.

51. Aquele cuja palavra cheia de conhecimento brilha tanto quanto a claridade de sua vida em Deus é ruivo e possui belos olhos, como Davi[304]. É desta claridade e deste conhecimento que nascem a ação e a contemplação. Uma é iluminada pelos modos das virtudes, outra é iluminada pelos pensamentos divinos.

52. O reino de Saul é a imagem do culto corporal da Lei, que o Senhor aboliu uma vez que este culto não levava ninguém à perfeição De fato, foi dito que a Lei não conduzia ninguém à perfeição[305]. Mas o reino do grande Davi prefigura o culto evangélico, porque ele encerra em si perfeitamente as vontades do coração de Deus.

53. Saul representa a lei natural que, de início, recebeu do Senhor o domínio da natureza. Uma vez que ele transgrediu o mandamento pela desobediência, poupando Agag, rei de Amalek[306] – ou seja, o corpo – e se deixando levar pelas paixões, ele foi expulso do reino para que Davi se encarregasse de Israel. Davi representa a lei do Espírito, que engendra a paz, que constrói para Deus em plena luz o templo da contemplação.

54. O nome de Samuel significa obediência a Deus. Portanto, enquanto a palavra obediente foi pregada entre nós, ainda que Saul poupe Agag, ou seja, os cuidados terrestres, esta palavra – o sacerdote – o matará com seu ardor ciumento[307]: ela bate e confunde o intelecto pecador, quando ele transgrede os julgamentos divinos.

55. Quando o intelecto, opondo-se em seu orgulho à palavra que o treinou e o untou para a luta contra as paixões, cessa de interrogar numa busca conveniente aquele que poderia lhe dizer o que fazer e o que evitar, em sua ignorância ele tomba inteiramente na mão das paixões. Por intermédio destas, em parte separado de Deus, ele avança em meio a dificuldades involuntárias, divinizando o ventre sob a ação dos demônios e pretendendo nele encontrar o consolo das coisas que o angustiam. Convença-se pelo exemplo de Saul, quando este se recusou a receber a Samuel para que este o aconselhasse em tudo, destruindo a si mesmo votando-se à idolatria e interrogando a necromancia ventríloqua, como se esta fosse um deus[308].

56. Quem, em suas orações, pede para receber o "pão que vem[309]", não recebe este pão inteiramente, tal como ele é, mas apenas como ele próprio é capaz de concebê-lo. Pois, em seu amor pelo homem, o pão da vida[310] se dá a todos os que o pedem. Porém ele não se dá da mesma maneira a todos, mas primeiro aos que fizeram grandes obras de justiça, e menos aos que fizeram menos. Ele se dá a cada um conforme aquilo que o estado de seu intelecto é capaz de conceber.

57. O Senhor tanto parte para longe como permanece por perto. Quando o contemplamos face a face, ele permanece próximo; quando o contemplamos num espelho e através de enigmas[311], ele parte para longe.

58. No monge ativo, o Senhor reside pelas virtudes. Mas ele abandona aquele que em nada cumpre com a virtude. Da mesma forma, no contemplativo, ele reside pelo verdadeiro conhecimento dos seres. Mas ele o abandona se este se desviar dele em alguma coisa.

59. Quem passa do estado ativo para o estado gnóstico despede-se da carne, como que arrastado para as nuvens pelos pensamentos mais elevados, para o espaço diáfano da contemplação mística, aonde ele sempre poderá estar com o Senhor[312]. Mas abandona o Senhor quem não é

---

[304] Cf. I *Samuel* 17: 42.
[305] Cf. *Hebreus* 7: 19.
[306] Cf. I *Samuel* 15: 8.
[307] Cf. I *Samuel* 15: 33.
[308] Cf. I *Samuel* 28: 7.
[309] Cf. *Mateus* 6: 11.
[310] Cf. *João* 6: 35.
[311] Cf. I *Coríntios* 13: 12.
[312] Cf. I *Tessalonicenses* 4: 17.

capaz, com um intelecto puro e sem a energia dos sentidos, contemplar na medida do possível os pensamentos de Deus, e que não abraça a razão simples, sem enigmas, relativa ao Senhor.

60. O Verbo de Deus é chamado de carne[313], não apenas porque ele se encarnou, mas também porque, tendo sido concebido desde o começo simplesmente como Deus o Verbo junto a Deus Pai[314], e trazendo em si os signos claros e nus da verdade relativa às coisas, ele não carrega consigo nem parábolas, nem enigmas, nem histórias que tenham necessidade de alegorias. Mas uma vez que ele veio para viver com os homens, que não são capazes de alcançar com o intelecto nu o espiritual nu, falando das coisas que lhes eram habituais, assumindo a variedade das histórias, dos enigmas, das parábolas e das sentenças obscuras, ele se fez carne. Pois, em seu primeiro movimento, nosso intelecto não se aplica a uma sentença nua, mas a uma sentença encarnada, ou seja, feita de uma variedade de palavras: sentença verdadeira por natureza, mas carne na aparência, de modo que a maioria crê não ver mais do que a carne, mesmo que, em verdade, esteja ali uma sentença. A inteligência da Escritura não é o que aparece para a maioria, mas outra, contra as aparências. Pois, através de cada palavra escrita, é a sentença que se faz carne.

61. A instrução dos homens que buscam adquirir a piedade começa naturalmente pela carne. Pois no primeiro movimento que nos leva a venerar a Deus, nós nos confiamos à letra, não ao Espírito. Mas quando avançamos parcialmente no Espírito e limamos a espessura das palavras em buscas mais e mais refinadas, nos tornamos puros num Cristo puro (na medida em que isto é possível aos homens) a ponto de podermos dizer com o Apóstolo: "Mesmo que tenhamos conhecido a Cristo na carne, já não é assim que o conhecemos agora[315]". Vale dizer, que o conhecemos pelo simples movimento do intelecto em direção à palavra, sem aquilo que a recobre, uma vez que, conhecendo o Verbo na carne, progredimos no caminho da glória que ele possui de seu Pai, como Filho único[316].

62. Quem viveu a vida em Cristo, ultrapassou a justiça da Lei e da natureza. É o que nos mostra o Apóstolo divino quando diz: "Em Jesus Cristo não há circuncisão nem incircuncisão[317]". Por circuncisão ele entende a justiça da Lei; por incircuncisão, ele alude à igualdade que visa a lei natural.

63. Alguns nascem de novo pela água e pelo Espírito[318]; outros recebem o batismo no Espírito Santo e no fogo[319]. Eu considero que estas quatro coisas – a água e o Espírito, o Espírito Santo e o fogo – são o único e mesmo Espírito de Deus. Para uns o Espírito Santo é água, pois ele lava as manchas exteriores do corpo; para outros ele é Espírito, pois coloca em ação os bens da virtude. Para outros ainda ele é fogo, pois purifica as marcas interiores profundas da alma. Para outros, enfim, conforme o grande Daniel, ele é Espírito Santo, pois dispensa a sabedoria e o conhecimento[320]. Com efeito, é devido à diferença das atividades conforme às condições que o único e mesmo Espírito recebe diferentes nomes.

64. A Lei prescreveu o sábado para que repousem o animal de carga e o servidor[321]. Estes dois nomes, por enigmas, designam o corpo. Pois o corpo é um animal submetido ao intelecto ativo, e que os modos das virtudes votadas à ação obrigam pela força a carregar fardos. E ele é o servidor do contemplativo, pois daí em diante ele está submetido à razão pela contemplação e está, pela razão, a serviço das ordens gnósticas do intelecto. Nos dois – na besta de carga e no servidor – é sábado para os que

[313] Cf. *João* 1: 14.
[314] Cf. *João* 1: 2.
[315] II *Coríntios* 5: 16.
[316] Cf. *João* 1: 14.
[317] *Gálatas* 5: 6.
[318] Cf. *João* 3: 5.
[319] Cf. *Mateus* 3: 11.
[320] Cf. *Daniel* 1: 17; 5: 11-12.
[321] Cf. *Êxodo* 20: 10; 23: 12.

colocam mãos à obra no cumprimento dos bens conformes à ação e à contemplação, e este sábado concede a cada um o repouso que lhe convém.

65. Quem conduz bem a virtude, com o conhecimento apropriado, faz do corpo uma besta de carga: pela razão, ele engaja-se a agir como se deve. E ele torna servidor o modo de agir que leva à virtude, ou seja, este modo pelo qual a virtude se forma naturalmente e que recebe sua paga, como se fosse em dinheiro, em pensamentos que discernem. Enfim, o sábado é a condição impassível e apaziguada da alma e do corpo suscitada pela virtude, ou seja, o estado imutável.

66. Para aqueles que ainda estão às voltas com os cuidados para com as formas corporais da virtude, a palavra de Deus se torna a palha e o feno que alimentam a parte passional da alma a serviço das virtudes. Mas para os que chegaram a contemplar a verdadeira inteligência do divino, ela é como o pão que alimenta a parte espiritual da alma em vista da perfeição semelhante a Deus. É por isso que encontramos os Patriarcas provisionando pão para si mesmos e forração para suas mulas[322]. E no livro dos Juízes, o levita diz ao ancião que o acolheu em Gabaon: "Temos pão para nós e palha para nossas mulas. Seus servidores não deixaram faltar nada[323]".

67. A palavra de Deus é chamada – e é – orvalho[324], água, fonte[325] e rio[326], como está escrito. Ela é e se torna estas coisas, conforme o poder que ela dá aos que a recebem. Para uns, ela é orvalho, pois ela extingue a inflamação e a energia das paixões que, desde fora, cercam o corpo. Para outros, que estão profundamente queimados pelo veneno da malícia, ela é água, não apenas porque a destrói com sua aversão pelo inimigo, mas também porque transmite um poder vital em vista do bem estar. Para aqueles nos quais jorra inesgotavelmente o estado de contemplação, ela é uma fonte, porque distribui a sabedoria. Para os que espalham como ondas o ensinamento piedoso, reto e salutar, ela é um rio, pois ela provê com abundância os homens, os animais, as feras e as plantas, a fim de que os homens sejam deificados, elevados pelo sentido do que é dito; que aqueles que se tornaram como animais sob o efeito das paixões, humanizados pelo cumprimento rigoroso dos modos da virtude, redescubram a arte natural de falar; que os que se tornaram como feras sob o efeito dos maus hábitos e das malfeitorias, domados pela exortação amável e suave, retornem à doçura da natureza; e que os que são insensíveis como as plantas, refinados pela leitura em profundidade da palavra tomem conhecimento de sua qualidade, esta qualidade que as nutre, a fim de alcançar a fertilidade e a potência.

68. O Verbo de Deus é o caminho[327] para aqueles que, levando a vida ativa, correm bem e virtuosamente sobre a estrada da virtude, que não se desviam nem para a direita pela vanglória, nem para a esquerda para as paixões, mas que, seguindo a Deus, dirigem retamente seus passos. Diz-se que Asa, rei de Judá, que não havia observado este mandamento, sofreu dos pés em sua velhice[328], pois havia se esgotado percorrendo o caminho da vida em Deus.

69. O Verbo de Deus é chamado de porta[329], pois ele conduz ao conhecimento aqueles que bem percorreram todo o caminho das virtudes engajando-se na via irretocável pela ação, e também porque ele mostra como uma luz os tesouros resplendentes da sabedoria. Pois e mesmo Verbo é caminho, porta, chave e Reino. Ele é caminho, porque guia; ele é chave, porque abre, e ele se abre aos que são dignos do divino; ele é porta, porque deixa entrar; e ele é Reino, porque é herdeiro, e está em todos por

[322] Cf. *Gênesis* 24: 24; 42: 25-27.
[323] *Juízes* 19: 19.
[324] Cf. *Deuteronômio* 32: 2.
[325] Cf. *João* 4: 14.
[326] Cf. *João* 7: 38.
[327] Cf. *João* 14: 6.
[328] Cf. I *Reis* 15: 23.
[329] Cf. *João* 10: 9.

participação.

70. O Senhor é chamado de luz, vida, ressurreição e verdade[330]. Ele é luz, porque é o esplendor das almas, dissipa as trevas da ignorância, esclarece o intelecto para que ele compreenda as coisas ocultas e revela os mistérios somente visíveis aos puros. Ele é a vida, pois ele dá o movimento que convém às almas, quando estas amam o Senhor nas coisas divinas. Ele é a ressurreição, pois afasta do pendor morto pelas coisas materiais o intelecto purificado de toda corrupção e de toda mortalidade. E ele é verdade, pois concede aos que são dignos o conhecimento do estado imutável dos bens.

71. Deus Verbo de Deus Pai existe misticamente em cada um de seus próprios mandamentos. Deus Pai é inteiramente inseparável: ele está naturalmente inteiro em seu Verbo. Portanto, quem recebe o mandamento divino e o cumpre, recebe o Verbo de Deus presente no mandamento. E quem, pelos mandamentos, recebe o Verbo, através dele recebe o Espírito que está naturalmente nele. Pois foi dito: "Amém, eu lhes digo, aquele que recebe a quem eu enviei recebe a mim, e aquele que me recebe, recebe Aquele que me enviou[331]". Portanto, aquele que recebeu e cumpriu com um mandamento, recebeu e traz em si misticamente a Santa Trindade.

72. Quem não venera a Deus apenas em palavras, mas em nome da virtude suporta por Deus os sofrimentos e as penas, glorifica a Deus em si mesmo. m toca, ele é glorificado pelo Deus da glória que está nele, e obtém por participação a graça da impassibilidade, como recompensa da virtude. Pois quem quer que glorifique a Deus em si mesmo pelos sofrimentos suportados pela virtude, depois de ter levado a vida ativa, será glorificado em Deus pela impassibilidade dos esplendores divinos na contemplação. De fato, quando chegou à Paixão, o Senhor disse: "Agora, o Filho do homem foi glorificado, e Deus foi glorificado nele. Deus o glorificará nele, e logo ele o glorificará[332]". Assim, fica claro que os carismas divinos seguem-se aos sofrimentos que suportamos pelas virtudes.

73. Na medida em que vemos no texto da sagrada Escritura, de diversas maneiras e através de diferentes enigmas, o Verbo de Deus encarnado, ainda não contemplamos em espírito o Pai incorpóreo, simples, uno e único, tal como ele está no Filho incorpóreo, simples, uno e único, como diz o Evangelho: "Quem viu a mim, viu ao Pai" e "Eu estou no Pai e o Pai está em mim[333]". É preciso muita ciência para, fugindo dos véus que rodeiam a trama das palavras, contemplar com o intelecto nu o Verbo puro, tal como ele está em si mesmo, mostrando em si o Pai tão claramente como aos homens é possível compreende-lo. É por isso que é necessário que quem busca a Deus piedosamente não seja dominado por nenhuma palavra, a fim de, mesmo involuntariamente, não tomar Deus pelas coisas que o cercam, ou seja, afeiçoando-se perigosamente às palavras da Escritura em lugar do Verbo. É que o Verbo, então, escapa ao intelecto, que acredita agarrá-lo pela vestimenta, a ele que é incorpóreo, como o Egípcio que agarrou, não José, mas suas roupas[334], e como os homens antigos que, detendo-se diante da única beleza que viam, adoravam a criação em lugar do Criador[335].

74. Quando despojadas da composição de palavras que são corporalmente modeladas sobre si, as sentenças da sagrada Escritura, segundo os mais elevados pensamentos, é como o sussurro de uma brisa leve que se revela ao intelecto mais clarividente. Por estar inteiramente desembaraçado das energias da natureza, este pode perceber a simplicidade única de certo modo indicada pela sentença, tal como o grande Elias que, na caverna de Horeb, foi considerado digno desta visão[336]. Horeb quer dizer "terra em

[330] Cf. *João* 8: 12; 11: 25; 14: 6.
[331] *João* 13: 20.
[332] *João* 13: 31-32.
[333] *João* 14: 9-10.
[334] Cf. *Gênesis* 39: 7-13.
[335] Cf. *Sabedoria* 13: 1; *Romanos* 1: 25.
[336] Cf. I *Reis* 19: 12.

repouso”: trata-se do estado virtuoso no Espírito novo da graça. A caverna é o lugar escondido da sabedoria segundo o intelecto, sabedoria na qual aquele que a recebe sentirá misticamente o conhecimento que ultrapassa os sentidos, este conhecimento do qual se diz que nele se encontra a Deus. Assim quem quer que busque verdadeiramente a Deus, como o grande Elias, não apenas chegará a Horeb, ou seja, atingirá o estado virtuoso como um monge ativo, como também encontrar-se-á na caverna que está sobre Horeb[337], ou seja, será como o contemplativo no lugar oculto da sabedoria, que só se encontra no estado virtuoso.

75. Quando o intelecto se desembaraçou das numerosas opiniões que lhe foram impostas a respeito dos seres, então a palavra da verdade lhe surge clara, dando-lhe os fundamentos do verdadeiro conhecimento e expulsando os antigos preconceitos que o recobriam como escamas impedindo a visão, tal como aconteceu com o grande e glorioso apóstolo Paulo[338]. Pois as escamas na verdade são colocadas sobre a clarividência da alma e impedem sua passagem para a palavra pura da verdade: elas representam os pré-julgamentos relativos à simples letra da Escritura, e as percepções do visível misturadas à paixão dos sentidos.

76. O divino apóstolo Paulo diz que só conhecemos o Verbo em parte[339]. Mas o grande evangelista João afirma que viu sua glória: pois “nós vimos sua glória, disse ele, a glória que ele partilha com o Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade[340]”. Mas são Paulo diz que jamais conheceu o Verbo de Deus senão em parte. O Verbo, de certo modo, não é conhecido a não ser a partir das energias. Pois o conhecimento do Verbo segundo a essência e a hipóstase é inacessível tanto aos anjos como aos homens, e ninguém o possui. Mas são João, iniciado na palavra perfeita da encarnação do Verbo entre os homens, diz que ele contemplou a glória na carne da palavra, ou seja, no Verbo, e portanto viu o objetivo pelo qual Deus se fez homem, cheio de graça e de verdade. Pois o Filho único não foi cheio de graça por ser Deus em essência e consubstancial a Deus Pai. Mas por ter tomado a natureza do homem pela economia ele se fez consubstancial a nós, e por isso foi cheio de graça por nós que precisamos da graça, e que a recebemos de sua plenitude continuamente e proporcionalmente à medida de nosso progresso. Assim, aquele que guardar inviolável em si mesmo a palavra perfeita portará, cheio de graça e de verdade, a glória de Deus o Verbo que se encarnou por nós, e que glorificou e santificou a si mesmo em nossa natureza, quando de sua vinda. Com efeito, foi dito: “Quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele[341]”.

77. Na medida em que a alma passa de potência em potência e de glória em glória[342], ou seja, na medida em que ela progride mais e mais de virtude em virtude, elevando-se sempre de conhecimento em conhecimento, ela não deixa de ser estrangeira, conforme foi dito: “Minha alma viveu muito no estrangeiro[343]”. Com efeito, é grande a distância e grande o número de conhecimentos pelos quais é preciso passar até alcançar o lugar da moradia maravilhosa, a casa de Deus, dentre os cantos de júbilo e de louvor e os ecos da festa[344], acrescentando sempre um canto espiritual aos cantos espirituais, na medida do progresso das contemplações divinas, regozijando-se em seu intelecto com o que ele contempla, ou seja, vivendo na alegria e na gratidão que lhe corresponde. Estas festas são celebradas por todos aqueles que receberam o Espírito da graça em seus corações, clamando: “Abba, Pai![345]”.

78. O lugar da moradia maravilhosa é o estado impassível e íntegro das

[337] Cf. I *Reis* 19: 9-13.
[338] Cf. *Atos* 9: 18.
[339] Cf. I *Coríntios* 13: 9.
[340] *João* 1: 14.
[341] I *João* 3: 2.
[342] Cf. *Salmo* 83 (84): 8 e II *Coríntios* 3: 18.
[343] *Salmo* 119 (120): 6
[344] Cf. *Salmo* 41 (42): 5
[345] Cf. *Gálatas* 4: 6.

virtudes, no qual aquele que se ornou palavra de Deus ornamenta a alma, como uma tenda, com as diferentes belezas das virtudes. A casa de Deus é o conhecimento formado pelas numerosas e diferentes contemplações, a partir das quais Deus, vindo habitar na alma, enche o cálice da sabedoria. O canto de júbilo é o salto que a alma dá diante da riqueza das virtudes. O canto de louvor é a ação de graças à glória do festim da sabedoria. E o eco é a contínua glorificação mística da mistura de ambos, ou seja, do júbilo com o louvor[346].

79. Quem lutou nobremente contra as paixões do corpo, que combateu como convém os espíritos impuros e que expulsou do país de sua alma seus pensamentos, deve rezar para que lhe seja concedido um coração puro e que em seu corpo seja restaurado um espírito firme[347], ou seja, para que ele seja perfeitamente despojado dos falsos pensamentos, que se encha de pensamentos divinos pela graça, a fim de se tornar um mundo espiritual de Deus, luminoso e grande, nascido das contemplações éticas, físicas e teológicas.

80. Quem purificou seu coração não apenas conhecerá as razões daquilo que aconteceu depois de Deus, mas também, de certa maneira, verá o próprio Deus depois da passagem de todas as coisas: aquilo que é o fim último dos bens. Vindo a um tal coração, Deus o tornará digno de gravar pelo Espírito as mesmas letras que foram gravadas sobre as tábuas de Moisés[348], na medida em que este coração estiver dilatado pela ação e pela contemplação, conforme o mandamento que ordena misticamente: "Crescei![349]".

81. Um coração que pode ser chamado de puro é o que não apresenta de nenhum modo nenhum movimento em direção a seja lá o que for. Penetrando nele, como sobre uma folha que a extrema simplicidade tornou completamente lisa, Deus escreve suas próprias leis.

82. Um coração é puro quando remete a Deus sua memória totalmente despojada de qualquer forma ou imagem, pronta para ser marcada apenas com os sinais com que Deus se faz naturalmente visível.

83. O Intelecto de Cristo que os santos recebem – conforme o que foi dito: "Temos o intelecto de Cristo[350]" – não é dado quando a potência espiritual nos falta, nem para completar nosso próprio intelecto, nem para passar com a essência e a hipóstase para outro intelecto, mas para iluminar a potência de nosso intelecto com sua própria qualidade, e para levá-la até ele a fim de que o nosso adquira a mesma energia. Está aí, com efeito, posso dizê-lo, o que significa ter o intelecto de Cristo, intelecto que compreende segundo ele e que o compreende em tudo.

84. Somos chamados de corpo de Cristo, conforme o que foi dito: "Somos o corpo de Cristo e cada qual é um de seus membros[351]". Não é privando-nos de nossos corpos que nos tornamos este corpo. Também não é porque ele se transporta a nós em sua hipóstase, ou porque ele se divida em seus membros. Nós nos tornamos este corpo em nos desembaraçando da corrupção do pecado pela semelhança com a carne do Senhor. Pois assim como Cristo estava livre do pecado, pela carne e pela alma, segundo a natureza e na medida em que podemos considerar que ele é homem, também nós, que cremos nele, podemos ficar sem pecado.

85. Existem na Escritura séculos temporais. E existem séculos que contêm o cumprimento de outros séculos, conforme foi dito: "Agora, de uma vez por todas, até o final dos tempos[352], etc." Existem ainda outros séculos que estão livres de qualquer natureza temporal após este século presente que

[346] Cf. *Salmo* 41 (42): 5.
[347] Cf. *Salmo* 50 (51): 12.
[348] Cf. *Êxodo* 31: 13.
[349] Cf. *Gênesis* 35: 11.
[350] I *Coríntios* 2: 16.
[351] I *Coríntios* 12: 27.
[352] *Hebreus* 9: 26.

vai até o fim dos séculos, conforme foi dito: "A fim de mostrar nos séculos futuros a extraordinária riqueza[353]", etc. Encontramos na Escritura uma multitude de séculos passados, presentes e futuros. Alguns são séculos dos séculos[354], século do século[355], anos eternos[356], gerações futuras[357]. E para não alongar o discurso e sair do objeto dizendo o que a palavra de Deus entende como séculos temporais, o que ele entende como anos eternos e como gerações futuras, e o que ele chama simplesmente de século, e quais são os séculos dos séculos, e o que é chamado simplesmente século do século, deixando o cuidado de examinar o que concerne a estas coisas aos que amam aprender, voltemos ao objetivo que tínhamos em vista quando começamos a falar.

86. Sabemos pela Escritura que existe alguma coisa mais elevada do que o século. A Escritura sinalizou que esta coisa existe, mas ela não deu nome a esta coisa, conforme está escrito: "O Senhor reinará no século e sobre o século[358]". Existe, portanto, alguma coisa que é mais elevada do que os séculos, que é o puro Reino de Deus. Pois não se pode dizer que o Reino de Deus começou, ou que ele se manifestou nos séculos ou no tempo. Nós cremos que o Reino de Deus é a herança, a moradia, o lugar dos que se salvam, como foi transmitido pela verdadeira palavra, tal como o fim daqueles que por seu movimento foram transportados ao fim último daquilo que desejavam: quando o atingiram, eles receberam o repouso, a detenção de todo e qualquer movimento, uma vez que para eles já não havia nenhum tempo, nenhum século a percorrer. Assim, depois de todas as coisas eles chegaram a Deus, que está antes de todos os séculos e a quem a natureza dos séculos é incapaz de atingir.

[353] *Efésios* 2: 7.
[354] Cf. *Salmo* 83 (84): 5.
[355] Cf. *Isaías* 9: 6.
[356] Cf. II *Timóteo* 1: 9.
[357] Cf. *Gênesis* 9: 12.
[358] *Êxodo* 15: 18.

87. Enquanto estamos nesta vida, mesmo que pela ação e pela contemplação exista um fim do estado daqui de baixo, temos um conhecimento parcial, a profecia, as garantias do Espírito Santo[359], mas não temos a plenitude em si. Chegaremos aí um dia, depois da consumação dos séculos, no fim perfeito face a face[360], que mostra aos que são dignos esta verdade que se mantém por si mesma, de sorte que não teremos mais uma parte da plenitude, mas, por participação, a plenitude da graça por inteiro. Pois todos os salvos, diz o Apóstolo divino, alcançam o estado do homem perfeito, à medida da plenitude de Cristo[361], em que estão escondidos os tesouros da sabedoria e do conhecimento[362], por intermédio dos quais, no momento de sua manifestação, desaparecerá tudo o que é parcial[363].

88. Alguns tentam saber qual será o estado daqueles que são dignos da perfeição no Reino de Deus. Qual dos dois prevalecerá? Haverá progressão e mudança, ou identidade imóvel? O que serão os corpos e as almas? Que devemos pensar disto? Responderemos a isso com uma dupla conjectura, dizendo que o alimento, na vida corporal, tem uma dupla razão de ser: uma é o crescimento, outra é a conservação dos que se alimentam. Pois até que alcancemos a perfeição do desenvolvimento corporal, nos alimentamos para crescer. Mas quando o corpo atingiu seu pleno desenvolvimento em tamanho, ele já não se alimenta para crescer, mas para se conservar. Da mesma forma, na alma, a razão da alimentação é dupla. Pois a alma se alimenta para progredir nas virtudes e nas contemplações, até que tenha ultrapassado a todos os seres e atinja, na força da idade, a medida da plenitude de Cristo[364]. Aí chegando, ela cessa toda progressão no crescimento e no desenvolvimento através de meios: ela passa a se alimentar diretamente daquilo que ultrapassa o entendimento. É por isso

[359] Cf. II *Coríntios* 1: 22.
[360] Cf. I *Coríntios* 13: 12.
[361] Cf. *Efésios* 4: 13.
[362] Cf. *Colossenses* 2: 3.
[363] Cf. I *Coríntios* 13: 10.
[364] Cf. *Efésios* 4: 13.

que esta espécie de alimento incorruptível, mais elevado do que o crescimento, conserva a perfeição divina que foi dada à alma e manifesta seus infinitos esplendores. Pois, ao tomar tal alimento, a alma recebe o bem estar eterno, sempre igual, e se torna Deus pela participação na graça divina. Ela mesma acabou com todos os assuntos do intelecto e dos sentidos, deteve em si as energias naturais do corpo, agora deificado nela participando de sua deificação no modo que lhe corresponde. Assim Deus aparece através da alma e do corpo quando, neles, pela superabundância da glória, são transportadas as marcas naturais.

89. Alguns dos que amam aprender buscam saber qual será a diferença entre as moradias eternas e as promessas. Qual das duas prevalecerá? O próprio lugar? Ou os sentidos da qualidade e da quantidade próprios a cada moradia espiritual? Para uns, parece ser a primeira, a outros a segunda. Optará por esta aquele que sabe o que significa: "O Reino de Deus está em vocês[365]" e "A casa de meu Pai tem muitas moradas[366]".

90. Alguns procuram saber a diferença que existe entre o Reino de Deus e o Reino dos céus. Eles se diferenciam pela realidade ou pelo sentido? Por qual dos dois? Devemos dizer-lhes que eles se diferenciam não pela realidade, mas pelo sentido. Pois o Reino dos céus é a compreensão do puro conhecimento dos seres segundo suas próprias razões, conhecimento que já estava em Deus antes dos séculos. E o Reino de Deus é a transmissão pela graça dos bens naturalmente ligados a Deus. Um está relacionado com o fim dos seres. O outro, pelo sentido, está além do fim dos seres.

91. "O Reino dos céus está próximo[367]" não se relaciona, penso eu, com um encerramento dos tempos. Pois o Reino não virá de maneira que o possamos observar, e não poderemos dizer: "Ele está aqui, ele está lá[368]", mas ele está ligado à relação que têm com ele os que dele são dignos, por seu estado. De fato, foi dito: "O Reino de Deus está em vocês[369]".

92. O Reino de Deus Pai está potencialmente em todos os que creem. Mas ele age nos que, por seu estado, depositaram totalmente toda a vida da alma e do corpo segundo a natureza, adquiriram a vida única no Espírito e podem dizer: "Já não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim[370]".

93. Alguns dizem que o Reino dos céus é a vida que no céu vivem aqueles que são dignos. Outros dizem que ela é a condição dos que foram salvos, semelhante à dos anjos. Para outros enfim ela é esta forma de beleza divina que têm os que trazem a imagem do celeste[371]. Parece-me que as três opiniões concordam com a verdade sobre este ponto. Pois a graça futura é dada a todos, na medida da justiça que existe em cada um, em qualidade e quantidade.

94. Na medida em que conduzimos corajosamente os combates divinos segundo a filosofia prática, trazemos em nós o Verbo que, pelos mandamentos, saiu do Pai para vir ao mundo. Mas quando nos afastamos das lutas da ascese contra as paixões, vencedores das paixões e dos demônios, alcançamos a filosofia gnóstica pela contemplação, permitimos que o Verbo deixe misticamente o mundo e retorne ao Pai. É por isso que o Senhor disse aos discípulos: "Vocês me amaram e acreditaram que eu saí do Pai. Eu saí do Pai e vim ao mundo; agora, novamente eu deixo o mundo para ir ao Pai[372]". Podemos dizer que ele chama de "mundo" o trabalho que temos em praticar a virtude, e que ele chama de "Pai" o estado do intelecto mais elevado do que o mundo e livre de qualquer pensamento material,

---

[365] *Lucas* 17: 21.
[366] *João* 14: 2.
[367] *Mateus* 3: 2; 4: 17.
[368] *Lucas* 17: 20-21.
[369] *Lucas* 17: 21.
[370] *Gálatas* 2: 20.
[371] Cf. I *Coríntios* 15: 49.
[372] *João* 16: 28.

este estado segundo o qual o Verbo de Deus vem a nós, detendo o combate contra as paixões e os demônios.

95. Aquele que, pela ação, matou seus membros que estão sobre a terra e venceu[373], pela palavra dos mandamentos, o mundo das paixões que existia em si, já não terá mais nenhuma aflição. A partir daí ele terá deixado o mundo e entrado em Cristo, que venceu o mundo das paixões e que dá toda a paz. Pois quem não abandona seu pendor pelas coisas materiais estará sempre aflito: ele muda de sentimento ao mesmo tempo em que as coisas mudam segundo a natureza. Mas quem entrou em Cristo já não sentirá nenhuma mudança material qualquer que seja. É por isso que o Senhor disse: "Eu lhes disse estas coisas para que vocês tenham paz em mim. Vocês serão afligidos pelo mundo, mas tenham coragem. Eu venci o mundo[374]". Vale dizer: em mim, o Verbo da virtude, vocês têm a paz, estão livres do turbilhão e da perturbação das paixões e das coisas materiais. Mas no mundo, ou seja, em seu pendor pelas coisas materiais, vocês serão afligidos por vê-las mudar umas depois das outras. Pois ambos são afligidos: o que trabalha pela virtude, por causa das penas a que está ligado, e o que ama o mundo, por causa da perda das coisas materiais. Mas a aflição do primeiro é salutar, e a do segundo é corruptora e funesta. Mas o Senhor é reconforto para os dois. Ele conforta a um si mesmo, durante a contemplação, pela impassibilidade. E ao outro ele liberta, pelo arrependimento, do pendor passional que o leva às coisas que se corrompem.

96. O libelo de acusação contra o Senhor nos ensina claramente que o crucificado era Rei e Senhor da filosofia prática, da natural e da teológica. Diz-se que a inscrição estava em latim, grego e hebraico[375]. Eu entendo pelo latim a filosofia prática, pois o Império romano foi definido por Daniel como o reino mais forte de todos os que existiram sobre a terra[376], e a força é característica da filosofia prática. Entendo pelo grego a contemplação natural, pois o povo grego se ocupou da filosofia natural mais dos que os outros homens. Enfim, eu entendo pelo hebraico a iniciação gnóstica, pois este povo foi claramente consagrado a Deus desde a origem dos Patriarcas.

97. Devemos não apenas eliminar as paixões corporais, como também destruir os pensamentos passionais da alma, conforme disse um santo: "De manhã eu eliminei todos os pecadores da terra, para extirpar da cidade do Senhor todos os que cometem injustiça[377]": vale dizer, as paixões do corpo e os pensamentos iníquos da alma.

98. Quem, por um pensamento piedoso e reto, guardou o caminho da virtude de todo o mal, sem se desviar para a direita nem para a esquerda, verá em si a chegada do Senhor, pela impassibilidade. Pois eu cantarei e compreenderei quando você vier a mim[378] por um caminho irretocável. O Salmo significa, com efeito, a ação virtuosa. A compreensão significa a ciência gnóstica da virtude, pelo qual sentimos a chegada divina. E aquele que, pela vigília das virtudes, recebe seu Senhor, pode ser considerado fiel e bom.

99. Quem começa a marchar sobre o caminho da piedade não deve ser levado à prática dos mandamentos apenas pela bondade, mas acima de tudo deve combater lembrando-se dos mandamentos e cortando. Ele pode avançar, com a condição de não apenas amar o divino com todo seu desejo, mas de afastar-se do mal pelo temor. "Eu cantarei sua compaixão e seu juízo, Senhor[379]", a fim de cantar a Deus nas delícias do desejo, e de ter força para cantar, firmado no temor.

---

[373] Cf. *Colossenses* 3: 5.
[374] *João* 16: 33.
[375] Cf. *João* 19: 20.
[376] Cf. *Daniel* 2: 44.
[377] *Salmo* 100 (101): 8.
[378] Cf. *Salmo* 100 (101): 2.
[379] *Salmo* 100 (101): 1.

100. Quem, pela virtude e o conhecimento, entregou o corpo à alma, torna-se uma cítara, um templo, um pátio de Deus. Uma cítara, pois guardou a harmonia das virtudes. Um pátio, pois, pelas contemplações divinas, recebeu a inspiração do Espírito. E um templo, pois, devido à pureza do intelecto, tornou-se uma moradia do Verbo.

TERCEIRA CENTÚRIA

CAPÍTULOS SOBRE A TEOLOGIA, A ECONOMIA, A VIRTUDE E O VÍCIO

1. Uno é o bem que, acima de tudo, não tem começo e é mais do que a essência: a Santa Unidade em três hipóstases, Pai, Filho e Espírito Santo. União infinita de três infinitos, mantendo totalmente inacessível ao seres a razão de ser: como ele é, o que ele é e quem ele é. Pois esta razão escapa à compreensão dos que pensam: ela não sai absolutamente da interioridade oculta segundo a natureza, e ela ultrapassa infinitamente todo conhecimento de todos os conhecimentos.

2. O bem em sentido próprio, em sua essência, é aquilo que não tem começo, nem fim, nem causa de ser, nem tampouco, no ser, qualquer movimento em direção a uma causa. O que não for assim não será em sentido próprio, pois terá um começo e um fim, uma causa de ser, e, no ser, um movimento em direção a uma causa. Aquilo que não é em sentido próprio, ainda que seja chamado de ser, é e será chamado de ser por participação, pela vontade d'Aquele que é em sentido próprio.

3. Se alguma razão dirige o devir dos seres, ela não foi, não é, nem será uma razão amis elevada do que o Verbo. O Verbo não é nem sem inteligência nem sem vida, mas é inteligente e vivo, pois ele traz em si o Pai que é o Intelecto gerador, e traz em si a vida cuja existência está realmente ligada ao Espírito Santo.

4. Existe um só Deus, Pai que engendra seu Filho, e que é a fonte do Espírito Santo, Unidade sem confusão e Trindade sem divisão, Intelecto que não tem começo, Pai único que engendra realmente o Verbo único que não tem começo, e fonte da única vida eterna, ou seja, o Espírito Santo.

5. Existe um único Deus, pois ele é a única Divindade: a Unidade que não tem começo, que é simples, mais do que essência, sem partes nem divisão. A mesma é Unidade e Trindade, etc.

6. Se toda participação dos que participam é pré-concebida, a causa dos seres que, por sua natureza, existe e é concebida antes dos seres, ultrapassa evidentemente e de todas as maneiras todos os seres, de forma clara e incomparável. Não porque ela seja a essência das criaturas, pois então o divino se revelaria composto, uma vez que ele precisaria da realidade dos seres para completar sua própria existência, mas porque ela é a supra-essência da essência. Se, com efeito, as artes imaginam as formas que constroem e se a natureza em seu conjunto inventou as espécies que ela suscita, quanto mais Deus que criou do nada as essências dos seres, ele que é mais do que essência e que, antes de tudo, está infinitamente além daquilo que o poderia estabelecer na supra-essência, ele que uniu as ciências e as artes para que estas inventem as formas, que deu à natureza a energia que lhe permite suscitar as espécies, e que fundou tal como é este ser das essências.

7. Aquele de cuja essência os seres não participam, mas que, de outra maneira, quer que os que podem dele participem, não sai absolutamente do segredo da essência. Assim como o mundo segundo o qual ele deseja ser partilhado e que ele sabe que permanece continuamente invisível a todos, também ele quer fundar o que participa, segundo uma razão que só ele conhece, no superabundante poder de sua bondade. Aquilo que foi feito pela vontade do Criador não pode ser eterno com Aquele que o quis.

8. O Verbo de Deus, nascido de uma vez por todas na carne, deseja sempre, por amor ao homem, nascer no Espírito naqueles que o desejam. Ele se torna criança, formando a si próprio neles pelas virtudes, revelando-se na medida em que ele sabe que o carrega aquele que o recebe, não diminuindo por ciúme a revelação de sua própria grandeza, mas medindo a potência dos que o querem ver. Assim, ao mesmo tempo em que ele se manifesta sempre aos modos daqueles que dele participam, o Verbo de Deus, em sua transcendência, permanece sempre invisível a todos. É por isso que, depois de haver examinado com sabedoria o poder do mistério, o divino Apóstolo disse: "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre[380]". Ele sabia que o mistério é sempre novo e que jamais envelhece na compreensão do intelecto.

9. O Cristo Deus nasceu, tornou-se homem assumindo a carne que tem uma alma espiritual, ele que havia dado aos seres nascer do nada, e que a Virgem concebeu sobrenaturalmente[381] sem perder nenhuma marca de sua virgindade. Pois assim como ele se tornou homem sem mudar a natureza e sem alterar a potência, também ele fez Mãe e manteve Virgem aquela que o concebeu. Ele explica o milagre com outro milagre, ao mesmo tempo em que esconde um com o outro. Pois em si mesmo Deus é sempre mistério em sua essência; ele não sai do segredo natural senão para torná-lo ainda mais secreto pela manifestação, e não fez da Virgem uma Mãe que concebe senão para gerar pela gestação os laços da virgindade impossíveis de romper.

10. As naturezas foram renovadas e Deus tornou-se homem. Não foi apenas a natureza divina, constante e imóvel, que se pôs em movimento em direção à natureza móvel e inconstante a fim de que ela cessasse de ser levada. E não foi apenas a natureza humana que, sem semente, mais elevada do que a natureza, cultivou uma carne levada a seu termo pela razão divina, a fim de deixar de ser levada. Mas foi também a estrela que em pleno dia apareceu no Oriente e conduziu os Magos[382] ao local da encarnação do Verbo, a fim de dar significado à palavra que estava na Lei e nos Profetas, misticamente mais forte do que os sentidos, conduzindo as nações à imensa luz do conhecimento. Pois a palavra da Lei e dos Profetas

---

[380] *Hebreus* 13: 8.
[381] Cf. *Lucas* 1: 31.
[382] Cf. *Mateus* 2: 2-9.

tinha claramente em vista o conhecimento do Verbo encarnado, assim como a estrela, considerada com piedade, conduziu aqueles que, por desígnio de Deus, foram chamados pela graça.

11. Uma vez que eu, homem, transgredi voluntariamente o mandamento divino, e uma vez que o diabo, depois de haver-me seduzido, arrastou a firmeza de minha natureza para longe da esperança na divindade[383], para um prazer do qual ele se orgulharia – por colocar aí o fundamento da morte e por fazer suas delícias da corrupção da natureza – Deus tornou-se homem perfeito, sem nada omitir da natureza, salvo o pecado[384], pois este não pertence à natureza. Assim, depois de tê-lo atraído colocando a carne diante de si, ele atraiu o dragão insaciável que abriu sua bocarra para engolir esta carne, que o iria em seguida destruir pelo poder da divindade presente nela, ao mesmo tempo tornando-se remédio para a natureza dos homens, repondo a graça original pela mesma potência que foi colocada nela. Pois, assim como o diabo corrompeu a natureza quando esta provou do veneno da malícia presente na árvore do conhecimento, também ele se autodestruiu pelo poder da divindade presente na carne do Mestre.

12. O grande mistério da encarnação de Deus no homem permanece sempre um mistério, não apenas porque, revelado na medida em que o podem ver aqueles que foram salvos por ele, o que não foi visto é ainda maior do que o que foi revelado, mas porque até mesmo o que foi revelado permanece ainda totalmente oculto e não pode ser conhecido tal como é. Que isto que dizemos não pareça paradoxal! Com efeito, Deus, que é mais do que essência e que está acima de toda supra-essência, quando quis vir numa essência, existiu nela ao mesmo tempo em que permanecia acima dela. É por isso que ele permanece sempre acima do homem mesmo quando, em seu amor pelo homem, ele se tornou verdadeiramente homem a partir da essência dos homens, mas sem que fosse revelado o modo pelo qual ele se tornou homem, pois foi acima do homem que ele se tornou homem.

13. Consideremos com fé o mistério da encarnação de Deus no homem, e, acima de toda pesquisa, glorifiquemos apenas Aquele que por bem quis se tornar isto por nós. Quem, com efeito, baseado no poder de uma demonstração lógica, pode dizer como se fez a concepção do Verbo de Deus? Como pode uma carne se formar sem semente? Como nasceu ela sem corrupção? Como pode uma mãe permanecer virgem depois de engravidar? Como pode Aquele que está acima de tudo crescer em idade[385]? Como pode ser batizado Aquele que era puro[386]? Como alimentava os outros Aquele que tinha fome[387]? Como dispunha de força Aquele que estava fatigado? Como dava remédios Aquele que sofria? Como suscitava a vida Aquele que morria? E, para falarmos do começo e do fim, como Deus se tornou homem? E o que é ainda mais misterioso, como ele pode estar essencialmente na carne, em sua hipóstase, o Verbo, que, em sua essência, estava inteiro hipostaticamente no Pai? Como o mesmo pode ser inteiramente Deus em sua natureza, tendo se tornado inteiramente homem em sua natureza, sem recusar nenhuma das naturezas, nem a divina, segundo a qual ele é Deus, nem a nossa, segundo a qual ele se tornou homem? Apenas a fé, que é o fundamento das coisas que ultrapassam o intelecto e a razão[388], pode abarcar tais mistérios.

14. Adão, com sua desobediência, ensinou que a gênese da natureza vem do prazer: mas, banindo a este da natureza, o Senhor não aceitou a concepção que vem da semente. A mulher, pela transgressão do mandamento, mostrou que a gênese da natureza começava na dor: mas, separando a esta da natureza, ao nascer, o Senhor não permitiu que aquele que o gerou sofresse a corrupção, a fim de retirar da natureza ao mesmo

[383] Cf. *Gênesis* 3: 5.
[384] Cf. *Hebreus* 4: 15.
[385] Cf. *Lucas* 2: 52.
[386] Cf. *Mateus* 3: 13-14.
[387] Cf. *Mateus* 4: 2; 14: 13 e ss.
[388] Cf. *Hebreus* 11: 1.

tempo o prazer voluntário e a dor involuntária sofrida por causa do prazer. Assim ele se tornou destruidor daquilo de que não era criador, e ensinou misticamente como começar resolutamente uma outra vida, que de início pode estar ligada ainda à dor e às penas, mas que em todo caso termina num prazer divino e num regozijo infinito. É por isso que Aquele que criou o homem tornou-se homem e nasceu como homem para salvar o homem, e fez-se paixão, para curar nossas Paixões com sua Paixão. Apagando deste modo, de nossa carne, nossas paixões, além de toda medida, ele renovou nossas faculdades no Espírito por seu amor pelo homem.

15. Quem, por amor a Deus, venceu o pendor da alma pelo corpo, não tem mais limites, ainda que permaneça num corpo. Pois Deus, que atrai o ímpeto daquele que deseja, é incomparavelmente mais elevado do que tudo e não permite que aquele que deseja aplique seu ímpeto a qualquer coisa que esteja abaixo de Deus. Assim, desejemos a Deus como todo nosso poder e impeçamos as coisas do corpo de dominar nossa resolução. Por nosso estado, estejamos acima dos seres sensíveis e inteligíveis. Assim, os limites naturais não nos prejudicarão em absolutamente nada em nossa resolução de estarmos com Deus que, por sua natureza, é infinito.

16. A vida dura que os santos levam é um combate entre o ciúme e a virtude. O ciúme, para que este o arraste em seu amor pela disputa. A virtude para que, a tudo suportando, ela permaneça invencível. Um que conduz o combate do mal, para abrir para si um caminho para o castigo daqueles que progridem. A outra, para reter os bons, mesmo quando estes estão em meio aos sofrimentos.

17. Lutar durante as penas é o combate da virtude, e o prêmio da vitória dos que têm paciência é a impassibilidade da alma, na qual esta, unida a Deus pelo amor, se torna disposta para separar-se do corpo e do mundo. Pois tratar o corpo com dureza fortifica a alma dos que são pacientes.

18. Enganados de início pela ilusão do prazer, nós preferimos a morte à vida verdadeira. Assim é que experimentamos com gratidão as penas do corpo que destroem o prazer. Assim, à morte do prazer, fazendo desaparecer consigo a morte que havia suscitado, recebemos em troca, voltando para nós, a vida que havia sido vendida ao prazer resgatada pelos pequenos sofrimentos da carne.

19. Se, quando a carne é bem tratada, a força do pecado cresce, é claro que a força da virtude se eleva naturalmente e com todo direito quando a carne é maltratada. Portanto, suportemos nobremente a aflição da carne, que lava as manchas da alma e suscita a glória por vir. Pois os sofrimentos do tempo presente nada são comparados com a glória futura que irá se revelar em nós[389].

20. Nem os médicos que cuidam do corpo ministram a todos o mesmo remédio, nem Deus que cura as doenças da alma apresenta um mesmo tratamento que convenha a todos. Mas ao atribuir a cada alma aquilo que lhe é necessário, ele promove as curas. Rendamos-lhe graças, nós que somos assim curados, mesmo se o que nos acontecer for uma provação, pois o fim é bem-aventurado.

21. Nada revela tanto o estado do homem como as revoltas de uma carne duramente conduzida. Se a alma cede, parecerá que ela ama a carne mais do que a Deus. Se ela permanecer inquebrantável ante seus apelos, ela demonstrará honrar a virtude mais do que a carne. Pela virtude, ela receberá em si a moradia de Deus que por ela suportou os sofrimentos em nossa natureza, e que anunciou outrora aos discípulos: “Tenham coragem, eu venci o mundo[390]”.

22. Se todos os santos foram castigados, também nós rendamos graças por sermos castigados com eles, a fim de sermos julgados dignos de tomar

---

[389] Cf. *Romanos* 8: 18.
[390] *João* 16: 33.

parte em sua glória, pois "o Senhor castiga a quem ele ama, e fustiga todo filho a quem acolhe[391]".

23. Depois de recebido a costela que lhe proporcionou o prazer, Adão fez sair do Paraíso a natureza humana[392]. Mas pelo sofrimento, com o flanco aberto pela lança, o Senhor fez entrar o ladrão no Paraíso[393]. Portanto, amemos o sofrimento da carne, e odiemos o prazer. Pois o primeiro faz entrar e restabelece nos bens, enquanto o outro faz sair e separa dos bens.

24. Se Deus se tornou homem e sofreu na carne, quem não se regozijaria de dividir com Deus seu sofrimento? Sofrer com ele abre o Reino. Pois é verdade o que foi dito: "Se sofrermos com ele, também seremos glorificados com ele[394]".

25. Se devemos sofrer de qualquer modo por causa do prazer que o ancestral misturou à natureza, suportemos nobremente os sofrimentos passageiros, que amolecem em nós o aguilhão do prazer e nos livram dos castigos eternos aos quais este nos condena.

26. O amor é o fim de todos os bens, pois ele é o mais extremos dos bens que levam a Deus, e a causa de todo bem, conduzindo, dirigindo , reunindo os que caminham nele, ele que é fiel e não engana jamais[395]. Pois a fé é o fundamento do que vem antes dela, ou seja, da esperança e do amor: ela toma sobre si com toda certeza o que é verdadeiro. A esperança é a força dos extremos, ou seja, do amor e da fé: ela revela por si mesma o que é fiel e o que é amoroso num e noutro, e para chegar a isto, ela ensina a correr por si própria. Quanto ao amor, ele é o cumprimento da fé e da esperança, a última virtude que desejamos: ele abraça inteiro a tudo, proporciona às duas virtudes a detenção do movimento, que leva a crer que ele é e a esperar que ele será, fazendo por si só gozar do presente.

27. A mais perfeita obra do amor e o cumprimento de sua energia por uma troca que mantém aquilo que ele uniu, consiste em adaptar uns aos outros os caracteres próprios e por em movimento as vocações: Deus criou o homem, e o homem se torna e mostra Deus, para que se cumpram o desígnio e o movimento únicos e semelhantes dos dois segundo a vontade divina.

28. Se somos de todo modo à imagem de Deus[396], devemos pertencer a nós mesmos e a Deus, ou melhor, devemos pertencer inteiramente a Deus único e inteiro, não trazendo conosco nada de terrestre, a fim de nos aproximarmos de Deus e nos tornarmos deuses, recebendo de Deus o sermos deuses. É assim que são honrados os dons divinos e que é acolhida com amor a chegada da paz de Deus.

29. O amor é um grande bem, o primeiro dos bens, um bem extraordinário, pois ele une por si mesmo, naquele que o possui, Deus e os homens, e prepara o caminho sobre o qual o Criador dos homens se manifestou como homem, para que no bem, tanto quanto é possível ao homem, o deificado se assemelhe a Deus. Penso que por em movimento esta semelhança é o mesmo que amar ao Senhor Deus de todo coração, com toda a alma, toda a força, e ao próximo como a si mesmo[397].

30. É preciso saber como, com suas mentiras, por meio do egoísmo, com maledicência e hipocrisia, depois de nos ter enganado colocando em nós o prazer, o diabo resolutamente nos separou de Deus e separou-nos uns dos outros: ele entortou o que era direito e desta forma dividiu a natureza, e a picotou em numerosas opiniões e imaginações.

---

[391] *Provérbios* 3: 12.
[392] Cf. *Gênesis* 3: 24.
[393] Cf. *Lucas* 23: 43.
[394] *Romanos* 8: 17.
[395] Cf. I *Coríntios* 13: 8.
[396] Cf. *Gênesis* 1: 27.
[397] Cf. *Levítico* 19: 18; *Deuteronômio* 6: 5; *Mateus* 22: 37-39.

31. Existem três enormes coisas que são a fonte do mal e que, em uma palavra, engendram toda malícia: falo da ignorância, do egoísmo e da tirania. Estas três coisas dependem umas das outras e criam umas às outras. Com efeito, o egoísmo vem da ignorância de Deus, e a tirania em relação ao próximo vem do egoísmo. Nenhuma palavra contradirá: é pelo mau uso das potências próprias da razão, do desejo e do ardor, que o maligno fundou estas coisas em nós.

32. Pela razão, em ugar da ignorância, devemos nos por em busca apenas de Deus pela via do conhecimento. Pelo desejo que purifica a paixão do egoísmo, devemos nos transportar com todo nosso amor apenas para Deus. Pelo ardor desembaraçado da tirania, devemos nos esforçar para encontrarmos apenas a Deus. E devemos suscitar o amor divino e bem-aventurado que provém destas faculdades e graças ao qual elas existem, este amor que une a Deus e deifica aquele que ama a Deus.

33. Quando desenraizamos o egoísmo que, como eu disse, é a fonte e a mãe dos males, tudo o que vem dele, tudo o que vem depois dele é arrancado junto. Pois quando o egoísmo não existe, é impossível que haja o menor traço ou a menor espécie de malícia.

34. Devemos nos ligar a nós mesmos e uns aos outros na mesma medida em que Cristo, tomando a dianteira, nos mostrou por si mesmo, suportando sofrer por nós.

35. Pelo amor todos os santos se opuseram ao pecado, não fazendo caso algum da vida presente. Eles sofreram a morte de muitas maneiras, a fim de deixar o mundo, de se unirem a si mesmos e a Deus e de tapar em si as brechas da natureza. Esta é a verdadeira e irretocável sabedoria divina dos fiéis, esta sabedoria da qual a bondade e a verdade são o fim, se as marcas da caridade são a bondade do amor pelo homem e a verdade do amor a Deus na fé. Pois a sabedoria une os homens a Deus e os homens entre si. É por isso que ela traz consigo, sem falha, a permanência dos bens.

36. O verdadeiro estado de benevolência voluntária para com o próximo é a energia e a prova do perfeito amor de Deus. Pois quem não ama a seu irmão a quem vê, diz o divino João, não pode amar a Deus a quem não vê[398].

37. O amor é o caminho da verdade. Ao dar este nome a si mesmo[399], o Verbo de Deus encaminha a Deus Pai, purificados de toda espécie de manchas, aqueles que andam no caminho da verdade.

38. Tal é a porta[400] pela qual nos tornamos aquele que entra no Santo dos Santos e nos pomos a contemplar a beleza inacessível da Santa e Real Trindade.

39. É verdadeiramente terrível e além de toda condenação fazer morrer voluntariamente, por amor às coisas corrompíveis, a vida que recebemos de Deus pelo dom do Espírito Santo. Este é um temor conhecido daqueles que se aplicaram em preferir a verdade ao egoísmo.

40. Estejamos em paz quando se deve e, depois de rejeitarmos o amor que devíamos ao mundo e àquele que detém o mundo no mal, detenhamos, ainda que tardiamente, o combate que, por causa das paixões, mantemos contra Deus. E depois de termos concluído com ele a indissolúvel aliança pela paz, cessemos de lhe ser hostis, destruindo o corpo do pecado[401].

41. Nos é impossível unirmo-nos no amor a Deus enquanto, pelas paixões, nos revoltamos contra ele e suportamos pagar o tributo da malícia ao diabo, o tirano enganador e assassino das almas, a menos que sejamos primeiro combatidos pelo maligno. Até então, na medida em que queremos ser escravos das paixões da desonra, nos fazemos de inimigos de Deus e o

---

[398] I *João* 4: 20.
[399] Cf. *João* 14: 16; 4: 8.
[400] Cf. *João* 10: 9.
[401] Cf. *Romanos* 6: 6.

combatemos, mesmo que nos atribuamos o nome de fiéis. De nada nos serve confiarmo-nos à paz do mundo, quando a alma está mal disposta, revoltando-se contra seu Criador e não suportando ser submetida a seu Reino. Pois ela permanece ainda tributária de mil mestres cruéis, que a empurram para o mal e a levam, enganando-a, a escolher o caminho que leva à perdição[402], mais do que à vida que pode salvar.

42. Deus nos criou para que nos comuniquemos com a natureza divina[403], para que tenhamos parte em sua eternidade e para que pareçamos semelhantes a ele na[404] deificação que vem da graça, pela qual toda constituição dos seres é também permanência, e toda criação do que não existe é também devir.

43. Se desejamos ser chamados e sermos filhos de Deus, esforcemo-nos para não trair o Verbo pelas paixões, como fez Judas[405], e para não negá-lo, como fez Pedro[406]. Pois deixar de fazer o bem por medo é uma negação do Verbo. E o pecado cometido em ato e a impulsão pelo pecado são uma traição.

44. A alegria é o fim de toda aflição. O repouso é o fim das penas. A glória é o fim da desonra. Em uma palavra, ir com Deus, estar continuamente com ele, desfrutar do repouso eterno que não acaba, é o fim de todos os sofrimentos que suportamos pela virtude.

45. Desejando nos unir a todos na natureza e no conhecimento, e empurrando para isto toda a raça humana, em sua bondade Deus nos traçou os mandamentos salutares que amam o homem. Ele assim simplesmente nos deu por lei termos piedade e sermos tratados com piedade.

---

[402] Cf. *Jó* 30: 12.
[403] Cf. II *Pedro* 1: 4.
[404] Cf. I *João* 3: 2.
[405] Cf. *Mateus* 26: 14-16.
[406] CF. *Mateus* 26: 69-75.

46. O egoísmo e a inteligência dos homens, pela rejeição ou a mentira mútuos, bem como pela rejeição ou a fraude da Lei, dividiram a natureza única em numerosas partes. Depois de haver introduzido a insensibilidade, que agora domina a natureza, a disseminaram, e armaram com uma razão especiosa esta natureza tal como ela é. É por isso que qualquer um que, por um pensamento sábio e pela nobreza de sentimentos, tenha dissipado esta anomalia da natureza, sente piedade de si mesmo diante dos outros: ele suscitou a resolução conforme a natureza, encaminhou-se resolutamente para Deus seguindo a natureza, e mostrou em si de que maneira a razão da imagem se exprime e como Deus, depois de haver criado no início nossa natureza semelhante a ele próprio, como uma clara representação de sua própria bondade, a estabeleceu nela, em tudo a mesma, pacífica, calma, apaziguada, colada a Deus e a ela por amor, conforme nos liguemos a Deus pelo desejo, e uns aos outros pela compaixão.

47. Deus que ama os homens se tornou homem a fim de reunir em si próprio a natureza dos homens, e para que esta cessasse de se maltratar, sublevada e dividida sobretudo contra si mesma, e sem a menor constância, devido ao movimento versátil da vontade de cada um.

48. Nada do que vem depois de Deus é mais precioso, ou melhor, nada é mais amado por Deus do que o amor perfeito, naqueles que possuem a inteligência. Pois este amor reúne em um aqueles que estavam divididos e ele pode suscitar em muitos, ou em todos, em sua resolução, uma mesma identidade pacífica. Pois ele pode mostrar a única resolução própria ao amor daqueles que assim buscam.

49. Se, por natureza, o bem unifica e reúne aquilo que estava dividido, é evidente que o mal divide e destrói aquilo que estava unido. Por natureza, como efeito, o mal é disperso e volátil, toma muitas formas e divide.

50. O verdadeiro amor a Deus com conhecimento de causa e a recusa total da afeição da alma pelo corpo e por este mundo são a libertação de todos

os males e o caminho mais curto para a salvação, pelo qual, rejeitando a concupiscência do prazer e o medo da dor, somos libertos do egoísmo mau, elevados que seremos ao conhecimento do Criador. E, substituindo o egoísmo mau pelo bom e espiritual amor a nós mesmos desembaraçado de toda afeição corporal, não cessaremos de adorar a Deus pela beleza de tal amor, e buscaremos sempre junto a Deus o recolhimento da alma. Esta é, com efeito, a verdadeira adoração que agrada realmente a Deus: Cuidar rigorosamente da alma por meio das virtudes.

51. Quem não cobiça o prazer corporal e que não teme absolutamente a dor se torna impassível. Pois, ao mesmo tempo em que estes e junto com o egoísmo que os engendrou, ele destruiu todas as paixões suscitadas por sua causa e provenientes deles, incluindo a ignorância, esta causa primeira dos males. Assim ele se liga inteiramente à beleza que, por natureza, é estável, constante, sempre a mesma: com ela ele permanece totalmente imóvel, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor[407], pois, no esplendor luminoso que existe em si, ele contempla a glória divina e inacessível.

52. Devemos na medida do possível recusar o prazer e a dor da vida presente e nos separarmos de todo pensamento de paixão e de toda malfeitoria demoníaca. Pois é por causa dos prazeres que amamos as paixões e é por causa da dor que fugimos das virtudes.

53. Uma vez que todo vício é destruído naturalmente do mesmo modo como foi suscitado, o homem, constatando por esta experiência que a dor sucede de um modo ou de outro ao prazer, atirou-se por completo ao prazer e fugiu totalmente da dor. Ele combateu pelo primeiro com toda sua força e lutou contra o outro com todo seu ardor. Por meio deste artifício, ele pensou – embora fosse impossível – em separá-los um do outro e unir seu egoísmo apenas ao prazer separando-o totalmente da dor. Mas, sob o efeito da paixão, ignorou que é naturalmente impossível que o prazer subsista para sempre sem que jamais surja a dor. Pois a pena que engendra a dor está naturalmente mesclada ao prazer, mesmo que aqueles que o experimentam pareçam esquecer-se disto, pois, sob o efeito da paixão, se deixam levar pelo prazer. Com efeito, é o que o conduz que se manifesta naturalmente, recobrindo a sensação daquilo que substitui. Portanto, nos arrogando o prazer para satisfazer nosso egoísmo esforçando-nos por nos separarmos da dor pela mesma razão, fomentamos a indizível gênese das paixões corruptoras.

54. Quando nos ligamos a Deus, ignoramos a sensação de prazer e de dor, pois somente ele é digno de amor, e desejável; para dizê-lo melhor, quando a ele unimos o intelecto liberado da relação corporal.

55. Assim como não podemos adorar a Deus com toda pureza se não purificarmos totalmente a alma, também não podemos adorar a criação se não moderarmos o corpo. Cumprindo no corpo a adoração corruptora, e com isto se tornando egoísta, o homem suscita continuamente o prazer e a dor: ele continua se alimentando da árvore da desobediência – a árvore do conhecimento do bem e do mal[408]. Assim, em seus sentidos desordenados, ele tem a experiência do conhecimento. Assim, se dissermos que a criação visível é a árvore do conhecimento do bem e do mal, não estaremos longe da verdade, porque participamos naturalmente daquilo que suscita o prazer e a dor.

56. Onde não impera a razão, os sentidos predominam naturalmente. É a partir desta predominância que petrificou-se, de certo modo, a potência do pecado que, pelo prazer, realmente leva a alma à miséria da carne tão próxima. Assim, o pela vida segundo a natureza, tomando-se de cuidados pela carne com paixão e prazer, como se isto fosse a obra natural da alma, a convence a suscitar o vício onde este não existia.

---

[407] Cf. II *Coríntios* 3: 18.

[408] Cf. *Gênesis* 3: 5.

57. O esquecimento dos bens da natureza é o vicio da alma dotada de inteligência. Este esquecimento provém do estado passional da carne e do mundo. A razão dirigida conforme a ciência espiritual suprime este estado: ela sonda a natureza do mundo e da carne e empurra a alma para o país que lhe é próximo, o país das coisas inteligíveis, aonde a lei não permite que chegue o pecado, pois este não é como uma ponte que permite a passagem dos sentidos para o intelecto: esta ponte, daí em diante, no que se refere à alma em seu estado, é destruída e rejeitada nas visões sensíveis que o intelecto já não sente, depois de haver ultrapassado o estado e a natureza.

58. Assim como a razão que domina as paixões faz dos sentidos órgãos da virtude, também as paixões, quando dominam a razão, moldam os sentidos em vista do pecado. É preciso considerar e estudar com sobriedade e vigilância como a alma fará o bom retorno de modo conveniente, servindo-se das coisas que antes a levaram ao erro para alcançar a gênese e a realidade das virtudes.

59. O santo Evangelho ensina a recusa da vida carnal e a confissão da vida espiritual. Falo aqui dos que morreram segundo o homem, vale dizer, segundo a vida humana na carne ligada ao século, mas que viveram segundo Deus[409] pelo Espírito único, seguindo o Apóstolo divino e os que o rodeavam, que já não viviam uma vida que lhes era própria, mas carregavam o Cristo vivo em suas almas[410]. Assim, os que morreram por Deus neste século foram julgados por sua própria carne: eles sofreram muitas aflições, tormentos e angústias, e suportaram com alegria as perseguições e toda espécie de provações.

60. Toda paixão nasce de alguma forma de união entre uma coisa sensível, os sentidos e uma potência natural, por exemplo, de um ardor ou eventual desejo daquele que se desnaturou. Assim, se depois de perceber em sua união o fim recíproco de sensível, do desejo e da potência natural contida neles, o intelecto, discernindo à parte cada um dos três (o sensível, o sentido e a potência natural), consegue retornar à razão que lhe é própria por natureza e contemplar em si mesmo o sensível fora da relação que o sentido tem para com ele, e o sentido independentemente daquilo que o une ao sensível, e o desejo, por exemplo (ou outra das potências naturais) fora de qualquer pendor passional pelos sentidos e pelo sensível, assim como o movimento próprio da paixão prepara a chegada da contemplação, ele dissipa e transforma em poeira, como o bezerro de ouro de Israel[411], qualquer paixão que se formaria e espalha esta poeira sobre a água do conhecimento, destruindo por completo esta pura imaginação das paixões, por restabelecer em si mesmas as coisas que, segundo a natureza, constituíam a paixão.

61. A vida manchada pelas numerosas faltas das paixões suscitadas pela carne é como uma túnica com nódoas. Como veríamos numa vestimenta, é, com efeito, por sua maneira de viver que transparece aquilo que é um homem: justo ou injusto. Um, que veste uma túnica pura, vive na virtude. Outro tem sua vida manchada por más obras. Ou antes, é o estado e a disposição da consciência, que moldam a alma pela lembrança dos maus movimentos e das más ações da carne, que são a túnica machada pela carne[412]. Vendo continuamente ao seu redor, como uma túnica, este estado e esta disposição, a alma se enche do mau odor das paixões. De fato, do mesmo modo pelo qual, por meio das virtudes tecidas conforme razão a alma recebe do Espírito uma túnica de incorruptibilidade e se torna bela e gloriosa depois de tê-la vestido, também recebe uma túnica impura e manchada que, por si só, a faz reconhecer e lhe dá uma outra forma e uma outra imagem do que a forma e a imagem divinas.

---

[409] Cf. *Romanos* 8: 11.
[410] Cf. *Gálatas* 2: 20.
[411] CF. *Êxodo* 32: 20.
[412] Cf. *Judas* 23.

62. A encarnação de Deus no homem, que faz do homem um deus na mesma medida em que Deus se tornou homem, esta encarnação é um a firme razão para confiarmos na esperança da deificação da natureza humana. Pois é claro que Aquele que, sem pecado[413], se tornou homem, deificará a natureza sem nada alterar na divindade, e a elevará através de si mesmo tanto quanto se abaixou através do homem. É isto que o grande Apóstolo ensina, quando diz que será mostrada nos séculos futuros a superabundante riqueza da bondade de Deus por nós[414].

63. Dominando o ardor e o desejo a razão suscita as virtudes. Aplicando-se às razões das criaturas, o intelecto reúne em si o conhecimento infalível. Portanto, quando a razão, depois de haver repelido os adversários, encontra o que é amável segundo a natureza, e igualmente o intelecto, depois de haver atravessado as coisas conhecidas, recebe a causa que é mais elevada do que a essência, do que o conhecimento e do que os seres, chega então a experiência da deificação pela graça, experiência que transporta a razão para fora do discernimento natural, aonde não há nada a discernir, e que permite ao intelecto repousar da compreensão segundo a natureza, aonde nada há para conhecer, enfim, que deifica pela identidade das atitudes aquele que é considerado digno da união divina.

64. O sofrimento purifica a alma manchada pela ferrugem do prazer e a separa da relação com as coisas materiais, quando a alma aprende a partir daí o mal que lhe fez o amor por estas coisas. É por esta razão que Deus, em seu justo juízo, permite que o diabo oprima os homens com tormentos.

65. O prazer e a dor, a concupiscência e o medo, e as coisas que se lhes seguem, não foram criados primitivamente com a natureza dos homens. Pois eles contribuiriam para definir a natureza. Eu digo – e o aprendi do grande Gregório de Nysse[415] – que foi devido à queda para fora da perfeição que estas coisas começaram, e que elas nasceram na porção da natureza menos favorecida pela razão. Foi por ela que, em lugar de carregar a imagem bem-aventurada e divina, desde o momento da transgressão o homem começou a se assemelhar clara e visivelmente aos animais sem razão. A partir do momento em que a dignidade da razão foi coberta por um véu, entranhada pelas marcas da irracionalidade, tornou-se necessário castigar a natureza dos homens para que ela sabiamente tomasse consciência do gênio da razão de Deus que dirige o homem.

66. Nos homens fervorosos, mesmo as paixões se tornam boas quando, separando-os das coisas corporais, as tomamos para adquirir as coisas do céu. Isto acontece quando transformamos a concupiscência em movimento tendendo ao desejo espiritual das coisas de Deus, quando fazemos do prazer o santo desfrutar da atividade dos carismas divinos do intelecto, quando fazemos do medo o cuidado de nos preservarmos do castigo futuro das nossas faltas e quando fazemos da dor o arrependimento que nos corrige do mal presente. Em uma palavra, como o fazem os médicos mais sábios que, utilizando o corpo de uma víbora selvagem e venenosa, curam a ferida real ou imaginada, nós nos servimos dessas paixões para suprimir o mal presente ou esperado, e para adquirir e guardar a virtude e o conhecimento.

67. A lei da primeira Aliança purifica a natureza de toda mancha por meio da filosofia prática. Mas a lei da nova Aliança, pela mistagogia[416] da contemplação, eleva a consciência à ordem do conhecimento, fazendo-a passar das coisas do corpo às visões que aproximam das coisas espirituais.

68. Os que debutam e chegam às portas da moradia divina das virtudes são chamados pela Escritura "aqueles que temem a Deus". Os que adquirem o estado que convém às palavras e aos modos da virtude ela denomina "aqueles que progridem". Enfim, ela chama de "perfeitos" os que, pela

[413] Cf. *Hebreus* 4: 15.
[414] Cf. *Efésios* 2: 7.
[415] Gregório de Nysse, *Sobre a criação do homem*, 18.

[416] Iniciação aos mistérios

virtude, atingiram pelo conhecimento o cume da verdade revelada pelas virtudes. Portanto, quem se desviou da maneira como vivia antes em meio às paixões, e que, pelo temor, abriu para as coisas de Deus todas as disposições de sua alma, não deixará de receber nenhum bem dos que cabem aos que começam, mesmo que ainda não tenha adquirido o estado de virtude e que não participe ainda da sabedoria que é mencionada entre os perfeitos[417]. Aquele que progride não deixará de receber nenhum dos bens correspondentes ao seu grau, mesmo que não tenha adquirido, como os perfeitos, o conhecimento iminente das coisas de Deus. Pois os perfeitos serão daí em diante considerados dignos da teologia contemplativa. Eles purificaram o intelecto de toda imaginação material, fizeram dele uma imagem que traz em si sem falha a inteira imitação da beleza divina, e parecem abarcar em si próprios o amor de Deus.

69. O temor é duplo. Existe o temor puro, e existe um temor que não é puro. O temor que se fundamenta por excelência no castigo das faltas e que tem como causa de sua própria gênese o pecado não é puro nem é durável, pois, com o arrependimento, ele desaparece junto com o pecado. Quanto ao temor puro, ele é formado independentemente da aflição das faltas, e este não passa jamais. É por isso que, ultrapassando a criação, ele de certa forma está ligado essencialmente a Deus, tornando manifesta sua natureza venerável, sua eminência acima de todo reino e de todo poder.

70. Quem não teme a Deus porque ele é juiz, mas que o reverencia por causa da altíssima eminência de sua potência infinita, a este não falta nada, pois ele é perfeito no amor por amar a Deus com respeito e veneração convenientes. Este homem possui o amor que permanece pelos séculos dos séculos[418] e a ele nada faltará.

71. É por intermédio dos seres que conhecemos Aquele que é a causa dos seres. É pela diferença entre os seres que somos instruídos na sabedoria inerente à hipóstase do ser. E é pelo movimento natural dos seres que aprendemos a vida inerente à hipóstase do ser, a potência que vivifica os seres: o Espírito Santo.

72. O Espírito Santo não está ausente em nenhum dos seres, singularmente nos que tem algo partilhado com a razão. Pois ele compreende em si mesmo todo o conhecimento. Uma vez que o Espírito Santo também é Deus, contendo sempre providencialmente e suscitando segundo a natureza a razão em cada um, ele permite por meio desta, àqueles que conseguem, perceber os feitos contra a natureza, e ceder facilmente em sua vontade para acolher os pensamentos retos suscitados pela natureza É por isso que, mesmo dentre os homens mais bárbaros e mais nômades, encontramos muitos que partilham do belo e do bom e que anulam em si as leis selvagens que carregavam desde a origem.

73. O Espírito Santo está simplesmente em todos, na medida em que ele abarca todos os seres e coloca em movimento as sementes naturais. Ele está singularmente em todos aqueles que estão sob a Lei, uma vez que ele denuncia a transgressão dos mandamentos e esclarece a promessa anunciada em nome de Cristo. E ele está em todos os que vivem segundo Cristo, ademais das razões precedentes, por permitir a adoção. Mas, na medida em que ele suscita a sabedoria, ele não está pura e simplesmente naquilo que foi anunciado: ele está apenas nos que compreendem e que, levando a vida divina, se tornam eles mesmos dignos da habitação deificante, Pois quem quer que não faça a vontade de Deus, por fiel que seja, tem o coração ignorante, como um lugar que forja maus pensamentos, e o corpo cheio de dívidas pelos pecados cometidos, pois é mantido continuamente na sujeira das paixões.

74. Deus, que deseja a salvação de todos os homens e que tem fome de sua

[417] Cf. I *Coríntios* 2: 6.
[418] Cf. *Salmo* 18 (19): 10.

deificação, seca sua presunção, como fez à figueira estéril[419], a fim de que aqueles que preferem ser justos mais do que parecer justos, despojados da túnica da ostentação moral hipócrita e buscando sem recorrer à fraude a existência virtuosa como manda a palavra divina, passem sua vida na piedade, revelando a Deus a disposição de sua alma mais do que aos homens a aparência exterior de sua conduta.

75. Uma coisa é razão de fazer, outra a razão de sentir. A razão de fazer é o poder natural que coloca em movimento as virtudes. A razão de sentir é, ou bem a graça das coisas mais elevadas do que a natureza, ou bem o acidente que permite as coisas contra a natureza. Com efeito, na medida em que não temos o poder natural d'Aquele que é mais do que o ser, temos por natureza o poder do não-ser. Experimentamos então pela graça a deificação, pois ela é mais elevada do que a natureza, mas não a criamos, pois, por natureza, não possuímos um poder capaz de receber a deificação. Experimentamos igualmente o mal, em pensamento, por acidente, na medida em que ele é contra a natureza, pois não temos o poder natural que nos permite praticar o mal. Assim, aqui em baixo praticamos as virtudes que estão em nós por natureza, pois temos em nós o poder natural que nos permite praticá-las. E experimentamos a deificação como aquilo que deve ser, uma vez que recebemos gratuitamente a graça que nos permite experimentá-la.

76. Praticamos por nós mesmos, na medida em que o temos em nós por natureza, agindo em nos, o poder da razão, que coloca em movimento as virtudes, bem como o poder irresistivelmente espiritual que recebe todo o conhecimento, que ultrapassa toda a natureza daquilo que é e daquilo que é conhecido, e que suscita todos os séculos atrás de si. E experimentamos quando, ultrapassando perfeitamente as razões daquilo que provém dos seres, chegamos à causa dos seres no “desconhecimento” e deixamos repousar nossas próprias potências com aquilo que passa por natureza, tornados algo que não é uma ação do poder segundo a natureza, porque esta não possui o poder capaz de compreender Aquele que é mais elevado do que ela. Pois nada do que existe segundo a natureza pode criar a deificação, por ser incapaz de compreender a Deus. É naturalmente próprio da graça divina, e dela apenas, conceder aos seres a deificação correspondente àquilo que eles são. Pois ela ilumina a natureza com a luz que é mais elevada do que a natureza, e a coloca sob sua própria condição, na superabundância da glória.

77. Depois desta vida, deixamos de praticar as virtudes, mas não deixamos de experimentar a deificação que, pela graça, é mais elevada do que elas. Pois aquilo que experimentamos acima da natureza é sem limites, porque age. Mas o que é contra a natureza não existe e não pode agir.

78. As imagens dos bens divinos são os modos da virtude e as razões dos seres. É por meio delas que o homem se torna continuamente Deus. No seu corpo, estão os modos das virtudes. E em sua alma, as razões espirituais do conhecimento, por meio das quais Deus deifica os que são dignos, gravando neles o sinal inerente à hipóstase da virtude e lhes concedendo a existência essencial de um conhecimento que não varia jamais.

79. O intelecto fiel e ativo, como são Pedro aprisionado por Herodes, a lei epidérmica (pois Herodes quer dizer epiderme, ou seja, os cuidados da carne), é encerrado sob a supervisão de duas sentinelas de guarda e atrás de um portão de ferro, vale dizer, ele é combatido pela energia das paixões ou pelo consentimento do pensamento submetido às paixões. Ora, sob o efeito da palavra da filosofia prática, como pela intervenção de um anjo, ele supera as duas sentinelas de guarda, ou seja, as prisões, e chega ao portão de ferro que dá para a cidade, ou seja, a relação forte, dura, difícil de vencer, que os sentidos têm para com as coisas sensíveis. Abrindo esta porta, a palavra da contemplação natural envia, por seu próprio movimento, na direção das coisas inteligíveis que lhe estão próximas, o

[419] Cf. *Mateus* 21: 18-19.

intelecto agora livre e sem medo, para longe da fúria de Herodes[420].

80. O diabo é ao mesmo tempo o inimigo de Deus e o vingador de Deus[421]. Ele é o inimigo quando, em sua inveja de Deus, o miserável faz cara de quem tem amor pelos homens, persuadindo nosso desejo, pelos modos das paixões voluntárias e por intermédio do prazer, preferir as coisas que passam aos bens eternos: desviando por meio destas coisas o impulso da alma, ele nos afasta inteiramente do amor divino e faz de nós inimigos voluntários do Criador. E ele é vingador quando, deixando a descoberto a inveja que tem de nós, reclama o castigo que nos aguarda, desde que, por causa do pecado, estamos agora em seu poder. Pois não há nada de que o diabo goste tanto quanto ver um homem castigado. Uma vez que ele recebe esta permissão, projetando ataques sucessivos de paixões involuntárias, ele se porta insaciavelmente como um furacão contra aqueles que ele recebeu para exercer seu poder com a permissão de Deus; não que ele queira cumprir a ordem divina, mas ele deseja saciar sua própria paixão, que o leva a nos odiar, a fim de que, sob o peso dos dissabores que a afligem, a alma, dobrada sobre si mesma por causa de seu relaxamento, se separe do poder da esperança divina, fazendo da irrupção dos eventos dolorosos uma causa de ateísmo, ao invés de uma advertência.

81. Quando aqueles que participam do estado ativo e da ciência contemplativa vão buscar a glória diante dos homens, disfarçando com a aparente prática das virtudes e apenas repetindo as palavras da sabedoria e do conhecimento, eles mostram aos outros, nesta sabedoria e neste conhecimento, as fumaças do orgulho, sem as obras da justiça, e são atirados justamente às penas merecidas, a fim de aprenderem pela provação a humildade que, em sua vã presunção, ignoraram.

82. Cada demônio, conforme aquilo de que é capaz por si mesmo, contribui para tal ou qual ataque das tentações. Cada qual, com efeito, suscita um vício diferente. E cada qual é mais impuro que o outro e mais hábil em seu gênero de vício.

83. Sem a permissão divina, esses demônios não conseguem prestar nenhum serviço ao diabo. Pois o próprio Deus, com a presciência necessária e em seu amor pelo homem e sua bondade, sabe como permitir ao diabo fazer seus servidores administrarem diversos castigos, o que é claramente mostrado no livro de Jó, quando se diz que o diabo não podia absolutamente se aproximar de Jó sem a vontade de Deus[422].

84. A fé manifesta e ativa é a fé inerente à hipóstase, segundo a qual o Verbo de Deus se revela aos ativos tomando o corpo dos mandamentos. E é por estes mandamentos que em sua pessoa de Verbo ele conduz os que agem ao Pai no qual ele está por natureza.

85. O mistério do Novo Testamento anuncia a mudança de vida, o culto angélico, a hostilidade voluntária da alma para com o corpo e a gênese da transformação divina em espírito. A palavra de Deus chama de circuncisão espiritual[423] a ruptura da relação passional da alma com o corpo.

86. Deus, que é bom e quer nos arrancar a semente do mal, ou seja, o prazer que despoja o intelecto do amor divino, permite ao diabo nos infligir penas e castigos: da mesma maneira, ele elimina pelas penas da alma o veneno do prazer passado. Ele deseja colocar em nós a aversão e o desgosto perfeito pelas coisas presentes, que apenas incham os sentidos e não tem por ganho senão o castigo, e quer fazer do poder que tem o diabo de castigar e odiar o homem a causa acidental que conduz à virtude aos que dela escaparam voluntariamente.

---

[420] Cf. *Atos* 12: 3-11.
[421] Cf. *Salmos* 8: 3.
[422] Cf. *Jó* 1: 11-12.
[423] Cf. *Filipenses* 3: 3; *Colossenses* 2: 11.

87. É conveniente e justo que sejam castigados pelo diabo aqueles que receberam com prazer seus maus conselhos, que os levaram aos pecados voluntários. Com efeito, por meio das paixões voluntárias o diabo semeia o prazer, e por meio das paixões indesejadas ele conduz à dor.

88. É por isso que o intelecto voltado para a contemplação e o conhecimento precisa, para ser castigado, ser entregue muitas vezes ao diabo que lhe inflija justamente penas e infelicidades, a fim de que ele aprenda a amar a sabedoria, sofrendo para aguentar e suportar as penas, mais do que se agarrar vã e orgulhosamente ao que não existe.

89. Aquele que sofre por haver transgredido um mandamento de Deus, se reconhecer a palavra de providência divina que o cura, receberá com alegria e gratidão a infelicidade e corrigirá a falta por cuja causa foi castigado. Mas quem permanece insensível a este tratamento será com justeza afastado da graça que lhe havia sido dada e, deixado livre para passar ao ato, será entregue à confusão das paixões cujo desejo acalentava do fundo de si mesmo.

90. Qualquer um que, tomando consciência das faltas que cometeu, suporte voluntariamente e com a conveniente gratidão enfrentar os penosos assaltos das tentações involuntárias, não será banido do estado virtuoso e da graça, por ter se colocado sob o jugo do rei da Babilônia[424] e, como quem quita uma dívida, aceitado os tormentos que lhe são infligidos. Mas ao permanecer em tais aflições, ele cede ao rei da Babilônia as penas violentas que a natureza ressente e o consentimento de seu pensamento a estas penas, pois ele as deve por causa de suas faltas passadas, e ele oferece a Deus, como um culto verdadeiro, vale dizer, por uma humilde disposição, o endireitamento das negligências.

91. Aquele que não aceita com gratidão a infelicidade que, por meio das tentações involuntárias e com a permissão de Deus, lhe são infligidas para que ele se corrija, que não se distancia, arrependendo-se, da presunção de ser justo, que recusa aquilo que Deus prescreve com seus julgamentos justos e que não aceita se colocar por si próprio sob o jugo do rei da Babilônia, segundo a ordem divina, este homem será atirado ao cativeiro, às cadeias, às correntes, à chibata, ao glaivo e será expulso de sua terra. Pois são estas coisas, e outras mais, que sofre quem é expulso do estado de virtude e de conhecimento, como se fosse de sua própria terra, por não querer, por orgulho e vã presunção, quitando o julgamento que sofreu por suas faltas, aceitar as aflições, os constrangimentos e as angústias, segundo o Apóstolo divino[425]. Pois o grande Apóstolo sabia que a humildade fundada nas penas que afligem o corpo guarda os tesouros divinos da alma. É por isso que ele perseverava na paciência perante si mesmo e perante aqueles para quem ele era modelo de virtude e de fé, a fim de que, mesmo que eles fossem afligidos por serem culpados, como o Coríntio castigado[426], eles tivessem para se consolar e para imitar na paciência Aquele que sofreu sem ser culpado.

92. Quem não se detém nas formas das coisas visíveis para satisfazer os sentidos, mas que busca em seu intelecto suas razões como imagens das coisas inteligíveis, ou que contempla as razões das criaturas sensíveis, aprende que nada é impuro dentre as coisas visíveis. Pois tudo foi criado bom[427] por natureza.

93. Quem não se deixa transformar pelo movimento das coisas sensíveis segue a prática inalterada das virtudes. Quem não deixa moldar seu intelecto pelas suas formas recebe em retorno a verdadeira glória dos seres. E aquele que, pelo pensamento, ultrapassou até a essência dos seres, como um excelente teólogo, deixa-se dirigir pelo "desconhecimento", depois desta, até a unidade.

---

[424] Cf. *Jeremias* 27: 12-14.

[425] Cf. II *Coríntios* 12: 10.
[426] Cf. I *Coríntios* 5: 1-5.
[427] CF. *Gênesis* 1: 31; Atos 10: 15.

94. Todo intelecto contemplativo que, portanto a espada do Espírito, ou seja, a palavra de Deus[428], faz perecer em si mesmo o movimento da criação aparente, conduz bem a virtude. Afastando de si a imaginação das formas sensíveis, encontra a verdade que está nas razões dos seres, esta verdade que suscita a contemplação natural. E, elevando-se acima da essência dos seres, ele recebe a iluminação da Unidade divina que não tem começo, esta iluminação que é suscitada pelo mistério da verdadeira teologia.

95. Deus aparece a cada um conforme o pensamento que cada qual tem de Deus no fundo de si mesmo. Aos que, em sua impulsão, ultrapassaram a mistura material e possuem as potências da alma que têm todas o mesmo sentido e o mesmo movimento perpétuo ao redor de Deus, ele aparece como Unidade e Trindade, a fim de mostrar sua própria existência e ensinar misticamente o modo desta existência. Aos outros, cujo impulso não vai além de girar ao redor da mistura material e cujas potências da alma permanecem sem laço entre si, ele aparece não como é, mas como eles são, mostrando com isto que eles estão presos pelas duas mãos da díade material, segundo a qual o mundo corpóreo foi criado de matéria e forma.

96. O Apóstolo divino diz que as diversas energias do Espírito Santo são carismas diferentes manifestamente submetidos à ação de único e mesmo Espírito[429]. Portanto, se a manifestação do Espírito é concedida[430] na medida da fé de cada um na participação ao carisma, isto quer dizer que cada fiel, proporcionalmente à fé e à disposição de sua alma, recebe na sua medida a energia do Espírito, que lhe concede a faculdade, de acordo com a própria energia, de cumprir tal ou tal mandamento.

[428] Cf. *Efésios* 6: 17.
[429] Cf. I *Coríntios* 12: 11.
[430] Cf. I *Coríntios* 12: 7.

97. Assim como um recebe uma palavra de sabedoria, outro uma palavra de conhecimento, outro uma palavra de fé, outro algum dos demais carismas do Espírito enumerados pelo grande Apóstolo[431], também cada um recebe pelo Espírito, proporcionalmente à fé, o carisma do amor perfeito e direto de Deus, para além de toda matéria; outro, pelo mesmo Espírito, recebe o carisma do amor perfeito pelo próximo, e outro ainda, segundo o mesmo Espírito, recebe algum outro carisma, cada qual, como eu disse, pondo a trabalhar em si seu próprio carisma. Pois ele disse que toda faculdade de cumprir um mandamento é um carisma de Deus.

98. O batismo do Senhor é a morte total de nossa vontade, sua morte para o mundo sensível. E a taça[432] é a renúncia a esta vida, nossa vida presente, pela verdade.

99. O batismo do Senhor é a imagem das penas voluntárias que suportamos deliberadamente pela virtude. É por meio delas que, rejeitando as manchas da consciência, aceitamos a morte voluntária do desejo das coisas visíveis. Quanto à taça, ela é a imagem das tentações involuntárias que se levantam contra nós por acidente quando resolvemos combater pela verdade. É por intermédio destas tentações que, escolhendo o desejo divino da própria natureza, ultrapassamos voluntariamente a morte acidental da natureza.

100. O batismo difere da taça no seguinte: o batismo faz morrer, pela virtude, o desejo que nos leva aos prazeres da vida; a taça dá aos homens piedosos a capacidade de preferir a verdade à própria natureza.

[431] Cf. I *Coríntios* 12: 8-11.
[432] Cf. *Mateus* 20: 22.

QUARTA CENTÚRIA

1. Cristo tomou a taça antes do batismo[433], pois a virtude está para a verdade, e não a verdade para a virtude. É por isso que quem pratica a virtude pela verdade não é ferido pelas flechas da vanglória. Mas quem se aplica à verdade por causa da virtude tem em casa a presunção da vanglória.

2. Ele disse que o conhecimento divino é a verdade e que os combates que enfrentam os que buscam a verdade são as virtudes. Portanto, aquele que, por causa do conhecimento, suporta as penas da virtude não cai na vanglória: ele sabe que as penas não podem, por natureza, captar a verdade, pois, por natureza, o que é primeiro não pode estar compreendido no que é segundo. Mas quem se aplica ao conhecimento a fim de poder conduzir os combates pela virtude, de alguma maneira acaba caindo na vanglória porque imagina receber a coroa antes do suor: ele não sabe que as penas existem para as coroas, e não as coroas para as penas. Pois toda via cessa, por natureza, de ser empreendida, a partir do momento em que aquilo pelo que ela existe está cumprido, ou parece estar cumprido.

3. Aquele que se aplica apenas ao conhecimento – ou seja, à razão pura – ou apenas à imagem da virtude – ou seja, a moral pura – é como um Judeu: inflado de orgulho pelas imagens da verdade.

4. Quem não vê por meio dos sentidos todo o culto aparente da Lei, mas que, por aproximações do intelecto, estudou profundamente cada um dos símbolos visíveis, e que aprendeu a razão divina oculta em cada um, encontra a Deus na Lei procurando bem, tateando, pelo poder do intelecto, na matéria dos preceitos jurídicos, como num pântano, se topar, escondida no meio da carne da Lei, com a pérola[434], a razão que escapa totalmente aos sentidos.

5. Quem não limita apenas aos sentidos a natureza das coisas visíveis, mas sabiamente procura conhecer pelo intelecto a razão que existe em cada criatura, encontra a Deus aprendendo, na magnificência criada dos seres, a causa destes seres.

6. Portanto, uma vez que o discernimento é característico do homem que busca tateando, quem se aproxima com conhecimento de causa dos símbolos da Lei e que contempla com ciência a natureza visível dos seres, quem discerne a Escritura, a criação e a si próprio (a Escritura, distinguindo a letra do espírito; a criação, distinguindo a razão da aparência; a si mesmo, distinguindo o intelecto dos sentidos), quem captou o espírito da Escritura, a razão da criação e o intelecto de si próprio, que os uniu indissoluvelmente entre si, este encontrou a Deus. Pois, como se deve e tanto quanto é possível, ele conheceu a Deus que está em seu intelecto pelo Verbo e o Espírito, por estar liberto de tudo o que distrai e arrasta em inumeráveis opiniões, vale dizer, liberto da letra, da aparência e dos sentidos, nos quais reside a pluralidade diversa e contrária à unidade. Mas se alguém mistura tudo, enlaçando-os mutuamente, a letra da Lei, a aparência das coisas visíveis e seus próprios sentidos, este é cego, pois tem a vista curta[435], e é doente por ignorar a causa dos seres.

7. O divino e grande Apóstolo, ao definir a fé, disse: "A fé é o fundamento daquilo que se espera, a prova das coisas que não vemos[436]". Mas se alguém a definisse como sendo um bem interior ou como o verdadeiro conhecimento no sentido dos bens ocultos, não estaria longe da verdade.

8. A fé é a potência que permute alcançar a união, ou é a posse efetiva

---

[433] Cf. *Mateus* 20: 22.

[434] Cf. *Mateus* 13: 45-46.

[435] Cf. II *Pedro* 1: 9.

[436] *Hebreus* 11: 1.

desta união sobrenatural, direta, perfeita, entre aquele que crê e Deus, no qual ele crê.

9. Assim, uma vez que o homem é feito de alma e corpo, ele oscila entre duas leis, ou seja, a lei da carne e a lei do Espírito[437]. A lei da carne tem sua energia nos sentidos, e a lei do Espírito tem sua energia no intelecto. A lei da carne, colocada em movimento pelos sentidos, religa naturalmente à matéria; e a lei do Espírito, colocada em movimento pelo intelecto, une naturalmente a Deus. Aquele que não se dividiu em seu coração, vale dizer, que não dividiu seu intelecto, que não cortou ao meio a união direta que, pela fé, o religava a Deus, com todo direito ordenará à montanha que se mova, e ela se moverá. Pois ele é impassível[438], ou antes, pela fé, ele se tornou daí em diante Deus por esta união. Ele assim demonstra e mostra o significado do cuidado com a lei da carne, esta lei verdadeiramente pesada e difícil de deslocar, e até mesmo imóvel e inamovível por uma potência natural.

10. O poder da irracionalidade está de tal modo enraizado pelos sentidos na natureza dos homens, que a maior parte deles pensa assim: os homens não possuem de seu senão a carne, a potência que carrega os sentidos e permite usufruir da vida presente.

11. É dito que tudo é possível àquele que crê e não duvida[439], ou seja, àquele que, para religar a alma ao corpo nos sentidos, não divide a união com Deus, que lhe foi dada ao intelecto pela fé. Pois o que v em do mundo e da carne aliena o intelecto. Mas o que foi elevado à perfeição pelas obras retas se aparenta a Deus. É isto que deve ser subentendido nas palavras: "Tudo é possível àquele que crê".

12. A fé é um conhecimento indemonstrável. Mas se ela é um conhecimento indemonstrável, é porque é uma relação mais elevada do que a natureza: por intermédio dela, no "desconhecimento" e sem que possamos demonstrar o que quer que seja, unimo-nos a Deus pela união que ultrapassa o entendimento.

13. O intelecto que recebeu o dom de estar unido a Deus diretamente, coloca em movimento o poder de compreender e de ser compreendido totalmente. Porém, quando ele relaxa este poder depois de haver concebido qualquer coisa que vem depois de Deus, ele se divide, por ter rompido a união que ultrapassa o entendimento, segundo a qual, na mesma medida em que ele se liga a Deus acima da natureza e se torna Deus por participação, ele desloca e substitui a lei de sua própria natureza, com se ela fosse uma montanha imóvel.

14. Aquele que se engaja no caminho da piedade, instruindo-se com as obras da justiça, não faz outra coisa do que cumprir a ação com toda obediência e com fé: ele se alimenta das aparências como se fossem a carne das virtudes, ou seja, ele se nutre da pedagogia ética. Mas as palavras dos mandamentos, nas quais se encontra o conhecimento dos perfeitos, ele as remete a Deus pela fé, incapaz que é até o momento de se estender sobre todo o comprimento da fé [do conhecimento].

15. O perfeito que não apenas conheceu e ultrapassou a ordem dos que estão engajados, mas ainda a ordem dos que progridem, não ignora as palavras que o levaram a cumprir os mandamentos, mas, depois de tê-los bebido primeiro em espírito, ele come por intermédio das obras toda a carne das virtudes, elevando na direção do conhecimento pelo intelecto aquilo que foi percebido pelos sentidos.

16. O Senhor que disse: "Busquem primeiro o Reino de Deus e sua justiça[440]", ou seja, antes de tudo o conhecimento da verdade, e a partir daí

[437] Cf. *Romanos* 7: 23.
[438] Cf. *Mateus* 17: 20.
[439] Cf. *Marcos* 9: 23.
[440] *Mateus* 6: 33.

o cumprimento dos deveres, mostrou claramente que os crentes devem procurar apenas o conhecimento divino e a virtude que, pelas obras, ornam este conhecimento.

17. Porque são muitas as coisas que buscam os crentes em vista do conhecimento de Deus e da virtude – a libertação das paixões, a paciência nas tentações, as razões das virtudes, as maneiras de agir, o abandono da tendência da alma pela carne, o banimento de toda relação dos sentidos com as coisas sensíveis, a anacorese total do intelecto para longe de todas as criaturas – e porque, numa palavra, existem milhares de coisas que nos permitem nos abster do mal e da ignorância e alcançar com sucesso o conhecimento e a virtude , é com todo direito que o Senhor disse: "Tudo o que vocês pedirem com fé, receberão[441]", afirmando que os homens piedosos devem buscar e pedir com ciência e fé tudo o que tende simplesmente ao conhecimento de Deus e à virtude, e somente isto. Pois são estas as coisas que importam, e o Senhor as concede de alguma forma àqueles que as pedem.

18. Portanto, aquele que, apenas pela fé, ou seja, pela união direta com Deus, procura todas as coisas que levam à união, as receberá de um modo ou de outro. Mas quem as procura por outros motivos, mesmo que procure outras coisas, ou as coisas a que nos referimos, este não as receberá. Porque ele não crê. Uma vez que não existe fé, e com sua própria glória que ele se ocupa nas coisas divinas.

19. Aquele que, por sua resolução, é puro da corrupção do pecado, corrompe a corrupção daquilo que se corrompe naturalmente. Pois a incorruptibilidade da intenção mantém naturalmente incorruptível a corrupção da natureza, não permitindo que, pela graça do Espírito que está nela e conforme a providência, que ela seja alterada pelas qualidades contrárias.

[441] *Mateus* 21: 22.

20. Uma vez que não existe uma única e mesma razão da natureza e da graça, de nada serve se perguntar como alguns santos tanto vencem as paixões como sucumbem às paixões. Sabemos, com efeito, que o milagre é da ordem da graça, e a paixão da ordem da natureza.

21. Aquele que, pela imitação, mantém a memória da vida que levavam os santos, se separa da morte que as paixões trazem consigo e recebe a vida das virtudes.

22. Conforme seu desejo, ele que ordenou a vida de cada um antes dos séculos, Deus encaminha cada qual, seja ele justo ou injusto ao fim da vida, para o fim que lhe cabe.

23. A escura tempestade que assaltou o bem-aventurado Paulo significa para mim o fardo das tentações involuntárias. A ilha simboliza o estado firme e inquebrantável da esperança divina. O fogo significa o estado de conhecimento. A braçada de lenha seca significa a natureza das coisas visíveis, que Paulo ajuntou com a mão, ou seja, a faculdade que o intelecto tem de tocar pela contemplação, e, com os pensamentos engendrados por tal potência, nutrir o estado de conhecimento, que alivia a tristeza infligida à reflexão pela tempestade das provações. A víbora significa o poder do mal, mortal, secretamente escondido na natureza das coisas sensíveis, que mordeu a mão (ou seja, a energia da contemplação do intelecto, que lhe permite tocar), mas não fez mal ao intelecto clarividente. Pois este, com a luz do conhecimento, como um fogo, destruiu esta potência mortal que, vinda da contemplação do sensível, havia colado ao movimento ativo do intelecto[442].

24. O Apóstolo era um odor que levava da vida à vida, pois, por seu próprio exemplo, ele preparava os fiéis para se dirigirem na ação para o

[442] Para o conjunto deste parágrafo, cf. *Atos* 27: 13 – 28: 6.

perfume das virtudes, ou porque, com sua predicação, ele fazia passar da vida dos sentidos para a vida em espírito aqueles a quem a palavra da graça persuadia. Mas ele era um odor de morte que levava à morte para aqueles que iam da morte da ignorância à morte da incredulidade: ele os fazia sentir a condenação que os esperava. Ou melhor: ele era um odor que levava da vida à vida para aqueles que se elevavam à contemplação a partir da ação. Mas ele era um odor de morte que levava à morte para os que, depois de terem levado à morte seus membros que estão sobre a terra[443] por cessarem de combater o pecado, se dirigiam para a morte consentida que lhes traziam os pensamentos e as imaginações passionais.

25. Existem três potências da alma: a razão, o ardor e o desejo. Pela razão, buscamos; pelo desejo, tendemos para o bem que procuramos; e pelo ardor, lutamos por este bem. Assim, é por meio destas três virtudes que aqueles que amam a Deus perseveram nas palavras divinas sobre a virtude e o conhecimento. Buscando por meio de uma, desejando pela outra, lutando pela terceira, eles recebem um alimento incorruptível que cumula o intelecto pelo conhecimento das criaturas.

26. O Verbo de Deus tornado homem voltou a encher de conhecimento a natureza do conhecimento que havia sido dado, esta natureza que havia morrido. Depois de haver colocado nela a força para que não mais se deixasse desviar, ele a deificou não por natureza, mas por qualidade. Sem cessar ele a marcou com o sinal de seu próprio Espírito, transformando-a para tonificá-la, como a água, pela qualidade do vinho. Pois para isto foi que ele se tornou verdadeiramente homem: para fazer de nós deuses, pela graça.

27. Deus, que criou a natureza dos homens quando por sua vontade os trouxe à vida, acrescentou-lhes o poder de cumprir os deveres. Digo o poder, que é o movimento essencialmente semeado pela natureza para que as virtudes sejam postas em movimento, e resolutamente manifestado na prática para que aquele que a possui possa agir.

28. Temos a lei da natureza como critério natural, que nos ensina que antes de alcançar a sabedoria que está em tudo, é preciso que a mistagogia do Criador do universo nos dê o impulso.

29. O poço de Jacó é a Escritura[444]. A água é o conhecimento que está contido na Escritura. A profundidade é o lugar dos enigmas da Escritura, difíceis de sondar. O balde é a aprendizagem da palavra divina pelas letras, aprendizado que ignorava o Senhor, a ele que é a própria palavra e que não dá aos que creem um conhecimento vindo da aprendizagem e do estudo, mas concede aos que são dignos uma sabedoria inesgotável que vem da graça espiritual e que não cessa jamais. Pois o balde – ou seja, o aprendizado – que não recebe senão uma parte ínfima do conhecimento, não permite conter o todo, de modo algum. Mas o conhecimento pela graça possui, sem estudo, toda a sabedoria acessível aos homens, que cresce de muitas maneiras em função das necessidades.

30. A árvore da vida e a árvore que não o é[445] têm uma grande e inefável diferença, que é o fato de que uma é chamada de árvore da vida e a outra é chamada, não de árvore da vida, mas árvore do conhecimento do bem e do mal. Pois a árvore da vida suscita a vida, de um modo ou de outro. E é evidente que a árvore que não é da vida suscita a morte. A árvore que não suscita a vida, porque não foi chamada de árvore da vida, pode, com efeito, claramente, suscitar a morte. Pois nada mais divide a vida opondo-se a ela.

31. A árvore da vida também tem, enquanto sabedoria, uma grande diferença em relação à árvore do conhecimento do bem e do mal, que não é sabedoria nem é chamado assim. Pois a característica da sabedoria é a

[443] Cf. II *Coríntios* 2: 16 e *Colossenses* 3: 5.

[444] Cf. *João* 4: 5-7.

[445] Cf. *Gênesis* 2: 9.

inteligência e a razão. E a característica do estado que se opõe à sabedoria é a irracionalidade e os sentidos.

32. Uma vez que o homem nasce composto de uma alma dotada de inteligência e de um corpo dotado de sentidos, a inteligência da alma, na qual se encontra o uso da sabedoria, é deliberadamente a árvore da vida. E os sentidos do corpo são a árvore do conhecimento do bem e do mal, nos quais se encontra evidentemente o movimento da irracionalidade, que o homem havia recebido a ordem divina de não tocar para experimentar; mas ele não obedeceu a esta ordem.

33. As duas árvores, segundo a Escritura, são marcadas pelos sinais do intelecto e dos sentidos. Assim, o intelecto tem o poder de discernir o que é inteligível do que é sensível, as coisas que passam das coisas eternas. Acima de tudo, por se constituir no poder de discernimento da alma, ele a persuade a se ligar às coisas eternas e a se elevar acima das outras. Quanto aos sentidos, eles constituem o poder de discernir o prazer e a dor do corpo. Acima de tudo, por serem uma potência dos corpos vivos e sensíveis, eles os persuadem a abraçar o prazer e a rejeitar a dor.

34. Ao se dedicar apenas ao discernimento do corpo que lhe permite sentir o prazer e a dor, transgredindo o mandamento divino, o homem come da árvore do conhecimento do bem e do mal, ou seja, da irracionalidade dos sentidos, pois ele não possui senão o conhecimento típico da natureza dos corpos, pelo qual ele abraça o prazer como sendo o bem e rejeita a dor como sendo o mal. Mas se ele se devotar completamente apenas ao discernimento do intelecto que distingue o que é passageiro do que é eterno, observando o mandamento divino, ele come da árvore da vida[446], vale dizer, da sabedoria que se forma no intelecto, por ter apenas o discernimento próprio à natureza da alma, por meio do qual ele abraça como sendo o bem a glória da que é eterno e rejeita como sendo o mal a corrupção daquilo que é passageiro.

35. O estado impassível que conduz ao Espírito é o bem para o intelecto. Mas a relação passional que liga aos sentidos é o mal. O movimento passional do prazer que transporta para o corpo é o bem para os sentidos. Mas o estado e que priva os sentidos de prazer é para eles o mal.

36. Aquele que convenceu sua consciência de que aquilo que ele faz de mal é o bem por natureza, este, apoiando-se na vida ativa, colhe de modo condenável da árvore da vida, considerando que o pior é imortal por natureza. É por isso que, ao colocar naturalmente na consciência do homem a aversão ao mal Deus a separou da vida, para que, ao se tornar voluntariamente mal e fazer o mal, este não pudesse persuadir sua consciência de que o mal é bom por natureza.

37. A vinha fornece o vinho; o vinho traz a embriaguez; a embriaguez, o êxtase. A palavra bem-vinda – ou seja, a vinha – cultivada pelas virtudes, engendra assim o conhecimento. E o conhecimento engendra o bem êxtase, que permite ao intelecto deixar sua relação com os sentidos.

38. Em sua maledicência, o maligno costume juntar aos seus pensamentos as aparências e as formas das coisas sensíveis. Pois é por meio dos pensamentos que são criadas naturalmente as paixões em torno das manifestações do visível, quando se detém a energia da razão que, em nós, atravessa os sentidos mediadores para alcançar o intelecto. É então que o maligno consegue força para devastar a alma e arrastá-la na confusão das paixões.

39. A palavra de Deus é lâmpada[447] da mesma maneira como esta ilumina: ela ilumina aquilo que os fiéis pensam segundo a natureza, ela queima o que pensam contra a natureza, ela dissipa as trevas da vida dos sentidos

[446] Cf. *Gênesis* 2: 9.

[447] *Salmo* 118 (119): 105; *Provérbios* 6: 23.

naqueles que, pelos mandamentos, se apressam na direção da vida esperada, e castiga pelo fogo do juízo os que abraçam voluntariamente, por amor à carne, esta noite tenebrosa da existência.

40. Diz-se que quem não começou por retornar a si mesmo rejeitando as paixões contra a natureza, jamais retornará à sua própria causa, ou seja, a Deus, adquirindo com a graça os bens mais elevados do que a natureza. Pois é preciso que aquele que une verdadeiramente a Deus se separe em pensamento das criaturas.

41. A obra da lei escrita consiste em escapar às paixões. A obra da lei natural consiste em honrar de maneira igual a todos os homens. A perfeição da lei espiritual consiste em se tornar semelhante a Deus, na medida em que isto é possível ao homem.

42. A potência do intelecto é, por natureza, capaz de receber o conhecimento dos corpos e dos incorpóreos. Mas é apenas pela graça que ele recebe as manifestações da Santíssima Trindade, pois então ele apenas crê, mas não se torna, por essência, presunçoso em nada, como é o intelecto demoníaco. Quem não participa do conhecimento ignora totalmente o modo da virtude que liberta do mal.

43. Quem ama a mentira entrega a si mesmo à perdição, a fim de conhecer, através do sofrimento, aquilo que ele cercava de cuidados, e a fim de aprender, instruído pela experiência, como, contra sua vontade, ele abraçava a morte ao invés da vida.

44. Apenas Deus tem conhecimento do bem, pois ele é por essência a natureza e o conhecimento do bem. E ele ignora o mal, por ser incapaz de perpetrá-lo. Pois ele possui por essência a conhecimento daquilo que ele tem o poder de fazer por natureza.

45. O peito, no Levítico[448], representa a mais forte e elevada contemplação. A espádua significa a ação[449]. Ou seja, o estado e a atividade do intelecto, ou o conhecimento e a virtude, sendo que o conhecimento conduz diretamente o intelecto ao próprio Deus, e a virtude afasta-o do conhecimento dos seres pela ação: aquilo que a palavra divina consagrou aos sacerdotes, únicos a possuírem a Deus por herança para sempre e a nada possuírem de terrestre.

46. Uma vez que aqueles que são totalmente conduzidos em espírito pelo conhecimento e a virtude propiciam aos corações dos demais receber, pela palavra do conhecimento, a piedade e a fé, apagando seu estado e sua potência ativa, eles transportam as obras da natureza corruptível para a energia dos bens incorruptíveis mais elevados do que a natureza. Com direito eles oferecem em sacrifício a Deus o peito da vítima imolada sobre o altar, ou seja, oferecem o coração; e oferecem a espádua, ou seja, a ação. A palavra de Deus ordenou que estas duas coisas sejam consagradas aos sacerdotes.

47. Toda a justiça daqui de baixo, compara com a do século futuro, tem o sentido de um espelho, de uma imagem dos modelos que são as coisas primitivas, pois ela não possui estas coisas que existem por si mesmas. E todo conhecimento das coisas supremas daqui de baixo, comparado ao conhecimento do século futuro, é um enigma, uma aparência da verdade, mas não possui, como existindo por si só, esta verdade que deverá se revelar.

48. Uma vez que as coisas divinas estão contidas na virtude e no conhecimento, o espelho mostra os modelos de virtude, e o enigma mostra os modelos de conhecimento.

---

[448] Cf. *Levítico* 7: 30-34.
[449] Cf. *Levítico* 7: 32-34.

49. Aquele que, pela ação, agradou a Deus, transporta pela contemplação o intelecto ao país dos inteligíveis, a fim de não ver por uma imaginação dos sentidos a morte que reside nas paixões. Pois nada do que tenta agarrá-lo consegue mais encontrá-lo.

50. Quem, pelo olho puro da fé, viu a beleza dos bens do século futuro, obedece de todo coração a ordem de deixar a terra, os parentes, a casa paterna[450]: ele abandona a carne, os sentidos, as coisas sensíveis, a relação e a paixão. Ele é mais elevado do que a natureza no momento da tentação e dos combates, pois ele preferiu a causa à natureza, como o grande Abraão preferiu Deus a Isaac[451].

51. Aquele que não se aplica em buscar a virtude ou em estudar as palavras divinas pela glória ou a cupidez[452], por interesse, para agradar aos homens ou por ostentação, mas que tudo faz, diz e pensa por Deus, caminha no conhecimento sobre a estrada da verdade. Pois a palavra de Deus, por natureza, não gosta de ser engajada em caminhos que não os direitos, ainda que em alguns encontre a via preparada.

52. Uma pessoa jejua e se abstém do gênero de vida que inflama as paixões. Por outro lado, faz de tudo para contribuir a livrar-se do mal. Este homem preparou a via de que falamos. Mas se ele se aplica a esta ascese por vanglória, por cupidez, por interesse ou por qualquer outra causa que não a de agradar a Deus, ele não endireita os caminhos do Senhor. Ele se deu ao trabalho de preparar a via, mas não conseguiu que Deus marche sobre seus caminhos.

53. Todo abismo será preenchido[453], mas não simplesmente todos os abismos, nem os abismos de todos, pois não serão preenchidos os abismos daqueles que não prepararam a via do Senhor nem endireitaram seus caminhos. Assim, enquanto o abismo – ou seja, a carne dos que prepararam como um cavalo a via do Senhor e endireitaram seus caminhos[454] – for cumulado de conhecimento e de virtude pela chegada do Verbo de Deus que marcha neles através dos mandamentos, todos os espíritos do falso conhecimento e da malícia serão rebaixados, pois o Verbo os pisará e submeterá. Ele derrubará o poder mau sublevado contra a natureza humana, e os abaterá como à grandeza e a altura das montanhas das colinas, e os conduzirá para encher os abismos. Pois a rejeição das paixões contra a natureza e a ligação às virtudes segundo a natureza cumulam a alma, cavada como o abismo, e abate o poder dos maus espíritos, sublevado como a montanha.

54. Os caminhos rochosos, ou seja, as vertentes das provações involuntárias, serão transformadas em caminhos pavimentados[455], quando o intelecto, alegre, aceitar as enfermidades, aflições e necessidades[456], desligando-se de todo o poder das paixões voluntárias pelas penas que ele não desejou. Pois o profeta chamou de rochosos os eventos ligados às provas involuntárias, mas que se transformam em caminhos pavimentados pela paciência da ação da graça.

55. Quem busca a vida verdadeira, sabendo que toda pena, voluntária ou involuntária, torna-se a morte do prazer, que por sua vez é a mãe da morte, acolherá com alegria, regozijando-se, todas as penas rochosas das provações involuntárias. Pois, pela paciência, ele transformará as aflições em caminhos fáceis, caminhos pavimentados que, sem desvios, o levarão à recompensa que somos chamados a receber do alto[457]: com toda piedade, ele percorrerá estes caminhos da via divina. Pois o prazer é a mãe da morte. Mas a pena – tanto a desejada como a que não foi escolhida – é a

[450] Cf. *Gênesis* 12: 1.
[451] Cf. *Gênesis* 22.
[452] Cf. I *Tessalonicenses* 2: 5.
[453] Cf. *Isaías* 40: 4.
[454] Cf. *Isaías* 40: 3.
[455] Cf. *Isaías* 40: 4.
[456] Cf. II *Coríntios* 12: 10.
[457] Cf. *Filipenses* 3: 14.

morte do prazer.

56. Qualquer um que, pela temperança, tenha conseguido reabsorver as numerosas circunvoluções e dobras do prazer mesclado de muitas maneiras às coisas sensíveis, transformou por isso mesmo os caminhos tortuosos em caminhos direitos[458]. E qualquer um que tenha pacientemente percorrido as encostas rochosas das penas, nas quais é difícil caminhar, transformou os caminhos rochosos em caminhos pavimentados. É por isso que, como uma recompensa da virtude e dos esforços que fez por ela, aquele que lutou bem e regularmente[459], que venceu o prazer pelo desejo da virtude, que suscitou a dor por amor ao conhecimento e que, por uma ou outra destas ações, a conduziu nobremente nos combates divinos, verá, como está escrito, a salvação que vem de Deus[460].

57. Quem ama a virtude extingue em si mesmo a fornalha dos prazeres. E quem formou o intelecto pelo conhecimento da verdade, não mais detém, graças às penas involuntárias, o movimento contínuo que conduz a Deus em seu impulso.

58. Aquele que, pela temperança, tornou retos os caminhos tortuosos das paixões voluntárias, ou seja, os movimentos do prazer, e que, pela paciência aplainou as passagens rochosas das provações involuntárias, ou seja, os modos da dor, e as transformou em caminhos pavimentados, com todo direito verá a salvação que vem de Deus, pois seu coração é puro. Por meio das virtudes e das contemplações suscitadas pela piedade, ele vê a Deus em seu coração ao final dos combates, segundo o que foi dito: "Bem-aventurados os corações puros, pois eles verão a Deus[461]". Em troca das penas da virtude, ele receberá a graça da impassibilidade. Nada, mais do que esta graça, revela Deus aos que a possuem.

[458] Cf. *Isaías* 40: 4-5.
[459] Cf. II *Timóteo* 2: 5.
[460] Cf. *Isaías* 40: 5.
[461] *Mateus* 5: 8.

59. A Escritura denomina poços os corações que recebem as graças celestes do conhecimento. Estes corações, cavados pela firme palavra dos mandamentos, rejeita como a terra retirada o amor aos prazeres que leva às paixões e a relação que a natureza tem para com as coisas sensíveis. Eles são cheios de conhecimento no espírito, que lhes vem do alto, que liberta das paixões, que cria a vida e alimenta as virtudes.

60. O Senhor cava poços no deserto, ou seja, no mundo e na natureza dos homens: ele retira a terra dos corações dos que são dignos disto e os alivia do peso e dos cuidados com a matéria, e faz deles um amplo espaço capaz de receber as chuvas divinas da sabedoria e do conhecimento, para que eles deem de beber aos rebanhos de Cristo que necessitam de ensinamento ético, vale dizer, dos que têm necessidade disto devido à infantilidade de suas almas.

61. A Escritura chama a alta contemplação da natureza em espírito de "país da montanha[462]", cultivado pelos que vêm das imagens dos sentidos e vão em direção às razões do intelecto por meio das virtudes.

62. Por ter viva nela a lembrança de Deus, o intelecto busca o Senhor pela contemplação, não simplesmente, mas com temor do Senhor, ou seja, pela prática dos mandamentos. Pois quem busca o Senhor pela contemplação sem a ação não o encontra, porque não procurou o Senhor com temor a ele, e o Senhor não abençoou seu caminho[463]. Pois o Senhor abre o caminho a todo homem que age com conhecimento, ensinando os modos dos mandamentos e revelando as verdadeiras razões dos seres.

63. O mais alto louvor da Divindade é uma torre que foi fortificada na alma pela energia dos mandamentos. É o que diz a Escritura: Osias

[462] Cf. *Deuteronômio* 11: 11.
[463] Cf. II *Crônicas* 26: 5.

construiu torres em Jerusalém[464]. Pois quem seguiu o bom caminho em sua busca do Senhor pela contemplação, com o temor que tem em si, ou seja, pela prática dos mandamentos, constrói torres em Jerusalém, elevando louvores à Divindade, no estado simples e apaziguado da alma.

64. As razões daquilo que é parcial, aproximando-se do que é universal, reúnem o que havia sido separado. Pois o universal abarca na unidade as razões do particular, às quais o parcial se reporta naturalmente, mas do intelecto aos sentidos, do céu à terra, do sensível ao inteligível, da natureza à razão, existe em espírito uma palavra que mantém todas as coisas e lhes permite manterem-se unidas umas às outras.

65. Quem conseguiu separar os sentidos das paixões, e que afastou a alma da relação com os sentidos, conseguiu com isto obstruir a entrada que o diabo havia aberto no intelecto por meio dos sentidos. É por isso que no deserto, vale dizer, na contemplação natural, este homem construiu como torres seguras seus pensamentos sobre os seres, todos de piedade. Quem se refugia neles não teme os demônios que pilham no deserto, vale dizer, na natureza das coisas visíveis que, pelos sentidos, desorientam o intelecto e o arrastam para as trevas da ignorância. Este não teme os demônios que, através das aparências, fazem perderem-se os homens.

66. Todo intelecto capaz de contemplação é um verdadeiro cultivador, protegendo as sementes divinas dos bens livres de toda erva daninha, com seu próprio esforço e atenção, até que surja nele, para preservá-lo, a lembrança de Deus. Pois está dito: "Ele buscou o Senhor no tempo de Zacarias que vivia no temor do Senhor[465]". A razão sabe que Zacarias, traduzido para o grego, significa a lembrança de Deus. É por isso que sempre oramos ao Senhor, para que guardemos em nós sua lembrança salutar, e que a obra cumprida graças à lembrança não altere a alma que atingiu a altura e ousou, como Osias, enfrentar o sobrenatural.

67. A infalível contemplação dos seres precisa de uma alma desembaraçada das paixões. Ela é chamada de Jerusalém, por causa da virtude bem ordenada e do conhecimento imaterial. E ela é suscitada, não apenas pela abstenção das paixões, como também pela abstenção das imagens sensíveis.

68. Sem a fé, a esperança e o amor[466], nenhum mal pode ser totalmente abolido, nenhum bem inteiramente adquirido. Com efeito, a fé persuade o intelecto combatido a recorrer a Deus: ela se torna para ele um consolo, preparando-lhe mil armas espirituais para encorajá-lo. Quanto à esperança, ela é para o intelecto a garantia verídica do socorro divino: ele recebe a promessa de que as potências contrárias serão destruídas. Enfim, o amor prepara o intelecto, mesmo quando este é combatido, a não se deixar capturar facilmente, ou antes, a permanecer imóvel na afeição divina, amarrando ao desejo de Deus toda a potência de sua natureza.

69. A fé alivia o intelecto combatido fortificando-o com a esperança no socorro. A esperança, colocando diante dos olhos o socorro no qual se acreditou, repele a agressão dos adversários. E o amor permite ao intelecto que ama a Deus deter o ataque dos inimigos, totalmente eliminado pelo impulso na direção de Deus.

70. O primogênito, o filho único da parte verdadeiramente divina, ou seja, o verdadeiro conhecimento, é a palavra que, na fé, testemunha a ressurreição divina em nós, ligada à economia necessária do julgamento, vale dizer, do discernimento, pois este distingue as sublevações da provas voluntárias. A fé bem ordenada pelas obras dos mandamentos é a primeira ressurreição de Deus morto pela falta cometida por nossa ignorância.

---

[464] Cf. II *Crônicas* 26: 9.
[465] II *Crônicas* 26: 5.

[466] Cf. I *Coríntios* 13: 13.

71. O retorno a Deus anuncia claramente por si só o inteiro cumprimento da esperança divina. Sem este cumprimento, não existe naturalmente nenhuma inclinação para Deus, por ser próprio da esperança colocar diante dos olhos as coisas do porvir como coisas presentes e jamais deixar de chamar por Deus, que sustenta aqueles que são combatidos pelas potências contrárias: é por ele e por causa dele que os santos sustentam seu combate. Pois sem a espera de alguém, seja ela fácil ou difícil, ninguém pode naturalmente retornar ao bem.

72. Nada, tanto quanto o amor reúne verdadeiramente os que estão dispersos e cria neles a resolução única mantida por um sopor comum, esta resolução que suscita a beleza da igualdade de honra. O amor é assim o fruto da reunião e da união das forças da alma juntas ao redor das coisas de Deus, ou seja, o fruto da razão, do ardor e do desejo. Inscrevendo por meio dele na memória a beleza do esplendor divino, os que já receberam pela graça a igualdade de honra que conduz a Deus não esquecem nunca mais o impulso do amor divino, que rememora e imprime na razão que dirige a alma a beleza sem mescla.

73. Todo intelecto cingido de poder divino, como alguns anciãos e alguns príncipes, possui o poder da razão, de onde nasce naturalmente a fé gnóstica, segundo a qual ele aprende a conhecer inefavelmente a Deus sempre presente e vivo pela esperança nas coisas do porvir como nas coisas presentes. Ele possui igualmente o poder do desejo fundado pelo amor divino, pelo qual, voluntariamente aplicado à busca fervorosa da Divindade pura, ele tem em si, livre de todo entrave, o impulso que o transporta para Aquele a quem procura. Enfim, ele possui o poder do ardor, que o liga à paz de Deus para além de qualquer separação, nele concentrando o movimento do desejo em direção ao *eros* divino. Todo intelecto tem assim em si as potências que o ajudam a suprimir o vício e conservar a virtude.

74. Sem o poder da razão, não existe conhecimento que instrua. E sem o conhecimento não é possível nascer a fé, de onde vem, como um bom fruto, a esperança, por meio da qual o fiel vive com as coisas futuras como se fossem presentes. Sem o poder do desejo não pode nascer a busca fervorosa cujo fim é o amor: pois é próprio do desejo amar alguém. E sem o poder do ardor, que conforta o desejo e leva à união que suscita o prazer, não existe naturalmente nenhuma paz, pois a paz é verdadeiramente a fruição do amor, uma fruição total que nada pode perturbar.

75. Quem ainda não se purificou das paixões não deve se dedicar à contemplação natural pois as imagens das coisas sensíveis podem moldar e levar às paixões o intelecto que não foi perfeitamente libertado. O intelecto que, através dos sentidos, segue em sua imaginação as aparências das coisas sensíveis, suscita em si mesmo as paixões impuras: ele é incapaz de alcançar, por meio da contemplação, as coisas inteligíveis que lhe são em realidade aparentadas.

76. Aquele que fecha os sentidos no momento em que se levantam as paixões, que afasta totalmente a imaginação e a memória das coisas sensíveis e que reduz os movimentos naturais do intelecto em sua busca das coisas exteriores, graças à mão divina, deixa confusa a potência má e tirânica que se levantou contra ele.

77. Quando a razão se torna insensata, quando o ardor é arrastado e o desejo se torna irracional, e quando a ignorância, a tirania e o deboche se apoderam da alma, o hábito do vício se torna efetivo, mesclado ao prazer que domina os sentidos.

78. O intelecto que, por seu conhecimento, é capaz de escapar dos laços invisíveis, não deve buscar a contemplação natural, nem fazer outra coisa, quando as potências do mal o assaltam, senão rezar, dominar o corpo por meio das penas, suprimir com todo fervor os cuidados terrestres e guardar as muralhas da cidade, vale dizer, as virtudes que velam sobre a alma, e os caminhos – a temperança e a paciência – que mantêm as virtudes, para que

ao dar de beber à alma uma libação confusa não se afaste de Deus fingindo lançar-se a ele, fraudando por seguir os vícios da direita[467] e levando para o pior, com a aparência de bens, a reflexão que busca o bem.

79. Quem fechou nobremente os sentidos pela temperança e a paciência refletidas e englobantes e que, pelas potências da alma, obstruiu a entrada das formas sensíveis até o intelecto, destrói facilmente as enganações do diabo devolvendo-o em confusão ao caminho pelo qual ele chegou. Ora, o caminho por onde vem o diabo são as coisas materiais que parecem confortar o corpo.

80. O intelecto que, por meio da razão, ligou a si mesmo os sentidos conforme a natureza, recolhe o verdadeiro conhecimento que extrai da contemplação natural.

81. As fontes que ficam fora da cidade, ou seja, fora da alma, que Ezequias tapou[468], são todas as coisas sensíveis. As águas destas fontes são os pensamentos das coisas sensíveis. O rio que separa em duas partes a cidade é o conhecimento fornecido pela contemplação natural e que provém dos pensamentos sensíveis, pois esta é uma fronteira entre o intelecto e os sentidos. Com efeito, o conhecimento das coisas sensíveis não é inteiramente estranho à potência do intelecto, nem totalmente abarcado pela atividade dos sentidos. Encontrando-se como um meio entre a convergência do intelecto para os sentidos e dos sentidos para o intelecto, realiza em si mesmo sua união recíproca. Na ordem dos sentidos, ela é moldada especificamente pelas formas das coisas sensíveis. Na ordem do intelecto, ela transforma em razões as imagens das formas. O conhecimento das coisas visíveis é chamada de rio que divide em duas a cidade, por se achar no meio dos extremos, entre o intelecto e os sentidos.

[467] Vício da direita: designa o pecado da presunção.
[468] Cf. II *Crônicas* 26: 5.

82. Aquele que permanece longe da contemplação durante as tentações, e que se agarra à oração, retirando seu intelecto de tudo para se dirigir somente a Deus, destrói o estado engendrado pela malícia e põe em fuga confuso o diabo que havia suscitado o dito estado e que, fiando-se nele, chegou à alma com sua arrogância, através de pensamentos orgulhosos, em sua revolta contra a verdade. Foi isto que conheceu e provou o grande Davi, que tinha a experiência dos desdobramentos de todos os combates do intelecto, e que disse: "Quando o ímpio estava diante de mim, eu permaneci surdo e humilhado, e me calei, por causa dos seus bens[469]". É isto que o divino Jeremias tinha em comum com ele, ao ordenar o povo que não saísse da cidade, pois as espadas dos inimigos cercavam-na por toda parte[470].

83. Da mesma forma o bem-aventurado Abel, se tivesse se guardado e não tivesse saído ao encontro de Caim no campo, ou seja, no espaço da contemplação natural, antes de obter a impassibilidade, não veria levantar-se contra si a lei da carne, que é Caim e é chamada de Caim, e não teria sido morto[471], enganado pelas mentiras dos vícios da direita durante a contemplação dos seres antes de receber o estado perfeito.

84. Da mesma forma, se Dina, a filha do grande Jacó, não tivesse saído para procurar as mulheres do país, ou seja, as imagens das coisas sensíveis, Siquém, o filho de Hamor, não teria se dirigido a ela e não a teria humilhado[472].

85. É bom não tocarmos na contemplação natural antes do estado perfeito, a fim de que sem querer não recolhamos paixões aos buscarmos as razões espirituais das criaturas. Pois as formas aparentes das coisas visíveis reinam sobre os sentidos dos homens imperfeitos, mais do que as razões

[469] *Salmo* 38 (39): 3.
[470] Cf. *Jeremias* 6: 5.
[471] Cf. *Gênesis* 4: 8.
[472] Cf. *Gênesis* 34: 1-2.

das criaturas, escondidas pelas formas, reinam sobre suas almas. Assim, aqueles que, como os Judeus, ligaram seu pensamento apenas à letra, compreendem segundo este século as promessas de bens sem mescla, ignorando os bens que, por natureza, pertencem à alma.

86. Aquele que carrega a imagem celeste[473] esforça-se por seguir sempre o espírito da sagrada Escritura, no qual, pela virtude e pelo conhecimento, a alma permanece preservada. Mas quem carrega a imagem do terrestre não se preocupa senão com a letra, na qual se encontra o culto dos sentidos para o corpo, que suscita as paixões.

87. A virtude que apaga as paixões é o poder de Deus. E a virtude que guarda os pensamentos é o poder dos homens piedosos. É esta virtude que é engendrada pela prática dos mandamentos, por meio da qual, com a ajuda de Deus, ou antes graças ao poder de Deus, destruímos as potências do mal que se opõem ao bem. E o conhecimento da verdade é a altura de Deus. Tal conhecimento é engendrado pela pena concedida pela contemplação das criaturas e pelos suores que se seguem à prática das virtudes e que são as mães das penas. Pelo conhecimento, destruímos por completo o poder da mentira que se opõe à verdade, abatendo e derrubando toda a altura dos maus espíritos que se levantam contra o conhecimento de Deus[474]. Pois assim como a ação engendra a virtude, também a contemplação engendra o conhecimento.

88. O conhecimento que escapa ao esquecimento, que traz em si, sem limites, ao redor da infinitude divina, o movimento do intelecto acima do entendimento, é no ilimitado a imagem da glória mais do que infinita da verdade. E a imitação livre e voluntária da sábia bondade da providência coloca sua honra na assimilação do intelecto a Deus, com toda clareza, na medida do possível.

89. A língua é o símbolo do conhecimento da alma. A garganta é o testemunho do amor egoísta natural pelo corpo. Assim, que liga um ao outro de maneira condenável não é capaz de se lembrar do estado de virtude e do conhecimento da paz. Em seu ardor, ele está sob o encanto e a confusão das paixões corporais.

90. Os desejos e os prazeres segundo a natureza, que não carregam a divisão nos que os têm, são como uma consequência necessária dos apetites naturais. O prazer segundo a natureza, independente de nossa vontade, vem do alimento que nos é dado, que alivia nossa fome. Vem da bebida, que mata a sede. Vem ainda do sono, que renova as forças que dispendemos no estado de vigília. Tudo o mais que se encontra entre as coisas naturais é necessário para confortar a natureza e é útil aos homens fervorosos na aquisição da virtude. É o que acontece ao intelecto, quando ele foge da confusão do pecado a fim de não permanecer, por causa dessas coisas, preso na escravidão das paixões desviadas e contra a natureza, que estão em nós, que não têm em nós outro movimento que o das paixões segundo a natureza e que não nos acompanharão até a perpetuidade na vida imortal.

91. As palavras de Deus, pura e simplesmente proferidas, não são entendidas, por não terem por voz a ação dos que a proferem. Mas se elas são proferidas pela prática dos mandamentos, elas dissolvem os demônios sob o efeito desta voz e, pelo progresso das obras da justiça, ajudam os homens a edificar na obediência o templo divino do coração.

92. Assim como Deus, em sua essência, não está sujeito ao conhecimento, também sua palavra não é abarcada pelo nosso conhecimento. Com efeito, a palavra da sagrada Escritura, mesmo que possa ser descrita segundo a letra, se limita ao tempo das coisas que são contadas. Mas, pelas contemplações do inteligível, segundo o espírito, é sempre impossível descrevê-las.

---

[473] Cf. I *Coríntios* 15: 49.
[474] Cf. II *Coríntios* 1: 5.

93. Aquele que, pelo conhecimento, em vista da alma, compreende segundo Cristo a sagrada Escritura, deve também trabalhar para explicar os nomes, sendo capaz de esclarecer o sentido das palavras escritas, se se preocupar com sua compreensão exata. Mas ele não deve, como os Judeus, trazer para o corpo e para a terra a altura do Espírito, nem circunscrever na corrupção das coisas que passam as promessas divinas e puras dos bens inteligíveis.

94. Assim como o voto é a promessa dos bens que os homens oferecem a Deus, também a prece dita como se deve será claramente o pedido dos bens que Deus dispensa aos homens para sua salvação, e esta demanda implica que seja dada em troca a boa disposição das premissas. Quanto ao apelo, ele é o desenvolvimento e o crescimento dos modos virtuosos da ação e das visões gnósticas da contemplação, no tempo em que se levantam os demônios malignos. Por este apelo, Deus escuta, antes de tudo, naturalmente, como uma voz forte, a disposição daqueles que se aplicam à virtude e ao conhecimento.

95. O reino mau e funesto do diabo, que é figurado pelo reino dos Assírios e que concentrou o combate contra a virtude e o conhecimento, imagina derrubar a alma pelas potências que estão nela. Primeiramente pelo desejo, empurrando-a a cobiçar as coisas que são contra a natureza e persuadindo-a a preferir o sensível ao inteligível. Depois pelo ardor, encorajando-a a lutar pelo sensível que o desejo escolheu. Enfim, pela razão, ensinando-a a conceber os modos dos prazeres dos sentidos.

96. É próprio da bondade extrema não apenas ter feito com que as essências divinas e incorpóreas das coisas inteligíveis sejam as imagens da glória inefável de Deus, recebendo nelas analogicamente e na medida do possível toda o incompreensível esplendor da beleza inacessível, mas também haver mesclado às coisas sensíveis, que estão tão abaixo das essências inteligíveis, os ecos de sua própria grandeza capazes de conduzir a Deus sem se perder o intelecto humano levado por elas, elevado acima de todas as coisas sensíveis, após ter chegado à extrema beatitude.

97. A toda inteligência coroada de virtude e conhecimento é dado reinar como o grande Ezequias sobre Jerusalém[475], ou seja, sobre o estado que vê apenas a paz total, a condição desembaraçada de paixões de toda espécie. Pois Jerusalém significa a visão da paz. Pelas formas que a preenchem, ela tem em seu poder toda a criação que leva a Deus, como dons, por causa de si mesma, as razões espirituais do conhecimento que ela possui, que lhe oferece igualmente como presente os modos da lei natural que nela existem e que conduzem à virtude, enfim, que, pelos dois – as razões e os modos – acolhe o que pode ser mais honrado segundo uns e outros, vale dizer, o intelecto que ama a sabedoria e que, em palavras e vida, alcança a perfeição pela ação e a contemplação.

98. Aquele que, pela ação e a contemplação, conduziu com sucesso até o fim a virtude e o conhecimento, sobrepuja com justiça todas as paixões condenáveis da carne. Ele também está acima dos corpos chamados naturais, ou seja, dos seres submetidos ao devir e à corrupção. Em uma palavra, está, em sua contemplação, acima de todas as formas submetidas aos sentidos e ultrapassou, em seu conhecimento, todas as razões contidas nelas. Este homem elevou seu intelecto até as coisas divinas que lhe são aparentadas.

99. Quem conseguiu habitar a impassibilidade, como Jerusalém, pelas penas da ação, que se livrou de todos os tormentos do pecado, que não faz, não diz, não escuta, não considera senão a paz, depois de ter recebido pela contemplação natural a natureza das coisas visíveis, a qual, por ele, oferece ao Senhor como dons as razões mais divinas que contém e lhe entrega como a um rei as leis que nela estão, este elevou-se acima de todas as nações: ele está acima de todos. Vale dizer que, pela ação, ele está acima

---

[475] Cf. II *Reis* 18: 1-3.

das paixões da carne e que, pela contemplação, ele está acima dos corpos naturais e de todas as formas percebidas pelos sentidos, pois ele alcançou as razões e os modos espirituais que estão nelas.

100. A filosofia ativa eleva o monge ativo acima das paixões. A contemplação eleva o monge gnóstico acima das coisas visíveis, levando seu intelecto até as coisas inteligíveis que lhe são aparentadas.

QUINTA CENTÚRIA

1. Quem conhece ao mesmo tempo em que age, e que age ao mesmo tempo em que conhece, é o trono e o pedestal de Deus[476]. É o trono, por causa do conhecimento, e o pedestal, por causa da ação. E se alguém disser que o intelecto humano é um céu quando purificado de toda imagem material e consagrado às maravilhas divinas das coisas inteligíveis, ou antes enfeado com a beleza das razões, não me parece que esteja longe da verdade.

2. Todo homem que ama a sabedoria, ou seja, que é piedoso, que é protegido pela virtude, ou pela ação e a contemplação, ao ver o poder do mal levantar-se contra si através das paixões como o rei dos Assírios se voltou contra Ezequias[477], tem, para se livrar do mal, um único recurso: Deus, com o qual ele se concilia sem jamais se calar, sempre estendendo diante de si a virtude e o conhecimento. Ele assim recebe um anjo que o assiste, ou antes que o salva, vale dizer, uma palavra de sabedoria e conhecimento, que destrói no campo dos adversários todos os homens fortes e todos os combatentes, todos os príncipes e todos os senhores da guerra.

3. O sensível ao qual nos ligamos está naturalmente na origem de toda paixão. Pois sem uma coisa inicial que coloca em movimento para si as potências da alma por meio de um dos sentidos, jamais se formaria uma paixão. Sem algo sensível, nenhuma paixão se forma. Se não existir uma mulher, não existirá a prostituição; se não houver comida, não haverá gula; se não existir ouro, não existirá avareza. Portanto, o sensível, vale dizer, o

---

[476] Cf. *Isaías* 66: 1.
[477] Cf. *Reis* 18: 13-14; *Isaías* 36: 2.

demônio que por meio dele excita a alma em vista do pecado, está na origem de todo movimento passional das potências naturais que existem em nós.

4. O apagamento do mal suprime sua energia, e sua extirpação suprime o próprio pensamento. Pois o apagamento é a libertação da ação passional, tal como se exerce em sua energia; mas a extirpação é a desaparição total dos movimentos maus dos pensamentos.

5. O sensível e o inteligível são intermediários entre Deus e os homens. O intelecto humano que avança para Deus está acima deles. Na ordem da ação, ele não está sujeito ao sensível. E na ordem da contemplação, ele não é retido pelo inteligível.

6. A criação acusa os homens ímpios[478]. Pois, pelas razões que estão nela, ela proclama seu Criador. E pelas leis naturais que nela regem cada espécie, ela dirige o homem para a virtude. Portanto, as razões são conhecidas pela continuidade da permanência de cada espécie. E as leis são manifestadas pela identidade da energia natural da espécie em cada um. Por não nos ligarmos a elas com todo o poder do intelecto que existe em nós, nós ignoramos a causa dos seres e fomos consumidos por todas as paixões contra a natureza.

7. A fim de revelar o infinito da bondade divina, o Verbo ordenou que sejam oferecidos por nós dons a Deus, e ele recebe de nós como dons aquilo que oferecemos, considerando que nossa oferenda é tudo, mesmo que ela não quite nada previamente. Ele mostra que a bondade de Deus é grande e inefável ao redor de nós, pois Deus recebe como se fossem nossas as coisas que são dele e que nós lhe oferecemos, e ele reconhece que nos deve estas coisas, como se lhe fossem estranhas.

[478] Cf. *Sabedoria* 5: 17; 16: 24.

8. O homem que compreende as razões espirituais do visível aprende que existe um Criador das coisas aparentes, mas deixa sem examinar, por entendê-la inacessível, a questão de saber quem é o Criador. A criação visível permite, com efeito, compreender claramente que existe um Criador, mas não quem é o Criador.

9. A cólera de Deus é o sofrimento que sentem aqueles que recebem a instrução. E o sofrimento que eles sentem é a irrupção das penas involuntárias por meio das quais Deus costuma levar o intelecto a se encerrar e se humilhar, quando este se mostra inflado pela virtude e o conhecimento. Assim ele lhe permite conhecer a si mesmo, e testemunhar sua própria fraqueza. Quando ele a entende, ele se livra do vão inchaço do coração.

10. A cólera de Deus é a suspensão do dom dos carismas divinos, infligida para seu próprio bem a todo intelecto que se levanta, se incha e se orgulha dos bens que lhe são dados por Deus, como se estes viessem de suas próprias ações direitas.

11. Todo intelecto gnóstico e filosófico possui em si Judá e Jerusalém. Judá, que é como a filosofia ativa, e Jerusalém, que é como a mistagogia contemplativa. Portanto, quando, pela graça divina, o intelecto que ama a Deus e que afastou, seguindo a filosofia ativa e contemplativa, toda potência contrária à virtude e ao conhecimento, que cingiu-se perfeitamente com a força que se opõe aos espíritos de malícia, mas que não rendeu a Deus, que é origem de sua vitória, a ação de graças que lhe é devida, mas glorificou-se em seu coração considerando ser ele mesmo a causa da ação direita, então, por não ter rendido a Deus a oferenda que devia lhe dar em retribuição[479], não apenas receberá sobre si a cólera do abandono, mas também Judá e Jerusalém – ou seja, os estados de ação e de contemplação – receberão, por uma permissão de Deus, de uma parte a

[479] Cf. II *Crônicas* 32: 21.

cólera das paixões que se levantam contra a ação e mancham a consciência que até então estava pura, e de outra parte a cólera dos pensamentos enganadores mesclados à contemplação dos seres e que entortam a doutrina do conhecimento, que até então era direita. Pois a desonra das paixões segue a quem se orgulha da ação. E o justo julgamento permite que aquele que se glorifica do conhecimento decaia da verdadeira contemplação.

12. Existe nos seres uma condição e uma lei da providência, ambas divinas em verdade, que permite que sejam castigados pelas adversidades, para adquirir a gratidão, aqueles que parecem insensíveis ao melhor. Elas permitem também que a experiência das coisas contrárias dê a conhecer a potência divina que dirige os bens, a fim de que, mesmo que a providência permita que nossa presunção não seja inteiramente destruída sobre a via do melhor, não escorreguemos para o estado de orgulho oposto a Deus pensando que a posse da virtude e do conhecimento seja fruto de nosso labor, a fim de que não utilizemos o bem para que nos venha o mal. Seria preciso que, nestas condições, o conhecimento divino permanecesse inquebrantável, ainda mais solidamente ligado a nós, ainda que, para o demais, estivéssemos doentes de ignorância.

13. Sabemos que existe nos seres uma condição e uma lei divinas, que são a providência que engloba todos os seres. Segundo um justo julgamento, a providência castiga pela raridade dos bens, e para que dela adquiram a gratidão aqueles que se mostram sem reconhecimento pela abundância destes bens para com Aquele que os deu. E pelas adversidades, ela os leva a saber discernir Aquele concede tais bens. Pois a presunção da virtude, se não for corrigida, engendra facilmente a doença do orgulho, que traz em si o estado oposto a Deus.

14. Quem considera que já alcançou o fim da virtude[480], não mais buscará daí por diante a causa que é a fonte dos bens: este encerrou em si apenas a potência do desejo, e priva a si mesmo da condição da salvação, ou seja, Deus. Mas quem sentiu o quanto os bens lhe faltam naturalmente, jamais cessa de correr adiante para Aquele que pode cumular sua indigência.

15. Quem provou do infinito da virtude não cessa mais de correr por seu caminho, para não se provar do próprio princípio e do fim da virtude, ou seja, de Deus, detendo ao redor de si mesmo o movimento do desejo, e para não considerar sem querer que chegou à perfeição, o que o faria decair daquilo que é verdadeiramente e daquilo para o que tende todo movimento do monge fervoroso.

16. A cólera, ou seja, o abandono, como foi dito, castiga justamente o intelecto orgulhoso. Com efeito, Deus permite que ele seja perturbado pelos demônios durante a contemplação, a fim de que ele tome consciência de sua própria fraqueza natural, que ele reconheça a potência e a graça divinas que o recobrem e assumem a totalidade dos bens, que ele se humilhe afastando de si toda altura estranha e contra a natureza, e que assim, rebaixado e sentido Aquele que lhe concede os bens, a outra cólera não o atinja, aquela que retira os carismas concedidos.

17. Aquele que não recebeu da primeira forma de cólera – o abandono – a sabedoria para alcançar a humildade, considerando que esta ensina o bom juízo, receberá claramente a outra cólera, que virá sobre ele retirando-lhe a energia dos carismas e o despojando de sua potência, que o protegia até então. Pois Deus disse da ingratidão de Israel: "Eu retirarei sua proteção e ela será levada. Abaterei seus muros, que serão pisoteados. Eu abandonarei minha vinha, e ela não será podada nem arrancada. Ali nascerão espinheiros como numa terra inculta, e eu ordenarei às nuvens para que não deixem cair ali a chuva[481]".

---

[480] Para as sentenças 14 e 15, cf. *Filipenses* 3: 12-16.

[481] *Isaías* 5: 5-6.

18. Existe ainda um caminho que inclina à impiedade: é o de não sentir que prejudicamos as virtudes. Pois aquele que está habituado a desobedecer a Deus por meio dos prazeres da carne, renega o próprio Deus na primeira ocasião. Pois ele prefere a Deus a vida na carne, que ele considera oferecer mais prazeres do que as vontades de Deus.

19. Quando julgamos que o intelecto foi afetado de um modo ou de outro, acreditamos que sua potência de agir e de contemplar foi afetada junto com ele, de alguma maneira, segundo as razões naturais da ação e da contemplação. Pois não é possível que o fundamento seja afetado e que aquilo que ele sustenta não o seja. Chamo de fundamento o intelecto, pois é ele quem recebe a virtude e o conhecimento. E chamo aquilo que ele sustenta de ação e contemplação, que dirigem para o intelecto a razão dos eventos; é por isso que, de alguma maneira, elas são afetadas junto com o intelecto afetado, pois elas têm seu movimento, que é o começo de sua própria transformação.

20. Todo homem virtuoso e amado por Deus, como o foi Ezequias, todo homem que, em seu conhecimento, cingiu-se do poder contra os demônios, quando é agredido pelos maus espíritos que o combatem invisivelmente em seu intelecto e recebe pela oração um anjo enviado por Deus[482], vale dizer, uma palavra de sabedoria, se dispersar e destruir toda a falange do diabo mas não atribuir a Deus tal vitória e salvação, mas atribuir a si mesmo toda a vitória, este homem não terá agradecido a Deus o que recebeu dele[483], pois não deu à sua ação de graças a amplitude igual à grandeza da salvação, e não ofereceu as disposições de sua própria alma em retribuição à benfeitoria d'Aquele que o salvou.

21. Iluminemos o intelecto com pensamentos divinos e o corpo com alegria pelos modos das razões refletidas e mais divinas ainda, fazendo do intelecto um lugar da razão onde é elaborada a virtude pela rejeição das paixões. Pois as paixões inatas do corpo, quando dirigidas pela razão, não dividem. Mas quando elas se desenvolvem sem a razão, trazem consigo a divisão. É preciso rejeitá-las, pois, se seu movimento é inato, seu uso é muitas vezes contra a natureza, caso não sejam governadas pela razão.

22. Quem quer que tenha glorificado seu coração orgulhando-se dos carismas recebidos e fazendo como se ele não os houvesse recebido[484], com toda justiça será atingido pela cólera. Pois Deus permite então ao diabo que se una a este homem em espírito, sacudindo os modos pelos quais age a virtude e perturbando as razões claras do conhecimento dadas pela contemplação, a fim de que, tendo aprendido com sua própria fraqueza, este homem reconheça a única potência que combate em nós as paixões, e se humilhe arrependendo-se, rejeitando o inchaço da presunção, se reconcilie com Deus e escape à cólera, que cai sobre os que não se arrependem, afastando a graça que protege a alma e deixando vazio o intelecto.

23. A cólera salvadora é a permissão que Deus dá aos demônios para combater por meio das paixões o intelecto orgulhoso, a fim de que, sofrendo na desonra por ter se orgulhado das virtudes, este aprenda a saber quem é Aquele que dá estas virtudes, ou então que ele seja despojado dos bens que lhe eram estranhos e que ele pensava possuir como se não os tivesse recebido.

24. Verdadeiramente bem-aventurado é o intelecto que, de modo digno de louvor, morreu para todos os seres. Ele está morto para as coisas sensíveis pela retirada da energia dos sentidos; e está morto para as coisas inteligíveis pela detenção do movimento da inteligência. Note que a morte louvável do intelecto acolhe naturalmente a vida que provém da graça divina. Em lugar dos seres, ele terá recebido de maneira incompreensível

[482] Cf. II *Crônicas* 32: 21.
[483] Cf. II *Crônicas* 32: 25.

[484] Cf. *Salmo* 130 (131): 1 e *Coríntios* 4: 7.

Aquele que é a origem dos seres.

25. Bem-aventurado aquele que uniu a vida ativa ao bem segundo a natureza e a vida contemplativa à verdade segundo a natureza. Pois toda ação se faz naturalmente para o bem. E toda contemplação busca o conhecimento apenas pela verdade. Quando se leva uma e outra a termo, absolutamente nada mais atingirá a vida ativa da alma, e a duração das coisas contempladas não virá apagar sua vida contemplativa. Pois a alma estará então além de todo ser e de todo pensamento, e terá entrado em Deus, único bom e verdadeiro acima de todo ser e de todo entendimento.

26. O fim da virtude ativa, se diz, é o bem. Este é o cumprimento da energia divina, que conduz a razão da alma, que se serve do ardor e do desejo segundo a natureza, quando na alma aparece naturalmente a beleza criada à semelhança de Deus. E o fim da filosofia contemplativa, diz-se é a verdade, que é indivisivelmente o conhecimento simples de todas as coisas de Deus, este conhecimento para o qual se dirige o intelecto puro, que apagou totalmente de si mesmo o julgamento dos sentidos. Vale dizer que, neste conhecimento, se mostra sem a menor alteração a dignidade da imagem de Deus.

27. Ninguém pode verdadeiramente bendizer a Deus se não santificou o corpo pela virtude, se não iluminou a alma com os conhecimentos. Pois o estado de virtude é a face do intelecto contemplativo, esta face que se eleva como o céu até a altura do verdadeiro conhecimento.

28. Bem-aventurado aquele que sabe em verdade que é Deus quem cumpre em nós, que somos como que seus instrumentos, toda ação e toda contemplação, toda virtude e todo conhecimento, toda vitória e toda sabedoria, toda bondade e toda verdade, quando nós mesmos não contribuímos com nada outro do que nossa disposição em querer o bem. O grande Zorobabel tinha esta disposição, e falava das coisas que mencionamos acima quando declarava a Deus: "Bendito seja, você que me deu a sabedoria, e eu lhe confesso, Senhor dos Pais: de você vem a vitória, a sabedoria, sua é a glória, eu não passo de um servidor[485]". Como um servidor verdadeiramente reconhecido, ele rendia tudo a Deus quem lhe havia dado, de quem ele havia recebido e possuía a sabedoria, e ele reconhecia como do Senhor dos Pais o poder dos bens com os quais ele havia sido gratificado e que eram, como foi dito, a união da vitória com a sabedoria, da virtude com o conhecimento, da ação com a contemplação, da bondade com a verdade, que, em união entre si, brilhavam como o raio da glória e do esplendor únicos de Deus.

29. Todas as obras direitas dos santos eram manifestamente carismas de Deus. Nenhum deles, com efeito, possuía algo além do bem que lhe foi dado, medido pelo Senhor Deus na proporção do conhecimento e da bem-aventurança daquele que o recebia e não possuía senão as coisas que apresentava ao mesmo Mestre que as havia dado.

30. O intelecto que preside a virtude e o conhecimento e que deseja que a alma seja liberta da escravidão das paixões diz: "As mulheres a transportam e a verdade triunfa[486]". As mulheres são as virtudes deificantes pelas quais o amor unificante – o amor a Deus e o amor mútuo – é dado aos homens. Este amor arranca a alma de todas as coisas sujeitas ao devir e à corrupção, mas também às essências inteligíveis que estão acima destas coisas. Ele abraça a Deus como se abraça numa união amorosa, na medida em que isto é possível à natureza humana. E ele suscita misticamente uma intimidade pura e divina. Enfim, o intelecto denomina "verdade" apenas a causa única e singular dos seres – a origem e o Reino, o poder e a glória – pela qual e para a qual tudo foi e é feito. É por ela e por causa dela que todo fervor e todo movimento são dados àqueles que são amados por Deus.

31. Por "mulheres" a Escritura mostrou o fim das virtudes, que é o amor,

---

[485] I *Esdras* 4: 59-60 (grego)
[486] I *Esdras* 3: 12 (grego)

ou seja, o prazer sem mácula e a união indivisível extraídos do desejo dos que participam do bem por natureza. E por "verdade" ela simbolizou o termo de todos os conhecimentos e de todas as coisas conhecidas em si mesmas: aquilo para o que são atraídos por uma razão geral, como para a origem e o termo de todos os seres, os movimentos da natureza, quando a origem e a causa dos seres – a verdade – a tudo venceu segundo a natureza, e atrai para si o movimento das criaturas.

32. Quando nos afastamos totalmente do múltiplo, a verdade aparece naturalmente como uma só e única coisa. Ela recobre as faculdades do conhecer naqueles que podem compreender ou serem compreendidos, pois, por sua existência acima do ser, ela está acima do que pensa e do que é pensado, Englobando com sua potência infinita as extremidades dos seres desde sua origem até seu fim, ela atrai para si todos os movimentos de todos. A uns ela concede o conhecimento claro da graça de que estavam privados. A outros, uma percepção inefável e por participação, o conhecimento evidente da bondade que eles desejavam.

33. O intelecto é o órgão da sabedoria. A razão é o órgão do conhecimento. A plenitude natural dos dois é o órgão da fé, que procede de um e outro. E o amor natural dos homens é o órgão dos carismas e das curas. Pois todo carisma divino tem em nós um órgão apropriado e inato que o recebe; este órgão é como uma potência, ou um estado, ou uma disposição. Assim, aquele que purificou o intelecto de toda imaginação das coisas sensíveis, recebe a sabedoria. Aquele que permitiu à razão dominar as paixões que nos são naturais, vale dizer, o ardor e o desejo, recebe o conhecimento. Aquele que possui a inquebrantável certeza das coisas divinas em seu intelecto e sua razão, recebe a fé que tudo pode. E quem levou a bom termo o amor natural pelos homens, depois de se ter separado totalmente do egoísmo, recebe os carismas e as curas.

34. Cada um de nós possui a energia manifesta do Espírito em proporção à própria fé[487]. Assim sendo, cada qual é o intendente de sua própria graça. Jamais alguém de boa disposição poderá invejar aquele que é honrado pelas graças, uma vez que nele repousa a disposição de receber os bens de Deus.

35. O que faz com que os bens de Deus permaneçam em nós é a medida da fé de cada um. Pois é na medida em que cremos que nos é dado o fervor para agir. Portanto, que age revela a medida de sua fé na proporção de sua ação: ele recebe a graça na medida daquilo em que acredita. Mas quem não age revela a medida de sua incredulidade na proporção de sua inércia: ele recebe a privação da graça segundo sua descrença. O invejoso faz mal em denegrir aqueles cuja obra é reta, quando é a ele e a nenhum outro que é pedido escolher que creia, para receber a graça na medida de sua fé.

36. Aquele que é presa dos bens [celestes] se deixa levar voluntariamente pelas razões da sabedoria da providência em direção à graça da deificação. E aquele que não ama os bens [celestes] é involuntariamente desviado do mal pelos modos do castigo, de acordo com um justo julgamento. Um, por ser amado por Deus, é deificado pela providência. Mas o julgamento não permite que o segundo, que ama a matéria, seja condenado. Pois Deus, em sua bondade, cuida daqueles que o querem pelas razões da sabedoria, e cura pelos modos do castigo os que têm dificuldade em se engajar no caminho da virtude.

37. A verdadeira fé é a verdade que abraça e reúne, pois ela é isenta de mentira. E a boa consciência traz consigo o poder do amor, pois ela não transgrede jamais um único mandamento.

38. A Escritura diz que sete espíritos repousarão sobre ele: o espírito da sabedoria, o espírito da inteligência, o do conhecimento, o da ciência, o

---

[487] Cf. *Romanos* 12: 6.

espírito do conselho, o da força, o do temor a Deus[488]. E os seguintes são próprios destes carismas espirituais: é próprio do temor a rejeição do mal; é próprio da força a prática do bem; é próprio do conselho o discernimento dos adversários; é próprio da justiça a justa percepção dos deveres; é próprio do conhecimento a compreensão ativa das razões divinas que residem nas virtudes; é próprio da inteligência a total disponibilidade da alma em relação àquilo que ela conhece; é próprio da sabedoria a união incognoscível que leva a Deus, união pela qual, nos que são dignos, o desejo se torna fruição, pois ela torna, por participação, um Deus aquele que a experimenta e lhe permite ser um intérprete da beatitude divina, em seu impulso e sua aproximação inesgotáveis e irreversíveis que a conduzem para aqueles que rezam pelos mistérios divinos.

39. O espírito de temor a Deus é a abstenção do mal ativo. O espírito da força é o impulso e o movimento ferventes que conduzem à energia e à prática dos mandamentos. O espírito do conselho é o estado de discernimento, que nos permite, com a razão, praticar os mandamentos divinos e separar o melhor do pior. O espírito da ciência é a infalível percepção dos modos da ação virtuosa: praticando, graças a ela, o correto julgamento da razão, não caímos jamais. O espírito do conhecimento é a compreensão dos mandamentos e das razões contidas neles, segundo as quais são formados os modos das virtudes. O espírito da inteligência é o consentimento aos modos e às razões das virtudes, ou mais precisamente a transformação pela qual as potências naturais se unem aos modos e às razões dos mandamentos. O espírito da sabedoria é a restauração e a união que conduz para a causa os mais espirituais dos mandamentos, união pela qual, no incognoscível, simplesmente iniciados nas razões dos seres que estão em Deus, na medida do possível, nós oferecemos de diversas maneiras aos homens a verdade que está em tudo, como de uma fonte que brota do coração.

[488] Cf. *Isaías* 11: 2-3.

40. Das últimas coisas criadas por Deus, que estão próximas de nós, devemos nos elevar progressivamente e em ordem até as primeiras coisas, que estão longe de nós mas próximas de Deus. Pois da abstenção do mal pelo temor alcançamos a prática das virtudes pela força. Da prática das virtudes, passamos ao discernimento do conselho. Do discernimento, chegamos ao estado de virtude, ou seja, à ciência. Do estado de virtude, atingimos o conhecimento das razões que estão contidas nas próprias virtudes. Do conhecimento, entramos no estado de renovação que conduz às razões conhecidas das virtudes, vale dizer, a inteligência. Enfim, da inteligência abordamos a contemplação simples e precisa da verdade que está em todas as coisas. E, lançando-nos de tal contemplação, testemunhamos em retorno a verdade das palavras piedosas, numerosas e diversas, extraídas da sábia contemplação das essências sensíveis e inteligíveis dos seres.

41. O primeiro bem a agir sobre nós – o temor – foi colocado em último lugar pelo texto da Escritura, que o chama de começo da sabedoria[489]. Levados pelo temor, nós nos elevamos até o fim da sabedoria, que é a inteligência, depois da qual nos aproximamos do próprio Deus, porque a sabedoria é a única capaz de assegurar por seu intermédio nossa união com Deus. Pois não é possível que receba a sabedoria quem, pelo temor e por meio de outros carismas que nos foram distribuídos, não tenha antes sacudido de si a peste da ignorância e a poeira da malícia. É por isso que a ordem da Escritura coloca a sabedoria perto de Deus e o temor perto de nós, a fim de que aprendamos a condição e a lei na ordem correta.

42. Assim, elevando-nos com os olhos da fé, ou seja, pelas iluminações, somos conduzidos para a unidade divina da sabedoria. Pelas elevações parciais das virtudes, fazemos convergir para sua causa comum os carismas que nos foram distribuídos, sem omitir nenhum dos citados, com a ajuda de Deus, a fim de que não tornemos cega e sem olhos nossa fé,

[489] Cf. *Salmo* 110 (111): 10; *Provérbios* 1: 7 e 9: 10.

privada das luzes que as obras do Espírito fornecem, por nos deixarmos levar pouco a pouco pela negligência, e para que não sejamos castigados com justiça nos séculos infinitos por termos cegado em nós mesmos os olhos divinos da fé, na medida em que isto estava em nosso poder.

43. Quem quer que tenha fechado em si os olhos da fé, por não praticar os mandamentos, está condenado de um modo ou de outro, pois Deus não o olha mais. De fato, se a palavra divina chama de energias do Espírito os olhos do Senhor[490], quem não abre seus próprios olhos pela prática dos mandamentos não tem em si a Deus que o olhe. Pois, como é natural, Deus não olha com outros olhos aqueles que estão sobre a terra, uma vez que a luminosidade de nossa virtude é um raio da visão divina.

44. A sabedoria é uma unidade, indivisivelmente contemplada nas diferentes virtudes que ela suscita, depois concebida em sua forma única por suas energias, e novamente revelada como uma unidade simples a partir do momento em que as virtudes que dela provinham se restabelecem nela, quando nós mesmos, para que ela as faça progredir paulatinamente, convirjamos para ela, impulsionados para frente por cada virtude.

45. Quem não cumpre as ordens divinas da fé tem a fé cega. Pois, se as ordens de Deus são luz[491], isto significa que quem não cumpre as ordens divinas de Deus está desprovido da luz divina. Ele deixa sem resposta o apelo divino; verdadeiramente, ele não responde.

46. Ninguém, tendo pecado, pode tomar para se defender a fraqueza da carne. Pois a união com Deus o Verbo deu força a toda a natureza, destruindo a maldição e retirando todo pretexto da tendência de nossa vontade pelas paixões. A divindade do Verbo que, pela graça, se une sempre aos que nele creem, quebrou, com efeito, a lei do pecado da carne.

[490] Cf. *Deuteronômio* 11: 12.
[491] Cf. *Isaías* 26: 9 LXX.

47. Aquele que, pela fé em Deus e o amor por ele, venceu as tolas concupiscências e com elas os movimentos irracionais das paixões contra a natureza, da mesma forma ultrapassou a lei natural e transportou-se inteiro para o país dos inteligíveis. E ele expulsa de si o que lhe é aparentado por natureza, assim o que lhe chega da escravidão que lhe é estranha.

48. O conhecimento ligado à ação que não possui o freio do temor a Deus, suscita o orgulho, pois convence aquele que se orgulha dele de considerar como seu aquilo que é emprestado, usando para seu próprio louvor a atributo da palavra. Mas a ação que cresce com o desejo de Deus e não coloca o conhecimento acima do que faz, torna humilde o monge ativo, o qual, segundo as razões que ultrapassam seu próprio poder, se retira para dentro de si mesmo.

49. O estado impassível da virtude e o conhecimento que não contém em si nenhum pensamento errôneo que combata este estado são uma morada celeste.

50. Assim como o múltiplo é o fim da unidade em movimento e a unidade é o começo do múltiplo imóvel (pois a imobilidade em si é nitidamente o começo de todo fim e o cumprimento do movimento em si é o fim de todo começo), também a fé, que é o começo das virtudes segundo a natureza, tem por fim o cumprimento do bem que elas suscitam. E o bem segundo a natureza, que é o fim das virtudes e que tem por começo a fé, é conduzido interiormente para esta última. Pois a fé é o bem interior, e o bem é a fé operando. Deus é fiel e bom por natureza[492]; ele é bom, por ser o primeiro bem, e é fiel por ser a última instância visada pelo desejo. A bondade e a fidelidade, que estão ligadas uma à outra, constituem a mesma coisa, pois, salvo se as moldarmos como um projeto, não existe nenhuma razão para que elas se dividam, por causa do movimento que se inicia e termina nele.

[492] Cf. *Mateus* 19: 7.

Portanto, o múltiplo, que traz em si a empresa da aspiração última do desejo, abarca o impulso perfeito daquilo que se dirige a este ponto último. E a unidade, que traz o signo do primeiro bem, traz consigo o fundamento perfeito daquilo que provém daquele bem.

51. A primeira impassibilidade é a total abstenção do mal ativo: podemos observá-la nos noviços. A segunda impassibilidade é a rejeição total, na reflexão, dos pensamentos que consentem no mal: ela cabe aos que buscam a virtude com a razão. A terceira impassibilidade é a total imobilidade do desejo que leva às paixões, naqueles que, através das formas, contemplam em seu intelecto as razões do visível. A quarta impassibilidade é a total purificação do próprio imaginário, nos que fizeram de sua razão um espelho de Deus, puro e transparente, pelo conhecimento e contemplação. Assim, aquele que se purificou da energia das paixões, que se libertou do consentimento que lhe era trazido por seus pensamentos, que deteve o movimento do desejo que o levava para elas e que protegeu seu intelecto de ser manchado por sua simples imaginação, este, tendo em si as quatro impassibilidades gerais, deixa a matéria e as coisas materiais e vai receber sua parte nas coisas inteligíveis, o espiritual, o divino, o pacífico.

52. A primeira impassibilidade é o movimento ativo, intocável, dirigido contra os pecados do corpo. A segunda impassibilidade é a rejeição perfeita dos pensamentos passionais da alma, por meio da qual se domina o movimento das paixões que não apareciam na primeira impassibilidade, incendiando-a e levando-a a agir. A terceira impassibilidade é a perfeita imobilidade do desejo que conduz às paixões, imobilidade pela qual foi suscitada a segunda impassibilidade, fundada pela pureza dos pensamentos. Enfim, a quarta impassibilidade é o abandono de todas as imaginações sensíveis pelo pensamento, abandono do qual nascera a terceira impassibilidade, que não possuía imaginações das coisas sensíveis para formar imagens das paixões.

53. Em todo monge ativo, como se fossem servos, a razão e o pensamento trabalham, concebendo e suscitando os modos de ação virtuosa depois de se terem oposto com toda sua potência aos espíritos contrários de malícia e de ter conduzido com sucesso a filosofia prática, representada pelo sexto ano (pois se diz que o número seis designa a filosofia prática). Vale dizer que a razão e o pensamento, depois de alcançarem a contemplação das razões inatas que estão contidas nos seres, partem livres para a filosofia espiritual.

54. O ardor e o desejo são servos estrangeiros que, por sua coragem e castidade são continuamente postos pelo intelecto ativo sob o jugo da razão para servirem às virtudes, sem deixá-los partir em liberdade até que a lei da natureza tenha sido perfeitamente absorvida pela lei do Espírito, como a morte da carne miserável[493] é absorvida pela vida infinita, e até que se tenha revelado em sua pureza toda imagem do Reino que não tem começo, trazendo em si por imitação a forma total do Modelo. Feito a esta imagem, o intelecto contemplativo deixa livres o ardor e o desejo, conduzindo o desejo para o prazer sem mescla e a atração sem mancha do *eros* divino, e transportando o ardor para a ebulição espiritual, o calor da imobilidade e a sabedoria do delírio amoroso.

55. A imagem do Reino que não tem começo é a imobilidade do intelecto voltado para o verdadeiro conhecimento, e a incorruptibilidade dos sentidos voltados para a virtude, quando alma e corpo – quando em espírito os sentidos se transformam no intelecto – se unem um ao outro apenas pela lei divina do Espírito: com esta transformação, eles têm em si a energia penetrante do Verbo, sempre em movimento e continuamente vivo, no qual toda irracionalidade é totalmente afastada do divino.

56. O prazer é o desejo em ação, na medida em que este é um bem presente conforme sua definição. O ardor é o movimento ativo do delírio amoroso, e o delírio amoroso é o ardor em ação. Assim, aquele que submeteu suas

[493] Cf. II *Coríntios* 5: 4.

potências à razão, encontrará nela o desejo transformado em prazer quando, pela graça, a alma se unir ao divino sem nenhuma mancha. E encontrará o ardor, a ebulição pura, o delírio amoroso do prazer do divino, este sábio delírio que o protege quando o impulso da potência atraída da alma o faça deixar os seres. Portanto, na medida em que o mundo vive em nós e que a alma está por si mesma em relação com as coisas materiais, não devemos dar liberdade a estas potências, para evitar que, misturadas às coisas sensíveis como se estas lhe fossem aparentadas, elas combatam a alma e a capturem, prisioneira das paixões, como outrora os Babilônios tomaram Jerusalém[494]. Pois o Verbo quis dizer que havia uma relação de conhecimento entre a alma e este mundo, o século no qual a Lei ordenou que fossem sujeitados os filhos dos estrangeiros[495], sendo este mundo a vida presente: com isto ele mostrou o sentido espiritual das coisas reportadas pela história.

57. O mal teve um começo: este começo foi nosso movimento contra a natureza. Mas o bem não teve começo, pois ele é o bem por natureza antes de todos os séculos e de todos os tempos. O bem é inteligível: só é preciso compreendê-lo. Mas o mal não é inteligível: só é preciso não compreendê-lo. O bem é falado, pois só é preciso enunciá-lo. E é advindo, pois, sendo incriado por natureza, aceita vir a nós pela graça em seu amor pelo homem, para nos deificar, nós que o praticamos e enunciamos. Nós fazemos o bem, portanto basta que ele seja. Mas não devemos fazer o mal, portanto é preciso apenas que ele não seja. O mal é corruptível: de fato, é a corrupção a natureza do mal, que não tem existência própria em nada. Mas o bem é incorruptível, pois ele é permanente, jamais deixa de ser e protege a todos nos quais se encontra. É isto que buscamos pela razão, aquilo ao que tendemos pela desejo, que pelo ardor guardamos inviolável, aquilo por meio de que, pelos sentidos aplicados ao conhecimento, discernimos sem adversidades, que pela voz, ao falarmos, deixamos claro aos que ignoram, que multiplicamos pela fecundidade, ou antes, a bem dizer, aquilo pelo que nós mesmos nos multiplicamos.

58. O intelecto contemplativo que reina sobre os pensamentos, as visões e os movimentos próprios que residem nos seres, deve estar num estado tal que não engendre o mal, ou seja, que não o conceba em absoluto nem o traga para o mundo. É preciso que ele se dirija para este estado de contemplação, para evitar que, colocando sobre os seres seu olhar espiritual, não o deite contra sua vontade sobre algum espírito maligno que, por meio de alguma das coisas sensíveis, corrompa naturalmente o olhar puro do coração.

59. Aquele que, por causa da virtude e do conhecimento, se deixou ferir pelo amor à vanglória, nutrindo em vão, como Absalão, a cabeleira da presunção, presa à presilha e trançada, exibe a vida moral, como a mula, para enganar aos que o miram. Assim, suspenso no ar, ele acredita dominar o Pai que o engendrou pelo ensinamento da palavra, pretendendo, em seu orgulho, atrair para si, como um tirano, toda a glória da virtude e do conhecimento que, vinda de Deus, retorna para o Pai. Mas este homem, quando se coloca no campo da contemplação natural em espírito a fim de conduzir o combate da razão pela verdade, se vê retido pela intrincada galharia do carvalho dos espetáculos naturais, que é a imagem deste mundo, que prende a ele, em vista da morte, a vã presunção que o segura entre o céu e a terra[496]. Pois o vaidoso não possui o conhecimento que, como um céu, o atrairia para o alto, para longe da presunção que o arrasta para baixo. E ele também não possui a terra, ou seja, o fundamento da ação, na humildade, que o atrairia para baixo, para fora do orgulho que o leva para cima. Ele está morto, e o mestre que ama a Deus e que o engendrou chora, em seu amor pelo homem, pois, à imitação de Deus, ele não quer a morte do pecador, mas que ele retorne e viva[497].

---

[494] Cf. II *Reis* 25: 4.
[495] Cf. *Levítico* 25: 39.44.
[496] Cf. II *Reis* 18: 9.
[497] Cf. *Ezequiel* 33: 11.

60. A sabedoria é o começo e o fim da salvação de cada um. É o começo por suscitar desde logo o temor, pois este conduz ao termo por gerar o desejo. Ou antes, para nós, pela economia, ela se torna temor de início, a fim de que aquele que for tomado de amor se abstenha do mal. Depois, ao final, ela se torna desejo, a fim de encher de riso inteligível aqueles que mudaram a vida que levavam junto aos demais seres.

61. A sabedoria é temor, quando se torna privação pela fuga naqueles que não se dirigem para ela. E ela é desejo quando se torna um estado de regozijo ativo naqueles que a amam. Pois quando, pela esperança, ela se livra do castigo das paixões, ela suscita o temor e cumpre o desejo, habituando o intelecto, pela aquisição das virtudes, a ver as coisas do século por vir.

62. Toda confissão humilha a alma; uma humilha a alma justificada pela graça de Deus; outra humilha a alma ensinando-a, quando, por suas faltas ela afunda na negligência de sua própria vontade.

63. A confissão pode ser feita de duas maneiras: dando graças pelos bens que nos foram dados, ou verificando e examinando o que fizemos de mal. Pois chamamos de confissão tanto a enumeração das benesses divinas que assumimos alegremente com gratidão, como a enumeração das faltas reveladas aos responsáveis. Ambas as formas suscitam a humildade. Pois humilha-se quem rende graças pelos bens e quem se examina para descobrir suas faltas; um se julga indigno dos bens que lhe foram dados, outro pede por receber a absolvição das faltas.

64. A paixão do orgulho é feita de duas ignorâncias, que convergem para se unir constituindo um mesmo sentimento cheio de confusão. Pois só é orgulhoso quem ignora o socorro divino e a fraqueza humana. O orgulho é assim a privação do conhecimento divino e humano. Pois a negação dos verdadeiros extremos desemboca numa mesma afirmação enganadora.

65. A vanglória nos desorienta para longe do objetivo de Deus. Ela nos transporta para um outro objetivo que vai de encontro ao objetivo divino. Pois o vaidoso é aquele que se aplica à virtude para sua própria glória, não para a glória de Deus, e que troca suas penas pelos elogios inconsistentes dos homens.

66. Quem busca agradar aos homens só presta atenção às condutas aparentes e, com certeza, às palavras do adulador, a fim de atrair a vista de uns e os ouvidos de outros que, encantados ou influenciados apenas pelas aparências e as palavras ouvidas, entendem as virtudes apenas pelos sentidos. Dizemos que tal homem busca agradar aos homens quando aquilo que ele faz sob o véu da virtude é a ostentação da conduta e das palavras.

67. A hipocrisia é uma imitação da amizade, ou uma aversão escondida sob a forma da amizade, ou uma inimizade que se exerce sob a cobertura de uma benevolência, ou uma inveja que imita o caráter do amor, ou uma vida que mostra a boa ordem da virtude por fingimento mas não em realidade, ou uma afetação de justiça mantida pelas aparências, ou uma ilusão que toma a forma da verdade e à qual se aplicam aqueles que, pela perversidade de sua conduta, imitam a serpente.

68. A causa dos seres e dos bens que neles existem está em Deus. Portanto, que eleva a si mesmo na virtude e no conhecimento e não acrescenta à medida da virtude que a graça lhe concede – ou seja, à medida de seu progresso – a consciência de sua própria fraqueza, não escapou ainda do mal do orgulho. Quem se dedica ao bem para sua própria glória prefere a si mesmo do que a Deus, esvaziado que está pela vaidade. Quem pratica a virtude ou dela fala para ser visto pelos homens coloca a aprovação humana acima da aprovação divina, por estar enfermo da paixão de agradar aos homens. Enfim, aquele que, com a gravidade da virtude, não faz senão colorir sua conduta para enganar os outros, e que encobre sob a aparência da piedade a malícia de seus desígnios, troca a virtude pela mentira e a

hipocrisia. Este homem se desviou do objetivo para correr atrás de outras coisas, ao encontro da causa de cada uma delas.

69. Nenhum dos demônios malignos será capaz de impedir o fervor do homem virtuoso. Mas na realidade, depois de ter devastado com mentiras as insuficiências das virtudes, os demônios prolongam sua ação participando dos esforços do que combate, a fim de tomar para si os pensamentos do asceta, quando este perde o equilíbrio do meio, e encaminhá-los contra a vontade deste a outro lugar, enquanto ele pensa ir ao encontro do bom.

70. Os demônios não odeiam a castidade, não detestam nem o jejum, nem a distribuição das riquezas, nem a hospitalidade, nem a salmodia, nem a leitura, nem a hesíquia, nem os mais altos ensinamentos, nem o dormir sobre o chão duro, nem as vigílias noturnas, nem todas as outras coisas que caracterizam a vida consagrada a Deus, até conseguirem fazer com que se inclinem para eles o objetivo e a causa de tudo o que fazemos.

71. Talvez, derrubando os outros demônios, o asceta escape com facilidade ao mal que eles causam. Mas os demônios que fingem participar do curso da virtude, como se quisessem construir o templo com o Senhor, qual intelecto, ainda que o mais elevado, seria capaz de capturá-los sem a palavra de Deus ativa e viva que não cessa de avançar, penetrante até separar a alma do corpo[498], ou seja, capaz de discernir quais obras e quais pensamentos são psíquicos – portanto formas ou movimentos naturais da virtude – e quais obras e quais pensamentos são espirituais – ou seja, são mais elevados do que a natureza e representam a Deus? Estas obras e estes pensamentos são dados por natureza segundo a graça. Pois a palavra de Deus sabe como as articulações e a medula se unem, bem ou mal, às razões espirituais dos modos da virtude, e ele julga os sentimentos e os pensamentos dos corações, ou seja, as relações que mencionamos, escondidos nas profundezas, e suas causas invisíveis na alma. Para a palavra de Deus, em nós que parecemos esquecer, não existe criação oculta: existe tudo o que foi criado e pensado, mas também tudo o que será criado e pensado por nós.

72. O que separa a alma do espírito é a diferença entre o crescimento das virtudes cujas razões possuímos naturalmente, e os carismas do Espírito cuja graça recebemos gratuitamente. Pois a palavra que julga faz claramente a distinção entre uma coisa e outra.

73. Os sentimentos e os pensamentos que a palavra de Deus distingue são as relações da alma com as razões e os pensamentos divinos, e as causas destas relações. Com efeito, o sentimento suscita a memória, da qual ele é a relação; e o pensamento visa o termo, que representa a causa.

74. Se Deus é o conhecimento em sua essência, o intelecto precede claramente todo conhecimento, e este depende naturalmente do intelecto. Portanto, Deus está acima do conhecimento, porque está também infinitamente acima de todo intelecto, do qual, de um modo ou de outro, depende o conhecimento.

75. Quem poderá, se não tiver a razão divina morando nas profundezas de seu coração, após ter derrotado as armadilhas escondidas que os demônios dirigem contra nós, conduzir a si mesmo, absolutamente só e sem se ligar a ninguém, e construir o templo do Senhor, como o fizeram o grande Zorobabel, Josué[499] e os chefes das tribos, dizendo em alta voz aos impostores do orgulho, da vanglória e da hipocrisia, que só querem agradar aos homens: "Não é tarefa nossa e de vocês construir a casa do Senhor nosso Deus, mas apenas a nós caberá construir para o Senhor de Israel[500]". Este sabe que o fato de se misturar a tais homens leva à ruína e destruição

[498] Cf. *Hebreus* 4: 12.

[499] Cf. *Ageu* 1: 14.

[500] I *Esdras* 5: 70-71 (grego)

de todo o edifício e impede a graça da beleza das oferendas divinas.

76. Ninguém que possua um dos demônios de que falei pode construir para o Senhor. Pois ele não carrega a Deus como o fim das criaturas, para assumir a virtude contemplando a Deus, mas traz em si a paixão suscitada por esta virtude.

77. Os demônios que nos combatem pela falta de virtude são os que nos ensinam a prostituição e a embriaguez, a avareza e a inveja. Os demônios que nos combatem pelo excesso de virtude são os que nos ensinam a presunção, a vanglória e o orgulho que, por meio dos vícios de direita incrustam secretamente em nós os vícios de esquerda.

78. Possamos nós sempre dizer aos que se dirigem invisivelmente ao espírito de malícia imitando a amizade espiritual, que por meio do bem querem secretamente chegar à morte dada pelo pecado, e que dizem: "Construamos com vocês o templo de nosso Senhor", possamos nós dizer a eles: "Não cabe a nós e a vocês construir a casa do Senhor nosso Deus, mas apenas nós, sozinhos, construiremos para o Senhor de Israe[501]l". Construiremos sozinhos porque, libertos dos espíritos que nos combatem pela falta de virtude, dos quais nos afastamos, não mais queremos, levados por nós mesmos ao excesso, ceder outra vez e conhecer uma queda ainda mais dura do que a primeira, e tanto mais dura na medida em que a esperança de retorno ainda era fácil aos que haviam sido perdoados por sua fraqueza. Agora, ou bem já não haverá esperança, ou bem a esperança será difícil aos que foram detestados por seu orgulho e que se dedicaram a um vício ainda mais à direita do que o vício da direita. Por outro lado, porém, não estaremos sozinhos, pois teremos os santos anjos, os quais assumirão os bens, ou melhor, teremos ao próprio Deus, que se revelará a nós pelas obras da justiça e nos edificará para si como a um templo santo e livre de toda paixão.

[501] I *Esdras* 5: 70-71 (grego)

79. A condição da virtude é, com conhecimento de causa, a união da fraqueza humana com a potência divina. Portanto, aquele que se encerra na fraqueza da natureza, não atinge a condição da virtude. É por isto que ele está em falta, por não ter recebido ainda a potência que dá força à fraqueza. Quanto ao que tem a presunção de fazer de sua própria fraqueza uma força em lugar da potência divina, este transgrede a condição da virtude. É por isto que, estando também em falta por causa do excesso que provocou, ele não aprende a conhecer, porque pensa que sua falta é uma virtude. O que se encerrou na fraqueza de sua natureza, separando-se passivamente da virtude, talvez por desleixo, é mais facilmente perdoável do que o que faz de sua própria fraqueza uma força no lugar da potência divina para cumprir seus deveres, frequentemente por presunção.

80. Como se diz que a oração do justo pode muito por sua ação, eu sei que ela age de duas maneiras. Ela age de uma primeira maneira quando, com as obras que o mandamento ordena, aquele que vem a Deus lhe entrega esta oração, não como a prece inerte e inconsistente que sai da língua e não é feita senão de palavras e do vão ruído da voz, mas como a prece ativa, viva, animada pelas obras dos mandamento. Pois o fundamento de toda oração é o evidente cumprimento dos mandamentos pelas virtudes, graças ao qual o justo tem em si a prece poderosa que tudo pode, posta a operar pelos mandamentos. Enfim, a oração age segundo uma outra maneira, quando aquele que deseja a prece do justo a põe para trabalhar corrigindo sua vida anterior e assumindo esta prece poderosa fortificada por sua própria boa conduta.

81. A prece do justo não tem serventia quando este apela para ela mais do que para as virtudes daquele que tem prazer em suas faltas. Assim, o grande Samuel, antigamente, chorou a culpa de Saul, mas não conseguiu apaziguar a Deus, pois não recebeu, para atender às suas lágrimas, a correção que o culpado deveria operar. É por isso que Deus, detendo as lágrimas insensatas de seu servidor, lhe disse: "Até quando você chorará

Saul? Eu o rejeitei para que ele não mais reine sobre Israel[502]”.

82. O compassivo Jeremias tampouco foi ouvido, quando rezou pelo povo judeu que permanecia agarrado aos erros dos demônios. Pois ele não trazia consigo, para dar poder à sua oração, a conversão dos judeus ateus arrependidos de seu erro. É por isso que, dissuadindo-o de orar em vão, Deus lhe disse: “Não reze por este povo, não peça piedade por eles, não suplique, não mais venha a mim interceder por eles: pois eu não o escutarei mais[503]”.

83. Quem se entrega ao prazer é verdadeiramente de uma enorme ignorância, para não dizer inteiramente louco, se buscar a salvação por meio da prece dos justos e pedir o perdão daqueles nos quais se glorifica, enquanto se suja deliberadamente por seus atos. Quem deseja a prece dos justos não deve permitir que ela se torne inerte e imóvel, se estiver verdadeiramente perseguido pelo ódio dos demônios malignos. Ele deve fazer com que ela seja ativa e poderosa, levada pelas asas de suas próprias virtudes, para que ela alcance Aquele que pode conceder o perdão das faltas.

84. A oração do justo pode muito se for feita, seja pelo justo que a cumpre, seja por aquele que pede ao justo[504]. Quando ela é feita pelo justo, ela lhe dá toda a liberdade diante d'Aquele que pode atender as demandas dos justos. E quando ela é feita pelo que pede ao justo, ela o afasta de sua pena anterior, dispondo-o para a virtude.

85. Uma vez que o Apóstolo disse: “Vocês se regozijarão nisto, ainda que tenham que sofrer diversas provas por algum tempo[505]”, como não se regozijará em sua aflição aquele que é afligido pelas provações?

86. A palavra da verdade ensina que a aflição é dupla. Existe uma aflição que está invisivelmente fundada na alma, e existe uma aflição que está visivelmente fundada sobre os sentidos. Uma abarca toda a profundidade da alma atormentada pelo martelo da consciência. A outra compreende todos os sentidos crispados sob o peso das dores do escoamento natural. Uma é o fim do prazer dos sentidos; outra o fim da alegria da alma. Ou antes, uma é o cumprimento do conhecimento dos sentidos e a outra o cumprimento das paixões deste falso conhecimento.

87. A aflição, me parece, é um estado privado de prazeres. A privação dos prazeres suscita em nós as penas. A pena é claramente a ausência ou a perda de uma faculdade natural. A ausência de uma faculdade natural é a paixão da potência da natureza que está submetida a esta faculdade. A paixão da potência da natureza submetida a esta faculdade é o modo da energia natural em seu mau uso. E o mau uso do modo da energia é o movimento da potência que não é feita bem está fundamentada conforme a natureza.

88. A aflição da alma é o objetivo do prazer dos sentidos, pois a aflição da alma é suscitada por este prazer. Do mesmo modo, a aflição da carne é a finalidade do prazer da alma, pois a aflição da carne se torna o regozijo da alma.

89. Existem duas aflições. Uma é a dos sentidos: ela é feita da privação dos prazeres do corpo. Outra é a do intelecto: ela é feita da privação dos bens da alma. As provações também são duplas. Umas são voluntárias, outras involuntárias. As provas voluntárias estão na origem do prazer corporal dos sentidos, e engendram a aflição da alma, pois, quando este é cumprido, o pecado aflige a alma. E as provas involuntárias, que se revelam nas penas como um falso conhecimento, estão na origem do prazer da alma e engendram a aflição corporal dos sentidos.

---

[502] I *Reis* 15: 35 e 16: 1.
[503] *Jeremias* 16: 17.
[504] Cf. *Tiago* 5: 16.
[505] I *Pedro* 1: 6.

90. Assim como a palavra da verdade ensina a dupla aflição, como eu disse, também ela conhece o duplo modo das provações. O primeiro modo consiste nas provas que nos acontecem como as desejamos; o outro, nas provas que nos acontecem contra nossa expectativa. Um suscita prazeres voluntários; outro leva a dores involuntárias. Pois a prova que desejamos suscita claramente prazeres voluntários que nos agradam. Mas a prova que não esperamos nos impõe manifestamente penas involuntárias que não nos agradam. Umas estão na origem da aflição da alma; outras na origem da aflição dos sentidos.

91. A prova que desejamos suscita a aflição da alma, e engendra claramente o prazer dos sentidos; mas a prova que não esperamos impõe o prazer da alma e a aflição da carne.

92. Penso no que disse nosso Senhor e nosso Deus quando ensinou a seus discípulos como deveriam rezar para conjurar o tipo de provas que desejassem: Ele disse: "Não nos deixe cair em tentação[506]". Isto significa que eles deveriam se acostumar a orar para não serem abandonados às provações voluntárias voltadas ao prazer e ao conhecimento. Penso também naquilo que o grande Tiago, chamado de irmão do Senhor. Disse das provações involuntárias, quando ensinou aos que combatiam pela verdade que não se deixassem abater. Ele disse: "Considerem uma grande alegria, meus irmãos, serem vítimas de toda sorte de provações[507]", ou seja, da provas involuntárias que não esperamos e que suscitam as penas. Isto fica claramente demonstrado pelo fato de que o Senhor acrescenta: "Livra-nos do mal", e o grande Tiago: "Vocês sabem que o valor de sua fé suscita a paciência. Mas que a sua paciência traga consigo uma obra perfeita, para que vocês sejam perfeitos e completos, não deixando nada a desejar[508]".

93. O Senhor nos ensina a esconjurar as provas voluntárias, pois elas suscitam o prazer da carne e a dor da alma. E o grande Tiago nos exorta a que nos regozijemos com as provas involuntárias, pois elas apagam o prazer da carne e a dor da alma.

94. É perfeito aquele que combate com a temperança as provas voluntárias e que suporta com paciência as provas involuntárias. É completo aquele que alia a ação ao conhecimento, e cuja contemplação não acontece sem a ação.

95. Quando a aflição e o prazer são divididos entre a alma e os sentidos, aquele que se volta para o prazer da alma e que assume com paciência a aflição dos sentidos, é primeiro noviço, depois perfeito e por fim completo. Ele se torna um noviço experiente, por sua experiência nas adversidades que combatem os sentidos. Ele se torna perfeito, pois, pela temperança e a paciência, ele combate implacavelmente o prazer e a aflição dos sentidos. E ele se torna completo, pois, na constância da identidade da razão, ele mantém intactas as faculdades que combatem as disposições dos sentidos opostas umas às outras. Estas faculdades são a ação e a contemplação, que estão unidas entre si e jamais se separam. Mas a ação manifesta por seus modos o conhecimento da contemplação; e a contemplação manifesta a virtude recoberta pela armadura da ação, não menos do que a da razão.

96. Podemos chamar de noviço experiente a quem conheceu a aflição e o prazer da carne, pois ele teve a experiência da satisfação e das dificuldades das coisas da carne. Podemos chamar de perfeito aquele que, pelo poder da razão, combateu o prazer e a dor da carne. E podemos chamar de completo a quem, pela intensidade de seu desejo por Deus, guardou inalteráveis as faculdades de ação e de contemplação.

97. A aflição da alma tem dois modos. Um é suscitado pelas faltas que nos são próprias. Outro é provocado pelas faltas que nos são estranhas. A causa de tal aflição é manifestamente o prazer dos sentidos daquele que é afligido, ou o prazer daqueles por quem ele se aflige. Rigorosamente

---

[506] *Mateus* 6: 13.
[507] *Tiago* 1: 2.
[508] *Tiago* 1: 3-4.

falando, não existe praticamente nenhum pecado dentre os homens que não tenha a origem de sua própria gênese na relação irracional entre a alma e os sentidos, por causa do prazer. Quanto à causa do prazer da alma, ela está manifestamente na aflição dos sentidos daquele que se regozija e se alegra com suas próprias virtudes e com as virtudes dos outros, Pois, falando rigorosamente, não existe praticamente nenhuma virtude dentre os homens que não tenha a origem de sua própria gênese na aversão racional da alma em relação aos sentidos.

98. Sem a relação passional entre a alma e os sentidos, não existe pecado entre os homens. Mas o prazer da carne precede toda aflição que se forma na alma.

99. A verdadeira gênese da virtude é a transformação voluntária da alma diante da carne. Quem domina a carne pela penas voluntárias cumula a alma de alegria espiritual.

100. Quando a alma, por meio das virtudes, chega a ter aversão pelos sentidos, estes sentirão necessariamente as penas. Pois eles não terão mais, unido a eles numa relação de conhecimento, o poder da alma que concebe os prazeres. Ao contrário, pela temperança, este poder repele corajosamente o levante dos prazeres, e por intermédio da paciência permanece implacável diante da agressão das penas involuntárias e contra a natureza. Ela não deixa a dignidade e a glória divina da virtude pelo prazer inconsistente. E pelos sentidos, que fazem sofrer e que não tombam das alturas das virtudes, ela se abstém da carne, a fim de assumir as penas. A causa da aflição dos sentidos é a obra da alma inteiramente ocupada comas coisas segundo a natureza. Mas a energia da alma contra a natureza é manifestamente o prazer dos sentidos, que não pode ter outra origem para se formar do que a demissão da alma, quando ela desiste das coisas segundo a natureza.

SEXTA CENTÚRIA

1. A potência intelectual da alma permite ao pensamento ultrapassar a si mesmo. Separado da relação com os sentidos, em sua resolução ele deixa a carne vazia de toda busca pelo prazer e não tenta consolar a dor da carne, a tal ponto está, em sua resolução, ocupado com as coisas de Deus.

2. O intelecto e os sentidos se opõem pela energia de suas naturezas, tão extremas são a diferença e a alteridade que as fundamenta. Um tem por fundamento as essências inteligíveis e incorpóreas, às quais ele se liga naturalmente em seu próprio ser. Os outros têm por fundamento as naturezas sensíveis e corpóreas, às quais, também eles, se ligam naturalmente.

3. A demissão da alma e a desistência das coisas segundo a natureza é naturalmente o começo do prazer dos sentidos. Pois enquanto a alma sente falta dos bens segundo a natureza, a potência capaz de encontrar o modo do prazer dos sentidos não pode se manifestar.

4. Aonde a razão precede e guia os sentidos, durante a contemplação do visível, a carne fica privada de todo prazer segundo a natureza, pois ela não tem em si, a serviço de seus próprios prazeres, a impulsão desabrida, desembaraçada dos bens da razão. É por isso que quando a razão que está em nós a carrega devido à necessidade, a carne é posta à prova, por estar submetida à razão para alcançar a virtude.

5. Uma vez que ele dirige seus próprios bens segundo a natureza, o intelecto misturado às manifestações do sensível pensa nos prazeres da carne, por ser incapaz de atravessar a natureza das coisas visíveis, pois está ligado à relação passional que o leva para os sentidos.

6. Se não é possível ao intelecto dirigir-se ao inteligível que lhe é aparentado sem contemplar as coisas sensíveis projetadas no intervalo, também é impossível que tal contemplação possa acontecer sem os sentidos, que, de um lado, estão ligados ao intelecto e, de outro são aparentados ao sensível por natureza. Se, em seu impulso, ele mergulha nas manifestações do sensível, pensando que os sentidos que estão ligados a ele são uma energia natural, o intelecto se desliga do inteligível segundo a natureza, e é capturado com as duas mãos pelos corpos contra a natureza, como se diz. Dirigido por eles de encontro à razão, por causa dos sentidos vitoriosos, ele engendra a tristeza da alma, atormentada pelos repetidos golpes da consciência, e suscita visivelmente o prazer dos sentidos, fecundado que está pelos pensamentos dos modos que reconfortam a carne. Mas se, ao mesmo tempo em que se lança em direção aos sentidos ele apaga a manifestação do visível, ele verá as razões espirituais dos seres, purificados das formas que os recobrem: ele terá chegado ao prazer da alma que não está mais prisioneira das coisas sensíveis que ela contempla, e ele terá suscitado a aflição dos sentidos que ficam privados de todo o sensível segundo a natureza.

7. Uma vez que o prazer dos sentidos suscita a aflição, ou seja, as penas da alma (pois ambas, uma pela outra, são a mesma coisa), o prazer da alma suscita naturalmente a aflição, ou seja, as penas dos sentidos. Aquele que busca a vida esperada, a vida de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, pela ressurreição dos mortos, na herança guardada nos céus longe de toda corrupção, de toda mancha e de toda condenação[509], tem na alma um regozijo e uma alegria inefáveis: ele está constantemente radiante, iluminado pela esperança dos bens futuros, mas carrega na carne e nos sentidos uma aflição, as penas que lhe vêm das tentações de todas as sortes e dos sofrimentos que elas infligem. Pois o prazer e a pena acompanham toda virtude. A pena da carne, quando esta é privada dos sentidos agradáveis e lisos. E o prazer da alma, quando esta se regozija nas delícias das razões no espírito, purificadas de toda coisa sensível.

8. É preciso que no decorrer da vida presente o intelecto, afligido pela carne – penso eu – devido às numerosas penas e provas que lhe acontecem por causa da virtude, se regozije sempre na alma e seja cumulado de prazer por causa da esperança nos bens eternos, ainda que os sentidos estejam oprimidos. “Pois os sofrimentos do tempo presente em nada se comparam à glória do provir, que deverá se revelar em nós[510]”, disse o Apóstolo divino.

9. A carne pertence à alma, mas a alma não pertence à carne. Com efeito, a Escritura diz que o homem inferior está submetido ao superior, mas não o superior ao inferior. Portanto, uma vez que a lei do pecado foi misturada à carne pela transgressão (tal é o prazer dos sentidos, por cuja causa a condenação à morte foi pronunciada por intermédio das penas da carne), aquele que sabe que a morte veio por causa do pecado, depois de haver concebido a anulação da lei da carne para a destruição daquele, permanece sempre alegre em sua alma que, através de todas as espécies de penas, vê a lei do pecado desaparecer de sua própria carne, para receber a vida no espírito, a vida bem-aventurada do século futuro. Mas não é possível descobrir esta vida de outro modo: na vida presente, segundo a relação que a une à vontade, a carne deve primeiro se esvaziar da lei do pecado, como se esvazia uma vaso.

10. Aquele que é afligido pela virtude em sua carne por causa dos pecados, regozija-se em sua alma por esta mesma virtude, pois vê, como se estivesse presente, a beleza das coisas do porvir, pela qual morre diariamente em sua vontade de deixar a carne, como o grande Davi[511], quem que se renova continuamente seguindo o devir da alma no Espírito, por ter em si o prazer

[509] Cf. I *Pedro* 1: 4.

[510] *Romanos* 8: 18.
[511] *Salmo* 43 (44): 23; cf. I *Coríntios* 15: 31.

salvador e a aflição útil. Chamamos de aflição, não a aflição insensata que atormenta a alma quando esta é privada das numerosas paixões e das coisas materiais que suscitam os impulsos contra a natureza em direções e fugas indevidas, mas a aflição submetida à razão, esta aflição que confirma aos sábios o divino e que lhes apresenta o mal presente. Os sábios dizem, com efeito, que o mal presente é a aflição que se forma na alma quando o prazer dos sentidos prevalece sobre o discernimento da razão, e é a aflição que se insinua nos sentidos quando a trajetória da alma sobre o caminho da virtude é conduzido de forma correta e livremente, levando aos sentidos penas na mesma medida em que suscita o prazer e a alegria na alma, que se dirige a Deus pelo esplendor da virtude e do conhecimento que lhe é aparentado.

11. O prazer salvador é a alegria da alma dada pela virtude e pela aflição útil, é o sofrimento da carne por causa da virtude. Assim, quem se consome nas paixões e nos afazeres dirige seus impulsos indevidamente. E quem não busca as ocasiões capazes de privá-lo das paixões e dos afazeres foge também indevidamente.

12. Nem a graça divina opera as iluminações do conhecimento se não houver quem receba, por intermédio de uma potência natural, a iluminação, nem tampouco aquele que é capaz de receber opera a iluminação do conhecimento sem a graça que a concede.

13. A graça do Santíssimo Espírito Santo não produz nem a sabedoria nos santos sem o intelecto para recebê-la, nem o conhecimento sem a potência da razão para recebê-lo, nem a fé sem que haja no intelecto e na razão a certeza das coisas do século por vir, estas coisas que até agora estão ocultas a todos, nem os carismas das curas[512] sem o amor aos homens conforme a natureza, nem nenhum dos outros carismas sem a faculdade e a potência que deve, receber cada um deles. E, certamente, não existe homem capaz de adquirir por sua potência natural sequer um dos carismas que enumeramos sem a potência divina que os concede. É isto que mostram claramente todos os santos que, depois das revelações das coisas divinas, buscaram as razões daquilo que lhes havia sido revelado.

14. Quem pede sem paixão recebe a graça de poder agir praticando as virtudes. Quem busca impassivelmente encontra na contemplação natural a verdade que está no coração dos seres. E quem bate impassivelmente na porta do conhecimento[513], entrará sem ser impedido na graça oculta da teologia mística.

15. Quem busca impassivelmente as coisas divinas receberá certamente aquilo que busca. Mas quem busca com qualquer paixão não obterá o que procura. Com efeito, o Apóstolo disse: “Vocês pedem e não recebem, porque pedem mal[514]”.

16. O Espírito Santo busca e sonda em nós o conhecimento dos seres. Mas não é por si mesmo que ele busca isto, pois ele é Deus e está além de todo conhecimento. Assim como o Verbo se fez carne, não por si mesmo, certamente, mas por nós, cumprindo o mistério pela carne (pois não foi sem a carne animada pelo intelecto que o Verbo da carne produziu de maneira divina as coisas conforme a natureza), também o Espírito Santo não cumpre nos santos os conhecimentos dos mistérios sem a potência que busca e sonda, conforme a natureza, o conhecimento.

17. Assim como não é possível que, sem a luz do sol, o olho perceba as coisas sensíveis, da mesma forma, sem a luz espiritual, um intelecto humano não é capaz de receber uma contemplação espiritual. Com efeito, a luz sensível ilumina os sentidos, na ordem da natureza, para que estes percebam as coisas corporais. E a luz espiritual, na ordem da contemplação

[512] Cf. I *Coríntios* 2: 10.

[513] Cf. *Mateus* 7: 7-8.

[514] *Tiago* 4: 3.

humana, ilumina o intelecto, para que este compreenda o que está acima dos sentidos.

18. A natureza dos homens recebeu as potências que buscam e sondam as coisas divinas fundamentalmente como depósito de Deus quando de sua própria passagem pelo ser. Mas as revelações do divino, é a potência do Espírito Santo que as realizou pela graça, quando ele veio habitar entre nós. Uma vez que no princípio, pelo pecado, o maligno fixou estas potências à natureza das coisas visíveis (e ninguém havia que compreendesse ou buscasse a Deus[515], pois tudo o que participava da natureza tinha a potência de seu intelecto e de sua razão encerrada na manifestação das coisas sensíveis, sem noção alguma das coisas mais elevadas do que os sentidos), com direito a graça do Santíssimo Espírito Santo restabeleceu a potência que havia sido fixada às coisas materiais, depois de desligá-las, naqueles que deliberadamente não se submeteram mais ao erro de sua vida anterior. É esta potência que tais homens primeiro buscaram e sondara, quando receberam a graça por sua pureza. E foi então que eles puderam buscar e sondar mais profundamente: pela graça mesma do Espírito.

19. Evidentemente, a finalidade da fé consiste propriamente na salvação das almas[516]. A finalidade da fé é a verdadeira revelação de tudo aquilo no que acreditamos. A verdadeira revelação de tudo aquilo no que acreditamos é, de modo indizível, seu resultado[517] na proporção da fé de cada um. O resultado daquilo em que acreditamos é o retorno ao início, conforme o fim daqueles que creram. O retorno ao início próprio ao fim dos que creram é o cumprimento ao qual leva o impulso dos que vão manifestamente em direção a Deus. O cumprimento a que leva o impulso é o movimento perpétuo ao redor daquilo que desejam aqueles que buscam. O movimento perpétuo ao redor daquilo que desejam aqueles que buscam é a fruição contínua e incessante do desejável. A fruição contínua e incessante do desejável é a participação nas coisas divinas mais elevadas do que a natureza. A participação nas coisas divinas mais elevadas do que a natureza é a semelhança daqueles que participam com aquilo que eles recebem em participação. A semelhança daqueles que participam com aquilo que eles recebem em participação é, na ação, a identidade dos que participam pela semelhança e aquilo mesmo que eles recebem por participar. A identidade possível, na ação, daqueles que participam pela semelhança é, pela semelhança daquilo que eles recebem em partilha, a deificação dos que são dignos de ser deificados. A deificação é, segundo a razão do modelo, o desenvolvimento e o fim de todos os tempos e de todos os séculos e de tudo o que está contido nos tempos e nos séculos. O desenvolvimento e o fim de todos os tempos e de todos os séculos e de tudo o que está contido neles é a unidade do começo puro e simples com o fim puro e simples naqueles que foram salvos. A unidade contínua do começo puro e simples com o fim puro e simples nos salvos é a mais elevada saída das coisas da natureza, fundamentalmente medidas pelo começo e o fim. A saída das coisas da natureza, fundamentalmente limitadas pelo começo e pelo fim, é a energia de Deus, toda poderosa e mais do que poderosa, imediata, infinita, aberta ao infinito, naqueles que foram considerados dignos da saída das coisas da natureza. A energia de Deus, toda poderosa e mais do que poderosa, imediata, infinita, aberta ao infinito, é o prazer e a alegria inefáveis e mais do que inefáveis daqueles que foram cumulados desta energia, na união silenciosa que ultrapassa o entendimento, esta união cuja razão, sentido ou expressão são absolutamente impossíveis de se achar na natureza dos seres.

20. A natureza não contém as razões daquilo que é mais elevado do que a natureza, assim como não contém as leis daquilo que é contra a natureza. Chamo de mais elevado do que a natureza ao impensável prazer divino que Deus suscita por natureza, unindo-se pela graça àqueles que dela são dignos. E chamo de contra a natureza a dor indizível provocada pela privação da graça que Deus continuou a suscitar por natureza unindo-se

[515] Cf. *Salmo* 52 (53): 3.
[516] Cf. I *Pedro* 1: 9.
[517] Literalmente: a *pericorese*, ou movimento circular.

contra toda a graça àqueles que são indignos dela. Conforme a qualidade das disposições inerente a cada um, Deus, unido a todos, como quiser, dará a cada um a faculdade de sentir, conforme cada um formou a si mesmo para receber Aquele que se unirá totalmente a todos no fim dos séculos.

21. Os que buscam as razões e os modos espirituais de tal salvação serão levados pelo Espírito Santo a compreender, sem que neles permaneça imóvel e inerte a potência pela qual eles buscam naturalmente as coisas divinas.

22. Buscamos em primeiro lugar destruir o pecado pela intenção, e destruir a intenção de pecar: examinaremos então como e de que maneira devemos destruí-los um pelo outro, e, após havermos destruído perfeitamente a ambos, buscaremos dedicar a vida à intenção pela virtude, e a dedicar a vida à intenção da virtude: examinaremos então como e de que maneira devemos suscitar a vida em uma e outra. A busca, para defini-la assim, consistirá na tendência pela coisa desejada. E o exame é o modo eficaz da tendência pela coisa desejada.

23. Na verdade, aquele que é chamado à salvação deve não apenas destruir o pecado pela intenção mas também destruir a intenção de pecar; e não apenas ele deve ressuscitar a intenção pela virtude, como também a própria virtude pela intenção, a fim de que a intenção morta não se sinta inteiramente separada do pecado inteiramente morto, e que a intenção viva se sinta inteiramente em união contínua com a virtude inteiramente viva. Aquele que destruiu a intenção de pecar se torna, por semelhança, da mesma natureza que a morte de Cristo. E quem ressuscitou a intenção pela justiça torna-se também da mesma natureza que sua ressurreição[518].

24. O pecado e a intenção, que se destroem mutuamente, são duplamente insensíveis um quanto ao outro. Da mesma forma, a justiça e a intenção, que se dão vida reciprocamente, são duplamente sensíveis.

25. Cristo, que é Deus e homem por natureza, é por nós recebido em herança pela graça, em sua divindade, mais elevada do que a natureza, conforme a inefável participação. E por nós, unido a nós em sua humanidade que tomou nossa forma, ele herdou de si mesmo conosco, segundo a incompreensível compaixão. Depois de tê-lo antes contemplado misticamente em espírito, os santos aprenderam convenientemente que os sofrimentos sofridos por ele presentemente em vista da virtude precedem a glória em Cristo que, por causa da virtude, será manifestada no século por vir[519].

26. O intelecto levado inconsciente à causa dos seres, seguindo apenas seu desejo, não faz mais do que buscar. Mas a razão, examinando de muitas maneiras, sonda as verdadeiras razões que estão nos seres.

27. A busca, ligada ao desejo, é o movimento inicial e simples do intelecto em direção à sua própria causa. O exame, ligado a um dado pensamento, é o discernimento inicial e simples da razão em direção à sua própria causa. A busca profunda é novamente, ligada a um desejo ardente, o movimento gnóstico do intelecto na direção de sua própria causa, conforme a ciência; e o exame profundo, ligado a um pensamento refletido e sábio, é o discernimento da razão sobre sua própria causa, conforme a atividade das virtudes.

28. Os santos e os divinos profetas, que buscaram profundamente e que sondaram profundamente a salvação das almas[520], tinham em si, em seu desejo fervoroso e ardente, o movimento do intelecto para Deus, ligado À ciência e ao conhecimento, e tinham, refletido e sábio, o discernimento da razão, conforme a energia das coisas divinas. Aqueles que os imitam com

[518] Cf. *Romanos* 6: 5.

[519] Cf. I *Pedro* 1: 11.
[520] Cf. I *Pedro* 1: 10.

conhecimento e ciência também buscam profundamente a salvação das almas. E, sondando profundamente com prudência e sabedoria, eles chegam a discernir as obras divinas.

29. A palavra da verdade ensina que o conhecimento das coisas divinas é duplo. Um é o conhecimento relativo, situado apenas na razão e nos pensamentos e não trabalha com a percepção daquilo que é conhecido pela experiência: é por este conhecimento que somos governados durante nossa vida presente. O outro é o conhecimento próprio, o conhecimento verdadeiro fundamentado apenas sobre a experiência, e que trabalha, fora da razão e dos pensamentos, com a percepção total daquilo que é conhecido pela graça, na participação: é por este conhecimento que recebemos, acima da natureza, a deificação que não cessa de trabalhar para o momento do século por vir. Os sábios dizem que o conhecimento relativo, que está situado na razão e nos pensamentos, coloca em movimento o impulso para o conhecimento que trabalha pela participação; e que o conhecimento operacional, que cumpre o impulso em direção àquilo que é conhecido pela experiência, na participação, apaga o conhecimento situado na razão e nos pensamentos.

30. Existem dois conhecimentos. Um, que está situado na razão e nos pensamentos divinos, não possui em realidade propriamente a percepção dos inteligíveis. O outro, que trabalha, tem apenas, fora da razão e dos pensamentos, a fruição real daquilo que é verdadeiro. Com efeito, uma vez que, pelo conhecimento, a razão representa naturalmente aquilo que é conhecido, ela desenvolve o desejo por aquilo que ela suscita, com vistas a usufruir daquilo que ela representou.

31. Os sábio dizem que é impossível a coexistência do discurso sobre Deus com a experiência de Deus, ou a intelecção e a percepção de Deus. Chamo de discurso de Deus a analogia que extraímos dos seres quando contemplamos a Deus para conhece-lo. Chamo de percepção a experiência dos bens mais elevados do que a natureza, esta experiência que permite a participação. E chamo de intelecção o conhecimento simples e único que temos dele a partir dos seres. Mas é possível conhecer de um modo totalmente diferente: se a experiência de uma dada coisa suprime o discurso sobre ela, e se a percepção de uma dada coisa suscita a intelecção que se consagra a ela. Chamo de experiência este a conhecimento em ato, que vem depois de toda palavra. E chamo de percepção a esta participação ao conhecido, que se manifesta depois de toda intelecção. Está aí, justamente, o que é ensinado misticamente pelo grande Apóstolo, quando diz: "As profecias serão abolidas, as línguas cessarão, o conhecimento desaparecerá[521]", falando do conhecimento situado na razão e nos pensamentos.

32. Era necessário, em verdade, que Aquele que é por natureza o Criador da essência estivesse também na origem da deificação das criaturas pela graça, a fim de que Aquele que dá o ser aparecesse igualmente como Aquele que concede ao ser o bem eterno. Uma vez que nenhum ser conhece outra coisa senão aquilo que ele é por essência, está claro que nenhum ser possui por natureza a presciência de nada do que está por vir, salvo Deus que está acima dos seres e conhece a si mesmo – aquilo que ele é por essência – e que conheceu, antes mesmo que nascessem, a existência de todos os que foram criados por ele, e que buscará, para os seres, pela graça, o conhecimento de si mesmos e dos outros – aquilo que eles são por essência – e manifestará as razões de seu porvir, que pré-existem nele na unidade.

33. Deus o Verbo, que criou a natureza dos homens, não fundou com ela nem o prazer nem a dor dos sentidos. Mas ele suscitou nela uma potência do intelecto que a conduz ao prazer pelo qual ela poderá inefavelmente usufruir dele. Ora, depois de haver dado aos sentidos, como devir, esta potência – quero dizer o impulso do intelecto para Deus – neste primeiro movimento o primeiro homem se ligou ao prazer voltado contra a natureza

---

[521] Cf. I *Coríntios* 13: 8.

para as coisas sensíveis, por intermédio dos sentidos. Foi aí que, então, Aquele que vela por nossa salvação fixou sua providência, a dor, como uma potência vingadora, por meio da qual a lei da morte foi enraizada com sabedoria na natureza dos corpos, limitando o desejo da loucura do intelecto, voltado contra a natureza para as coisas sensíveis.

34. O prazer e a dor não foram criados junto com a natureza dos corpos. Mas a transgressão concebeu um pata corromper a vontade, e condenou a outra a dissolver a natureza, a fim de que o prazer fizesse do pecado a morte voluntária da alma, e a dor, pela dissolução, suscitasse a desaparição da forma exterior da carne. Com efeito, foi com sua providência, para castigar o prazer voluntário, que Deus deu à natureza a dor involuntária e a morte.

35. Por causa do prazer entranhado na natureza de encontro à razão, a dor penetrou em seguida, segundo a razão, por meio de numerosos sofrimentos, nos quais e pelos quais veio a morte, a fim de suscitar a supressão do prazer contra a natureza, mas não a supressão total pela qual se manifesta naturalmente a graça do prazer divino.

36. O desejo pelas penas voluntárias e o ataque às penas involuntárias suprimem o prazer e detêm sua atividade, mas não fazem desaparecer a potência que se encontra na própria natureza como uma lei do devir. Pois a filosofia ligada à virtude, esta filosofia pela qual a graça do prazer divino no intelecto sucede à impassibilidade da reflexão, suscita naturalmente a impassibilidade da reflexão, mas não a da natureza.

37. Toda pena que tem por causa de sua própria gênese o ato de prazer que a precedeu é, evidentemente, uma dívida adquirida por esta causa por aqueles que tem parte com a natureza. Pois a pena natural segue com certeza o prazer contra a natureza em todos aqueles cujo porvir é guiado, sem que haja causa, pela lei do prazer. Chamo sem causa ao prazer que vem da transgressão, pois, evidentemente, ele não sucede uma pena que o tenha precedido.

38. Era impossível que a natureza decaída sob o prazer voluntário e a dor voluntária fosse novamente chamada à vida original, se o Criador não se tivesse tornado homem, recebendo voluntariamente a dor concebida para castigar o prazer voluntário da natureza (esta dor que não precedera o devir saído do prazer), a fim de libertar a natureza do nascimento que segue à condenação, uma vez que ele assumiu o nascimento cuja origem não foi o prazer.

39. Uma vez que após a transgressão todos os homens passaram a carregar o prazer que precede naturalmente seu próprio devir, ninguém havia que estivesse de todo livre naturalmente do devir passional ligado ao prazer. Mas como todos pagaram as penas como uma dívida natural e suportaram a morte ligada ao devir, o modo da liberdade era impossível aos que estavam tiranizados pelo prazer injusto e naturalmente entravados pelas justas penas e a justíssima morte que estas carregavam consigo. Para suprimir o prazer injusto e as justas penas sofridas por sua causa, estas penas pelas quais o homem sofredor estava, digno de piedade, feito em pedaços, extraindo da corrupção do prazer a origem de seu devir e terminando sua vida na corrupção e na morte, e também para reendireitar a natureza sofredora, era preciso conceber uma pena e uma morte a um tempo injustas e sem causa. Sem causa, porque elas não teriam conhecido nenhum prazer que fosse anterior ao devir; injustas, porque elas não teriam sucedido a absolutamente nenhuma vida passional, a fim de que, tomadas como intermediárias entre o prazer injusto e a pena e a morte justas, a pena e a morte injustas suprimissem totalmente a origem injusta vinda do prazer e o justo fim da natureza que, por causa do prazer, vem pela morte, e para que a raça dos homens fosse novamente livre, desembaraçada do prazer e da dor, tendo a natureza recuperado a boa parte que possuía de início, esta parte que não foi manchada por nenhum dos traços que marcam naturalmente aquilo que está submetido ao devir e à corrupção. É por isso que o Verbo de Deus, que é Deus perfeito por natureza, se tornou homem

perfeito composto de uma alma dotada de inteligência e de um corpo votado ao sofrimento, próximo de nós por natureza, mas sem pecado. Pois absolutamente nenhum prazer – saído da transgressão – havia precedido seu nascimento de uma mulher no tempo. E por amor ao homem, por sua vontade, ele assumiu a dor – a dor sofrida por causa do prazer – que é o fim da natureza, a fim de, sofrendo injustamente, suprimir a origem do devir, que tiraniza a natureza por um prazer injusto (pois a morte do Senhor não foi como o pagamento de uma dívida originada pelo devir, como acontece com os demais homens, mas de algo projetado sobre ele), e fazer desaparecer o justo fim da natureza pela morte, pois ele não tinha como causa de ser o prazer único por cuja causa a morte entra, e castigar com justeza a esta morte.

40. Era preciso – era verdadeiramente necessário – que o Senhor, que é sábio, justo e poderoso por natureza, em sua sabedoria não ignorasse o modo de cura, em sua justiça não mantivesse tirânica a salvação do homem voluntariamente tomado pelo pecado, em sua plenipotência não descansasse, a fim de levar a cura até o bem sucedido fim.

41. A sabedoria de Deus se revela no fato de que ele nasceu por natureza segundo a verdade. Sua justiça se revela no fato de que ele assumiu como nós o sofrimento segundo o devir da natureza. Sua potência se revela quando, pelos sofrimentos e pela morte, ele fez da vida eterna por natureza uma impassibilidade imutável.

42. O Senhor deixou manifesta a razão da sabedoria no modo da cura, tornando-se homem sem mudança e sem transformação de qualquer espécie. Ele mostrou a igualdade da justiça na grandeza da compaixão, assumindo voluntariamente a sentença que condenava a natureza a se submeter ao sofrimento e fazendo desta sentença uma arma para suprimir o pecado e a morte devida ao pecado, ou seja, o prazer e a dor engendrada pelo prazer, mesmo diante da existência do poder do pecado e da morte, da tirania do pecado ligado ao prazer e do poder da morte ligada à dor por causa do pecado. Pois o poder do prazer e o poder da dor existem, evidentemente, no fato de estar a natureza submetida ao sofrimento. De uma certa maneira, nos aumentamos, de fato, a pena que, segundo a natureza, nos destina à dor forçando-nos a aliviar esta dor com o prazer. Querendo escapar à sensação da dor, fugimos para o prazer, tentando aliviar a natureza oprimida pela violência da dor. Mas, ao nos esforçarmos para amaciar pelo prazer os movimentos da dor, logo confirmamos a caução que estes movimentos deram ao prazer, incapazes que somos de termos em nós o prazer livre da dor e das penas.

43. Pelas adversidades que sofreu, ele tornou evidente a força da potência transcendente, uma vez que colocou na natureza o devir inalienável. Ao dar à natureza a impassibilidade pela paixão, a quitação das dívidas pelas penas e a vida eterna pela morte, ele restabeleceu as faculdades da natureza renovando-as por sua renúncia e privação na carne e ao dar à natureza, com sua própria encarnação, a graça sobrenatural: a deificação.

44. Deus se tornou homem verdadeiramente e deu um novo começo à natureza, a origem de uma segunda gênese, que pelas penas desemboca no prazer da vida do século futuro. Com efeito, da mesma forma como Adão o Ancestral, ao transgredir o mandamento divino, fez entrar na natureza um outro começo da gênese, oposto à primeira origem, que nascia do prazer mas terminava na morte pelo sofrimento; assim como concebeu, seguindo o conselho da serpente[522], um prazer que não era decorrente de uma pena anterior mas que estava presente na própria pena; e assim como, por causa da origem injusta extraída do prazer, carregou consigo, na morte, pela pena, todos os que nasceram dele na carne à sua imagem; também o Senhor, quando se tornou homem e suscitou na natureza, pelo Espírito, outro começo de uma segunda gênese, recebendo a justa morte de Adão pelo sofrimento – esta morte que nele era evidentemente injusta (pois ele não tinha como origem de sua própria gênese o prazer injusto que fora

[522] Cf. *Gênesis* 3: 4-5.

dado a Adão pela transgressão) – o Senhor, ao suprimir os dois, a origem e o fim do devir humano em Adão, retirou aquilo que até então não era de Deus e libertou da culpabilidade deste devir todos os que dele receberam espiritualmente o novo nascimento.

45. Depois de haver suprimido o prazer do pecado nascido da lei para ultrapassar o nascimento carnal dos que haviam nascido pelo Espírito na graça, o Senhor lhes concedeu, a fim de condenar o pecado, que recebessem a morte anteriormente destinada a condenar a natureza, pois eles já não tinham o prazer do devir de Adão, este prazer que vinha dele, mas apenas a dor que agia sobre eles por causa de Adão, não porque ela quitava o pecado, mas pela economia (a lei e a ordem do projeto divino), para reencontrar a com dição de estado da natureza: a morte do pecado. Quando já não tem para gerá-la o prazer da qual é a justiceira natural, a morte se torna como o pai da vida eterna. Pois, assim como a vida de prazer que Adão tinha se tornou a mãe da morte e da corrupção, da mesma forma a morte do Senhor por Adão, por estar livre do prazer nascido de Adão, engendra a vida eterna.

46. A natureza dos homens depois da transgressão teve por origem de seu próprio devir a concepção nascida da inseminação pelo prazer e o nascimento a partir da ejaculação. Ela termina na morte pela dor e na corrupção. Mas o Senhor, que não tinha esta origem no seu nascimento carnal, não pôde ter tido este mesmo fim, ou seja, a morte.

47. Depois de haver seduzido a Adão no princípio, o pecado o persuadiu a transgredir o mandamento divino[523], segundo o qual, por haver suscitado o prazer e por ter se enterrado pelo prazer nesta profundidade da natureza, ele condenava à morte toda a natureza, empurrando a natureza dos seres criados para a decomposição e a morte pelo homem. Tudo isto foi tramado pelo semeador do pecado e pai da malícia, o maligno diabo, que, devido a seu orgulho, foi banido da glória divina, mas em sua inveja[524] contra nós e contra Deus, fez banir Adão do Paraíso para fazer desaparecer as obras de Deus e destruir o que havia sido criado em vista do devir.

48. O diabo, que invejava a Deus e que nos inveja, depois de haver com suas armadilhas persuadido o homem de que este era invejado por Deus[525], preparou-o para que transgredisse o mandamento. Como ele invejava a Deus, ele o fez de tal modo que a potência digna de todo louvor deste, que deificava o homem, não se tornasse visível. E como ele invejava o homem, ele fez de modo a que este, por sua virtude, não participe realmente da glória divina. Pois o impuro não apenas inveja nossa glória que conduz a Deus pela virtude, mas também inveja o poder de Deus digno de todo louvor, que nos chega pela salvação.

49. Assim como em Adão a morte foi a condenação da natureza[526], que tinha como origem de seu devir o prazer, também a morte de Cristo foi a condenação do pecado[527], uma vez que em Cristo a natureza se revestiu novamente de seu devir puro de todo prazer.

50. Se mesmo nós, que fomos, no Espírito, considerados dignos de nos tornamos morada de Deus pela graça[528], devemos dar provas de paciência quando sofremos pela justiça em vista da condenação do pecado[529] e devemos nos dirigir de bom coração para a morte ignominiosa como se fôssemos malfeitores, ainda que sejamos bons, qual será o fim daqueles que desobedecem ao Evangelho de Deus[530]? Vale dizer, qual será o fim, qual será a condenação daqueles que, não somente em suas almas e corpos,

---

[523] Cf. *Gênesis* 3: 6.

[524] Cf. *Sabedoria* 2: 24.
[525] Cf. *Gênesis* 3: 4.
[526] Cf. *Gênesis* 2: 17.
[527] Cf. *Romanos* 8: 3.
[528] Cf. *Hebreus* 3: 6.
[529] Cf. *Hebreus* 10: 36.
[530] Cf.I *Pedro* 4: 17.

vontades e natureza, carregam em si até o final, apressadamente, vivo e ativo, o devir da natureza que dominou a Adão por meio do prazer, mas não recebem nem Deus Pai – que consola por intermédio do Filho encarnado – nem o próprio mediador[531], o Filho que intercede junto ao Pai, e que ofereceu a si mesmo à vontade do Pai em sua morte por nós a fim de nos reconciliar com o Pai e deste modo nos glorificar por sua própria causa, iluminando-nos com a beleza de sua própria divindade, que ele mesmo aceitou ser desonrada por nós e pelos nossos sofrimentos?

51. Uma vez que Deus será o lugar sem limites, sem dimensões, sem fim, de todos os salvos, tornado tudo em todos na medida da justiça, ou melhor, na medida dos sofrimentos que suportou aqui em baixo conscientemente pela justiça, dando a si mesmo a cada membro (pois a graça revela a si mesma na obra conforme o poder que reside no coração de cada membro e a partir daí no próprio ser cujos membros foram conservados em vida), onde ficam o ímpio e o pecador[532] privados desta graça? Pois onde se encontrará quem não pode acolher em si a presença eficiente de Deus na beatitude, quando sofrer o banimento para longe da vida divina que é mais elevada do que o século, o tempo e o espaço?

52. Quem não tem Deus, que mantém a vida voltada para a beatitude e que deve se tornar um lugar para todos os que são dignos dele, uma vez que não terá por si a Deus na morada e no edifício da beatitude em Deus? E se o justo é salvo com grandes penas[533], o que acontecerá, ou a quem se confiará aquele que nada fez de piedoso nem de virtuoso durante a vida presente?

53. Pelo poder infinito de uma mesma resolução de sua bondade, Deus manterá unidos todos os seres, os anjos e os homens, os bons e os maus[534]. Mas nem todos participarão igualmente de Deus, que os separou absoluta e irresistivelmente, e sim participarão conforme ao que são em si mesmos.

54. Os que guardaram sua reflexão continuamente igual à natureza e a tornaram capaz de receber por sua atividade as razões da natureza ligadas à razão global da beatitude, por causa do prazer com que esta reflexão se volta para a vontade divina, estes participarão totalmente da bondade da vida divina que brilha sobre eles, tanto homens como anjos. Mas os que tornaram sua reflexão continuamente desigual à natureza e que mostraram isto dispersando com sua atividade as razões da natureza ligadas à razão global da beatitude, por causa da repugnância com que esta razão se volta para a vontade divina, estes serão derrubados de toda bondade porque neles se manifesta a alienação do pensamento voltado para a beatitude. Por causa desta alienação, estes homens serão separados de Deus, por não trazerem em si, na expressão de seu pensamento, a razão da beatitude fecundada pela energia dos bens, esta razão segundo a qual a vida divina aparece naturalmente.

55. Quando vier o Juízo, a razão da natureza será a balança que pesará cada pensamento, pois ela mostra o movimento que pende para mal ou para o bem, movimento segundo o qual se dá ou não a participação na vida divina. Com efeito, por sua presença, Deus manterá no ser e no ser eterno a todas as criaturas. Mas não o fará de um modo particular, no ser eterno pleno de felicidade, senão aos anjos e aos santos homens, deixando aos que não o são o ser eternamente infeliz, como o fruto alterado de seus pensamentos.

56. O mistério da encarnação divina não coloca sobre o mesmo plano a alteridade segundo a natureza – a alteridade dos seres que a constituem – e a diferença segundo a hipóstase. De um lado, para que o mistério da Trindade não receba adjunção e, de outro, para que ninguém seja por natureza semelhante e consubstancial à Divindade. Com efeito, a união das duas naturezas numa hipóstase não se deu em uma única natureza, a fim

---

[531] Cf. I *Timóteo* 2: 5.
[532] Cf. *Provérbios* 11: 31; I *Pedro* 4: 18.
[533] *Ibid.*
[534] Cf. *Mateus* 25: 31-32.

de que a unidade da hipóstase se revelasse ao se realizar na união, a partir das duas naturezas que convergiam uma para a outra, e para que fosse acrescentada fé à diferença destas naturezas que se uniram na união indissolúvel segundo sua propriedade natural, e para que esta diferença permanecesse fora de toda mudança e de toda confusão.

57. Nós não dizemos que em Cristo exista uma diferença de hipóstase, pois a Trindade permaneceu Trindade mesmo quando o Verbo se encarnou; a encarnação não acrescentou uma pessoa à Santíssima Trindade. Nós dizemos que existe uma diferença de naturezas, a fim de que não se considere que, segundo a natureza, a carne é consubstancial ao Verbo.

58. Quem não diz que existe uma diferença de natureza não tem nenhum meio de confirmar a confissão de que o Verbo se fez carne[535] sem se alterar. Pois ele não sabe que o que assumiu e o que foi assumido estão salvaguardados em suas naturezas, depois da união, no seio da única hipóstase do Cristo único, Deus e Salvador.

59. Se em Cristo existe, depois da união, uma diferença de natureza (pois a divindade e a carne jamais são a mesma coisa em essência, para poder se tornar um só natureza), jamais houve uma união das naturezas conjuntas, mas união em vista de uma só hipóstase, na qual não encontramos em Cristo, seja do modo que for, nenhuma diferença. Pois o Verbo na hipóstase se identifica à sua própria carne, uma vez que, se Cristo tinha em si uma diferença, ele não poderia ser um de nenhum modo. Mas na medida em que ele recusa absolutamente toda diferença, qualquer que seja ela, ele possui em si de todas as maneiras, na piedade, o ser e o nome do Um.

60. Pela esperança, a fé suscita o amor perfeito a Deus. A boa consciência assume o amor ao próximo pela guarda dos mandamentos. Pois a boa consciência não tem contra ela nenhum mandamento que tenha sido transgredido e que a acuse. Somente o coração dos que desejam a salvação verdadeira se confia naturalmente aos mandamentos.

61. Nada é mais rápido do que crer, e nada mais fácil do que confessar pela boca aquilo em que se acreditou. Um simboliza o amor vivo que o crente dirige ao Criador; o outro, a benevolência ao próximo, amado por Deus. O amor e a verdadeira benevolência, ou seja, a fé e a boa consciência, são manifestamente obras do movimento do coração, esta obra que não necessita de matéria interior para acontecer.

62. Aquele que sofre ser incapaz de se mover no bem, se coloca certamente à disposição do mal. Pois é impossível permanecer imóvel nos dois. É por isso que a Escritura pode chamar de pedra a negligência da alma no bem, quando a alma é insensível às virtudes, e pode chamar de madeira o ardor no mal. Mas o movimento dos sentidos, quando ligado à atividade do intelecto, suscita a virtude com o conhecimento.

63. Em minha opinião a Escritura denominou muro de divisa a lei do corpo segundo a natureza. E chamou de fechamento[536] àquilo que nos liga às paixões pela lei da carne, ou seja, o pecado. De fato, somente a relação mantida entre as paixões da infâmia e a lei da natureza, ou seja, a parte da natureza submetida às paixões, se torna um fechamento, que separa o corpo e a alma e não permite que, sob o efeito da ação, a razão das virtudes passe para a carne por intermédio da alma. Mas quando a razão vem trazer seu auxílio e combate a lei da natureza, ou seja, a parte da natureza submetida às paixões, ela suprime a relação que essas paixões contra a natureza tinham no seio desta lei.

64. Quando, com suas intrigas e mentiras o maligno se apodera da virtude da natureza, desta virtude implantada em Deus, ele é como um ladrão que tenta fazer passar para si a veneração por Deus. Vale dizer que ele desvia

[535] Cf. *João* 1: 1.

[536] Cf. *Efésios* 2: 14.

para longe das razões espirituais que estão nas criaturas a faculdade intelectual de contemplar, e a limita à simples capacidade de observar superficialmente as coisas sensíveis. Mas a partir do momento em que, começando pelos movimentos naturais que conduzem às coisas da natureza, ele arrasta de maneira falaciosa a potência prática e, com sua persuasão, por meio de supostas benesses, ele liga ao pior o impulso desta potência, ele jura falsamente em nome do Senhor, conduzindo a alma dócil para outras coisas, ao encontro de suas promessas. Ele é ladrão, pois ele despoja para si próprio o conhecimento da natureza. E ele é perjuro, pois ele convence a potência prática da alma a trabalhar penosamente para fazer o que é contrário à natureza.

65. Ou ainda, o ladrão é aquele que, para enganar aos que os escutam, aparentemente utiliza as palavras divinas, das quais não conhece o poder por obras, fazendo da simples enunciação da glória um comércio e buscando com as palavras de sua boca o elogio que lhe fazem os que o escutam e o consideram como um justo. Numa palavra, aquele cuja vida não está em harmonia com a palavra e cuja disposição de alma é contrária ao conhecimento, é um ladrão que, escondido pelos bens estrangeiros, não se deixa ver com clareza. É dele que o Verbo disse: "Deus disse ao pecador: Porque você recita meus mandamentos e tem na boca minha aliança?[537]".

66. Também é um ladrão aquece que recobre a maldade escondida na alma por atitudes e modos aparentes, e que dissimula a disposição interior sob o disfarce da bondade. Como aquele que, pela enunciação das palavras do conhecimento, rouba o entendimento dos que o escutam, este homem, pelo modo hipócrita de seu comportamento, rouba os sentidos daqueles que o veem. Ser-lhe-á dito igualmente: "Sejam confundidos, vocês que usam vestes estrangeiras[538]", e: "Neste dia o Senhor retirará o véu de suas roupas[539]". De fato, a cada dia, no lugar secreto das obras do coração, parece que ouço Deus me dizer estas palavras, condenado que sou por umas e outras.

67. O perjuro, ou seja, aquele que faz um juramento falso em nome do Senhor, é o homem que promete a Deus viver segundo a virtude e que se ocupa de coisas estranhas, malgrado a garantia de sua promessa, e transgrede seu engajamento de abraçar a vida santa não praticando os mandamentos. Numa palavra, aquele que escolheu viver segundo Deus e que não morre completamente para a vida presente é um mentiroso e um perjuro, pois fez um voto a Deus prometendo lutar irrepreensivelmente nos combates divinos, mas não mantém sua promessa; é por isso que ele não é louvado. É louvado quem jura por ele[540], Deus, ou seja, quem oferece sua vida a Deus e realiza pela verdade das obras da justiça os votos de sua bela promessa.

68. Quem imita o conhecimento apenas pela enunciação por meio das palavras, rouba para sua própria glória os pensamentos dos que o escutam. E quem imita a virtude com suas maneiras, rouba para sua própria glória a vista dos que o veem. Roubando com mentiras, os dois desviam, um os pensamentos da alma dos que o ouvem, outro os sentidos do corpo dos que o veem.

69. Se aquele que sustenta suas promessas é inteiramente digno de louvor, pois fez um voto a Deus e diz a verdade, é claro que o que transgrede seu próprio contrato merecerá a vergonha e a desonra, pois fez uma promessa a Deus e mentiu.

70. Nenhum homem que nasce neste mundo é totalmente esclarecido pela palavra. Pois muitos permanecem sem luz e não participam da luz do

[537] *Salmo* 49 (50): 16.
[538] *Sofonias* 1: 8.
[539] *Isaías* 3: 17.
[540] *Salmo* 62 (63): 12.

conhecimento. Mas é claro que quem nasce para o verdadeiro mundo das virtudes é iluminado segundo sua própria resolução. Com efeito, qualquer um que nasce segundo a verdade neste mundo passando voluntariamente pelo nascimento escolhido é iluminado pela palavra, pois recebe o estado imutável da virtude e da ciência infalível do verdadeiro conhecimento.

71. Nem tudo que tem a mesma pronúncia é compreendido de uma mesma e única maneira. Mas cada palavra dita deve ser compreendida à luz do poder que fundamenta o modo da Santa Escritura, se tentarmos mirar corretamente o objetivo com que foi escrita.

72. Nenhum dos personagens, dos lugares e dos tempos, nenhuma das coisas vivas ou inanimadas, sensíveis ou inteligíveis, mencionadas nas Escrituras, tem sua história ou seu sentido espiritual em perfeita harmonia, segundo um modo de compreensão sempre igual. É por isso que quem se dedica impecavelmente à ciência divina da Escritura deve compreender diferentemente, em sua diversidade, cada uma das coisas que enumeramos, que surgem ou que são ditas, e esperar a visão do sentido espiritual que concorde com elas convenientemente, segundo o modo e o tempo.

73. A todos os que estão no mundo se deve ensinar a viver e se conduzir apenas pela razão e a não ter cuidados com o corpo senão para romper, pela prática da atenção, a relação entre este corpo e a alma, e não permitir a esta nenhuma imaginação material, uma vez que doravante a razão extingue os sentidos que antes a repeliam e que recebiam a irracionalidade do prazer como uma cobra que serpenteia. É justamente a estes sentidos que foi oposta a morte, para que eles cessem de oferecer ao diabo uma entrada para a alma.

74. Os sentidos, que em gênero são uma coisa só, possuem cinco formas: através do ato de percepção própria a cada um deles, eles persuadem a alma perdida a amar o mundo sensível correspondente, em lugar de Deus. É por isso que quem segue sabiamente a razão antes da morte forçada e contrária ao desejo decide-se voluntariamente pela morte da carne, separando totalmente o desejo dos sentidos.

75. Quando os sentidos têm o intelecto em seu poder, eles ensinam cada qual o politeísmo, honrando as paixões com a servidão, como se o mundo que lhes corresponde fosse divino.

76. Quem permanece estrito à letra da Escritura não possui mais do que os sentidos para captar a natureza, e por meio deles somente a relação da alma com a carne se deixa ver naturalmente. A palavra que não é entendida espiritualmente não tem por ela senão os sentidos, que determinam o modo como ela é enunciada e não permitem que o poder daquilo que está escrito passe para o intelecto. Ora, se a palavra não está ligada senão aos sentidos, quem a receber apenas na ordem da história, como o fazem os judeus, viverá segundo a carne do pecado, morrendo a cada dia em sua faculdade cognitiva, por causa dos seus sentidos vivos, incapaz que é de fazer morrer pelo Espírito as obras do corpo para vive no Espírito a vida bem-aventurada. Pois "se vocês vivem segundo a carne, vocês morrerão, disse o Apóstolo divino, mas se fizerem morrer as obras do corpo pelo Espírito, vocês viverão[541]".

77. Não coloquemos debaixo de uma vasilha a lâmpada divina[542] – ou seja, a palavra iluminada pelo conhecimento – quando a acendemos com a contemplação e a ação, a fim de não sermos condenados por termos encerrado na letra o poder da sabedoria, que ninguém pode limitar. Coloquemo-la sobre o candelabro, ou seja, a Santa Igreja, onde ela fará brilhar sobre todos, nas alturas da verdadeira contemplação, a luz do divino.

78. Quem resiste aos ataques das provas involuntárias com um coração

---

[541] *Romanos* 8: 13.
[542] Cf.. *Mateus* 5: 15.

inquebrantável, como bem-aventurado Jó e os nobres mártires, é uma lâmpada sólida[543]: este mantém inextinguível a luz da salvação mantida pela paciência da coragem, pois o Senhor é sua força e seu louvor[544]. E quem combate as intrigas do maligno e não ignora os enfrentamentos dos combates invisíveis envolto na luz do conhecimento é também uma lâmpada: este diz, como convém ao santo Apóstolo: "Nós não ignoramos os seus desígnios[545]".

79. Nos que são dignos da pureza das virtudes, o Espírito Santo opera a purificação pelo temor, a piedade e o conhecimento. Aos que são dignos da luz, ele concede a iluminação do conhecimento dos seres nas razões de sua existência pela força, o conselho e a inteligência. Aos que são dignos da deificação, ele concede a graça da perfeição pela sabedoria luminosa, simples e total, elevando-os diretamente por todos os meios até a causa dos seres, na medida em que isto é possível ao homem: eles se reconhecem simplesmente nas propriedades divinas da bondade, uma vez que conhecem a si mesmos a partir de Deus e conhecem Deus a partir de si mesmos, pois nada existe entre eles que os separe. Entre a sabedoria e Deus não há intermediário. Eles possuirão em si a inalienável imutabilidade quando tiverem ultrapassado todos os intermediários nos quais existia antes o perigo de se enganar no caminho do conhecimento. Chamamos de intermediário a essência das coisas inteligíveis e das coisas sensíveis pelas quais o intelecto humano se eleva naturalmente até Deus como para a causa dos seres.

80. O temor, a piedade e o conhecimento colocam a trabalhar a filosofia prática. A força, o conselho e a inteligência levam a cabo a contemplação natural no Espírito. Mas apenas a sabedoria divina concede a graça da teologia mística.

[543] Cf. *Jó* 18: 6.
[544] Cf. *Salmo* 117 (118): 14.
[545] II *Coríntios* 2: 11.

81. Assim como é impossível manter uma lâmpada acesa sem óleo, também é impossível manter viva a luz dos carismas sem o hábito de alimentar os bens com os comportamentos, as palavras, as atitudes e as condutas, as reflexões e os pensamentos convenientes. Pois todo carisma espiritual necessita do hábito que está ligado a ele e assim não cessa de espargir sobre este, como óleo, a própria matéria do intelecto, a fim de se manter continuamente no hábito daquele que o recebeu.

82. Assim como é impossível encontrar o verdadeiro óleo natural sem a oliveira, assim como é impossível conservar este óleo sem um vasilhame que o contenha, assim como a luz da lâmpada seguramente se extingue se não for alimentada de óleo, também, sem a Sagrada Escritura, não é possível que o poder dos pensamentos seja verdadeiramente divino, e, sem o hábito que contém os pensamentos como um vasilhame, nenhum pensamento divino consegue se formar. Se não for alimentada pelos pensamentos divinos, a luz do conhecimento que existe nos carismas não sobrevive naqueles que os possuem.

83. Eu penso que a oliveira da esquerda[546] representa o Antigo Testamento: ele pertence primeiramente à filosofia prática. E penso que a oliveira da direita representa o Novo Testamento: ele ensina o mistério novo e suscita o estado contemplativo em cada fiel. Um traz os modos da virtude, outro as razões do conhecimento aos que amam a sabedoria do divino. Um, arrebatando à bruma das coisas divinas, eleva o intelecto purificado de toda imaginação material até aquilo que lhe é aparentado. Outro separa do pendor material, arrancando pela tensão da coragem, como um martelo, os pregos que ligam o corpo ao pensamento.

84. O Antigo Testamento eleva até a alma o corpo conduzido à razão por meio das virtudes, impedindo o intelecto de descer para o corpo. O Novo Testamento eleva para Deus o intelecto consumido pelo fogo do amor. Um

[546] Cf. *Zacarias* 4: 3.

faz do corpo a mesma coisa que o intelecto no movimento de adoção. Outro torna semelhante a Deus o intelecto em estado de graça, que se assemelha a Deus a ponto de conhecê-lo através de si, a Deus a quem ninguém absolutamente conhece em sua natureza a partir de si mesmo, como se pode conhecer um modelo a partir de uma imagem.

85. O Antigo Testamento, que é o símbolo da prática da virtude, prepara o corpo para se adaptar ao intelecto e seguir seu movimento. O Novo Testamento, que suscita a contemplação e o conhecimento, ilumina por intermédio dos pensamentos divinos e dos carismas o intelecto que, misticamente, se liga a ele. Assim o Antigo Testamento fornece ao monge gnóstico os modos das virtudes, e o Novo Testamento concede ao monge ativo as verdadeiras razões do conhecimento.

86. Deus é chamado, e pela graça se torna tal, o Pai[547] dos que nascem para a virtude, este nascimento único e voluntário no Espírito, segundo o qual eles passam a possuir pelas virtudes como que o rosto da alma, o sinal visível do Deus nascido. Deste modo eles preparam os que os veem durante esta vida para que glorifiquem a Deus pela mudança dos hábitos, oferecendo a eles suas próprias vidas para que as imitem, como excelentes modelos de virtude. Pois Deus não é naturalmente glorificado pela simples palavra; é pelas obras da justiça que eles proclamam com palavras muito mais fortes a magnificência divina.

87. A lei natural fica à esquerda, por causa dos sentidos: ela conduz à razão os modos das virtudes e torna o conhecimento ativo. Mas a lei espiritual está à direita, por causa do intelecto: ela mistura aos sentidos as razões espirituais que estão nos seres e torna a ação refletida.

88. Aquele que mostrou o conhecimento encarnado pela ação e a ação vivificada pelo conhecimento encontrou o modo exato da verdadeira teurgia. Mas quem traz em si um separado do outro, ou bem fez do conhecimento uma imaginação inconsistente ou fez da ação um simulacro. Pois o conhecimento que não fecunda a ação não difere em nada da imaginação; ele não traz em si esta razão que a fundamenta. E a ação que não é penetrada pela e razão não passa de um simulacro: ela não possui o conhecimento que a vivifica.

89. O mistério de nossa salvação faz da vida a manifestação da razão e da razão a glória da vida. Ele mostra que a ação é uma contemplação ativa, e que a contemplação é uma ação iniciada, numa palavra, que a virtude é a manifestação do conhecimento, que o conhecimento é o poder que preserva a virtude e que os dois, a virtude e o conhecimento, suscitam uma sabedoria única, a fim de que saibamos que os dois Testamentos concordam inteiramente um com o outro na graça, primeiramente unindo-se um com o outro, para realizar um só e mesmo mistério neste acordo, que a alma e o corpo só se unem para formar um homem.

90. Assim como uma alma e um corpo fazem um homem ao se unirem, também a ação e a contemplação, quando conjugadas, constituem uma mesma sabedoria gnóstica, e o Antigo e o Novo Testamento colocam em ação e um só e mesmo mistério. Mas o bem pertence por natureza a Deus apenas, de quem recebe a luz e a bondade tudo o que é iluminado e que se torna bom por participação.

91. Quem compreende o mundo visível contempla o mundo inteligível. Ele representa as coisas inteligíveis pelos sentidos imaginando-as e modela segundo o intelecto as razões que contemplou, transportando para os sentidos, de diversas maneiras, a constituição do mundo inteligível, bem como, para o intelecto, a composição complexa do mundo sensível. Ele considera os sentidos no mundo inteligível transportando pelas razões o mundo sensível para o intelecto. E ele considera o intelecto no mundo sensível inserindo por meio das formas, com ciência, o mundo inteligível nos sentidos.

[547] Cf. II *Coríntios* 6: 18.

92. O profeta chamou de cabeça à primeira razão que fundamenta a unidade (pois ela é a origem de toda virtude) quando disse: "Minha cabeça está mergulhada nas anfractuosidades das montanhas[548]". Ele chamou de anfractuosidades das montanhas os pensamentos dos espíritos de malícia, sob os quais nosso intelecto é soterrado por causa da transgressão. Ele chamou de terras baixas a terra que não percebe o conhecimento divino, e de vida conforme a virtude o estado de traz em si tal movimento. Ele chamou de abismo a ignorância ligada ao estado de malícia, como a terra que é invadida pelo oceano do mal. Ou ainda, ele chamou de terra a consolidação do mal. Enfim, ele chamou de barreiras eternas as tendências passionais das coisas materiais, que mantêm o pior estado.

93. A paciência dos santos esgota o poder mau e agressivo. Pois ela persuade a que nos glorifiquemos nas penas sofridas pela verdade, e ensina a nos deitarmos antes nos sofrimentos do que no conforto. Nos que se preocupam demasiado com a vida carnal, ela suscita o fundamento de um poder do Espírito que ultrapassa a fraqueza natural da carne pelo sofrimento. De fato, veja como a natureza fraca dos santos, mais forte do que o diabo orgulhoso (conforme nos mostrou o Senhor) é o fundamento do mais alto poder divino.

94. A palavra da graça, por meio de numerosas provas tocantes à natureza dos homens – vale dizer, a Igreja das nações – como Jonas viajando a Nínive, a grande cidade, através de numerosas aflições, persuade a lei reinante, a lei da natureza, a deixar o trono, ou seja, o estado anterior do mal ligado aos sentidos, a retirar suas vestes, ou seja, despojar-se do orgulho da glória mundana ligada aos costumes, e a se revestir de um saco, ou seja, do luto e da difícil e rude ascese do sofrimento, esta ascese que convém à vida levada segundo Deus, e, enfim, a assentar-se sobre as cinzas[549]: estas representam aqui a pobreza de espírito sobre a qual se assenta todo homem que aprende a viver na piedade e que porta o flagelo da consciência, que o atormenta pelas faltas cometidas.

95. Considere que o rei representa a lei natural; o trono, o estado passional dos sentidos; as vestes, a agressão da vanglória; o saco, o luto a que leva o arrependimento; a cinza, a humildade; os homens, os que se enganam em sua razão; os cavalos, os que se enganam em seus desejos; os bois, os que se enganam em seu ardor; os cordeiros, os que se enganam em sua contemplação das coisas visíveis.

96. Quem, pela virtude conforme a lei esquece as paixões da carne, estes pecados da esquerda, e que, pelo conhecimento infalível, não se deixa prender em seus sucessos contra a doença da presunção orgulhosa, este pecado da direita, se torna um homem que não conhece sua direita, porque não deseja uma glória separada de Deus, e que tampouco conhece sua esquerda[550], pois não é excitado pelas paixões da carne. Como de costume, chamamos de vício da direita a vanglória dos sucessos aparentes, e chamamos de vício da esquerda o deboche nas paixões infames. Pois a razão da virtude desconhece o pecado da carne, que é o vício da esquerda; e a razão do conhecimento desconhece a malícia da alma, que é o vício da direita.

97. O conhecimento das virtudes segundo a razão, ou seja, o verdadeiro reconhecimento eficiente da causa das virtudes suscita naturalmente uma total ignorância dos vícios da direita e da esquerda, que são o excesso e a falta de um lado e de outro do centro das virtudes. Pois se nada é naturalmente insensato na razão, que se elevou claramente até a razão das virtudes não conhecerá jamais a adoção das coisas insensatas. Com efeito, não é possível deplorar como um mesmo mal os dois vícios que se opõem e, ao mesmo tempo, conhecer um porque se parece com o outro.

---

[548] *Jonas* 2: 6-7 LXX.
[549] Cf. *Jonas* 3: 1-9.
[550] Cf. *Jonas* 4: 11.

98. Se na fé não existe uma única palavra de incredulidade, se, por natureza, a luz não causa as trevas, e se o diabo não se mostra naturalmente junto com Cristo[551], fica claro que o que é insensato tampouco pode coexistir com a razão. E se o insensato não pode existir junto com a razão, que se eleva à razão das virtudes tampouco adotará coisas insensatas, porque só conhece a virtude tal como ela é e não tal como a imagina. É por isso que ele desconhece o vício da direita pelo excesso e o vício da esquerda pela falta. Pois em ambos ele considera claramente o vício insensato.

99. A incredulidade é a recusa aos mandamentos, como a fé é sua aceitação. As trevas são a ignorância do bem e a luz, seu discernimento. Chamamos a Cristo de essência e hipóstase do bem. E chamamos ao diabo de pior estado, que engendra todos os males.

100. Se a razão é a condição e a medida dos seres, o mesmo acontece com a irracionalidade. É por isso que o que vai contra a condição e contra a medida dos seres, ou que se coloca acima de sua condição e acima de sua medida, é insensato. Pois ambas as atitudes provocam igualmente, nos que assim caminham, a queda para fora do ser em si. Uma os persuade a tornar invisível e indeterminado o movimento de seu curso, pois na desmedida da inteligência este movimento não tem a Deus como objetivo, como um fim concebido por eles previamente; estes se colocam mais à direita que o vício da direita. A outra os persuade a desviar do objetivo o movimento de seu curso, dirigindo-o apenas aos sentidos, por um relaxamento do intelecto: eles pensam que o fim concebido previamente é aquele que eles encerram em seus sentidos. Tudo isso ignora (porque não experimenta) aquele que está ligado apenas à razão da virtude e que fez penetrar nesta razão todo o movimento do próprio poder de seu intelecto. É por isso que ele não pode pensar em nada que esteja acima ou contra a razão.

[551] Cf. II *Coríntios* 6: 14-15.

SÉTIMA CENTÚRIA

1. A razão da natureza, por intermédio das virtudes, eleva naturalmente ao intelecto aquele que se aplica à ação. E o intelecto, pela contemplação, faz penetrar na sabedoria aquele que busca o conhecimento. Mas a paixão insensata faz quem negligencia os mandamentos se entregar aos sentidos, cujo fim está em trancar o intelecto nos prazeres.

2. Chamamos de virtude ao estado perfeitamente impassível e firme do bem. Nada se intromete neste estado, pois este traz em si a marca de Deus, à qual nada se opõe. Deus é a causa das virtudes. E o conhecimento eficiente de Deus é a mudança que conduz ao Espírito, de acordo com seu estado, ao que verdadeiramente conheceu a Deus.

3. Se a razão determinou, como é natural, o devir de cada um, nenhum ser pode por si mesmo ultrapassar o limite, nem por si só permanecer em retirada. O limite dos seres é assim o reconhecimento desejado da causa, e sua medida é a imitação eficiente da causa, na medida em que lhe for possível. Levar além do limite e da medida o desejo dos que participam do movimento torna vão seu curso, uma vez que eles não alcançam a Deus, em quem se detém o movimento do desejo de todos, o qual recebe como inelutável fim o regozijo em Deus. Mas permanecer aquém do limite e da medida o desejo dos que participam do movimento torna igualmente vão o curso, pois ao invés de atingir a Deus eles alcançam apenas os sentidos, nos quais, devido ao prazer, penetrou o regozijo infundado das paixões.

4. O intelecto irresistivelmente voltado para a causa dos seres permanecerá em total ignorância, por não contemplar nenhuma razão de Deus que, em toda causa, está por essência acima de qualquer razão. Retirando-se de todos os seres para tender unicamente a Deus, o intelecto ignora totalmente

as razões dos seres dos quais ele se separou, para inexplicavelmente contemplar, pela graça, o Único para quem ele se dirige. Mesmo as razões dos incorporais são deixados de lado pelo intelecto que se eleva para Deus em êxtase. Pois, desde que ele vê a Deus, ele deixa naturalmente de ver tudo o que está antes de Deus.

5. A ostentação é uma paixão verdadeiramente maldita. Ela é feita da mistura de dois males, o orgulho e a vanglória. Destes dois, o orgulho recusa a causa da virtude e da natureza, e a vanglória falsifica a natureza e a própria virtude. Pois, para o orgulhoso nada se faz segundo Deus e, para o vaidoso nada acontece segundo a natureza.

6. É típico do orgulho negar que Deus seja o Pai da virtude e da natureza. E é típico da vanglória dividir a natureza, para permitir a complacência. A ostentação é naturalmente a filha dos dois: ela é um estado composto, um estado de malícia que traz em si a recusa voluntária de Deus e a ignorância da igualdade de honra que todos os homens possuem por natureza.

7. A ostentação constitui uma mistura de orgulho e de vanglória. Ela sente por Deus o desprezo com o qual acusa de modo blasfemo a providência. E sente pela natureza a aversão alienante com a qual maneja contra a natureza, para abusá-la, todas as coisas da natureza, deformando sua beleza.

8. O sopor ardente[552] significa não apenas as tentações como também o abandono de Deus, este abandono que retirou dos judeus o dom dos carismas divinos. Mas o parentesco com o Espírito liberta da carne a relação da vontade, que o desejo de amor corre a ligar a Deus.

9. A razão natural, quando nela os sentidos não se sobrepõem à razão, persuade a que abracem o que é próximo e semelhante, sem nada receber, todos os que a própria natureza ensina o socorro de que necessitam os demais, e os persuade a todos desejarem para os outros aquilo que cada qual pensa ser-lhe agradável vindo dos demais. É o que o Senhor ensina ao dizer: “Façam aos outros o que querem que lhes façam[553]”.

10. A obra da lei natural é a relação unânime do pensamento que une todos a todos. Aqueles cuja natureza é dirigida pela razão possuem naturalmente uma mesma disposição. Se sua disposição é a mesma, seu modo de conduta e o curso de suas vidas serão natural e manifestamente os mesmos. E se forem os mesmo o seu modo de conduta e o curso de suas vidas, o laço da relação de uns com os outros segundo o pensamento será igualmente o mesmo, pois ele conduz todos os seres segundo um mesmo pensamento para a razão única da natureza, na qual não se encontra jamais a divisão que reina quando existe o egoísmo. Mas a lei escrita, que, pelo temor dos castigos, retém os impulsos desordenados dos mais desequilibrados costuma ensinar-lhes a ver apenas a permanência da igualdade segundo a qual o poder da justiça, afirmado pelos tempos, se transforma em natureza, fazendo do temor uma disposição lentamente confirmada, pouco a pouco, pelo pensamento do bem, e fazendo do comportamento um hábito purificado pelo esquecimento das primeiras faltas, que engendra consigo o afeto mútuo.

11. A lei escrita, ao impedir a iniquidade por meio do temor, acostuma à justiça. Com o tempo, o hábito cria uma disposição cheia de amor pelo que é justo, suscitando um estado estável, voltado para o bem e que conduz ao esquecimento da malícia anterior.

12. Mas a lei da graça ensina diretamente aqueles a quem ela conduz a imitar o próprio Deus, que nos amou mais do que a si mesmo, se podemos dizê-lo (e isto mesmo que tenhamos sido seus inimigos por causa do pecado), que, sem se alterar, ele veio a nós, ele que estava acima de todos

[552] Cf. *Jonas* 4: 8.

[553] *Lucas* 6: 31.

os seres, recebendo acima dos seres nossa natureza, fazendo-se homem, tornando-se como os homens, não recusando tornar sua nossa condenação. E assim como pela economia ele se fez homem, pela graça nos deificou, a fim de que não apenas aprendêssemos a nos ligar naturalmente uns aos outros e a nos amar espiritualmente uns aos outros como anos mesmos, como também a cuidarmos divinamente uns dos outros mais do que de nos mesmos, e a dar provas do amor que temos uns pelos outros escolhendo de bom grado, pela virtude, morrermos voluntariamente uns pelos outros. Pois Cristo disse que não há maior amor que o de dar a própria vida a quem se ama[554].

13. A lei da natureza, numa palavra, é a razão natural que toma os sentidos sob seu poder, a fim de suprimir a irracionalidade, que divide o que estava unido naturalmente. A lei escrita é a razão natural que, depois da supressão da irracionalidade nos sentidos, assume também o desejo espiritual, o qual mantém a conexão com aquilo que nos é aparentado. E a lei da graça é a razão que, acima da natureza, conduz à deificação transformando inflexivelmente a natureza, mostrando à natureza dos homens, como uma imagem e de modo incompreensível, o modelo que ultrapassa a essência e a natureza, e oferecendo a permanência do ser eternamente bem-aventurado.

14. Considerar o próximo como a si mesmo é como cuidar só de sua vida em seu ser: isto é próprio da lei natural. Amar o próximo como a si mesmo[555] consiste em, pela virtude, velar sobre a vida do próximo para sua beatitude: é isto que a lei escrita prevê. Mas amar ao próximo mais do que a si mesmo, isto só a lei da graça permite.

15. Quem se afasta das ocasiões de se entregar aos prazeres do corpo aprende as razões da providência que retêm a matéria inflamada das paixões. E quem aceita os golpes que fazem o corpo sofrer se instrui nas razões do juízo que o purifica das manchas anteriores por meio das penas involuntárias.

16. Se a Escritura opôs a ligação de Deus com Nínive ao profeta afligido pela cabana e da mamoneira[556], ou seja, pela carne e o prazer da carne, é claro que o que é amado por Deus é bem melhor e mais precioso que todos os seres queridos que prendem os homens; estes seres não são melhores nem mais preciosos, apenas são presumidos assim por um julgamento errôneo. Nenhum deles é uma razão fundamentada na existência. Cada qual não passa de uma imaginação que engana o intelecto e que, por meio da paixão, dá uma forma vazia ao que não é, embora não possa lhe dar uma hipóstase.

17. O conhecimento exato das palavras do Espírito é revelado naturalmente apenas àqueles que são dignos do Espírito, os quais, purificando o intelecto da escória das paixões por meio de uma grande aplicação na prática das virtudes, recebem como um espelho puro e brilhante o conhecimento das coisas divinas, que se imprime neles como um rosto e os invade ao tocá-los. Mas àqueles cuja vida foi manchada pelas sujeiras das paixões, é no mínimo difícil testemunhar o conhecimento das coisas divinas a partir de perspectivas justas e, com mais razão ainda, não ter a arrogância de pensar e expressar estas coisas de forma justa.

18. Diz-se de quem recebeu como uma forma do intelecto o conhecimento que no Espírito divino provém das virtudes, que este experimentou as coisas divinas, por ter assumido este conhecimento não pela natureza da existência, mas pela graça da participação. Mas quem não recebeu o conhecimento que vem da graça, mesmo q eu diga algo gnóstico, não conhece por experiência o poder daquilo que disse. Pois o simples fato de ter aprendido não implica um conhecimento real.

---

[554] Cf. *João* 15: 13.
[555] Cf. Marcos 12: 33.
[556] Cf. Jonas 4: 9-11.

19. O intelecto purificado ao extremo pelas virtudes faz naturalmente justiça às razões das virtudes, ao fazer seu rosto do conhecimento divinamente marcado por elas. Com efeito, todo intelecto, que por si só é sem forma nem marca, só adquire uma forma se esta lhe vier, seja do conhecimento suscitado pelas virtudes através do Espírito, seja da ignorância trazida pelas paixões.

20. Quem decaiu do amor divino traz a lei que está na carne e que reina pelo prazer, e não quer nem pode observar nenhum mandamento de Deus. De fato, uma vez que preferiu a vida de amor ao prazer à vida da virtude no Espírito de Deus e ao Reino, atrai sobre si mesmo a ignorância ao invés do conhecimento.

21. Aquele que, em seu intelecto, não acede à beleza divina que existe no Espírito no interior da letra da lei, engendra naturalmente a tendência voluntária ao prazer, ou seja, o pendor mundano e o amor pelo mundo, pelo fato de aprender unicamente seguindo as palavras que ouviu dizer.

22. A desonra da boca consiste no exercício dos pensamentos do intelecto por amor ao mundo e ao corpo, uma vez que, seguindo a tendência voluntária, o mundo – ou seja, a disposição para amar o mundo e o exercício dos pensamentos do intelecto por amor ao prazer – provém naturalmente da formação do corpo tal como ela aparece na letra da lei. Com efeito, aquilo a que estamos dispostos por nossa tendência será também aquilo sobre quê exerceremos nossa inteligência.

23. Ou ainda: a desonra da boca consiste no movimento do intelecto que oferece uma forma às paixões e que molda a beleza pelo prazer, para satisfazer os sentidos. Pois, sem o poder intelectual da inteligência, nenhuma paixão seria capaz de modelar a menor forma. Ou então: o movimento das paixões, material, sem beleza e sem forma, é anátema. E a desonra da boca consiste no movimento que dá uma forma à paixão abrindo a ela os sentidos que, por meio dos pensamentos, fornece a matéria correspondente à paixão.

24. Aquele que acredita que Deus ordenou na lei os sacrifícios, as festas, os sábados e as luas novas apenas para as delícias e o conforto do corpo, estará inteiramente sob os golpes da atividade das paixões e conhecerá a vergonha da impureza dos pensamentos infames ligados a estas paixões. Ele estará submetido ao mundo corrompido e aos cuidados do amor pelo corpo em seus pensamentos. Pois, sujeitado à matéria e à forma das paixões, nada terá de precioso fora das coisas corrompidas.

25. Aquele que está persuadido de que usufruir dos prazeres do corpo segundo a lei é uma prescrição divina, recebe como se fosse um dom de Deus a gula, a fim de viver alegremente nela: deste modo, ele engendra as maneiras que mancham a atividade dos sentidos por meio do abuso.

26. A partir do momento em que a faculdade contemplativa da alma abarca, englobando-as na lei escrita, as delícias da alma como se elas fossem divinas, a fim de viver com elas conforme o mandamento, ela busca utilizar os sentidos contra a natureza, não permitindo a nenhum dos sentidos usar a energia de acordo com a natureza. Pois ela engendra o costume e a atividade das paixões e faz da gula sua moradia, coo se a gula fosse divina: assim ela suscita comportamentos que mancham os sentidos por meio do abuso, e acaba por suprimir as razões e as sementes naturais que residem nos seres.

27. Se alguém se aplica apenas à observância corporal da lei não será capaz de receber nenhuma palavra e nenhum pensamento natural, porque os símbolos e a natureza não são a mesma coisa. Pois quem se apega aos símbolos da lei não é capaz de ver segundo a razão a natureza dos seres nem se apropriar das razões que o Criador colocou realmente nos seres, por causa da diferença que separa os símbolos da natureza dos seres.

28. Quem considera que o ventre é Deus e se vangloria da vergonha[557] como se ela fosse uma glória, apega-se com ardor às paixões da infâmia como se elas fossem divinas. É por isso que ele confere todos os seus cuidados apenas às coisas temporais, vale dizer, à matéria, à forma e à quíntupla energia dos sentidos em seu mau uso. Com efeito, quando, misturando-se com elas, os sentidos se unem à matéria e à forma, eles desembocam naturalmente nas paixões, e acabam por matar e destruir as razões da natureza. Ora, a paixão e a natureza, segundo a razão do ser, não podem viver uma com a outra. Pois a razão da natureza não se manifesta naturalmente com a paixão, assim como a paixão, em seu devir, não é gerada com a natureza.

29. Quem não crê que a Escritura é espiritual não percebe sua própria indigência na ordem do conhecimento, mas é corroído pela fome. Pois a fome é na verdade a falta dos bens que a experiência da Escritura permite conhecer, a total insuficiência dos alimentos espirituais que confortam a alma. De fato, como não considerar como uma fome ou um dano a perda daquilo que um dia se conheceu?

30. Na verdade, o povo tem fome da verdade daquilo que é digno de fé e conhecido. E a alma de cada um tem fome, pois ela busca a contemplação espiritual na graça, mas se submete à servidão formal da letra, não alimentando o intelecto com o gênio dos pensamentos, mas enchendo os sentidos de imaginações passionais, pelas imagens corporais que nele imprimem os signos escritos.

31. Quem não se abre para a contemplação espiritual da Santa Escritura é porque não afastou a lei natural nem a lei escrita dos judeus e porque ignorou a lei da graça, segundo a qual é dada a contemplação [deificação] aos que levam sua vida neste caminho. Assim é que quem recebe de maneira corporal a lei escrita não alimenta a alma de virtudes. Quem não se aplica às razões dos seres não dá generosamente ao intelecto o festim da sabedoria variada de Deus. E quem não conhece o grande mistério da nova graça não se regozija na esperança da deificação por vir. Assim, a ausência de contemplação ligada à lei escrita tem como consequência a falta da sabedoria variada de Deus concebida segundo a lei natural, falta que por sua vez tem como decorrência a ignorância da deificação de todos, que é dada pela graça segundo o novo mistério.

32. Todo intelecto perspicaz segundo Cristo e capaz de visão deseja e busca sempre a face do Senhor. Ora, a face do Senhor é a verdadeira contemplação e o verdadeiro conhecimento das coisas divinas segundo a virtude. É procurando esta contemplação e este conhecimento que este intelecto aprende a causa da falta e da necessidade que existem nele. Pois, assim como o rosto permite distinguir as pessoas, o conhecimento espiritual simboliza manifestamente o divino. Diz-se daquele que procura este conhecimento, que ele busca a face do Senhor. Mas aquele que, segundo a letra da lei, se besunta de sacrifícios sangrentos, tem em si uma ignorância plena de desejo, pois compreende o mandamento apenas no sentido do prazer da carne e se apega de maneira corporal, por intermédio dos sentidos, apenas à matéria da letra.

33. Aquele que serve segundo a lei, mas de maneira corporal, engendra na ordem da matéria o pecado ativo e modela de modo material, na ordem das formas, o consentimento da lei ao pecado, pelos prazeres correspondentes dos sentidos. Mas quem compreende a Escritura de modo espiritual mata por meio dos pensamentos naturais, da altura da contemplação, a atividade do pecado na ordem da matéria e o consentimento ao pecado na ordem das formas, juntamente com os modos dos sentidos que vão contra o uso e que conduzem ao prazer.

34. A matéria e a forma, e os cinco modos dos cinco sentidos que vão contra o uso na ordem da matéria e na ordem das formas – vale dizer, a união passional e contra a natureza dos sentidos e das coisas sensíveis, ou

[557] Cf. *Filipenses* 3: 29.

seja, das coisas que estão submetidas ao tempo e ao escoamento – depois de ultrapassada a observância da letra da lei e a ignorância, são entregues pela lei espiritual e o intelecto para serem mortas pelas razões e os pensamentos mais elevados da contemplação natural, a partir do momento em que estas alcançam a altura da lei da contemplação espiritual, para destruir e levar à morte a relação universal que, nos símbolos, as coisas submetidas ao tempo têm com os sentidos e o corpo.

35. Sem a contemplação natural ninguém é capaz de discernir o quanto os símbolos da lei estão afastados das coisas de Deus. Pois se, em primeiro lugar, não vemos natural e profundamente que as coisas divinas e inteligíveis não aparecem nos símbolos, considerando que fora do divino é impossível que os sentidos cheguem a desejar conforme o intelecto a beleza das coisas inteligíveis, não podemos nos livrar de uma vez por todas da diversidade corporal que existe no espaço. Nesta diversidade, na medida em que ela permanece ligada à letra, não existe nenhuma razão para que seja atenuada a indigência que provém da fome de conhecimento, pois ela esta condenada a comer, tal como a serpente enganadora, a terra da Escritura, ou seja, o corpo. Mas o mesmo não acontece com aquele que, seguindo a Cristo, se alimenta do céu, do espírito e da alma da Escritura, ou seja, do pão celeste e angélico, da contemplação e do conhecimento espirituais das Escrituras em Cristo, que Deus concede em abundância como que por acréscimo aos que os querem, conforme está escrito: "Ele lhe deu o pão celeste, e o homem comeu do pão dos homens[558]".

36. A compreensão da Escritura que passa pelos sentidos e leva ao corpo engendrando manifestamente as paixões e o pendor pelas coisas temporais que escoam, ou seja, a energia passional dos sentidos voltados para as coisas sensíveis, como os filhos e descendentes de Saul, devem desaparecer pela contemplação natural sobre a montanha à qual nos levam as palavras de Deus, se quisermos ser cumulados da graça divina.

[558] *Salmo* 77 (78): 24-25.

37. O povo judeu e a lei concebida apenas como letra alteram a verdade. Também a altera aquele que é seu imitador pelo pensamento, uma vez que encerra na pura letra o poder da lei e não recebe, para que se manifeste o conhecimento secretamente oculto na letra, a contemplação natural que é um intermediário entra as imagens e a verdade, de umas afastando e da outra aproximando os que ela conduz. Mas aquele homem recusa totalmente esta contemplação e age fora de toda iniciação aos mistérios de Deus. Os que se aplicam às visões divinas sobre a montanha, na altura do conhecimento, devem destruir por meio da contemplação natural esta acepção corporal e passageira da lei submetida ao tempo e ao escoamento.

38. Faz desaparecer completamente a intelecção corporal da Escritura aquele que, na ação e pela contemplação natural destrói sua tendência a amar os prazeres e o corpo – esta tendência que, na alma, conduz a lei escrita à matéria instável e flutuante –, por interditar a passagem à intelecção vulgar da lei, como aos filhos e descendentes de Saul[559], por meio da contemplação natural a partir da altura da contemplação (como sobre uma montanha); ele assim desvela diante do Senhor, pela confissão, a antiga acepção da lei, voltada para o corpo. É assim que pode ser entendido pelos que amam aprender, "estar exposto ao sol[560]" diante do Senhor. Este homem leva para a luz, pelo conhecimento, a presunção errada da lei. Isto implica revelar, da altura da contemplação e pelo conhecimento no Espírito, que a letra da lei está morta.

39. A Escritura diz que a letra mata e que o Espírito vivifica[561]. É por isso que se deve destruir pelo Espírito vivificante aquilo que mata por natureza. É totalmente impossível que um e outro existam ao mesmo tempo, ativamente e da mesma maneira – o caráter corporal e o caráter divino da lei –, a letra e o Espírito. Pois o que dá a vida conforme a natureza não se

[559] Cf. II *Samuel*, 21.
[560] Cf. II *Samuel* 21: 9.
[561] Cf. II *Coríntios* 3: 6.

compõe com o que pode destruí-la.

40. O Espírito abarca a vida, mas a lei a destrói. Assim, a letra não pode agir da mesma maneira que o Espírito, assim como o que vivifica não pode coexistir com o que corrompe.

41. A circuncisão mística consiste na ablação total do pendor passional do intelecto até se tornar estranho a ele. Pois, se nos aplicamos naturalmente às coisas, sabemos que a ablação daquilo que, conforme à natureza, é ordenado por Deus, não consiste numa perfeição. A natureza truncada por um artifício e suprimindo ela própria por uma decisão do intelecto o excedente da criação que provém de Deus conforme a razão, não constitui uma perfeição, para que não tomemos como certo que o artifício é mais forte do que a justiça de Deus e para que não façamos daquilo que roubamos à natureza por decisão do intelecto uma complemento daquilo que nos falta na justiça da criação. Em lugar da parte que foi circuncidada, aprendamos a fazer voluntariamente a circuncisão do estado passional da alma, segundo a qual a vontade é primeiramente disposta a se conformar à natureza, corrigindo a lei passional de um devir que lhe é estranho.

42. O prepúcio é natural. Ora, toda obra natural da criação divina é boa, conforme a palavra: "E Deus viu o que havia feito e viu que era bom[562]". Mas a lei, ordenando retirar o prepúcio pela circuncisão[563], como se ele fosse impuro, tenta levar Deus a corrigir sua própria obra por meio de um artifício, o que é ímpio pensar. Assim, quem se aplica naturalmente aos símbolos da lei sabe que Deus não corrige a natureza com artifícios, mas que ele ordena circuncidar a parte passional da alma dócil à razão e figurada pelo membro corporal, que o conhecimento suprime naturalmente, graças à coragem ativa da vontade. Pois o sacerdote que circuncisa simboliza o conhecimento, que, como o ferro posto contra o sofrimento, tem a coragem ativa da razão. A tradição da lei desaparece, com efeito, quando o Espírito supera a letra.

43. O sábado[564] das paixões é também o repouso do movimento do intelecto ao redor da natureza dos seres. Da mesma forma, a perfeita inércia das paixões e a detenção total do movimento do intelecto ao redor daquilo que o ocupa são o meio perfeito para passar para o divino. Quem chegou ao divino pela virtude e o conhecimento, na medida do possível, não deve mais se lembrar da matéria das paixões, qualquer que seja ela, esta matéria que queima como madeira, nem buscar em hipótese alguma as razões da natureza, a fim de que não sustentar, como fazem os gregos, que Deus sente prazer nas paixões ou que ele pode ser medido pelos limites da natureza, Deus, o único que proclamou o silêncio perfeito e que representa por excelência o desconhecimento total.

44. A fé pura é uma coroa de bondade[565], florida pela sublimidade dos dogmas à maneira de pedras preciosas e pelas palavras e os pensamentos espirituais que encerram como a cabeça o intelecto amado por Deus. OU antes, é a própria palavra de Deus que é uma coroa de bondade, esta palavra que, pela diversidade dos modos da providência e do juízo – ou seja, pela abstenção das paixões voluntárias e pela paciência nas paixões involuntárias – envolve o intelecto como a cabeça que, pela participação na graça e na deificação, torna ainda mais belo do que ela este intelecto.

45. Aqui em baixo, a temperança é uma obra da providência, na medida em que ela purifica das paixões voluntárias. E a paciência do julgamento é uma ação reta, na medida em que ela resiste às tentações[566] involuntárias e é o símbolo da filosofia prática, transportando para a virtude, como para longe do pecado do Egito, aqueles que estavam dominados pelo pecado.

---

[562] *Gênesis* 1: 31.
[563] Cf. *Gênesis* 17: 10-14.
[564] Cf. *Êxodo* 16: 23 e 20: 10.
[565] Cf. *Salmo* 64 (65): 12.
[566] Cf. *Tiago* 1: 4.

46. Deus não quer que os dias sejam honrados pelos homens. Ele prescreveu que sejam honrados o sábado[567], as luas novas e as festas. Assim é que ele ensinou nos mandamentos da lei: aqueles que pensam que os dias são santos e dignos de serem venerados servem à criação em lugar do Criador[568]. Mas ele declarou que seria ele próprio que, simbolicamente, seria venerado através dos dias: pois ele mesmo é o sábado, ele o repouso das penas da alma na carne e o apaziguamento das penas sofridas em nome da justiça. Ele é a Páscoa, ele a origem e o fim dos seres e a palavra que a tudo criou na natureza. Considere que a lei perde os que a compreendem de maneira corporal, persuadindo-os a servir a criatura em lugar do Criador e a pensar que são veneráveis por natureza as coisas que foram feitas por eles, pois eles ignoram Aquele pelo qual elas foram feitas.

47. O mundo é um lugar realizado e um estado acabado, e o tempo é um movimento limitado. É por isso que o movimento da vida muda aqueles que estão no tempo. Mas quando a natureza, que pela energia e o pensamento atravessa o espaço e o tempo – ou seja, aquilo sem o que ela não é, vale dizer, o estado e o movimento realizados – e se lega diretamente à providência, ela encontra esta providência, que é simples e estável por natureza e que não tem nenhum limite, assim como não tem, por conseguinte, absolutamente nenhum movimento.

48. A natureza que existe no mundo de maneira temporal traz em si o movimento que a transforma devido ao estado realizado do mundo e do curso do tempo ligado à transformação. Mas chegando a Deus, por causa da unidade natural d'Aquele por quem ela foi criada, ela adquire um estado imóvel e um movimento próprio estável, que se faz eternamente ao redor do mesmo, do um e do único, este movimento do qual a razão sabe ser uma moradia fixa, imediata, ao redor da causa primeira dos que foram criados por ela.

[567] Cf. *Êxodo* 20: 10.
[568] Cf. *Romanos* 1: 25.

49. O mistério do Pentecostes é a união direta que liga à providência aquilo que havia sido concebido previamente, ou seja, a união da natureza e da Palavra segundo o desígnio da providência, união na qual não existe absolutamente nenhuma manifestação do tempo e do devir. E mais: a Palavra é nossa trombeta, pois ela nos faz ouvir os conhecimentos divinos e inefáveis. Ela é a expiação, pois, depois de se apropriar de nossa natureza, ela apaga nela nossas faltas e, pelo dom da graça no Espírito, deifica a natureza que havia pecado. E ela é a festa dos Tabernáculos, pois nos imobiliza em torno do bem, no estado que imita a Deus, e nos liga a todos à transformação que nos torna imortais.

50. Quem se regozija apenas com sacrifícios cruentos, passional que é, prepara os sacrificadores a se voltarem para as paixões. Pois quem venera verdadeiramente quer se regozijar com aquilo que o adorado se regozija. É por isso que a razão sabe que os sacrifícios são antes a imolação das paixões e a oferenda das potências naturais. Dentre estas potências, o cordeiro é a imagem da razão, o touro traz em si o símbolo do ardor e a cabra representa o desejo.

51. Sabemos que os sacrifícios espirituais são não apenas a condenação à morte das paixões imoladas pela espada do Espírito – vale dizer, pela palavra de Deus[569] – e a *kénose* ou esvaziamento deliberado de toda a vida que existe na carne, como a efusão do sangue, mas também a oferenda das condutas filosóficas e de todas as potências naturais consagradas a Deus e consumidas pelo fogo da graça do Espírito, em vista a receber a herança divina.

52. Quando a inteligência terrestre da Escritura domina a alma, ela rejeita as razões naturais eliminando-as pelo mau uso das potências da natureza. Pois esta inteligência viva, que limita a lei apenas à carne, na verdade vem

[569] Cf. *Efésios* 6: 17.

em busca das razões e dos pensamentos – refiro-me àqueles que seguem a natureza –, ela os expulsa e as conduz igualmente à perdição, honrando como se fossem divinas as paixões da infâmia, estas mesmas paixões que os pensamentos conformes à natureza destroem e matam quando recebem a lei do Espírito de liberdade.

53. Quando buscamos racionalmente a filosofia das virtudes, também transportamos naturalmente para o Espírito a compreensão das Escrituras, servindo a Deus ativamente por meio das mais altas contemplações sob o novo regime do Espírito e não sob o regime caduco da letra[570]. Ao contrário, se assumirmos a lei em um nível mais baixo, nos sentidos e tendo em vista o corpo, alimentaremos as paixões, como o fazem os judeus, e flertaremos com o pecado.

54. Quando cessamos de compreender a Escritura segundo os sentidos, com vistas ao corpo, lançamo-nos para o Espírito, segundo o intelecto, por intermédio da natureza. Aquele que procede na ordem do Espírito do modo como os judeus realizam na ordem do corpo atrai sobre si a ira de Deus.

55. Todo intelecto que tende para o alto e se eleva conforme a Deus imola por isso mesmo a atividade das paixões e o movimento deslocado dos pensamentos. Além disso, ele imola os modos desordenados da atividade dos sentidos em seu mau uso. Pois as paixões são destruídas pelos altos pensamentos da natureza e são levadas cativas ao triunfo da contemplação mais elevada.

56. O poder do pecado, ou seja, o cuidado com a carne é eliminado naturalmente pela graça do batismo, e a obediência ativa aos mandamentos divinos o destrói com a espada do Espírito[571], ou seja, pela palavra do conhecimento divino no Espírito, que interpela misticamente a paixão do pecado, como o grande Samuel interpelou Agag: "Assim como a sua espada privou as mães de seus filhos, também hoje sua mãe dentre as mulheres será privada de seu filho[572]".

57. Pelo pensamento agudo do prazer, como que por uma espada, a paixão da gula priva de filhos muitas virtudes. Pela intemperança, ela mata as sementes da castidade. Pela cupidez, ela altera a igualdade de honra que nos mantém na justiça. Pelo egoísmo, afasta aquilo que leva a amar os homens e que provém da natureza. Numa palavra, a paixão da gula destrói todos os frutos da virtude.

58. A paixão da gula destrói todos os frutos divinos das virtudes, mas é destruída pela graça da fé e a obediência aos mandamentos de Deus, por meio da razão do conhecimento.

59. Nosso Senhor é realmente a luz das nações[573], pois ele desvela por meio do verdadeiro conhecimento os olhos do intelecto fechados pelas trevas da ignorância, e, depois de se ter oferecido novamente aos povos fiéis como um bom exemplo da virtude da pessoa virtuosa, ele se tornou para eles o modelo e a imagem da conduta divina. Vendo-o como o príncipe da nossa salvação, conduzimos com sucesso as virtudes por meio da ação, imitando-o tanto quanto nos é possível.

60. Quem quer que odeie por inveja e que difame e calunie o que é mais forte no combate das virtudes e na eloquência do conhecimento espiritual é como Saul sufocado pelo espírito maligno[574]: ele não suporta a boa reputação que a abundância de virtude e conhecimento concede ao melhor, e por isso fica cada vez mais furioso por não poder agredir seu benfeitor. Muitas vezes ele afasta amargamente seu querido Jonatas[575], vale dizer, o

[570] CF. *Romanos* 7: 6.
[571] Cf. *Efésios* 6: 17.
[572] I *Samuel* 15: 33.
[573] Cf. *Isaías* 49: 6.
[574] Cf. I *Samuel* 16: 14-23.
[575] Cf. *Samuel* 20: 30.

pensamento inato da consciência, que lhe reprova a raiva injusta e lhe lembra com todo o amor da verdade as boas ações daquele a quem ele detesta.

61. Peçamos também nós, à imagem de Davi, que faça soar a cítara da contemplação e do conhecimento espirituais em nosso intelecto demente submetido às coisas materiais, e que expulse o maligno da materialidade que cerca os sentidos, a fim de que possamos compreender espiritualmente a lei, encontrar misticamente a razão escondida nela e dela fazer um bem suficiente para que se torne um viático da vida eterna.

62. Quem quer que se torne presa da salvação se aplicará absolutamente, seja à ação, seja à contemplação. Pois sem a virtude e sem o conhecimento ninguém jamais pode de nenhum modo descobrir a salvação. Quanto à virtude, ela assinala o lugar próprio ao movimento do corpo, detendo ciosamente, por meio do pensamento reto, como um freio, o impulso que conduz à extravagância. Quanto à contemplação, ela decide escolher sabiamente o que foi bem pensado e bem julgado.

63. Uma vez que pensar é intelectual e que aquilo que é pensado é inteligível e é o alimento e como que a constituição daquele que pensa, está claro que Deus, pelo fato de que os incorpóreos são inteligências, é ele próprio pensado e lhes é inteligível na medida em que eles chegam até ele, e que ele lhes ilumina o coração do intelecto que pensa e que é alimentado.

64. Uma coisa é o inteligível, outra coisa o intelectual. Pois o inteligível é como que o alimento do intelectual, como já se disse. Quanto ao que é pensado, ou seja, o inteligível, ele é maior do que o que pensa, ou seja, do que o intelectual, e é concebido antes dele. De fato, chamamos de intelectuais os inteligíveis transcendentes pensados pelo intelecto. Pois o inteligível é o que é pensado, e é também o alimento do intelectual, ou seja, daquele que pensa.

65. É preciso saber no que consistem os efeitos, as imagens possíveis das causas, pois os efeitos são tudo o que foi levado à criação, e as causas são o que leva à criação. Entre causas e efeitos não há nenhuma semelhança.

66. É preciso saber que nosso intelecto tem a capacidade de pensar, por meio da qual ele enxerga os inteligíveis, e que ele traz em si a união que ultrapassa sua natureza, por maio da qual ele se liga ao que está além de si mesmo. É assim por meio desta união, não por nossa natureza, que devemos compreender as coisas divinas: é quando por inteiro saímos inteiramente de nós mesmos e nos entregamos inteiramente a Deus. Pois é melhor estar com Deus do que conosco. É assim que o divino será dado aos que estão com Deus.

67. O intelecto que pretende pensar desce de si mesmo quando mergulha nas intelecções. Pois as intelecções estão abaixo daquele que pensa: na medida em que são pensadas e compreendidas, elas consistem naturalmente numa dispersão e numa divisão da unidade do intelecto em si. Com efeito, o intelecto é simples e indivisível, mas as intelecções são múltiplas e dispersam o intelecto, ao menos em sua forma. É por isso que o que é intelectual, ou seja, aquilo que pensa, é inferior ao que é inteligível ou ao que é pensado. Chama-se união do intelecto aquilo por meio de quê o intelecto se prolonga além de si mesmo, ou seja, se dirige para a contemplação de Deus, saindo de todas as coisas sensíveis e inteligíveis, e até mesmo de seu próprio movimento: é assim que ele pode receber o raio do conhecimento divino.

68. Se o que é intelectual de desenvolve em relação a si mesmo em todo o intelecto, certamente ele pensa. E se ele pensa, certamente ele é presa daquilo em que pensa. Se for presa, certamente conhece o êxtase que o conduz àquilo que recebe seu amor. Se ele conhece o êxtase, é claro que ele se apressa. Apressando-se, ele certamente faz crescer o ardor do movimento. Aumentando o ardor de seu movimento, ele não terá parada enquanto não se colocar por inteiro naquilo que ele ama inteiramente,

enquanto nele não se envolver voluntariamente e por inteiro, recebendo como desejava o abraço salutar, a fim de obter por inteiro a qualidade daquilo que o abraça por inteiro, de sorte que aquilo que é abraçado não possa mais ser inteiramente conhecido a partir de si mesmo, mas a partir daquilo que o abraça, como o espaço inteiramente iluminado pela luz, como o ferro inteiramente abrasado pelo fogo, ou coisas semelhantes.

69. Não existe semelhança exata entre efeitos e causas. Mas os efeitos trazem em si as imagens das causas que eles podem receber. Estas causas de efeitos são lançadas por si mesmas e reconstruídas acima delas próprias conforme a razão de sua própria origem. Pois o que reside nos efeitos está antes nas causas, para além do necessário e realmente.

70. Os efeitos são tudo o que foi levado à criação, seja no céu, seja na terra. As causas são o que levou à criação, ou seja, as Três Pessoas da Santíssima Trindade. É claro, assim, que não há semelhança possível entre umas e outras, vale dizer, entre causas e efeitos.

71. É múltipla a relação entre o que pensa e o que é pensado, entre o que sente e o que é sentido. O homem, que é capaz de sentir com sua alma e com seu corpo através da relação e da propriedade naturais da troca entre uma e outra destas duas partes da criação, é determinado e determina. Ele é determinado pela essência, e determina pela potência. Pois ele é naturalmente determinado pelas coisas inteligíveis e sensíveis, uma vez que ele é alma e corpo, e ele naturalmente determina essas coisas em potência, uma vez que ele pensa e sente. Mas Deus está de maneira simples e fora de todo limite acima de todos os seres, os que abarcam e os que são abarcados, pois ele é totalmente irredutível a seja lá o que for.

72. Todo prazer das coisas proibidas provém da paixão e se coloca natural e certeiramente sobre algo de sensível por intermédio dos sentidos. Com efeito, o prazer não passa de uma forma de sensação: ele se manifesta através de alguma coisa sensível na parte da alma capaz de sentir. Ou é um modo da atividade dos sentidos constituído por um desejo contrário à razão. Com efeito, quando se dirige aos sentidos, o desejo se transforma em prazer conduzindo ele próprio a esta forma de sensação: e quando se veem no movimento do desejo, os sentidos suscitam o prazer atraindo o sensível para si. Sabendo então que, por intermédio da carne, a alma levada contra a natureza para a matéria reveste-se da forma terrestre, os santos, voltados para Deus segundo a natureza por intermédio da alma, conceberam unir convenientemente a carne a Deus, vestindo-a com a beleza das revelações divinas pelo exercício das virtudes, na medida em que isto é possível.

73. Segundo o modo verdadeiro e infalível do movimento da natureza, os santos atravessaram nobremente o século presente e seus abismos. Depois de ter, por intermédio da razão, unido os sentidos ao intelecto, que traz em si as razões dos seres, e de ter conduzido a Deus este intelecto claramente liberto de seu movimento ao redor dos seres e desembaraçado de sua própria atividade natural, até de sua energia, totalmente unidos no intelecto para se dirigir a Deus, foram considerados dignos de se misturar inteiros pelo Espírito a Deus por inteiro, portando inteira a imagem do celeste, na medida em que isto é possível aos homens, e foram de tal modo atraídos pela revelação divina que, à força de serem atraídos foram eles próprios colhidos em Deus, se podemos nos exprimir assim.

74. Deus e o homem são modelos um para o outro. Tanto, diante do homem, Deus se torna homem por amor ao homem, quanto, diante de Deus, o homem se deifica quando por amor o consegue. E tanto o homem é arrebatado por Deus em seu intelecto para alcançar aquilo que ele pode conhecer, quanto manifesta por suas virtudes o Deus invisível por natureza.

75. Quem tenha feito morrer seus membros que estão sobre a terra[576], quem tenha apagado todo o cuidado com sua própria carne e tenha se

[576] Cf. *Colossenses* 3: 5.

desembaraçado da relação que o ligava a ela, esta relação que divide o amor que somente a Deus devemos, quem tenha renunciado a todas as marcas da carne e do mundo por causa do amor divino até poder repetir com o bem-aventurado apóstolo Paulo: "Quem nos separará do amor de Cristo?[577]", este se tornou, como o grande Melquisedeque, um homem sem pai nem mãe , sem genealogia[578], sem nada possuir em si que seja dominado pela carne e pela natureza, e inteiramente unido ao Espírito.

76. Penso que não é justo chamar de "morte" ao término da vida presente, mas que devemos chama-lo de "libertação da morte", desembaraço da corrupção, libertação da escravatura, detenção da perturbação, supressão das guerras, recuo das trevas, alívio das penas, calma que apazigua a agitação, véu que cobre a vergonha, fuga para longe das paixões, numa palavra, fim de todas as obras do mal. Chegando a este ponto por se terem já voluntariamente liberto da morte, os santos se fizeram estranhos à existência, viajantes, combatendo nobremente o mundo, o corpo e suas revoluções. Depois de haverem sufocado o erro suscitado pelo mundo e pelo corpo na união dos sentidos e das coisas sensíveis, eles mantiveram em si mesmos a dignidade da alma fora de qualquer servidão.

77. A própria natureza nos dá uma boa prova de que o conhecimento da providência foi semeado naturalmente em nós, quando, nos revezes súbitos, voltando-nos para Deus com orações que não foram ensinadas, ela nos prepara para receber a salvação. Com efeito, partir do momento em que somos colhidos bruscamente por uma necessidade, buscamos o socorro de Deus espontaneamente sem pensar em mais nada, como se a própria providência nos atraísse para ele fora de qualquer pensamento, ultrapassando a rapidez de que é capaz o intelecto e mostrando que o socorro divino é mais forte do que tudo. Ora, a natureza não nos empurraria espontaneamente a buscar onde não houvesse natureza. Tudo o que persegue naturalmente uma coisa, seja ela qual for, traz em si, coo ao prova forte e irrefutável, o poder da verdade, que todo mundo pode ver.

78. Uma vez que, dentre os seres, alguns são bons e outros maus, que uns pertencem ao século presente e outros ao século por vir, chamamos de desejo o bem que se espera e de prazer o bem presente. E, em sentido inverso, chamamos de temor ao mal que se espera e de tristeza ao mal presente. Assim, o prazer e o desejo fazem parte dos bens, sejam eles reais ou supostos, ou são considerados como tais, enquanto que a tristeza e o temor fazem parte dos males, ou são considerados como tais. Com efeito, quando o desejo atinge seu objetivo, ele suscita o prazer, mas quando não o alcança suscita a tristeza.

79. Por sua própria natureza, toda tristeza é um mal. Mesmo se, em sua compaixão, o monge diligente se afligir com a infelicidade alheia, ele não o fará a priori, deliberadamente, mas depois, e conforme as circunstâncias. Quanto ao contemplativo, que se mantém igualmente impassível diante dessas infelicidades, ele se mantém unido a Deus e se faz estrangeiro da todas as coisas daqui.

80. Todos os santos que tomaram sobre si a palavra divina e infalível atravessaram o século presente sem imprimir os traços da alma em nenhum dos encantos que existem aí. Pois, com todo direito, eles desenvolveram o intelecto nas palavras que exprimem Deus até o limite do que é possível aos homens, ou seja, as palavras de bondade e de amor. Eles aprenderam que Deus, transportado pelo movimento destas palavras, concede aos seres seu ser e também a graça de ser bem, se é que podemos, a respeito de Deus que é o único imóvel, falar de movimento o invés da vontade que põe tudo em movimento, que faz tudo ser e que mantém a tudo sendo, sem jamais e de modo algum estar submetido ao movimento.

81. A alma, que é um ser com intelecto e razão, pensa e raciocina. Ela tem o poder da inteligência, como movimento a intelecção, como atividade o

[577] *Romanos* 8: 35.
[578] Cf. *Hebreus* 7: 3.

pensamento. Este é o termo da intelecção da que pensa e do que é pensado, na medida em que define a relação dos extremos entre si. Pois a alma que pensa deixa de pensar o que pensou depois de sua intelecção. O que foi pensado propriamente de uma vez por todas não suscita mais a potência que lhe permitiria ser pensado outra vez. Cada pensamento assume assim a detenção da intelecção do que foi pensado nele.

82. Assim como a ignorância separa os que estão perdidos, a presença da luz inteligível reúne e une os que são iluminados, os conduz à perfeição e os faz regressar ao ser em si, reunindo-os longe das opiniões múltiplas, recolhendo suas diferentes perspectivas das coisas, ou, falando propriamente, suas imaginações, em um só conhecimento, verdadeiro, puro e simples, cumulando-os com a luz única e unificante.

83. O belo é a mesma coisa que o bom, pois tudo busca o belo e o bom em toda causa, e não existe ser que não participe do belo e dom bom. Pois o belo e o bom estão em todos, na medida em que todos são verdadeiramente admiráveis, desejáveis, amáveis, eleitos e amados. Note que o *eros* divino, que preexiste ao bem, gerou o bom *eros* que existe em nós, pelo qual nós buscamos o belo e o bem, segundo o que foi dito: "Eu me tornei amante de sua beleza[579]", e: "Ame-a e ela o guardará. Estreite-a e ela o honrará[580]".

84. Os teólogos chamam o divino às vezes de *eros*, às vezes de ágape, às vezes de amável e amado. Por isso, enquanto *eros* e ágape, ele é conduzido pelo movimento, mas enquanto amável e amado e carrega sobre si mesmo tudo o que recebe o *eros* e o ágape. Para dizê-lo mais claramente, ele é levado pelo movimento quando suscita uma relação do *eros* e do ágape naqueles que os recebem. Mas quando ele atrai por natureza, ele coloca em movimento o desejo tensionado dos que são levados a ele. E novamente ele coloca em movimento e é levado pelo movimento, na medida em que tem sede de ter sede, é presa de ser presa e ama ser amado.

85. O *eros* divino é extático, pois ele não permite que os amantes pertençam a si mesmos, mas àqueles de quem são presa. Eles mostram que os superiores estão votados a cuidar dos inferiores, que os iguais estão destinados a se unir uns aos outros, que os inferiores estão convocados a retornar mais divinamente aos primeiros. É por isso que o grande Paulo, que era possuído pelo *eros* de Deus e que participava da potência extática, disse com sua boca divina: "Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim[581]". Como um verdadeiro amante, fora de si, como ele próprio disse a Deus, ele já não vivia sua própria vida, mas a vida daquele a quem amava, esta vida profundamente amada.

86. A respeito da verdade, é preciso ousar dizer o seguinte: Aquele que é ele próprio a causa de tudo se coloca fora de si por amor a tudo, pelo *eros* belo e bom, em sua imensa bondade amorosa, quando cuida de todos os seres, e ele fica como que encantado pela bondade, a afeição e o *eros*. A partir daquilo que o separa de tudo e que o coloca acima de tudo, ele desce em tudo, em sua potência extática mais elevada que o ser e inseparável de si mesmo. É por isso que os que conhecem bem as coisas divinas o chamam de ciumento, tão grande é seu bom amor pelos seres, tanto seu ciúme excita seu impulso amoroso, e tanto ele se mostra ciumento, ele que tem ciúme do que busca como o tem dos seres de quem cuida.

87. Com toda evidência, o próprio Deus suscitou e engendrou o ágape e o *eros*. Foi ele mesmo quem conduziu ao exterior, ou seja, para as criaturas, este amor que existe nele. É como foi dito: "Deus é ágape[582]", e também: "Ele é doçura e desejo[583]", ou seja, *eros*. É ele próprio que é amado e verdadeiramente amável. Assim, de um lado se diz que o *eros* amoroso escorre dele e que ele mesmo, que engendrou o *eros*, é levado pelo seu

[579] *Sabedoria* 8: 2.
[580] *Provérbios* 4: 6-8.
[581] *Gálatas* 2: 20.
[582] I *João* 4: 16.
[583] *Cânticos* 5: 16.

movimento; de outro, se diz que é ele próprio que é verdadeiramente amável e amado, desejado e digno de ser eleito: ele coloca em movimento os seres que velam por isso. Eles, a quem se dirige o poder de seu desejo, o desejam na mesma medida.

88. Penso que Deus seduz e coloca em movimento para a união amorosa que existe no Espírito. Vale dizer que ele é o mediador desta união e que ele a ajusta, de modo a receber ele mesmo o *eros* e o ágape de suas criaturas. Ele coloca em movimento, por que ele leva cada ser a retornar para ele segundo sua própria razão. Quanto ao fato de que ele nos seduz, mesmo que para os profanos isto significa algo que não é puro, ele é aqui em baixo a mediação que provoca a união em Deus.

89. O movimento amoroso do bem, que preexiste no bem, que é simples, que se move por si só e que provém do bem, logo retorna ao seu lugar, pois ele não tem começo nem fim. Este movimento simboliza nosso impulso perpétuo para o divino e nossa união com ele. Pois a união amorosa com Deus se eleva e se situa acima de todas as uniões.

90. Quando dizemos que o *eros* é divino, ou angélico, ou intelectual, ou psíquico, ou natural, entendemos por isto uma potência que conduz à união e à fusão. Ele leva os seres superiores a cuidar do inferiores; depois leva os iguais a se ajudarem mutuamente; e, por fim, leva os seres inferiores a retornar aos seres melhores situados acima deles.

91. Se o conhecimento unifica o que foi conhecido, e se a ignorância é sempre uma causa de transformação e da divisão que vem de si mesmo para aquele que ignora, ele nunca afastará da mesa da verdadeira fé aquele que acreditou em verdade, segundo a palavra sagrada. É lá que ela portará a permanência da identidade imóvel e imutável. Pois aquele que está unido à verdade sabe bem que está bem, mesmo que a maioria reprove o fato de que ele está fora de si. Com efeito, à maioria escapa naturalmente que pela verdade da verdadeira fé ele escapou do erro. Ele próprio não sabe se foi presa da loucura, como lhe dizem, mas ele sabe que se libertou da instável e mutante corrupção das múltiplas variedade do erro, pela verdade simples que segue sempre a mesma vida e que é sempre idêntica.

92. Os santos eram bons, amaram os homens, se tornaram misericordiosos e compassivos. Ele se esforçaram para não ter senão uma única e sempre mesma disposição de amor para com todo o gênero humano. Possuindo por esta disposição a forma suprema de todos os bens, vale dizer, a humildade constante por toda a duração de suas vidas, esta humildade que protege os bens e destrói os vícios contrários, eles não deram chance a absolutamente nenhuma das tentações que nos perturbam, sejam elas voluntárias e dependentes de nossa razão, sejam involuntárias e independentes de nós, reduzindo pela temperança os levantes de umas e derrubando pela paciência os ataques das outras.

93. A fé reta e o temor verídico de Deus suscitam a ação perfeita da virtude. A firma esperança e a consciência íntegra suscitam a contemplação natural infalível devotada à elevação. E o amor perfeito e a inteligência voluntária e totalmente separada dos seres na transcendência suscitam a deificação por meio da qual Deus nos assume.

94. A obra da filosofia prática é de tornar o intelecto puro de toda imaginação passional. A obra da contemplação natural é de mostrar aos que receberam o ser a causa pela qual eles existem, como Aquele mesmo que traz em si o verdadeiro conhecimento. E a obra da mistagogia teológica é de tornar, pela graça, em seu estado, semelhante a Deus e igual a ele, na medida do possível, aquele que, por causa da transcendência, já não pensa em mais nada que esteja abaixo de Deus.

95. Aquilo que o éter – ou seja, o elemento fogo – representa no mundo percebido pelos sentidos, a sabedoria representa no mundo do pensamento, como um estado luminoso simbolizando as razões, em especial as razões espirituais que estão em cada um dos seres, manifestando por meio deles a

causa que está em todos infalivelmente, e atraindo para ela o desejo do divino que reside na alma. Aquilo que representa o ar no mundo sensível equivale à coragem no mundo do pensamento, como um estado que coloca em movimento, reúne, faz com que aja a vida inata do Espírito e conforta o movimento perpétuo da alma ao redor do divino. Aquilo que a água representa no mundo sensível corresponde à castidade no mundo do pensamento: ela é um estado que suscita a fecundidade vivificante do Espírito e que engendra o encanto amoroso, que não cessa de se espalhar no impulso que leva ao divino. E aquilo que a terra representa no mundo sensível, representa a justiça no mundo do pensamento: ela é um estado que engendra segundo sua espécie as razões que estão nos seres, e que opera de maneira igual a difusão vivificante do Espírito, elevando de maneira imutável o fundamento que ela própria coloca no belo com sua ação.

96. Assim como alma é atormentada e entenebrecida pelas paixões quando a carne é vigorosa e opulenta, e que nesta condição recuam o estado de virtude e a iluminação do conhecimento, também o homem exterior se destrói quando a alma é protegida e iluminada pela beleza divina das virtudes e pela iluminação do conhecimento, e quando, para que a razão se estabeleça, a carne rejeita seu vigor natural.

97. Não seria possível que o homem criado se revelasse filho de Deus em Deus segundo a deificação pela graça, se antes ele não tivesse nascido deliberadamente do Espírito graças ao poder que se move por si só com toda liberdade e que o une naturalmente a Deus, qual um nascimento vivificante, divino e imaterial este nascimento que o primeiro homem desleixou por preferir as delícias visíveis dos sentidos aos bens concebidos pelo intelecto e ocultos até então. Assim foi ele condenado a carregar o devir do corpo, irrefletido, material e mortal.

98. Agora o homem se agita, ou bem ao redor das imaginações irracionais das paixões suscitadas pelo erro causado pelo amor ao prazer, ou bem ao redor das razões das obras suscitadas pelas circunstâncias em função das necessidades, ou bem ao redor das razões naturais da natureza com a finalidade de aprender. Na origem, nada disto atraía necessariamente o homem, que havia sido justamente criado acima de tudo. Era preciso que fosse ele assim, desde o começo, ele que não era distraído por nenhuma das coisas que vieram depois dele, ou que estavam ao redor dele, ou que existiam por sua causa, ele que para se realizar só precisava de uma única e só coisa, o movimento irresistível suscitado pela potência inteiramente amorosa, este movimento que o levava para Aquele que estava acima dele, ou seja, Deus.

99. O primeiro homem não tinha entre ele e Deus nada que precisasse conhecer e que impedisse o parentesco livremente escolhido por amor, este parentesco que deveria se realizar no movimento que conduzia o homem a Deus. Pois desde que, pela graça, ele era impassível, ele não era levado pelo prazer à ilusão das paixões. Não tendo necessidade de nada, ele era livre da necessidade das obras que as circunstâncias impunham pela necessidade. Enfim, sendo sábio, ele se estabelecera acima da contemplação da natureza para alcançar o conhecimento.

100. Deus, que com sabedoria fundou toda a natureza e nela colocou secretamente seu conhecimento para confortar cada um dos seres racionais, nos deu também, a nós homens, um mestre generoso, o desejo e o *eros* tensionados em sua direção, depois de haver juntado o *eros* à potência da razão por meio da qual nos esforçamos para poder conhecer facilmente os modos de realização do desejo e não nos perdermos nos erros que podemos vir a cometer. Levados por este desejo, e confessando vivamente que ele nos dirige através das coisas, partimos em busca e ao encontro d’Aquele graças a quem recebemos o desejo.

BREVE INTERPRETAÇÃO DA ORAÇÃO DO PAI NOSSO
POR UM AMIGO DE CRISTO

Foi você mesmo, meu mestre guardado por Deus, a quem eu recebi, você que me assiste com suas cartas dignas de todo louvor, que está sempre presente e que não pode jamais estar ausente pelo Espírito, mas que, imitando a Deus, não recusa ajudar seus servidores na abundância de sua virtude e através da irradiação que Deus lhe deu por natureza. Por isso, admirando a grandeza de sua compaixão, eu fiz com que meu temor diante de você se misturasse com a afeição. E dos dois, do temor e da afeição, eu suscitei um único amor formado de pudor e bem-aventurança, a fim de que o temor desprovido de afeto não se tornasse aversão e que o afeto, por não estar unido ao temor, não se tornasse engano. Assim, o amor aparece como uma lei interior de ternura unindo tudo o que é aparentado por natureza: pela bem-aventurança ele domina a aversão, e pelo pudor afasta o engano. Sabendo bem que ele – refiro-me ao temor – religa ao amor divino mais do que tudo, o bem-aventurado Davi disse: "O temor ao Senhor é puro, ele permanece pelos séculos dos séculos[584]". Ele sabia, com toda evidência, que este temor é diferente daquele que é causado pelo medo do castigo quando somos acusados de ter cometido faltas, pois é verdade que esta segunda forma de temor é afastada e apagada pela presença do amor, como o demonstra algures as palavras do grande evangelista João que diz "O amor afasta o temor[585]", e que a primeira forma de temor caracteriza a lei da verdadeira ternura, guardando para sempre, pelo pudor, no coração dos santos, totalmente incorruptíveis, a lei e o modo do amor de Deus e o amor fraternal.

Assim é que eu também, como disse, misturei o afeto ao temor que tenho diante de meu mestre, e suscitei esta lei do amor até hoje. Por pudor, abstive-me de escrever, para não dar chance ao erro, mas, pela bem-aventurança, eu fui forçado a escrever, para que a recusa total em escrever não seja considerada como aversão. Pressionado a fazê-lo, eu escrevi, não o que eu penso, mas o que Deus quer e concede por graça para que nos aconteça o que é melhor para nós. Pois "os desígnios do Senhor, diz Davi, permanecem eternamente, e os pensamentos de seu coração de geração em geração[586]". Sem dúvida, ele chama de "desígnio" de Deus a inefável *kénose*[587] do Filho único em vista da deificação de nossa natureza, esta *kénose* por meio da qual ele carrega em si o fim de todos os séculos. E ele chama de "pensamentos de seu coração" as razões da providência e do juízo, segundo as quais ele dirige com sabedoria, como gerações distintas, nossa vida presente e nossa vida futura, assinalando respectivamente a cada uma o modo de ação que lhe convém.

Mas se a obra do desígnio de Deus é a deificação de nossa natureza, e se o objetivo dos pensamentos divinos é levar nossa vida ao termo daquilo que pedimos, então é útil conhecer e praticar, e portanto escrever como se deve o poder da oração do Senhor. Ora, como, levado por Deus ao escrever a este servidor, meu mestre mencionou esta oração, tornei-a o tema de minhas palavras e pedi ao Senhor que nos ensinou esta prece que abrisse meu intelecto à compreensão dos mistérios presentes nela e me desse uma palavra na medida da claridade daquilo que esta oração significa. Pois ela engloba inteiramente o objetivo que mencionei, este objetivo misteriosamente oculto, ou, para falar com mais propriedade, proclamado manifestamente por aqueles cuja inteligência é forte.

As palavras da oração contêm, de fato, tudo o que o Verbo de Deus, por sua própria *kénose*, cumpriu na carne[588]. Elas ensinam a se apropriar desses

584 *Salmo* XIX, 10.
585 *I João* IV, 18.
586 *Salmo* XXXIII, 11.
587 *Kénose:* vacuidade, despojamento de si.
588 Cf. *Colossenses* III, 13.

bens que, em verdade, no Espírito Santo, somente Deus Pai nos dispensa, pela mediação natural do Filho, pois o Senhor Jesus é "o mediador entre Deus e os homens[589]", segundo o Apóstolo divino. Por sua carne, ele tornou manifesto aos homens o Pai ignorado[590]. E ao Pai, pelo Espírito, ele conduziu os homens com ele reconciliados[591], estes homens pelos quais e por cuja causa ele se tornou homem sem mudança ou transformação. Ele mesmo operou e ensinou aos homens muitos mistérios novos cuja razão não pode ainda ser medida em multitude e grandeza. Podemos enumerar sete deles, que são mais gerais do que os outros, e que, ao que parece, ele deu aos homens na eminência de sua generosidade. O objetivo visado pela oração, como eu disse, contém misteriosamente a potência destes mistérios: a teologia, a filiação pela graça, a igualdade de honra com os anjos, a participação na vida eterna, o restabelecimento da natureza devolvida a si mesma na impassibilidade e no assentimento, a abolição da lei do pecado e a destruição da tirania do maligno que nos dominou com suas enganações.

Consideremos então a verdade aquilo que dissemos. Com efeito, o Verbo de Deus encarnado nos ensina a teologia, pois ele nos mostra em si mesmo o Pai e o Espírito Santo. Pois o Pai inteiro e o Espírito Santo inteiro estavam essencial e perfeitamente no Filho inteiro, mesmo encarnado, enquanto eles próprios não eram encarnados, mas um queria a encarnação, por sua benevolência, enquanto o outro a cumpria com o Filho que por si só a operava, uma vez que o Verbo permaneceu em seu próprio intelecto e em sua própria vida, ao mesmo tempo em que não era compreendido na essência por nada outro do que o Pai e o Espírito, quando, por amor ao homem, cumpriu a união na hipóstase da carne.

Ele, o Verbo, deu a filiação, concedendo pelo Espírito, na graça, o nascimento que veio do alto sobrenaturalmente e a deificação correspondente, que estão guardados e conservados em Deus pela escolha daqueles que nascem. Esta escolha afeta a alma que pede uma disposição inata: ela adorna a beleza que a graça dá pela prática atenta dos mandamentos; e pela *kénose* das paixões, ela se apropria da divindade enquanto que o Verbo de Deus, conforme a economia, esvazia voluntariamente a si mesmo de sua própria glória sem mistura, ao se fazer verdadeiramente homem.

Ele tornou os homens dignos de receber a mesma honra que os anjos, não apenas por ter, após haver pacificado pelo sangue de sua cruz o que está nos céus e na terra[592] e depois de haver batido a inércia das potências inimigas que enchem o espaço entre o céu e a terra, demonstrado que é única a assembleia das potências terrestres e celestes que recebem em partilha os dons divinos, uma vez que a natureza humana, na única e mesma vontade, celebra com alegria, com as potências do alto, a glória de Deus; mas também porque, depois de haver cumprido a economia de nossa salvação e de se ter elevado com o corpo que havia assumido, uniu em si o céu e a terra, religou o sensível ao inteligível, e mostrou que a natureza criada é uma, que ela forma um todo unido a si mesmo, até em suas partes extremas, pela virtude e o conhecimento da causa primeira. Assim, ele quis significar misteriosamente, penso eu, por meio daquilo que ele cumpriu, como a razão é a união do que havia sido separado, e como a irracionalidade é a divisão daquilo que havia sido unido. E nós aprendemos a nos apropriar da razão pela ação, a fim de nos unirmos não apenas aos homens pela virtude, mas também a Deus, pelo conhecimento, nos destacando dos seres.

O Verbo nos comunicou a vida divina, fazendo a si próprio alimento, como ele próprio sabia e como sabiam os que receberam dele este sentido do intelecto, um sentido tal que, provando deste alimento eles souberam por

589 Cf. *I Timóteo* II, 5.
590 Cf. *João* XIV, 9.
591 Cf. *Efésios* II, 18.
592 Cf. *Colossenses* I, 20.

um conhecimento verdadeiro que o Senhor é bom[593], e que, para os deificar, ele transforma os que comem misturando-os a uma qualidade divina, pois ele é e é chamado claramente de pão de vida e de poder[594].

Ele restabeleceu a natureza devolvendo-a a si mesma, não apenas porque, tornado homem, ele manteve diante da natureza sua vontade impassível, calma e imperturbável em seu próprio fundamento natural, mesmo diante daqueles que o crucificavam, escolhendo por eles a morte ao invés da vida, como o demonstra o caráter voluntário da Paixão, confirmado pela disposição que levou Aquele que sofreu a Paixão a amar o homem; mas também porque ele "aboliu a inimizade pregando na cruz a caução do pecado[595]", por cuja causa a natureza guerreava implacavelmente contra si mesma e porque, depois de haver chamado os que estavam próximos e os que estavam distantes – ou seja, os que estavam sob a Lei e os que não estavam submetidos a ela – e de haver destruído o muro de separação, ou seja, de ter dito o que era a Lei dos mandamentos em seus segredos, ele criou os dois em um só homem novo, fazendo a paz e nos reconciliando em si mesmo com o Pai[596] e uns com os outros, para que não tivéssemos mais em nós a vontade oposta à razão da natureza e que fôssemos imutáveis em nossa vontade como o somos em nossa natureza.

Ele purificou a natureza da lei do pecado, porque ele não permitiu que o prazer preceda sua encarnação por nós. Sua concepção foi feita sem semente, paradoxalmente, e seu nascimento foi sobrenaturalmente feito sem corrupção. Com toda a evidência, o Deus que foi gerado deste modo mais alto do que a natureza encerrou em sua mãe, com seu nascimento, os laços da virgindade e libertou toda a natureza do poder da Lei que a dominava, naqueles que o desejam e o imitam em sua morte voluntária fazendo morrer de encontro aos sentidos seus membros que estão sobre a terra. Pois o mistério da salvação é para aqueles que o desejam, não para os que o recebem.

Ele destruiu a tirania do maligno que nos dominou com suas enganações. Pois, projetando a carne como uma arma contra o maligno, ele venceu a carne vencida em Adão, a fim de mostrar que esta carne, que havia tomado o fruto e dele recebido a morte, tomou aquele que a havia dominado e destruiu sua vida pela morte natural; e para mostrar também que ela se tornou para ele um veneno destinado a lhe fazer vomitar todos os que havia engolido, pois ele deteve o poder da morte; assim ela se tornou para a raça dos homens uma vida que permite fermentar como uma massa toda a natureza para que a vida ressuscite, esta vida pela qual, justamente, o Verbo, que é Deus[597], se fez homem (coisa nova e verdadeiramente estranha) e aceitou voluntariamente a morte na carne. De tudo isto, como eu disse, encontraremos a demanda nas palavras da oração.

Com efeito, ela fala do Pai, do nome do Pai e do Reino. Ela mostra, de resto, que quem reza é filho deste Pai na graça. Ela pede que aqueles que estão no céu e os que estão na terra provenham de uma única vontade. Ela prescreve pedir o pão *épiousios*[598]. Ela dá aos homens a lei da reconciliação: e, pelo fato de perdoar e ser perdoado, ela religa a natureza a si mesma para que ela não seja dividida pela diferença das vontades. Ela ensina a se esforçar, pela prece, a não cair em tentação, que é a lei do pecado. E ela exorta a que nos libertemos do maligno. Era preciso, com efeito, que aquele que cumpriu ele próprio os bens e os deu aos que acreditaram nele e imitaram sua conduta na carne, fosse também o que os ensinou como a discípulos, oferecendo-lhes os fundamentos desta vida, as palavras da oração, estas palavras por meio das quais ele revelou os

593 *Salmo* XXXIV, 9.
594 Cf. *João* VI, 48; Salmo LXXVII, 25.
595 *Colossenses* II, 14.
596 Cf. *Efésios* II, 14.
597 Cf. *João* I, 1.
598 *Épiousious*: conforme a derivação, pode significar o pão "que vem" ou o pão "supra-essencial", que é mais do que o ser do mundo.

tesouros ocultos da sabedoria e do conhecimento[599] que permaneciam especificamente nele, uma vez que ele conduziu com toda evidência para a fruição de seus tesouros o desejo daqueles que pediram.

É por isso que, penso eu, o Verbo denominou oração este ensinamento que carrega em si o pedido dos dons que, pela graça, Deus concede aos homens. Assim, nossos Pais inspirados por Deus expuseram e definiram a oração dizendo que a prece é uma demanda daquilo que Deus concede naturalmente aos homens conforme lhe apetece. Do mesmo modo, eles expuseram que o voto é uma profissão, ou seja, uma promessa daquilo que os homens oferecem a Deus quando lhe prestam um culto legítimo. E eles estabeleceram que a Escritura dá testemunho disto de muitas maneiras. Ela diz: "Faça seus votos e ofereça-os ao Senhor nosso Deus[600]", e: "Aquilo que eu prometi, eu lhe oferecerei, Senhor[601]". Isto quanto à promessa. Quanto à oração, ela diz: Senhor todo-poderoso, Deus das Potências, se você quiser atender à sua serva e dar um fruto ao seu seio[602]", e "Ezequias, rei de Judá, e o profeta Isaías, filho de Amós, oraram ao Senhor[603]". E disse o Senhor aos seus discípulos: "Quando vocês rezarem, digam: Pai nosso que estais nos céus[604]". Assim, a promessa pode ser a guarda dos mandamentos decidida pela vontade daquele que faz o voto, e a prece pode ser a demanda que aquele que guardou os bens faz para ter parte nos bens que guardou. Ou antes, o voto pode ser o combate pela virtude, que Deus recebe com benevolência, como uma oferenda; e a prece é a recompensa da virtude, que Deus dá em retorno, cheia de alegria.

599 Cf. *Colossenses* II, 3.
600 *Salmo* LXXVI, 12.
601 *Jonas* II, 10.
602 *I Samuel* I, 10-11.
603 *II Crônicas* XXXII, 20.
604 *Mateus* VI, 9-10.

COMENTÁRIO

Portanto, como ficou demonstrado que a oração é a demanda de bens que o Verbo encarnado concede, avancemos com confiança, aproximando-nos d'Aquele que nos ensina as palavras da prece e pondo cuidadosamente a nu pela contemplação, na medida do possível, o sentido de cada palavra, como o próprio Verbo costuma fazer para nosso bem dando a compreender o poder do pensamento daquele que fiz:

"Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso reino[605]".

Com estas palavras, o Senhor ensina aos que oram a iniciar como convém pela teologia e os ensina no mistério como existe a causa criadora dos seres, ele que é, por essência, a causa dos seres. As palavras da oração apontam, com efeito, o Pai, o nome do Pai e o Reino do Pai, para que aprendamos a partir da origem mesma a venerar, invocar e adorar a Trindade una. Pois o nome de Deus Pai, este nome que existe essencialmente, é o Filho único. E o Reino de Deus Pai, este Reino que existe essencialmente, é o Espírito Santo. Aquilo que aqui Mateus chama de Reino, outro evangelista denomina algures de Espírito Santo, ao dizer: "Que venha o Espírito Santo e que ele nos purifique[606]". Com efeito, o Pai não adquiriu seu nome na sequência, e tampouco nós concebemos o Reino como uma dignidade considerada depois dele. Ele não começou a ser, para começar também a ser Pai ou Rei. Mas ele é sempre, e é igualmente sempre Pai e Rei, pois ele não precisou absolutamente começar a ser, nem começar a ser Pai ou Rei. Ora, se ele que é sempre, é sempre Pai e Rei,

605 *Mateus* VI, 9-10.
606 *Lucas* XI, 2, de acordo com determinados manuscritos.

então o Filho e o Espírito Santo sempre existiram na essência do Pai. Eles são naturalmente dele e estão nele, para além da causa e da razão, mas não depois dele, como vindos a seguir a partir de uma causa. Pois a relação possui a faculdade de mostrar simultaneamente: ela não permite que sejam considerados um após outro aqueles dos quais ela é e é chamada de relação.

Portanto, ao iniciarmos nossa oração somos conduzidos a honrar a Trindade consubstancial e supra-essencial como causa criadora de nossa gênese. Além disso, aprendemos a anunciar para nós mesmos a graça da filiação, uma vez que somos considerados dignos de chamar de Pai, pela graça, Aquele que nos criou por natureza. Assim, reverenciando a invocação d'Aquele que nos engendrou pela graça, nos esforçamos para transparecer na vida que levamos as marcas d'Aquele que nos fez nascer: santificamos seu nome sobre a terra, o imitamos como a um Pai, nos mostramos filhos seus por nossos atos e glorificamos naquilo que pensamos e fazemos o Filho do Pai por natureza, o qual opera esta filiação. Ora, nós santificamos o nome do Pai pela graça nos céus mortificando, claramente, o desejo provocado pela matéria e nos purificando das paixões corruptoras, pois a santificação é a total imobilidade e a mortificação da concupiscência dos sentidos. Quando atingimos esta condição, apaziguamos os mugidos inconvenientes do ardor, pois não temos mais a concupiscência para excitá-lo e persuadi-lo a defender nossos prazeres: a concupiscência foi mortificada pela santidade conforme a razão. Pois o ardor que, por natureza, vinga a concupiscência, cessa de ser furioso quando a vê mortificada.

É assim com todo o direito que, pela rejeição do ardor e da concupiscência chega, seguindo-se à prece, o poder do Reino de Deus Pai para aqueles que, depois de despojados, são considerados dignos de dizer: "Venha a nós o vosso Reino". Vale dizer, o Espírito Santo, pois, graças à razão e ao modo da mansidão, estes já se tornaram templos de Deus pelo Espírito[607]. De fato, foi dito: "Sobre quem repousarei eu, senão sobre aquele que é manso e humilde e que teme minhas palavras?[608]" Daí fica claro que o Reino de Deus Pai pertence aos humildes e aos mansos, conforme foi dito: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra[609]". Não se trata desta terra colocada pela natureza no meio do universo que Deus prometeu como herança aos que o amam, se é verdade o que ele disse: "Quando eles ressuscitarem, já não tomarão esposos e esposas, mas serão como os anjos nos céus[610]", e também: "Venham, benditos de meu Pai, herdem o Reino que foi preparado para vocês desde a fundação do mundo[611]". Também foi dito a um outro que havia servido com benevolência: "Entre na alegria do Senhor[612]". E segundo o Apóstolo divino: "Pois a trombeta soará, os que estão mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, incorruptíveis. Depois nós, os vivos, que permanecemos, seremos arrebatados com eles para as nuvens, ao encontro do Senhor no espaço, e assim estaremos sempre com o Senhor[613]".

Uma vez que são estas as promessas feitas aos que amam o Senhor, quem jamais poderá dizer – se for conduzido pelo Verbo e se desejar ser servidor do Verbo – que o céu, o Reino preparado desde a fundação do mundo, a jóia misteriosamente oculta do Senhor e, para os que são dignos, o fato de que permanecerão resolutamente e sem descontinuidade junto ao Senhor, são coisas semelhantes à terra? Agora, no entanto, penso poder afirmar que a terra consiste no estado e na potência firmes e imutáveis suscitados pela beleza da retidão dos mansos, pois ela está sempre com o Senhor,, ela carrega uma alegria incessante, ela conquistou o Reino preparado desde a

607 Cf. *Efésios* II, 21-22.
608 *Isaías* LXVI, 2.
609 *Mateus* V, 4.
610 *Mateus* XXII, 30.
611 *Mateus* XXV, 34.
612 *Mateus* XXV, 21.
613 *I Tessalonicenses* IV, 16-17.

origem e foi tornada digna do lugar e da ordem do céu, tal qual uma terra cujo posto no meio do universo é a razão da virtude, segundo a qual o homem manso que está no meio permanece impassível entre o louvor e a difamação, nem inchado pelos elogios, nem entristecido pelas difamações. Pois depois de haver afastado o desejo destas coisas das quais ela é livre por natureza, a razão já não sente seus ataques quando elas a perturbam: ela descansou de sua agitação e transportou toda a potência da alma para o porto da liberdade divina desembaraçada de toda e qualquer ação, esta liberdade que o Senhor desejava transmitir aos seus discípulos. Ele disse: "Carreguem minha carga e aprendam comigo que sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão o repouso de suas almas[614]". Ele chamou de repouso a potência do Reino divino, esta potência que suscita naqueles que são dignos uma soberania livre de qualquer servidão.

Ora, se a potência indestrutível do Reino em estado puro é dada aos humildes e aos mansos, quem seria a tal ponto sem amor e sem desejo dos bens divinos para não tender ao extremo para a humildade e a mansidão, a fim de se tornar a marca do Reino de Deus – na medida em que isto é possível ao homem – levando em si aquilo que, pela graça, lhe dá uma forma espiritual semelhante à de Cristo, o qual é naturalmente por essência o grande Rei? Quando adquirimos esta forma, diz o Apóstolo divino, "não há mais homem nem mulher[615]", ou seja, nem ardor nem concupiscência. O ardor empurra tiranicamente o pensamento e o faz afastar-se da lei da natureza da reflexão. E a concupiscência desvia o desejo para aquilo que está depois da causa, ao invés de orientá-lo para a causa única e para a natureza única, que é a única desejável e impassível. Ao fazer isto, ela concede à carne mais honrarias do que ao espírito e encontra mais delícias no desfrutar do visível do que na glória e no esplendor do inteligível: pela doçura do prazer dos sentidos, ela afasta o intelecto da percepção divina inata dos inteligíveis.

614 *Mateus* XI, 29.
615 *Gálatas* III, 28.

Mas quando alcançamos uma forma semelhante à de Cristo, não resta mais do que a razão somente, a qual, por um acréscimo de virtude, se despoja até o fim da ternura e da afetividade pelo corpo, que são impassíveis, mas que também são naturais. A partir daí, o espírito domina perfeitamente a natureza e convence o intelecto a abandonar a filosofia moral e a se unir ao Verbo supra-essencial pela contemplação simples e indivisível, ao mesmo tempo em que contribui naturalmente para que o intelecto se separe facilmente das coisas que escoam no tempo. Uma vez ultrapassadas estas coisas, não cabe mais impor como um manto um caminho ético para aquele que se mostrou separado do sensível.

É isto o que quis dizer claramente o grande Elias quando, por suas ações, mostrou em imagens este mistério[616]. Quando ele foi arrebatado ao céu, ele deu seu manto a Eliseu (ou seja, a mortificação da carne, por meio da qual ele assegurou a magnificência da boa ordem moral) para que assistisse o espírito no combate contra as potências adversas e para bater a natureza instável que escoava – esta natureza cuja imagem é o Jordão – a fim de que não fosse impedido de passar para a terra santa o discípulo engolido por tudo o que há de confuso e escorregadio na tendência para as coisas materiais. Quanto a ele, avançou na direção de Deus, liberto, totalmente desembaraçado daquilo que o ligava aos seres, simples em seu desejo e sem nenhuma composição em sua vontade, para estabelecer sua morada junto d'Aquele que é simples por natureza, por intermédio das virtudes gerais unidas entre si, atreladas ao conhecimento como cavalos de fogo. Ele sabia, com efeito, que o discípulo de Cristo devia se afastar das disposições desiguais cujas diferenças estabelecem o caráter alienante, pois a paixão da concupiscência provoca um empanzinamento ao redor do coração e o movimento do ardor faz manifestamente ferver o sangue. Alcançando o movimento, a vida e o ser de Cristo[617], ele afastou de si as

616 Cf. II *Reis* II.
617 Cf. *Atos* XVII, 28.

coisas desiguais e estrangeiras (pois já não trazia em si as disposições passionais, estas disposições contrárias de que falei, que são como homem e mulher) a fim de a razão não fosse submetida a estas coisas, alterada por suas mudanças instáveis, ela na qual foi naturalmente infundida a santidade da imagem divina para persuadir a alma a se transformar por sua vontade na semelhança de Deus e pertencer ao grande Reino que está em sua essência com Deus Pai de todas as coisas , como uma morada luminosa do Espírito Santo, morada que recebe, se podemos nos exprimir assim, o poder de conhecer a natureza divina, na medida em que isto é possível. Por este poder desaparece naturalmente a origem do inferior e subsiste naturalmente a origem do superior, a alma, semelhantemente a Deus, guardando intacta em si mesma pela graça de sua vocação a hipóstase dos bens que lhe foram dados. E por este poder, Cristo nasce sempre, como quer, misteriosamente, encarnando-se através daqueles a quem salva: ele faz da alma grávida uma mãe virgem, que não traz, para dizê-lo em poucas palavras, como na relação entre homem e mulher, as marcas da natureza submetida à corrupção e à geração.

Que ninguém se espante de ver a corrupção vir antes da geração. De fato, se examinarmos sem paixão e com razão direita a natureza daquilo que nasce e daquilo que morre, veremos claramente que a geração extrai sua origem da corrupção e depois termina na corrupção. Ora, as paixões que são os sinais da corrupção – essas paixões de que falei – Cristo (ou seja, a vida e a razão de Cristo e segundo Cristo) não as tem, pois é verdade o que foi dito: “Pois em Jesus Cristo não existe homem nem mulher”, mostrando assim, com toda evidência, os sinais e as paixões da natureza submetida à corrupção e à geração. Existe apenas uma razão semelhante a Deus, suscitada pelo conhecimento divino, e um movimento único da vontade que escolhe apenas a virtude.

“Nem grego, nem judeu[618]”. Grego e judeu significam concepções diferentes, ou, para falar mais exatamente, opostas, da crença em Deus. Uma introduz com fartura uma multitude de origens e divide a origem única em energias e potências opostas: torna-se um culto politeísta em plena dimensão, tão numerosos são os deuses adorados, e risível, tantos e tão diversos são os modos de adoração. A outra introduz uma origem única, mas estreita e imperfeita, quase inconsistente, como que desprovida de razão e de vida. Indo em sentido contrário, ela cai num mal idêntico ao da primeira concepção: o ateísmo. Ela limita a uma só pessoa a origem única, que existe sem o Verbo e sem o Espírito, ou que foi suscitada pelo Verbo e o Espírito. Ela não enxerga que tipo de Deus é este Deus provado de Verbo e de Espírito, ou de que modo ele é Deus se tem parte no Verbo e no Espírito como acidentes, por uma participação próxima daquela dos seres racionais submetidos à geração.

Como eu disse, nenhuma destas concepções está em Cristo. Nele não existe mais do que uma concepção de verdadeira piedade e uma sólida lei de teologia mística, que recusa distender a divindade, como a primeira concepção, e que não aceita reduzi-la, como a segunda. Assim, não existe nem dissensão pela natural pluralidade, como entre os gregos, nem submissão à unidade da hipóstase, como entre os judeus, dentre os quais, privado do Verbo e do Espírito ou suscitado pelo Verbo e pelo Espírito, o divino não é venerado como Inteligência, Verbo e Espírito. A nós que, pela vocação da graça segundo a fé, fomos introduzidos no conhecimento da verdade, a concepção cristã ensina a saber que a natureza e a potência da divindade são únicas, e que, portanto, existe um só Deus, contemplado no Pai, no Filho e no Espírito Santo: Inteligência única, sem causa, existente por essência, que engendrou o Verbo único, sem começo, existente por essência, e que é fonte da vida eterna única, existente por essência, como Espírito Santo, Trindade na Unidade e Unidade na Trindade.

Não como um outro dentro de um outro, pois a Trindade não está contida na Unidade como um acidente está contido na essência, e, inversamente, a Unidade tampouco está com tida na Trindade como acidente, pois ela não

618 *Gálatas* III, 28; *Colossenses* III, 11.

possui qualidade própria.

Nem como um outro e um outro: pois a Unidade não difere da Trindade por uma diferença de natureza, uma vez que sua natureza é simples e única.

Nem como um outro que se segue a outro: pois a Trindade não se distingue da Unidade por um relaxamento da potência, nem a Unidade se distingue da Trindade por este mesmo relaxamento; ela não difere dela também como algo de comum e de semelhança geral entre partes e que não pudesse ser contemplada senão por um pensamento único, pois ela é uma essência que existe propriamente por si mesma, e uma potência que possui em si sua própria força.

Nem como um outro a partir de um outro: pois a Trindade não provém da Unidade, pois ela não é engendrada e gera a si mesma.

Afirmamos e acreditamos que uma só coisa é em verdade Unidade e Trindade. Ela é Unidade em razão da essência. E é Trindade pelo modo de existência. Uma só coisa é inteiramente Unidade, sem ser partilhada pelas hipóstases; e ela mesma é inteiramente Trindade, sem que se confunda com a Unidade. Assim, o politeísmo não é introduzido pela divisão, nem o ateísmo pela confusão. Fugindo a uma e outra, resplandece a concepção cristã. Chamo de concepção cristã a nova proclamação da verdade: "Nele não existe homem nem mulher", ou seja, nem os sinais nem as paixões da natureza submetida à corrupção e à geração. "Não existe grego nem judeu": não existem concepções opostas da divindade. "Não há circunciso nem incircunciso", portanto não existem cultos correspondentes a estas concepções: um – o culto da circuncisão – através dos símbolos da Lei, considera que a criação visível é má e acusa o Criador de ser o autor dos males; o outro – o culto da incircuncisão – através das paixões, deifica a criação e subleva a criatura contra o Criador. Ambos desembocam no mesmo mal: o ultraje a Deus. "Não há bárbaro nem cita", ou seja, não existe distensão da vontade que leva a natureza única a se voltar contra si própria, esta distensão por cuja causa introduziu-se entre os homens a lei contra a natureza que os leva a se destruírem mutuamente. "Não existe escravo nem homem livre", ou seja, não há divisão da mesma natureza de encontro à vontade, pois a divisão traz consigo o desprezo por aquele que por natureza é digno da mesma honra; ela traz em si, como uma lei que a confirma, a tendência dos mestres despóticos de tiranizar a imagem de Deus. Mas "Cristo é tudo em todos[619]", ele que, por intermédio daquilo que ultrapassa a natureza e a lei, suscita no Espírito a formação do Reino sem começo, formação assinalada naturalmente pela marca da humildade e da doçura de coração, como foi demonstrado, e cuja reunião significa o homem perfeito criado segundo Cristo. Com efeito, todo homem humilde é também manso, e todo homem manso é humilde. Ele é humilde, porque sabe que o ser lhe foi emprestado; e ele é manso, porque sabe utilizar as potências da natureza que lhe foram dadas. Ele coloca estas potências a serviço da razão para engendrar a virtude. E ele reduz com perfeição sua atividade nos sentidos. É por isso que em seu intelecto ele está em permanente movimento para Deus, mas não produz nenhum movimento nos sentidos quando experimenta simultaneamente todas as coisas que afligem o corpo, nem imprime em sua alma traço algum de tristeza para substituir o estado de bem-aventurança que reside nela. Pois ele não considera que a dor dos sentidos seja uma privação do prazer. Ele só conhece um prazer: a vida em comum da alma com o Verbo, cuja privação sim é um tormento que não tem fim e que engloba naturalmente todos os séculos. É por isso que, abandonando este corpo e tudo o que é do corpo, ele se dirige intensamente para a vida em comum com Deus. De fato, ele considera como o único dano, ainda que fosse ele mestre de tudo o que há sobre a terra, perder a deificação pela graça, esta deificação que ele espera acima de tudo.

---

619 Para o conjunto destas citações, cf. *Colossenses* III, 11 e *Gálatas* III, 28.

Assim, purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito[620], a fim de santificar o nome de Deus extinguindo a concupiscência indecentemente varrida pelas paixões. E afoguemos sob a razão o ardor levado à fúria pela desordem dos prazeres, a fim de acolher o Reino de Deus Pai, que vem pela mansidão, e de acrescentar às primeiras palavras as palavras seguintes da oração, dizendo:

"Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.[621]*"*

Aquele que, unicamente pela potência da razão desembaraçada da concupiscência e do ardor, oferece misticamente a Deus o culto de adoração, cumpre a vontade divina sobre a terra, do mesmo modo como as ordens dos anjos nos céus. Ele adora e vive constantemente com os anjos, como diz o grande Apóstolo: "Nossa cidadania está nos céus[622]", onde não existe concupiscência para relaxar pelos prazeres as tensões do intelecto, nem ardor raivoso para rosnar de inveja contra o semelhante. Nos céus não há outra coisa do que a pura razão, que conduz naturalmente os seres racionais à razão primeira. É somente nela que Deus se regozija, e é somente ela que ele nos pede, a nós seus servidores. É o que ele quis dizer quando fez o grande Davi falar: "O que existe para mim no céu, e que poderei eu querer de outro sobre a terra?[623]" Ora, nada há nos céus que seja oferecido a Deus pelos anjos senão a adoração da razão, esta adoração que ele nos pede ensinando-nos a dizer quando rezamos: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu".

Que nossa razão se coloque, assim, à procura de Deus, que a potência da concupiscência se esforce por desejá-lo, e que o ardor se esforce por guardá-lo, ou, para falar mais precisamente, que todo o intelecto se volte para Deus, tensionado pelo ardor como uma corda, e queimando de desejo pelo apelo extremo da concupiscência. Pois, imitando desta maneira os anjos do céu, adoraremos a Deus continuamente mostraremos possuir sobre a terra a mesma cidadania que eles, e como eles não teremos o intelecto voltado para nada além do que aquilo que nos aproxima de Deus. Pois, assumindo esta cidadania conforme nossos votos receberemos como um pão *épiousios* e vivificante para nutrir nossas almas e conservar em bom estado os bens que nos foram dados, o Verbo que disse: "Eu sou o pão que desceu dos céus e que dá vida ao mundo[624]". Assim, ele se torna tudo para nós na medida em que somos alimentados de virtude e sabedoria, e, de maneira inversa, como ele o sabe, ele toma um corpo em cada um dos que foram salvos, mesmo que ainda estejam neste século, segundo o poder do texto da oração, que diz:

"O pão épiousios nos daí hoje.[625]*"*

Eu penso, com efeito, que "hoje" significa "este século". Assim, para interpretarmos com a maior clareza possível esta passagem da oração, diríamos: nosso pão, que você preparou no começo para a imortalidade da natureza[626], nos dê hoje, a nós que estamos na vida presente destinados à imortalidade, para que a morte do pecado seja vencida pelo alimento do pão da vida e do conhecimento, que a transgressão do mandamento divino impediu ao primeiro homem de tomar parte[627]. Pois se ele tivesse se saciado com este alimento divino, ele não teria sido presa da morte pelo pecado.

De resto, aquele que ora para receber este pão *épiousios* jamais o acolhe inteiramente tal como ele é, mas cada qual o acolhe na medida de sua

620 Cf. *II Coríntios* VII, 1.
621 *Mateus* VI, 10.
622 *Filipenses* III, 20.
623 *Salmo* LXXIII, 25
624 *João* VI, 33.
625 *Mateus* VI, 11.
626 Cf. *Gênese* II, 9.
627 Cf. *Gênese* III, 19.

capacidade em recebê-lo. Pois o pão da vida, em seu amor pelo homem, é dado a todos os que o pedem, mas não da mesma maneira a todos. Aos que fizeram grandes obras é dado mais; aos que fizeram obras menores é dado menos. Ele é dado, portanto, a cada um conforme o possa acolher a dignidade de seu intelecto. Ora, o Salvador revelou-me o sentido dessas palavras quando prescreveu explicitamente aos seus discípulos que não se preocupassem com o alimento sensível, quando disse: "Não se aflijam em suas almas sobre o que irão comer ou o que irão beber, nem em seus corpos com o que irão vestir. Todas estas coisas, as nações do mundo as buscam. Mas procurem antes o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas lhes serão dadas em acréscimo[628]". Assim, como poderia ele ensinar a rezar por coisas que antes ele ordenava não buscar? É claro que ele não prescreveu pedir, na oração, aquilo que, pelo mandamento, ele exortou a não procurar. Pois não se pode pedir na oração senão aquilo que se deve buscar pelo mandamento. Aquilo que não nos foi ordenado pelo mandamento tampouco nos é permitido solicitar pela prece. Se o Salvador ordenou que buscássemos apenas o Reino de Deus e sua justiça, é razoável que seja também este Reino que ele incentivou aos que desejam os dons divinos a pedir na oração, a fim de que, depois de haver confirmado a graça daquilo que é naturalmente solicitado pela oração, ele pudesse ligar, à vontade d'Aquele que concede a graça, a resolução dos que demandam, tornando esta resolução idêntica à vontade de Deus pela união que as liga.

Se nos foi ordenado pedir também pela oração o pão de cada dia por meio do qual nossa vida presente é conservada naturalmente, não ultrapassemos os limites da oração atribuindo-nos cupidamente longos períodos de anos. Não nos esqueçamos de que somos mortais e que nossa vida passa como uma sombra. Peçamos pela prece, sem nenhuma preocupação, o pão para um dia, e mostremos que, segundo a filosofia de Cristo, passamos a vida a nos preparar para a morte, protegendo a alma dos cuidados com as coisas do corpo, a fim de que ela não seja acorrentada ao corruptível desviando para a matéria a finalidade do desejo natural e não aprenda a cupidez, que priva da abundância dos bens divinos.

Fujamos portanto, na medida de nossas possibilidades, do amor à matéria, e livremos os olhos de nosso intelecto, como de uma poeira, daquilo que liga a ela. Contentemo-nos com as simples coisas que nos permitem subsistir, evitando aquelas que dão prazer à nossa vida presente. E peçamos a Deus, ademais, como nos foi ensinado, poder manter a alma livre de qualquer servidão, nunca submetida a nenhuma coisa visível por causa do corpo. Mostremos que comemos para viver, e não sejamos acusados de que vivemos para comer. Pois a primeira é nitidamente própria de uma natureza dotada de razão, enquanto a outra é própria de uma natureza desprovida de razão. Guardemos rigorosamente a oração, mostrando por nossos próprios atos que estamos firmemente ligados apenas e tão somente à vida no Espírito, e que é visivelmente para possuirmos esta vida no Espírito que usamos nossa vida presente. É ainda por causa desta vida no Espírito que nos contentamos de usar assim nossa vida presente, na medida em que não nos é recusado confortá-la apenas pelo pão e de manter intacto seu bom estado natural, na medida em que nos é permitido, não a fim de viver, mas a fim de viver para Deus[629], fazendo do corpo submetido à razão pelas virtudes um anjo da alma, e fazendo da alma levada pela firmeza do bem um mensageiro de Deus, enfim, limitando este pão a um dia apenas, sem ousar estender a demanda a um segundo dia, por causa d'Aquele que nos deu a oração. Assim agindo conforme a potência da prece, possamos, com efeito, avançar com toda pureza para as palavras seguintes, e dizer:

"Perdoai as nossas dívidas assim como perdoamos os nossos devedores.[630]"

Aquele que, conforme a primeira extensão da contemplação das palavras

628 *Mateus* VI, 25. 31-33.

629 Cf. *Gálatas* II, 19.

630 *Mateus* VI, 12.

precedentes, busca na oração, neste século cujo símbolo dissemos ser o "hoje", o pão incorruptível da sabedoria de que fomos privados inicialmente pela transgressão, este, sabendo que o único prazer consiste em alcançar as coisas divinas, cujo acesso é dado naturalmente por Deus e cuja guarda cabe à resolução voluntária de quem as recebe, e sabendo também que a única dor é a falta destas coisas divinas cuja perda é inspirada pelo diabo (mas cumprida por quem abandona o divino pelo relaxamento da vontade sem proteger com seu amor aquilo que deveria ser honrado por uma disposição desta vontade), este, cuja resolução não se inclina para nada de visível e que, por causa disso, não está submetido às coisas penosas que acontecem a seu corpo, este verdadeiramente perdoa aqueles que pecam contra ele. Pois absolutamente ninguém pode lançar mão sobre o bem a que ele se dedica com todo seu desejo, este bem que acreditamos ser por natureza inalcançável. E ele próprio se torna para Deus um exemplo de virtude, se podemos dizê-lo, convidando o Inimitável a imitá-lo quando diz: "Perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos nossos devedores". Ele pede a Deus que faça por ele o mesmo que ele faz por seu próximo. Como ele perdoa as dívidas àqueles que pecaram contra ele, ele pede que suas próprias dívidas lhe sejam perdoadas por Deus. Vale dizer que, como Deus em sua impassibilidade perdoa aos que perdoam, também ele, permanecendo impassível naquilo que lhe acontece, perdoa aos que o ofenderam, não permitindo a nenhuma lembrança daquilo de penoso que lhe aconteceu se imprima em seu intelecto, a fim de não ser acusado de romper a natureza por sua vontade, afastando-se de outro homem, ele que também é homem. De fato, uma vez que a vontade está assim unida à razão da natureza, a reconciliação de Deus com a natureza se faz naturalmente. De outra maneira não é possível natureza revoltada contra si mesma pela razão acolha a inexprimível compaixão divina. É sem dúvida por isso que Deus quer que nos reconciliemos primeiro uns com os outros, não para aprender conosco a se reconciliar com os pecadores e a consentir na quitação de suas numerosas e terríveis faltas, mas a fim de nos purificar das paixões e mostrar que a disposição dos que são perdoados corresponde à relação da graça. Ora, ele quis dizer claramente que, se a vontade estiver unida à razão da natureza, a escolha dos que cumprirem com sucesso esta união não estará em dissensão com deus, uma vez que ele não deseja nada de irrazoável na razão da natureza, que é também a lei natural e divina, quando o movimento da vontade se faz segundo esta razão. E se não há nada de irrazoável na razão da natureza, é verossímil que a vontade movida por esta razão terá sua atividade continuamente votada a Deus, qual uma disposição efetiva suscitada pela graça d'Aquele que é bom por natureza, para engendrar a virtude.

É neste estado que encontra, ao rezar, aquele que pede o pão do conhecimento. E depois dele, o que pede o pão de cada dia, apesar da natureza, achar-se-á no mesmo estado: tendo perdoado as dívidas aos que lhe deviam, por saber-se mortal por natureza, e aguardando na incerteza a cada dia aquilo que lhe permitirá viver naturalmente, ele ultrapassa a natureza com sua vontade e, por si mesmo, morre para o mundo, conforme as palavras: "Por sua causa somos levados à morte todos os dias, somos considerados como cordeiros destinados à imolação[631]". É por isso que ele se reparte em libação para todos[632], a fim de não levar consigo nenhuma marca da miséria do século presente quando de sua passagem para a vida que não envelhece, e receber do Juiz do universo a recompensa se suas obras anteriores aqui em baixo. Uma disposição pura voltada para aqueles que os afligiram é necessária tanto a um como ao outro para o benefício de ambos, por causa de tudo o que foi dito, mas sobretudo por causa do poder das palavras que restam e que dizem o seguinte:

"Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal[633]"

Pois a Escritura nos mostra com estas palavras que aquele que não perdoou

631 *Salmo* XLIV, 23, citado em *Romanos* VIII, 36.
632 Cf. *Filipenses* II, 17.
633 *Mateus* VI, 13.

perfeitamente aos que o ofenderam e que não ofereceu a Deus seu coração puro de toda tristeza, iluminado pela luz da reconciliação com o próximo, perderá a graça dos bens pelos quais orou e, por um justo julgamento, será abandonado à tentação do maligno, a fim de aprender a se purificar de suas faltas deixando de condenar os outros. A tentação significa aqui a lei do pecado, que o primeiro homem não carregava quando foi criado. O mal significa o diabo, que misturou esta lei à natureza humana e que persuadiu o homem a transportar o desejo de sua alma daquilo que lhe era permitido para o que era proibido e de se voltar para a transgressão do mandamento divino, que lhe fez perder a incorruptibilidade que a graça lhe havia concedido.

Também podemos denominar "tentação" a tendência voluntária da alma para as paixões da carne. E podemos chamar de "mal" o cumprimento ativo da tendência passional. E o Juiz não libera de nenhum dos dois – nem da tentação, nem do mal – quem não perdoou as dívidas aos seus devedores, ainda que este lhe peça na oração, mas, ao contrário, ele permite que este homem seja manchado pela lei do pecado, e abandona ao domínio do mal aquele cuja vontade é dura e cortante, pois ele preferiu as paixões da infâmia semeadas pelo diabo à natureza criada por Deus. Deus não o impede de tender voluntariamente para as paixões da carne e não o livra do cumprimento ativo de sua tendência passional pois, ao considerar menos a natureza do que as paixões inconsistentes, ele, em seu ardor pelas paixões, ignora a razão da natureza. Sob a autoridade desta razão ele o fará conhecer qual é a lei da natureza e qual a das paixões, cuja tirania é suscitada em nós por uma escolha da vontade, mas não pela natureza. Ser-lhe-á necessário ainda preservar a lei da natureza pelas atividades naturais, afastar da vontade o ardor pelas paixões, salvaguardar pela razão a natureza que por si só é pura e irrepreensível, fazer com que por sua vez a vontade se torne irrepreensível, sem ódio e sem dissensão, e que acompanhe a natureza não se aplicando a nada que não seja suscitado pela razão da natureza, com isto rejeitando todo ódio e toda dissensão em relação a quem lhe é semelhante por natureza, a fim de que, ao dizer esta oração ele seja atendido e receba de Deus uma dupla graça ao invés de uma simples, a saber o perdão das faltas passadas e a proteção e redenção das faltas futuras: Deus não permitirá que ele caia em tentação e não deixará o maligno subjugá-lo, pelo simples fato de haver perdoado diligentemente as dívidas ao seu próximo.

Portanto, também nós, para retrocedermos um pouco retomando sucintamente o significado do que foi dito, se quisermos nos livrar do mal e não cair em tentação, acreditemos em Deus e perdoemos as dívidas a quem nos deve. Com efeito, foi dito: "Se vocês não perdoarem aos homens seus pecados, tampouco o Pai celeste lhes perdoará os seus[634]". Assim, não apenas receberemos o perdão das faltas que cometemos, como também venceremos a lei do pecado, se não formos levados a experimentá-la. E pisotearemos a serpente maligna, que engendrou esta lei e da qual pedimos ser libertados. Pois Cristo, que venceu o mundo[635], nos leva ao combate. Ele nos dá como armas as leis dos mandamentos e, fazendo-nos rejeitar as paixões por intermédio destas leis, ele religa pelo amor a natureza a ela mesma, ele conduz nosso desejo insaciavelmente para si próprio que é o pão da vida, de sabedoria, de conhecimento e de justiça, e, pelo cumprimento da vontade paterna, ele faz de nós adoradores semelhantes aos anjos, a partir do momento em que refletiremos, imitando-o em nossa conduta de vida, a beatitude celeste. Enfim, daí ele nos elevará para o Pai das luzes[636], na suprema ascensão do divino, e nos fará comungar da natureza divina[637] concedendo-nos parte na graça do Espírito, pela qual seremos consagrados filho de Deus revestindo inteiramente, sem limite nem mancha, Aquele que por si só opera esta graça e que é por natureza o Filho do Pai, de quem, por quem e em quem temos e teremos o ser, o

634 *Mateus* VI, 15.
635 Cf. *João* XVI, 33.
636 Cf. *Tiago* I, 17.
637 Cf. *II Pedro* I, 4.

movimento e a vida[638].

Que a finalidade da prece seja para nós o olhar voltado para este mistério da deificação, a fim de que saibamos em lugar de quê a *kénose* do Filho único na carne nos tornou aquilo que somos e de onde, e onde, pelo poder de sua mão que ama o homem, ele fez subir aqueles que haviam tocado o fundo do universo, sobre o qual fôramos precipitados pelo peso do pecado, para que assim possamos amar daqui em diante Aquele que, com tanta sabedoria, nos preparou tal salvação. Com aquilo que fazemos, mostremos que a oração está cumprida e manifestemos, proclamando-o, que Deus é verdadeiramente Pai pela graça. E mostremos claramente que não temos o maligno como pai de nossas vidas, o qual, por meio das paixões da infâmia, tenta sempre dominar tiranicamente a natureza, e não tomemos contra nossa vontade a morte em lugar da vida, uma vez que cada um dos adversários divide naturalmente com os que vão contra eles. Um concede a vida eterna aos que o amam; outro, sugerindo que cedamos voluntariamente às tentações, suscita a morte naqueles que dele se aproximam.

Pois, conforme as Escrituras, existem dois modos de tentação. Um leva ao prazer, outro à dor; um é deliberado, outro involuntário. Um engendra o pecado e nos foi ordenado pelo ensinamento do Senhor rezar para evitá-lo, ao dizer: "Não nos deixeis cair em tentação[639]", e: "Vigiem e rezem, a fim de não cair em tentação[640]". O outro protege do pecado, invertendo por acréscimos involuntários de penas nossa tendência a desejá-lo. Se o suportarmos com paciência, e sobretudo se não nos ligarmos a ele pelas cadeias da malícia, ouviremos o apóstolo Tiago dizer precisamente: "Considerem como uma alegria total, irmãos, cair diante de todas as sortes de tentações, pois a prova de sua fé suscitará a paciência, e a paciência suscitará a experiência. Quer a experiência traga consigo uma obra perfeita[641]". O maligno, em suas enganações, dedica-se aos dois tipos de tentação ao mesmo tempo, à voluntária e à involuntária. Semeando e excitando a alma por meio dos prazeres do corpo, ele trama a primeira para afastar nosso desejo do amor divino. E, querendo alterar a natureza por meio da dor, ele solicita falaciosamente a segunda, a fim de abrigar a alma abatida, enfraquecida pelas penas, a emitir pensamentos que irão separá-la do Criador.

Mas nós, uma vez que descobrimos os desígnios do maligno, afastemo-nos da tentação voluntária, a fim de não separarmos nosso desejo do amor divino, e suportemos nobremente, com paciência, a tentação involuntária que nos acontece com a permissão de Deus a fim de tornar manifesto que preferimos à natureza o Criador da natureza. E possamos todos, que invocamos o nome de nosso Senhor Jesus Cristo[642], sermos separados dos prazeres presentes do maligno e libertados das dores por vir, pela participação na hipóstase real dos bens futuros[643], que veremos no próprio Cristo nosso Senhor, que, com o Pai e o Espírito Santo é glorificado por toda a criação. Amém.

638 Cf. *Atos* XVII, 28.
639 *Mateus* VI, 13.
640 *Mateus* XXVI, 11.
641 *Tiago* I, 2-3; *Romanos* V, 4.
642 Cf. *Atos* II, 21.
643 Cf. *Hebreus* XI, 1.

THALASSIUS O AFRICANO

SOBRE O AMOR, A TEMPERANÇA E A CONDUTA DO INTELECTO

Thalassius o Africano

Nosso santo Padre Thalassius, que se tornou padre e higoumeno, viveu sob o regime de Constantino Pogonato, por volta do ano 660. Ele foi contemporâneo de são Máximo, que lhe endereçou um conjunto de questões escritas e suas soluções. As quatro presentes centúrias de capítulos, redigidas por ele foram inseridas aqui para grande socorro espiritual de nossos leitores.

*

Thalassius o Africano, ou o Líbio, higoumeno de um mosteiro na Líbia no século VII, teria sido um desses grandes monges que parraram quase sem deixar traços, se sua vida não tivesse sido ligada ao testemunho histórico de Máximo o Confessor. Este, quando de seu exílio depois de 626, foi beneficiado com sua hospitalidade, escreveu-lhe inúmeras cartas[644], dedicou-lhe suas duas centúrias sobre a teologia e, sobretudo, redigiu, para responder às suas interrogações, uma de suas principais obras, as Questões a Thalassius. Ele próprio se dizia seu discípulo[645]. É verdade que o higoumeno teve que confortar o errante, mas também é certo que Thalassius se colocou sob a escola do gênio teológico de Máximo.

Em todo caso, existe um paralelismo formal entre suas quatro centúrias sobre o amor, a temperança e a conduta do intelecto, e as quatro centúrias do Confessor sobre o amor: mesma estrutura, mesmo título, mesmo tema, mesma concisão. Notaremos apenas o gosto que Thalassius mostra pelas construções rigorosas e imbricadas. Os capítulos das quatro centúrias são todos reduzidos à sua expressão mais simples: sentenças breves, muitas

---

[644] *Cartas* 9, 26, 40-42.
[645] Cf. *Carta* 9 (PG 91, 449A: *Opúsculos*, ibid. 29D).

vezes feitas de duas frases complementares ou contrastantes, à maneira dos provérbios bíblicos, e sempre construídas sobre suas letras iniciais que em conjunto formam um acróstico[646]. Mas a forma lapidar apenas coloca em relevo o fundo comum no qual, ligando-se e se desligando ao sabor das sentenças, passam os grandes temas filocálico.

Primeiro o amor absoluto, o *eros* divino, o amor tensionado para Deus, portanto o amor igual por todos. E paradoxalmente, junto com este amor, a temperança (mestra das paixões e totalmente contida) que permite ao amor a todos se tornar verdadeiramente amor a Deus. Depois a hesíquia (a retirada do criado, a "bela hesíquia", como diz Thalassius), a ascese do corpo, a ascese do intelecto, a prece, a deificação ("Deus está sobre a terra, o homem está nos céus"). Enfim, para além de toda inteligência, a teologia, conhecimento apofático[647] de Deus e contemplação do invisível a partir daí.

Entre Máximo e Thalassius não existe outra influência do que a da energia divina. É a mesma literatura filocálica, feita de osmose e de comunhão, dedicada ao testemunho e à transmissão. Longe de ser um apêndice da obra do Confessor, as quatro centúrias de Thalassius, como um exercício cotidiano da vida monástica, podem ser consideradas uma semente pura e dura.

[646] Os apócrifos estão apresentados em grego e português, no início de cada centúria.
[647] Apófase: refutação feita pelo autor daquilo que afirmara anteriormente.

DE NOSSO SANTO PADRE TEÓFORO THALASSIUS O AFRICANO, SOBRE O AMOR, A TEMPERANÇA E A CONDUTA DO INTELECTO, AO PADRE PAULO

PRIMEIRA CENTÚRIA

ACRÓSTICO

ΠΝΕΥΜΑΤΙΚΩ ΑΔΕΛΦΩ ΚΑΙ ΑΓΑΠΗΤΩ ΚΥΡΙΩ ΠΑΥΛΩ, ΘΑΛΑΣΣΙΟΣ, ΤΩ ΜΕΝ ΦΑΙΝΟΜΕΝΩ ΗΣΥΧΑΣΤΗΣ, ΤΗ Δ΄ΑΛΗΘΕΙΑ ΠΡΑΓΜΑΤΕΥΤΗΣ ΚΕΝΟΔΟΞΙΑΣ

Para meu irmão espiritual amado senhor Paulo. Thalassius, que parece hesiquiasta, mas que é na verdade um estudioso de vaidades.

1. Um desejo inteiramente tensionado para Deus liga a Deus e liga entre si os que desejam.

2. Um intelecto que adquiriu o amor espiritual não leva em conta nada que não convenha ao amor, quando considera o próximo.

3. Quem bendiz com a boca mas despreza com o coração[648] esconde a hipocrisia sob uma cobertura de amor.

4. Quem adquiriu o amor suporta sem se perturbar as coisas aflitivas e penosas suscitadas pelos inimigos.

5. Somente o amor une a criação a Deus e os seres entre si na concórdia.

[648] Cf. *Salmo* 61 (62): 5.

6. Possui o verdadeiro amor aquele que não tolera nem suspeitas nem palavras contra o próximo.

7. Quem não empreende nada que possa destruir o amor é honrado por Deus e pelos homens.

8. É típica do amor sincero uma palavra verdadeira que provém de uma boa consciência.

9. Quem reporta a um irmão as censuras que vêm de outro esconde a inveja sob o manto da benevolência.

10. Assim como as virtudes carnais atraem a glória dos homens, as espirituais atraem a glória de Deus.

11. O amor e a temperança purificam a alma, mas a prece pura ilumina o intelecto.

12. É um homem forte aquele que, pela ação e o conhecimento, expulsa o mal.

13. Encontra graça junto a Deus quem adquiriu a impassibilidade e o conhecimento espiritual.

14. Se você quiser vencer os pensamentos passionais, adquira a temperança e o amor ao próximo.

15. Guarde-se da intemperança e da raiva, e você não encontrará nada que seja um obstáculo no momento da oração[649].

16. Assim como não é possível sentir perfumes no lodo, também é impossível sentir o bom odor do amor numa alma rancorosa.

17. Domine vigorosamente o ardor e a concupiscência e você logo se livrará dos maus pensamentos.

18. O trabalho oculto suprime a vanglória, e não desprezar a ninguém expulsa o orgulho.

19. Características da vanglória são a hipocrisia e a mentira; do orgulho, a presunção e a inveja.

20. Pode comandar a outros quem comandou a si mesmo e submeteu à razão a alma e o corpo.

21. A autenticidade de um amigo se manifesta na provação, quando ele comunga de nossa infelicidade.

22. Firme seus sentidos por meio da hesíquia, e julgue os pensamentos que são colocados no seu coração.

23. Responda sem ressentimento aos pensamentos que o afligem, mas mostre sua aversão aos pensamentos que amam o prazer.

24. A hesíquia, a oração, o amor e a temperança são o quádruplo arreio que eleva aos céus o intelecto.

25. Consuma seu corpo por meio dos jejuns e das vigílias, e você expulsará o carrasco, o pensamento do prazer.

26. Assim como a cera se funde ao fogo[650], também o pensamento impuro derrete diante do temor a Deus.

---

[649] Cf. Evagro, *Sobre a oração*, 13.

[650] *Salmo* 67 (68): 3.

27. Faz mal à alma prudente deixar por muito tempo o intelecto envolvido com uma paixão condenável.

28. Suporte os ataques do que o entristece e aflige, pois é por meio deles que a providência divina o purifica.

29. Se você rejeitou a matéria e se desligou do mundo, desligue-se agora dos maus pensamentos.

30. A obra que compete ao intelecto é de sempre estudar a palavra de Deus.

31. Assim como a obra de Deus consiste em dirigir o mundo, a obra da alma consiste em governar o corpo.

32. Com que esperança iremos ao encontro de Cristo, nós que até hoje estamos subjugados aos prazeres da carne?

33. A vida dura e a aflição – voluntárias ou suscitadas pela Providência – apagam o prazer.

34. O amor ao dinheiro é a matéria das paixões, pois ele aumenta o prazer que abarca tudo.

35. A perda do prazer engendra a tristeza, mas o prazer estava ligado a todas as paixões.

36. Você será medido por Deus com a mesma medida que você usa para medir tudo em relação a seu corpo[651].

37. As obras dos julgamentos divinos são as justas retribuições daquilo que foi feito pelo corpo.

38. A virtude e o conhecimento geram a imortalidade, mas sua privação é a mãe da morte.

39. A tristeza conforme a Deus apaga o prazer, e a desaparição do prazer é a ressurreição da alma.

40. A impassibilidade é a imobilidade da alma diante do mal. É impossível atingi-la sem a compaixão de Cristo.

41. Cristo é o Salvador da alma e do corpo; quem seguir suas pegadas estará livre do mal.

42. Se você quiser obter a salvação, rejeite o prazer e tome sobre si a temperança e o amor, juntamente com uma prece assídua.

43. O discernimento verdadeiro é típico da impassibilidade. Faça tudo com tal discernimento, observando a medida e a regra.

44. Jesus Cristo é nosso Senhor e nosso Deus. O intelecto que o seguir não andará nas trevas[652].

45. Recolha seu intelecto e guarde seus pensamentos. E combata os que achar passionais.

46. Existem três canais pelos quais você recebe os pensamentos: os sentidos, a memória e o temperamento do corpo. Os pensamentos mais importunos provêm da memória.

47. Aquele a quem foi dada a sabedoria conhece as razões dos incorporais:

---

[651] Cf. *Mateus* 7: 2.

[652] Cf. *João* 12: 46.

qual o começo e qual o fim do mundo.

48. Não negligencie a prática e sua inteligência será iluminada. Foi dito: “Eu lhe abrirei secretamente tesouros invisíveis[653]”.

49. Quem se liberta das paixões encontra a graça de Deus. Quem se torna digno do conhecimento encontra sua grande piedade.

50. O intelecto liberto das paixões se torna luminoso; ele é iluminado sem cessar pela contemplação dos seres.

51. A luz da alma é o santo conhecimento. Privado disto, o insensato caminha nas trevas[654].

52. Insensato é aquele que vive nas trevas; as trevas da ignorância o seguem.

53. Quem ama a Jesus será liberto do mal, e quem o segue verá o verdadeiro conhecimento.

54. O intelecto liberto das paixões vê os pensamentos nus, quando vela sobre o coro e durante o sono.

55. O intelecto purificado ao extremo sente-se apertado no meio dos seres; ele quer se afastar de todas as criaturas.

56. Bem-aventurado aquele que alcançou o infinito sem limites; ele chegou a ultrapassar tudo o que tem um fim.

57. Quem venera a Deus busca as suas razões. Quem é presa da verdade as encontra.

58. O intelecto movido pela retidão encontra a verdade; mas o intelecto movido por qualquer paixão a perderá.

59. Assim como Deus não pode ser conhecido em sua essência, também em sua grandeza ele é infinito.

60. Se uma essência não tem começo nem fim, é impossível descobrir sua natureza.

61. A salvação de toda a criação é a providência mais do que boa com a qual o Criador a cerca.

62. Em sua compaixão, o Senhor sustenta todos os que caem, e levanta todos os que foram derrubados.

63. Cristo dá a justa retribuição aos vivos e aos mortos, e às ações de cada qual.

64. Se você quiser comandar a alma e o corpo, antes de tudo afaste as causas da paixão.

65. Una as virtudes às potências da alma, e elas se afastarão totalmente da tirania das paixões.

66. Refreie os impulsos do desejo com a temperança. E refreie os impulsos do ardor com o amor espiritual.

67. A hesíquia e a prece são as armas supremas da virtude. Pois, purificando o intelecto, elas o tornam clarividente.

68. A conversa é útil, mas apenas a conversa espiritual. Quanto às demais

---

[653] *Isaías* 45: 3 LXX.
[654] Cf. *Salmo* 81 (82): 5; *Eclesiastes* 2: 14.

conversas, a hesíquia é preferível elas.

69. Dos cinco modos de conversação, escolha os três primeiros, não frequente o quarto e evite o quinto.

70. Quem não é afetado pelas coisas do mundo ama a hesíquia. E quem não ama as coisas humanas, ama a todos os homens.

71. A consciência é um verdadeiro mestre. Quem a obedece está sempre protegido contra tropeços.

72. A consciência não julga aqueles que sozinhos vão até o fim da virtude, ou até o fim do mal.

73. A impassibilidade extrema afina os pensamentos, e o conhecimento extremo conduz até Aquele que é mais do que incognoscível.

74. A perda dos prazeres é uma aflição vergonhosa; quem despreza os prazeres permanece sem aflição.

75. A aflição geralmente é a privação do prazer, quer seja concebida segundo Deus, quer seja concebida segundo o mundo.

76. O Reino de Deus é a bondade e a sabedoria; quem as descobriu é cidadão dos céus[655].

77. É miserável o homem que, em suas obras, preferiu o corpo à alma e o mundo a Deus.

78. Quem não inveja os bons e se apieda dos maus traz em si o amor a todos.

[655] Cf. *Filipenses* 3: 20.

79. Quem coloca as coisas da virtude como uma lei na alma e no corpo deveria sempre comandar.

80. Executa uma obra espiritual aquele que rejeita do mesmo modo os encantos e as aflições da vida em função das coisas do século por vir.

81. O amor e a temperança fortificam a alma; a prece pura e a contemplação espiritual fortalecem o intelecto.

82. Quando você ouvir um discurso útil, não julgue aquele que fala, a fim de não se privar da advertência que lhe fará bem.

83. A má vontade deseja o mal e, desconhecendo as ações direitas do próximo, as considera como defeitos.

84. Não dê confiança ao pensamento que julga o próximo, pois, sendo o mal seu tesouro[656], ele considera o mal.

85. O bom coração carrega bons pensamentos, pois é em direção ao seu tesouro que vão as reflexões.

86. Guarde seus pensamentos e fuja da malícia, a fim de que o intelecto entenebrecido não tome uma coisa pela outra.

87. Considere os judeus e guarde a si mesmo, pois, cegos pela inveja, eles ignoraram seu Senhor e seu Deus e tomaram-no por Belzebu[657].

88. Uma suspeita maldosa entenebrece o intelecto e o faz considerar, ao invés do caminho, a via contrária[658].

[656] CF. *Mateus* 6: 21; 12: 35.
[657] Cf. *Mateus* 10: 25.
[658] Cf. *Eclesiastes* 3: 24.

89. Os vícios foram colados às virtudes. É por isso que os bandidos ignoram as virtudes e as transformam em vícios.

90. O intelecto que se demora no prazer ou na aflição logo cai na paixão da acídia.

91. Uma consciência pura eleva a alma; mas um pensamento imundo a afunda na terra.

92. Quando suscitamos as paixões, elas expulsam a vanglória. Mas quando as apagamos, elas a fazem retornar.

93. Se você quiser se desembaraçar de todas as paixões de uma vez, tome sobre si a temperança, o amor e a oração.

94. O intelecto que, pela oração, passa seu tempo com Deus, liberta as paixões da parte passional da alma.

95. Deus, que fez ser as criaturas, ligou todas as coisas à sua providência.

96. Ele, que é mestre e se fez escravo[659], revelou à criação o cume de sua providência.

97. Deus o Verbo, que se encarnou sem se alterar, uniu-se na carne a toda a criação.

98. Um estranho milagre aconteceu no céu e na terra: Deus está sobre a terra, e o homem está nos céus.

99. Depois de ter unido os homens aos anjos, ele concedeu a deificação a todo o mundo criado.

100. A santificação e a deificação dos anjos e dos homens é o conhecimento da Trindade santa e consubstancial.

101. O perdão dos pecados é a libertação das paixões. Quem, pela graça, ainda não se viu livre das paixões, é porque ainda não descobriu o perdão.

---

[659] Cf. *Filipenses* 2: 6-7.

SEGUNDA CENTÚRIA

ACRÓSTICO

ΕΥΞΑΙ ΥΠΕΡ ΕΜΟΥ ΑΔΕΛΦΕ ΤΙΜΙΩΤΑΤΕ,
ΟΤΙ ΜΕΓΑΛΑ ΚΑΚΑ ΠΡΟΣΔΟΚΩ,
ΑΞΙΑ ΤΗΣ ΕΜΗΣ ΠΡΟΑΙΡΕΣΕΩΣ, ΛΥΠΑΣ ΤΗ ΨΥΧΗ
ΚΑΙ ΟΔΥΝΑΣ ΤΩ ΣΩΜΑΤΙ.

Ore por mim, honesto irmão, porque estou esperando coisas muito ruins contra a minha vontade, tristeza na minha alma e dores no meu corpo.

1. Se você quiser se livrar dos vícios com um só golpe, rejeite a mãe dos vícios, o amor por si mesmo.

2. A saúde da alma consiste na impassibilidade e no conhecimento, coisas impossíveis de se atingir enquanto somos escravos dos prazeres.

3. A temperança unida à paciência e o amor unido à longanimidade secam os prazeres do corpo e da alma.

4. O começo dos males da alma foi o egoísmo. Ora, o egoísmo não passa do amor que dedicamos ao corpo.

5. É característico da natureza racional submeter-se à razão, trabalhar arduamente e sujeitar o corpo[660].

6. A desmedida, para a natureza racional, consiste em se submeter à irracionalidade e se deixar levar por desejos infamantes[661].

[660] Cf. I *Coríntios* 9: 27.
[661] Cf. *Romanos* 13: 14.

7. A má obra da alma dotada de razão consiste em desleixar o Criador e servir ao corpo.

8. Foi-nos ordenado fazer do corpo um servidor, e não sermos submetidos contra a natureza aos seus prazeres.

9. Rompa os laços de amor que você com seu corpo, e não conceda nada ao seu servidor que não seja absolutamente necessário.

10. Encerre seus sentidos na cidadela da hesíquia, a fim de que eles não arrastem o intelecto aos seus próprios desejos.

11. As maiores armas daquele que, com paciência, leva sua vida na hesíquia são a temperança e o amor, a atenção e a leitura.

12. O intelecto não cessa de traçar um círculo em torno dos prazeres, até conseguir se consagrar à contemplação, depois de haver sujeitado a carne.

13. Combatamos pelos mandamentos, a fim de nos livrarmos das paixões. E combatamos pelos dogmas divinos, para que nos tornemos dignos do conhecimento.

14. A imortalidade da alma consiste na impassibilidade e no conhecimento. Quem permanece sujeito aos prazeres é incapaz de obtê-la.

15. Conduza duramente o corpo despojando-o dos prazeres e livre-o de toda servidão dolorosa.

16. Criado livre e chamado à liberdade[662], não suporta estar submetido às sugestões da impureza.

[662] Cf. *Gálatas* 5: 13.

17. Por meio das aflições e dos prazeres, dos desejos e dos medos, os demônios amarram o intelecto ao sensível.

18. O temor a Deus domina os desejos; e a tristeza conforme a Deus liberta do prazer.

19. O desejo de sabedoria despreza o medo, e o prazer do conhecimento expulsa a aflição.

20. As Escrituras contêm estas quatro coisas: os mandamentos, os dogmas, as ameaças e as promessas.

21. A temperança e as penas detêm a concupiscência. A hesíquia e o *eros* divino a reduzem.

22. Não fira seu irmão com palavras maldosas. Pois se você tivesse que sofrer o mesmo tratamento, você não suportaria.

23. A paciência e a ausência de ressentimentos detêm a cólera. O amor e a compaixão a reduzem.

24. A quem recebeu o conhecimento foi dada a luz do intelecto. Mas quem, depois de haver recebido esta luz, a desonra, verá as trevas.

25. A observância dos mandamentos de Deus engendra a impassibilidade. E a impassibilidade da alma preserva o conhecimento.

26. Faça subir o sensível até a contemplação intelectual, e você arrastará os sentidos acima do sensível.

27. O sensível feminino simboliza a alma ativa; quando o intelecto se une a ela, ela gera as virtudes.

28. O estudo das palavras de Deus ensina o conhecimento de Deus a quem busca a verdade, com desejo e piedade.

29. O que a luz representa para o que vê e o que é visto, representa Deus para o que pensa e o que é pensado.

30. O firmamento sensível simboliza o firmamento da fé, no qual os santos brilham como luminares.

31. Jerusalém é o conhecimento celeste dos incorporais. É nela onde se contempla a paz.

32. Não negligencie a ação quando diminuir o conhecimento; e se vier a fome, você descerá para o Egito[663].

33. A libertação das paixões é a liberdade intelectual, à qual ninguém chega sem a compaixão de Cristo.

34. O Reino dos céus é a terra prometida, suscitada pela impassibilidade e o conhecimento.

35. O entenebrecimento das paixões é o Egito, para onde ninguém vai se não tiver sentido fome.

36. Se seu ouvido frequenta as palavras espirituais, seu intelecto se afastará dos pensamentos impuros.

37. Somente Deus é bom e sábio por natureza. Mas o intelecto se torna bom e sábio por participação, se se aplicar a isto.

38. Domine o ventre, o sono, o ardor e a língua, e seu pé não se ferirá na

---

[663] Cf. *Gênesis* 41: 57 e 46: 6.

pedra[664].

39. Esforce-se por amar todos os homens igualmente, e você afastará todo o conjunto das paixões.

40. A contemplação do sensível é comum ao intelecto e aos sentidos. Mas o que é característico do intelecto é o conhecimento do inteligível.

41. É impossível ao intelecto se consagrar ao inteligível se ele não tiver rompido toda relação com os sentidos e com o sensível.

42. Os sentidos têm um pendor natural para as coisas sensíveis, e eles distraem o intelecto, que se deixa arrastar e passa a girar em torno deles.

43. Incline os sentidos a serviço do intelecto, e não lhes dê tempo para arrastá-lo em sentido contrário.

44. Quando ocorrer de o intelecto se ocupar de coisas sensíveis, arraste os sentidos na direção contrária, conduzindo para o intelecto tudo o que está próximo.

45. Este é o sinal de que o intelecto se ocupa do inteligível: ele despreza tudo o que adula os sentidos.

46. Quando o intelecto se abre à contemplação do inteligível, é difícil arrancá-lo do prazer que ele extrai disto.

47. Quando o intelecto se enriquece com o conhecimento da unidade, ele mantém sujeitos os sentidos.

48. Impeça seu intelecto de girar ao redor das coisas sensíveis, a fim de não colher nelas o prazer e a aflição.

49. Naqueles em quem o intelecto se consagra continuamente às coisas de Deus, mesmo a parte sensível se torna uma arma divina.

50. É impossível que o intelecto se dedique ao conhecimento, se primeiro não expulsar para longe de si, por suas próprias virtudes, a parte sensível.

51. O intelecto se torna estrangeiro às coisas do mundo quando interrompe totalmente sua relação com os sentidos.

52. É típico da parte racional da alma consagra-se ao conhecimento de Deus, e é típico da parte sensível consagrar-se ao amor e à temperança.

53. É impossível que o intelecto se ocupe realmente do sensível se não houver nenhuma paixão que o arraste para ele.

54. Perfeito é o intelecto afeito ao conhecimento. E perfeita a alma que se mistura às virtudes.

55. A relação que liga os sentidos ao intelecto o torna escravo dos prazeres do corpo.

56. Quando a parte sensível da alma é conduzida para fora das virtudes que lhe são próprias, o intelecto é levado para fora do lugar do conhecimento.

57. Nós recebemos a faculdade de nos tornarmos filhos de Deus[665]. Mas se não nos despojarmos das paixões, jamais nos tornaremos tais.

58. Ninguém deve considera que se tornou realmente filho de Deus se não tiver em si próprio as marcas divinas.

---

[664] Cf. *Salmo* 90 (91): 12.

[665] Cf. *João* 1: 12.

59. Aquilo que permite nos juntarmos ao bem ou ao mal faz de nós filhos de Deus ou filhos de Satanás.

60. O homem prudente é atento a si mesmo[666]: ele se apressa em se livrar de qualquer mancha.

61. A alma endurecida não sente quando é fustigada, e não se dá conta de seu benfeitor.

62. Uma veste manchada nos interdita participar das bodas divinas e nos atira nas trevas exteriores[667].

63. Quem teme a Deus cuida de sua alma e se afasta de toda má relação.

64. Quem é desleixado e se sujeita aos prazeres é incapaz de descobrir a compaixão de Deus.

65. Foi Jesus quem disse, mesmo que não acreditemos, que não se pode servir a dois senhores[668].

66. A alma manchada de paixões se torna endurecida; sem amputação e sem cauterização, ela não suporta crer.

67. Julgamentos terríveis aguardam os corações duros. Pois sem grandes penas eles não aceitam amolecer.

68. O homem prudente vela sobre si mesmo, e por meio de penas voluntárias ele evita as penas involuntárias.

69. A alma deve assumir a vida dura e a humildade, pois é por meio delas que Deus perdoa os nossos pecados.

70. Assim como as concupiscências e cóleras multiplicam os pecados, a temperança e a humildade os apagam.

71. A tristeza conforme a Deus parte o coração; mas ela é gerada pelo temor do castigo.

72. A tristeza conforme a Deus purifica o coração e afasta dele as manchas do prazer.

73. A paciência é o amor às penas na alma. Onde existe o amor às penas, o amor ao pecado é banido.

74. Todo pecado provém do prazer, e todo perdão nos vem da vida dura e da aflição.

75. A providência faz cair nas penas involuntárias a quem não se aplica a se arrepender pelas penas voluntárias.

76. Cristo é o Salvador do mundo inteiro, e ele deu para a salvação dos homens o arrependimento.

77. A observância dos mandamentos gera o arrependimento e purifica a alma.

78. A purificação da alma é a libertação das paixões, e a libertação das paixões gera o amor.

79. É pura a alma que ama a Deus. Do mesmo modo, é puro o intelecto que se desembaraçou da ignorância.

---

[666] Cf. *Êxodo* 23: 21.
[667] Cf. *Mateus* 22: 12-13.
[668] Cf. *Mateus* 6: 24.

80. Combata até a morte pelos mandamentos de Cristo. Pois, purificado por eles, você entrará na via.

81. Trate o corpo como um servidor dos mandamentos, guardando-o tanto quanto possível longe de todo o prazer e de toda enfermidade.

82. A revolta da carne provém da negligência em relação à prece, à frugalidade e à bela hesíquia.

83. A bela hesíquia faz nascer lindas crianças: a temperança, o amor e a oração pura.

84. A leitura e a oração purificam o intelecto. O amor e a temperança purificam a parte sensível da alma.

85. Mantenha a temperança sempre igual, a fim de não cair nos caminhos contrários por falta de equilíbrio.

86. Quem estabelece uma lei para si mesmo não a transgrida. Pois quem engana a si mesmo se ilude.

87. As almas passionais são ocasos inteligíveis; é sobre elas que se põe o Sol de justiça.

88. Filho de Deus é quem se faz semelhante a Deus por meio da bondade e da sabedoria, do poder e da justiça.

89. O estado de malícia é a enfermidade da alma, mas o pecado ativo é a sua morte.

90. A impassibilidade total é a despossessão inteligível. Quando o intelecto chega a este ponto ele parte para longe das coisas daqui.

91. Mantenha num mesmo acordo as virtudes da alma, pois é daí que nascerá o fruto da justiça.

92. Diz-se que a contemplação dos inteligíveis é incorpórea, pois ela é inteiramente desprendida da matéria e da forma.

93. Assim como os quatro elementos nascem da matéria e da forma, também nascem assim os corpos feitos de matéria e de forma.

94. Quando o Verbo se fez carne[669] em seu amor pelo homem, ele não mudou aquilo que ele era, nem modificou aquilo no que se tornou.

95. Assim como dizemos que o único e mesmo Cristo nasceu da divindade e da humanidade, e que ele existe em sua divindade e sua humanidade, também afirmamos que ele nasceu das duas naturezas e que existe nas duas naturezas.

96. Nós confessamos em Cristo uma única hipóstase indivisivelmente unida em duas naturezas.

97. Nós pensamos que a única hipóstase de Cristo é sem divisões, e que a união das naturezas é sem confusão.

98. Nós adoramos a essência da Divindade, uma em três Pessoas, e confessamos a santa Trindade consubstancial.

99. As três hipóstases têm cada qual como característica a paternidade, a filiação e a sucessão. E elas têm em comum a essência, a natureza, a divindade e a bondade.

---

[669] Cf. *João* 1: 12.

TERCEIRA CENTÚRIA

ACRÓSTICO

ΠΛΗΝ ΚΑΚΑ ΚΥΡΙΩΣ ΟΥ ΤΑ ΤΗΝ ΣΑΡΚΑ ΜΕΝ ΚΑΚΟΥΝΤΑ, ΤΗΝ ΔΕ ΨΥΧΗΝ ΚΑΘΑΙΡΟΝΤΑ. ΤΑ ΔΕ ΤΗΝ ΣΥΝΕΙΔΗΣΙΝ ΛΥΠΟΥΝΤΑ, ΤΕΡΠΟΝΤΑ ΔΕ ΤΗΝ ΣΑΡΚΑ.

Mas as coisas ruins não são as dores do corpo, mas as que quebram a alma, entristecem a consciência, mas dão prazer ao corpo.

1. Pense somente o bem daquele que é bom por natureza; e tenha belos pensamentos a respeito de todos os homens.

2. No dia do Juízo Deus nos pedirá contas de nossas palavras, nossas obras e nossos pensamentos.

3. O costume da virtude ou do vício nos leva a pensar, dizer ou fazer o que é bom ou o que é mau.

4. O intelecto dominado pelas paixões pensa o que é inconveniente; depois as palavras e as ações manifestam o pensamento.

5. A paixão precede o mau pensamento; os sentidos são a causa da paixão; e a causa do mau uso dos sentidos é manifestamente o intelecto.

6. Firme os sentidos, combata a presunção e destrua as paixões por meio das armas dos mandamentos.

7. O vício inveterado precisa de uma longa ascese. Pois o hábito enraizado não muda de um golpe.

8. A ascese mantida pela temperança e o amor, pela paciência e a hesíquia, suprime aquilo que nos oprime.

9. Leve continuamente o intelecto à oração e você destruirá os pensamentos que chegam ao coração.

10. A ascese requer paciência e longanimidade. Pois o amor durável às penas bane o amor pelo prazer.

11. É fácil se dedicar às penas da ascese se você o fizer moderadamente e entro das regras.

12. Mantenha sempre igual a medida da ascese, e você não romperá a regra sem necessidade.

13. Assim como o amor e a temperança purificam os pensamentos, a contemplação e a oração abatem as alturas do orgulho[670].

14. As penas da ascese, como o jejum, a vigília, a paciência e a longanimidade tornam a consciência pura.

15. Quem suporta os ataques das tentações involuntárias se torna humilde, possui a boa esperança e é experiente.

16. A paciência é na alma um amor sem sofrimento que nasce das penas voluntárias e das tentações involuntárias.

17. A constância nas vicissitudes faz afundar a malícia, e manter-se até o

---

[670] Cf. II *Coríntios* 10: 5.

fim paciente acaba por destruí-la por completo.

18. A intrusão das penas aflige os sentidos, e a irrupção da tristeza arranca o prazer.

19. Existem quatro paixões gerais, das quais a providência se serve opondo-as entre si.

20. Pois a intrusão da tristeza reduz o prazer e o medo do castigo derruba a concupiscência.

21. Um intelecto prudente exercita sua alma e acostuma o corpo à ascese.

22. Livrando-se das paixões, esforce-se por mostrar que o monge não é o homem exterior, mas o interior.

23. A primeira renúncia é se desembaraçar das coisas. Mas a segunda e a terceira renúncias consistem em se desprender das paixões e da ignorância.

24. Para quem quer, é fácil se desprender das coisas. Mas é muito difícil se desprender dos pensamentos voltados para as coisas.

25. Dominando o desejo você se tornará mais forte do que o ardor, porque o desejo é a causa que suscita o ardor.

26. Já nos desembaraçamos dos pensamentos passionais e recebemos em troca a prece pura e imaterial, ou ainda não?

27. Grande é o intelecto que se desprendeu das paixões, que se separou dos seres e que vive com Deus.

28. É um filósofo quem progride nestas três vias: nos mandamentos, nos dogmas e na fé na Santíssima Trindade.

29. O intelecto separado das paixões se encontra aqui: nos pensamentos simples, na contemplação dos seres e na sua própria luz.

30. As piores paixões estão escondidas em nossa alma, e elas aparecem quando afastamos as coisas.

31. O intelecto que descobriu uma impassibilidade parcial eventualmente escapa à perturbação, mas ainda não possui a experiência da ausência das coisas.

32. As paixões são suscitadas por estas três coisas: pela memória, pela compleição do corpo e pelos sentidos, conforme já dissemos.

33. O intelecto que fechou os sentidos e acalmou a compleição do corpo permanece em guerra apenas com a memória.

34. Quando faltam a temperança e o amor espiritual as paixões são suscitadas pelos sentidos.

35. O jejum calculado, a vigília e a salmodia apaziguam naturalmente a compleição do corpo.

36. Estas três causas alteram, e evidentemente degradam a compleição do corpo: a desordem do regime alimentar, a mudança de ares e o contato com os demônios.

37. Despojamo-nos das lembranças passionais por meio da prece, da leitura, da temperança e do amor.

38. Primeiro feche os sentidos por meio da hesíquia, e então combata as lembranças com as armas das virtudes.

39. O vício da reflexão é o mau uso dos pensamentos, e o pecado ativo é o mau uso das coisas.

40. O mau uso dos pensamentos e das coisas consiste em não utilizá-los com piedade e justiça.

41. As paixões vergonhosas são entraves ao intelecto, pois o encerram nas coisas sensíveis.

42. Existe uma impassibilidade perfeita, que não é afetada nem pelas coisas nem pelas suas lembranças.

43. Uma boa alma faz o bem ao próximo. Se este é ingrato para com ela, ela é paciente a respeito; se a faz sofrer, ela suporta o mal que lhe é feito.

44. Os maus pensamentos são males reais: quem não se desembaraçar deles não poderá ser instruído pelo conhecimento.

45. Quem escuta a Cristos se ilumina, e que o imita se endireita.

46. O ressentimento é lepra da alma. Ele chega a ela por causa de uma desonra, de uma aflição, ou de uma suspeita gerada em seus pensamentos.

47. O Senhor cega o intelecto invejoso, pois este se aflige injustamente diante dos bens do próximo.

48. Uma alma maledicente tem uma língua de três pontas. Pois ela faz mala si própria, a quem a escuta e até aquele em quem ela pensa.

49. Quem ora por seu opressor não tem ressentimentos, e quem doa com generosidade se livra do ressentimento.

50. A morte da alma é o ódio ao próximo. É ele que possui e faz a alma do caluniador.

51. A acídia é a negligência da alma. A alma negligente é aquela doente de amor ao prazer.

52. Quem ama a Jesus se exercita sofrendo; a resistência aos sofrimentos expulsa a acídia.

53. A alma se fortalece pelas penas da ascese. E, fazendo tudo com medida, ela expulsa a acídia.

54. Quem domina o ventre submete a concupiscência, e seu intelecto não é mais sujeito aos pensamentos da prostituição.

55. O intelecto do homem temperante é um templo do Espírito Santo. Mas o intelecto do guloso é um ninho de corvos.

56. A saciedade faz desejar a variedade de alimentos, enquanto que a sua falta faz considerar delicioso o próprio pão seco.

57. Livra-se da inveja o homem que se diverte secretamente com quem é invejado; afasta a inveja o homem que cobre o que é invejado.

58. Afaste-se de quem leva uma vida negligente, mesmo que ele tenha muito renome perante muitos.

59. Tenha por amigo um homem que ama as penas, e você encontrará uma proteção para os seus olhos.

60. O homem negligente passa por muitos mestres, e vive como eles o conduzem.

61. Ele é benevolente como um amigo quando você está em paz, e lhe

combate como um inimigo quando você passa por uma provação.

62. Ele dá a sua vida por você antes que cheguem as paixões, mas quando elas chegam, ele toma a sua vida.

63. A terra inculta se cobre de espinheiros[671], e a alma negligente se cobre de paixões impuras.

64. O intelecto prudente coloca um freio à sua alma. Ele trata o corpo com dureza e subjuga as paixões[672].

65. Os movimentos manifestados são sinais dos movimentos interiores, assim como os frutos que nascem em árvores que não conhecemos bem são sinais que nos permitem reconhecer estas árvores.

66. As palavras e as obras denunciam o hipócrita e desmascaram o falso profeta que se oculta nele.

67. Um intelecto que perdeu a razão já não corrige sua alma. Ele se afasta do amor e da temperança.

68. A causa dos falsos pensamentos é o mau hábito feito de orgulho e de presunção.

69. São características dos vícios mencionados acima a hipocrisia e a astúcia, a enganação, a dissimulação e toda ilusão mentirosa.

70. As virtudes devem subjugar a inveja, a querela e a cólera, a tristeza e o ressentimento.

[671] Cf. *Isaías* 5: 6.
[672] Cf. I *Coríntios* 9: 27.

71. Lá está o caminho dos que levam a vida na negligência. E aqui o tesouro do que está oculto em mim.

72. A vida dura e a humildade salvam a alma e a libertam das paixões mencionadas acima.

73. Característica de um pensamento prudente é uma palavra útil, e de uma alma boa uma ação virtuosa.

74. O intelecto iluminado profere palavras de sabedoria. E a alma pura cultiva pensamentos divinos.

75. Os pensamentos do homem fervoroso se aplicam à sabedoria, e suas palavras iluminam aos que o escutam.

76. Quando as virtudes estão no fundo da alma esta cultiva pensamentos bons. Mas quando são os vícios que estão no fundo da alma, ela engendra falsas ideias.

77. A alma do passional é uma fábrica de maus pensamentos, e ele extrai coisas malignas de seus próprios tesouros[673].

78. O bom tesouro é o costume das virtudes. O bom intelecto retira deste costume as coisas do bem.

79. O intelecto dirigido pelo amor divino cultiva os bons pensamentos em torno de Deus. Mas quando ele é dirigido pelo amor a si próprio ele faz o contrário.

80. O intelecto levado pelo amor ao próximo não cessa em pensar no bem deste. Mas quando ele é levado pelo contrário, imagina o mal.

[673] Cf. *Mateus* 23: 35; *Lucas* 6: 45.

81. As causas dos bons pensamentos são as virtudes, e as causas das virtudes são os mandamentos. Já a causa da prática das virtudes está na resolução.

82. As virtudes e os vícios que vêm e vão dispõem a alma para o bem ou para o mal, levando-a a ter pensamentos que correspondem a um ou outro.

83. As causas dos maus pensamentos estão nos vícios. A causa destes está na desobediência, e a causa desta está num erro dos sentidos. Mas a causa do erro dos sentidos é a negligência do intelecto que não vigia por sua segurança.

84. Naqueles que progridem, as disposições dos adversários são firmes. Mas nos perfeitos, os hábitos são difíceis de mudar dos dois lados.

85. A força da alma está no estado inflexível da virtude. Quem alcançou este estado disse, como um homem a quem nada mais é capaz e corromper: "Quem nos separará do amor de Cristo?".

86. O amor por si próprio precede todas as paixões, e o orgulho ainda permanece ao final de tudo.

87. Os três pensamentos fundamentais da concupiscência têm sua origem na paixão do amor por si mesmo.

88. Queremos dizer com isto as paixões da gula, da vaidade e da avareza, que seguem todos os pensamentos passionais, embora não com a mesma intensidade.

89. O pensamento da prostituição se segue ao da gula. O pensamento do orgulho se segue ao da vaidade. E os demais seguem-se comumente aos três.

90. Os que seguem os três são os pensamentos da tristeza, da cólera, do ressentimento, da inveja, da acídia e todos os demais.

PRECE

91. Mestre de tudo, ó Cristo, livra-nos de todos estes males,
das paixões que nos destroem
e dos pensamentos nascidos das paixões.

92. Por causa sua fomos criados,
para usufruirmos das delícias em que nos colocou no jardim do Paraíso
por você plantado.

93. Mas atraímos sobre nós a desonra presente
porque preferimos às delícias bem-aventuradas a ruína

94. da qual recebemos em nós a retribuição
em nós, que trocamos a vida eterna pela morte.

95. Agora, ó Mestre, como nos olhou então,
olha-nos agora.
assim como você se fez homem, salve-nos agora.

96. Porque você veio nos salvar, a nós que estávamos perdidos.
Não nos separe da parte dos que se salvam.

97. Ressuscite as almas e salve os corpos,
purifique-nos de toda mancha.

98. Quebre os laços das paixões que nos mantêm,
você que destruiu as falanges dos demônios impuros.

99. E livre-nos de sua tirania,
a fim de que possamos servir apenas a você, Luz eterna,

100. ressuscitados dentre os mortos e com os anjos,
dançando a bem-aventurada ronda,
eterna e indissolúvel. Amém.

QUARTA CENTÚRIA

ACRÓSTICO

ΟΜΩΣ ΟΥΝ ΚΑΙ ΕΚ ΤΩΝ ΚΥΡΙΩΣ ΚΑΚΩΝ, ΚΑΙ ΤΩΝ ΜΗ ΚΥΡΙΩΣ, ΝΟΜΙΖΟΜΕΝ ΔΕ, ΕΥΞΑΙ ΕΚΤΕΝΩΣ ΠΡΟΣ ΚΥΡΙΟΝ ΤΟΝ ΘΕΟΝ ΗΝΩΝ ΛΥΤΡΩΘΗΝΑΙ ΗΜΑΣ.

Mas, não importa se essas coisas são muito ou pouco ruins, eu penso em você para que ore profundamente por mim para que o nosso Senhor Deus nos salve.

1. Quem afastou o intelecto do amor e da adulação pela carne leva à morte, pela ação do Espírito vivificante, as ações do corpo.

2. Não creia que você deixou de estar ligado à carne se seu intelecto ainda se ocupa das coisas da carne.

3. Assim como os sentidos e o sensível são próprios à carne, o intelecto e o inteligível são próprios à alma.

4. Retire sua alma da sensação do sensível e seu intelecto se encontrará em Deus no inteligível.

5. As naturezas intelectuais perceptíveis apenas pelo intelecto são próprias da divindade. Os sentidos e o sensível foram feitos para servir ao intelecto.

6. Que os sentidos e o sensível o ajudem a encontrar a contemplação espiritual, e que, inversamente, o que conduz à concupiscência da carne não sirva aos seus sentidos.

7. Foi-nos ordenado que matássemos as ações do corpo[674], a fim de ressuscitarmos por meio das penas a alma destruída pelos prazeres.

8. Seja dominado por Deus e domine os seus sentidos. Você traz o melhor em si; não entregue o poder ao pior.

9. Deus é eterno, sem fim, sem limites, e ele prometeu bens eternos, sem fim, inefáveis, aos que o escutarem.

10. É próprio do intelecto viver em Deus, pensar nele, em sua providência, em seus julgamentos terríveis.

11. Você tem o poder de se inclinar para um ou outro lado. Dê o melhor de si, e você submeterá o pior.

12. Os sentidos são belos e o sensível é belo, como todas as obras do bom Deus. Mas eles não se comparam ao intelecto e ao inteligível.

13. O Mestre criou o ser dotado de razão e de intelecto para receber o universo e o conhecimento de si próprio, e suscitou os sentidos e o sensível para servir à razão e ao intelecto.

14. Assim como não convém que um mau servidor submeta seu bom mestre, não convém que um corpo corruptível submeta um intelecto racional.

15. O intelecto que não domina os sentidos cai no mal por causa deles. Pois, iludido pelo prazer do mundo, ele engendra em si próprio a falsidade.

16. Se você dominar os sentidos, coloque também num lugar seguro sua memória. Pois as noções adquiridas pelos sentidos suscitam as paixões.

[674] Cf. *Colossenses* 3: 5.

17. Conduza com dureza seu corpo[675], ore continuamente, e logo você se libertará dos pensamentos nascidos das noções adquiridas.

18. Jamais deixe de se consagrar às palavras divinas. Pois as penas que você suporta por elas consomem as paixões.

19. A leitura e a vigília, a oração e a salmodia colocam o intelecto acima do erro das paixões.

20. Assim como a primavera faz crescer as plantas, a impassibilidade leva o intelecto ao conhecimento dos seres.

21. Observe os mandamentos[676] e você encontrará a paz, amará a Deus e obterá o conhecimento.

22. É em meio às penas, ao sofrimento e ao suor do seu rosto que você foi condenado a comer o pão do conhecimento[677].

23. Foi a negligência que levou o Ancestral à transgressão. Em lugar das delícias do Paraíso, ele foi condenado à morte[678].

24. Seja mais forte do que Eva. Vigie a serpente, para que ela não o engane e não lhe transmita o fruto da árvore[679].

25. Assim como a alma vivifica o corpo de acordo com a natureza, a virtude e o conhecimento vivificam a alma.

[675] Cf. I *Coríntios* 9: 27.
[676] CF. *Eclesiástico* 15: 14; 37: 12.
[677] Cf. *Gênesis* 3: 19.
[678] Cf. *Gênesis* 3: 22.
[679] Cf. *Gênesis* 3: 1-5.

26. Uma nuvem sem água[680] é como o intelecto cheio dos fumos da presunção e levado pelos espíritos da vaidade e do orgulho.

27. Se você dominar a vaidade, guarde-se da prostituição, para que ao fugir das honrarias você não caia na desonra.

28. Se você fugir da vaidade, volte seus olhos para Deus. Senão você poderá cair na presunção ou na prostituição.

29. É típica da vaidade a busca da ostentação. Típicos do orgulho são o desprezo e a animosidade.

30. Se você fugir da gula, guarde-se de tentar sensibilizar os homens mostrando ostensivamente a palidez do seu rosto.

31. O jejum conveniente é aquele que se satisfaz com uma alimentação frugal, que se contenta com uma comida simples e que não tenta agradar aos homens.

32. Se você jejua até o entardecer, não coma então até se saciar, para não reconstruir o que você demoliu[681].

33. Se você não bebe vinho, não se sacie de água. Senão você estará entregando a mesma matéria à prostituição.

34. O orgulho afasta o socorro divino, faz com que confiemos em nós mesmos e nos voltemos contra os homens.

35. Duas coisas se opõem ao orgulho. Quem não acolhe estas duas coisas receberá uma terceira, extremamente violenta.

36. Destroem o orgulho a oração entre lágrimas, não desprezar ninguém e as infelicidades involuntárias.

37. Aprender com as tentações é como um açoite espiritual, que ensina a humildade a quem se levanta na irracionalidade.

38. É obra característica do intelecto não suportar nenhum pensamento que calunie insidiosamente o próximo.

39. Assim como o jardineiro que não arranca as ervas daninhas sufoca os legumes, o intelecto que não purifica os pensamentos perde sua pena.

40. O homem salvo é aquele que escuta o conselho, e em especial o conselho que seu pai espiritual lhe dá segundo Deus.

41. Aquele que sucumbiu às paixões não percebe o conselho e não suporta a instrução espiritual.

42. Quem não recebe o conselho não vai reto pelo caminho, mas é engolido pelas valas e os abismos.

43. Monge é o intelecto que renunciou aos sentidos e que não suporta sequer o pensamento do prazer.

44. Médico é o intelecto que curou a si próprio e que cura os demais daquilo que ele mesmo se curou.

45. Procure a virtude e não lhe cause nenhum dano, a fim de não viver vergonhosamente e de não morrer miseravelmente.

46. Nosso Senhor Jesus trouxe a luz a todos, mas os que não se confiam a ele cobrem a si próprios de trevas.

---

[680] Cf. *Judas* 12.
[681] Cf. *Gálatas* 2: 18.

47. Não creia que não é grave o mal que causamos à virtude. Pois é por causa dele que o mal penetrou no mundo.

48. A obediência ao mandamento é a ressurreição dos mortos, pois a vida acompanha a virtude, não a natureza.

49. Quando o intelecto morre pela transgressão do mandamento, a morte do corpo se segue por necessidade.

50. Do mesmo modo como Adão, depois de haver transgredido[682], caiu sob o domínio da morte, o Salvador, depois de haver obedecido[683], destruiu a morte.

51. Mate o vício a fim de não ressuscitar morto, e para não passar da pequena morte para a grande.

52. Por causa da transgressão de Adão o Salvador se fez homem, para ressuscitar todos os seres apagando a condenação.

53. Quem deu morte às paixões e se separou da ignorância passa da vida à vida.

54. Sonde as Escrituras e você encontrará os mandamentos; faça o que está dito ali e você se livrará das paixões.

55. A obediência aos mandamentos purifica a alma, e a purificação da alma permite participar da luz.

56. A árvore da vida[684] é o conhecimento de Deus. O homem puro que recebe sua participação nesta árvore se torna imortal.

57. O começo da prática é a fé em Cristo, e seu fim o amor de Cristo.

58. Cristo, nosso Senhor e nosso Deus, é Jesus, que nos deu a fé e nos conduziu à vida.

59. Ele nos apareceu numa alma e num corpo e em sua divindade, a fim de nos livrar da morte da alma e do corpo, ele que é Deus.

60. Adquiramos a fé a fim de alcançarmos o amor, do qual nascem a iluminação e o conhecimento.

61. O temor a Deus, o domínio dos prazeres, a paciência nas penas, a esperança em Deus, a impassibilidade e o amor se seguem, nesta ordem, à aquisição da fé.

62. Do amor puro nasce o conhecimento natural. A este sucede a última aspiração do desejo, que é a graça da teologia.

63. O intelecto que domina as paixões certamente as domina pelo temor: ele se confia a Deus nas coisas que espera, das quais recebeu a promessa.

64. A quem foi dada a fé é pedida a temperança. Com o tempo, esta engendra a paciência, que é um estado que suscita muitas penas.

65. O sinal da paciência é o amor às penas. Confiando-se a elas, o intelecto espera descobrir o que foi prometido, e fugir do que o ameaçava.

66. A espera do bens por vir liga o intelecto àquilo que ele espera. De tanto viver com estes bens, ele esquece as coisas presentes.

67. Quem provou das coisas que espera abandona as coisas presentes, pois

[682] Cf. *Gênesis* 3.
[683] Cf. *Romanos* 5: 19.
[684] Cf. *Gênesis* 9.

dedica àquelas todo o seu desejo.

68. Deus é quem nos prometeu as coisas que virão. O homem temperante que crê nele deseja estes bens como se eles estivessem presentes.

69. O sinal de que o intelecto vive nos bens que ele espera é que ele esquece totalmente das coisas aqui de baixo, e se apaga no conhecimento das coisas por vir.

70. Bela é a impassibilidade que nos ensina o Deus da verdade, o qual, a partir dela, cumula de certeza a alma a que ama.

71. Mais alto que os séculos, antes de todos os séculos, além do intelecto e da razão, estão os bens reservados aos herdeiros da promessa.

72. Regremo-nos a partir dos modelos da piedade, para não descambarmos da esperança desviando-nos pelos caminhos das paixões.

73. Jesus é Cristo, um dos da Trindade, da qual também você deve se tornar herdeiro[685].

74. Quem aprendeu com Deus o conhecimento dos seres não tem dificuldade em crer na Escritura quanto ao que já referimos.

75. Quando encontra um intelecto despojado de paixões o Espírito Santo o inicia, conforme o grau de seu despojamento, nos bens que ele espera.

76. A alma recebe o conhecimento das palavras divinas conforme o grau de purificação do intelecto.

77. Quem submete seu corpo à regra e passa a vida no conhecimento, purifica-se a cada dia por meio deste conhecimento.

78. O intelecto que se dedica ao estudo do divino começa pela fé, depois continua pelas coisas intermediárias e termina por desembocar na fé mais elevada de todas.

79. No começo do estudo do divino vemos conforme o temor; no final, vemos preceder o amor.

80. O intelecto que se dedica ao estudo do divino vai da fé atenta à teologia, que está para além de toda inteligência e que podemos definir coo a fé sem fim e coo a contemplação da realidade invisível.

81. As palavras que dizemos sobre Deus são consideradas pelos santos não como se referindo a ele, mas ao que está ao redor dele.

82. Todas as palavras que designam as coisa que estão ao redor de Deus também se referem a Deus, umas por afirmação, outras por negação.

83. A essência, a divindade, a bondade, tudo o que é dito de maneira catafática[686] é dito por afirmação.

84. Sendo a Santíssima Trindade uma essência única que ultrapassa o intelecto e a razão, bem como uma divindade oculta, podemos afirmar que as qualidades supracitadas que vemos ao redor dela são semelhantes.

85. Assim como os Padres afirmam que existe apenas uma divindade na Santíssima Trindade, eles pensam que existem três hipóstases da divindade única.

86. Os Padres consideram que as qualidades mencionadas por afirmação

[685] Cf. *Romanos* 8: 17.

[686] Perspectiva de Deus que se aproxima por afirmação.

ou por negação são comuns à Santíssima Trindade consubstancial, salvo os caracteres próprios, uma vez que eles falam da maioria deles por afirmação, mas de alguns por negação.

87. Eles dizem, de resto, que os caracteres próprios das hipóstases divinas são a paternidade, a filiação e a sucessão, e toda denominação particular.

88. Eles definem a hipóstase como sendo a essência somada aos caracteres próprios. Assim, cada hipóstase tem em comum a essência, e como própria a sua hipóstase.

89. Eles consideram igualmente fundamental aquilo que, por negação, foi dito do que é comum à Santíssima Trindade. Mas o mesmo não acontece com os caracteres próprios, pois eles falam de alguns por afirmação e de outros por negação, conforme dissemos. É o que acontece com o engendrado e com o não engendrado, e com outros caracteres semelhantes. Pois não ter sido engendrado não difere do engendrar senão pelo significado: não ter sido engendrado se refere ao Pai; e ter sido engendrado se refere ao Filho.

90. Assim é que nos servimos de termos e de nomes para que fiquem claras as palavras que versam sobre o que está ao redor da essência da Santíssima Trindade, como foi dito. Estas palavras são desconhecidas e inefáveis para qualquer intelecto ou razão, e elas só são conhecidas da Santíssima Trindade.

91. Assim como os Padres dizem que a essência única da divindade é tri-hipostática, eles confessam que a Santíssima Trindade é consubstancial.

92. Consideramos também que o Pai não tem começo e que ele é o começo. Ele não tem começo, porque é não engendrado; e ele é o começo, pois é o gerador e o processador dos que provêm dele pela essência e que existem nele por toda eternidade, ou seja, o Filho e o Espírito Santo.

93. A unidade que eles trazem em si na Trindade permanece Unidade. E, por seu turno, a Trindade reunida na Unidade permanece Trindade, o que é igualmente paradoxal.

94. Eles pensam também que o Filho e o Espírito também não têm começo e são eternos. Eles não são sem começo como o Pai, pois eles remontam a um começo e a uma fonte. Mas eles são eternos, pois existem com o Pai por toda eternidade, um por ser engendrado, outro por sucessão.

95. Eles mantêm indivisível a divindade única da Trindade e mantêm inconfundíveis as três hipóstases da Divindade única.

96. Quanto aos caracteres próprios, eles dizem que o Pai não tem começo e que ele é não engendrado; que o Filho estava no começo e é engendrado; e que o Espírito Santo estava no começo e procede. Eles dizem que o começo do Filho e do Espírito Santo não é temporal. De fato, como seria? Eles mostram a causa pela qual eles existem por toda eternidade, assim como a luz existe por causa do sol. Eles não existem depois da causa, mas existem por causa dela na essência.

97. Eles afirmam ainda que as hipóstases tem como caráter próprio serem sem movimento e sem falha, e que a essência, ou seja, a divindade, tem como caráter comum ser indivisível.

98. Eles confessam que a Unidade está na Trindade e que a Trindade está na Unidade, indivisivelmente separada, e unida na separação.

99. Eles sabem que o começo de tudo é o Pai, pois ele é o genitor e a fonte eterna do Filho e do Espírito, ele é eterno e infinito com eles, sem limites, consubstancial, sem divisão. E ele é o criador, a providência e o juiz dos seres. Ele o é, evidentemente, pelo Filho e pelo Espírito Santo. Com efeito, foi dito: “Tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos

dos séculos. Amém.

100. Eles dizem ainda que o Filho e o Espírito são eternos com o Pai, mas não são sem começo do mesmo modo que ele. Eles são eternos com o Pai, pois existem com ele no infinito, mas não são sem começo da mesma maneira que ele, pois eles não são sem causa. Eles são dele como a luz é do sol, mesmo não sendo depois dele, como foi dito. Mas eles acrescentam que eles não têm começo, se entendemos por começo um começo temporal, para que não pensemos que estão submetidos ao tempo aqueles de quem o tempo procede. Assim, eles não são sem começo perante Aquele que é sua causa, mas são sem começo em relação ao tempo. Pois eles existem antes de todo tempo e de todo século, acima de todo século e acima do tempo, eles por quem existem todo tempo e todo século, e tudo o que está no século e tudo o que está no tempo. E eles são eternos com o Pai, como foi dito. A ele, com eles, a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

JOÃO DAMASCENO

DISCURSO ÚTIL À ALMA

João Damasceno

Nosso Pai entre os Santos, João Damasceno, que, por causa da graça radiante de seu ensinamento foi chamado de rio que transborda ouro, viveu nos tempos de Leão o Isauriano, ao redor do ano 730. Ele foi a santa musa da Igreja de Cristo. Ele deixou numerosos escritos resplandescentes de prazer indizível e de graça espiritual. Inserimos aqui dentre seus numerosos escritos o presente tratado, na medida em que este contribui totalmente para os desígnios deste livro e pode ajudar aos que desejam possuir o conhecimento das virtudes e dos vícios, que escapam à maioria. Pois ele ensina claramente quais são, em quantas espécies e gêneros se dividem e como podemos possuir alguns e despossuir a outros, usando a pedra de toque que consiste em distinguir sempre e em toda parte, e com conhecimento de causa, o ouro experimentado das virtudes do falso cobre dos vícios. Assim, aquele que depositar com precisão no tesouro de seu coração este conhecimento, saberá rapidamente e de uma vez por todas, o que são as virtudes e o que são as paixões.

*

A origem deste "discurso" sobre as virtudes e os vícios, atribuído a João Damasceno (675-749) e inserido dentre suas obras, é bastante incerta[687]. É possível que esta origem seja síria, ao menos em parte, e remonte a João o Solitário (início do século VI). Seja como for, se nos ativermos ao texto, não teremos aqui mais do que uma compilação. Algumas aquisições da reflexão e da experiência, desde Evagro, são aqui como que expostas e servidas, sem esta ruminação que torna viva e necessária a repetição.

Entretanto, o quadro recapitulativo tem certamente sua utilidade. O compilador desdobra o mapa de campo no qual se desenrola o combate espiritual. Primeiro, ele expõe a longa lista dos protagonistas: as virtudes e os vícios da alma e do corpo. Depois ele explica que o enfrentamento mais difícil se dá nas três partes da alma: a razão, o ardor e o desejo. E ele mostra as séries de vícios e quais os encadeamentos de virtudes conseguem sua alienação e sua cura. Enfim, ele lembra que no coração do combate espiritual, o discernimento – a "virtude das virtudes" – dá o acabamento a todas as operações e permite evitar que acabe mal qualquer virtude exercida sem estar orientada para o fim último. Pois tudo deve desembocar na "contemplação do Criador" e na passagem da imagem à semelhança de Deus, que só pode ser adquirida pelos compassivos: razão e abandono do combate espiritual, e finalmente convite a ultrapassar o próprio discurso.

687 Também atribuída a santo Atanásio ou a santo Efrém.

DE NOSSO PAI ENTRE OS SANTOS JOÃO DAMASCENO, DISCURSO ÚTIL À ALMA

É preciso saber que o homem é duplo, que ele é feito de alma e corpo, e que os sentidos e as virtudes são igualmente duplos. Existem cinco sentidos da alma e cinco sentidos do corpo. Os sentidos da alma, que os sábios chamam também de potências ou de faculdades, são a inteligência, a reflexão, o julgamento, a imaginação e a percepção. Os sentidos do corpo são a visão, o olfato, a audição, o paladar e o tato. Mas se suas virtudes são duplas, segue-se certamente que seus vícios serão também duplos. É assim necessário que todo homem saiba claramente quais são as virtudes da alma, quais as virtudes do corpo, e quais são, de resto, as paixões da alma e as paixões do corpo.

Diremos que as virtudes da alma são essencialmente as quatro virtudes gerais: a coragem, a prudência, a castidade e a justiça. É delas que nascem as demais virtudes da alma, a fé, a esperança, o amor[688], a prece, a humildade, a doçura, a paciência, a resignação, a bondade, a calma, o conhecimento divino, o fervor, a simplicidade, a serenidade, a sinceridade, a ausência de presunção, de orgulho, de inveja, de intriga e de avareza, a compaixão, a misericórdia, a generosidade, a ausência de medo e de tristeza, a compunção, o pudor, a piedade, a busca dos bens futuros, a tensão em direção ao Reino de Deus, o desejo de adoção filial.

As virtudes do corpo são sobretudo os instrumentos das virtudes, que são praticadas com conhecimento de causa conforme a Deus, e na ausência de qualquer hipocrisia ou de desejo de agradar aos homens; cada qual leva a progredir na humildade e na impassibilidade. Elas são: a temperança, o jejum, a fome, a sede, as vigílias, permanecer acordado toda a noite, permanecer de joelhos constantemente, não se banhar, não possuir mais do que uma vestimenta, comer alimentos secos, comer tarde, não beber senão água, dormir sobre o chão duro, a pobreza, a despossesão, a miséria, a ausência de adornos e de amor próprio, a solidão, a calma, jamais sair, a indigência, não ter necessidade de nada, o silêncio, trabalhar com suas próprias mãos, todo sofrimento e toda ascese do corpo, e outras virtudes igualmente necessárias e úteis ao corpo vigoroso e perturbado pelas paixões da carne. Mas quando o corpo está enfermo e, com a ajuda de Deus encontra-se para além destas virtudes, elas não mais são necessárias: a santa humildade e a ação de graças cumprem com todas elas.

Falemos agora dos vícios da alma e do corpo, ou seja, das paixões. As paixões da alma são o esquecimento, a negligência e a ignorância, estes três vícios por meio dos quais o olho da alma – o intelecto – ofuscado submete-se a todas as paixões, que são a impiedade, a falsa opinião – ou seja, todas as heresias – a blasfêmia, o ardor, a cólera, a amargura, ficar fora de si, o ódio aos homens, o rancor, a calúnia, a condenação, a tristeza irracional, o medo, a preguiça, a disputa, a rivalidade, o ciúme, a vaidade, o orgulho, a hipocrisia, a mentira, a infidelidade, a avidez, o amor à matéria, os pendores passionais, a possessão das coisas da terra, a acídia, a baixeza de alma, a ingratidão, a murmuração, a alienação, a presunção, a arrogância, a vanglória, o amor ao poder, o desejo de agradar aos homens, a intriga, a impudência, a insensibilidade, a bajulação, a falsidade, a dissimulação, a duplicidade, os consentimentos que a parte passional da alma concede aos pecados, a prática contínua dos pecados, a dispersão dos pensamentos, o egoísmo – mãe dos vícios –, o amor pelo dinheiro – a raiz de todos[689] –, a malignidade e a desonestidade.

As paixões do corpo são a gula, a glutoneria, o desfrute, a embriaguez,

688 Cf. I Coríntios XIII, 13.

689 Cf. I Timóteo VI, 10.

comer escondido, o amor aos prazeres de toda espécie, a prostituição, o adultério, o impudor, a impureza, o incesto, a corrupção das crianças, deitar-se com animais, as más concupiscências e todas as paixões infames e contra a natureza; o roubo, o sacrilégio, a bandidagem, o assassinato e toda licença e desfrute das vontades da carne para confortar sempre antes o corpo; os oráculos, os sortilégios, os presságios, os augúrios, o amor pelos adornos, a frivolidade, a indolência, a maquiagem, a massagem no rosto, o ócio condenável, as distrações, os jogos de azar, o mau uso passional dos prazeres do mundo, a vida que ama o corpo, que torna pesado o intelecto, que o torna terrestre e bestial e não lhe permite jamais elevar-se até Deus e praticar as virtudes. As raízes de todas essas paixões, suas causas primeiras, podemos dizer, são o amor ao prazer, o amor pela glória e o amor pelo dinheiro, de onde nasce todo mal. O homem não cometerá nenhum pecado se de saída estes três gigantes, como os chama Marcos o sábio asceta[690], não o cercarem d dominarem: a saber, o esquecimento, a negligência e a ignorância, que engendram o prazer, o conforto, a amor pela glória dos homens e pelas distrações. A causa primeira de todos esses vícios e como que sua malvada mãe é, como dissemos, o egoísmo, ou seja, o amor irracional pelo corpo e por seus pendores passionais. Os transbordamentos e o relaxamento do intelecto – a grosseria e a obscenidade –, como a liberdade de linguagem e as risadas, estão na origem de muitos vícios e de muitas quedas.

Além disso, é preciso saber que o amor passional pelos prazeres é variado e toma muitas formas: os prazeres que enganam a alma são numerosos, quando esta não é fortalecida pelo temor divino e pelo amor a Cristo, permanecendo sóbria e vigilante diante de Deus e se dedicando à prática das virtudes. Pois miríades de prazeres atraem para si os olhos da alma: os prazeres do corpo, do dinheiro, do desfrute, da glória, da indiferença, da cólera, do poder, da avareza, da avidez. Sua aparência é enganadora, brilhante a amável, capaz de atrair até aqueles que temem mas que ainda não estão fortemente tomados pela virtude e não suportam seus rigores. Toda relação terrestre e pendor passional por qualquer coisa de material mergulha no prazer e nas delícias aquele que se apaixona, e mostra nele por meio desta paixão o quanto é vã e nociva a concupiscência da alma, uma vez que por causa daquilo o que foi vencido fica submetido ao ardor e à cólera, à tristeza, ao ressentimento e à privação daquilo que desejava. Mas se junto com o pendor passional instala-se um pequeno hábito, este prepara de modo insensível e incurável aquele que se deixou prender a ser possuído até o fim pelos pendores irracionais, por intermédio dos prazeres que eles escondem.

Pois o prazer da concupiscência é múltiplo, como dissemos: ele não acontece apenas na prostituição e nas demais fruições do corpo, mas em todas as paixões. A castidade não consiste apenas em se abster da prostituição e dos prazeres do baixo ventre, mas em manter-se afastado de todas os outros prazeres. Assim, quem é possuído pelo amor à riqueza, ao dinheiro ou à cupidez é um debochado. Pois assim como aquele é presa do corpo, este é presa da riqueza. Ele é ainda mais debochado, na medida em que a natureza não o empurra com tanta força como àquele. O cavaleiro ignorante, podemos dize-lo com verdade e justiça, não é o que não domina o cavalo selvagem e fogoso e difícil de domar, mas o que é incapaz de submeter o cavalo arreado e dócil. É evidente que o desejo de riquezas é vão e não conforme à natureza, uma vez que ele não extrai sua força da natureza, mas de uma vontade pervertida. É por isso que aquele que se deixa vencer por esta paixão peca imperdoavelmente. Devemos então saber com clareza que não é apenas nas delícias e fruições do corpo que se encontra o amor ao prazer, mas naquilo que, em qualquer modo e em qualquer coisa, é amado por uma vontade e um pendor passional da alma. Devemos sabê-lo, a fim de que as paixões sejam conhecidas com mais clareza nas três partes da alma e para que possamos expô-las com concisão.

A alma se divide em três: razão, ardor e desejo. Os pecados da razão são a

690 Marcos o Asceta – *Carta ao monge Nicolas*

infidelidade, a heresia, a demência, a blasfêmia, a ingratidão, o consentimento aos pecados que provêm da parte passional da alma. O remédio e o tratamento destes vícios são a fé inquebrantável em Deus e os dogmas da piedade, verdadeiros, infalíveis e ortodoxos, o estudo contínuo das palavras do Espírito, a oração pura e sem descanso e a ação de graças dirigida a Deus. Os pecados do ardor são a dureza de coração, a raiva, a insensibilidade, o rancor, a inveja, o assassinato e a prática contínua de semelhantes vícios. Sua cura e tratamento são o amor aos homens, a caridade, a mansidão, o amor fraterno, a compaixão, a resignação e a bondade. Os pecados do desejo são a gula, a glutoneria, a embriaguez, a prostituição, o adultério, a impureza, o despudor, o amor pelo dinheiro, a concupiscência da vanglória, do ouro, da riqueza e dos prazeres da carne. A cura e o tratamento destes vícios são o jejum, a temperança, a vida dura, a despossessão, distribuir o dinheiro aos pobres, a tensão em direção aos bens imortais do século futuro, a busca do Reino de Deus e o desejo da adoção filial.

É preciso que tenhamos também o conhecimento dos pensamentos passionais por intermédio dos quais acontecem todos os pecados. Os pensamentos que abraçam o mal são em número de oito: o pensamento da gula, o da prostituição, o do amor ao dinheiro, o da cólera, o da tristeza, o da acídia, o da vanglória e o do orgulho. Que estes oito pensamentos nos perturbem ou não faz parte de coisas que não dependem de nós. Mas que eles permaneçam ou não em nós, que eles suscitem ou não as paixões, faz parte daquilo que está em nosso poder. Uma coisa é a sugestão, outra é a concordância. Uma coisa é a luta, outra coisa é a paixão e o consentimento que leva ao ato. Da mesma forma, uma coisa é o cumprimento e outra o cativeiro. A sugestão é simplesmente aquilo que nos é proposto pelo inimigo, como por exemplo: "faça isto, faça aquilo", como o que foi sugerido ao Senhor nosso Deus: "Diga àquelas pedras que se transformem em pães[691]". Isto, como dissemos, não depende de nós. A concordância é o acolhimento do pensamento que o inimigo nos sugeriu por exemplo, nos ocuparmos e nos entretermos com ele no prazer, malgrado nossa vontade. A paixão é o hábito da concordância, hábito que nos vem da má sugestão do inimigo e que é como que uma prática e uma imaginação contínuas. A luta é a resistência do pensamento para afastar de si a sugestão, o pensamento passional, ou para consentir nele, como diz o Apóstolo: "A carne deseja contra o espírito, e o espírito deseja contra a carne. Eles se opõem mutuamente[692]". O cativeiro é o desenraizamento violento e involuntário do coração tiranizado pela presunção e o mau hábito. O consentimento é o assentimento a paixão do pensamento. O cumprimento é o próprio ato do pensamento passional ao qual se consentiu.

Portanto, quem considera com impassibilidade o primeiro vício, ou seja, a sugestão, ou que a repele imediatamente pela contestação e a violência, de um só golpe afasta todos os demais vícios. Mas para suprimir os oito pensamentos é preciso agir como segue. A gula é suprimida pela temperança. A prostituição é suprimida pelo desejo de Deus e a tensão em direção aos bens do século futuro. O amor ao dinheiro é suprimido pela compaixão para com os pobres. A cólera é suprimida pelo amor a todos e pela bondade. A tristeza que o mundo traz é suprimida pela alegria espiritual. A acídia é suprimida pela paciência, a perseverança e a ação de graças dirigida a Deus. A vanglória é suprimida pelo exercício oculto das virtudes e pela prece contínua na contrição do coração. O orgulho é suprimido evitando julgar e desprezar as pessoas como o Fariseu presunçoso[693], mas, ao contrário, considerando a si mesmo como o último de todos. É assim que intelecto, liberto das paixões que mencionamos e elevado até Deus, leva daí para frente uma existência bem-aventurada e recebe a garantia do Espírito Santo[694]. Depois de haver abandonado pela impassibilidade e pelo verdadeiro conhecimento as coisas daqui, ele se

691 Mateus IV, 3.

692 Gálatas V, 17.

693 Cf. Lucas XVIII, 11-12.

694 Cf. II Coríntios I, 22.

dirige à luz da Santa Trindade, iluminado com os anjos divinos nos séculos infinitos.

A alma é tríplice, como já dissemos, e suas três partes são a razão, o ardor e o desejo. Se no ardor existir a caridade e o amor pelos homens, e se existir no desejo pureza e castidade, a razão será iluminada. Mas se no ardor houver aversão aos homens, e se no desejo houver deboche, a razão será entenebrecida. Portanto, a razão é sã, sábia e luminosa quando as paixões lhe são submetidas, quando ela contempla pelo Espírito as razões das criaturas de Deus e quando ela se eleva até a bem-aventurada e santa Trindade. O ardor, por sua vez, se desenvolve de acordo com a natureza quando ele ama a todos os homens, não é afligido por nenhum e não sente ressentimento por ninguém. Quanto ao desejo, ele é conforme à natureza quando, pela humildade, a temperança e a despossessão, leva as paixões à morte, vale dizer, os prazeres da carne e a busca do dinheiro e da glória passageira, e quando ele se volta para o fervor do amor imortal a Deus. Com efeito, o desejo se volta para três direções: para o prazer da carne, para a glória efêmera ou para a aquisição da riqueza. Nesta busca desprovida de razão, ele despreza a Deus e a seus mandamentos, esquece-se da nobreza de sua origem divina, torna-se como uma besta selvagem para o próximo, obscurece a razão e não lhe permite enxergar a verdade. Mas aquele cujo sentimento é mais alto do que estas coisas recebe daí em diante o Reino dos céus, como dissemos, e leva uma vida bem-aventurada, no aguardo da beatitude reservada aos que amam a Deus. Possamos nós também ser considerados dignos disto, pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

Também é preciso saber que não é possível alcançar a dimensão de uma tal virtude se não se buscar acima de tudo, por toda a vida e tanto quanto se puder, trabalhar para se obtê-la por meio de uma ativa solicitude: por exemplo, pela compaixão, ou pela temperança, a prece, a caridade ou alguma outra das virtudes gerais. É com efeito a partir destas que cada qual obtém parcialmente a virtude. Por exemplo, alguém exerce a compaixão em certos momentos, mas raramente; não diremos então que ele seja compassivo, mormente se o gesto não for feito como se deve e para agradar a Deus. Pois o bem não é bom quando não é feito corretamente. O bem é verdadeiro quando ele não recebe como se fosse seu direito um salário por isto ou por aquilo, quando ele não busca agradar aos homens e não tenta receber a glória através do renome, da violência, da cupidez ou da injustiça. Pois aquilo que Deus busca não são os bens que se faz ou que parece serem feitos, mas o objetivo pelo qual são feitos. Os Padres teóforos expressam-se assim: quando o intelecto esquece o objetivo da piedade a obra manifesta da virtude é em vão. Os gestos cumpridos sem objetivo ou discernimento não apenas de nada servem como ainda são prejudiciais, ainda que sejam bens. Inversamente, gestos aparentemente marcados pelo mal podem ser feito segundo Deus, tendo em vista a piedade, como o gesto daquele que penetra num lugar suspeito e liberta a prostituta de sua perdição. Donde fica claro que não é compassivo aquele que raramente manifesta a compaixão, nem temperante o que, da mesma forma, pratica pouco a temperança. Virtuoso é quem, longamente e durante toda sua vida, busca em tudo e por tudo a virtude, com um discernimento seguro.

Pois o discernimento é a maior de todas as virtudes: ele é a rainha das virtudes, a virtude das virtudes.

Assim, igualmente, em sentido inverso, não chamamos de prostituído, bêbado ou mentiroso àquele que caiu uma vez nestes vícios, mas ao que neles reincide frequentemente e de modo incorrigível.

Além do que dissemos, é preciso saber também o que é mais necessário para todos os que desejam praticar a virtude e que se esforçam por se afastar do vício: na mesma medida em que a alma é incomparavelmente melhor do que o corpo, supera-o e é mais preciosa do que ele em muitas coisas e nas melhores coisas, também as virtudes da alma, em especial as que imitam a Deus e que levam o nome de Deus, são melhores do que as virtudes do corpo. Contrariamente, devemos considerar que os vícios da

alma superam as paixões do corpo pelo modo como se cumprem e pelos castigos que sofrem, mesmo que isto escape a muitos, não sei como. Aqueles que se guardam da embriaguez, da prostituição, do adultério, do roubo e dos vícios correlatos, fogem deles e os afastam, tendo-os como execráveis, visivelmente, a maior parte do tempo. Mas as paixões da alma, que são bem piores e mais graves do que os vícios do corpo, e que reduzem ao estado de demônios e conduzem ao castigo eterno merecido os que se submetem a eles irremediavelmente, não são percebidas. Falo da inveja, do ressentimento, da malignidade, da insensibilidade, e da raiz de todos os vícios segundo o Apóstolo: o amor pelo dinheiro[695], assim como das paixões similares.

Expusemos todas essas coisas de maneira elementar, como se fôssemos ignorantes, redigindo de maneira clara e fácil de compreender este discurso sobre as virtudes e as paixões, a fim de que se possa discernir e distinguir, com clareza e minúcia, aquilo que as separa e faz sua diferença. É por isso que expusemos cada coisa em sua diversidade e suas variações, a fim de que, na medida do possível, não fique ignorada nenhuma ideia de virtude ou de vício, e para que pratiquemos de bom coração as primeiras, em especial das virtudes da alma por meio das quais nos aproximamos de Deus, e escapemos aos últimos – falo dos vícios – afastando-os por completo. É de fato bem-aventurado quem se esforça por descobrir a virtude, que a busca e procura com cuidado saber no que ela consiste, pois por intermédio dela ele se aproxima de Deus e permanece com ele em seu intelecto. Elevar-se pela virtude ativa à contemplação do Criador é o que se chama propriamente prudência e coragem, sabedoria, conhecimento verdadeiro e riqueza indefectível. A virtude tem este nome porque ela é escolhida[696]. Ela é escolhida e desejada, porque fazemos o bem escolhendo-o e desejando-o por nós mesmos, não de maneira involuntária e forçada. E o que chamamos de sabedoria consiste em ter no intelecto aquilo que é útil.

Se você quiser, acrescentaremos a este discurso elementar, como um selo de ouro, algumas palavras sobre a mais preciosa de todas as criaturas de Deus, aquela que é sua imagem e semelhança: o ser vivo, dotado de intelecto e de razão, o homem, único dentre todas as criaturas feito à imagem e semelhança de Deus[697]. Todo homem é chamado de "imagem", de acordo com a dignidade do intelecto e da alma, vale dizer, o incompreensível, o invisível, o imortal, o livre arbítrio, mas também aquilo que é original, que engendra, que edifica. E ele é chamado de "semelhança", segundo a razão da virtude e segundo os atos que levam o nome de Deus e que imitam a Deus, ou seja, segundo nosso comportamento benevolente para com nosso semelhante: ter compaixão e piedade por nosso companheiro de serviço, amá-lo, dar provas de toda misericórdia e caridade para com ele. "Sejam compassivos, disse Cristo nosso Deus, como vosso Pai celeste é compassivo[698]". Todo homem traz em si a criação à imagem, pois os dons de Deus são irrevogáveis[699]. Mas são raros os que carregam em si a criação à semelhança: somente os virtuosos, os santos, aqueles que imitam a bondade de Deus, na medida m que isto é possível aos homens.

Também nós possamos ser dignos de seu amor pelo homem, que ultrapassa toda bondade, agradando-o com boas obras e tornando-nos imitadores dos que agradaram a Cristo desde o início dos tempos. Pois a ele pertence a piedade, e dele é toda a glória, a honra e a adoração, assim como de se Pai, que não teve começo, e do Espírito Santo, bom e vivificante, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

---

695 Cf. I Timóteo VI, 10.

696 Jogo de palavras intraduzível entre *aretè* (virtude) e *airetè* (escolhido)

697 Cf. Gênesis I, 26.

698 Lucas VI, 36.

699 Romanos XI, 29.

ABADE FILEMON

DISCURSO MUITO ÚTIL

Abade Filemon

Nosso bem-aventurado Abade Filemon que, dentre os Padres Teóforos levou ao mais alto grau a nepsis e o luto, viveu num tempo que sua história não registrou. O presente relato permite a quem quiser ver, que ele foi, mais do que todos, inteiramente devotado à piedade, à experiência, à hesíquia, à imitação fiel do grande Arsênio.

Por suas preces e suas súplicas, dia e noite, perseverante em sua cabana de asceta como na câmara alta da existência, lavando-se na fonte das lágrimas e dos gemidos, ultrapassando pelo amor a Deus não apenas o que está submetido ao mal como também o que provém da melhor parte, tanto o sensível como o inteligível, ele se apresentou surdo e mudo ao Senhor, conforme está escrito, e alcançou a bela iluminação da graça por meio da qual, no extremo da hesíquia e do silêncio e sob o efeito da irradiação solar, ele recebeu abundantemente o dom de examinar e de discernir, de ver e de prever. Testemunho fiel do que dizemos é o presente relato, no qual o ensinamento eminente da santa nepsis é transmitido à perfeição como uma vestimenta bordada tecida por Deus. Às vezes ele se volte para a ação, às vezes permanece na contemplação, pela longa experiência que, através das obras, complementa a própria fé. Assim se alguém quiser se despojar das manchas e do peso das vestes da paixão, se quiser se despojar do homem velho e se cobrir com a túnica luminosa da impassibilidade e da graça, que constitui o novo homem conforme a Jesus Cristo, pensando continuamente Nele e colocando todo seu labor para chegar ao objetivo de suas meditações, ele alcançará seu louvável desejo.

*

O Abade Filemon foi um desses grandes anacoretas que povoaram os desertos do Egito, do século IV ao VII, até a conquista árabe em 640. Ele próprio deve ter vivido no século VI. É o que nos deixa entender o

“discurso” inserido na antologia filocálica – metade relato de sua vida, metade testemunho de sua experiência – que Diádoco de Foticéia menciona no passado mostrando um Egito no qual os monges, mesmo fugindo das heresias alexandrinas, iam e vinham à vontade e comunicavam com Constantinopla: o Islã ainda não chegara. É provável que esta transcrição anônima dos gestos e ditos de Filemon tenha sido redigida a partir de testemunhos de seus discípulos pouco depois da sua morte, talvez no início do século VII. Seria assim um dos últimos testemunhos diretos dos Padres do deserto, ou ainda o testamento da anacorese egípcia.

Todas as aquisições da experiência eremítica, desde Evagro e Diádoco, estão aí reunidas: a hesíquia, a nepsis, a purificação do intelecto, e sobretudo a prece do coração, que Filemon denomina “meditação secreta”, formulando-a como “Senhor, tenha piedade”, ou “Senhor Jesus, tenha piedade”; porém, ele também nos transmite – e é um dos primeiros a faze-lo – a fórmula tradicional: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim”, a mesma herança que os Sinaítas receberam, guardaram e cultivaram.

Resta o que dificilmente poderia ser transmitido: o extremo rigor, a extrema delicadeza, a extrema liberdade da vida dos Padres do deserto. E nisto Filemon é exemplar: profundamente despojado, solitário e silencioso, capaz de mergulhar dia e noite nas preces canônicas de sua “liturgia” cotidiana como na prece do coração, ao mesmo tempo em que renunciava, por humildade, celebrar a eucaristia, embora fosse padre; mas também capaz de exortar longamente o monge que desejava segui-lo, de responder a todas as perguntas dos que vinham vê-lo, de trabalhar com suas mãos e de oferecer o fruto de seu trabalho no mercado. Em tudo isto Filemon não mostrava senão sua fraqueza, suas provações, sua confiança: “Eu não trago nada, dizia ele, senão a prece contínua”.

Com seu retiro, com seu silêncio, ele manteve sempre entre si e os demais uma treva, um espaço vazio, que pode revelar fora de toda paixão os dons mesmos do Deus vivo: o amor e a liberdade. O caminho do coração se abre ao intelecto em prece, à “meditação secreta”, e pode levar a este ponto de concentração e êxtase, onde, diz ele, “mesmo a carne é abrasada pelo Espírito", tornando-se a luz de Deus que se fez carne em Cristo. A partir daí, tudo foi dito. No próprio momento de passar pela recapitulação do Sinai e seguir o movimento que levará ao monte Athos, a experiência hesiquiasta aparece aqui em germe, tal como será.

SOBRE O ABADE FILEMON
DISCURSO MUITO ÚTIL

Conta-se do abade Filemon, o anacoreta, que ele havia se encerrado numa pequena gruta, afastada da comunidade dita "dos Romanos", e que ali enfrentava os combates da ascese repetindo em seu coração, como um encantamento, aquilo que o grande Arsênio[700] dizia a si mesmo: "Filemon, por que você partiu?".

Ele passou um longo tempo nesta gruta, fabricando cordas e tecendo bolsas, que entregava ao ecônomo, recebendo deste pãezinhos para sua alimentação. Pois ele não comia senão pão e sal. Ele não tomava nenhum cuidado com a carne[701], mas se consagrava à contemplação e penetrou na iluminação divina. Tendo alcançado a inefável mistagogia ele vivia alegre. Aos sábados e domingos ia à igreja, só e recolhido, e não permitia que ninguém dele se aproximasse, para manter em si sem falha a obra do intelecto. Na igreja, imóvel num canto, rosto contra a terra, ele derramava rios de lágrimas. Ele tinha em si um contínuo luto, a lembrança da morte e o exemplo dos santos Padres, em especial o de Arsênio, cujas pegadas se esforçava por seguir.

Quando estalou a heresia em Alexandria e na sua região, ele partiu e se colocou na comunidade vizinha da cidade de Nicanor. Paulino, o amado de Deus, o recebeu, consagrou a ele o lugar onde ele próprio se retirara e o estabeleceu na hesíquia total. Durante todo um ano ele só admitiu recebê-lo uma única vez. Ele próprio só o incomodava nos momentos em que lhe dava o pão de que necessitava. Pouco antes da Ressurreição de Cristo, no momento de sua visita, eles evocaram entre si o estado eremítico. Filemon, sabendo que este irmão, em sua grande piedade, desejava também este objetivo, separou para ele passagens de textos ascéticos, das Escrituras e dos Padres, e lhe mostrou por meio deles que é impossível agradar a Deus sem uma perfeita hesíquia, como disse Moisés[702], este Padre admirável, em seu amor pela sabedoria: "A hesíquia engendra a ascese; a ascese engendra as lágrimas; as lágrimas engendram o temor; o temor engendra a humildade; a humildade engendra a visão profética; a visão profética engendra o amor; o amor liberta a alma das enfermidades e das paixões. Então o homem sabe que ele não está longe de Deus".

Então ele lhe disse: "É preciso purificar totalmente o intelecto e lhe dar um trabalho espiritual incessante por meio da hesíquia. Pois, assim como o olho se volta para as coisas sensíveis e admira aquilo que vê, também o intelecto puro se dirige às coisas inteligíveis[703], sai de si mesmo sob o efeito da contemplação espiritual, e retorna de seu êxtase com dificuldade. E na mesma medida em que se despoja e se livra das paixões por meio da hesíquia, ele se torna digno do conhecimento. O intelecto é perfeito quando ultrapassa o conhecimento dos seres e se une a Deus[704], a ponto de não mais suportar ser privado da dignidade real que adquiriu; então ele não é mais sacudido pelas concupiscências de baixo, ainda que lhe sejam oferecidos todos os reinos da terra".

"Assim sendo, se você quiser alcançar todas as virtudes, não se preocupe com nenhum homem, fuja do mundo, siga de todo coração o caminho dos santos, tenha uma aparência negligente, uma vestimenta pobre, uma túnica humilde. Que seu comportamento seja simples, sua palavra constante, seu caminhar discreto, sua voz natural. Viva na pobreza, desprezado por todos. Sobretudo, guarde seu intelecto, mantenha a sobriedade e a vigilância, suporte com paciência todas as angústias e conserve firmes e intactos todos os bens que lhe forem dados. Enfim, mantenha-se rigorosamente atento a si

---

[700] Cf. *Sentenças dos Padre do Deserto*, Arsênio 40.
[701] Cf. *Romanos* 13: 14.
[702] Segundo Hausherr, o monge Ammonas.
[703] Carta de Evagro erroneamente atribuída a são Basílio.
[704] Cf. Evagro, *Centúria* III, 49 e *Carta* 58.

mesmo[705], para não acolher nenhum dos prazeres que tentam penetrar em você contra sua vontade. Pois as paixões da alma são adormecidas pela hesíquia. Mas excitadas e exacerbadas elas se tornam naturalmente mais e mais selvagens, obrigam aos que as recebem a pecar e, como as feridas do corpo que coçamos e esfregamos, se tornam difíceis de curar. Uma razão preguiçosa pode ainda afastar de Deus o intelecto, quando os demônios a constrangem e persuadem os sentidos."

"Guardar a alma constitui um grande combate e um grande temor. É preciso nos separar do mundo todo, afastarmos a alma de toda paixão pelo corpo, não possuirmos nem cidade, nem casa, nem nada de nosso, nem dinheiro, nem domínio, nem nos ocuparmos de nada, nem estarmos ligados a ninguém, é preciso ser ignorante das coisas humanas, humildes, compassivos, bons, doces, calmos, prontos a receber em nossos corações as marcas deixadas pelo conhecimento divino. Pois é impossível escrever sobre a cera sem primeiro apagar os sinais que nela se acham impressos; é isto que nos ensina o grande Basílio[706]."

"Este é o coro dos santos: totalmente separado da vida que levamos no mundo. Conservando límpido em si próprios o pensamento do céu, os santos receberam a luz das leis divinas. Eles brilharam através de suas obras e de suas palavras piedosas, mortificando por meio da temperança, do temor e do desejo por Deus seus membros que estavam sobre a terra[707]. Com efeito, graças à oração contínua e à meditação das divinas Escrituras, os olhos do intelecto e da alma se abrem e veem o Senhor dos Exércitos, e uma grande alegria e um desejo violento se apossam da alma abrasada e, quando a carne é também arrebatada pelo Espírito, o homem se torna inteiro espiritual. É por isso que aqueles que se abrem à bem-aventurada hesíquia, que levam a vida mais estrita e que se separam de todo conforto humano, conversam com toda pureza com o Mestre que está nos céus: a sós com o único."

Ao ouvir essas palavras, este irmão amado por Deus, com a alma mortificada pelo desejo divino, foi com ele a Sceta, aonde os maiores dentre os santos Padres trilharam com sucesso o caminho da piedade. Eles permaneceram na comunidade de João Colobos, depois de entregar ao ecônomo da comunidade a responsabilidade de cuidar deles, pois desejavam viver apenas a hesíquia. Pela graça de Deus, eles viviam na total hesíquia, mas saiam discretamente aos sábados e domingos. Mas nos outros dias da semana cada um se aplicava pacientemente em fazer as orações e as liturgias. A liturgia do ancião era a seguinte: à noite e em paz ele cantava todo o saltério e as odes, e recitava uma passagem do Evangelho. Depois se sentava e dizia consigo mesmo: "Senhor, tem piedade", com tanta tensão e durante tanto tempo quanto conseguia pronunciar estas palavras. Então ele adormecia um pouco e pela madrugada cantava a hora prima, sentava-se em seu banco, voltado para o oriente, e salmodiava seguindo a ordem do ofício, e novamente recitava de cor as passagens do Apóstolo e do Evangelho. Assim passava ele todo o dia, cantando e orando sem relaxar[708], nutrido pela contemplação das coisas do céu, a ponto de que muitas vezes seu intelecto se elevava na contemplação e ele já não sabia estar sobre a terra.

Vendo-o assim inflexivelmente voltado para o cumprimento dessas liturgias e totalmente transformado pelos pensamentos divinos, o irmão lhe disse: "O que tem você, Pai, velho como é, para se entregar desta maneira às pensa, mortificando e sujeitando seu corpo?[709]". Ele lhe respondeu: "Creia-me, filho, foi Deus quem colocou em minha alma tamanho ardor e desejo pela liturgia, pois eu sou incapaz de chegar por mim mesmo ao fim desta tensão. O desejo por Deus e a esperança nos bens futuros são mais fortes do que a fraqueza do corpo". Todo o desejo de seu intelecto estava

[705] Cf. *Gênesis* 24: 6,
[706] *Carta* II, 2.
[707] Cf. *Colossenses* 3: 5.

[708] Cf. I *Tessalonicenses* 5: 17.
[709] Cf. I *Coríntios* 9: 27.

assim transportado para o céu como que por asas, tanto na hora das refeições como em todos os outros momentos.

Um dia, um irmão que estava com ele lhe perguntou: "Qual é o mistério da contemplação?". Vendo que ele desejava a prender e que tinha pressa, o ancião lhe disse: "Filho, digo-lhe naturalmente que, se o intelecto de um homem é puro no mais alto grau, Deus lhe revela as contemplações das próprias potências e das ordens litúrgicas".

Ele então lhe perguntou: "Porque, Pai, você é cumulado de doçura pelo saltério, mais do que por toda a divina Escritura? E porque, quando você canta tranquilamente, você diz as palavras como se conversasse com alguém?". Ele respondeu: "Filho, eu lhe digo: Deus imprimiu o poder dos salmos em minha pobre alma como no profeta Davi, e eu não posso evitar a doçura das contemplações de todas as espécies que existem neles. Pois eles abarcam por completo toda a divina Escritura". Veja com quanta humildade ele se esforçou para revelar essas coisas para o bem daquele que o interrogou.

Um irmão chamado João veio do mosteiro dos Paraliotas[710] encontrar este santo Padre, o grande Filemon e, jogando-se aos seus pés, lhe disse: "Pai, que devo fazer para ser salvo? Pois vejo meu intelecto girar e errar por lugares onde ele não deveria". Ele esperou um pouco, e respondeu: "Esta paixão é dos homens do mundo, ela persiste porque você ainda não adquiriu um desejo perfeito por Deus. O calor do conhecimento e do desejo de Deus ainda não penetrou em você".

O irmão disse: "Pai, o que devo fazer?". Ele lhe respondeu: "Fique retirado até alcançar em seu coração uma meditação secreta[711], que possa purificar de tudo isso seu intelecto". O irmão, que não sabia do que falava o ancião, disse: "Pai, o que é a meditação secreta?". Ele lhe respondeu: "Permaneça em retiro, seja sóbrio e vigilante, diga em seu intelecto: 'Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim'. Isto é o que o bem-aventurado Diádoco transmitiu aos seus discípulos[712]".

O irmão se foi, e com a ajuda de Deus e das orações do Padre, alcançou a hesíquia e por algum tempo foi cumulado de doçura por essa meditação. Porém, de repente ela se afastou dele, e como ele já não conseguia cultivá-la com sobriedade e vigilância e orar, ele retornou ao ancião e lhe disse o que sucedera. Este lhe falou: "Veja, você acaba de conhecer o rastro da hesíquia e da prática e teve a experiência da doçura contida nelas. Guarde isto em seu coração todo o tempo. Comendo, bebendo, na companhia de outros, fora de sua cela, a caminho, que ela nunca o abandone: com o pensamento sóbrio e vigilante e com um intelecto firme e direito, reze sempre esta oração, cante e medite as preces litúrgicas e os salmos. Mesmo nas necessidades do corpo, não deixe seu intelecto parar de meditar e orar em segredo. Assim você poderá compreender as profundidades da divina Escritura e o poder oculto nela, e dar ao seu intelecto um trabalho contínuo, a fim de cumprir a palavra do Apóstolo que disse: 'Orem sem cessar[713]'. Esteja rigorosamente atento e guarde seu coração para não acolher os maus pensamentos, ou não importa quais pensamentos vãos e inúteis. A todo o momento, em pé ou deitado, comendo ou bebendo, quando encontrar alguém, que em sua reflexão seu coração medite os salmos, ou que ele recite a prece: 'Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim'. Mesmo quando você cantar em voz alta, vigie para não dizer as palavras com a boca enquanto os pensamentos vagam por aí".

O irmão ainda lhe perguntou: "Em meus sonhos vejo muitas imagens vãs". Mas o ancião lhe disse: "Não tema nem se inquiete. Mas antes de se deitar, faça muitas preces em seu coração e resista aos pensamentos, para não ser

[710] Situado no litoral (*paralia*).
[711] *Kryptè mélétè*: a prece do coração.

[712] Diádoco de Foticéia, *Cem capítulos*, 59 e 61.
[713] I *Tessalonicenses* 5: 17.

desviado pelas vontades do diabo, e para que Deus o acolha. Tanto quanto puder, só durma depois dos salmos e da sábia meditação[714]. Não seja negligente, e não permita que seu intelecto acolha pensamentos estranhos. Deite-se meditando nos pensamentos que teve durante a oração, a fim de que seu intelecto o guarde durante o sonho e que ao despertar ele converse com você[715]. Ainda antes de dormir, diga o Símbolo da fé ortodoxa. Pois glorificar a Deus corretamente é a fonte e a guarda de todos os bens".

Ele ainda lhe perguntou: "Faça-me uma caridade, Pai. Diga-me, qual é a obra de seu intelecto? Ensine-me, para que também eu seja salvo". O ancião lhe respondeu: "Porque você me interroga assim?". Mas o irmão, levantando-se, abraçou os pés do santo e implorou-lhe que respondesse. Depois de algum tempo, este lhe disse: "Você ainda não pode possuir isto. Pois é preciso que você seja um homem que tenha entrado na posse dos bens da justiça para dar a cada sentido a obra que lhe cabe. Sem nos purificarmos totalmente dos pensamentos vãos do mundo, é impossível nos tornarmos dignos de tal graça. Por isso, se você deseja estes bens, mantenha no coração puro a meditação secreta. Se, com efeito, sua prece e sua meditação das Escrituras permanecerem contínuas os olhos de sua inteligência se abrirão, seu intelecto experimentará uma grande alegria e um desejo inefável e violento: mesmo sua carne será abrasada pelo Espírito, a ponto de que todo o seu ser se tornará espiritual. Então, quando Deus o julgar digno de orar dia e noite com um intelecto puro, longe de toda distração, não se prenda mais à sua própria regra, mas, tanto quanto puder, una-se primeiro a Deus. É ele quem iluminará seu coração sobre a obra espiritual que você deverá cumprir".

Ele acrescentou o seguinte: "Um dia, um ancião se aproximou de mim e, como eu o interroguei sobre o estado de seu intelecto, ele me disse: Eu passei dois anos rezando a Deus de todo o meu coração pedindo-lhe sem descanso que me permitisse ter, impressa em meu coração, continuamente e sem distração, a prece que ele próprio transmitira a seus discípulos. Vendo minhas penas e minha paciência, o Senhor que tudo nos concede atendeu o meu pedido".

Ele disse ainda: "Os pensamentos de vaidade que atravessam o intelecto são enfermidades da alma preguiçosa e negligente. Convém, portanto, conforme está escrito, que guardemos nosso intelecto com toda atenção[716], que cantemos com todo conhecimento, sem distrações, e que oremos com um intelecto puro. Eis por que, irmãos, Deus quer que mostremos o fervor com o qual nos voltamos para ele, primeiro nas penas, depois no amor e na oração contínua, e então ele próprio nos abrirá o caminho da salvação. Ora, é claro que para chegar ao céu não existe outro caminho do que a perfeita hesíquia, a fuga de todo mal, a aquisição dos bens, o amor perfeito a Deus e a união com ele na santidade e na justiça; se alguém chegar a isto, se elevará rapidamente ao coração celeste. Mas é absolutamente necessário que quem deseja se elevar a estas alturas mortifique seus membros que estão sobre a terra[717]. Com efeito, quando nossa alma se regozija na contemplação do bem verdadeiro, ela já não se volta para nenhuma das paixões que conduzem ao prazer. Mas, dando as costas a toda fruição do corpo, com um intelecto puro e sem manchas, ela recebe a graça de Deus".

"Assim, estejamos atentos, submetamos nossos corpos às provações e purifiquemos nossas almas, a fim de fazermos de nossas almas a moradia de Deus e a fim de cumprirmos sem falta seus divinos mandamentos. E ele próprio, no futuro, nos ensinará a guardar com segurança suas leis, enviando-nos como raios de sol suas próprias energias, pela graça do Espírito Santo que ele depositou em nós. Pois é pelas penas e pelas provações que devemos purificar a imagem que fez de nós seres dotados de razão, capazes de receber a compreensão e a semelhança de Deus,

[714] *Nounéchès*: intelectual.
[715] Cf. *Provérbios* 6: 22.
[716] Cf. *Provérbios* 4: 23.
[717] Cf. *Colossenses* 3: 5.

trazendo em nós os sentidos puros e sem mancha, de certo modo forjados na fornalha das provas e transformados com vistas à dignidade real. Foi para que ela participasse de todos os bens que Deus criou a natureza humana capaz de contemplar pelo intelecto os coros dos anjos, os esplendores das Dominações, as Potestades e os Principados, os Exércitos, a luz inacessível e a glória que brilha acima de tudo".

"Quando você conseguir alcançar com sucesso uma virtude, não se volte contra seu irmão pensando que você obteve aquilo em que ele foi negligente: este é o começo do orgulho. Com toda sua força, evite fazer o que quer que seja para agradar aos homens. Se você combate a paixão, não perca a coragem. Se a guerra persistir, não relaxe. Levante-se, atire-se diante de Deus e diga com todo o coração como o Profeta: 'Senhor, julgue os que me ultrajam[718], pois eu nada posso contra eles'. E ele, vendo a sua humildade, lhe enviará depressa o seu socorro. Quando você caminhar na companhia de alguém, recuse qualquer conversa vã. Continue dando ao seu intelecto seu trabalho espiritual, a fim de que este se torne para ele um bom costume e o esquecimento dos prazeres do mundo, alcançando assim o porto da impassibilidade".

Depois de ter instruído o irmão com estas e outras palavras, despediu-se dele. Pouco tempo depois, este voltou para conversar com ele, começando por esta questão: "Pai, que fazer? Durante minha liturgia noturna o sono me ataca e não me permite orar com sobriedade e vigilância, nem mesmo velar. Sinto vontade de fazer trabalhos manuais quando salmodio". Ele respondeu: "Quando você orar com sobriedade e vigilância não realize trabalhos manuais. Mas se você for tomado de acídia, reaja um pouco ameaçando o pensamento, e atire-se ao trabalho manual".

O irmão lhe disse ainda: "Você mesmo não é acossado pelo sono durante sua liturgia?". Ele lhe respondeu: "Miseravelmente. Mas se o sono me ameaça um pouco, eu reajo e começo por dizer uma passagem do Evangelho de João, voltando para Deus o olhar do intelecto, e logo o sono se dissipa. Faço o mesmo com os pensamentos: quando eles chegam, vou ao seu encontro como um fogo, com lágrimas, e eles se dissipam. Você ainda não pode estar armado desta maneira, mas mantenha sempre a meditação secreta e as preces cotidianas formuladas pelos santos Padres, ou seja, as horas terceira, sexta, nona e as vésperas. E esforce-se por cumprir as liturgias noturnas, evitando com todas as suas forças de fazer o que seja para agradar aos homens, bem como evitando toda aversão aos seus irmãos. A fim de não se separar de Deus. Esforce-se por guardar seu intelecto sem distração e cuidadosamente voltado para os pensamentos interiores. Quando você estiver na igreja e for comungar os mistérios divinos[719] de Cristo, não tome nenhuma iniciativa antes de sentir em si mesmo a perfeita paz. Permaneça em pé no mesmo lugar e não saia daí até o fim. Considere que você está no céu e que vai ao encontro de Deus com os santos anjos e que vai recebê-lo em seu coração. Prepare-se com grande temor e tremor para não tomar parte indignamente das santas Potências".

Depois de ter armado o irmão com estas palavras e tê-lo confiado ao Senhor e ao Espírito de sua graça[720], ele o despachou.

O irmão que vivia com ele contava também o seguinte: "Um dia, quando eu estava sentado perto dele, perguntei se ele havia sido provado pelas agressões dos demônios quando estava no deserto. Ele me disse: Irmão, perdoe-me. Se Deus permitisse que sobre você caíssem as tentações que eu recebi do diabo, receio que você não teria suportado tal amargor. Tenho setenta anos, ou quase isto. Passei a maior parte de minha vida entre tentações, morei em diferentes desertos na mais extrema hesíquia, fui tão provado e sofri tantas tentações que é inútil descrever seu amargor aos que ainda não receberam a experiência da hesíquia. Nas tentações, era assim

[718] Cf. *Salmo* 34 (35): 1.

[719] O sacramento da Eucaristia.

[720] Cf. *Atos* 20: 32.

que eu sempre agia: entregava toda minha esperança a Deus, com quem eu me engajara para renunciar ao mundo. Logo ele me livrava da angústia. É por isso, irmão, que eu já não me ocupo de mim mesmo: pois eu sei que ele se preocupa comigo, e assim suporto com mais facilidade as provações que me sobrevêm. De mim, só trago uma coisa: a prece contínua[721]. Eu sei que os infortúnios cresce na medida em que quem os suporta recebe mais e mais coroas. Este é um pacto perante o justo Justo.

"Assim sendo, se você sabe disto, irmão, não caia na negligência. Você sabe que permanece combatendo em meio à batalha e que numerosos são os que combatem por nós o inimigo de Deus. Pois como seria possível que ousássemos encarar um adversário tão terrível de nossa raça, se a direita do Verbo de Deus não nos sustentasse com toda a sua força, envolvendo-nos e nos cobrindo de solicitude? Como poderia a natureza humana escapar das armadilhas que lhe coloca o inimigo? Com efeito, foi dito: 'Quem abrirá suas vestes? Quem penetrará nas dobras de sua couraça? De sua boca saem chamas ardentes e brotam braseiros de fogo. Uma fumaça levanta-se de suas narinas, como cinzas fumegantes ou brasas de fogo. Seu sopro são brasas. Uma chama se ergue de sua boca. No seu pescoço reside sua força. Diante dele corre a perdição. Seu coração é duro como pedra, inflexível como uma bigorna. Ele faz o abismo ferver como uma chaleira. Ele agita o mar como se fosse um vidro de perfume. Ele conduz o cativo às profundezas abissais. Ele enfrenta tudo que se ergue, ele que reina sobre tudo o que existe nas águas[722]'. É contra ele que lutamos, irmão: este tirano com tanto poder, conforme descrito na Escritura. Mas àqueles que assumem a vida solitária como se deve é fácil vencê-lo, nada possuindo de seu, renunciando ao mundo, trabalhando as virtudes com sucesso, nelas conduzindo Aquele que combate por nós. Com efeito, diga-me: quem, depois de se ter aproximado do Senhor e de ter aberto seu intelecto ao temor de Deus, não foi transformado em sua natureza? E quem, depois de se ter iluminado sob a chama da lei e das obras de Deus, não viu cumulada de luz sua alma, e não a preparou assim para irradiar as reflexões e os pensamentos divinos? Este não a deixa estéril, pois ela agora traz a Deus consigo, Deus que leva o intelecto a buscar a luz insaciavelmente. Se esta alma não cessa de agir assim, o Espírito não permite que ela se esgote nas paixões. Ela agora é como um rei: ela opõe aos seus adversários seu sopro poderoso e terrível, despedaça inexoravelmente e jamais bate em retirada. Pela ação ela ergue as mãos para o céu e pela prece do intelecto ela obtém a vitória no combate".

O mesmo irmão contava ainda: "O abade Filemon, além de outras virtudes, havia adquirido esta: ele jamais se permitia escutar propostas insignificantes. Se alguém, por desatenção, lhe falava de algo que não objetivava o bem da alma, ele simplesmente não lhe respondia. E se eu partisse para uma missão, ele não perguntava: 'Porque você está partindo?'. Quando eu regressava, ele não indagava: 'Porque você partiu?', ou: 'Como?', ou: 'O que você foi fazer?'. Um dia, precisei ir a Alexandria de barco, e de lá fui até a rainha das cidades[723] por negócios da igreja. Resolvido o assunto com os piedosos irmãos que lá se achavam, ali permaneci, sem enviar nenhuma notícia ao servidor de Deus. Depois de ter passado em Constantinopla por um tempo bastante longo, retornei a Sceta para junto de Filemon. Ele ficou feliz de me ver, me abraçou, fez uma oração e se sentou, mas não me perguntou nada e permaneceu mergulhado em sua contemplação".

"Uma vez quis pô-lo à prova: passei muitos dias sem lhe levar o pão para comer. Mas ele não me procurou nem disse nada. Então fiz uma metanias e lhe disse: 'Faça-me uma caridade, Pai, e me diga: você não ficou aflito por não ter eu lhe trazido o pão como de costume?' Ele respondeu: 'Perdoe-me, irmão. Se durante vinte dias você não me trouxesse o pão para comer, mesmo assim eu não lhe pediria. Pois, pelo tempo que suportasse minha

[721] Cf. I *Tessalonicenses* 5: 17.
[722] *Jó* 41: 5-26.

[723] Constantinopla.

alma, suportaria meu corpo". A este ponto ele estava tomado pela contemplação do verdadeiro bem".

Ele dizia: "Depois que cheguei a Sceta não mais permiti que meu pensamento deixasse a cela. Não pensei em outra coisa senão no temor a Deus e na geena no século por vir. Lembrei-me do julgamento que ameaça os pecadores, do fogo eterno e das trevas exteriores, e de como as almas dos pecadores serão separadas das dos justos, e de quais bens serão reservados aos justos, recebendo cada qual seu salário de acordo com o que fez[724]: um, pelo acúmulo de suas penas; outro, por sua compaixão e amor sem hipocrisia; outro, por sua pobreza e sua renúncia ao mundo inteiro; outro, por sua humildade e sua profunda hesíquia; outro, por sua extrema submissão; outro, por sua hospitalidade. Quando eu reflito sobre tudo isso, não deixo mais nenhum pensamento agir em mim e já não posso estar com os homens nem permitir que meu intelecto se ocupe deles, a fim de não me separar dos pensamentos mais divinos".

Ele acrescentava a história de um eremita: "Ele alcançou a impassibilidade e recebia da mão de um anjo o pão que o alimentava. Mas, por sua negligência, ele perdeu esta honra. De fato, quando uma alma relaxa pouco a pouco a concentração e a tensão do intelecto a noite toma conta dela. Pois aonde não brilha Deus, tudo escoa nas trevas, e a alma já não é capaz de ver a Deus e de tremer às suas palavras. 'Eu sou um Deus próximo, disse o Senhor, e não um Deus distante. Se um homem se esconde em segredo, não o verei? Será que eu não preencho o céu e a terra, diz o Senhor?'[725]".

Ele evocava as lembranças de tantos outros que haviam passado pelas mesmas provas. Também lembrava a queda de Salomão, que depois de haver recebido tamanha sabedoria e ter sido glorificado por todos – pois era como a estrela da manhã que se levanta na aurora, iluminando todos os seres com a claridade de sua sabedoria – por um pequeno prazer perdeu sua glória[726]. Devemos, portanto, temer a negligência. É preciso orar continuamente[727], para que nenhum outro pensamento venha a nos separar de Deus nem tome lugar em nossa inteligência. Pois o coração puro inteiramente tomado pelo Espírito Santo vê como toda pureza, como num espelho, Deus por inteiro.

"Quando escutei estas suas palavras, disse o irmão, compreendi que por suas próprias obras as paixões da carne já não trabalhavam nele. Ele desejava absolutamente o melhor, a ponto de o vermos sempre transformado pelo Espirito, exalando suspiros inefáveis[728], voltado para si mesmo, pesando a si mesmo e lutando para que nele não entrasse fosse lá o que fosse para turbar a pureza de sua reflexão e que, contra sua vontade, pudesse lhe ser prejudicial".

"Vendo isso tudo, disse o irmão que vivia com ele, eu o pressionava todo o tempo, excitado por imitar tantas marcas de virtude, e lhe fazia numerosas perguntas. Eu lhe dizia: 'Como posso adquirir como você um intelecto puro?'. Ele respondia: 'Vá, trabalhe penosamente. É preciso que o coração trabalhe e pene. Não é quando dormimos e estamos deitados que nos chega aquilo que é digno de nosso esforço e de nossas penas. Nem os bens terrestres vêm às pessoas sem penas. Quem quer alcançar o progresso espiritual deve antes de tudo renunciar à suas próprias vontades, ter em si constantemente o luto e a pobreza, não prestar atenção aos pecados dos outros mas apenas aos seus, chorar por eles dia e noite, e não ligar a ninguém por amizade. Pois a alma que é oprimida pelos infortúnios e mortificada pela lembrança de seus pecados anteriores morre para o mundo, e o mundo para ela[729]. Vale dizer que as paixões da carne não mais

[724] Cf. I *Coríntios* 3: 8.
[725] *Jeremias* 23: 23-24.
[726] Cf. I *Reis* 11: 1-11.
[727] Cf. I *Tessalonicenses* 5: 17.
[728] Cf. *Romanos* 8: 26.
[729] Cf. *Gálatas* 6: 14.

agem e que o homem está morto para as paixões. Pois quem renuncia ao mundo, que se une a Cristo e se consagra à hesíquia, este ama a Deus, guarda sua imagem e é rico em sua semelhança. Do alto, Deus lhe concede o dom do Espírito: ele se torna morada de Deus e não habitação de demônios, e em Deus ele obtém a experiência das obras justas. A alma purificada da existência e liberta das manchas da carne, nem possuindo mais crostas nem rugas[730], recebe a coroa da justiça e brilha com a beleza das virtudes'. Assim falava ele".

"Pois naquele que, no início da renúncia, não traz o luto em seu coração, nele não existem nem lágrimas espirituais, nem memória do castigo sem fim, nem verdadeira hesíquia, nem prece constante, nem salmodia, nem meditação das divinas Escrituras: ele não tem o hábito desta ascese, que faz com que o intelecto, mesmo que ele não queira, o obrigue a praticá-la na continuidade da paciência. O temor a Deus domina seus pensamentos, mas ao mesmo tempo este homem repousa na amizade do mundo e não é capaz de adquirir a pura inteligência na oração. Pois a piedade unida ao temor de Deus purifica a alma das paixões, predispõe o intelecto para a liberdade, leva-o à contemplação natural, permite que ele se aplique à teologia que recebe como a própria imagem da beatitude, cujas garantias ele confia aos teólogos aqui de baixo, enfim, ele a guarda em paz".

"Dediquemo-nos com todas as nossas forças ao trabalho ativo por meio do qual somos conduzidos à piedade, que é a pureza do intelecto, cujo fruto é a contemplação natural e teológica. Pois a ação é a via de acesso para a contemplação, como o afirmou uma inteligência penetrante e inteiramente teológica[731]. Portanto, se negligenciarmos a ação, ficaremos desprovidos de toda filosofia. Mesmo que alguém tenha alcançado o mais alto cume da virtude, ele precisará das penas da ascese para colocar um freio nos impulsos desordenados do corpo e guardar atentamente os pensamentos. Desta maneira dificilmente conseguiremos nos tornar morada de Cristo. Pois na medida em que aumenta em nós a justiça aumenta-nos também a coragem espiritual. E o intelecto que se tornou perfeito se une inteiramente a Deus, cercado do esplendor da luz divina, e descobre os segredos indizíveis dos mistérios. Ele então aprende em verdade onde está o entendimento, onde está a força, onde está a compreensão de todas as coisas, onde estão a longevidade e a vida, onde está a luz dos olhos e a paz[732]. Com efeito, enquanto ele estiver ocupado em combater as paixões, não terá tempo de usufruir destes bens. Pois as virtudes e os vícios tornam o intelecto cego[733]. Os vícios, para que ele não veja as virtudes; e as virtudes, para que ele não veja os vícios. Mas quando lhe é concedido colocar fim à guerra e se torna digno dos carismas espirituais, ele se torna inteiramente luminoso, permanece constantemente sob o efeito da graça, firme na contemplação espiritual. Este homem já não estará ligado às coisas aqui de baixo, mas terá passado da morte para a vida[734]".

"Quem se aproxima da vida consagrada e que se dirige para Deus, deve ter o coração casto e a boca pura, a fim de que a palavra pura que sai de sua boca possa louvar a Deus condignamente. Pois s alma unida a Deus conversa com ele continuamente".

"Irmãos, queiramos alcançar este cume de virtudes, não permaneçamos agarrados à terra por causa das paixões. Pois quem combate, que consegue se aproximar de Deus, que participa da santa luz, que é abençoado pelo desejo que sente por ela, desfruta no Senhor de uma alegria espiritual inconcebível. Como diz o salmo divino: 'Deleite-se também no Senhor, e ele concederá os desejos do seu coração; ele fará sobressair a sua justiça como a luz, e o seu juízo como o meio-dia[735]'. De fato, qual desejo da alma é tão violento e insuportável quanto aquele que Deis concede à alma

[730] Cf. *Efésios* 5: 27.
[731] Gregório de Nazianze, *Discursos* IV, 133.
[732] Cf. *Baruq* 3: 14.
[733] Cf. Evagro, *Tratado Prático* 62.
[734] Cf. *João* 5: 24.
[735] *Salmo* 36 (37): 4, 6.

purificada de todo mal e que diz com o coração verdadeiramente voltado para ele: 'Eu desfaleço de amor[736]'? Os relâmpagos da beleza divina são inteiramente indizíveis e inexplicáveis. A palavra não os descreve, os ouvidos não os recebem. Mesmo que pudéssemos invocar a beleza da estrela da manhã, o clarão da lua, a luz do sol, todas estas coisas nada são comparadas a esta glória, e estão tão distantes da verdadeira luz como uma noite profunda ou a mais espessa treva está do brilho puro do meio-dia. É isto que Basílio, tão admirável em seus ensinamentos, recebeu por experiência e ensinou, e nos transmitiu[737]".

Tudo isto nos contou o irmão que com ele vivia. Mas quem não se admiraria deste traço dele, que nos dá outra grande prova de sua humildade? Muito depois que ele havia sido considerado digno do sacerdócio e alcançado os bens celestes por sua conduta e seu conhecimento, ele fugia da majestade das divinas hierurgias[738] a tal ponto que, durante a maior parte dos anos que durou o combate de sua ascese, ele jamais aceitou se aproximar da Santa Mesa. E ele ainda fugia da comunhão aos mistérios divinos. Ele vivia com tanto rigor que não comungava depois de ter conversado com os homens, mesmo que não tivesse dito nada de terrestre e que tivesse tido a conversa pelo bem daqueles que lhe pediam a palavra. Se ele tinha que comungar dos divinos mistérios, ele suplicava a Deus por preces, salmodias e confissões. Ele tremia à voz do padre, quando este chamava para a comunhão e exclamava: "Os santos dons para os santos". Pois ele dizia que toda a igreja estava cheia com os santos e anjos e com o Rei dos Exércitos em pessoa, que celebrava misteriosamente e se transformava em nossos corações em corpo e sangue. Por isso, ele dizia: "É preciso ousar – com castidade e pureza, como se estivéssemos fora da carne, sem hesitar nem duvidar – entrar na comunhão dos puríssimos mistérios de Cristo, a fim de participar da iluminação que provém destes mistérios. Dentre os santos Padres são muitos os que veem os anjos que os guardam. É por isso que eles se mantém em silêncio, guardando-se, e não falam com ninguém".

Ele ainda dizia que, se tivesse que vender ele próprio o trabalho de suas mãos, ele se colocaria, fazendo-se de louco, de medo que, a custa de falar e responder, proferisse uma mentira, ou um juramento, ou uma vanglória, ou qualquer outra espécie de pecado. Quem quisesse adquirir o fruto de seu trabalho recebê-lo-ia dele e lhe daria o quanto quisesse. Ele confeccionava coroas. E este homem verdadeiramente filósofo recebia com gratidão aquilo que lhe davam, sem dizer palavra.

---

[736] *Cânticos* 5: 8.
[737] São Basílio, *Grande Regra* 2.
[738] A celebração dos mistérios de Deus.

TEOGNOSTES

SOBRE A AÇÃO E A CONTEMPLAÇÃO E SOBRE O SACERDÓCIO

Teognostes

Se o bem-aventurado Teognostes, pai dos presentes capítulos, foi Alexandrino e exegeta como diz Photius, ou qualquer outra coisa, e em que tempo viveu, não sabemos exatamente. Mas na medida em que podemos reconhecer a árvore por seus frutos, ele foi um homem engajado na ação e no conhecimento, e, pela pureza de sua vida obteve em si a graça do Espírito Santo. Com o intelecto iluminado pelos esplendores aos quais está naturalmente ligada a revelação do todo e, qual um instrumento, inspirado pelos sopros da vida, ele cantou os presentes capítulos como uma melodia harmoniosa e sagrada. Pelo efeito da graça e dos significados espirituais destes capítulos, ele encanta o entendimento e a inteligência dos leitores e os conduz ao zelo prático da ação direita. Assim o extraordinário modo da ação mostra o caminho, e a subida da contemplação é ensinada sem falha. Quem é, e quem deve ser aquele que honra o cargo de sacerdote, isto é ensinado com precisão em cada uma destes capítulos. Para os que buscam também as penas da ascese esta obra é de grande valia moral: ela suscitará neles a nepsis, uma sobriedade e uma vigilância salutares.

*

"Se você quiser ser conhecido por Deus, seja desconhecido pelos homens", escreve Teognostes no primeiro dos seus sessenta e quatro capítulos. Estaria ele pensando em si mesmo? Seu nome significa "conhecido de Deus". Mas ignoramos, senão como, mas com quem, onde e quando ele viveu. Mas ele cita João Damasceno: portanto, ele não viveu antes da segundo metade do século VIII. É possível que ele tenha sido um destes padres letrados que, do século IX ao XII asseguraram a Constantinopla a transição entre os últimos místicos bizantinos e os Sinaítas, a quem ele seguia talvez de perto, talvez de longe. Que o vigésimo quinto capítulo de

João de Cárpatos, próximo dos Sinaítas, esteja inserido tal e qual no vigésimo sexto capítulo da obra de Teognostes, poderia ser um sinal nesse sentido, mas não uma prova. Seria igualmente possível, a considerar seu testemunho, situá-lo entre os contemporâneos de Gregório Palamas, mas também aí nada existe de comprobatório. Resta a obra em si, breve, sólida e densa, inteiramente consagrada aos dois estado limítrofes da vocação cristã.

O primeiro é a *pleroforia*, a plena certeza da visão de Deus, aqui e agora. Esta experiência oculta e esta questão colocada atravessam de parte a parte da longa história do monaquismo que jamais deixou de ser trabalhado pela única necessidade do segundo nascimento: a passagem do criado ao incriado, impossível para o homem (que deve "se apagar"), mas possível a Deus, por meio de Cristo e do Espírito Santo. É isto que significa Teognostes. A *pleroforia* participa do paradoxo evangélico: "Quanto mais você descer, mais se elevará", diz ele. Os caminhos de aproximação indicados aqui – a renúncia, a humildade ("desça ao abismo da humildade"), a hesíquia, a impassibilidade, a temperança, a prece do coração, a pureza, a morte – não têm senão um objetivo: polir o espelho no qual a imagem de Deus em nós pode receber, pela graça do Espírito Santo, a incandescência do incriado.

O segundo estado limite é o sacerdócio, tratado nos capítulos de 13 a 21, 49 a 60, 70 a 74. Teognostes coloca em alto lugar a consciência do sacerdote, tão alto que ela se une na origem do mundo ao próprio ato de amor a Deus, à sua descida e sua imolação. O sacerdote, para Teognostes, não é o sacrificador senão na medida em que é também, e acima de tudo, a imagem do Cordeiro. "Aniquile a si mesmo, diz ele, como o cordeiro enviado à imolação, considerando que todos estão em verdade acima de você". Teognostes identifica pura e simplesmente a vocação sacerdotal à vocação monacal. Tornar-se sacerdote, para ele, equivale a se engajar em levar uma vida semelhante à dos anjos. Ele encabeça a hierarquia da santidade: o contrário da hierarquia do mundo. Assim, o sacerdócio, como a *pleroforia*, se situa no fundo na ordem do impossível, onde somente Deus pode agir.

A plena certeza da visão de Deus e a celebração eucarística tornam-se aqui as duas faces de um testemunho comum que não poderia ser transmitido abertamente, ostensivamente, mas que deve acontecer, interiormente e como que num vazio, pela via negativa da ascese, sob o duplo selo do mistério e da revelação: o próprio testemunho de Teognostes.

DE NOSSO SANTO PAI TEOGNOSTES, SOBRE A AÇÃO E A CONTEMPLAÇÃO, E SOBRE O SACERDÓCIO

1. Considere que você terá em si a virtude verdadeira quando tiver desprezado perfeitamente tudo o que existe sobre a terra, guardando seu coração, graças a uma consciência pura, sempre pronta a partir para o Senhor. Se você quiser ser conhecido de Deus, seja desconhecido pelos homens, na medida do possível.

2. Veja as consolações supérfluas do corpo e retire-se delas, para que elas não suprimam nenhuma de suas penas, na medida em que, com toda evidência, o conforto resultante destas consolações penetra então nas penas anteriores, tomando o lugar da impassibilidade. Considere que o mal, para você, não é ser privado das coisas agradáveis, mas desviar-se do melhor por desfrutar destas coisas.

3. Considere-se como uma formiga ou um verme em todos os sentidos, a fim de se tornar o homem criado por Deus. Pois se você não começar por aí, não haverá sequência. Quanto mais você descer, mais se elevará; será quando você se considerar como nada diante do Senhor[739], conforme o Salmista, que você se tornará grande, por ter estado oculto durante algum tempo. E será quando você considerar que nada possui e que nada sabe que você se tornará rico na ação e no conhecimento louváveis no Senhor.

4. Quebre o braço do pecador e do ladrão[740], vale dizer, do prazer e da malícia, dois quais nascem todos os vícios. Quebre-os por meio da temperança e da inocência trazida pela humildade, a fim de que nada seja encontrado em você, se uma nobre palavra lhe pedir conta de seus pecados, no momento em que suas obras forem examinadas. Pois as faltas são aniquiladas quando, odiando as causas que fizeram com que as tenhamos cometido, nos dedicamos a combatê-las: assim substituímos a primeira derrota pela vitória última.

5. Nada é melhor do que a prece pura, de onde, como de uma fonte, jorram as virtudes: a compreensão e a doçura, o amor e a temperança, o socorro e a consolação que Deus concede pelas lágrimas. E esta é a beleza desta prece: a concentração se concentra nela apenas nas suas palavras e nos seus pensamentos. Tal é igualmente a insaciável e contínua tensão que a leva a descobrir o divino, quando o intelecto, seguindo as pegadas de seu próprio Mestre através da contemplação dos seres e buscando com um desejo ardente, sedento, encontrar e ver o invisível, ou, contemplando as trevas, sua retirada[741], se volta outra vez para si mesma, recolhida com toda piedade, pois neste instante ela se contenta com a contemplação que lhe é revelada para seu bem e que a consola. E ela tem toda a esperança de alcançar aquilo que ela deseja, quando se cumprirem as profecias, e aquilo que ela imaginava no meio das sombras, como num espelho e por enigmas[742], e que ela verá continuamente face a face com toda pureza.

6. Retire-se das mais altas contemplações se você ainda não atingiu o cume da impassibilidade, e não corra a buscar, sem poder atingir, aquilo que o ultrapassa. De fato, foi dito: se você quiser se tornar teólogo e contemplativo ao mesmo tempo, eleve-se pela vida que você leva e adquira por meio da purificação aquilo que é puro. E, como eu mencionei a teologia, vele para não se estender ao infinito sobre a sua altura, e considere que não é permitido aos que ainda bebem o leite das virtudes[743] tentar voar nestas alturas, para que não despenquem como passarinhos imperfeitos, mesmo que o mel do conhecimento excite o desejo. Mas quando, purificados pela castidade e pelas lágrimas, formos elevados da

[739] Cf. *Salmo* 38 (39): 5-6.
[740] *Salmo* 9: 36.
[741] Cf. *Salmo* 17 (18): 12.
[742] Cf. I *Coríntios* 13: 12.
[743] Cf. I *Coríntios* 3: 2.

terra como Elias[744] ou Habacuque[745], anunciando então ao arrebatamento em meio às nuvens[746], e quando encontrarmos Deus estando fora de nossos sentidos pela oração pura, contemplativa e desembaraçada de toda distração, então talvez desabrochemos de algum modo a teologia.

7. Se você deseja se tornar digno da visão e da aparição divinas no espírito, primeiro abrace a vida pacífica da hesíquia. Assim desembaraçado, conheça a si mesmo e conhecerá a Deus. Pois se isto acontecer, nada impedirá que, como numa leve brisa, no estado puro que nenhuma paixão pode perturbar, seja visto em seu intelecto Aquele que é invisível a todos e que lhe anunciará a boa nova da salvação por uma manifestação altíssima de seu conhecimento.

8. Quando acaba de ocorrer o relâmpago, logo esperamos pelo trovão. Da mesma forma, onde brilha a reconciliação divina, a tempestade das paixões se acalma. E quando isto acontece, com quem atingiu esta conciliação estará também a garantia, a beatitude do Reino. Mas não há piedade divina nem esperança de impassibilidade numa alma que ama o mundo mais do que o Criador, que tem um gosto apaixonado pelas coisas visíveis e que agarra totalmente aos prazeres e ao desfrute da carne.

9. Não busque no intelecto o que pode ser o divino, nem onde ele está. Pois ele está acima do ser e não depende de lugar, uma vez está acima de tudo. Reflita apenas em você, como num espelho, na medida do possível, Deus o Verbo circunscrito em nossa natureza, irradiando luz em sua natureza divina e simbolizando num lugar Aquele que está em toda parte, pois a Divindade é infinita. Enquanto isto, quanto mais você se purificar, mais se tornará digno de iluminação.

10. Se você está tomado pelo conhecimento e pela indubitável certeza da salvação, dedique-se sabiamente a romper os laços passionais que ligam a alma ao corpo e, despojando-se de sua tendência para as coisas materiais, desça ao abismo da humildade: lá você encontrará a pérola preciosa[747] de sua salvação, escondida no conhecimento divino como numa concha e anunciando antecipadamente o esplendor do Reino de Deus.

11. Quem chegou à submissão do intelecto sujeitando a carne ao espírito não precisa de submissão humana. Pois este homem se submete à palavra e à lei de Deus, como um sujeito reconhecido. Mas nós, em quem o corpo combate a alma e lhe faz guerra, devemos nos submeter, entregando-nos a alguém que nos comande e nos dirija, segurando o leme com ciência e buscando o melhor, a fim de que não sejamos destruídos pelos adversários espirituais nem engolidos pelas paixões por nossa falta de experiência.

12. Quando você não está perturbado por nenhuma paixão e o desejo divino cresce em seu coração, quando, considerando-a como um sono, você não teme a morte e ao contrário deseja a dissolução, então você terá adquirido a garantia da salvação e fará retornar para você o Reino dos céus[748], regozijando-se numa alegria indizível.

13. Se você foi considerado digno do sacerdócio divino e venerável, você se colocou na obrigação de ser imolado pela morte das paixões e dos prazeres e de assim ousar se juntar ao sacrifício vivo e terrível, se não quiser ser totalmente consumido pelo fogo divino como uma matéria inflamável. Pois se o serafim não ousou tocar sem pinças a brasa divina[749], como tocaria você esta brasa sem a impassibilidade, por meio da qual você terá sacrificado sua língua, pela qual seus lábios terão sido purificados, sua alma e seu corpo terão se tornado castos e suas próprias mãos se terão tornado mais brilhantes do que o ouro, como servidores do fogo e da vítima mais elevada do que o ser?

---

[744] Cf. II *Reis* 3: 2.
[745] Cf. *Daniel* 14: 36.
[746] Cf. I *Tessalonicenses* 4: 17.
[747] Cf. *Mateus* 13: 46.
[748] Cf. *Lucas* 17: 21.
[749] Cf. *Isaías* 6: 6.

14. Compreenda bem a força do que está dito aqui: você é iniciado a cada dia nesta salvação de Deus, que o velho Simeão viu de uma vez por todas: ele ficou maravilhado e pediu ao Mestre que o deixasse ir em paz[750]. Mas se você não recebeu do Espírito Santo ser um mediador entre Deus e os homens, como se fosse igual aos anjos, não se arrisque temerariamente a celebrar a terrível e pura iniciação aos mistérios divinos, esta iniciação reverenciada pelo anjos e que, por sua pureza sem mistura, muitos santos recusaram com toda piedade. Não tenha essa audácia, para não ser destruído como Ouza[751], por haver dissimulado o bem.

15. Vigie a si mesmo, como disse o Senhor, a fim de que, mesmo tendo recebido sobre si, talvez por fraqueza, alguma mancha, seja esta consumida pelo fogo divino, e que você possa sempre transportá-la para além dos seus pecados anteriores. Pois assim você será capaz de transformá-la na natureza da prata ou na natureza do ouro, como um vaso de eleição, útil, puro e digno de tal vítima, ainda que alguns vasos sejam de madeira ou barro, desde que, em sua liberdade, você tenha o pendor divino em você. Pois onde Deus está pronto a escutar, não há obstáculos na transformação disto naquilo.

16. Considere o tamanho da honraria, semelhante à dos anjos, da qual você foi considerado digno, e esforce-se por meio de todas as virtudes e de toda pureza, para se manter no grau de dignidade para o qual você foi chamado e aí permanecer intocável. Pois você sabe de que altura caiu Lúcifer em seu orgulho. Não sofra a mesma coisa se glorificando, mas considere que você é terra e cinzas[752], impuro e cão, e se lamente continuamente de ter sido inteiramente considerado digno de ser chamado à comunhão e ao parentesco divinos por seguir o caminho sobre o qual os santos cumpriram a terrível celebração, pelo indizível amor que Deus dedica ao homem e por sua inefável bondade.

[750] Cf. *Lucas* 2: 29.
[751] Cf. II *Samuel* 6: 6-8.
[752] Cf. *Gênesis* 18: 27.

17. O homem que se consagra deve se manter puro de todas as paixões, em especial da prostituição e do ressentimento, e não se abandonar à imaginação, para não ter o rosto destruído ou coberto de alcatrão quando tocar o corpo real, e não ser odioso e execrável.

18. Tornado acima de tudo mais branco do que a neve pelos flocos das lágrimas, com a consciência alva de pureza, agarre-se aos santos, como um santo, deixando transparecer a beleza interior da alma sob a brancura exterior semelhante aos anjos. E na celebração dos mistérios divinos, vigie para não ser investido apenas pela tradição dos homens, mas para que, de maneira oculta e misteriosa, a graça esteja em você, permitindo-lhe conhecer as coisas mais elevadas.

19. Se você foi tomado pela incorruptibilidade e a imortalidade, procure na fé, com veneração e piedade, aquilo que vivifica e não se altera, desejando partir daqui, pois, pela fé você chegou ao objetivo. Mas se você teme a morte, é porque você ainda não se uniu por amor a Cristo, cujo sacrifício você se tornou digo de celebrar com suas mãos, e de cuja carne você se sacia. Pois se você foi tomado pela incorruptibilidade, é porque você se esforçou para ir aonde se encontra o Bem-Amado, já não mais levando em nenhuma consideração a vida e a carne.

20. Tornando-se sacrificador e participando da carne de Deus pela comunhão, você deve se tornar da mesma natureza que ele e assimilar-se à sua morte[753], não vivendo mais para si mesmo, como diz o Apóstolo, mas para aquele que foi crucificado e que morreu por você[754]. Mas se, por causa da carne e do mundo, você vive de maneira passional, prepare-se, através da morte, para um castigo eterno se você não se detiver espontaneamente antes da celebração do sacrifício incruento. Pois muitos dos que

[753] Cf. *Romanos* 6: 5.
[754] Cf. *Gálatas* 2: 20.

celebraram indignamente o sacrifício aqui em baixo, levados por uma morte súbita, foram enviados à Geena no além.

21. Um sacerdote, que era monge ao mesmo tempo, tinha uma reputação de piedade e era honradamente considerado por sua aparência exterior; mas por dentro era secretamente sujo e debochado. Certa vez, quando ele celebrava a Divina Liturgia e se aproximava do Canto dos Querubins, ele se aproximou inclinando a cabeça diante da santa Mesa, conforme o costume, e começou a ler em voz alta: "Ninguém é digno"; neste instante, caiu morto: sua alma o havia deixado neste estado.

22. Nada é melhor do que uma palavra e um conhecimento retos, pois é daí que nascem o temor e o desejo por Deus. O temor purifica a piedade e o aquietamento. O desejo leva à perfeição pela iluminação e o discernimento, e arrebata o intelecto às alturas pela contemplação suprema e pela elevação. Sem o temor é impossível ser transportado para o amor divino, é impossível voar graças a ele para aquilo que se espera e naquilo em que se deseja repousar.

23. Se você me crê, você que deseja a salvação ardentemente e que para alcançá-la corre até obtê-la, cansando-se na sua busca, pedindo sem descanso e batendo com paciência[755] até encontrá-la, depois de ter construído uma fé sólida e uma humildade que sejam como que uma fundação sob seus pés: você obteve o que desejava, não apenas quando conseguiu a remissão de seus pecados, mas quando já não sente apreensão nem teme mais o levante de nenhuma paixão, tendo se separado da carne sem medo e com toda segurança.

24. Peça, vertendo muitas lágrimas, para receber uma plena certeza, mas não antes do fim, se você for humilde, para não ser desprezado depois por seu descuido. Naquele momento, peça para se encontrar perto da morte e poder alcançá-lo, a fim de não perder aquilo que você deseja, por ser um ridículo presunçoso em sua suposta segurança, quando vier o tempo que você espera. E aonde iria você, infeliz, sem garantia e sem a plena e indubitável certeza que só o Espírito concede?

25. Você que está imbuído da impassibilidade deificante, descubra antes pela obediência e pela humildade aquilo que deseja, a fim de não se fatigar passando por outro caminho. Não possui a impassibilidade aquele que ora é perturbado pelas paixões ora está calmo e repousado, mas aquele que desfruta continuamente desta impassibilidade, que permanece sem balançar diante das causas presentes das paixões e aquele, por excelência, não se perturba nem como o pensamento das paixões.

26.[756] Combatendo e injuriando, o inimigo penetra destemidamente na alma que saiu do corpo, e se faz acusador amargo e terrível de suas faltas. Mas mesmo que em outros tempos a alma tenha sido muitas vezes ferida por pecados, podemos ver agora a alma que ama a Deus não mais atingida pelos assaltos e as ameaças do inimigo, mas antes confortada no Senhor, elevando-se em alegria como sobre asas, encorajada pelas santas potências que a conduzem, cercada pela luz da fé e replicando ao maligno com toda segurança: "O que existe entre você e nós, desertor dos céus e mau servidor? Você não tem nenhum poder sobre nós. Somente Cristo, o Filho de nosso Deus e Deus do universo, tem este poder. É contra ele que pecamos, será diante dele que responderemos, tendo como garantia sua misericórdia por nós, e como salvação sua cruz preciosa. Quanto a você, miserável, fuja para longe de nós: não existe nada entre você e os servidores de Cristo". Quando a alma disser estas palavras resolutamente, o diabo dar-lhe-á as costas, lamentando-se e gritando, incapaz de suportar o nome de Cristo. De pé sobre o inimigo, a alma pisará nele e lhe baterá como faz ao corvo o "*oxyptero*[757]", pássaro de asas rápidas. Neste

[755] Cf. *Mateus* 7: 7.

[756] Este parágrafo repete quase textualmente João Cárpatos, *Exortação aos monges da Índia*, 25.

[757] Literalmente: "de asas rápidas"

momento a alma é reconhecida pelos anjos divinos e pode se regozijar no lugar que lhe foi assinalado na medida de seu estado.

27. O desejo pelas coisas que passam não o arrastará para baixo, para a terra, se você imaginar as coisas do céu. Mas se um pendor passional pelas coisas da terra o prender a ela, você se parecerá com uma águia presa pelas garras numa armadilha, incapaz de voar às alturas. Considere e veja todas as coisas como dejetos[758], na esperança do melhor. E depois de se ter desembaraçado desta carne, quando vier o tempo, siga o anjo de Deus que o buscará.

28. Assim como a moeda que não possui o timbre real não pode ser colocada dentre os tesouros do rei com as peças usuais, também sem conhecimento direito e sem impassibilidade é impossível receber a garantia da beatitude do além, de partir das coisas daqui com segurança e plena certeza para ganhar aquilo que se espera e ser contado entre os eleitos. Chamo de conhecimento não a sabedoria, mas a infalível percepção de Deus e do divino. Assim, aquele que ama a Deus e não é atraído pelas paixões se eleva para a deificação por meio da graça do Espírito.

29. Ainda que você tenha praticado todas as virtudes, não tenha a pretensão de ter alcançado a impassibilidade e de permanecer descuidado neste mundo, para que não tenha dificuldade em partir depois de ter modelado aqui em baixo as formas das paixões. Dirigido continuamente pelo temor, vigie sua natureza versátil e mutante. Na sabedoria, afaste-se das causas das paixões. Pois a impassibilidade eminentemente imutável reside naqueles que alcançaram o amor perfeito, que por meio de uma contemplação contínua ultrapassaram as coisas sensíveis e que atravessaram a humildade ainda em seus corpos. A chama das paixões, extinta pela voz do Senhor[759], já não os abrasa, porque eles já foram transformados no caminho da incorruptibilidade.

30. Não se imagine impassível antes do tempo, a fim de não sofrer o que sofreu o primeiro homem ao comer o fruto prematuro da árvore do conhecimento[760]. Ao contrário, trabalhando pacientemente na via de uma temperança envolvente e um prece contínua, guardando os frutos de seu trabalho pela vergonha de si mesmo e pela extrema humildade, receba a graça da impassibilidade no tempo certo. Depois da grande tempestade e de tanto tumulto, chegue ao porto do repouso. Pois Deus não é injusto, que feche a porta da impassibilidade aos que caminham retamente.

31. Seja como a formiga em seu rebaixamento e sua negação, ó preguiçoso, você que ainda não foi testado, e aprenda comigo que Deus, a quem nada falta e que transborda, não tem necessidade de nossos bens, mas cumula de benesses abundantes e salva, com sua graça, seus eleitos reconhecidos, mesmo que, em seu amor pelos homens, ele receba os trabalhos que estes fizeram na medida de suas forças. Assim, se você se esforça porque lhe deve bens que antes de você já existiam, você faz bem e está perto da piedade divina. Mas se você considera que é Deus quem lhe deve por causa do bem que você imagina ter feito, você se afastou da via reta. Pois como pode o benfeitor dever? Corra como um servidor assalariado e, progredindo pouco a pouco, você conseguirá o que busca, com a compaixão de Deus.

32. Quer que eu lhe mostre outro caminho de salvação, ou melhor, de impassibilidade? Incomode o Criador tanto quanto puder com suas orações, não se afaste do objetivo que lhe foi assinalado, continuamente apelando, para chegar a ele, pela mediação de todas as potências celestes, de todos os santos e da Toda Pura Mãe de Deus. Não procure pela impassibilidade se você não for digno deste dom. Mas peça a salvação, trabalhando arduamente, e junto com ela você receberá a impassibilidade.

---

[758] Cf. *Filipenses* 3: 8.
[759] Cf. *Salmo* 28 (29): 7.
[760] Cf. *Gênesis* 3: 6.

Pois esta é semelhante à prata, mas a salvação é parecida com o ouro puro. E agarre-se tanto quanto puder à obra secreta que serve a Deus e às palavras dos mistérios ocultos junto a ele, estas palavras que o deificam, nas quais o divino se regozija e desce a nós.

33. Esforce-se para receber secretamente em seu coração, com plena e indubitável certeza, a garantia da salvação, para não se perturbar nem se aterrorizar desprevenido no momento da morte. Neste momento, se você não tiver mais um coração que o condena por suas faltas, ainda terá uma consciência que o fustiga por suas provocações. Se, pela graça de Deus, você pôde se libertar da selvageria das paixões brutais, se correrem as lágrimas da consolação, o intelecto rezará com toda pureza e sem nenhuma distração. Então, com o coração pronto, você receberá com doçura a morte terrível da qual a maioria foge.

34. As palavras de vida eterna de Deus o Verbo, conforme o testemunho do corifeu dos apóstolos[761], são as razões daqueles que ele criou, estas razões que o homem iniciado nos seus mistérios possui daí por diante: a vida eterna, a garantia do Espírito e a esperança da salvação, que nada pode confundir. Não é digno disto quem prefere a carne à alma e que tem um pendor passional pelas coisas terrestres.

35. O homem racional não é aquele que se exprime pela palavra; isto, todo homem faz. O homem racional é aquele que, pela razão, busca encontrar a Deus e segue suas pegadas. Ele não encontrará aquilo que o Supra-essencial é em sua essência; pois isto é impossível para qualquer natureza. Mas ele o descobrirá por intermédio da sabedoria criadora dos seres, pela providência e pela direção, a coesão, a conduta e a conservação, nas quais se encontra e nas quais, podemos dizê-lo, se pode ver o artista supremo e de certo modo também o arquiteto, através das obras de suas próprias mãos.

[761] Cf. *João* 6: 68.

36. Você não acessará convenientemente a despossessão sem a impassibilidade; nem a impassibilidade sem o amor; nem o amor sem o temor e a prece pura; tampouco chegará aí sem a fé e a ausência de cuidados, por meio de quê o intelecto alado rejeita os pensamentos que o assaltam e voa para as alturas e os lugares elevados, à procura de seu próprio mestre.

37. Abrace a pureza como a menina dos olhos, para se tornar o templo de Deus e morada digna de ser amada. Pois é impossível, sem a castidade, conseguir se unir a Deus. Isto é engendrado pelo desejo divino, a ausência de pendores passionais e a fuga do mundo. E a humildade, a temperança, a prece constante, a contemplação espiritual, as lágrimas abundantes e a constância da alma conservam a castidade. Mas sem a impassibilidade, você não alcançará a beleza do discernimento.

38. Que ninguém o engane, irmão, dizendo-lhe que se pode ver a Deus independente da santificação de que fala o Apóstolo[762]. Pois o Senhor mais do que puro, que está acima de toda pureza, não aceita aparecer ao impuro. Do mesmo modo como aquele que ama a seu pai ou sua mãe, ou seus filhos e filhas mais do que a ele[763], não é digno dele, também não o é quem ama seja lá o que for de passageiro e material. Com mais razão ainda, não é digno dele quem prefere o pecado infame e pútrido ao amor do Senhor. Pois Deus derruba quem não se desvia da sujeira. O que é corrupto não pode herdar a incorruptibilidade[764].

39. Sem o conhecimento, você não será considerado digno do amor divino. E você não será considerado digno do conhecimento sem a fé. Eu chamo de fé não apenas a fé nua, mas a fé que deriva da prática das virtudes. Você alcançará a compunção verdadeira quando, depois de ter subjugado o

[762] Cf. *Hebreus* 12: 14.
[763] Cf. *Mateus* 10: 37.
[764] Cf. I *Coríntios* 15: 40.

prazer inato da carne por meio da temperança e das vigílias, da prece e da humildade, se crucificar junto com Jesus[765], não mais vivendo as paixões, mas vivendo pelo Espírito divino e seguindo a esperança da herança do alto[766].

40. Clame por Deus: "Veja por que eu reconheço sua benevolência: meu inimigo já não se rejubila sobre mim[767], ele que, por meio das paixões, me tiraniza e me ultraja. Mas para que você me resgate de suas mãos antes da morte, depois de ter me tornado digno de viver espiritualmente, conforme lhe apraz, possa você, para um bom final, me conduzir diante de seu Trono, salvo e trazendo, graças à sua compaixão, a garantia da salvação e da plena e indubitável certeza recuperada, uma vez que, sem perturbação e sem temor de não estar pronto no momento do êxodo, eu considero insuportável essa aflição, mais amarga e pior do que a morte e o castigo".

41. A fé e a esperança não acontecem por si, pura e simplesmente, e não são fortuitas. A fé necessita de uma alma firme, e a esperança de uma vontade e um coração retos. Sem a graça, de fato, como crer facilmente naquilo que não vemos? E como esperar pelos bens invisíveis do século futuro, se não tivermos nenhuma experiência direta dos carismas do Senhor? É por meio destes carismas que recebemos a plena certeza dos bens futuros coo se eles estivessem presentes. Para uns e outros a virtude é necessária, assim como a impulsão e o socorro de Deus. Se estas coisas não estão em nós, nós nos estafamos sem saber aonde estamos indo.

42. O fruto da verdadeira virtude é, seja o conhecimento, seja a impassibilidade, seja ambos. Se isto não acontecer é por que agimos em vão, e a virtude é fingida e falsa. Pois se nos orgulharmos agora, não só das folhas mas também dos frutos, buscando o que agrada aos homens ou a n´[os próprios, ou buscando qualquer outra coisa que não agrade a Deus, estaremos sendo bastardos e não amados de Deus. Mas nós, que corrigimos a causa, sem dúvida receberemos, para nosso benefício, a graça de nosso Deus bom, esta graça que traz em si, quando necessário e na medida do necessário, o conhecimento e a impassibilidade.

43. Pela iluminação da graça, compreenda os pensamentos do inimigo e, derramando lágrimas diante de Deus, confesse sua fraqueza considerando a si mesmo como nada, mesmo se o enganador o persuadir a se ver como alguém. Não se considere digno de receber os carismas, exceto os que suscitam a salvação e preservam a humildade. Busque o conhecimento que não infla, como a causa do conhecimento de Deus, para não ser oprimido até o fim pelas paixões, como se estas fossem tiranos, e para se libertar da carne por meio da impassibilidade, ou, mais humildemente, pelo sofrimento que experimentado com as faltas.

44. Assim como não é possível voar sem asas às alturas e às regiões elevadas, também é impossível alcançar o que esperamos sem a plena e indubitável certeza do além. Ora, a plena certeza provém de uma extrema humildade, ou da graça do Espírito Santo naqueles que estão perfeitamente reconciliados com Deus e nos quais a impassibilidade se encontra total ou parcialmente, ou da maneira mais perfeita no momento da reconciliação e da purificação. Quanto aos que, ao contrário, se separam de seus corpos quando ainda estão no meio da tempestade das paixões ou no sábado[768] (ou seja. os que não praticam as virtudes), estes tombam sob o golpe do juízo e do exame, pois devem responder no tempo da retribuição.

45. Salvo gratuitamente, dê graças a Deus seu Salvador. Mas se você quiser oferecer dons, ofereça com todo o reconhecimento de sua alma viúva estas duas pequeninas peças: a humildade e o amor. Ele as receberá no tesouro[769] da salvação, disto sei bem, com mais gosto do que a

[765] Cf. *Gálatas* 2: 19-20.
[766] Cf. *Gálatas* 5: 25.
[767] *Salmo* 40 (41): 12.
[768] Cf. *Mateus* 24: 20.
[769] Cf. *Marcos* 12: 41-43.

multitude de virtudes depositadas por muitos. Mas se você pedir para voltar à vida como Lázaro, depois de ter conhecido a morte por causa das paixões, coloque-as na sua frente, a humildade e o amor, como duas irmãs, para que elas intercedam junto a ele, e assim você certamente obterá o que pede.

46. Depois de ser bem sucedido na prática das virtudes, não será por causa dela apenas que você poderá alcançar a impassibilidade, para orar com toda pureza e sem distração, se ao intelecto faltarem as contemplações espirituais do conhecimento esclarecedor e da compreensão dos seres, por meio de que, alado e iluminado, o próprio intelecto, no amor totalmente cativo da verdadeira prece, se eleva, despojando-se, até as luzes com as quais é aparentado, as luzes das ordens imateriais do alto, e daí, tanto quanto possível, até a grande luz do triplo sol da Trindade na divina Origem.

47. Não seremos castigados no século futuro por havermos pecado, não seremos condenados por isto, nós que recebemos em comum uma natureza versátil e mutante. Seremos condenados, isto sim, por que depois de termos pecado, não nos arrependemos nem deixamos o mau caminho para nos voltarmos para o Senhor, dele recebendo a faculdade e o tempo para o arrependimento, a fim de manifestar o bem (que é o divino e não o seu contrário, o passional, com a cólera e a violência) e não o mal (que não faz parte de nós, pois o bem exclui toda paixão e toda violência, mesmo que se diga que o Senhor se conforma com nossas obras e nossas disposições, tal como um espelho, remetendo a cada qual sua parte conforme valeu sua vida).

48. Sacudido a ponto de perder o equilíbrio, não grite, mas endireite-se retornando depressa ao estado anterior, com tristeza, amargura e vergonha de si, vertendo muitas lágrimas com o espírito quebrantado. É assim que, escapando à queda que você experimentou, você chegará ao vale do salutar regozijo, confortado daí por diante na medida do possível, a fim de que, sem mais irritar o Juiz, você possa pedir as lágrimas e a aflição que expiem suas faltas. Se você não fizer isto, certamente conhecerá o castigo no século futuro.

49. É preciso voltar ao sacerdócio venerável como a uma ordem e uma purificação angélicas, como a uma segurança e uma castidade maiores agora do que antes. O que era sujo se tornou puro, e agora como poderá o puro se tornar sujo? Caso contrário, por misturarmos as trevas à luz e os maus odores ao perfume, teremos em comum a perdição e o infortúnio, como se fôssemos sacrílegos semelhantes a Ananias e Safira[770].

50. Mesmo que, a partir de um vaso perdido e inútil, você pareça ter obtido toda a dignidade do sacerdócio celeste semelhante aos anjos e, por ter se purificado um pouco, tenha se tornado conforme Paulo[771] um vaso de eleição útil ao Senhor, conserve sem mácula a honra de que foi digno, guardando o dom divino como a menina dos olhos, para não ser atirado do alto no abismo por ter comungado sem atenção; dificilmente você encontrará o caminho de volta.

51. Considere com sabedoria que ninguém é condenado se for purificado por Deus[772]. Se, depois de ter sido chamado, você entrou na graça do sacerdócio divino, esta graça mais elevada do que o mundo, não se preocupe mais com sua vida anterior, caso esta tenha sido manchada por qualquer coisa. Graças a Deus, ela está no terreno que foi purificado pela sua correção. Daqui para diante seja ardente e vigilante em não ocultar a graça, para que ninguém duvide sem razão de sua celebração por causa de sua vida anterior, e para que se alguém o fizer, que ouça dizer a voz divina: "Não manche o que Deus purificou[773]".

---

[770] Cf. *Atos* 5: 10.
[771] Cf. II *Timóteo* 2: 21; *Atos* 9: 15.
[772] Cf. *Romanos* 8: 33-34.
[773] *Atos* 10: 15.

52. O fardo do sacerdote é leve e seu jugo é doce[774] na medida em que ele é assumido e carregado como se deve, e na medida em que a graça do Espírito divino não é algo que se adquire. Mas quando se negocia o invendável com uma aplicação inteiramente humana e como um dom corruptível, quando a vocação não vem do alto, o fardo se torna muito pesado, pois o carregamos além de nosso mérito e de nossas forças. Se ele não for removido, o jugo se tornará ainda mais duro, esgotando o pescoço e o vigor daquele que o sustenta, até consumi-lo totalmente.

53. Se você teve a audácia de se colocar sob o jugo do sacerdócio, endireite seus caminhos e distribua fielmente a palavra da verdade, como temor e tremor, obtendo com isto sua salvação[775], "pois nosso Deus é um fogo devorador[776]". Se você o tocar, sendo você mesmo como o ouro ou a prata, não tema ser queimado, assim como as crianças da Babilônia não temeram o fogo[777]. Mas se você é como a erva e o junco, feito de matéria inflamável, porque só pensa na terra, trema para não ser queimado pelo fogo celeste se não fugir da cólera como Lot[778], abstendo-se daquilo que nos inspira o maior terror. Eu ignoro se as menores faltas cometidas por fraqueza serão ou não consumidas por este fogo divino no culto puríssimo, e se você mesmo não será queimado pelo fogo ou se permanecerá intacto, como o frágil arbusto[779].

54. Você que é incapaz de se libertar do estado passional em que o corrimento seminal o colocou por causa do hábito contumaz, como você ousa, infeliz, segurar aquilo que mesmo os anjos não tocam? Portanto, ou bem trema e se abstenha da celebração divina daqui para frente e, por meio desta expiação se reconcilie com o divino, ou, permanecendo insensível e incorrigível, espere para cair em plena cólera nas mãos do Deus vivo[780], que não o livrará, em seu amor pelo homem, mas que o castigará sem compaixão por ter você ousado comparecer às núpcias reais com a alma e a vestimenta manchadas, indigno não se de entrar[781], mas ainda de se sentar à mesa.

55. Eu conheci um sacerdote que ousou tocar indignamente nas coisas de Deus ao mesmo tempo em que estava sob o jugo de uma paixão que o prostituía. Primeiro ele caiu numa enfermidade incurável e penosa, e logo a morte se aproximava. Ele fez de tudo para deter o mal, mas nada conseguia: ao contrário, o mal se alastrava por ele. Então ele teve um lampejo de consciência de que morria assim por celebrar indignamente, e fez um voto de renunciar imediatamente à santa Liturgia. Rapidamente ele estava de pé e se curou, de tal modo que já não restou nem traço da doença.

56. O cargo do sacerdote e a vestimenta sacerdotal são luminosos, mas apenas na medida em que também a alma brilha por sua pureza. Quando ela é culpada de desatenção e a consciência que a acusa de vergonha é desprezada, a luz se torna treva e suscita as trevas e o fogo eternos. Se neste momento deixarmos este caminho cercado de precipícios, devemos nos voltar para outra via que, pela virtude e a humildade, nos conduza sem perigos ao Reino de Deus.

57. Alcançamos a salvação pela simplicidade e a virtude, não pelo sacerdócio glorioso, que exige que levemos uma vida semelhante à dos anjos. Assim sendo, ou bem você torna impassível, à maneira dos anjos, seu pensamento levando-o para fora do mundo e da carne, elevando-se por esta escada celeste, ou bem, reconhecendo sua própria fraqueza, tema as alturas, que podem causar uma enorme queda aos que não são totalmente

[774] Cf. *Mateus* 11: 30.
[775] Cf. *Filipenses* 2: 12.
[776] *Hebreus* 12: 29.
[777] Cf. *Daniel* 3: 17-18.
[778] Cf. *Gênesis* 19: 17-29.
[779] Cf. *Êxodo* 3: 2.
[780] Cf. *Hebreus* 10: 31.
[781] Cf. *Mateus* 22: 12.

direitos. Lembre-se de que a vida que a maioria leva e testemunha não está menos próxima de Deus do que a primeira. Mesmo se você cair levando esta vida, é fácil se endireitar pelo arrependimento, pela compaixão e pela graça de Deus.

58. A carne e o sangue não herdarão o Reino de Deus[782]. Como é que você, que comunga com a carne e o sangue de Deus, não se torna uma mesmo corpo com ele e não se une ao seu sangue? Você, que já tem em si o Reino dos céus, como pode ser ainda acossado pelas paixões da carne e do sangue? Temo que o Espírito de Deus não permaneça em você, porque você é carnal, e que você não será separado no momento do Juízo, quando lhe for retirado o venerável sacerdócio na medida em que você foi indigno de tal graça; temo que você seja enviado ao castigo eterno.

59. Quando o temor de Deus não está colocado diante dos seus olhos[783] você pensa que não haverá consequências em celebrar indignamente: mas você se engana por amor a si mesmo e se ilude a respeito do bem divino. É isto que um dia experimentaram Datan e Abiram, até que a terra os engolisse[784]. Você que teme isto e que teme verdadeiramente, compreenda a grandeza do que você faz: ou bem você exerce com toda a dignidade e pureza, para não dizer como um anjo, o encargo do sacerdócio divino, ou tenha o bom senso de não mais celebrar o culto divino, de medo que, tendo nisto desprezado e enganado a própria consciência que o denuncia, você, condenado, diga em sua dor, quando for julgado e corrigido: "Aquilo que eu temia chegou até mim. Aquilo de que eu tinha medo me aconteceu[785]".

60. Sobriamente, com vigilância e aflição, ofereça primeira para si mesmo, com o coração contrito e lágrimas, o santo sacrifício expiatório que salva o mundo. Pois, que terá você para se afligir e para oferecer em sacrifício depois de morto? É por isso que, com o intelecto vivo e tomando a dianteira, prepare desde já seu enterro e comemore a si mesmo, quando intercedendo pela salvação, depois de oferecer a Deus estes santos dons sobre a Mesa santa, você rememore a lembrança de sua divina imolação voluntária aqui em baixo, em seu amor pelo homem.

61. É inefável e inexprimível o prazer da alma que, com a plena certeza, se separa do corpo e se despoja dele como de uma vestimenta. Com efeito, desde que ela já obteve aquilo que esperava, ela se desembaraça do corpo sem tristeza e avança em paz para o Anjo que vem do alto radioso e alegre, ela atravessa o espaço sem encontrar obstáculos, sem que em nada a prejudiquem os espíritos do mal, elevando-se alegre com confiança e gratidão, até que, chegando ao objetivo, ela se prosterna diante do Criador e recebe a sentença que a coloca no número de seus semelhantes e iguais em virtude, esperando pela ressurreição comum.

62. Eu lhe proponho uma linguagem estranha, e não se espante se os pressupostos que talvez o tiranizem o impedem de adquirir a impassibilidade. Mas se, no momento do êxodo, você se encontrar no abismo da humildade, você será elevado acima das nuvens tanto quanto o impassível. Pois se o tesouro dos impassíveis é feita da reunião de todas as virtudes, a pedra preciosa da humildade tem mais valor do que todas juntas. Não apenas ela concede ao que a possui a expiação diante de Deus, como também o encaminha junto com os eleitos para o lugar das bodas em seu reino.

63. Se você receber de Deus a graça de expiar suas faltas, glorifique Aquele que esquece e suporta o mal, na medida em que você tiver certeza de estar acima dos seus erros voluntários, tanto quanto possível. Pois se até o êxodo, a cada dia você expiar suas faltas, parece haver em você uma inconsciência em pecar facilmente com conhecimento de causa. Porém, se, atirando-lhe a pedra da boa esperança, você expulsar o cão da desesperança, e se não cessar de pedir, obstinadamente e sem vergonha

---

[782] Cf. I *Coríntios* 15: 50.
[783] Cf. *Salmo* 35 (36): 2.
[784] Cf. *Números* 16: 31-33.
[785] *Jó* 3: 25.

nenhuma, seus numerosos pecados serão perdoados[786], a fim de que também você, resgatado, possa amar acima de tudo Àquele que é compassivo e mais do que bom no século futuro.

64. Quando, levado pela graça divina, você se ver em lágrimas diante de Deus na oração, deixe-se cair por terra com os braços em cruz e, batendo no chão com a cabeça, peça para ir-se daqui para se livrar da corrupção e se libertar das tentações; não do modo como você quer, mas como Deus quiser, quando e onde ele quiser. Você já deseja e ama sua partida desta vida se se dirige em lágrimas ao Senhor no abismo da humildade, a fim de lá permanecer sem se preocupar com o fervor do desejo e da prece. Porém, agora suporte o tempo que o separa da vida melhor que Deus proverá[787]. Mas faça o juramento de buscar com todas as forças aquilo que conduz ao objetivo: o que não fazer, o que não dizer, o que não visar e não empreender, a fim de não se distanciar de Deus.

65. Você que carrega sua carne, não tente sondar as coisas inteligíveis tais como elas são, mesmo que a faculdade intelectual da alma o conduza a elas pela pureza. Pois se o incorpóreo retido pelo sopro e o sangue não dissolver a pesandez da carne e não reunir as coisas inteligíveis ele não poderá pensar e compreender estas coisas como convém. Assim, quando você estiver pronto para partir da matéria como de um novo ventre materno, como de uma segunda matriz tenebrosa, para ir em direção às coisas imateriais e luminosas, alegre-se, glorificando o Benfeitor que nos dez passar pela morte para nos conduzir até aquilo que esperamos. E esteja sempre sóbrio e vigilante, por causa dos demônios ímpios que vão e vêm ao nosso redor[788], que estendem armadilhas às honras que receberemos e que picam nossos calcanhares[789], no fim de nossas vidas: trema até sua partida, pois o século futuro é impenetrável, e você foi criado variável e mutante em sua liberdade.

66. O inimigo caminha na nossa frente, nos enviando tentações selvagens e terríveis quando percebe a alma transportada por grandes volumes de virtude, demonstrados pelas palavras da prece e pelo movimento que nos eleva acima do par material da carne e das coisas sensíveis. Em sua inveja, o demônio, que odeia o homem, nos envia tentações tais que já não sabemos se poderemos sobreviver[790]. Mas tudo isto é em vão, e ele ignora os bens que suscita em nós quando, por meio da paciência, ele nos torna seres experimentados e nos trança coroas ainda mais radiosas.

67. Não existe combate maior do que o da castidade e da virgindade. Pois aquele que honra o celibato é admirado pelos próprios anjos e não é menos coroado do que os mártires. Quantas penas e suores são necessários para imitar pela pureza a imaterialidade dos incorpóreos quando ainda se está ligado à carne e ao sangue! A empresa é tão grande e tão elevada, em verdade, que parece quase impossível por estar acima da natureza, se Deus não a assumir conosco do alto, confortando a fraqueza de nossa natureza, sustentando a precariedade da terra e aliviando-a de certo modo com o amor divino e a esperança das honras que nos estarão reservadas.

68. Uma alma impregnada de bebidas e sono é um obstáculo à castidade. A verdadeira castidade permanece imóvel mesmo no meio das imaginações que atravessam o sono. Que o intelecto corra atrás delas é sinal de que ele recai na grave doença da paixão. Mas se ele foi tornado digno de estar, mesmo sem o corpo, em relação com Deus durante o sono, ele permanecerá intacto. Apaziguadas as imaginações, ele se mantém como o guardião atento da alma e do corpo, como um cão sóbrio e vigilante que vela, por causa dos lobos insidiosos, e não permite ser roubado.

69. Vou lhe dizer uma coisa paradoxal, e não se espante: existe um mistério

[786] Cf. *Lucas* 7: 47.
[787] Cf. *Hebreus* 11: 40.
[788] Cf. *Salmo* 11 (12): 9.
[789] Cf. *Gênesis* 3: 15.
[790] Cf. II *Coríntios* 1: 8.

que se desenrola secretamente entre Deus e a alma. Este mistério se refere aos graus mais altos: a purificação perfeita, o amor e a fé. Quando o homem, reconciliado até o fim, se une a Deus na intimidade por meio da prece e da contemplação contínuas, então Elias fecha o céu impedindo a chuva[791] e queima o sacrifício com o fogo celeste[792], Moisés abre o mar[793] e erguendo os braços derruba Amalek[794], Jonas é salvo do monstro marinho e do abismo[795]. Pois quem é considerado digno de Deus é por ele conduzido em seu amor por nós para onde ele quiser, mesmo se este homem ainda estiver na carne, desde que ele tenha ultrapassado a medida da corrupção e da condição mortal, vendo a morte como um sono ordinário, que o envia agradavelmente para aquilo que ele espera.

70. Reverenciando os sofrimentos do Mestre e a *kenose* do Verbo de Deus que se despojou por nós, bem como o sacrifício e a comunhão em nós do corpo e do sangue divinos e vivificantes dos quais fomos considerados dignos não apenas de receber mas ainda de celebrar, humilhe-se, como o cordeiro levado à imolação, considerando que na verdade todos estão acima de você. E esforce-se para não ferir a consciência de ninguém, principalmente sem razão. E se você não foi santificado, não tenha a audácia de tocar nos santos dons, para não ser destruído, queimado como a erva e fundido como a cera pelo fogo divino.

71. Certamente que, se você cumprir convenientemente a terrível celebração da divina e venerável hierurgia e se sua consciência não o acusar em nada, pode esperar desta celebração a salvação. Pois o benefício que você extrair dela lhe será concedido acima de todo trabalho e de toda contemplação. Se não for assim, você verá por si mesmo, é melhor reconhecer a própria fraqueza e renunciar à altura do sacerdócio do que assumi-lo de maneira imperfeita e impura e de aparecer a todos suspenso no ar, pendurado como um cadáver por sua indignidade.

72. O culto que o venerável sacerdote oferece, o sacrifício que ele celebra para obter a graça do divino, a súplica que ele lhe dirige, o colocam acima de toda salmodia e de toda prece, assim como o sol supera as estrelas. Pois nós oferecemos e expomos o sacrifício do próprio Filho único e invocamos Aquele que, por amor ao homem, foi gratuitamente imolado por nossos pecados. Não apenas pedimos o perdão por nossas faltas, mas também por eles, os pecadores, para seu bem, se sua consciência não foi manchada. E, como uma brasa que inflama toda a matéria das iniquidades, o que se uniu à Divindade ilumina os corações dos que se aproximam com fé. Do mesmo modo, o sangue divino e precioso lava e purifica, mais do que qualquer hissopo, toda marca e toda mancha dos que ousam tocar os santos dons tão pura e inocentemente quanto possível, quando se colhe em si o que acontece lá.

73. Não é o corpo do Verbo de Deus depois de sua Ascenção que é sacrificado ao descer dos céus, como disse um santo[796], mas o próprio pão e o vinho que são transformados no corpo e sangue de Cristo, oferecidos em sacrifício com fé, temor, desejo e piedade pelos que são considerados dignos do sacerdócio divino: o pão e o vinho são o lugar da mudança, pela energia e a vinda do Espírito Santo. O pão não se torna outro corpo que o corpo do Mestre mas, transformado neste corpo, concede a incorruptibilidade sem se destruir. Quanta pureza e santidade precisa ter o sacerdote quando ele toca o corpo divino! E de quanta segurança ele precisa, ele que se torna o mediador entre Deus e os homens e que, para interceder junto a ele, se cerca da puríssima Mãe de Deus, de todas as potências celestes dos anjos e dos santos desde a origem dos séculos! Assim como ele necessita da dignidade angélica e arcangélica, me parece que ele precisa também da intimidade divina.

---

[791] Cf. I *Reis* 17: 1.
[792] Cf. I *Reis* 18: 36-38.
[793] Cf. *Êxodo* 14: 21.
[794] Cf. *Êxodo* 17: 11-13.
[795] Cf. *Jonas* 2: 2-11.

[796] João Damasceno, *Da fé ortodoxa* IV, 13.

74. Você deve notar, Pisinius, que os santos dons são expostos sem véus sobre a Mesa santa depois do Símbolo da fé, quando serão consagrados, para que o padre reze de certa maneira pelo que é oferecido e para que chame com palavras inefáveis Aquele que habita nos céus. Pois o Deus que olha não olha de lado, ele que vê e parece não ver. Ele se lembra da *kenose* voluntária pelos pecadores, de sua inefável descida entre nós e de sua imolação por amor ao homem. Pois não foi por nós, que fomos justificados, que o bom Deus que suporta o mal deu a redenção e a salvação por meio de seus sofrimentos, mas ele teve piedade daqueles que haviam naufragado e que ele resgatou.

75. Mesmo que você se dedique à prece pura que une imaterialmente a Deus o intelecto imaterial, e que tenha visto como num espelho a sorte que o espera depois desta vida aqui de baixo por ter recebido a garantia do Espírito[797] e mesmo que você tenha em si o Reino dos céus[798] que você percebe plenamente e como toda certeza, não aceite ser libertado da carne sem primeiro conhecer a morte. Ore muito para aí chegar e tenha a boa esperança de chegar antes do êxodo, se for para seu benefício, Prepare-se continuamente para partir, rejeitando todo temor, quando, depois de ter atravessado o espeço e escapado dos espíritos do mal, você penetrar com confiança e sem medo no interior das abóbodas celestes, unindo-se às ordens angélicas, aos eleitos e aos justos desde a origem dos séculos; então você verá o divino, tanto quanto possível. Se você se encontrar aí, você terá a intelecção dos bens divinos e do Verbo de Deus que ilumina com seus raios o que está além do céu, celebrado numa adoração única, com sua carne puríssima e com o Pai e o Espírito, por todas as ordens celestes e todos os santos. Amém.

[797] Cf. II *Coríntios* 5: 5.
[798] Cf. *Lucas* 17: 21.

FILOTEU O SINAÍTA

QUARENTA CAPÍTULOS NÉPTICOS

Filoteu o Sinaíta

Nosso bem-amado Pai Filoteu foi o pastor dos monges do Monte Sinai. Por isso ele é chamado de Sinaíta. Não sabemos quando ele viveu ou morreu. O presente tratado está dividido em quarenta capítulos, redigidos por ele com excelência, cheios de sabedoria espiritual e utilíssimos além de tudo o que possamos dizer. Ele não foi justo em separá-los de outros textos Népticos, dos quais ele escreveu muitos. Se dissermos que ele nos permite conhecer exatamente a nepsis, a guarda do intelecto e a pureza do coração, não estaremos longe da verdade.

*****

Filoteu o Sinaíta foi monge, e provavelmente higoumeno, do mosteiro da Sarça ardente – o "Bathos" – no Sinai, mas não sabemos exatamente quando, embora seja depois de João Clímaco e de Hesíquio de Bathos, talvez muito tempo depois: algo entre os séculos VII e XII. Mas a data importa pouco. Com o Sinai monástico acontece a mesma coisa que com o Sinai bíblico. Ele é desde sempre o centro perdido e presente em toda parte onde foi dada a Lei. Depois da anacorese egípcia, que viu a passagem da solidão cósmica e da ascese do corpo à hesíquia do coração e à ascese do intelecto, os monges Sinaítas, tanto Filoteu como Hesíquio, editaram e lembraram as regras que por muito tempo irão ainda reger o combate espiritual: a busca e a guarda do "lugar de Deus" que, segundo o Evangelho, será daí em diante menos a "terra prometida" do que o "céu do coração". Hesíquio é mais espontâneo, mais poético. Filoteu, cujos quarenta capítulos Népticos aparecem como uma espécie de "deuteronômio", é mais elaborado, mais didático, a um tempo mais amplo e mais preciso. Mas o testemunho é o mesmo, límpido, simples, conciso.

O primeiro dever, para Filoteu, é o de observar os mandamentos de Deus. Depois "buscar sem descanso o Reino dos céus no coração": por meio da nepsis (a sobriedade e a vigilância, a ascese do intelecto) se despojar das paixões do mundo, chegar à hesíquia, ao retiro e à solidão, forçar o intelecto a não ser mais do que lembrança da morte e lembrança de Deus, apelar a Jesus pedindo socorro à sua piedade, prever e impedindo assim as irrupções do mal, submete a razão, o ardor e o desejo, guardar o coração; desconhecer o mundo mas reproduzir em si pela contemplação mística o "lugar de Deus", centro inacessível da criação; "estender-se, diz Filoteu, com o sol, a lua e as estrelas, como um céu espiritual" e a partir daí englobar o mundo e sentir no limite a luz incriada, da qual ele diz: "A luz inexplicável, que é explicada não pela palavras mas pela experiência de quem a experimentou ou, para dizê-lo mais verdadeiramente, de quem foi abençoado por ela, me ordena que me cale". Enfim, no silêncio, "adquirir o amor e a pureza", o próprio eixo, enraizado na mensagem bíblica, ao redor do qual, de Hesíquio de Bathos a Gregório Palamas e além deles inclusive, se eleva secretamente a busca hesiquiasta.

DO NOSSO SANTO PADRE FILOTEU O SINAÍTA
QUARENTA CAPÍTULOS NÉPTICOS

1. Existe em nós um combate do intelecto mais duro do que o combate dos sentidos. O operário da piedade deve correr e perseguir este objetivo[799] em seu intelecto: guardar perfeitamente, como uma pérola ou uma pedra preciosa[800], a lembrança de Deus em seu coração. É preciso renunciar a tudo, até ao corpo, desprezar mesmo a vida presente, a fim de possuir em seu coração apenas a Deus. Pois, disse o divino Crisóstomo, basta a visão de Deus no intelecto para derrotar os espíritos maus[801].

2. Os que conduzem o combate do intelecto devem assim, com toda sua força, extrair das divinas Escrituras as práticas espirituais e aplicá-las à sua inteligência como salutares medicamentos. Já foi dito que desde a manhã, com a lembrança precisa de Deus e a prece contínua de Jesus Cristo na alma, devemos corajosamente e com todo rigor nos manter à porta do coração levando à morte, pela guarda do intelecto, todos os pecados da terra[802] e, em êxtase e na extensão da fiel lembrança de Deus, abater as cabeças dos poderosos[803], graças ao Senhor, cortando pela raiz os pensamentos inimigos. Com efeito, sabemos que nos suores do intelecto reside um trabalho e um mandamento divinos. É assim que devemos agir, nos violentado até a hora do almoço. Então, depois de dar graças ao Senhor que, em seu amor único pelo homem, nos sacia duplamente de alimento, no espírito e no corpo, devemos nos dedicar à lembrança e à meditação da morte, continuando firmemente aplicados à obra da manhã. Se agirmos assim a cada dia, sem economizar nossas penas, conseguiremos a força para escapar no Senhor às redes do inimigo invisível. Com o tempo, tudo isto engendrará em nós estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. A fé nos dispõe a temer a Deus verdadeiramente. A esperança, superando o temor servil, liga o homem ao amor de Deus, pois a esperança não admite confusão[804] uma vez que ela engendra o duplo amor do qual estão suspensos a Lei e os Profetas[805]. Quanto ao amor, ele não passa jamais[806], além de permitir a quem dele partilha cumprir as vontades divinas neste século e no século futuro.

3. É muito raro encontrar homens cuja razão esteja em estado de hesíquia. Isto é próprio daqueles que fazem o seu melhor, por meio das coisas que tratamos aqui, para que deles se aproxime a graça e a consolação divinas. Assim, se queremos seguir a filosofia segundo Cristo – a ascese espiritual na guarda do intelecto, a sobriedade e a vigilância – devemos nos engajar nesta via nos abstendo de comer demais, até não tomarmos mais do que a justa medida de alimento e bebida, na medida em que isto nos for possível. Com efeito, temos todas as razões para chamar a sobriedade e a vigilância de caminho que conduz ao Reino, tanto que está em nós quanto aquele por vir; e para as chamarmos de ascese espiritual, na medida em que elas moldam e purificam as disposições do intelecto e o transformam levando do passional ao impassível. Pois elas são semelhantes a uma janela iluminada pela qual Deus se debruça para aparecer ao intelecto.

4. O verdadeiro lugar de Deus[807], o céu do coração onde a armada dos demônios não fica porque Deus habita ali, está onde estão a humildade, a lembrança de Deus suscitada pela sobriedade e a vigilância e a permanência da prece dirigida contra os inimigos.

5. Nada perturba mais do que a falação, nada pior e mais capaz de turbar a condição da alma do que uma língua destemperada. Com efeito, ele destrói

[799] Cf. *Filipenses* 3: 14.
[800] Cf. *Mateus* 13: 41-46.
[801] João Crisóstomo, *Homilias sobre são João* III.
[802] Cf. *Salmo* 100 (101): 8.
[803] Cf. *Habacuque* 3: 14.
[804] Cf. *Romanos* 5: 5.
[805] Cf. *Mateus* 22: 40.
[806] Cf. I *Coríntios* 13: 18.
[807] Cf. *Gênesis* 28: 16-17.

aquilo que construímos a cada dia[808]. Com uma linguagem inconsiderada ela dispersa o que reunimos com grande esforço. O que existe de pior do que a língua? Ela é um mal irresistível[809]. É preciso assinalar-lhe limites, opor-se a ela com força e sufocá-la, por assim dizer, a fim de constrangê-la a não servir além do necessário. Quem poderá descrever todo o mal que a língua pode fazer à alma?

6. A primeira porta que conduz à Jerusalém inteligível, à atenção do intelecto, é o silêncio da boca com conhecimento de causa, mesmo que o intelecto ainda não tenha alcançado a hesíquia. A segunda porta é a temperança calculada em matéria de alimentos e bebidas. A terceira porta é a memória e a meditação da morte, que purificam o intelecto e o corpo. Eu vi uma vez a hora desta morte e, semimorto e arrebatado em espírito, não com os olhos, eu a quis por companheira para toda a minha vida, prisioneiro que me tornei de sua beleza e de sua nobreza, a tal ponto ela é humilde, a um tempo alegre e dolorosa, refletida, temente do justo julgamento e avessa às marcas das lembranças desta vida. Dos olhos do corpo ela faz jorrar naturalmente uma água viva que cura, e dos olhos da alma uma fonte que espalha pensamentos sábios que, murmurando e saltitando, alegram o coração. Esta filha de Adão, como eu a chamei – falo da memória da morte – eu a quis para minha esposa, eternamente, quis dormir com ela, conversar com ela, buscar com ela pelo que nos acontecerá depois que nos retirarmos do corpo. Mas a filha tenebrosa do diabo, o nefasto esquecimento, não o permitiu.

7. Pois existe uma guerra que é secretamente travada pelos espíritos do mal e que os lança contra a alma por intermédio dos pensamentos. Como a própria alma é em si invisível estas potências maléficas se adaptam à sua natureza e se voltam contra ela travando esta guerra invisível. Podemos ver, entre estas potências e a alma, as armas, uma batalha organizada, armadilhas enganosas, uma guerra terrível, o envolvimento nos combates e, de parte a parte, vitórias e derrotas. Mas esta guerra invisível de que falamos se distingue da guerra visível num ponto: o cronograma da guerra. Pois a guerra visível pode ser fixada num tempo e numa ordem. Mas a outra guerra, sem previsão, despeja subitamente no meio do coração todas as tropas necessárias e leva a alma à morte pelo pecado. Por que razão e com que objetivo este combate e esta luta são dirigidos contra nós? Para que a vontade de Deus, da qual dizemos na oração: "Seja feita a sua vontade", não seja cumprida por nós. O que deve ser cumprido por nós são os mandamentos de Deus. E se, depois de termos atentamente, sóbria e vigilantemente mantido no Senhor e guardado do erro seu próprio intelecto, se depois disto tivermos superado rigorosamente os truques das potências maléficas e seus ataques surgidos da imaginação, acabaremos por encontrá-lo através da prova. É por isso que o Senhor, que toma a seu encargo opor-se aos maléficos demônios – pois ele prevê seus projetos – conduzindo-os ao seu próprio objetivo, estabeleceu os mandamentos e ameaçou aqueles que os transgridem.

8. Depois de alcançarmos um certo estado de temperança, ou seja, de abstenção do mal a parente que se exerce pelos cinco sentidos, poderemos daí em diante guardar nosso coração com Jesus, vê-lo iluminado por ele e, levados por um desejo ardente, provar de sua bondade em nosso intelecto. Pois não é por outra razão que recebemos a lei da purificação do coração: quando as nuvens da malícia deixarem o espaço do coração e forem dissipadas pela continuidade da atenção, então poderemos, com toda pureza, como num céu sereno, ver a Jesus, o Sol de justiça, e também, de certo modo, as razões de sua grandeza brilharem em nosso intelecto. Com efeito, estas razões não se manifestam a todos, mas apenas aos que purificam seus pensamentos.

9. Estes devem a cada dia se colocar num estado em que possam aparecer diante de Deus. Com efeito, diz o profeta Oséias: "Guarde o amor e a

[808] Cf. *Gálatas* 2: 18.
[809] Cf. *Tiago* 3: 8.

justiça e aproxime-se constantemente de seu Deus[810]". Malaquias, por sua vez, diz da parte de Deus: "Um filho glorifica seu pai e um servidor, seu mestre, Mas se eu sou pai, onde está minha glória, e se sou mestre, onde o respeito que me é devido? – diz o Senhor todo-poderoso[811]". Também o Apóstolo diz: "Purifiquemo-nos de toda mancha da carne e do espírito[812]". E a Sabedoria: "Guarde seu coração com toda vigilância, pois é dele que procede a vida[813]". Quanto ao Senhor Jesus Cristo, ele diz: "Purifique o interior do cálice, para que o exterior se torne puro[814]".

10. As conversas intempestivas nos trazem às vezes a aversão dos que nos escutam e outras vezes as injúrias e ironias dos que percebem a inépcia de nossas propostas. Outras conversas nos mancham a consciência. Outras, enfim, atraem sobre nós a condenação de Deus e a tristeza do Espírito Santo, o que é ainda mais terrível do que todo o resto.

11. Aquele que, no Senhor, purifica seu coração, arranca o pecado até a raiz, se esforça por chegar ao mais alto conhecimento de Deus e ver com o intelecto aquilo que é invisível à maioria, este não deve se glorificar em nada. Pois nenhum dos seres criados é mais puro que o incorpóreo nem mais cheio de conhecimento do que o anjo. E por ter se orgulhado, este foi precipitado dos céus como um raio. O mesmo acontecerá com este homem: o orgulho é considerado por Deus como uma impureza. Mas os que cavam a terra para obter ouro vivem na claridade.

12. O Apóstolo disse: "Aquele que luta se abstém de tudo[815]". Pois não é possível aos que estão ligados a esta carne miserável, que não cessa de conspirar contra o Espírito[816], se alinhar contra os poderes, contra as potências invisíveis e maléficas, estando locupletado de alimentos. Pois o Reino de Deus não é feito de comidas e bebidas[817]. Ele acrescenta que o cuidado com a carne implica aversão a Deus, por não se submeter à lei de Deus, e até mesmo por não poder fazê-lo[818]. É evidente que não pode fazê-lo, pelo fato de que o ser terrestre – sendo uma mistura de fluxo, sangue e humores, constantemente puxado para baixo – não cessa de se desfrutar das coisas da terra e dos prazeres perecíveis do século presente. Pois o cuidado com a carne é a morte[819], e os que se agarram à carne não podem agradar a Deus[820].

13. Precisamos de muita humildade para nos dedicar no Senhor à guarda do intelecto, primeiro diante de Deus, depois diante dos homens. De todos os modos e de todos os lados devemos quebrantar nosso coração, praticando todas as coisas que o forçam a se humilhar. Ora, o que mais contribui para quebrantar e humilhar o coração são as lembranças de nossa antiga conduta perante o mundo, desde que dela nos lembremos com precisão. A lembrança de nossos pecados desde a infância – que nosso intelecto deve examinar um por um, com exceção dos pecados da carne, cuja recordação é nociva – pode também humilhar, produzir lágrimas e nos levar a dar graças a Deus de todo nosso coração, do mesmo modo como a lembrança constante e manifesta da morte. Pois esta mesma lembrança gera também o luto, junto com uma certa doçura, uma alegria, a sobriedade e a vigilância do intelecto. Também o que humilha fortemente o coração são as lembranças dos sofrimentos de nosso Senhor Jesus Cristo, uma por uma, tais como a leitura e a meditação mantêm na memória. Enfim, para humilhar verdadeiramente a alma estão as numerosas benesses de Deus, que podemos enumerar e considerar uma por uma, quando tivermos que

[810] *Oséias* 12: 17.
[811] *Malaquias* 1: 6.
[812] II *Coríntios* 7: 1
[813] *Provérbios* 4: 23.
[814] *Mateus* 23: 26.
[815] I *Coríntios* 9: 25.
[816] Cf. *Gálatas* 5: 17.
[817] Cf. *Romanos* 14: 17.
[818] Cf. *Romanos* 8: 7.
[819] Cf. *Romanos* 8: 6.
[820] Cf. *Romanos* 8: 8.

lutar contra os demônios do orgulho.

14. Também você, não recuse por amor próprio estes remédios que salvam a alma. Pois assim você com certeza não será discípulo de Cristo, nem imitador de Paulo, dele que disse: "Eu não sou digno de ser chamado de Apóstolo[821]", e também: "Eu que antes era blasfemador, perseguidor e violento...[822]".Você vê, orgulhoso, como o santo estava longe de esquecer sua vida pregressa? E todos os santos, desde a origem da criação até hoje, se cobriram com a última das vestes, a santa vestimenta de Deus. Pois o próprio nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus além de toda compreensão, de todo conhecimento e de toda linguagem, querendo mostrar o caminho da vida eterna e da santidade, revestiu-se de humildade durante toda sua vida na carne. A santa humildade deve ser assim denominada virtude verdadeiramente divina: o mandamento do Mestre e sua vestimenta. O anjos e todas estas potências luminosas e divinas praticam e observam esta virtude, pois eles sabem o que foi a queda de Satanás quando se orgulhou, e é para inspirar o temor de tal queda aos anjos e aos homens que o maligno jaz no abismo. Deus fez dele aos olhos de todos os seres o mais desonrado de toda a criação, por causa de seu orgulho. E sabemos como Adão caiu por causa de seu orgulho. Tendo assim tantos exemplos desta virtude útil à alma, humilhemo-nos continuamente e de todas as maneiras, seguindo-os tanto quanto pudermos. Humilhemo-nos em nossa alma, em nosso corpo, em nosso coração, nossa vontade, nossas palavras, nossos pensamentos, nosso comportamento, tanto interior quanto exteriormente. É isto que devemos buscar acima de tudo, a fim de não termos contra nós Aquele que é por nós: Jesus Cristo, o Filho de Deus e ele próprio Deus. Pois o Senhor se opõe aos orgulhosos, mas concede sua graça aos humildes[823]. E: "Todo coração orgulhoso é impuro diante do Senhor[824]". E: "Aquele que se rebaixa será elevado[825]". E: "Aprendam comigo que sou manso e humilde de coração[826]". Por tudo isto, devemos estar atentos.

15. "Vigiem, disse nosso Salvador, para que seus corações não fiquem pesados e insensíveis", e depois: "Aquele que luta deve se abster de tudo". Sabemos de tudo isto, pois a Escritura nos disse: levemos nossa vida na temperança. Antes de tudo, na ordem e no costume da virtude, acostumemos nosso corpo a não comer demasiado, dando-lhe alimento comedidamente. Assim apaziguaremos com mais facilidade os levantes do desejo, aos quais devemos acrescentar provavelmente os levantes do ardor, para submetê-los à razão que nos governa. Assim nos iremos abster com mais facilidade também de outras faltas. Pois os que tiveram a experiência da virtude consideram que aí está a virtude: numa temperança que a tudo abarca, ou seja, na abstenção de toda espécie de mal. Com efeito, antes de tudo, a fonte da pureza é Deus, que suscita e concede todos os bens. Depois vem a temperança, igual e comedida a cada dia, nos afastando dos excessos na comida.

16. Com efeito, do mesmo modo como Satanás, em sua oposição a Deus e para que não se cumpra a vontade de Deus – ou seja, os mandamentos – combate contra Deus por nosso intermédio se esforçando por nos separar de sua vontade, também é por meio de nós que Deus quer que se cumpra sua santa vontade, ou, como já dissemos, seus mandamentos divinos e vivificantes, derrubando por nosso intermédio e com seu impulso os desígnios funestos do maligno. Com efeito, a vontade vã do inimigo, que parece se opor a Deus através daqueles que o maligno leva a transgredir os mandamentos, o próprio Deus a destrói pela fraqueza humana. Veja se não é assim que acontece. Todos os mandamentos do divino Evangelho parecem fornecer leis para sanear as três faculdades da alma[827] naqueles que são regidos pelas suas ordens. Melhor, elas não só parecem sanear, elas

[821] I *Coríntios* 15: 9.
[822] I *Timóteo* 1: 13.
[823] Cf. *Provérbios* 3: 34; *Tiago* 4: 6.
[824] *Provérbios* 16: 5.
[825] *Mateus* 23: 12.
[826] *Mateus* 11: 29;
[827] As três partes da alma: desejo, ardor e razão.

de fato saneiam as três faculdades. Por isso o diabo as combate noite e dia. E, se Satanás combate estas três faculdades, é claro que ele está combatendo os mandamentos de Cristo. Por que Cristo, com seus mandamentos, deus suas leis às três faculdades da alma, que são o ardor, o desejo e a razão. Considere o seguinte: "Quem se irrita com seu irmão sem motivo será passível de julgamento[828]", e outras advertências: assim é tratado o ardor. Mas o inimigo, por seu turno, por meio de querelas e pensamentos de inveja e ressentimento tentará, de dentro, destruir este mandamento e os que lhe são correlatos. Pois o adversário sabe que o guia que dirige o ardor é a razão. Crivando-o de flechas por meio dos pensamentos de suspeita, de inveja, de discórdia, de querela, de mentiras, de vaidade, ele persuade a razão a abandonar sua autoridade própria e deixar as rédeas ao ardor, sem mais conduzi-lo. E o ardor, tendo escapado à razão que o governava, deixa escapar em palavras, pela boca, tudo o que foi depositado diante de si e acumulado no coração pelos pensamentos do inimigo e a negligência do intelecto. Então vemos o coração cheio, não do Espírito de Deus e de pensamentos divinos, mas de malícia, como disse o Senhor: "A boca fala daquilo que o coração está cheio[829]". Pois se o maligno é capaz de fazer sair em palavras aquilo que meditamos internamente, o irmão que caiu nesta falta não dirá apenas a seu irmão "idiota" ou "estúpido[830]", mas das palavras injuriosas poderá chegar até o assassinato. Por causa de Deus, que em seu mandamento ordenou que não nos irritemos sem razão, o maligno se serve desses pensamentos que ele não poderia fazer surgir em palavras de injúria e tudo o que se segue, se, no momento da agressão, elas tivessem sido expulsas do coração pela prece e a atenção interior. É assim que o maldito alcança seus fins, porque ele consegue dissolver o mandamento divino com aquilo que ele atira dentro do coração por intermédio dos pensamentos.

17. O que foi ordenado ao desejo pelo divino mandamento do Mestre: "Aquele que olha uma mulher para deseja-la já cometeu adultério com ela em seu coração[831]". E quando obreiro do mal vê uma mulher assim exposta, que rede não tece ele ao redor do intelecto contra o mandamento! Levando a guerra bem mais longe do que o corpo que provocou o desejo, ele desliza para o interior do intelecto. Podemos então ver desenhadas por ele as formas e as imagens da prostituição e ouvir as palavras que provocam a paixão, sem falar do resto que bem conhecem aqueles que tem a experiência do intelecto.

18. E qual o mandamento que foi dado à razão? "Eu lhes proíbo jurar[832]". "Que seu sim seja sim, seu não seja não[833]". "Quem não renunciou a tudo para me seguir não é digno de mim[834]". E: "Entrem pela porta estreita[835]". Isto tudo foi ordenado à razão. Mas também aí, o inimigo, como querendo submeter ao seu poder este excelente general que é a razão, entorta sua cabeça sugerindo-lhe pensamentos de gula e de indiferença. Depois, fazendo-a se comportar por um general bêbado e expulsando-a do comando, o dragão se serve do ardor e do desejo como executores de suas próprias vontades. E estas potências, o desejo e o ardor, livres da razão, se servem dos nossos cinco sentidos para ajudá-los a pecar abertamente. E assim sucumbimos. Então os olhos não têm mais o intelecto interno para detê-los e se tornam indiscretos, o ouvido começa a apreciar bobagens, o olfato relaxa, a boca se torna intemperante e as mão tocam o que não devem. Como consequência, a injustiça toma o lugar da justiça, a irracionalidade substitui o bom senso, o deboche toma o lugar da castidade, a escravidão o lugar da coragem. Estas são exatamente as quatro virtudes gerais: a justiça, o bom senso, a castidade e a coragem. Quando bem dirigidas, elas impedem os sentidos de se desenvolver. Então o intelecto, em paz consigo mesmo, com suas potências divinamente governadas e

[828] *Mateus* 5: 22.
[829] *Mateus* 12: 34.
[830] Cf. *Mateus* 5: 22.
[831] *Mateus* 5: 28.
[832] *Mateus* 5: 34.
[833] *Mateus* 5: 37.
[834] *Mateus* 10: 37-38.
[835] *Mateus* 7: 13.

dóceis, conduz corajosamente e com facilidade seu bom combate. Mas se, por negligência, ele põe em confusão suas potências, vencido pelos ataques do maligno, ele transgride os mandamentos divinos. Certamente, esta transgressão será seguida ou de um arrependimento proporcional à falta, ou de um castigo no século futuro. É bom, portanto, que o intelecto seja sóbrio e vigilante. Mantido em seu estado natural, ele se torna o verdadeiro guardião das ordens divinas.

19. A alma foi sitiada, encerrada, acorrentada nas trevas pelos espíritos do mal. Por causa das trevas que a cercam ela é incapaz de orar como desejaria. Pois ela está acorrentada na escuridão e seus olhos interiores estão cegados. Quando ela começar a orar a Deus e a velar graças a esta oração, então, graças à oração, ela será libertada das trevas. É impossível que se liberte de outro modo. Pois agora a alma reconhece que existe dentro do coração uma outra luta, outra oposição oculta, outra guerra contra os pensamentos dos espíritos do mal, como testemunham as santas Escrituras. De fato, elas dizem: "Se o espírito daquele que tem o poder se eleva contra você, não abandone seu posto[836]". Ora, o lugar do intelecto é a firme constância na virtude, a sobriedade e a vigilância. Pois existe uma constância na virtude e uma constância no vício. Foi dito: "Bem-aventurado o homem que não se senta na assembleia dos ímpios nem se detém no caminho dos pecadores[837]". E o Apóstolo: "Sejam firmes, cingidos com o cinturão da verdade[838]".

20. Agarremo-nos com toda força a Cristo, por causa daqueles que se esforçam continuamente para separá-lo da alma, a fim de que Jesus não se vá[839], afastando-se da multidão de pensamentos que estão no lugar da alma. Não é possível nos agarrarmos com toda força a ele sem que a alma se esforce. Tentemos nos aproximar de sua vida na carne, a fim de conduzirmos a nossa com humildade. Agarremo-nos à sua Paixão, a fim de suportarmos o que nos aflige, tentando imitá-lo. Provemos da inefável economia que ele fez descer a nós: quando a alma tiver experimentado de sua doçura, saberemos então que o Senhor é bom[840]. Além de tudo isso, ou antes de tudo isso, creiamo-lo, tenhamos uma fé inquebrantável naquilo que ele nos disse, aceitemos dia a dia o que nos traz sua providência. E seja o que for que nos traga, acolhamos com ações de graça, com alegria e com todo o coração, a fim de aprendermos a não ver senão Deus, que governa o universo com as razões divinas de sua sabedoria. Quando tivermos feito tudo isso não mais estaremos longe de Deus, pois a piedade é uma perfeição que jamais se esgota, como disse um dia um destes homens que traziam a Deus em si e eram perfeitos em espírito[841].

21. Pois quem bem resgata sua vida, quem se consagra inteiramente ao pensamento e à lembrança da morte e retira sabiamente o intelecto do domínio das paixões, este homem, por isso mesmo, vê com naturalidade chegar sobre si os ataques dos demônios quando estes vêm, muito mais depressa do que o que decidiu descartar de sua vida a lembrança da morte. Este último, que purifica seu coração só com seu conhecimento, sem no entanto o subtrair aos pensamentos de luto, mesmo que às vezes ele pareça dominar com maestria e habilidade todas as paixões desastrosas, pode ainda ser prisioneiro de uma delas, a pior de todas, e cair no orgulho, longe de Deus. Ele precisará de uma extrema vigilância para não afogar seu coração nas brumas do orgulho. Com efeito, como diz Paulo, as almas que vão daqui para ali em busca de conhecimento enchem-se naturalmente de orgulho diante das que sabem menos[842]. Na minha opinião, nelas não existe a menor centelha da caridade que edifica. Mas quem não se esquece de meditar toda tarde sobre a morte, percebendo mais depressa os ataques do demônio do que o outro, os repele e expulsa.

---

[836] *Eclesiastes* 10: 4.
[837] *Salmo* 1: 1.
[838] *Efésios* 6: 14.
[839] Cf. *João* 5: 13.
[840] Cf. *Salmo* 33 (34): 9.
[841] João Clímaco, *A escada santa* XXIX, 4.
[842] Cf. I *Coríntios* 4: 6.18.19.

22. A alegre lembrança de Deus, ou seja de Jesus, unida ao ardor do coração e a uma aversão salvadora, dissipa naturalmente todos os sortilégios dos pensamentos, as reflexões, os raciocínios, as imaginações, as formas tenebrosas, numa palavra, tudo aquilo por meio de quê o malfeitor se prepara para combater as almas e as enfrenta tentando desencorajá-las e engoli-las. Mas se o invocamos, Jesus consome tudo isto facilmente. Pois nossa salvação não é outra senão em Cristo Jesus. De resto, o Salvador disse de si mesmo: "Sem mim vocês nada podem[843]".

23. Então, a toda hora e a cada instante guardemos em segurança nosso coração[844] dos pensamentos que vêm obscurecer o espelho da alma, sobre o qual Jesus Cristo, a sabedoria e o poder de Deus Pai[845] coloca sua marca e inscreve sua imagem luminosa, e busquemos sem descanso no interior do coração o Reino dos céus[846]. O grão de cevada[847], a pérola[848], o levedo[849] e todo o resto, tudo isso encontraremos misticamente dentro de nós mesmos se purificarmos o olho de nosso intelecto. É por isso que nosso Senhor Jesus Cristo disse: "O Reino dos céus está dentro de vocês[850]". Com isto ele quis dizer que a divindade habita no interior do coração.

24. A sobriedade e a vigilância iluminam e purificam primeiro a consciência. Depois, tendo purificada a consciência, como uma luz oculta que brilha subitamente, ela expulsa as densas trevas. E, quando as trevas são expulsas por uma contínua e verdadeira vigilância, a consciência revela outra vez o que estava escondido. Por meio da sobriedade da vigilância ela ensina a luta invisível do intelecto e o combate da razão. Ela mostra como o intelecto deve atirar as lanças neste combate singular por Cristo, a luz desejada, face às trevas maléficas, como, com flechas que atingem o alvo, ela deve evitar as flechas que vêm sobre si, bater os pensamentos sem ser batido. Quem provou desta luz compreenderá o que digo. Provar desta luz dá mais fome à alma, que dela se alimenta mais jamais fica saciada; quanto mais come, mais fome tem. Esta luz, que atrai o intelecto como o sol atrai os olhos, esta luz inexplicável que a palavra não pode explicar, que só pode ser experimentada por quem a provou, ou, para falar com mais exatidão, por quem foi por ela abençoada, esta luz ordena que eu me cale. Pois o intelecto se arrisca à arrogância se falar disto, do qual foi dito: "Procurem com todos a paz e a santificação, sem as quais ninguém verá o Senhor[851]". Isto tudo para adquirir o amor e a pureza; pois neles estão a paz e a santificação.

25. É preciso armar nosso ardor apenas contra os demônios que, na ordem da razão, nos acossam e exercem seu ardor contra nós. Quanto ao modo de conduzir conforme as circunstâncias esta guerra que se desenrola em nós, escute e faça o seguinte: junte à prece a sobriedade e a vigilância, pois a vigilância purifica a prece, e a prece purifica a vigilância. A sobriedade e a vigilância, que não cessam de velar, percebem os que entram e os impedem de entrar, chamando pelo socorro do Senhor Jesus Cristo para que ele expulse os inimigos pérfidos. A atenção os impede de entrar, pondo-se a eles; e Jesus, invocado, expulsa os demônios e seus fantasmas.

26. Coloque o máximo de rigor em guardar seu intelecto. Uma vez que você toma ciência de um pensamento, refute-o. Mas rapidamente peça ajuda a Cristo. O doce Jesus, antes mesmo que você tenha acabado de falar, lhe dirá: "Eu vim para assegurar sua defesa". E quando a oração houver derrubado todos esses inimigos, volte a vigiar seu intelecto. Pois vagas ainda mais numerosas do que as primeiras virão umas após outras, e sobre elas se debaterá sua alma a nadar. Mas Jesus voltará, chamado por

[843] *João* 15: 5.
[844] Cf. *Provérbios* 4: 23.
[845] Cf. I *Coríntios* 1: 24.
[846] Cf. *Mateus* 6: 33.
[847] Cf. *Lucas* 13: 19.
[848] Cf. *Mateus* 13: 45.
[849] Cf. *Mateus* 13: 33.
[850] Cf. *Lucas* 17: 21.
[851] *Hebreus* 12: 14.

seu discípulo, e em Deus comandará os maus ventos[852]. Por estas graças, consagre uma hora, se puder, ou um só instante, para glorificar Àquele que o salvou, e para pensar na morte.

27. Tomemos o caminho com o coração totalmente atento e a alma desperta. Pois se ambos seguem juntos ao longo dos dias, a atenção e a prece se parecem com o carro de fogo de Elias[853]: elas transportam às alturas do céu os que vão com elas. Mas, que digo eu? Se o coração alegre obtém ou se esforça por obter a sobriedade e a vigilância, com o sol, a lua e as estrelas ele se desdobra como um céu inteligível e, na ordem da contemplação e da elevação místicas ele se torna o espaço de Deus que nada pode conter. Quem ama a virtude divina deve tentar com todas as suas forças manifestar o Senhor e transmitir com todo o coração suas palavras em seus atos. E se ele controlar com rigor os cinco sentidos, que ele sabe serem nocivos à alma, ele permitirá ao seu intelecto sustentar mais facilmente o combate e a guerra do coração. Repila, então, por meio de uma ascese do intelecto, todos os pensamentos que lhe vierem de fora e combata pelos caminhos divinos e incorpóreos os pensamentos de dentro provocados pelos primeiros. Expulse os prazeres com a fadiga das vigílias. Quanto ao alimento e à bebida, seja temperante. Extenue seu corpo o suficiente para tornar mais facilmente suportável a guerra do coração: é a você que fará bem, não a outra pessoa. Proteja sua alma com o pensamento da morte. E com a lembrança de Jesus Cristo recolhe seu intelecto disperso. Com efeito, é na noite que primeiro descobre em si o intelecto a serenidade do céu nas contemplações luminosas de Deus e do divino.

28. Não recusemos as fadigas da ascese corporal. Pois o trigo sai da terra, e das fadigas nascem a alegria espiritual e a experiência dos bens. Não enganemos nossa consciência quando ela nos engaja a seguir os caminhos da salvação e da ação, e não cessa de nos falar de nossas obrigações e de nossos deveres, e mais ainda se ela for purificada por uma sobriedade e uma vigilância ativas, efetivas e rigorosas do intelecto. A partir daí, por causa de sua pureza, ela traz em si julgamentos penetrantes, equilibrados e indiscutíveis. É por estas razões que não devemos enganar a consciência: ela anuncia dentro de nós a vida que agrada a Deus e, com sua firme reprovação à alma quando esta Às vezes mergulha o coração no pecado, ela lhe mostra como endireitar sua falta, repreendendo este coração que não soube se arrepender e lhe mostrando o remédio que prescreve com doçura.

29. Os olhos ardem ao suportar a fumaça da madeira queimando, mas esta fumaça lhe mostra a seguir a luz e regozija aqueles a quem antes incomodara. Da mesma forma, a atenção, que nos força a velar sem descanso, acaba por nos pesar. Mas se a seguir você chamar Jesus em sua oração, ele iluminará seu coração. Pois sua lembrança lhe levará, com a iluminação, o melhor dos bens.

30. Por assim dizer, é natural que o inimigo tente nos forçar a comer da terra[854]: ele deseja que fiquemos com ele. Ele gostaria que aquele que foi criado à imagem de Deus[855] também rastejasse sobre o ventre[856]. Por isso Deis disse: “Eu colocarei inimizade entre você e ele[857]”. E esta é a razão pela qual devemos respirar continuamente Deus, a fim de passar a nossa vida, dia após dia, sem sermos feridos pelas flechas inflamadas do diabo[858]. Foi dito: “Eu o protegerei, porque ele conhece meu nome[859]”. E: “Sua salvação está próxima daqueles que o temem[860]”.

---

[852] Cf. *Mateus* 8: 23-27.
[853] Cf. II *Reis* 2: 11.
[854] Cf. *Gênesis* 3: 14.
[855] Cf. *Gênesis* 1: 27.
[856] Cf. *Gênesis* 3: 14.
[857] *Gênesis* 3: 15.
[858] Cf. *Efésios* 6: 16.
[859] *Salmo* 90 (91): 14 LXX.
[860] *Salmo* 84 (85): 10.

31. O bem-aventurado Apóstolo, o vaso de eleição[861], que falava em Cristo[862] e tinha uma grande experiência no combate interior e invisível do intelecto, que acontece dentro de nós mesmos, escrevia aos Efésios: "Não lutamos contra a carne e o sangue, mas contra as autoridades, contra os poderes, contra as potências das trevas deste século que dominam o mundo, contra os espíritos do mal que habitam os lugares celestes[863]". Por sua vez, o apóstolo Pedro disse: "Permaneçam sóbrios, vigiem, pois seu adversário, o diabo, ronda como um leão que ruge, buscando ao que devorar. Resistam a ele, firmes na fé[864]". E nosso Senhor Jesus Cristo, falando das diversas escolhas que devem fazer aqueles que ouvem as palavras do Evangelho, disse: "Depois vem o diabo, e retira do coração a palavra – ou seja, ele a rouba mergulhando-o num esquecimento ruim – de medo que eles creiam e sejam salvos[865]". E de novo o Apóstolo: "O homem interior em mim ama a lei de Deus, mas eu vejo uma outra lei que se opõe à lei de meu intelecto e que em trava[866]". Eles disseram estas coisas para nos ensinar e para que saibamos aquilo que nos escapa.

32. Por assim dizer, é natural que o conhecimento infle o orgulho com o pensamento de que somos mais do que os outros, se não soubermos acusar a nós mesmos e sermos humildes. Partilhemos os sentimentos dos que reconhecem suas fraquezas, escutando aquele que disse: "Irmãos, eu não considero que já tenha alcançado. Só afirmo uma coisa: esquecendo o que ficou para trás, miro o que está adiante e corro para o objetivo com vistas a obter a recompensa com a qual Cristo nos chama do alto[867]". E ainda: "Assim corro eu, mas não ao acaso. Assim bato eu, mas não como alguém que soca o ar. Mas eu conduzo duramente meu corpo e o submeto, por medo de, depois de haver pregado aos outros, eu me veja eliminado[868]". Você conhece uma humildade grande assim, capaz de ser também, no mesmo homem, uma corrida para a virtude? Vê como havia em são Paulo, um homem tão eminente e tão importante, tamanha humildade? "Cristo, disse ele, veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro[869]". Assim sendo, não é uma necessidade para nós, que nos humilhemos, se considerarmos a baixeza de nossa própria natureza? O que há de mais baixo, de fato, do que lama? Devemos nos lembrar de Deus, porque fomos criados a partir dela. E também devemos nos dedicar à temperança, para podermos correr ligeiros ao Senhor.

33. A quem se entrega a maus pensamentos é impossível guardar seu homem interior a salvo dos pecados. E se ele não desenraizar de seu coração os maus pensamentos, ele não poderá impedi-lo de se voltar para as más obras. A causa do olhar adúltero está em que o olho interior já se entregou ao adultério e às trevas. E a causa do desejo de escutar infâmias está em que escutamos o que nos murmuram os demônios infames que habitam em nós. Devemos assim cada um de nós, no Senhor, nos purificarmos por dentro e por fora, guardar nossos próprios sentidos, nos mantermos puros de toda atividade inspirada pela paixão e pelo pecado. E assim como antes estávamos ligados à vida do mundo e, na nossa ignorância e na vaidade de nosso intelecto, estávamos sujeitados de toda nossa inteligência e de todos os nossos sentidos às mentiras do pecado, retornando à vida em Deus devemos, com toda nossa inteligência e nossos sentidos, nos sujeitarmos ao Deus vivo e verdadeiro[870], à sua justiça e à sua vontade.

34. Primeiro existe a sugestão. Depois vem a adesão, depois o consentimento, depois o cativeiro, e enfim uma paixão formada pelo hábito e a continuidade. Assim é a vitória do inimigo em sua luta contra nós.

---

[861] Cf. *Atos* 9: 15.
[862] Cf. II *Coríntios* 2: 17.
[863] *Efésios* 6: 12.
[864] I *Pedro* 5: 8.
[865] *Lucas* 8: 12.
[866] *Romanos* 7: 22-23.
[867] *Filipenses* 3: 13-14.
[868] I *Coríntios* 9: 26-27.
[869] I *Timóteo* 1: 15.
[870] Cf. I *Tessalonicenses* 1: 9.

Assim é que a definem os santos Padres.

35. Eles dizem que a sugestão é um pensamento simples, ou talvez a imagem de uma coisa, que nasce no coração como uma aparição fortuita e que subitamente se mostra ao intelecto; que a adesão consiste em se entreter, de modo passional ou sem paixão, com isto que apareceu; que o consentimento é a complacência da alma por isto que lhe foi dado ver; que o cativeiro é o que arrasta consigo o coração à força e contra sua vontade, ou o que o une duravelmente ao que nos acontece, porém destruindo nosso estado mais nobre. Enfim, eles dizem que a paixão é o que se esconde por um longo tempo e apaixonadamente na alma. De todos estes graus, o primeiro não é um pecado; o segundo não o é inteiramente; o terceiro coloca em cheque o estado daquele que combate. A luta conduz, seja ao coroamento, seja ao castigo.

36. Pois o cativeiro não tem o mesmo sentido, conforme somos arrebatados no momento da oração ou em qualquer outro momento. Quanto à paixão, ela é o fundamento, ou bem do arrependimento que lhe corresponde, ou bem do castigo que virá. Portanto, quem resiste desde o começo, ou seja, desde a sugestão, e que a recebe impassivelmente, corta pela raiz todas as infâmias. Esta luta dos demônios do mal contra os monges e os não monges se resolve, como dissemos, por uma derrota ou por uma vitória. O resultado será a coroa em caso de vitória ou as penas para os derrotados que não se arrependerem. Assim, devemos conduzir o combate do intelecto contra estes demônios, a fim de não deixar que suas vontades maléficas passem para nossas obras como pecados reais. Se arrancarmos o pecado de nossos corações, encontraremos em nós mesmos o Reino de Deus[871]. Por meio desta bela ascese, guardemos em nome de Deus a pureza e a contínua compunção do coração.

37. Muitos monges não se apercebem dos erros do intelecto para os quais os levam os demônios. Eles se voltam para a ação e não se preocupam com o intelecto. Eles são simples e rústicos e atravessam esta vida, imagino eu, o que é a pureza do coração e ignorando totalmente as trevas das paixões exteriores. Portanto, aqueles que não conhecem a luta de que fala Paulo[872], e que, provavelmente tampouco receberam por experiência a marca do bem, imaginam que apenas os pecados por ação representam quedas e não consideram que os pecados em pensamento possam ser desafios que podem dar lugar a vitórias, porque nenhum olhar pode vê-los: eles permanecem secretos e só são conhecidos por Deus, o único árbitro do combate, e da consciência daquele que luta. É deles, penso eu, que foi dito nas Escrituras: "Eles disseram: paz. Mas não havia paz neles[873]". Sua simplicidade os consagra, dentre os irmãos, a rezar por eles e a se instruir o melhor que podem para evitar o mal que possam vir a praticar pelas ações. Quanto àqueles cujo desejo por Deus leva a purificar o olhar da alma, estes estão consagrados a outra ação e outro mistério, o mistério de Cristo.

38. A clara memória da morte é verdadeiramente comum a muitas virtudes. Ela produz o luto, incita à temperança em tudo, lembra a Geena, é a mãe da prece e das lágrimas. Ela é a guarda do coração, que torna a terra enquanto tal indiferente, e é uma fonte de perspicácia e discernimento. Seus filhos são o duplo temor a Deus, bem como a purificação que retira do coração os pensamentos passionais e que contém numerosos mandamentos do Mestre. É nela que podemos ver o duro combate que devemos combater no tempo oportuno, e que é a preocupação da maior parte dos que lutam por Cristo.

39. Um acidente ou uma infelicidade súbita não perturba pouco a atenção dos pensamentos. Atirando o intelecto fora dos caminhos que o levam ao melhor estado, na virtude e na beleza, estas coisas o desviam para disputas e querelas que desembocam no pecado. A causa daquilo que nos fere assim é nossa total despreocupação em relação às agressões.

---

[871] Cf. *Lucas* 17: 21.

[872] Cf. *Efésios* 6: 12.

[873] *Ezequiel* 13: 10.

40. Nada nos perturbará e nada nos oprimirá dentre as aflições que encontramos a cada dia, se de uma vez por todas o saibamos e colocarmos em nossa meditação contínua. É por isso que o divino Paulo disse: “Eu me comprazo nas fraquezas, nos ultrajes, nas angústias[874]”, E: “Todos os que querem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos[875]”. A ele a glória pelos séculos dos séculos[876]. Amém.

[874] II *Coríntios* 12: 10.
[875] II *Timóteo* 3: 12.
[876] *Romanos* 11: 36.

ELIAS DE ECDICOS

FLORILÉGIO DE SENTENÇAS DOS FILÓSOFOS CONSAGRADOS À VIRTUDE E AO CONHECIMENTO

Elias de Ecdicos

Elias, chamado de Ecdicos ou Elias de Creta foi um Padre comentados dos tratados teológicos de Gregório, ou talvez outro, não o sabemos. Pelo que podemos saber dos presentes capítulos e de algumas obras do autor, este foi um homem versado ao extremo, mais do que muitos, na sabedoria do mundo, e mais ainda na sabedoria eminente dos monges. Um homem que saiba discernir poderá aprender facilmente o poder inerente às suas palavras e glória da virtude que o cercava. É o que também nós vimos e admiramos: o fruto fecundo do ensinamento ético e gnóstico. Mas também percebemos como seu criador os cobriu com folhas e frutos, vale dizer, com a graça das metáforas e das palavras, que eram mais do que um simples pelego. Temos prazer em acolher os que saborearem a leitura destes textos, e rogamos que adentrem com amor nesta pradaria florida e perfumada, como está escrito, coberta com a alta ramagem das palavras espirituais e regada pelas águas da sabedoria de Deus, tão boas de beber, de se sentar à sua sombra, a ponto de que não somente possam usufruir das correntes da ação, mas também, associando-a ao sacrifício de louvor, deliciar-se com os frutos da contemplação.

*****

Elias foi sacerdote, sem dúvida monge, mas também juiz e advogado (*ecdicos*, donde seu cognome). Nada mais sabemos dele. Quando e onde viveu? Talvez em Constantinopla, entre os séculos XI e XII. Em todo caso, Elias é um autor crucial que lembra, guardadas as proporções, Máximo o Confessor e Simeão o Novo Teólogo. Mesmo sua obra – *Anthologion* – é paradoxal. Ela se apresenta como um florilégio de testemunhos anteriores; de fato, não há nada nela além de uma modesta transmissão da experiência comum a todos os monges. Mas também não há nada que se pareça com uma compilação, ainda que a osmose esteja em toda parte. Elias retoma Evagro, os Sinaítas e Máximo, porém mais ao modo de uma abelha que, como ele diz, "vai e vem pelas pradarias" e faz seu próprio mel de todas as flores em que pousa. A elaboração é sempre pessoal, a um tempo rigorosa e refinada.

A ordem do *Anthologion* é mais aparente do que real, mas mesmo assim existe uma ordem: dois grupos de cento e nove e de cento e trinta e nove capítulos englobam quatro partes introduzidas por poemas curtos e consagradas à ascese, à oração, ao conhecimento e por fim ao par ação-contemplação e aos seus frutos. Dos comportamentos da vida cotidiana, nos quais se exercem e se verificam o engajamento no combate espiritual e as condutas morais, Elias remonta à própria fonte da exigência hesiquiasta: sacrificar tudo pela meditação do intelecto, que não se corta dos sentidos e do mundo senão para oferecê-los em oração à transfiguração última. Ele relembra que o itinerário bíblico, do Egito à passagem do mar Vermelho e do deserto à Terra prometida, é o itinerário místico do homem interior. Sobretudo, ele é um destes Padres que sublinha o quanto a ação, portanto a ascese, é um ato de amor que se completa na contemplação da beleza.

Sua grande referência escriturária é o Cântico dos Cânticos. Este testemunho e canto do amor virginal se serve das imagens das núpcias para simbolizar o arrebatamento. Mas ele anuncia a regra de ouro: "Gnóstico (no sentido filocálico: quem conhece a Deus e se comporta como ele) é aquele que coloca a grandeza na descida e a humildade na elevação": a fonte, a própria graça que lampeja nestes capítulos.

FLORILÉGIO DE SENTENÇAS DOS FILÓSOFOS CONSAGRADOS À VIRTUDE, COMPOSTO E PREPARADO PELO HUMILDE PADRE ELIAS DE ECDICOS

Uma fonte abundante
Um discurso em que correm as águas da conduta moral,
Isto você encontrará aqui, se verdadeiramente buscar.

1. Longe de não se inquietar, todo cristão que crê retamente em Deus deve sempre esperar pela prova e se preparar para recebê-la, a fim de não se assustar nem se perturbar quando ela chega, mas aguentar esta prova e esta aflição com reconhecimento e compreender bem o que ela lhe diz, cantando com o Profeta: "Ponha-me à prova, Senhor, teste-me[877]". Ele não diz: "A educação que você me deu está terminada", mas: "Não cesse de me endireitar[878]".

2. O começo dos bens é o temor a Deus, e o fim é o desejo de amá-lo.

3. O começo de todo bem é a razão que fundamenta a ação e a ação que fundamenta a razão. Por isso, nenhuma ação é boa sem a razão e nenhuma razão progride sem ação.

4. A ação do corpo é o jejum e as vigílias. A ação da boca é a salmodia, a prece e o silêncio mais precioso do que a palavra. A ação das mãos consiste em fazer seu trabalho sem autocomiseração. E a ação dos pés é de caminhar para o objetivo à primeira exortação.

5. Tudo isso é precedido pela compaixão e a verdade, cujos frutos são a humildade e o discernimento que, segundo os Padres, provém da humildade: sem ela, nem a compaixão nem a verdade verão seus próprios limites. Pois a ação que rejeita o jugo da razão pode errar aqui e ali, como um bezerro, em meio às vaidades. E a razão que recusa vestir os mantos preciosos da prática não mantém seu posto, mesmo que, de um modo ou de outro, mantenha as aparências.

6. A alma corajosa que, como uma mulher, mantém ao longo de toda sua vida acesas as duas lâmpadas da vida ativa e da vida contemplativa, esta cumpre com seu dever. Mas a alma que se abandona aos prazeres faz o contrário.

7. Para se libertar perfeitamente do vício não é suficiente o sofrimento voluntário: a alma também deve se deixar consumir pelo sofrimento involuntário. Se, como uma espada, ela não passa pelo fogo e pela água[879], ou seja, pelas penas voluntárias e involuntárias, ela não pode evitar curvar-se sob as adversidades que lhe sobrevêm.

8. Assim como as provas voluntárias têm três causas gerais, a saúde, a riqueza e a glória, as provas involuntárias têm três causas, que são a ruína, o ultraje e a doença. Estas coisas acontecem para edificar a uns e purificar a outros.

9. Á alma estão ligados o desejo e a tristeza, ao corpo estão ligados o prazer e a dor. A causa da dor é o prazer, pois é tentando evitar a penosa sensação de dor que corremos para o prazer. E a causa da tristeza é o desejo.

---

[877] *Salmo* 25 (26): 2.
[878] *Salmo* 17 (18): 36.
[879] Cf. *Salmo* 65 (66): 12.

10. O homem virtuoso planta o bem em seu coração, mas o vaidoso o faz girar em sua cabeça. Quanto ao mal, aquele que se consagra à virtude o leva na superfície, mas quem ama o prazer o tem em profundidade.

11. A ação da alma consiste em alcançar a temperança que suscita a simplicidade, e a simplicidade que suscita a temperança.

12. A ação do intelecto consiste em chegar à prece na contemplação, e à contemplação na prece.

13. Quem tem aversão ao mal só o comete raramente, e de modo inadvertido. Mas quem se liga às suas causas é levado ao mal de modo frequente e deliberado.

14. Aqueles que não se arrependem de si mesmos não cessam de cometer faltas. Mas os que pecam contra sua vontade se arrependem plenamente e não se tornam alvo fácil, por causa do arrependimento.

15. Que os sentidos e a consciência estejam de acordo nas palavras que proferimos, para que a divina palavra de paz se encontre no meio delas sem ser confundida pelo que possa nelas haver de desconsiderado ou desmedido.

16. Não é bastante não prejudicar a alma em ato, para mantê-la pura em palavras, nem basta mantê-la pura em palavras para não manchá-la; pois o pecado é tríplice[880].

17. Você não poderá ver o rosto da virtude enquanto tiver prazer em observar o do vício. Mas este lhe parecerá detestável quando você houver banido o gosto pelas delícias desejadas e pela visão de suas formas.

[880] Ver *infra* nº. 19.

18. É primeiro pelos pensamentos, não pelos atos, que os demônios combatem a alma. Pois os atos a combatem por si sós. A fonte dos atos é o ouvido e o olho; a dos pensamentos são o costume e os demônios.

19. A parte pecadora da alma é tríplice, pois ela peca em pensamentos, palavras e obras. Mas o bem da impecabilidade é sêxtuplo, pois ele guarda sem faltas os cinco sentidos e mais a palavra proferida. Quem não comete nisto nenhum erro é um homem perfeito, capaz de refrear igualmente as demais partes da alma[881].

20. A parte irracional da alma se divide em seis: os cinco sentidos e a palavra proferida. Esta palavra é mantida sem faltas se for impassível, ao mesmo tempo em que é guardado inseparavelmente dela aquele que é testado pelas paixões. Mas se ela própria for passional, ela molda em si mesma seu próprio vício.

21. Nem o corpo pode se purificar sem o jejum e as vigílias, nem a alma pode se purificar sem compaixão e sem verdade, nem o intelecto pode se purificar sem a intimidade e a contemplação de Deus. As conexões aqui são claríssimas.

22. Dentro do conjunto das virtudes que mencionei, a alma opõe às tentações um guarda imperturbável, que é a paciência. “É por sua paciência que vocês salvarão suas almas”, disse o Verbo. Se isto não acontecer, ela cairá sob as alavancas da lassidão, como uma cidade sem muralhas cai ante os gritos que vêm de longe.

23. Os que são sensatos em suas palavras nem sempre o são nos seus pensamentos. E os que são sensatos em seus pensamentos talvez não o sejam nos seus sentidos exteriores. Pois se todos somos tributários dos sentidos, nem todos pagam seu tributo da mesma maneira. Com efeito, por

[881] Cf. *Tiago* 3: 2.

uma natural simplicidade, a maior parte não é capaz de honrar os sentidos naquilo que lhes é próprio, como os próprios sentidos o pedem.

24. O bom senso, que é indivisível por natureza, é repartido de maneira desigual. A um é dado antes, a outro menos, até que a virtude prática, que tem como companheiras de viagem as virtudes gerais, atinja o bem de quê cada um é capaz. Pois a maioria das pessoas é sensata na medida da insuficiência de sua vida prática.

25. Poucos homens prudentes podem ser encontrados, no que se refere a agir em conformidade com a natureza. Mas encontraremos muitos dispostos a fazer o que é contra a natureza. Com efeito, nas coisas submetidas ao temor, os que extirparam todo bom senso natural são pouco prudentes, mas o são muito nas coisas que ultrapassam a circunspecção, mesmo que por natureza elas não sejam louváveis.

26. O tempo e a circunspecção são os convivas do silêncio devotado à razão, e a verdade é seu festim. Quando estão presentes, no momento em que a alma se retira, o pai da mentira não encontra nela nada do que procura.

27. O homem verdadeiramente compassivo não é aquele que dá com gosto o supérfluo, mas o que abandona o necessário aos agressores.

28. Uns adquirem o imaterial pela riqueza material, observando as leis da compaixão. Outros são despossuídos do material pelo imaterial, quando tomam consciência do indefectível.

29. Todos gostam de ser ricos de bens. Mas para quem se enriqueceu com a riqueza de Deus, é doloroso não ter recebido a plena liberdade de se regozijar disto.

30. Por fora, a alma parece sã. É por dentro, na raiz dos sentidos, que se esconde normalmente a doença. Se, de fora, tal enfermidade implica absolutamente que sejam colhidas provas dela, e se, por dentro, uma saúde tal implica a renovação do intelecto, será insensato aquele que rejeitar as provas e que não tiver vergonha de permanecer sempre acamado pela enfermidade da insensibilidade.

31. Não se irrite contra quem o maltratou sem querer. Diante do remédio desagradável que ele lhe ministrou você pode se considerar infeliz, mas glorifique aquele que lhe prestou tal serviço cumprindo a economia de Deus.

32. Não recuse a doença como se ela fosse uma coisa temível, mas afaste-se dela usando remédios eficazes – os remédios do amor e das penas – se você quiser cuidar da saúde de sua alma.

33. Não fuja de quem lhe faz mal curando-o quando isto é necessário, mas vá até ele e ele lhe mostrará como é bom aquilo que ele aplica sobre os seus sentidos. Você comerá o doce alimento que dá a saúde quando tiver destruído o alimento que rejeitou por ser amargo.

34. Na mesma medida em que você se ressente das penas que lhe fazem mal, deve aceitar aquele que as inflige repreendendo você. Com efeito, ele está, em relação a você, na origem de uma purificação perfeita, sem a qual o intelecto não conseguirá penetrar no espaço puro da oração.

35. Quando você for repreendido, ou bem se cale, ou bem responda com doçura a quem o repreendeu. Se você é repreendido, você deve responder não para formular suas reivindicações, mas para restabelecer a verdade naquele que o repreendeu sem saber e que talvez tenha se enganado.

36. Quanto àquele que ofendeu alguém, se se arrepender antes de que o ofendido o cite na justiça, não receberá nenhuma das penas merecidas; e se se arrepender depois da citação, receberá metade da pena. Entretanto,

aquele que nunca foi excluído da assembleia por ter ofendido alguém ganhará todas as cauções depositadas. Mas quem perdoar completamente a falta de outro acrescentará para si uma recompensa.

37. Nem o orgulhoso conhece seus defeitos, nem o humilde conhece suas qualidades. Uma loucura de perdição cobre o primeiro; mas uma loucura que agrada a Deus cobre o segundo.

38. O orgulhoso não quer ser comparado aos seus iguais no bem. Mas quando é comparado aos que o superam no mal, acha suportável sua inferioridade.

39. A vergonha firma a alma, mas o elogio a relaxa e a torna mais lenta em fazer o bem.

40. O fundamento da riqueza é o ouro, o fundamento da virtude é a humildade. Portanto, do mesmo modo como o que não tem ouro é pobre ainda que pareça rico aos olhos dos outros, também sem humildade quem combate não será nunca virtuoso.

41. Assim como um mercador sem ouro não é um verdadeiro mercador, por mais que seja dotado para os negócios, sem a humildade o asceta se verá impedido de alcançar as doçuras da virtude, ainda que confie totalmente em sua sabedoria.

42. Quem se abre para a humildade reabsorve o sentimento que tem de si mesmo. Mas quem não tem humildade exalta este sentimento: este homem não suporta voluntariamente ser contado entre os menores, e é por isso que sua inveja se manifesta em relação aos primeiros lugares[882].

43. Para quem combate é bom ter pensamentos que permaneçam antes daquilo que faz, e conduzir ações que sejam mais fortes que sua preguiça. Assim ele será um operário respeitado pelos homens e irrepreensível diante de Deus.

44. Quem teme ser visto como um estrangeiro no meio dos que estão diante de si no local das núpcias[883] deve, seja assumir retamente os mandamentos de Deus, seja colocar todo seu esforço sobre um único: a humildade.

45. Una a temperança à simplicidade, a verdade à humildade, e você será visto como um conviva da justiça, à mesa da qual todas as demais virtudes gostam de se reunir.

46. Sem a humildade, a verdade é cega. Pois então ela toma como guia a contradição, que tem que se apoiar sobre qualquer coisa, mas não encontra nada senão a fortaleza do ressentimento.

47. Uma conduta afável testemunha a beleza da virtude, e o equilíbrio dos membros do corpo testemunha uma alma em paz.

48. O primeiro bem consiste em não cair em nenhum erro. O segundo consiste em não esconder sua falta por vergonha, nem mergulhar nela, mas se humilhar, acusando a si próprio se for acusado, e aceitando a pena com alegria. Se não fizermos isto, nada permanecerá daquilo que oferecemos a Deus.

49. Além do sofrimento que enfrentamos voluntariamente, também é preciso acolher o sofrimento involuntário, ou seja, as penas e as enfermidades que provêm dos demônios. Quem não acolhe estes sofrimentos mas os recusa, é semelhante ao homem que quer comer seu pão não com sal, mas apenas com mel; ele não terá sempre o prazer como

[882] Cf. *Lucas* 14: 7.

[883] Cf. *Mateus* 12: 12.

companheiro, mas antes terá como vizinho constante o desgosto.

50. Embora seja um mestre, parece revestido de uma roupa de escravo[884] aquele que lava com palavras divinas o manto esfarrapado do próximo ou que o remenda para que ele possa usar. Porém, que age assim deve tomar cuidado para não perder, por vanglória ou por não agir como um servidor, a recompensa e a honra que lhe é própria, a honra da liberdade.

51. Assim como a fé é o fundamento daquilo que se espera[885], a sabedoria é o fundamento da alma e a humildade o fundamento da virtude. Isto pode espantar: sem estes atributos, o perfeito em si é imperfeito.

52. Está dito: "O Senhor guardará sua entrada e sua saída[886]", manifestamente pela temperança nos alimentos e nas palavras. Pois quem modera a entrada e a saída dos alimentos e das palavras foge da concupiscência dos olhos e acalma o ardor da convulsão. Ora, é nisto que deve se aplicar e trabalhar acima de tudo e de toda maneira aquele que conduz o combate. Pois são estas coisas que reconfortam a vida ativa e firmam a vida contemplativa.

53. Alguns são muito atentos à entrada dos alimentos, mas negligenciam a saída das palavras. Estes não sabem afastar a cólera de seus corações[887], nem a concupiscência de sua carne, como diz o Eclesiastes: é por meio destas coisas, normalmente, que o Espírito novo cria um coração puro.

54. Encontraremos a frugalidade nas refeições na qualidade inferior dos alimentos, e a retidão das palavras na qualidade maior do silêncio.

55. Consuma seus rins abstendo-se de alimentos, guarde seu coração moderando suas palavras, e assim você colocará a serviço do bem o desejo e o ardor.

56. O prazer do baixo ventre se perde nos ascetas quando o corpo perde sua vitalidade. Mas o prazer da língua permanece naquele que ainda não se desembaraçou do supérfluo. É preciso que você se dedique, agindo sobre a causa, a purificar o ultraje do efeito, a fim de não se revestir de vergonha se for pego estranho à virtude da temperança lá em baixo.

57. É preciso que o asceta saiba quando e com que alimentos nutrir seu corpo como se este fosse seu inimigo, quando consolá-lo como a um amigo e quando reconfortá-lo como a um enfermo, a fim de não oferecer por engano ao amigo o que cabe ao inimigo, nem ao inimigo o que é do amigo, nem fazer-lhes guerra no momento da tentação por haver escandalizado a uns e outros.

58. Quando aquele que se alimenta coloca o alimento antes do desfrute, a graça das lágrimas que penetram nele começa a consolá-lo e a fazê-lo esquecer das outras doçuras, como se estas doçuras fossem daqui por diante, sem comparação, engolidas pela própria doçura das lágrimas.

59. Naquele que vive com largueza as lágrimas são reabsorvidas. Mas elas se espalham em quem ama a via estreita[888].

60. Nem o pecador nem o justo escapam à aflição. Um, porque não está totalmente afastado do pecado; outro, porque ainda não alcançou a perfeição.

61. Dependem de nós as virtudes que estão ao nosso alcance: a prece e o silêncio. Não dependem de nós, mas em geral do estado do corpo, o jejum e a vigília. É preciso buscar o que está mais acessível àquele que combate.

---

[884] Cf. *Filipenses* 2: 7.
[885] Cf. *Hebreus* 11: 1.
[886] *Salmo* 120 (121): 8.
[887] Cf. *Eclesiástico* 11: 10.
[888] Cf. *Mateus* 7: 13.

62. A morada da alma é a paciência: ela aí reina. Mas seu trabalho é a humildade, que a alimenta.

63. Se você não suporta as penas, não será honrado com os louvores. Se você preferir a dor ao prazer, você evitará ser afligido.

64. Não se deixe prender pelas pequenas coisas e não será sujeitado pelas grandes. Pois não cometemos naturalmente as faltas maiores sem antes termos cometido as menores.

65. Se você tiver os olhos postos nos grandes inimigos, você será temido pelos pequenos. Mas se os menores o desdenharem, parecerá que você sucumbiu diante dos grandes.

66. Você não poderá alcançar as virtudes maiores, se não conquistar o cume das virtudes que estão ao seu alcance.

67. Naqueles em quem reinam a compaixão e a verdade, tudo agrada a Deus. Pois a verdade não julga ninguém sem a compaixão, e esta não ama os homens sem a verdade.

68. Se você unir a temperança à simplicidade, você estará em condições de compreender a beatitude do Reino.

69. Você não verá mais as paixões que o combatem se previamente não deixar baldia a terra em que elas vicejam.

70. Uns se dedicam a purificar somente a matéria do corpo. Outros se dedicam também a purificar a matéria da alma. Pois uns são atacados apenas pelos pecados da ação, enquanto outros o são pela paixão. Mas bem poucos enfrentam o pecado do desejo.

71. A matéria ruim do corpo é a emoção passional. A matéria ruim da alma é o desfrute passional. A matéria ruim do intelecto é o pendor passional. A primeira é simbolizada pelo tato; a segunda pelos demais sentidos; e a última é simbolizada pela disposição hostil.

72. O homem passional no seu desfrute é semelhante ao homem passional nas suas emoções. O homem passional nos seus pendores é semelhante ao homem passional nos seus desfrutes. Mas o impassível está distante de ambos.

73. O homem passional nas suas emoções é um homem cuja tendência ao pecado é mais forte do que a razão, mesmo que até então ele não tenha pecado exteriormente. O homem passional em seu desfrute é aquele em quem o pecado ativo domina a razão, mesmo que ele só experimente o pecado interiormente. O homem passional nos seus pendores é o que busca a liberdade mais do que a sujeição dos que permanecem no entremeio. O homem impassível será aquele que ignora a diferença que separa todos esses estádios.

74. A emoção passional é retirada da alma pelo jejum e a oração. O desfrute passional é retirado da alma pelas vigílias e o silêncio. O pendor passional é retirado da alma pela hesíquia e a atenção. Mas a impassibilidade nasce da lembrança de Deus.

75. Dos lábios da impassibilidade escorrem as palavras da vida eterna, como favos de mel[889]. Quem será considerado digno de unir estes lábios aos seus[890], de repousar em seus seios, de sentir o doce odor de suas vestes[891], ou seja, de cair sob o encantamento da lei das virtudes, da qual se diz que ultrapassa todos os perfumes do conhecimento sensível?

---

[889] Cf. *Cântico dos Cânticos* 4: 11.
[890] Cf. *Cântico dos Cânticos* 1: 13.
[891] Cf. *Cântico dos Cânticos* 4: 10-11.

76. Muitos talvez tenham se despido das vestes do amor próprio. Poucos se despojaram das vestes do amor ao mundo. Mas somente os impassíveis se despojaram da veste da vanglória, que se diz ser a última.

77. Toda alma será despojada do corpo visível. Mas do corpo do pecado só será despojada a alma que tiver aproveitado pouco dos prazeres daqui de baixo.

78. Todos passarão visivelmente da vida à morte. Mas morrerão para o pecado[892] apenas os que tiverem aversão deliberada a ele.

79. Quem se verá despojado do pecado antes da morte comum do corpo? E quem conhecerá a si mesmo e saberá qual é sua própria natureza, antes do despojamento futuro?

A alma ferida pelo amor nupcial,
saberá a prece, aqui em baixo, uni-la ao esposo[893].

80. À alma dotada de razão, situada na fronteira entre a luz vista pelos sentidos e a luz vista pelo intelecto é dado bem ver, por meio de uma, as coisas do corpo e, por meio da outra, as coisas do Espírito. Mas uma vez que nela uma se obscurece e outra se aviva, por causa do hábito adquirido desde o começo, ela já não consegue tendes totalmente para as coisas divinas se não estiver mergulhada na oração com a luz vista pelo intelecto. Ela permanece necessariamente no intervalo que separa as trevas da luz, voltada para a luz por seu estado, e para as trevas pela imaginação.

[892] Cf. *Romanos* 6: 11.
[893] Cf. *Cântico dos Cânticos* 2: 5.

81. O intelecto passional não pode entrar pela porta estreita da prece antes de ter renunciado aos cuidados de seu estado. Ocupada ao redor das moradas da prece, ele não deixará de se afligir.

82. Que a prece permaneça no intelecto, como um raio de sol. Sem a prece, as preocupações dos sentidos, desenvolvendo-se como nuvens sem água, privam o intelecto de sua própria luminosidade.

83. A força da oração está na fome, pela qual nos privamos de alimentos voluntariamente. A força da fome está em não ouvir nem ver nada do mundo sem uma extrema necessidade. Quem não se precaver contra estas coisas não conseguirá consolidar o edifício do jejum, e fará ruir com ele o edifício da oração.

84. Se o intelecto não se libera de todo sombreamento dos sentidos, ele não poderá se voltar para o alto nem conhecer sua própria dignidade.

85. O jejum é o símbolo do dia, por sua claridade, e a prece é o símbolo da noite, por sua escuridão. Quem caminhar por uma e outra destas duas vias alcançará a cidade que procura, de onde fugiram a dor, a aflição e os gemidos[894].

86. O trabalho espiritual se faz naturalmente independentemente das penas do corpo. Feliz daquele, portanto, que considera o trabalho imaterial melhor do que o trabalho material. É por meio deste trabalho que ele completa o que faltou à obra material, vivendo a vida de oração, que é oculta, mas que Deus vê.

87. O Apóstolo divino nos exorta a permanecer firmes na fé, a nos alegrarmos na esperança, a perseverar na prece[895], para que em nós persista

[894] Cf. *Isaías* 35: 10.
[895] Cf. *Romanos* 12: 12.

o bem da alegria. Se é assim, aquele que não permanece firme não é fiel, e aquele que não se regozija não possui a boa esperança. Porque ele rejeitou a causa da alegria, que é a prece, por não ter perseverado nela.

88. Se o intelecto que desde o princípio viveu nos pensamentos do mundo se ligou completamente a eles, como não tornará sua a prece contínua? Com efeito, como se diz, onde se passa muito tempo, é ali que se desabrocha[896].

89. Assim como o intelecto depois de muito tempo separado de sua própria morada esquece o esplendor de lá, da mesma forma ele deve retornar por meio da oração, esquecendo, por sua vez, as coisas aqui de baixo.

90. Como uma criança deitada sobre o seio frio de sua mãe, assim se sentirá o intelecto que se deita sobre uma prece que não pode consolá-lo. Mas se for de outro modo, se a prece consolá-lo, ele será como uma criança que dorme prazerosamente nos braços de sua mãe.

91. É aí, diz-se, sobre o leito austero da vida virtuosa, que, como no leito de que fala o Cântico dos Cânticos, a esposa, a prece, poderá dizer àquele que a ama: "Eu lhe darei meus seios[897], se você se consagrar inteiramente a mim".

92. Não consegue sentir afeição pela prece aquele que não renunciou a toda a matéria.

93. Quando for reza separe-se de tudo, salvo a vida e o sopro, se quiser estar a sós com o intelecto.

94. O testemunho de um intelecto amado por Deus é a prece do único nome divino, o testemunho de um pensamento sábio é a linguagem oportuna, o testemunho de uma sensibilidade livre é o gosto simples. É por meio destes três testemunhos, diz-se, que são reconfortadas as coisas da alma.

95. A natureza de quem ora deve ser doce e terna, como das crianças, a fim de que lhe seja possível se abrir docilmente, como elas fazem, ao desabrochar que a prece ordena. Portanto, não seja negligente, você que deseja se unir assim à oração.

96. Nem todos têm o mesmo objetivo quando oram. Um visa isto, outro aquilo. Um pede que seu coração esteja sempre em estado de prece, se for possível. Outro pede para ir além da oração. Outro pede para não ser interrompido por pensamentos enquanto ora. Mas todos pedem para ser guardados no bem e protegidos do mal.

97. Se é verdade que ninguém termina a oração sem um coração humilhado (pois que ora está quebrantado pela humildade), o homem que coloca sua confiança em outra coisa não ora com humildade.

98. Se orarmos considerando a viúva que insistiu na sua demanda diante do juiz iníquo[898], jamais nos desencorajaremos por tardarem os bens prometidos.

99. A oração não permanecerá em você se você se demorar nos pensamentos interiores e nas conversas exteriores. Ela se volta para aqueles que, por causa dela, se cortaram da maior parte das coisas.

100. Se as palavras da oração não penetrarem nas profundezas da alma, as lágrimas não poderão banhar as maçãs do rosto.

---

[896] Cf. Máximo o Confessor, *Sobre o amor* III, 71.
[897] *Cântico dos Cânticos* 7: 13.

[898] Cf. *Lucas* 18: 2-5.

101. Para o agricultor, a colheita crescerá, ainda que ele não tenha sob seus olhos a semente que derramou sobre a terra. Mas para o monge, as lágrimas não brotarão, a menos que ele siga, sem se desviar do esforço, as palavras da oração.

102. A prece é a chave do Reino dos céus. Quem se liga a ela como se deve enxerga os bens que ela prepara para os que a amam. Mas quem não coloca sua confiança no Reino só terá olhos para as coisas presentes.

103. No momento da prece, o intelecto não poderá dizer a Deus: "Você rompeu os meus laços; eu lhe oferecerei um sacrifício de louvor[899]", se, por desejar o melhor, não tiver rompido com a lassidão e a negligência, o sono prolongado e os festins, de onde provêm todas as derrotas.

104. Quem se perde em fantasias quando ora permanece fora do primeiro véu. Quem atingiu a prece única do nome divino penetrou no interior. Mas só é admitido ao Santo dos Santos[900] aquele que, com os pensamentos naturais em paz, considera aquilo que concede a outra paz, a que ultrapassa toda inteligência[901], e que é considerado digno de receber do alto uma revelação divina.

105. Quando, depois de se ter desligado das coisas exteriores, a alma se liga à prece, então, semelhante a uma chama que a envolve assim como quando o fogo envolve o ferro, ela se abrasa inteira. A alma permanece a mesma, mas já não podemos tocá-la, assim como não podemos tocar o ferro ao rubro pela ação do fogo.

106. Feliz o homem que nesta vida foi considerado digno de ser assim considerado, semelhante a uma estátua de argila por natureza, mas de fogo pela graça.

[899] *Salmo* 115 (116): 7-8.
[900] Cf. *Hebreus* 9: 6-7.
[901] Cf. *Filipenses* 4: 7.

107. Para os que se engajam nesta via, a lei da oração é um mestre rigoroso. Mas para os que progrediram ela é como o amor, que arrasta para um festim suntuoso os que têm fome.

108. Quanto aos que se dedicam devidamente à ascese, a prece tanto os cobre como uma nuvem[902], deles afastando os pensamentos que queimam, tanto lhes abre as contemplações espirituais derramando sobre eles a fina chuva das lágrimas.

109. A doçura do prazer que sentimos quando ouvimos alguém tocar a cítara é e será sempre exterior. Mas se as palavras secretas que ela diz em espírito não produzem o mesmo som quando ela ora, a alma não se acha em estado de compunção. Pois é por "não saber o que pedir quando oramos, etc.[903]" que ora aquele que ora.

[902] Cf. *Êxodo* 13: 21.
[903] *Romanos* 8: 25.

Do conhecimento

O intelecto recebe a luz da contemplação gnóstica
quando se eleva às alturas.
Mas se ele busca as razões
ele retorna às trevas, deslizando para a paixão.

1. É preciso que o gnóstico saiba: seu intelecto tanto é o país da origem dos pensamentos quanto o país dos raciocínios, quanto o país dos sentidos. E ele retorna ao primeiro país se encontrar primeiro os pensamentos que lhe vêm a propósito do que os que lhe vêm fora de propósito.

2. O intelecto que não permanece na origem dos pensamentos fica por inteiro nos raciocínios. Se permanecer nos raciocínios, não ficará na origem dos pensamentos. Se penetrar nos sentidos, ficará no meio de todas as coisas.

3. Por meio da origem dos pensamentos o intelecto se une ao inteligível. Por meio do raciocínio, a razão encontra o racional. E, por meio da imaginação, os sentidos encontram a vida prática.

4. O intelecto que se recolhe sobre si mesmo não contempla nem as coisas dos sentidos nem as coisas do raciocínio, mas os pensamentos nus e os raios da luz divina, de onde transbordam a paz e a alegria.

5. Uma é a inteligência da coisa, outra a inteligência em si, e outra ainda a que se refere aos sentidos. Existem aí a essência, o acidente e a diversidade do fundamento material.

6. O intelecto pode abrir numerosos caminhos: ele se mostra insaciável. É somente quando ele se engaja na via única da prece que, antes de alcançar o objetivo, ele se sente apertado: então ele suplica ao que partilha de seu caminho que o envie de volta ao ponto de onde saiu.

7. Se se deixar levar para longe daquilo que está no alto, o intelecto não conseguirá regressar para lá sem suscitar em si o perfeito desdém pelo que está em baixo, consagrando-se apenas às coisas divinas.

8. Se você não consegue fazer com que sua alma permaneça apenas com seus pensamentos, pelo menos obrigue seu corpo a permanecer na solidão para aí considerar continuamente sua miséria. É assim que, com o tempo e a piedade de Deus, você poderá retornar à dignidade primeira de sua origem nobre.

9. O monge ativo pode facilmente submeter o intelecto à oração, e o monge contemplativo pode facilmente submeter a oração ao intelecto. Um separa os sentidos das formas visíveis. Outro transporta sua alma para as razões ocultas nas formas. Um leva o intelecto a ignorar as razões dos corpos. Outro conduz o intelecto a compreender as razões dos incorpóreos. Ora, os incorpóreos são as razões dos corpos, suas naturezas próprias e suas essências.

10. Quando você tiver liberado seu intelecto dos prazeres do corpo, do dinheiro e da comida, então aquilo que você fizer será considerado por Deus como uma oferenda pura. Em retribuição, lhe será concedido abrir os olhos de seu coração e estudar com toda clareza as palavras que Deus inscreveu nele, as quais, pela doçura que transmitem, são consideradas pela boca de sua inteligência como favos de mel[904].

11. Você não poderá fazer com que seu intelecto esteja acima do desejo do corpo, do dinheiro e das comidas desnecessárias se você não conseguir

---

[904] *Salmo* 18 (19): 11; 118 (119): 103.

fazê-lo penetrar no país da pureza, no país dos justos, onde a lembrança da morte e a lembrança de Deus escorrem e apagam do coração terrestre todos os levantes do desejo.

12. Nada é mais terrível do que o pensamento da morte e nada mais maravilhoso do que a lembrança de Deus. Um suscita uma tristeza salutar, a outra traz alegria. "Eu me lembrei de Deus, diz o Profeta, e me alegrei[905]". E o sábio disse: "Lembre-se do seu fim e você não pecará mais[906]". É impossível se regozijar com a lembrança de Deus sem ter antes tido a amarga experiência da morte.

13. Enquanto o intelecto não olhar de frente para a glória de Deus[907] a alma não poderá dizer com conhecimento de causa: "Eu me regozijarei no Senhor, exultarei na sua salvação[908]". Pois o véu do amor próprio cobre seu coração, impedindo que lhe sejam revelados os fundamentos do universo, que são as razões das criaturas. E este véu não lhe será retirado sem as penas voluntárias e involuntárias.

14. Não foi após fugir do Egito, que é o pecado pela ação, nem depois de passar o mar Vermelho, que é a sujeição à natureza, mas depois de haver permanecido no deserto, nomeio dos efeitos e dos movimentos dos vícios, que o guia do povo de Israel pode ver a terra prometida[909], que é a impassibilidade, e enviar suas forças para olhar e observar.

15. Alguns, que permanecem no deserto, ou seja, na inércia das paixões, não conhecem os bens desta terra bem-aventurada senão por ter ouvido falar. Outros, depois de haver examinado estes bens, mantiveram-se apenas e simplesmente na consideração daquilo que viram. Outros enfim, que foram considerados dignos de entrar na terra prometida, foram premiados com o sentir plenamente as palavras que escorrem dela como leite e mel[910], vale dizer, as palavras da primeira e da segunda contemplação.

16. Aquele que ainda traz em si os movimentos naturais da carne ainda não pode se considerar crucificado com Cristo[911]. Nem foi enterrado com Cristo aquele que arrasta atrás de si as concupiscências da alma. Como poderão então tais homens ressuscitar com ele para levar a vida nova?

17. As três virtudes fundamentais da alma são o jejum, a oração e o silêncio. Aquele que pretende sair da oração deve buscar o repouso de uma contemplação natural. Quem pretende sair do silêncio deve buscar o repouso de uma conversação moral. E quem pretende sair do jejum deve buscar o repouso de um segundo alimento agradável.

18. Enquanto o intelecto está entretido com as coisas de Deus, ele salvaguarda a semelhança divina permanecendo bom e compassivo. Passando para as coisas dos sentidos, se descer oportuna e convenientemente, ele transmite sua experiência, adquire outra e retorna a si mesmo com renovadas forças. Mas se descer despropositadamente e sem necessidade, ele se verá como um general insensato, separado do grosso de suas tropas no decurso do combate.

19. O paraíso da impassibilidade oculto em nós é a imagem daquele que deve receber os justos. Porém, dos que não forem capazes de penetrar neste paraíso que trazemos em nós, nem todos serão excluídos do outro.

20. O sol sensível mantém seus raios no exterior de uma casa fechada. E o sol espiritual não consegue acariciar com suas doçuras a alma que o recebe sem manter os sentidos fechados às coisas sensíveis.

---

[905] *Salmo* 76 (77): 4 LXX
[906] *Eclesiástico* 7: 36.
[907] Cf. II *Coríntios* 3: 18
[908] .*Salmo* 34 (35): 9.
[909] Cf. *Josué* 2: 1-3.
[910] Cf. *Êxodo* 3: 8.
[911] Cf. *Gálatas* 2: 20.

21. É gnóstico aquele que coloca a grandeza nas descidas de sua alma, e a humildade nas suas elevações.

22. A abelha que vai e vem pelas pradarias mostra de onde tirou seu mel. E a alma que vai e vem pela diversidade dos séculos daí tira a doçura que transmitirá aos seus pensamentos.

23. O cervo que come um serpente corre às fontes de água para extinguir o veneno. Mas a alma que foi ferida pelas flechas de Deus não cessa de aspirar pelo amor que a levará àquele que a feriu.

24. Os pensamentos nus brotam da vida solitária. Os pensamentos do mundo brotam na vida a dois. Mas quando a alma está dividida, os pensamentos se afastam. Somente as inteligências desprovidas de corpos se aproximam dela e lhe manifestam as razões da providência e do julgamento, como se revelassem os fundamentos da terra.

25. Na vida a dois, o homem e a mulher não têm naturalmente uma visão simples. Encontraremos esta visão no coração da vida solitária, na qual, em Jesus Cristo, pela semelhança, não mais encontraremos distinção entre homem e mulher.

26. Os pensamentos não são típicos nem da parte da alma desprovida de razão (pois não existem pensamentos naquilo que é desprovido de razão), nem da parte da alma dotada de inteligência (pois tampouco existem pensamentos entre os anjos). Eles são fruto do trabalho da razão. Servindo-se da imaginação como se fosse uma escada, eles se elevam dos sentidos ao intelecto para lhe relatar as impressões, e dessem do intelecto para os sentidos para lhes confiar as razões.

27. Como homens que saem de um abismo e procuram qualquer coisa em que se agarrar, assim são os maus pensamentos quando o vício se encontra em perigo, como um navio à deriva quando as lágrimas jorram.

28. Dependendo da qualidade fundamental da alma, os pensamentos que a cercam se reúnem, ou bem para atirá-la ao mar como piratas, ou bem para vir em seu auxílio, como remadores, quando ela está em perigo. Aqueles empurram o navio metendo-o no oceano dos pensamentos maléficos. Estes, escolhendo a costa mais próxima, conduzem o navio para praias aprazíveis.

29. Se a alma que deseja se desembaraçar do sétimo e último pensamento, o pensamento da vanglória, não se despoja antes dos seis pensamentos precedentes[912], ela não poderá revestir-se do oitavo, que vem depois dos demais, e do qual o Apóstolo disse ter o nome de "morada celeste[913]" e ao qual podem ser levados com seus gemidos aqueles que se desnudam assim para não mais se vestir com as coisas da matéria.

30. À prece perfeita se reportam naturalmente os pensamentos angélicos. À prece mediana se reportam os pensamentos espirituais. À prece elementar se reportam os pensamentos naturais.

31. Assim como a qualidade do grão se revela normalmente pela espiga, também a pureza da contemplação se revela pela oração. Uma, para dissuadir os pássaros que a bicam se reveste de barbelas como se fossem lanças. Outra, para suprimir as tentações, carrega consigo as meditações da sabedoria.

32. Aquilo que a ação deixa entrever da alma está coberto de prata como as asas das pombas. Mas o que a contemplação dá a compreender – vale

---

[912] Os oito pensamentos de malícia, definidos e classificados por Evagro, são: a gula, a prostituição, o amor ao dinheiro, a cólera, a tristeza, a acídia, a vanglória e o orgulho. Cf. Evagro, *Sobre os pensamentos*; Cassiano, *Sobre os oito pensamentos de malícia*.
[913] Cf. II *Coríntios* 5: 2-4.

dizer, a outra face – é semelhante ao ouro verde[914]. Pois a alma que não está na flor de sua beleza não é capaz de voar e pousar[915] onde se encontra a moradia dos que são felizes[916].

DA AÇÃO E DA CONTEMPLAÇÃO

Aqui está a pradaria coberta de frutos
da ação e da contemplação espirituais.

33. Outrora foi ordenado aos antigos para que levassem ao templo as primícias do moinho e da moenda[917]. Mas a nós é agora ordenado entregar a Deus as primícias da ação, a temperança e a verdade, e as primícias da virtude contemplativa, o amor e a oração. Para as primeiras, devemos deter os impulsos do desejo e do ardor irracionais. Para as últimas, devemos evitar os pensamentos vãos e as armadilhas nas quais podemos cair por causa do próximo.

34. O começo da prática é a temperança e a verdade. O meio é a castidade e a humildade. O fim é a paz dos pensamentos e a santificação dos corpos.

35. A ação não consiste simplesmente em fazer o bem, mas em fazê-lo como se deve, no tempo adequado e na medida certa.

36. A contemplação não consiste apenas em ver os corpos tais como são, mas também em ver suas razões e aquilo que elas mostram.

[914] Cf. *Salmo* 67 (68): 14.
[915] Cf. *Salmo* 54 (55): 7.
[916] Cf. *Salmo* 86 (87): 7.
[917] Cf. *Êxodo* 22: 28.

37. Não existe ação segura fora da contemplação, nem verdadeira contemplação sem ação. Pois é preciso que a ação tenha sua origem na razão, e que a contemplação seja fruto da ação, a fim de que numa o vício perca a força e na outra a virtude tenha o poder de se comprazer na bondade.

38. O objetivo dos monges ativos é a anulação das paixões. O fim dos monges gnósticos é a contemplação das virtudes.

39. Aquilo que a matéria representa para a forma, a ação é relativamente à contemplação. O que o olho é para o rosto, a contemplação é para a ação.

40. Na corrida para a virtude ativa muitos disputam, mas só um recebe o prêmio[918]: o que deseja chegar ao final por meio da contemplação.

41. Durante a prece, o monge ativo bebe a água da compunção. Mas o monge contemplativo se embriaga com a melhor das taças. Um ama a sabedoria nas coisas da natureza. O outro ignora a si próprio na oração.

42. Não é permitido ao monge ativo permanecer por muito tempo na contemplação espiritual. Pois tudo se passa como se ele recebesse a hospitalidade em casa de alguém, devendo se retirar secretamente o mais depressa possível.

43. Assim como os monges ativos passam orando pelas portas dos mandamentos de Deus, os contemplativos entram cantando nas mansões das virtudes. Uns rendem graças por ter sido libertos de seus bens, outros rendem graças por haver capturados os que os combatiam.

44. A força da contemplação deve se regrar pela força da prática. Senão, como um navio cujas velas não se harmonizam, ou bem não suportará o

[918] Cf. I *Coríntios* 9: 24.

perigo que, por sua desproporção o farão desabalar sob a violência dos ventos, ou não suportará o peso dos ventos, por serem pequenas as velas para o tamanho do barco.

45. Considere que os pensamentos piedosos são os remadores do navio inteligível, e que as potências vitais da alma, o ardor e o desejo, a vontade e a resolução, são como os remos. O monge ativo sempre tem necessidade destes remos, mas não o contemplativo: pois, no momento da prece, depois de ter saudado todos os seres, ele coloca a si mesmo no leme do discernimento e passa toda a noite em contemplação, oferecendo seus louvores Àquele que dirige o universo. Talvez até, retomando um canto de amor, ele cante também à sua alma, enquanto observa os solavancos do mar e seus movimentos violentos, tão tomado de temor está diante dos juízos de Deus e das decisões de sua justiça.

46. Quem se divide com equilíbrio entre a ação e a contemplação não navega, em tudo e por tudo, só com os marinheiros no leme ou só com as velas inteligíveis, mas é com uns e outros que realiza a travessia com felicidade. Ele se regozija de trazer consigo as penas da ação para alcançar a medida da contemplação. E se regozija de ter em si as razões da perfeita contemplação para receber o reconforto da ação.

47. O monge contemplativo, no qual convergem a natureza e a vontade, navega sem dificuldade como se fosse levado por uma correnteza. Mas o monge ativo, encontrando um estado natural oposto à resolução, enfrenta uma grande tempestade de pensamentos e corre o risco de, sob tal peso, ser levado ao desespero, ou quase isto.

48. Se não for bem trabalhado, normalmente um campo não devolve ao semeador muitos grãos bons, Da mesma forma, quem se dedica à ação, se não busca-la atentamente e sem ostentação, não verá sua prece lhe trazer muitos bons frutos.

49. O intelecto que não cessa de polir o passo da prece é semelhante a uma terra que é muito percorrida. Esta será plana e aquele direito, para acolher, a segunda pés delicados e a primeira, preces puras.

50. Na ordem das coisas materiais, o intelecto tem o pensamento como auxiliar. Mas na ordem do imaterial, se ele não se remete a uma instância mais competente, ele terá em si um espinho para feri-lo[919].

51. O monge ativo tem sobre seu coração, durante a prece, um véu – o conhecimento das coisas sensíveis – que não pode ser retirado pela força das coisas. Somente o contemplativo, por escapar à lei da natureza, pode ver em parte a glória de Deus com o rosto descoberto[920].

52. A prece unida à contemplação espiritual é a terra prometida onde corre, como o leite e o mel[921], o conhecimento das palavras de Deus sobre a providência e o juízo. A prece misturada à contemplação natural é o Egito, no qual a lembrança das concupiscências da abundância vem perturbar os que oram. A prece simples é o maná no deserto[922], que, por sua própria simplicidade, interdita aos que não sabem se conter os bens que procuram em seu desejo de coisas prometidas, e dá aos que se mantém com este alimento frugal o gosto durável das coisas do alto.

53. A ação unida à contemplação será considerada como um corpo unido ao espírito que o dirige. Mas a ação sem a contemplação será considerada como uma carne unida ao espírito do arbitrário.

54. Os sentidos são o átrio da alma dotada de razão. A reflexão é seu templo. O intelecto, o grão-sacerdote. No átrio permanece a inteligência atravessada pelos pensamentos intempestivos; no templo, entra a

---

[919] Cf. II *Coríntios* 12: 7.
[920] Cf. II *Coríntios* 3: 18.
[921] Cf. *Êxodo* 3: 6.
[922] Cf. *Números* 11: 7.

inteligência atravessada pelos pensamentos justos. Mas nenhum desses pensamentos atravessa a inteligência considerada digna de penetrar no santuário divino.

55. São as lamentações, as auto-recriminações e os arrependimentos que encontramos na morada[923] da alma ativa, por causa de seu sofrimento. Mas é a voz do regozijo e da gratidão[924] que ouvimos na morada da alma contemplativa, por causa do seu conhecimento.

56. O monge ativo deseja morrer através de suas penas e nascer com Cristo[925]. Mas o contemplativo prefere permanecer na carne, pela alegria que ele recebe da prece e pelo bem que ele pode fazer a seu próximo.

57. Entre os mais cultos, a contemplação precede a ação. Entre os mais incultos a ação precede a contemplação. Mas ambas as vias chegam ao mesmo final feliz. Entretanto, este fim se revelará mais depressa para aqueles em quem a contemplação precede a ação.

58. A contemplação dos inteligíveis é o paraíso. O monge gnóstico aí penetra como se fosse sua casa. Quanto ao monge ativo, ele se parece mais como um passante que deseja se debruçar para o interior da casa, mas que é impedido pela grade que lhe impõe sua estatura espiritual.

59. As paixões do corpo se parecem com feras, e as paixões da alma se parecem com pássaros. O monge ativo impede as feras de entrar em sua vinha, mas não consegue impedir os pássaros a menos que acesse a contemplação espiritual. E ainda deve prestar uma atenção extrema à guarda do coração.

60. O monge ativo não é capaz de ir além de uma bela aparência moral se, a exemplo do patriarca Abrahão[926], não abandonar a lei natural como se saísse de sua própria terra, e se não deixar, como a seus parentes, a vida ligada à sua idade e ao seu estado. É assim que ele receberá, como um selo, ser desembaraçado do prazer que encontramos que engendramos todo o tempo e por cuja causa o véu que nos envolve desde o nascimento não permite que nos seja dada a liberdade total.

61. Como um jovem cavalo que na primavera não suporta permanecer no estábulo e aí comer do que lhe é dado, o intelecto que se alista conseguirá perseverar por pouco tempo sobre a via estreita da prece, pois, como o cavalo jovem, ele busca mais o que lhe é agradável, saindo para o campo da contemplação natural tal como o encontra na salmodia e na leitura.

62. Assim como a virtude ativa cinge os rins aplicando as potências da vida ao jejum e às vigílias, a virtude contemplativa mantém as lâmpadas acesas[927] aplicando as potências do conhecimento ao silêncio e à prece. Um, por meio do jejum e das vigílias, tem a reflexão por pedagogo. Outro, pelo silêncio e a prece, tem a razão interior para leva-lo ao Esposo.

63. Um intelecto imperfeito não é capaz de penetrar na vinha abundante da oração. Como um pobre que esmola, ele mal conseguirá acessar os simples ecos dos salmos.

64. Assim como nem todos os que são admitidos à audiência do rei são convidados para o banquete, nem todos os que alcançam a bonança da prece irão, a nosso ver, até a contemplação cuja via ela abre.

65. O freio do ardor é o silêncio oportuno. O freio do desejo desregrado é a alimentação comedida. E o freio da razão fogosa é a prece do nome único de Deus.

---

[923] Cf. *Provérbios* 23: 29.
[924] Cf. *Salmo* 41 (42): 5.
[925] Cf. *Filipenses* 1: 23.
[926] Cf. *Gênesis* 12: 1.
[927] Cf. *Lucas* 12: 35; *Efésios* 6: 14.

66. Um mergulha no abismo das águas profundas para nele pescar a pérola sensível, outro mergulha no abismo do conhecimento para aí pescar a pérola inteligível[928]. Mas se não se despojarem, um de suas vestes, outros de seus sentidos, nenhum obterá o que deseja.

67. O intelecto que permanece no coração de seus pensamentos enquanto ora é como o esposo que conversa com a esposa na câmara nupcial. Mas o intelecto que não consente voltar-se para si permanecerá fora, gemendo e chorando: "Quem me levará a uma cidade fortificada? Quem me conduzirá[929], quando eu oro, a não mais contemplar a vaidade e as loucuras passageiras?".

68. Assim como a comida sem sal é avaliada pela garganta, também o será pelo intelecto a oração cumprida sem compunção.

69. A alma que busca a oração é semelhante à mulher presa das dores do parto. Mas a alma que alcançou a oração se parece com a mulher que deu á luz e que está cheia de alegria à vista de sua criança.

70. Antigamente, o Amorreu que habitava a montanha veio atacar os que tentavam forçar a passagem[930]. Hoje, o esquecimento pernicioso expulsa os que, sem ter atingido a pureza, tentam se elevar até a mais alta oração, na simplicidade.

71. Os demônios têm naturalmente uma grande aversão à prece pura. O que eles mais temem não é o número de salmos (assim como os inimigos exteriores não temem o exército em marcha), mas o acordo dos três: da intelecto com a razão e da razão com os sentidos.

[928] Cf. *Mateus* 13: 46.
[929] *Salmo* 59 (60) 11.
[930] Cf. *Deuteronômio* 1: 44.

72. Aos olhos dos que oram a prece simples será reconfortante como pão, a prece acompanhada de alguma meditação nutrirá como o azeite. A prece desembaraçada de toda forma terá o bom aroma do vinho: os que dele beberem conhecerão o êxtase sem jamais ficar saciados.

73. Diz-se que o asno selvagem se ri das cidades superpovoadas[931] e que o unicórnio não pode ser agarrado por ninguém. Também o intelecto, quando domina os pensamentos naturais e os pensamentos contra a natureza se ri dos pensamentos vãos quando ora, e não fica sob o poder de nenhuma das coisas submetidas aos sentidos.

74. Quem brande um bastão para afugentar cachorros os acirra contra si. O mesmo acontece com quem expulsa os demônios pela prece pura.

75. Quem conduz o combate deve reduzir os sentidos ao alimento mais simples e reduzir seu intelecto à prece do nome único de Deus. Assim desembaraçado das paixões ele alcançará a prece até ser conduzido ao Senhor.

76. Quando oram, os que mergulham no prazer e que, por isso, vivem no pântano, veem seus pensamentos se dispersar em todas as direções como sapos. Os que têm as paixões mais dominadas veem suas contemplações diversas se alegrar e responder como rouxinóis que pulam de galho em galho. Mas quando os impassíveis oram eles unem o silêncio a uma grande calma dos pensamentos e das reflexões.

77. Antigamente Maria, a irmã de Moisés, vendo a queda dos inimigos, tomou o tamborim e entoou para os cantores o cântico da vitória[932]. Hoje, porém, para celebrar a alma que venceu as paixões, o amor, a maior das virtudes, se levanta e canta acompanhando-se da cítara na forma de uma

[931] Cf. *Jó* 39: 7.
[932] Cf. *Êxodo* 15: 20-21.

contemplação – esta cítara que se tocava antes para apreciar uma beleza supérflua – e não cessa de louvar a Deus com as virtudes que a rodeiam em regozijo.

78. Quando, pela perseverança na prece, as palavras do salmo descem ao coração do que ora, então, semelhante à boa terra, o coração passa a carregar consigo, como rosas, a contemplação dos incorpóreos, como lírios o flamejamento dos corpos, e como violetas a diversidade e o difícil discernimento dos juízos de Deus.

79. A chama ligada à matéria carrega consigo a luz. Mas a alma desembaraçada da matéria carrega em si a Deus. Uma é levada a se consumir naturalmente; a outra é levada até seu cumprimento no amor divino.

80. A alma que renunciou perfeitamente a si mesma e que se elevou totalmente voltada para a prece, já não desce mais para baixo quando quer, porque se coloca no cimo da criação. Mas ela descerá quando achar justo Aquele que, com seus pesos e suas medidas, dirige todas as nossas vidas.

81. Quando a acídia se afasta da alma e a malícia é expulsa da reflexão, então o intelecto nu, devotado à simplicidade e à vida despojada, sem precisar de nenhum véu que esconda a vergonha, canta assim a Deus um canto novo. E quando, com alegria, ela entoa este canto ela rende graças celebrando com ele as primícias da vida futura.

82. Quando a alma orante começa a se voltar para a vida mais divina, então, como a esposa do Cântico, ela chama por suas companheiras: “Meu bem-amado passou a mão pelo vão da porta e minhas entranhas estremeceram[933]”.

[933] *Cântico dos Cânticos* 5: 4.

83. Quando volta da guerra, o soldado se desembaraça do pesa de suas armas. Também o monge ativo se desembaraça dos pensamentos quando alcança a contemplação. Pois nem o primeiro tem necessidade de suas armas quando não está na guerra, nem o outro precisa dos pensamentos se não dá espaço ao que está submetido aos sentidos.

84. Os monges ativos consideram os corpos tais como eles aparecem em sua situação. Os monges contemplativos os consideram tais como eles são em sua natureza. Somente os monges gnósticos veem as razões de uns e de outros.

85. Nas razões dos corpos se revelam os incorpóreos, e nos incorpóreos se revela a razão mais alta que o ser, para a qual toda alma fervorosa se apressa em correr.

86. As razões dos incorpóreos são, como o esqueleto, recobertas pelo sensível. Ninguém que não tenha se desembaraçado do pendor passional pelo sensível é capaz de vê-las.

87. O soldado que terminou a guerra depõe as suas armas. Da mesma forma, o contemplativo que se desembaraçou de tudo para se dirigir ao Senhor depõe seus pensamentos.

88. O general que não toma o botim da guerra se desencoraja. Também se desencoraja o monge ativo que, na oração, não alcança a contemplação espiritual.

89. O cervo mordido por uma fera corre para as fontes corporais das águas. A alma ferida pela flecha dulcíssima da prece corre para a luz dos incorpóreos.

90. Nem o olho corporal pode ver o grão de trigo, nem o intelecto ativo pode ver sua própria natureza, se o grão de trigo não for debulhado de sua

casca e se o intelecto não for despojado das relações que o recobrem.

91. As estrelas se escondem quando o sol se levanta. Os pensamentos se dissipam quando o intelecto retorna à sua própria forma.

92. Ao final da ascese, as contemplações espirituais espalhadas no intelecto, como raios de sol que partem do horizonte parecem se derramar dele como de sua morada, que elas cercam com sua pureza.

93. Quando, pelas necessidades da natureza, o intelecto contemplativo é enviado do céu, ele pode pronunciar as mesmas palavras daquele que disse: o que há de mais maravilhoso do que a beleza de Deus? Que pensamento é mais belo do que o da magnificência de Deus? E que desejo é tão violento e insuportável como o desejo que, desde Deus, passa para a alma purificada de todo vício, quando, no estado em que ela se encontra, ela diz: "Estou ferida pelo amor![934]"?

94. Dizer: "Meu coração está aquecido dentro de mim e em minha meditação um fogo me abrasará[935]" é típico de quem não se cansa de seguir a Deus na oração, pois este homem não deseja contemplar outra coisa por todo o dia.

95. Depois de haver rejeitado o mal, diga a alma ativa, como a esposa do Cântico dos Cânticos se dirigindo aos demônios malignos e aos pensamentos perversos que a constrangem a olhar novamente para as vaidades e as loucuras enganadoras: "Eu despi meu manto, como o vestirei de novo? Eu lavei meus pés, como irei sujá-los novamente?[936]".

96. Somente uma alma bem-amada por Deus pode ousar dizer: "Responda-me, bom pastor, aonde você leva a pastar suas ovelhas e onde repousa os cordeiros ao meio-dia, para que eu os siga e não seja mais como uma errante em meio aos rebanhos dos seus companheiros?[937]".

97. Quando a alma ativa tenta descobrir a razão da oração e não a encontra, ela clama, como a esposa do Cântico dos Cânticos: "Sobre meu leito, ao longo das noites, eu busquei aquele a quem amo. Eu o busquei e não o encontrei. Eu o chamei e ele não me escutou. Eu me levantarei e chamarei, sofrendo a cada dia, darei a volta à cidade pelas ruas e pelas praças, buscando àquele a quem amo[938]". Talvez eu encontre aquele que habita no coração deste universo e talvez então, fora do mundo, eu me saciarei com a visão de sua glória[939].

98. Quando, pela alegria da oração, a alma começa a não ser mais do que lágrimas, então, como a esposa a seu esposo, ela clama abertamente: "Que meu bem-amado desça ao meu jardim[940], e que ele prova da consolação de minhas lágrimas, quais frutos, pela qual eu tanto penei".

99. Quando, diante da grandeza das criaturas, a alma ativa começa a admirar o Criador e a se entregar às delícias do prazer que elas lhe dão, ela também clama maravilhada: "Porque você se adornou de beleza, meu esposo, paraíso de seu Pai? Flor do campo e cedro qual cedros do Líbano, eu desejei me assentar sob sua sombra, e seu fruto é doce em minha boca[941]".

100. Se aquele que recebe reis em sua casa atrai os olhares, é admirado e coberto de alegria, quanto mais a alma que, purificada, recebe o Rei dos reis[942], conforme a promessa que não mente jamais. Entretanto, esta alma

---

934 *Cântico dos Cânticos* 2: 5. Cf. São Basílio, *Grande Regra* 2.
935 *Salmo* 38 (39): 4.
936 *Cântico dos Cânticos* 5: 3.
937 *Cântico dos Cânticos* 1: 7.
938 *Cântico dos Cânticos* 3: 1-2.
939 Cf. *Salmo* 16 (17): 15.
940 *Cântico dos Cânticos* 4: 16.
941 *Cântico dos Cânticos* 2: 1-3.
942 Cf. *Apocalipse* 19: 16.

deve estar atenta para guardar a si mesma, jogando fora tudo o que possa perturbar o repouso do Rei e trazendo a ele tudo o que possa agradá-lo.

101. Quem aguarda para ser convocado no dia seguinte à presença do rei, de que cuidará e com que outra coisa se preocupará, senão com que possa agradá-lo? A alma que é assim sóbria vigilante não comparecerá ao tribunal do outro mundo sem estar preparada.

102. Bem-aventurada a alma que, aguardando o dia da vinda de seu Senhor, considera como nada as penas do dia e da noite, pensando que ele virá em seguida, na madrugada.

103. Deus vê todos os seres. E veem a Deus aqueles que mais nada veem quando oram. Os que veem a Deus são também ouvidos por ele. Mas os que não são ouvidos não o veem. Bem-aventurado aquele que crê ser visto por Deus, pois ele não perderá o pé[943] a menos que assim o queira Deus.

104. Os bens do Reino que está dentro de nós[944], estes bens que os olhos ofuscados pela beleza não veem, que os ouvidos que amam as honrarias não escutam e que não chegam ao coração privado do Espírito Santo[945], são as garantias dos bens que Deus concederá aos justos no Reino por vir. Quem não faz suas delícias dos bens que estão dentro de nós, que são os frutos do Espírito[946], tampouco usufruirá dos bens do Reino por vir.

105. Os pensamentos dos monges ativos são semelhantes aos cervos. Estes tanto sobem às montanhas por medo dos caçadores como descem às ravinas para buscar o alimento que ali se encontra. Assim são os pensamentos dos monges ativos: eles não podem permanecer continuamente na contemplação espiritual por causa de sua insuficiência, mas também não podem permanecer sempre na contemplação natural, porque não buscam o repouso o tempo todo. Quanto aos pensamentos dos monges contemplativos, eles estão acima das buscas que não tocam senão a terra.

106. O orvalho quando cai embriaga os sulcos da terra. Mas a alma em prece secreta gemidos molhados de lágrimas que exsudam do coração.

107. Ninguém será capaz de contemplar a Divindade concebida na Trindade se não tiver se elevado acima da dualidade da matéria, e inclusive da unidade que lhe é próxima. Nem se elevará acima desta unidade se não fizer de seu próprio intelecto uma solidão em meio aos pensamentos.

108. É mais fácil deter o curso de um rio para que ele não corra para sua foz, do que deter o impulso do intelecto para que ele não se disperse nas coisas visíveis, e conduzi-lo à oração contra sua vontade, para aquilo que está acima de nós e nos é aparentado, mesmo que a elevação vá ao encontro da natureza e a dispersão vá contra a natureza.

109. Os que purificam seu intelecto conduzindo-o para além e para o coração do visível, enchem-se de tal maravilhamento e são cumulados de tamanha alegria que nada do que é terrestre pode alcançá-lo ainda que tudo o que há de mais desejável aqui em baixo se derrame sobre ele.

110. O simples enunciado das leis da natureza basta para causar um grande maravilhamento. Mas quando as compreendemos, descobrimos nelas pradarias cobertas de flores que, como um néctar celeste, espalham de suas flores puras a doçura do festim espiritual.

111. Nas pradarias, dentre as flores úmidas de orvalho, as abelhas rodeiam com seu voo a rainha do enxame. Mas as potências intelectuais que, como sua guarda pessoal, cercam a alma em contínuo estado de compunção, a ajudam a encontrar o que ela deseja.

---

[943] Cf. *Salmo* 72 (73): 2.
[944] Cf. *Lucas* 17: 21.
[945] Cf. I *Coríntios* 2: 9.
[946] Cf. *Gálatas* 5: 22.

112. No mundo visível, o homem aparece como outro mundo. No mundo inteligível, o pensamento do céu, da terra e dos seres intermediários, exprime, com efeito, um e outro. O pensamento é o intérprete do intelecto e dos sentidos. Sem eles, os dois mundos permaneceriam surdos.

113. O prisioneiro libertado depois de muito tempo preso não sai da cadeia com tanta alegria como o intelecto que, liberto de seus pendores naturais, vai para as coisas do céu como se fossem seu próprio bem, com céleres pés.

114. Quem não ora com atenção, mas se dispersa, considera os salmos como primitivos. Mas, para o salmo, primitivo é ele. E os demônios consideram tolos a ambos.

115. Existe uma diferença entre aqueles para os quais o mundo está crucificado e aqueles que são crucificados ao mundo[947]. Para uns, os pregos são os jejuns e as vigílias. Para os outros, a pobreza e a abjeção. Mas sem a pobreza e a abjeção, perde-se tempo jejuando e vigiando.

116. Ninguém pode ter a prece pura em si se for dominado pelo amor ao luxo e às honrarias. Pois os pendores naturais e os pensamentos vaidosos se enrolam ao redor dele como uma cadeia e retêm o intelecto que, como um pássaro preso, tenta voar no momento da oração.

117. É impossível que o intelecto esteja em paz no momento da oração se não estiver em si e afeiçoado à temperança e à caridade. Com efeito, a temperança luta por dissipar a inimizade que tem o corpo pela alma, e a caridade se esforça para dissipar pelo amor de Deus a inimizade que nos opõe ao próximo. A partir daí, a paz que ultrapassa todo entendimento[948] vem habitar no intelecto e promete fazer sua morada nele, que se encontra assim pacificado.

118. Quem luta para entrar no Reino de Deus[949] deve tornar superabundantes de bem suas obras de justiça: na compaixão, dando em sua indigência, nas penas que sofre pela paz e respondendo ao Senhor com sua paciência.

119. Nem o que é sem virtudes por sua negligência, nem o que se imagina cheio de virtudes por sua presunção, chegarão ao abrigo do porto da impassibilidade. Com efeito, nem um nem outro desfrutaram dos bens concedidos pela justiça, que para eles seria um intermediário entre a falta e o excesso.

120. Se a terra não devolver ao semeador muitas vezes cada semente, fazendo-a render o tanto ou mais, ela não o enriquecerá. Da mesma forma, se o ardor que dedica a Deus não for mais forte do que sua intenção, o monge ativo não o poderá tornar justo.

121. Nem todos os que não amam o próximo o odeiam, nem todos que não o odeiam amam-no. Uma coisa é se orgulhar de seu progresso, outra é não tornar isto um obstáculo ao progresso. É aqui que encontramos a falsidade em seu mais alto grau: não apenas ser ferido pela eminência do próximo, mas ainda caluniar o bem que existe nele, como se não existisse.

122. Umas são as paixões do corpo, outras as da alma. Umas são as que estão de acordo com a natureza, outras as que são contra a natureza. Quem repele umas sem se prevenir contra as outras se parece com alguém que, para se defender dos animais selvagens, ergue uma paliçada alta e bem escondida, mas se felicita de ver os pássaros que vêm devorar as vinhas da razão, que permanecem totalmente expostas.

---

[947] Cf. *Gálatas* 6: 14.
[948] Cf. *Filipenses* 4: 7.
[949] Cf. *Lucas* 13: 24.

123. A alma primeiro cria uma representação do mal na imaginação, depois o conduz ao desejo, depois para o prazer ou a tristeza, enfim para os sentidos e, depois dos sentidos, direta ou indiretamente, ela o toca, Em tudo isso os pensamentos se encadeiam, exceto o primeiro movimento: se você não o receber, todo o mal que se seguiria fica sem efeito.

124. Os que se aproximam da impassibilidade são perturbados apenas pelas imaginações. Os que moderam suas paixões são perturbados pelos desejos. Os que fazem mau uso do que é necessário e se afligem com isto trazem o mal nos seus sentidos. Enfim, abraçam o mal aqueles que se habituam a ele e já não se afligem.

125. O prazer está situado em todos os membros do corpo, mas não parece perturbar a todos da mesma maneira. Em alguns ele afeta mais a parte da alma ligada ao desejo, em outros ele afeta o ardor, em outros ainda a razão. Ele os afeta pela gula, pelo enfurecimento e pela malícia, que são as causas de todas as paixões ímpias.

126. É preciso que os sentidos se abram como as portas de uma cidade. Mas quando os sentidos se abrem àquilo de que não temos necessidade, também é preciso não deixar entrar ao mesmo tempo as nações que desejam a guerra e que vêm provocar uma batalha.

127. O prazer é a mãe da concupiscência. O enfurecer-se é a mãe da cólera. A malícia é a mãe da inveja. Quem não combate as causas iniciais não conseguirá ficar em paz com as últimas consequências. E quem transgride os mandamentos não consegue penetrar no porto onde as paixões são moderadas.

128. Os que afastam as sugestões não permitem aos pensamentos penetrar como feras selvagens no interior das vinhas da razão, levando aí a ruína[950]. Os que os acolhem mas não têm prazer nisto, deixam-nas entrar na vinha mas em tocar em nada. Mas os que têm prazer em se ligar às paixões por intermédio dos pensamentos, sem chegar ao consentimento, se parecem com alguém que deixa que o javali entre no campo e no interior do cercado[951] sem permitir que este avance nas parreiras, apenas para descobrir que o animal é mais forte do que ele, para então consentir nas paixões.

129. Quem precisa sempre vigiar os muros da temperança ainda não atingiu a simplicidade. Pois não é o perfeito, como dissemos, que se dedica à temperança, mas o que ainda combate. Este se parece com quem possui um campo ou uma vinha não em meio a outros campos e vinhas, mas num lugar afastado. Por isso esta vinha ou este campo têm que ser guardados, com sobriedade e vigilância. Ninguém atinge a vinha do que alcançou a simplicidade: ele é como um rei ou um príncipe temido, que exerce o poder e cuja simples menção do nome faz tremer de medo os ladrões e os passantes tentados a atacá-lo.

130. Muitos sobem à cruz por meio dos sofrimentos da vida dura, mas poucos aceitam os pregos. Com efeito, muitos se submetem às penas e às aflições que escolheram. Mas às que lhes acontece sem que tenham buscado só se submetem aqueles que morreram perfeitamente para este mundo e seus confortos.

131. Muitos se despojaram de todas as túnicas de pele[952]. Mas da última túnica, a da vanglória, só se despem os que se tomaram de aversão pela mãe dela: a autossuficiência.

132. Quem recebe os louvores dos homens e as comodidades do corpo e as recusa, este, despojado da última túnica – a da vanglória – é a partir daí

[950] Cf. *Salmo* 79 (80): 14.

[951] Cf. *Salmo* 79 (80): 14.

[952] Cf. *Gênesis* 3: 21.

considerado digno de ser revestido do esplendor da moradia que buscou através de tantos gemidos: a morada do céu[953].

133. Uma coisa é a energia, outra a operação. Uma indica o pecado cumprido, outra representa apenas o regozijo suscitado internamente, mas não externamente. Da mesma forma, os que não querem se afastar de sua própria terra pagam em tributo aos seus opressores aquilo que lhes é mais caro.

134. Quando o sentido do paladar reina sobre os prazeres, é impossível que os demais sentidos não o sigam, mesmo que o baixo ventre dos mais frios pareça ter se acalmado, como entre os mais velhos que, por esgotamento, não fervem mais. Mas não é por não engravidar que uma mulher estéril que comete adultério será considerada casta. Diremos que é casto o homem a quem a paixão não queima por dentro e que não é seduzido pelo olhar.

135. É nos alimentos, nas formas e nas vozes que o desejo da alma se revela tal como é. Que estas coisas seduzam ou não, é por meio delas que se revela pelo conhecimento, pela vista ou pelo ouvido, seja quem delas usa, seja quem delas abusa, seja quem permanece entre o uso e o abuso.

136. Os pensamentos que não são guiados pelo temor se verão confundidos como ovelhas sem pastor[954]. Mas se o temor os empurra ou os precede, os pensamentos se manterão em ordem, como no interior de um aprisco onde tudo está organizado.

137. O temor é filho da fé. É ele quem leva a pastar os mandamentos. Quem não tem a fé dentro de si, a mãe do temor, não será julgado digno de ser considerado como uma ovelha do rebanho do Senhor.

[953] Cf. II *Coríntios* 5: 2.
[954] Cf. *Marcos* 6: 34.

138. Alguns não têm em si senão o começo dos bens, outros chegaram até a metade, outros foram até o fim. Sem chegar ao fim, somos semelhantes a um simples soldado ou a um oficial que não recebeu seu soldo. É por isso que um não faz mais do que proteger sua casa contra os que a ameaçam, e outro não tem o posto que lhe caiba, aos olhos dos que vai combater.

139. Os que nos convidam, imperfeitos que somos, a partilhar com eles dos prazeres da boca, fazem como quem nos empurra a que caiamos doentes de enfermidades de que já nos curamos, ou que nos arranha uma coceira pelo prazer, ou que nos faz comer algo que aumentará nossa febre, ou que nos incita a fechar nossa vinha deixando penetrar nela o amor à carne como um javali selvagem[955] que irá devorar nossos bons pensamentos como parreiras. Não devemos escutá-los nem nos deixar dobrar pelas bajulações intempestivas, quer venham dos homens ou das paixões. Antes devemos consolidar os muros por meio da temperança, até que os animais selvagens, as paixões da carne, cessem de uivar, e que os pensamentos vãos deixem de descer como pássaros para devastar a vinha, nossa alma, na qual floresce a vida contemplativa em Jesus Cristo nosso Senhor. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

[955] Cf. *Salmo* 79 (80): 14.

TEÓFANO O CLÍMACO

A ESCADA DAS GRAÇAS DIVINAS

Nada sabemos de Teófano. Mas este “miserável monge” como ele próprio se intitula, nos dá, neste curto poema, uma obra-prima no sentido medieval: aí ele condensou, em poucos versos, toda a experiência hesiquiasta.

Da “escada” de João Clímaco Teófano só utiliza os degraus; mas limita a dez (a cifra que conduz ao infinito) os estágios da vinda do Reino de Deus a nós. É como um diagrama da deificação, entendendo-se – e aí está o testemunho hesiquiasta – que é possível a Deus, sob a autoridade da ressurreição de Cristo, dar ao homem, aqui e agora, as garantias do corpo glorioso. Assim, a escada de Teófano, a “escada das graças”, lembra sobretudo a escada de Jacó, que religa o home deitado sobre a terra a Deus que está acima dos céus.

Teófano começa por representarem dez versos os dez degraus: a oração, o calor, a energia divina, as lágrimas, a paz, a purificação, a contemplação, o flamejamento, a iluminação, a perfeição. Depois ele os comenta. O diagrama não é um programa: os degraus não correspondem nem a esforços, nem a virtudes. Eles não são senão uma sequência de graças. A ascese é anterior à escada: se desfazer dos cuidados desta vida, não se deixar levar pelos elementos aparentes do mundo mas pelos degraus místicos, e então acessar o primeiro: a oração pura. Pois acontece com a gestação espiritual antes do segundo nascimento (a passagem do corpo terrestre para o corpo de glória) a mesma coisa que na gestação biológica: todos os estágios da gestação são imediatamente percebidos, a partir do primeiro, como uma mesma transfiguração do corpo. Como diz Teófano: “Cada degrau possui uma amplitude infinita”.

Finalmente, depois de haver colocado a escada acima do mundo, ele próprio se recusa a ensinar. Ele se retira para o lugar do homem decaído e perdido, o único de onde pode sair humildemente a prece pura, como do fundo do coração quebrantado: de baixo da escada.

A ESCADA DAS GRAÇAS DIVINAS

Miserável monge que se chama Teófano,
Eu exponho a escada das graças divinas
Que a experiência dá a conhecer aos que tem em si a Deus.

Ela começa com uma prece toda pura
Que ao coração leva calor.
A seguir uma estranha e santa energia,
Depois divinas lágrimas do coração
E enfim a paz dos pensamentos em suas formas todas
De onde nasce a purificação da inteligência
E a contemplação dos mistérios altíssimos.
Surge então de modo indizível um flamejar estranho
A que segue a inefável iluminação do coração
E então, a perfeição que não tem fim.

Cada degrau, uma amplitude infinita,
Ainda que caiba num só verso.
Assim é que sob a escada, o degrau primeiro
Não fala senão da prece pura:
Mas é imenso o que representa
E se quiséssemos expor a tudo
Longe iríamos afastando-nos deste discurso.
Compreenda amigo, que o mesmo se dá nos demais degraus:
Seu mestre é a experiência, não o discurso.

A escada, a outra via, se eleva até o céu.
Os degraus, dez, são o outro caminho dado à alma,
Dez degraus que anunciam a vida da alma.
Um Padre que trazia a Deus em si disse assim:

Quem não se esforça para possuir a vida aqui de baixo,
Que com vãs esperanças da alma não se engane
Sobre como a vida receberá no além.

Os dez degraus são a filosofia divina.
Os dez degraus são o fruto de todos os livros.
Os dez degraus mostram a perfeição.
Os dez degraus elevam aos céus.
Os dez degraus permitem conhecer a Deus.

A escada parece tão curta...
Mas se a tomamos para penetrar pela experiência
Lá dentro do coração,
Encontraremos uma riqueza que não pode o mundo conter,
Uma fonte divina que derrama a outra vida.

Esta escada é o melhor mestre.
A cada um ela permite conhecer a própria medida sabiamente.
Vendo os dez degraus das graças divinas,
Se você pensa neles se firmar,
Pergunte a si próprio em que degrau está
Para o bem dos negligentes que somos.
Se quiser, pelo amor, aprender com esses degraus,
Com nada se inquiete,
Nem das coisas sem razão,
Nem das que parecem razoáveis.

Só digo isto para lembrar você.
É a palavra dos santos Padres que tinham a Deus em si mesmos,
Mesmo que seja difícil de entender:
Quem não se achar num desses degraus
Ou não tiver nunca passado por eles,
Terá no fim e na hora da morte

Temor e tremor tão grandes,
Que não poderá escapar ao medo sem limites.

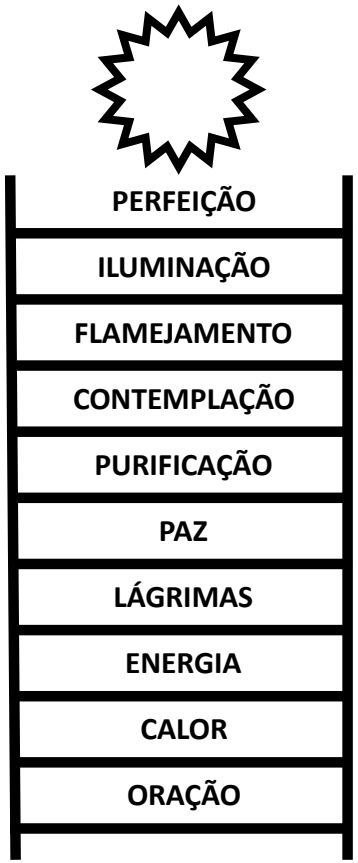
Meus versos tocaram o terrível,
Mas é bom que seja assim.
Pois para o arrependimento e a conduta bela e boa,
Os mais duros, de que o primeiro sou eu,
Menos se elevam pelo bem
Do que pelo terror que suscita o temor.
Quem tiver ouvidos, entenda[956].

Escute e compreenda, você que escreveu tais coisas:
Como ousará dizê-las, homem,
Que não tem em si nada absolutamente delas?
Como não tremerá as ensinando?
Não viu o que aconteceu a Ouzza[957]
Que pretendeu endireitar a arca de Deus?

Não pense que digo estas coisas para ensiná-las,
Mas, para por meio delas, incriminar-me
Quando vejo as recompensas dos que combatem
E como de tudo não trago eu nenhum fruto.

***

[956] *Lucas* 14: 35.
[957] Cf. II *Samuel* 6: 6-7.



Escada da graças divinas de Teófano o Clímaco